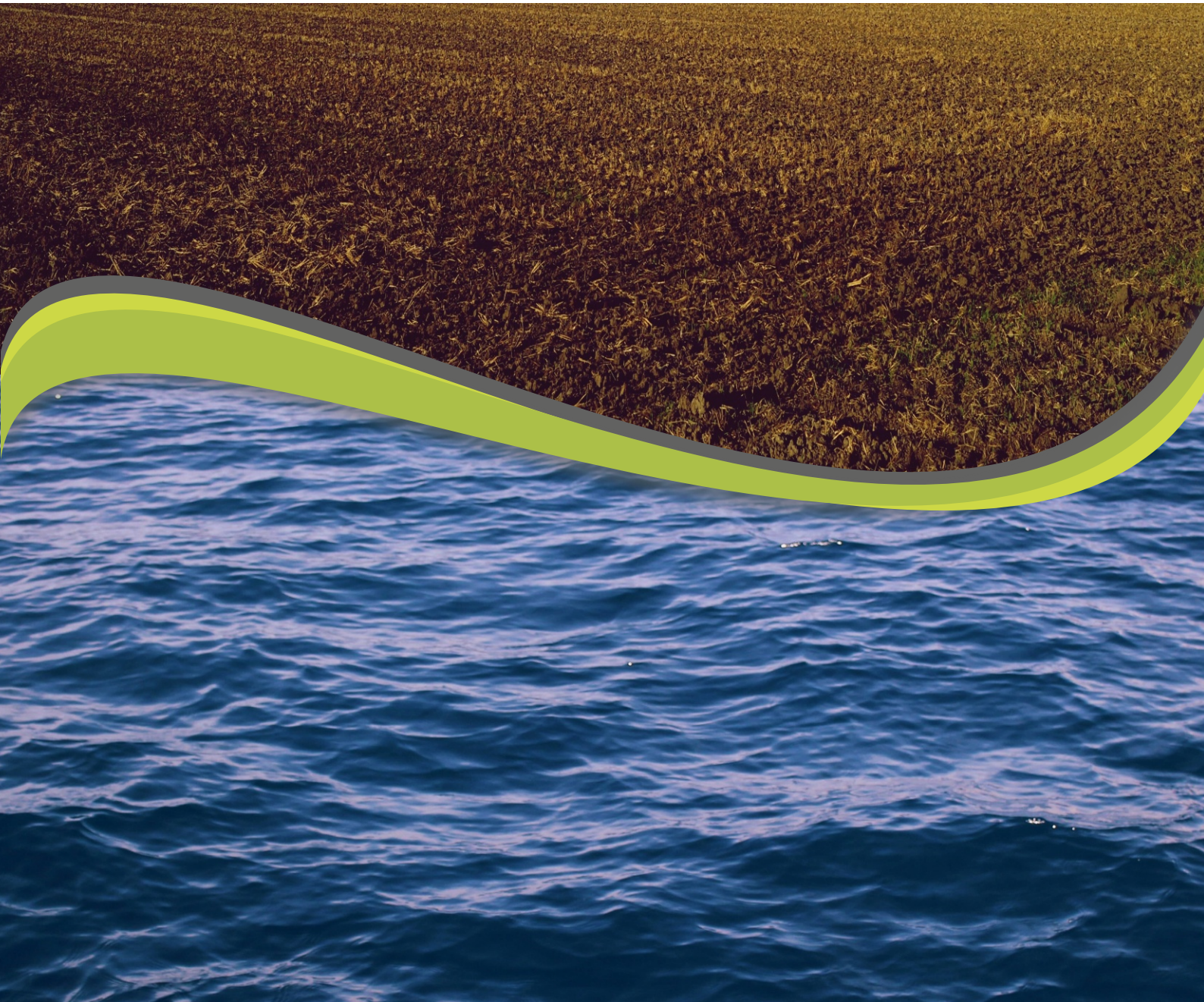


universidade de aveiro

cesam universidade de aveiro centro de estudos do ambiente e do mar

Pressbook - 2019



universidade de aveiro

PRESS BOOK

CESAM 2019

CISION

Revista de Imprensa

1. Aviso ao investidor, Eco123, 31/12/2019 1

2. Ílhavo apresentou Plano Municipal de Adaptação às Alterações Climáticas, ON CENTRO Online, 13/12/2019 3

3. Aprovado Plano Municipal de Adaptação às Alterações Climáticas, Diário de Aveiro, 12/12/2019 5

4. ILHAVO PREPARA-SE PARA AS ALTERAÇÕES CLIMÁTICAS, Rádio Regional Online, 10/12/2019 6

5. Com a subida do nível das águas como preocupação, Ílhavo aprovou Plano Municipal de Adaptação às Alterações Climáticas, Sapo Online - Sapo 24 Online, 10/12/2019 7

6. Cientistas monitorizam a fauna de Lisboa através de inquérito online, Revista O Instalador Online, 05/12/2019 10

7. Lisboa Geographic, Time Out, 04/12/2019 11

8. Lisboa Geographic: ajude a preencher o mapa da biodiversidade de Lisboa, Time Out Lisboa Online, 04/12/2019 12

9. Cientistas monitorizam a fauna de Lisboa através de inquérito online, Ambiente Magazine Online, 03/12/2019 15

10. Espírito empreendedor começa nos bancos da escola, APP - Associação dos Portos de Portugal Online, 27/11/2019 16

11. FNAC Aveiro recebe, hoje, a primeira Bio Talk, Diário de Aveiro, 27/11/2019 18

12. Poluição do tráfego marítimo na costa portuguesa preocupa cientistas, Watts On Online, 27/11/2019 19

13. Poluição do tráfego marítimo é preocupante e pode vir a aumentar, Baluarte de Santa Maria (O), 26/11/2019 22

14. Fusão nuclear: o futuro da produção de eletricidade?, Watts On Online, 25/11/2019 23

15. Nova espécie de crustáceo foi descoberta na Ria Formosa, Sul Informação Online, 22/11/2019 25

16. Poluição do tráfego marítimo pode vir a aumentar, Audiência - Grande Porto, 19/11/2019 26

17. Portugal com falta de chuva em 2046, Revista YVI Online, 19/11/2019 27

18. Espírito empreendedor começa no banco das escolas, Notícias de Aveiro Online, 18/11/2019 29

19. CESAM no grupo dos três melhores projectos, Diário de Aveiro, 16/11/2019 31

20. Fundo para a Conservação dos Oceanos apresenta vencedores da 3ª edição, Ambiente Magazine Online, 14/11/2019 32

21. Investigadores defendem medidas urgentes para captar água das chuvas, Diário de Leiria, 14/11/2019 35

22. Corais, berbigões e lapas reunidos num fundo de conservação, Público, 14/11/2019 36

23. Fundo financia conservação de corais, berbigão e lapa gigante em Portugal, Wilder Online, 14/11/2019 38

24. Investigadoras do CESAM foram à procura de Aurora, Diário de Aveiro, 13/11/2019 41

25. Lapa gigante das ilhas Selvagens será alvo de estudo por estar sob ameaça, Diário de Notícias da Madeira Online, 13/11/2019 42

26. Fundo para a conservação premeia estudos sobre corais, berbigão e lapa gigante, Observador Online, 13/11/2019 43

27. Corais, berbigões e lapas gigantes encontraram-se todos num fundo que quer conservá-los, Público Online, 13/11/2019 44

28. Jornada comemorativa do Dia Nacional do Mar 2019, CNC - Centro Nacional de Cultura Online - E-Cultura Online, 12/11/2019 47

29. Desertificação já atinge 58 por cento do território, Diário do Alentejo, 08/11/2019 50

30. Musgos com papel essencial na gestão de solos queimados, Emigrante/Mundo Português (O), 08/11/2019 53

31. Estudo descobre papel do musgo nas áreas ardidas, Diário de Viseu, 06/11/2019 55

32. Investigadores descobrem papel do musgo na gestão de solos queimados, Diário de Viseu Online, 06/11/2019 57

33. 100 mil metros cúbicos de areia já foram, Ponto (O), 06/11/2019 58

34. Musgos: descoberto papel essencial na gestão de solos queimados, UniPlanet Online, 05/11/2019 59

35. Estudo sobre pradarias marinhas alerta para novas dragagens na Ria, Diário de Aveiro, 04/11/2019 62

36. Investigadores defendem medidas urgentes para captar água das chuvas, TV Record Europa Online, 02/11/2019 63

37. Pouca chuva põe em causa ecossistemas, Tribuna da Madeira, 01/11/2019 64

38. Boletim da Assembleia Municipal de Lagos, Correio de Lagos, 31/10/2019 66

39. Moliço e dragagens na Ria de Aveiro, OvarNews Online, 31/10/2019 71

40. ICFC 2019 - Contaminação alimentar e saúde humana em debate, Viver Saudável, 31/10/2019 73

41. Investigadores alertam que diminuição da chuva vai pôr ecossistemas em causa, Wilder Online, 31/10/2019 77

42. Diminuição da pluviosidade coloca em causa ecossistemas, Gazeta Rural, 31/10/2019 79

43. Descoberto papel essencial do musgo na gestão de solos queimados, Gazeta Rural, 31/10/2019 80

44. Poluição do tráfego marítimo é preocupante e pode vir a aumentar, Notícias do Mar, 31/10/2019 81

45. Musgos: descoberto papel essencial na gestão de solos queimados, OvarNews Online, 30/10/2019 82

46. Estudo prevê escassez de água a partir de 2046, Diário de Aveiro, 29/10/2019 84

47. Investigadores defendem medidas urgentes para captar água das chuvas, Diário de Coimbra, 29/10/2019 86

48. Investigadores defendem medidas urgentes para captar água das chuvas, Diário de Notícias da Madeira Online, 29/10/2019 87

49. Diminuição de chuva põe em causa ecossistemas, alertam investigadores de Aveiro, Diário dos Açores, 29/10/2019 88

50. Investigadores defendem medidas urgentes para captar água das chuvas, Incentivo, 29/10/2019 89

51. Investigadores defendem medidas urgentes para captação de água das chuvas, Mundo Português Online, 29/10/2019 90

52. Musgos têm um papel essencial na gestão de solos queimados, Mundo Português Online, 29/10/2019 91

53. INVESTIGADORES DEFENDEM MEDIDAS URGENTES PARA CAPTAR ÁGUA DAS CHUVAS, Rádio Regional Online, 29/10/2019 93

54. Investigadores defendem medidas urgentes para captar água das chuvas, Tribuna das Ilhas Online, 29/10/2019 94

55. Aveiro: Estudo da UA alerta que a diminuição de chuva põe em causa ecossistemas, Vagos FM Online, 29/10/2019 95

56. Investigadora da Universidade de Aveiro alerta que diminuição de chuva põe em causa os ecossistemas, Vida Rural Online, 29/10/2019 96

57. UA apela à implementação de medidas urgentes face à diminuição da chuva, Ambiente Magazine Online, 28/10/2019 97

58. Descoberto papel essencial do musgo na gestão de solos queimados, Atlântico Expresso, 28/10/2019 99

59. PAÍS - Investigadores da Universidade de Aveiro defendem medidas urgentes para captar água das chuvas, Jornal O Vilaverdense Online, 28/10/2019 100

60. Investigadores defendem medidas urgentes para captar água das chuvas, Notícias ao Minuto Online, 28/10/2019 102

61. Moliço e dragagens na Ria de Aveiro, Notícias de Aveiro Online, 28/10/2019 103

62. UA / Investigação: Diminuição de chuva põe em causa ecossistemas, Notícias de Aveiro Online, 28/10/2019 105

63. Universidade de Aveiro alerta: Diminuição de chuva põe em causa ecossistemas, Notícias de Coimbra Online, 28/10/2019 106

64. Investigadores defendem medidas urgentes para captar água das chuvas, Observador Online, 28/10/2019 108

65. Cientistas portugueses defendem medidas urgentes para captar água das chuvas, Port.Com Online, 28/10/2019 109

66. Investigadores da Universidade de Aveiro defendem medidas urgentes para captar água das chuvas, Press Minho Online, 28/10/2019 110

67. Diminuição de chuva põe em causa ecossistemas, Revista O Instalador Online, 28/10/2019 111

68. Investigadores defendem medidas urgentes para captar água das chuvas, Sapo Online - Sapo 24 Online, 28/10/2019 113

69. Universidade de Aveiro alerta que diminuição da chuva vai pôr em causa ecossistemas em Portugal, Sapo 114

Online - Sapo Lifestyle Online, 28/10/2019

70. Alentejo vai sofrer perda de 30% da precipitação alerta Universidade de Aveiro, Tribuna Alentejo Online, 28/10/2019 116

71. Investigadores defendem medidas urgentes para captar água das chuvas, TSF Online, 28/10/2019 118

72. Diminuição da chuva em Portugal é grave, alerta Universidade de Aveiro, TV Europa Online, 28/10/2019 119

73. Previsões de escassez de água no ecossistema e no consumo humano, Voz do Campo Online, 28/10/2019 121

74. Universidade de Aveiro investigou a diminuição de chuva e os impactos nos ecossistemas., Rádio Terra Nova Online, 28/10/2019 123

75. Moliço e dragagens na Ria de Aveiro, Aveiro Mag Online, 27/10/2019 125

76. Estudo sobre pradarias marinhas alerta para novas dragagens na Ria de Aveiro, Ambiente Magazine Online, 25/10/2019 128

77. Pradarias marinhas da Ria de Aveiro com tendência de recuperação, Notícias de Aveiro Online, 25/10/2019 129

78. Pradarias marinhas da Ria em recuperação, OvarNews Online, 25/10/2019 132

79. Estudo da UA sobre pradarias marinhas alerta para novas dragagens na Ria., Rádio Terra Nova Online, 25/10/2019 135

80. Região:Estudo sobre pradarias marinhas alerta para novas dragagens na Ria, Vagos FM Online, 25/10/2019 137

81. Estudo revela que pradarias marinhas da Ria de Aveiro estão a recuperar, Wilder Online, 25/10/2019 139

82. Poluição do Tráfego marítimo é preocupante e pode vir a aumentar, Notícias de Viseu, 24/10/2019 140

83. Musgos: descoberto papel essencial na gestão de solos queimados, Port.Com Online, 24/10/2019 141

84. Bioblitz encontrou mais de 30 espécies na EBIO do Merujal, Wilder Online, 24/10/2019 143

85. Musgos: descoberto papel essencial na gestão de solos queimados, Revista O Instalador Online, 23/10/2019 145

86. Musgos: Descoberto Papel Essencial na Gestão de Solos Queimados, + Algarve Online, 22/10/2019 147

87. Descoberto papel essencial dos musgos na gestão de solos queimados, Ambiente Magazine Online, 22/10/2019 149

88. Musgos: Para recuperar o solo atingido pelos incêndios!, Descobrir Portugal Online, 22/10/2019 151

89. Estudo revela que o musgo ajuda a reabilitar o solo ardido, Diário de Aveiro, 22/10/2019 154

90. Descoberto papel essencial de musgos na gestão de solos queimados, Diário dos Açores, 22/10/2019 156

91. Musgos: descoberto papel essencial na gestão de solos queimados, Acontece Madeira Online, 21/10/2019 157

92. Investigação da Universidade de Aveiro. Musgos têm papel essencial na gestão de solos queimados, Agricultura e Mar Actual Online, 21/10/2019 159

93. Comissão Técnica 190 da ISO para a Qualidade do Solo reuniu em Aveiro, Diário de Aveiro, 21/10/2019 161

94. Musgos: descoberto papel essencial na gestão de solos queimados, Gazeta Rural Online, 21/10/2019 162

95. Estudo conclui que musgos previnem a erosão em áreas ardidas, Impala Online, 21/10/2019 164

96. Estudo conclui que musgos previnem a erosão em áreas ardidas, Informa+ Online, 21/10/2019 166

97. Estudo académico conclui que musgos previnem a erosão em áreas ardidas, Notícias ao Minuto Online, 21/10/2019 168

98. Musgos previnem a erosão em áreas ardidas, Notícias de Coimbra Online, 21/10/2019 170

99. Estudo conclui que musgos previnem a erosão em áreas ardidas, Observador Online, 21/10/2019 172

100. Estudo conclui que musgos previnem a erosão em áreas ardidas, PT Jornal Online, 21/10/2019 174

101. Musgos podem ajudar a evitar incêndios., Rádio Terra Nova Online, 21/10/2019 176

102. Estudo conclui que musgos previnem a erosão em áreas ardidas, Sapo Online - Sapo 24 Online, 21/10/2019 178

103. Descoberto papel essencial do musgo depois dos incêndios florestais, Sapo Online - Sapo Lifestyle Online, 21/10/2019 179

104. Musgos têm papel essencial na recuperação de solos queimados, Wilder Online, 21/10/2019 181

105. 1.º Encontro Anual do MiningImpact2 decorre amanhã, Diário de Aveiro, 20/10/2019 183

106. Poluição do tráfego marítimo é preocupante e pode vir a aumentar, Náutica Press Online, 19/10/2019 184

107. Projeto LIFE REFOREST é implementada em áreas piloto afectadas por incêndios, Minho Digital Online, 18/10/2019 186

108. Diana Madeira: a cuidadora dos organismos marinhos, Notícias Magazine Online, 18/10/2019 188

109. Poluição do Tráfego Marítimo é Preocupante e pode vir a Aumentar, + Algarve Online, 18/10/2019 190

110. Estudo da Universidade de Aveiro conclui que poluição do tráfego marítimo é preocupante e pode vir a aumentar., Rádio Terra Nova Online, 18/10/2019 192

111. Poluição do tráfego marítimo é preocupante e pode vir a aumentar, UniPlanet Online, 18/10/2019 194

112. Poluição do tráfego marítimo é preocupante e pode vir a aumentar, Índice.eu Online, 18/10/2019 196

113. Solução Life Reforest já está a ser implementada em áreas piloto afetadas pelos incêndios, Vida Rural Online, 17/10/2019 198

114. Estudo da Universidade de Aveiro. Poluição do tráfego marítimo é preocupante e pode vir a aumentar, Agricultura e Mar Actual Online, 17/10/2019 199

115. Poluição do tráfego marítimo é preocupante e pode vir a aumentar, Agência de Informação Norte Online, 17/10/2019 201

116. Estudo alerta para a poluição do tráfego marítima tratando-se de um "cenário preocupante", Ambiente Magazine Online, 17/10/2019 203

117. Poluição do tráfego marítimo é preocupante e pode vir a aumentar, Atlas da Saúde Online, 17/10/2019 205

118. Poluição do tráfego marítimo é preocupante e pode vir a aumentar, Barlavento Online, 17/10/2019 207

119. Poluição do tráfego marítimo na costa portuguesa é preocupante e pode vir a aumentar, Green Savers Online, 17/10/2019 209

120. Poluição do tráfego marítimo é preocupante e pode vir a aumentar, Medjournal Online, 17/10/2019 211

121. Poluição do tráfego marítimo é preocupante e pode vir a aumentar, Notícias de Coimbra Online, 17/10/2019 213

122. Poluição do tráfego marítimo "é preocupante e pode vir a aumentar", alerta estudo, Sapo Online - Sapo Lifestyle Online, 17/10/2019 215

123. Solução Life Reforest é implementada em áreas-piloto afetadas por incêndios, Revista O Instalador Online, 16/10/2019 217

124. Solução LIFE REFOREST em áreas piloto afetadas por incêndios, Voz do Campo Online, 16/10/2019 219

125. Diana Madeira - A cuidadora dos organismos marinhos, Notícias Magazine, 13/10/2019 221

126. Desafios do mar português em reflexão em Ílhavo, Revista O Instalador Online, 10/10/2019 222

127. Produção de salmão pode mudar cenário económico da região, Diário de Aveiro, 03/10/2019 223

128. UA estuda aquacultura do salmão no mar promovida pela Jerónimo Martins, Notícias de Aveiro Online, 03/10/2019 225

129. Qualidade do ar nas escolas, Correio de Lagos Online, 02/10/2019 226

130. Aula inaugural na universidade sénior com palestra das alterações climáticas, Voz da Figueira (A), 02/10/2019 228

131. Desafios do Mar Português - VIII Seminário - Revista de Marinha, Revista de Marinha Online, 28/09/2019 229

132. Museu Marítimo de Ílhavo recebe VIII Seminário "Desafios do Mar Português", Agricultura e Mar Actual Online, 23/09/2019 230

133. Consórcio costeiro encontra-se em Aveiro, Diário de Aveiro, 21/09/2019 232

134. Seminário Desafios do Mar Português, APP - Associação dos Portos de Portugal Online, 19/09/2019 233

135. Seminário em Ílhavo aguarda por especialistas de renome, Diário de Aveiro, 11/09/2019 234

136. Ílhavo: Seminário debate "Portugal e o Mar: um novo regresso", Notícias de Aveiro Online, 11/09/2019 236

137. Ílhavo: "Desafios do Mar Português" - o debate sobre a posição nacional perante os oceanos, ON CENTRO Online, 11/09/2019 237

138. VIII Seminário "Desafios do Mar Português" agendado para 19 de Outubro no Museu Marítimo de Ílhavo., Rádio Terra Nova Online, 11/09/2019 238

139. Seminário "Desafios do Mar Português" analisa o posicionamento nacional perante o Mar, Náutica Press Online, 10/09/2019 239

140. Ílhavo: Seminário "Desafios do Mar Português" analisa o posicionamento nacional perante o Mar, Gazeta Rural Online, 09/09/2019 242

141. Seminário ´Desafios do Mar Português´ analisa o posicionamento nacional perante o Mar., Rádio Terra Nova Online, 09/09/2019 244

142. Alface-do-mar é alternativa para descontaminação de águas, Saber Madeira, 31/08/2019 245

143. O metabolismo urbano numa perspetiva de Economia Circular, Watts On Online, 15/08/2019 246

144. Descoberta capacidade da alface-do-mar para limpar águas contaminadas, Beira.pt Online, 09/08/2019 248

145. Startup da UA premiada por nova tecnologia para aproveitamento de biomassa, Revista O Instalador, 31/07/2019 250

146. Laboração Contínua, Diário de Aveiro, 29/07/2019 252

147. Lesmas marinhas fotossintéticas, Diário de Aveiro, 22/07/2019 254

148. Centros de investigação da UA avaliados com notas máximas, Diário de Aveiro - Ensino Superior, 19/07/2019 255

149. Arouca Geopark com ações de Ciência Viva no Verão, CNC - Centro Nacional de Cultura Online - E-Cultura Online, 18/07/2019 256

150. A Macrorevolução dos Microsensores, Watts On Online, 17/07/2019 257

151. Vivos ou mortos. Procuram-se répteis na Ria de Aveiro, Wilder Online, 16/07/2019 259

152. Professor da UA representa Portugal no Conselho Executivo da Comissão Oceanográfica Intergovernamental, Notícias de Aveiro Online, 13/07/2019 261

153. Lisboa pode registar temperaturas 4 a 6 graus superiores às zonas rurais limítrofes, Revista IntelCities Online, 12/07/2019 262

154. Feijão Branco pode tratar da chuva contaminada, Diário de Aveiro, 11/07/2019 264

155. Água da chuva contaminada com zinco pode ser tratada com feijão branco, Notícias de Aveiro Online, 11/07/2019 265

156. UA aplica método inovador para o estudo da eficiência na alimentação artificial das praias, Notícias de Aveiro Online, 10/07/2019 266

157. Estudo indica que Lisboa pode registar temperaturas 4 a 6 graus superiores às zonas rurais limítrofes, Ambiente Magazine Online, 08/07/2019 267

158. Lisboa pode registar temperaturas 4 a 6 graus superiores às zonas rurais limítrofes, Revista O Instalador Online, 08/07/2019 268

159. UA: Lisboa pode registar temperaturas 4 a 6 graus superiores às zonas rurais limítrofes., Rádio Terra Nova Online, 08/07/2019 270

160. Centros de investigação da Universidade com nota máxima, Diário de Aveiro, 06/07/2019 271

161. Descontaminação de águas residuais, Antena 1 - 90 Segundos de Ciência, 04/07/2019 272

162. Honroso quarto lugar para a Escola Secundária de Estarreja, Jornal de Estarreja (O), 28/06/2019 273

163. "A nossa maior riqueza são os nossos recursos humanos", Perspetivas, 19/06/2019 274

164. Gafanha da Nazaré acolhe debate sobre futuro da ria., Rádio Terra Nova Online, 15/06/2019 276

165. MARIA debate assoreamento da ria, Diário de Aveiro, 14/06/2019 277

166. Especialista da Universidade de Aveiro aborda a questão do assoreamento da Ria, Aveiro Mag Online, 12/06/2019 278

167. Movimento de Amigos da Ria de Aveiro debate assoreamento, Correio do Vouga, 12/06/2019 280

168. Start-up premiada por nova tecnologia para aproveitamento de biomassa, Revista O Instalador Online, 07/06/2019 282

169. Investigadoras da UA convidadas para editar número especial da Antibiotics, Diário de Aveiro - Saúde, 05/06/2019 284

170. Startup de doutorando da UA premiada por nova tecnologia para aproveitamento de biomassa, Ambiente Magazine Online, 04/06/2019 286

171. Start-up de doutorando da UA premiada por nova tecnologia para aproveitamento de biomassa., Rádio Terra Nova Online, 04/06/2019 288

172. Assoreamento da Ria tema do primeiro debate promovido pelo movimento de defesa da ria de Aveiro., Rádio Terra Nova Online, 04/06/2019 290

173. Ria de Aveiro: I Conferência do MARIA, Notícias de Aveiro Online, 03/06/2019 292

174. Alfaces-do-mar removem metais pesados de águas contaminadas, Notícias do Mar, 31/05/2019 293

175. Primeira conferência do Movimento de Defesa da Ria vai ser dedicada ao assoreamento., Rádio Terra Nova Online, 31/05/2019 294

176. Floresta, ambiente e clima debatidos e reflectidos em ciclo de conferências, Diário de Viseu, 30/05/2019 295

177. Ciclo de Conferências promove ligação do conhecimento científico ao desenvolvimento sustentável do território, Defesa da Beira, 24/05/2019 297

178. Lourinhã e Universidade de Aveiro assinam protocolo de colaboração - ShoppingSpirit News, Shopping Spirit Online, 22/05/2019 298

179. Câmara da Lourinhã e Universidade de Aveiro colaboram na investigação sobre cefalópedes, Tinta Fresca Online, 22/05/2019 299

180. A Eletrificação da Indústria: uma mudança de paradigma, Watts On Online, 20/05/2019 301

181. Universidades de Aveiro e Goa reactivam relações de 20 anos, Diário de Aveiro, 15/05/2019 303

182. Universidades de Aveiro e Goa reactivam relações de 20 anos, Diário de Aveiro Online, 15/05/2019 305

183. Casca de ostra da ria de Aveiro pode ser usada nos aquários marinhos e ajudar a preservar recifes de coral, Gazeta Rural, 15/05/2019 306

184. Casca de ostra da ria de Aveiro pode ser usada nos aquários marinhos e ajudar a preservar recifes de coral, Ambiente Magazine Online, 13/05/2019 307

185. Infecções fatais combatidas com luz e sem adição de antibióticos entre ciclos, Atlântico Expresso, 308

13/05/2019

186. Casca de ostra da Ria pode ajudar a preservar recifes de coral, OvarNews Online, 13/05/2019 309

187. Equipa de biólogos da UA investigam uso de casca de ostra da ria em aquários marinhos., Rádio Terra Nova Online, 13/05/2019 311

188. IMT aponta novas soluções para a mobilidade, Diário de Aveiro, 10/05/2019 312

189. Conferência "Governação e Sustentabilidade do Mar", no ISCTE, Náutica Press Online, 08/05/2019 313

190. "No Rasto das Lontras", Digital de Vizela Online, 03/05/2019 316

191. Alfaces-do-mar removem metais pesados de águas contaminadas, Actualidad€ - Economia Ibérica, 30/04/2019 317

192. Alfaces-do-mar com capacidade para remover metais pesados, Indústria e Ambiente, 30/04/2019 318

193. Será que os animais conseguem evoluir e adaptar-se às alterações climáticas? Uma cientista portuguesa pode dar a resposta, Visão Online, 27/04/2019 319

194. Aquecimento global e ovos da Páscoa, Baluarte de Santa Maria (O), 26/04/2019 321

195. Mar Film Festival arranca esta sexta com exibição de filmes e documentários no Museu Marítimo de Ílhavo., Rádio Terra Nova Online, 25/04/2019 322

196. Wokshop "No rasto das lontras", RV Jornal, 24/04/2019 324

197. "Afirmar Ílhavo ainda mais no mapa regional, nacional e internacional", Notícias de Aveiro Online, 23/04/2019 325

198. Ílhavo: Mar Film Festival arranca esta sexta-feira, ON CENTRO Online, 23/04/2019 331

199. Fala o leitor - TEDxAveiro , TEDxAveiroLive, “Bigger than us”, Diário de Aveiro, 22/04/2019 332

200. Laboração Contínua, Diário de Aveiro, 22/04/2019 333

201. Workshop "No rasto das lontras", RV Jornal, 18/04/2019 335

202. TEDxAveiro 2019: Palete de azuis continua a compor-se, Diário de Aveiro, 16/04/2019 336

203. Mar Film Festival apresenta programa para a 3.ª edição, Náutica Press Online, 15/04/2019 337

204. Mar Film Festival, Guia da Cidade Online, 12/04/2019 341

205. Como pode um município adaptar-se às alterações climáticas?, Watts On Online, 12/04/2019 343

206. Há uma melhoria significativa na qualidade do ar, Diário de Aveiro, 11/04/2019 345

207. Região: "Melhoria significativa" na poluição atmosférica, Diário de Aveiro Online, 11/04/2019 346

208. No rasto das lontras, RV Jornal, 11/04/2019 347

209. Lontras do rio Vizela com direito a debate, Digital de Vizela Online, 09/04/2019 348

210. "No rasto das lontras" workshop a 04 de maio, Rádio Vizela Online, 09/04/2019 349

211. Susana Sargento, um exemplo de sucesso no feminino, Diário de Aveiro, 06/04/2019 350

212. CESAM apresenta palestra com Susana Sargento, Diário de Aveiro, 05/04/2019 351

213. Alfaces-do-mar removem metais pesados de águas contaminadas, Audiência - Grande Porto, 01/04/2019 352

214. Sacarrabos...um carnívoro diurno com "dois pesos e duas medidas", Caça & Cães de Caça, 01/04/2019 353

215. ESTUDOS NA UNIVERSIDADE DE AVEIRO AVANÇAM PARA O COMBATE DE INFEÇÕES FATAIS ATRAVÉS DA LUZ, Etc e Tal Jornal Online, 01/04/2019 355

216. Os cantos dos cisnes, Máxima, 01/04/2019 357

217. Portugueses descobrem que alface-do-mar consegue limpar águas contaminadas, PC Guia, 01/04/2019 359

218. Distinguidas mulheres na ciência, Prevenir, 01/04/2019 360

219. Universidade de Aveiro descobre alga que remove metais pesados da água contaminada, Emigrante - Mundo Português (O), 29/03/2019 361

220. Alfaces-do-mar removem metais pesados de águas contaminadas, Notícias do Douro, 29/03/2019 363

221. Descoberta alga marinha capaz de limpar águas contaminadas - Público, Bola Online (A), 28/03/2019 364

222. Descoberta alga marinha capaz de limpar águas contaminadas, Público Online, 28/03/2019 365

223. Acontece no IEC, Jornal da Bairrada, 28/03/2019 367

224. Conheça o estranho caso da ave que ganha com as alterações climáticas, Wilder Online, 27/03/2019 368

225. Alfaces-do-mar removem metais pesados de águas contaminadas, Atlântico Expresso, 25/03/2019 370

226. Alfaces-do-mar conseguem limpar águas contaminadas, Diário de Aveiro, 25/03/2019 372

227. Alfaces-do-mar conseguem limpar águas contaminadas, Diário de Aveiro Online, 25/03/2019 373

228. Alfaces-do-mar conseguem limpar águas contaminadas, Diário de Coimbra Online, 25/03/2019 374

229. Alfaces-do-mar conseguem limpar águas contaminadas, Diário de Leiria Online, 25/03/2019 375

230. Alfaces-do-mar conseguem limpar águas contaminadas, Diário de Viseu Online, 25/03/2019 376

231. Alfaces-do-mar removem metais pesados de águas contaminadas, OvarNews Online, 25/03/2019 377

232. Alfaces-do-mar com capacidade para remover metais pesados, Indústria e Ambiente Online, 22/03/2019 379

233. Alfaces-do-mar: o novo filtro para águas contaminadas, Port.Com Online, 22/03/2019 381

234. O estranho caso da ave que beneficia com as alterações climáticas, Ambiente Magazine Online, 22/03/2019 382

235. O estranho caso da ave que beneficia com as alterações climáticas, Revista O Instalador Online, 22/03/2019 384

236. Investigação da UA conclui que há uma ave a tirar benefícios das alterações climáticas., Rádio Terra Nova Online, 22/03/2019 386

237. Alfaces-do-mar descontaminam águas marinhas | Investigação da Universidade de Aveiro, Dão e Demo Online, 21/03/2019 388

238. Alfaces-do-mar removem metais pesados de águas contaminadas, Náutica Press Online, 21/03/2019 390

239. UA: Investigadores descobrem que a alface-do-mar remove metais pesados da água, ON CENTRO Online, 21/03/2019 392

240. Alfaces-do-mar podem ser a solução para limpar águas contaminadas, Terra Ruiva Online, 21/03/2019 394

241. Universidade de Aveiro apresentou investigação sobre infeções fatais combatidas com luz, Jornal da Beira, 21/03/2019 396

242. Alfaces-do-mar removem metais pesados de águas contaminadas, Diário dos Açores, 20/03/2019 397

243. Alfaces-do-mar removem metais, Donline , Diário de Entre Douro e Vouga Online (O), 20/03/2019 398

244. Alface-do-mar pode descontaminar a água, Jornal da Economia do Mar Online, 20/03/2019 400

245. Alfaces-do-mar removem metais pesados de águas contaminadas, Jornal de Cá Online, 20/03/2019 402

246. Alface-do-mar tem capacidade de limpar águas contaminadas, Oeiras Digital Online, 20/03/2019 404

247. Alfaces-do-mar removem metais pesados de águas contaminadas, Revista O Instalador Online, 20/03/2019 405

248. Vital Health - Alface-do-mar remove metais pesados de águas contaminadas, Vital Health Online, 20/03/2019 407

249. Alfaces-do-mar removem metais pesados de águas contaminadas, Índice.eu Online, 20/03/2019 409

250. Investigação da Universidade de Aveiro: Alfaces-do-mar removem metais pesados de águas contaminadas, Agricultura e Mar Actual Online, 19/03/2019 411

251. Alfaces-do-mar removem metais pesados de águas contaminadas, Atlas da Saúde Online, 19/03/2019 413

252. Alfaces-do-mar removem metais pesados de águas contaminadas, Bairrada Informação Online, 19/03/2019 415

253. Descoberta capacidade da alface-do-mar para limpar águas contaminadas, Diário de Notícias Online, 19/03/2019 417

254. Alfaces-do-mar removem metais pesados de águas contaminadas, Farol da Nossa Terra Online, 19/03/2019 418

255. Alfaces-do-mar conseguem remover metais pesados e contaminantes da água, Green Savers Online, 19/03/2019 420

256. UA descobre Solução para Limpar Águas Contaminadas, Litoral Magazine Online, 19/03/2019 421

257. Alfaces-do-mar removem metais pesados de águas contaminadas, Medjournal Online, 19/03/2019 423

258. Alfaces-do-mar são solução para limpar águas contaminadas, Motor 24 Online, 19/03/2019 425

259. Estudantes de Aveiro descobrem solução para limpar águas contaminadas, Motor 24 Online, 19/03/2019 427

260. Universidade de Aveiro descobre que alga remove metais pesados de águas contaminadas, Mundo Português Online, 19/03/2019 429

261. Descoberta capacidade da alface-do-mar para limpar águas contaminadas, Notícias ao Minuto Online, 19/03/2019 431

262. Alface-do-mar é alternativa para descontaminação de águas, Notícias de Aveiro Online, 19/03/2019 433

263. Alfaces-do-mar removem metais pesados da água, Notícias de Coimbra Online, 19/03/2019 435

264. Investigação UA: Alfaces-do-mar removem metais pesados de águas contaminadas, Rádio Terra Nova Online, 19/03/2019 437

265. Contaminantes: Alfaces-do-mar removem metais pesados da água, Sapo Online - Sapo Lifestyle Online, 19/03/2019 439

266. Alface-do-mar pode limpar águas contaminadas, SIC Notícias Online, 19/03/2019 441

267. Alfaces-do-mar removem metais pesados de águas contaminadas, Sul Informação Online, 19/03/2019 443

268. Alface-do-mar pode ser solução para limpar águas contaminadas, TDS - Televisão do Sul - TDS - Televisão do Sul Online, 19/03/2019 445

269. Descoberta capacidade da alface-do-mar para limpar águas contaminadas, TSF Online, 19/03/2019 446

270. Alface-do-mar consegue limpar águas contaminadas, TVI 24 Online, 19/03/2019 448

271. Alfaces-do-mar removem metais pesados de águas contaminadas, UniPlanet Online, 19/03/2019 450

272. Aveiro: Investigação da Universidade de Aveiro descobre que Alfaces-do-mar removem metais pesados de águas contaminadas, Vagos FM Online, 19/03/2019 452

273. Alface-do-mar remove metais pesados da água, Vila Nova Online, 19/03/2019 453

274. Cientistas descobriram que esta alga consegue remover metais pesados da água, Wilder Online, 19/03/2019 455

275. Infeções fatais combatidas com luz, Bairrada Informação Online, 19/03/2019 456

276. Cientistas distinguidas, TV 7 Dias, 18/03/2019 458

277. Universidade de Aveiro. Descoberta forma de combater infeções fatais, Emigrante - Mundo Português (O), 15/03/2019 459

278. Infeções fatais combatidos com luz, Notícias do Douro, 15/03/2019 461

279. Investigadores conseguem neutralizar bactéria resistente a antibióticos, Diário de Viseu - Saúde, 13/03/2019 462

280. Infecções fatais nos humanos combatidas com luz, revela Investigação da Universidade de Aveiro, Atlântico Expresso, 11/03/2019 463

281. Infeções fatais combatidas com luz, Minho Online (O), 10/03/2019 464

282. Talões e faturas colocam saúde em risco, Notícias Magazine, 10/03/2019 466

283. Infeções fatais combatidas com luz, Notícias do Nordeste Online, 09/03/2019 468

284. Investigadores avisam que o Porto precisa da mais áreas verdes, Emigrante - Mundo Português (O), 08/03/2019 470

285. Infeções fatais combatidas com luz, VerPortugal Online, 08/03/2019 471

286. Cientistas da UA neutralizam bactéria resistente a antibióticos, Índice.eu Online, 08/03/2019 473

287. UA: Equipa de investigadores consegue "travar" bactéria multirresistente, ON CENTRO Online, 07/03/2019 475

288. Infecções fatais combatidas com luz, OvarNews Online, 07/03/2019 477

289. Investigação da UA conclui que infeções potencialmente fatais podem ser combatidas com luz., Rádio Terra Nova Online, 07/03/2019 480

290. Investigação da Universidade de Aveiro | Infeções fatais combatidas com luz, + Algarve Online, 06/03/2019 482

291. Infeções fatais combatidas com luz, Atlas da Saúde Online, 06/03/2019 484

292. Investigadores de Aveiro conseguem neutralizar bactéria resistente a antibióticos, Diário da Saúde Online, 06/03/2019 486

293. Investigadores de Aveiro conseguem neutralizar bactéria resistente a antibióticos, Diário de Notícias Online, 06/03/2019 488

294. Investigação da Universidade de Aveiro - Infeções fatais combatidas com luz, Farol da Nossa Terra Online, 06/03/2019 489

295. Investigação da Universidade de Aveiro: infecções fatais combatidas com luz, Funchal Notícias Online, 06/03/2019 491

296. Investigadores de Aveiro neutralizam bactéria resistente a antibióticos, Jornal de Notícias Online, 06/03/2019 493

297. Investigadores da UA usam Luz para o Combate de Infeções Fatais, Litoral Magazine Online, 06/03/2019 495

298. Infeções fatais combatidas com luz, Medjournal Online, 06/03/2019 497

299. Investigadores portugueses conseguem inativar bactéria resistente a antibióticos, Mood Magazine Online, 06/03/2019 499

300. Investigação da Universidade de Aveiro descobre forma de combater infeções fatais, Mundo Português Online, 06/03/2019 501

301. Investigadores de Aveiro neutralizam bactéria resistente a antibióticos 0 1, Netfarma Online, 06/03/2019 503

302. Investigadores de Aveiro conseguem neutralizar bactéria resistente a antibióticos, News Farma Online, 06/03/2019 505

303. Investigadores de Aveiro neutralizam bactéria resistente a antibióticos, Notícias ao Minuto Online, 507

06/03/2019

304. Infeções fatais podem ser combatidas com luz, Portal Energia Online, 06/03/2019 509

305. Investigadores de Aveiro conseguem neutralizar bactéria resistente a antibióticos, Sapo Online - Sapo 24 Online, 06/03/2019 511

306. Biólogos de Aveiro conseguiram neutralizar pela primeira vez bactéria resistente a antibióticos, Sapo Online - Sapo Lifestyle Online, 06/03/2019 513

307. Investigadores de Aveiro conseguem neutralizar bactéria resistente a antibióticos, TSF Online, 06/03/2019 515

308. Terapia fotodinâmica eficaz no combate a infeções fatais por bactérias, TV Europa Online, 06/03/2019 517

309. Investigadores de Aveiro conseguem neutralizar bactéria resistente a antibióticos, TVI 24 Online, 06/03/2019 519

310. SAÚDE: Infecções fatais combatidas com luzTVNelas, TVN Magazine Online, 06/03/2019 521

311. Javali: Portador de bactérias resistentes a antibióticos, Caça & Cães de Caça, 01/03/2019 523

312. Investigação distingue 4 jovens cientistas portuguesas, Raio X Online, 01/03/2019 528

313. Quatro cientistas portuguesas premiadas por investigações, Sol Online, 01/03/2019 533

314. L´Oréal Portugal premeia quatro cientistas portuguesas, Correio da Manhã Online, 28/02/2019 536

315. Jovem cientista ganha prémio de 15 mil euros, Diário de Aveiro, 28/02/2019 538

316. Aveiro: Jovem cientista ganha prémio de 15 mil euros, Diário de Aveiro Online, 28/02/2019 540

317. Aveiro: Jovem cientista ganha prémio de 15 mil euros, Diário de Coimbra Online, 28/02/2019 541

318. Jovem cientista ganha prémio de 15 mil euros, Diário de Leiria Online, 28/02/2019 542

319. Jovem cientista ganha prémio de 15 mil euros, Diário de Viseu Online, 28/02/2019 543

320. Jovem Cientista da UA conquista Prémio Mulheres na Ciência, Litoral Magazine Online, 28/02/2019 544

321. Investigadora do i3S distinguida com Medalha L´Óreal Portugal, Primeiro de Janeiro Online (O), 28/02/2019 546

322. A evolução forçada, Visão, 28/02/2019 548

323. Investigadora do i3S distinguida com Medalha L´Óreal Portugal, Viva! Porto Online, 28/02/2019 550

324. Prémio "Mulheres na Ciência", RTP 1 - Jornal da Tarde, 27/02/2019 552

325. L´Oréal Portugal premeia quatro cientistas portuguesas, Correio da Manhã Online, 27/02/2019 553

326. Das redes cerebrais à vida nos oceanos: Conheça os trabalhos das portuguesas premiadas pela L´Óreal, Delas Online, 27/02/2019 555

327. Conheça as 4 jovens cientistas distinguidas pela L´Oréal Portugal, Executiva Online, 27/02/2019 556

328. Mulheres na ciência. Quatro investigadoras portuguesas a seguir, i, 27/02/2019 558

329. Conheça as quatro mulheres cientistas do ano, i Online, 27/02/2019 560

330. Dores de costas, minhocas marinhas, lúpus e cérebro. Conheça o trabalho das cientistas do ano, i Online, 27/02/2019 563

331. Quatro projetos no feminino premiados, Jornal de Notícias, 27/02/2019 566

332. Bióloga da UA ganha Prémio Mulheres na Ciência, Notícias de Aveiro Online, 27/02/2019 568

333. The (four) Portuguese scientists who want to improve the lives of all, PortugaliNews Online, 27/02/2019 569

334. Descobertas sobre lúpus, discos intervertebrais, cérebro e vida no oceano distingue 4 cientistas portuguesas, Sapo Online - Sapo Lifestyle Online, 27/02/2019 571

335. L´Oréal Portugal premeia quatro cientistas portuguesas, Sábado Online, 27/02/2019 577

336. Universidade de Aveiro: CESAM em consórcio internacional para uma pesca sem lixo, Notícias de Aveiro Online, 22/02/2019 579

337. PORTO: JARDINS E PLANTAS NOS TELHADOS PARA COMBATER O CALOR, DIZ ESTUDO DA UNIVERSIDADE DE AVEIRO, Smart Cities Online, 22/02/2019 580

338. Jogo sensibiliza para a poluição atmosférica, Diário de Aveiro, 20/02/2019 581

339. Jogo ClairCity simula decisões de gestão ambiental na vida real, Revista O Instalador Online, 19/02/2019 582

340. Jogo ClairCity simula decisões de gestão ambiental na vida real, Ambiente Magazine Online, 18/02/2019 584

341. Jogo online cativa cidadãos para melhorar "gestão ambiental" das cidades, Notícias de Aveiro Online, 18/02/2019 586

342. Jogo ClairCity simula decisões de gestão ambiental na vida real., Rádio Terra Nova Online, 18/02/2019 587

343. Propostas medidas de combate ao calor, Diário de Aveiro, 15/02/2019 589

344. Cientistas propõem medidas para o Porto se precaver das ondas de calor, Diário de Notícias da Madeira Online, 15/02/2019 591

345. Cientistas propõem medidas para o Porto se precaver das ondas de calor, Rádio Portuense Online, 15/02/2019 592

346. Investigadores da UA sublinha que o Porto precisa de mais áreas verdes para combater ondas de calor, Ambiente Magazine Online, 14/02/2019 594

347. Cientistas propõem medidas para o Porto se precaver das ondas de calor, Diário de Notícias Online, 14/02/2019 596

348. Cientistas propõem medidas para o Porto se precaver das ondas de calor, Jornal de Notícias Online, 14/02/2019 597

349. Cidade do Porto precisa de mais áreas verdes para combater ondas de calor, Medjournal Online, 14/02/2019 599

350. Investigadores avisam que o Porto precisa de mais áreas verdes, Mundo Português Online, 14/02/2019 601

351. Cientistas propõem medidas para o Porto se precaver das ondas de calor, Notícias ao Minuto Online, 603

352. São precisas mais áreas verdes para combater ondas de calor, OvarNews Online, 14/02/2019 605

353. Porto: a necessidade de agir para combater as ondas de calor, Revista O Instalador Online, 14/02/2019 607

354. Estudo da UA aconselha criação de mais áreas verdes na Cidade do Porto para combater ondas de calor., Rádio Terra Nova Online, 14/02/2019 608

355. Cientistas propõem medidas para o Porto se precaver das ondas de calor, TSF Online, 14/02/2019 610

356. Porto precisa de mais áreas verdes para combater o calor, TV Europa Online, 14/02/2019 612

357. Identificação dos compostos responsáveis pelo pinking de vinhos brancos, Enovitis, 31/01/2019 614

358. Infraestruturas verdes decisivas para a qualidade do ar, Watts On Online, 24/01/2019 619

359. ´Ambiente em Família´ arranca com nova edição, Viva! Porto Online, 08/01/2019 621

360. As sementes que nos rodeiam, Wilder Online, 08/01/2019 622

361. Ambiente em Família inicia nova edição com proposta para explorar as sementes, Câmara Municipal do Porto Online - Porto.pt Online, 07/01/2019 623

CISION

eco123

ID: 84136461

31-12-2019

Meio: Imprensa
País: Portugal
Period.: Trimestral
Âmbito: Ambiente e Ciência

Pág: 8
Cores: Cor
Área: 18,00 x 25,34 cm²
Corte: 1 de 2



Aviso ao investidor

Investor warning

Investorenwarnung

PT A Universidade de Aveiro (UA) avisa que, futuramente, em Portugal e especialmente no interior, devido ao fenómeno das alterações climáticas, a água das chuvas se irá reduzir em 30 %. Paula Quinteiro é a investigadora do Centro de Estudos do Ambiente e do Mar (CESAM) que dirige esta pesquisa, e apela a quem tem responsabilidades políticas na matéria para que fomente um aproveitamento das águas da chuva mais eficaz. Aconselha a reter maiores quantidades de água da chuva em cisternas e outras formas de armazenamento, e ao gasto mais ponderado, poupado e sustentável. Os resultados da pesquisa ligada ao projeto "CLICURB" apontam um cenário preocupante, em que a falta de chuvas poderá levar ao desaparecimento de fontes e ribeiros, e ao abaixamento dos níveis de aquíferos subterrâneos.

O aviso dirige-se especialmente aos agricultores e silvicultores, e aos municípios e às empresas fornecedoras de água, aconselhando desde já um investimento que preveja um Portugal mais seco.

A silvicultura com eucalipto (50 litros de água/dia) e a agricultura com abacate (60 litros de água/dia) são as duas espécies de árvore privilegiadas nas monoculturas agroindustriais em Portugal. Mas a falta de água também irá afetar as framboesas (20 litros de água/dia) e muitas outras plantações nas estufas do sul do país. O aviso sobre o clima da Universidade de Aveiro

EN The University of Aveiro (UA) warns that, due to climate change, rainwater in Portugal, especially in the inland areas, will fall by 30%. Paula Quinteiro is the researcher at the Centre for Environmental and Marine Studies (CESAM) who is directing this study, and she appeals to those who have political responsibilities in this matter to promote a more effective use of rainwater. She calls for more rainwater to be kept in tanks and other forms of storage, and demands a more thoughtful, economic and sustainable use of this water. The results of the research linked to the "CLICURB" project point to a worrying scenario in which the shortage of rain could lead to the disappearance of springs and streams and the lowering of underground aquifer levels. The warning is addressed primarily to the farmers and foresters, municipalities and water supply companies, calling for an immediate investment in anticipation of a drier Portugal.

Eucalyptus (50 litres of water per day) and avocado (60 litres of water per day) are the two tree species favoured in agro-industrial monocultures in Portugal. But the lack of water will also affect raspberries (20 litres of water per day) and many other crops grown in greenhouses in the south of the country. The University of Aveiro's climate warning is aimed, above all, at investors who, thinking

DE Die Universität Aveiro (UA) weist darauf hin, dass uns in Portugal und besonders im Hinterland, durch das Phänomen des Klimawandels in Zukunft bis zu 30% weniger Regenwasser zur Verfügung stehen werden. Die federführende Wissenschaftlerin Paula Quinteiro vom Zentrum für Umwelt und Meeresstudien (CESAM) appelliert an die politisch Verantwortlichen für eine effektivere Nutzung von Regenwasser. Sie rät dazu, mehr Regenwasser u.a. in Zisternen und anderen Speichern aufzufangen und es vorsichtiger, sparsamer und nachhaltiger zu nutzen. Die Resultate der Forschung des Projektes „CLICURB" zeigen ein besorgniserregendes Szenarium von immer weniger Regenwasser, was dazu führen wird, dass Quellen und Bäche austrocknen und der Grundwasserspiegel und die unterirdischen Aquiferen absinken.

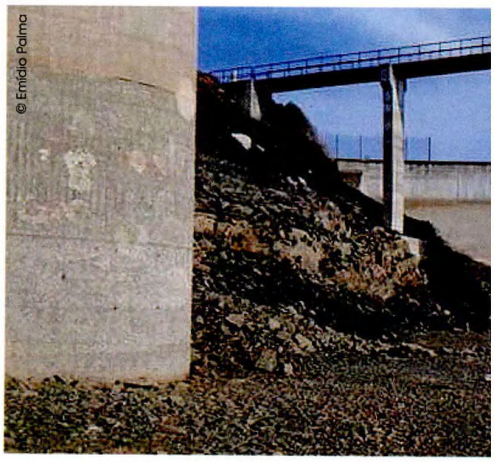
Diese Warnung richtet sich im Besonderen an Land- und Forstwirte und ihre Investitionen, an die Gemeinden und öffentlichen Wasserversorger, sich bereits heute auf das Austrocknen Portugals vorzubereiten.

Eine Forstwirtschaft mit Eukalyptus (50 l Wasser/Tag) und eine Landwirtschaft mit Avocados (60 l Wasser/Tag) sind die beiden Baumarten, die in den Monokulturen Portugals bevorzugt agroindustriell gepflanzt werden. Auch Himbeeren (20 l Wasser/Tag) und viele andere Pflanzen in den Gewächshäusern des Südens werden davon betroffen sein. Die klimatische Wetterwarnung der Universität Aveiro



© Emídio Palma

Paula Quinteiro, investigadora do Centro de Estudos do Ambiente e do Mar (CESAM)



© Emídio Palma

CISION
eco123
ID: 84136461
31-12-2019
Meio: Imprensa
País: Portugal
Period.: Trimestral
Âmbito: Ambiente e Ciência
Pág: 9
Cores: Cor
Área: 18,00 x 26,98 cm²
Corte: 2 de 2

dirige-se especialmente aos investidores, que julgando estar a agir com esperteza, esperam obter mais rendimento com os seus métodos de produção, exportando sem custos alfandegários, abacate, framboesa e outros produtos de monocultura para os supermercados de outros países da UE na Europa central e do norte. A política económica e agrária atual é dominada pelo dinheiro e pelos subsídios, não tendo em consideração valores ecológicos. O querer *sempre mais e mais depressa* já levou à estagnação da produção dos citrinos. Até agora, muitos agricultores tinham a perceção que a água é um bem sem limite e disponível para sempre.

Águas passadas não movem moinhos.

O gasto tremendo de água das monoculturas contrasta fortemente com a realidade climática. A água é cada vez mais um bem escasso. Em breve, em Portugal, já não irá haver água disponível sem limite para regar as monoculturas. Muito irá mudar durante os próximos 20 anos: teremos menos água, menos turistas, mais incêndios. E será tudo isto só por causa das alterações climáticas? Este assunto vai-nos sair caro. As monoculturas nascem de uma ideia simples. Baseia-se no pensamento linear de uma certa geração de silvicultores e agricultores, no pensamento linear de uma economia que até hoje sempre se centrou no crescimento. E a política atual repete as mesmas rezas, seguindo o "terço" do crescimento económico sem compreender que o crescimento já não pode continuar a ser a meta económica em nenhuma das áreas da sociedade. Recursos como a água do nosso planeta irão forçosamente desaparecer se o crescimento continuar a ser o impulsionador da economia. A situação na agricultura lembra outro projeto a acontecer atualmente, o novo aeroporto do Montijo. Há uma casta conservadora de economistas a ter a visão errada na sua bola de cristal de um crescimento continuado do tráfego aéreo. O que não veem é que o turismo de massas conforme existe hoje tem os seus dias contados.

they are acting cleverly, expect to earn more from their production methods by exporting avocados, raspberries and other monoculture products to supermarkets in other EU countries in central and northern Europe free of customs duties. Current economic and agrarian policy is dominated by money and subsidies, which don't take ecological values into consideration. Always wanting *more and faster* has already led to stagnation in citrus production. Until now, many farmers have seen water as a limitless resource, forever available.

It's just water under the bridge

The huge waste of water from monocultures contrasts sharply with the reality of the climate. Water is an increasingly scarce resource. Soon, there will no longer be limitless water available to irrigate monocultures in Portugal. Much will change over the next 20 years: we will have less water, fewer tourists and more fires. And will all this just be because of climate change? It will cost us dearly. Monocultures arebased on a simple idea, resulting from the linear thinking of a certain generation of foresters and farmers, from the linear thinking of an economy that until now has always been centred on growth. And current policy repeats the same prayers, based on the "rosary" of economic growth, without understanding that growth can no longer be the economic goal in any area of society. Resources like our planet's water will inevitably disappear if growth continues to drive the economy. The situation in agriculture resembles another project that is currently underway, the new Montijo airport. There is a conservative group of economists whose crystal ball provides them with a mistaken vision of continued growth in air traffic. What they do not see is that the days of mass tourism as it exists today are numbered.

+ INFO
www.ua.pt (CI.107-SCIRP/2019)

richtet sich besonders an jene bauernschlauen Investoren, die sich von ihrer Anbauweise einen noch höheren Verkaufswert erhoffen, wenn sie Avocados, Himbeeren und andere Monokulturprodukte in die Supermarktketten der EU-Länder in Mittel- und Nordeuropas grenz- und zollfrei exportieren. In der aktuellen Wirtschafts- und Agrarpolitik geht es immer nur um Geld und Subventionen, von ökologischer Ethik weit und breit keine Spur. Das *immer mehr und immer schneller* hat schon bei Zitrusfrüchten zu einer Stagnation geführt. Bisher hatten viele Bauern die Vorstellung, dass es Wasser in Portugal in unbeschränkter Menge und für alle Ewigkeit geben wird.

Kalter Kaffee von gestern.

Dass Monokulturen sehr viel Wasser verbrauchen, steht im absoluten Widerspruch zur klimatischen Wirklichkeit. Wasser wird immer mehr zu einem knappen Gut. In Portugal wird es Wasser für Monokulturen sehr bald in scheinbar unbeschränkter Quantität nicht mehr geben. Es wird sich sehr viel ändern in den nächsten zehn bis 20 Jahren: weniger Wasser, weniger Touristen, mehr Waldbrände. Und das alles nur aufgrund des Klimawandels? Eine teure Angelegenheit. Für Monokulturen gibt es eine simple Erklärung. Ihre Basis fußt im linearen Denken einer Generation von Forst- und Landwirten, im linearen Denken einer Wirtschaft, die bisher immer nur auf das Wachstum schielte. Auch die aktuelle Politik betet das Mantra des Wirtschaftswachstums mit ihrem Rosenkranz auf und ab und versteht nicht, dass Wachstum schon lange nicht mehr das ökonomische Ziel egal welcher Branche sein kann. Ressourcen wie das Wasser unseres Planeten werden unweigerlich zu Ende gehen, wenn Wachstum der Antrieb der Wirtschaft bleibt. Die Situation in der Landwirtschaft erinnert fatal an ein Parallelprojekt, den neuen Flughafen Montijo. Eine konservative Kaste von Ökonomen interpretiert den Kaffeesatz dahingehend falsch, dass er auch weiteres Wachstum im Flugverkehr prognostiziert. Dass es auch Massentourismus in dieser Form und Menge schon bald nicht mehr geben wird, konnten sie im Kaffee nicht lesen.





Barragem de Odelete, concelho de Castro Marim (15-11-2019)

Ílhavo apresentou Plano Municipal de Adaptação às Alterações Climáticas

Tipo Meio: Internet Data Publicação: 13/12/2019

Meio: ON CENTRO Online

URL: http://www.pt.cision.com/s/?l=79c94025

O Plano Municipal de Adaptação às Alterações Climáticas, contou com a responsabilidade técnica do Centro de Estudos e Desenvolvimento Regional e Urbano (CEDRU), com a parceria do Centro de Estudos do Ambiente e do Mar (CESAM) da Universidade de Aveiro e do Instituto de Geografia e Ordenamento do Território (IGOT) da Universidade de Lisboa, do apoio financeiro do Programa Operacional Sustentabilidade e Eficiência no Uso dos Recursos (POSEUR), bem como da parceria do Porto de Aveiro.

A

Câmara Municipal de Ílhavo promoveu, esta quinta-feira, 12 de dezembro, a apresentação pública do Plano Municipal de Adaptação às Alterações Climáticas, desenvolvido no âmbito da Estratégia Municipal de Adaptação às Alterações Climáticas, que contou com a responsabilidade técnica do Centro de Estudos e Desenvolvimento Regional e Urbano (CEDRU), com a parceria do Centro de Estudos do Ambiente e do Mar (CESAM) da Universidade de Aveiro e do Instituto de Geografia e Ordenamento do Território (IGOT) da Universidade de Lisboa, do apoio financeiro do Programa Operacional Sustentabilidade e Eficiência no Uso dos Recursos (POSEUR), bem como da parceria do Porto de Aveiro.

Com o auditório na Fábrica das Ideias, na Gafanha da Nazaré, totalmente cheio, o Plano foi apresentado como uma resposta adequada às principais vulnerabilidades atuais e futuras, relacionadas essencialmente com a subida do nível médio das águas do mar e com o aumento dos eventos extremos de precipitação e vento forte. Neste sentido, todo o trabalho técnico e elaboração do documento teve em consideração o território municipal e os impactos que sofre com a erosão, os avanços e as ações do Mar sobre a costa, bem como a ligação da Ria com o Mar.

Na sessão de abertura, o vice-presidente da Câmara Municipal de Ílhavo, Marcos Ré, destacou a importância da mobilização de Entidades, Empresas e Cidadãos para que se consiga ganhar consciência e massa crítica para mitigar os efeitos e impactos das alterações climáticas.

Após um período de debate e partilha de opiniões entre os presentes, no encerramento da apresentação pública, o Presidente da Câmara Municipal de Ílhavo, Fernando Caçoilo, salientou a responsabilidade de cada cidadão, das empresas, das instituições, de quem tem que decidir e tomar opções políticas, na forma como se constrói a sociedade e a economia, e os impactos evidentes nas alterações climáticas.

Defendendo que estes assuntos não devem ser tratados com o alarmismo que muitas vezes se assiste, mas com realismo, encarados com frontalidade, sem esconder a realidade atual e as projeções futuras, Fernando Caçoilo deixou um desafio público: O Estado tem que assumir as Adaptações às Alterações Climáticas, a defesa e preservação do Litoral e da orla costeira, como um desígnio nacional. Não podemos continuar a planear, legislar e agir de forma desarticulada, sem recursos e sem estratégia global. O próximo Quadro Comunitário tem, forçosamente, que integrar um financiamento substancial para esta temática. Se isso não acontecer, será inevitável haver graves problemas no futuro .

Para o público presente, esta louvável e pioneira iniciativa da Câmara Municipal de Ílhavo é exemplo nacional pela capacidade de agregar e concertar ações conjuntas com várias entidades, como por exemplo as Universidades, o conhecimento científico, o Porto de Aveiro e a comunidade local.

Este documento, disponível brevemente no site da Autarquia (www.cm-ilhavo.pt), pretende assumir-se como um guia da ação do Município, tão preventiva quanto possível, nesta sensível área da emergência climática em que vivemos e que impõe uma necessidade urgente de intervenção.

CISION

Diário de Aveiro

ID: 83937102

12-12-2019

Meio: Imprensa
País: Portugal
Period.: Diária
Âmbito: Regional

Pág: 22
Cores: Cor
Área: 17,34 x 17,17 cm²
Corte: 1 de 1



Aprovado Plano Municipal de Adaptação às Alterações Climáticas

Acção Câmara de Ílhavo justifica a elaboração do plano com as vulnerabilidades climáticas do território municipal, realçando uma aposta na prevenção

A Câmara de Ílhavo aprovou o Plano Municipal de Adaptação às Alterações Climáticas, que procura dar resposta atempada e adequada às principais vulnerabilidades climáticas do município.

O plano foi desenvolvido no âmbito da Estratégia Municipal de Adaptação às Alterações Climáticas, com responsabilidade técnica do Centro de Estudos e Desenvolvimento Regional e Urbano (CEDRU) e com a parceria do Centro de Estudos do Ambiente e do Mar (CESAM) da Universidade de Aveiro, do Instituto de Geografia e Ordenamento do Território (IGOT) da Universidade de Lisboa e o apoio do Programa Operacional Sustentabilidade e Eficiência no Uso dos Recursos (POSEUR).

O documento "pretende assumir-se como um guia da acção do município, tão preventiva quanto possível, nesta sensível área da emergência climática em que vivemos e que impõe uma necessidade urgente de intervenção", refere a Câmara numa nota de imprensa.

EDUARDO PINA



Plano será apresentado na Fábrica das Ideias da Gafanha da Nazaré

A autarquia justifica a elaboração do plano, iniciada em 2015, com as vulnerabilidades climáticas do território municipal, nomeadamente relacionadas com a subida do nível médio das águas do mar e com o aumento de eventos extremos de precipitação e vento forte, apostando na prevenção. "O Executivo considera necessário aprofundar o trabalho desenvolvido na Estratégia de Adaptação Local e do qual resultou a definição de elaboração do presente plano, que consubstancia uma estratégia que procura dar resposta atempada e adequada às principais vulnerabilidades climáticas actuais e futuras", explica no texto.

Documento apresentado hoje

Visando o envolvimento da sociedade civil, a Câmara de Ílhavo, em conjunto com o Centro de Estudos e Desenvolvimento Regional e Urbano (CEDRU), que elaborou o Plano Municipal de Adaptação às Alterações Climáticas de Ílhavo, vai promover, hoje, pelas 9.30 horas, na Fábrica das Ideias da Gafanha da Nazaré, uma sessão pública de apresentação daquele documento estratégico.

ILHAVO PREPARA-SE PARA AS ALTERAÇÕES CLIMÁTICAS

Tipo Meio: Internet Data Publicação: 10/12/2019

Meio: Rádio Regional Online

URL: https://radioregional.pt/ilhavo-prepara-se-para-as-alteracoes-climaticas/

A Câmara Municipal de Ílhavo aprovou hoje o Plano Municipal de Adaptação às Alterações Climáticas que procura dar resposta atempada e adequada às principais vulnerabilidades climáticas do Município.

O Plano foi desenvolvido no âmbito da Estratégia Municipal de Adaptação às Alterações Climáticas, com responsabilidade técnica do Centro de Estudos e Desenvolvimento Regional e Urbano (CEDRU) e com a parceria do Centro de Estudos do Ambiente e do Mar (CESAM) da Universidade de Aveiro, do Instituto de Geografia e Ordenamento do Território (IGOT) da Universidade de Lisboa e o apoio do Programa Operacional Sustentabilidade e Eficiência no Uso dos Recursos (POSEUR).

O documento "pretende assumir-se como um guia da ação do Município, tão preventiva quanto possível, nesta sensível área da emergência climática em que vivemos e que impõe uma necessidade urgente de intervenção", refere a Câmara numa nota de imprensa.

A autarquia justifica a elaboração do Plano, iniciada em 2015, com as vulnerabilidades climáticas do território municipal, nomeadamente relacionadas com a subida do nível médio das águas do mar e com o aumento de eventos extremos de precipitação e vento forte, apostando na prevenção.

"O executivo considera necessário aprofundar o trabalho desenvolvido na Estratégia de Adaptação Local e do qual resultou a definição de elaboração do presente Plano, que consubstancia uma estratégia que procura dar resposta atempada e adequada às principais vulnerabilidades climáticas atuais e futuras", explica no texto.

Visando o envolvimento da sociedade civil, a Câmara Municipal de Ílhavo, em conjunto com o Centro de Estudos e Desenvolvimento Regional e Urbano (CEDRU) que elaborou o Plano Municipal de Adaptação às Alterações Climáticas de Ílhavo, irá promover uma sessão pública de apresentação daquele documento estratégico, no dia 12, pelas 09:30, na Fábrica das Ideias na Gafanha da Nazaré.

Oiçam o vosso coração

Hoje o dia foi assim ›

Com a subida do nível das águas como preocupação, Ílhavo aprovou Plano Municipal de Adaptação às Alterações Climáticas

MadreMedia / Lusa

10 dez 2019 20:18

Atualidade

Este artigo é sobre Aveiro. Veja mais na secção Local.

A Câmara Municipal de Ílhavo aprovou hoje o Plano Municipal de Adaptação às Alterações Climáticas que procura dar resposta atempada e adequada às principais vulnerabilidades climáticas do Município.



PAULO NOVAIS/LUSA

O Plano foi desenvolvido no âmbito da Estratégia Municipal de Adaptação às Alterações Climáticas, com responsabilidade técnica do Centro de Estudos e Desenvolvimento Regional e Urbano (CEDRU) e com a parceria do Centro de Estudos do Ambiente e do Mar (CESAM) da Universidade de Aveiro, do Instituto de Geografia e Ordenamento do Território (IGOT) da Universidade de Lisboa e o apoio do Programa Operacional Sustentabilidade e Eficiência no Uso dos Recursos (POSEUR).

O documento "pretende assumir-se como um guia da ação do Município, tão preventiva quanto possível, nesta sensível área da emergência climática em que vivemos e que impõe uma necessidade urgente de intervenção", refere a Câmara numa nota de imprensa.

A autarquia justifica a elaboração do Plano, iniciada em 2015, com as vulnerabilidades climáticas do território municipal, nomeadamente relacionadas com a subida do nível médio das águas do mar e com o aumento de eventos extremos de precipitação e vento forte, apostando na prevenção.

"O executivo considera necessário aprofundar o trabalho desenvolvido na Estratégia de Adaptação Local e do qual resultou a definição de elaboração do presente Plano, que consubstancia uma estratégia que procura dar resposta atempada e adequada às principais vulnerabilidades climáticas atuais e futuras", explica no texto.



Atualidade · 6 dez 2019 17:36

Municípios metropolitanos de Lisboa comprometem-se com políticas contra alterações climáticas



Atualidade · 4 dez 2019 00:03

Incêndios: Tribunal de Contas regista "fragilidades estruturais" na defesa da floresta

PUB

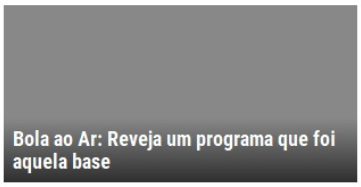
PUB

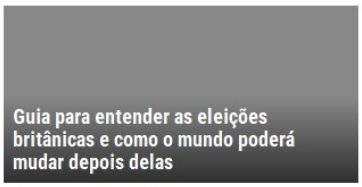
atempada e adequada às principais vulnerabilidades climáticas atuais e futuras", explica no texto.

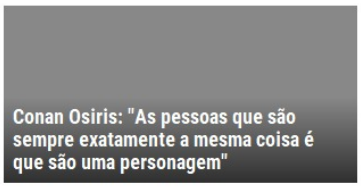
Visando o envolvimento da sociedade civil, a Câmara Municipal de Ílhavo, em conjunto com o Centro de Estudos e Desenvolvimento Regional e Urbano (CEDRU) que elaborou o Plano Municipal de Adaptação às Alterações Climáticas de Ílhavo, irá promover uma sessão pública de apresentação daquele documento estratégico, no dia 12, pelas 09:30, na Fábrica das Ideias na Gafanha da Nazaré.

Em destaque









Mais populares

1. Euromilhões. Esta é a chave do sorteio desta terça-feira
2. Alentejo. A produção de azeite pode parar e o setor colapsar devido ao excesso de bagaço de azeitona
3. Operários da Bordallo cabem no rosto de uma mulher. Ou como um prato de 61 cm conta a história de 135 anos de uma fábrica Fotos
4. Bolsonaro chamou "pirralha" a Greta Thunberg. E a jovem resolveu usar a expressão na descrição do Twitter
5. "Esperei até ficar com fome". E foi assim que ele comeu uma banana de 120 mil dólares Fotos

Últimas

Desporto · 21:02
Frederico Morais relegado para repescagem na prova da elite do surf no Havai

Atualidade · 20:57
Mais de 300 artistas exigem 1% imediato do Orçamento do Estado para a Cultura

Desporto · 20:56
Benfica bate Verva Varsóvia e vence pela primeira vez na 'Champions' de voleibol

Atualidade · 20:55
Protestos prosseguem em França na véspera da apresentação da reforma do sistema de pensões

Atualidade · 20:53
Tribunal suspende dragagens no Sado mas administração do Porto de Setúbal vai contestar

Comentários

Opinião Jornais Arquivo Lusa

Sobre o SAPO Condições de Utilização Política de Privacidade RGPD Sobre Cookies Ajuda Definições de Privacidade

SAPO

Produzido por SAPO - Todos os direitos reservados.

Cientistas monitorizam a fauna de Lisboa através de inquérito online

Tipo Meio: Internet Data Publicação: 05/12/2019

Meio: Revista O Instalador Online

URL: http://www.pt.cision.com/s/?l=51f0a143

Quais as espécies animais mais avistadas pelos cidadãos de Lisboa? E quais os animais preferidos? No sentido de responder a estas e outras perguntas, é agora lançado um inquérito online público para a monitorização da fauna em Lisboa, disponível aqui, ao qual todos os cidadãos são convidados a participar até ao final de fevereiro de 2020.

Para contribuir basta aceder ao inquérito online e identificar as espécies avistadas e o local de avistamento, usando a lista de espécies e o mapa disponível. Este inquérito insere-se no Projeto Biodiversidade Lisboa 2020.

O inquérito é dinamizado pela Câmara Municipal de Lisboa, juntamente com o Centro de Ecologia, Evolução e Alterações Ambientais - cE3c e o Centro de Estudos do Ambiente e do Mar - CESAM da Universidade de Lisboa.

Mais informações estão disponíveis aqui.

[Additional Text]:
foto

O Instalador

CISION

ID: 83801663

Time Out

04-12-2019

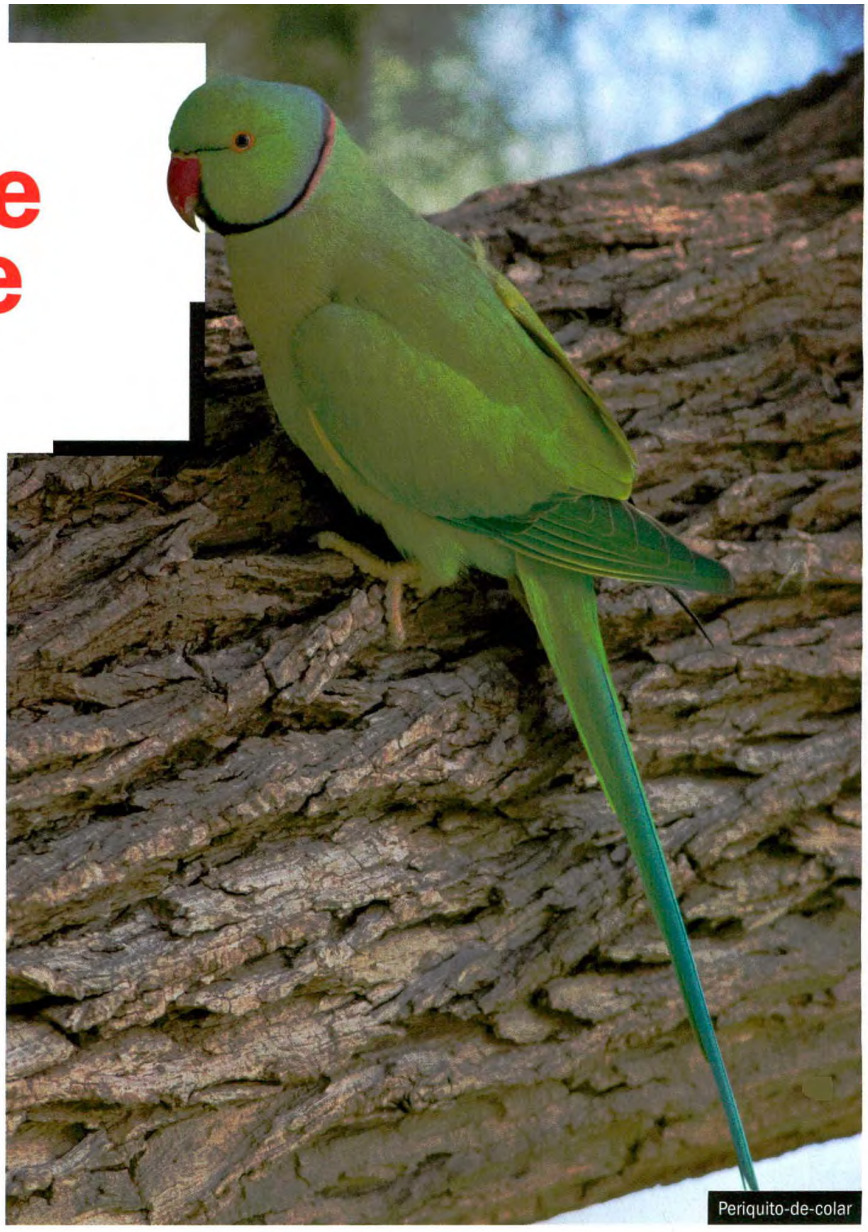
Meio: Imprensa
País: Portugal
Period.: Semanal
Âmbito: Lazer

Pág: 8
Cores: Cor
Área: 17,90 x 24,90 cm²
Corte: 1 de 1



Grande Alface

leitores@timeout.com



Periquito-de-colar

Lisboa Geographic

Investigadores da Faculdade de Ciências desenharam um mapa onde a população pode ajudar a descobrir a fauna da cidade. *Renata Lima Lobo* regressou ao ensino superior.

A CÂMARA DE LISBOA lançou um concurso para o estudo da biodiversidade nas áreas verdes da cidade e não só. Os vencedores fazem parte da academia da cidade: o Centro de Estudos do Ambiente e do Mar (CESAM) e o Centro de Ecologia, Evolução e Alterações Climáticas (CE3C). Fomos à Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa aprender mais sobre o assunto.

Inserido no Plano de Acção Local para a Biodiversidade 2020, desenhado pelo município, é um projecto que arrancou oficialmente em Junho deste ano e com um prazo de conclusão apertado: cerca de 12 meses. Um projecto que tem várias acções no terreno, como a inventariação da fauna, trabalho de campo ou mesmo um mapa-inquérito, disponível online, através do qual os cidadãos podem ajudar estes cientistas a georreferenciar as espécies que voam, andam ou rastejam nos jardins, nas hortas, nos parques, nas zonas marinhas ou mesmo em locais mais improváveis. E, quem sabe, se não aparecem algumas surpresas neste pedido de auxílio à população.

À Time Out, o grupo de investigação multidisciplinar alertou para a intrusão de algumas espécies exóticas nos habitats de Lisboa, como o periquito-de-colar ou o periquitão-de-cabeça-azul, ressalvando que ainda não existe um estudo que mostre se as interações com as espécies nativas são positivas ou não, uma vez que competem pelos mesmos ninhos. É um dos dados que poderá ser revelado durante o processo de investigação, que se prevê duro. Por exemplo, no que às espécies de morcegos diz respeito, já têm 50 mil ficheiros para analisar, registos acústicos captados por ultra-sons em 44 pontos de amostragem na cidade. Já agora, aprendemos que há sete espécies de morcego na cidade, 99% delas muito pequenas, mas há uma que pode chegar aos 40 centímetros de asas abertas. E sabia que há mais de 100 espécies de aves na cidade? E que em Lisboa mora um mamífero insectívoro muito pequenino chamado musaranho-de-dentes-brancos? Ah, e que no Parque das Nações mora a lagarta sicula, vinda na areia dos barcos durante a construção da Expo98?

Mas a caracterização que se pretende é mais do que os patos da Gulbenkian ou os pavões do Museu de Lisboa – Palácio Pimenta: são as espécies que não se vêem e que também fazem parte de um ecossistema que tem uma componente importante na gestão urbana. Aliás, o famoso Corredor Verde de Lisboa, não serve apenas a mobilidade dos humanos. É também fundamental para a movimentação de espécies, que passam a olhar para Lisboa como um local com imensos habitats que podem ser explorados. E todas elas, à sua maneira, têm um importante papel no equilíbrio ambiental da nossa cidade, Capital Verde da Europa daqui a um mês. Para já pode começar a armar-se em David Attenborough (ou em Luiz Saldanha, ilustre biólogo marinho lisboeta) e começar a preencher o inquérito que estará online até Fevereiro do próximo ano em *app.maptionnaire.com/en/7036*, recheado de imagens de espécies já identificadas. Ajude a descobrir por onde elas andam e quem sabe se não faz uma nova descoberta. ■

FOTOGRAFIA: DR

Lisboa Geographic: ajude a preencher o mapa da biodiversidade de Lisboa

Tipo Meio:	Internet	Data Publicação:	04/12/2019
Meio:	Time Out Lisboa Online	Autores:	Renata Lima Lobo

URL: http://www.pt.cision.com/s/?l=7947bb06

A Câmara de Lisboa lançou um concurso para o estudo da biodiversidade nas áreas verdes da cidade e não só. Os vencedores fazem parte da academia da cidade: o Centro de Estudos do Ambiente e do Mar (CESAM) e o Centro de Ecologia, Evolução e Alterações Climáticas (CE3C) que agora desenharam um mapa onde a população pode ajudar a descobrir a fauna da cidade. Fomos à Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa aprender mais sobre o assunto.

Inserido no Plano de Acção Local para a Biodiversidade 2020, desenhado pelo município, é um projecto que arrancou oficialmente em Junho deste ano e com um prazo de conclusão apertado: cerca de 12 meses. Um projecto que tem várias acções no terreno, como a inventariação da fauna, trabalho de campo ou mesmo um mapa-inquérito, disponível online, através do qual os cidadãos podem ajudar estes cientistas a georreferenciar as espécies que voam, andam ou rastejam nos jardins, nas hortas, nos parques, nas zonas marinhas ou mesmo em locais mais improváveis. E, quem sabe, se não aparecem algumas surpresas neste pedido de auxílio à população.

À Time Out, o grupo de investigação multidisciplinar alertou para a intrusão de algumas espécies exóticas nos habitats de Lisboa, como o periquito-de-colar ou o periquitão-de-cabeça-azul, ressalvando que ainda não existe um estudo que mostre se as interações com as espécies nativas são positivas ou não, uma vez que competem pelos mesmos ninhos. É um dos dados que poderá ser revelado durante o processo de investigação, que se prevê duro. Por exemplo, no que às espécies de morcegos diz respeito, já têm 50 mil ficheiros para analisar, registos acústicos captados por ultra-sons em 44 pontos de amostragem na cidade. Já agora, aprendemos que há sete espécies de morcego na cidade, 99% delas muito pequenas, mas há uma que pode chegar aos 40 centímetros de asas abertas. E sabia que há mais de 100 espécies de aves na cidade? E que em Lisboa mora um mamífero insectívoro muito pequenino chamado musaranho-de-dentes-brancos? Ah, e que no Parque das Nações mora a lagarta sicula, vinda na areia dos barcos durante a construção da Expo98?

Mas a caracterização que se pretende é mais do que os patos da Gulbenkian ou os pavões do Museu de Lisboa - Palácio Pimenta: são as espécies que não se vêem e que também fazem parte de um ecossistema que tem uma componente importante na gestão urbana. Aliás, o famoso Corredor Verde de Lisboa, não serve apenas a mobilidade dos humanos. É também fundamental para a movimentação de espécies, que passam a olhar para Lisboa como um local com imensos habitats que podem ser explorados. E todas elas, à sua maneira, têm um importante papel no equilíbrio ambiental da nossa cidade, Capital Verde da Europa daqui a um mês. Para já pode começar a armar-se em David Attenborough (ou em Luiz Saldanha, ilustre biólogo marinho lisboeta) e começar a preencher o inquérito que estará online até Fevereiro do próximo ano em app.maptionnaire.com/en/7036, recheado de imagens de espécies já identificadas. Ajude a descobrir por onde elas andam e quem sabe se não faz uma nova descoberta.

+ Ano da Lisboa Capital Verde começa com plantação de 20 mil árvores

+ EPAL oferece chá e café na Avenida da Liberdade

©Dr. Raju Kasambe

A Câmara de Lisboa lançou um concurso para o estudo da biodiversidade nas áreas verdes da cidade e não só. Os vencedores fazem parte da academia da cidade: o Centro de Estudos do Ambiente e do Mar (CESAM) e o Centro de Ecologia, Evolução e Alterações Climáticas (CE3C) que agora desenharam um mapa onde a população pode ajudar a descobrir a fauna da cidade. Fomos à Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa aprender mais sobre o assunto.

Inserido no Plano de Acção Local para a Biodiversidade 2020, desenhado pelo município, é um projecto que arrancou oficialmente em Junho deste ano e com um prazo de conclusão apertado: cerca de 12 meses. Um projecto que tem várias acções no terreno, como a inventariação da fauna, trabalho de campo ou mesmo um mapa-inquérito, disponível online, através do qual os cidadãos podem ajudar estes cientistas a georreferenciar as espécies que voam, andam ou rastejam nos jardins, nas hortas, nos parques, nas zonas marinhas ou mesmo em locais mais improváveis. E, quem sabe, se não aparecem algumas surpresas neste pedido de auxílio à população.

À Time Out, o grupo de investigação multidisciplinar alertou para a intrusão de algumas espécies exóticas nos habitats de Lisboa, como o periquito-de-colar ou o periquitão-de-cabeça-azul, ressalvando que ainda não existe um estudo que mostre se as interações com as espécies nativas são positivas ou não, uma vez que competem pelos mesmos ninhos. É um dos dados que poderá ser revelado durante o processo de investigação, que se prevê duro. Por exemplo, no que às espécies de morcegos diz respeito, já têm 50 mil ficheiros para analisar, registos acústicos captados por ultra-sons em 44 pontos de amostragem na cidade. Já agora, aprendemos que há sete espécies de morcego na cidade, 99% delas muito pequenas, mas há uma que pode chegar aos 40 centímetros de asas abertas. E sabia que há mais de 100 espécies de aves na cidade? E que em Lisboa mora um mamífero insectívoro muito pequenino chamado musaranho-de-dentes-brancos? Ah, e que no Parque das Nações mora a lagarta sicula, vinda na areia dos barcos durante a construção da Expo98?

Mas a caracterização que se pretende é mais do que os patos da Gulbenkian ou os pavões do Museu de Lisboa - Palácio Pimenta: são as espécies que não se vêem e que também fazem parte de um ecossistema que tem uma componente importante na gestão urbana. Aliás, o famoso Corredor Verde de Lisboa, não serve apenas a mobilidade dos humanos. É também fundamental para a movimentação de espécies, que passam a olhar para Lisboa como um local com imensos habitats que podem ser explorados. E todas elas, à sua maneira, têm um importante papel no equilíbrio ambiental da nossa cidade, Capital Verde da Europa daqui a um mês. Para já pode começar a armar-se em David Attenborough (ou em Luiz Saldanha, ilustre biólogo marinho lisboeta) e começar a preencher o inquérito que estará online até Fevereiro do próximo ano em app.maptionnaire.com/en/7036, recheado de imagens de espécies já identificadas. Ajude a descobrir por onde elas andam e quem sabe se não faz uma nova descoberta.

+ Ano da Lisboa Capital Verde começa com plantação de 20 mil árvores

+ EPAL oferece chá e café na Avenida da Liberdade

Publicidade

Publicidade

Partilhar

Tweet

Equipa de redação

Por Renata Lima Lobo

Cientistas monitorizam a fauna de Lisboa através de inquérito online

Tipo Meio: Internet Data Publicação: 03/12/2019

Meio: Ambiente Magazine Online

URL: http://www.pt.cision.com/s/?l=3d74a674

Quais as espécies animais mais avistadas pelos cidadãos de Lisboa? E quais os animais preferidos? No sentido de responder a estas e outras perguntas, é agora lançado um inquérito online público para a monitorização da fauna em Lisboa, disponível aqui, ao qual todos os cidadãos são convidados a participar até ao final de fevereiro de 2020.

O inquérito é dinamizado pela Câmara Municipal de Lisboa (CML), juntamente com o Centro de Ecologia, Evolução e Alterações Ambientais - cE3c e o Centro de Estudos do Ambiente e do Mar - CESAM da Universidade de Lisboa.

Para contribuir basta aceder ao inquérito online e identificar as espécies avistadas e o local de avistamento, usando a lista de espécies e o mapa disponível. Este inquérito insere-se no Projeto Biodiversidade Lisboa 2020.

Espírito empreendedor começa nos bancos da escola

Tipo Meio: Internet Data Publicação: 27/11/2019

Meio: APP - Associação dos Portos de Portugal Online

URL: http://www.portosdeportugal.pt/detail.php?nID=26570

2019-11-22

Espírito empreendedor começa nos bancos da escola

Ao fim de oito anos de atividades, o programa de empreendedorismo nas escolas dinamizado pela Câmara de Estarreja assume-se em 2019 como uma rede que, além de agrupamentos escolares, envolve parceiros locais e até internacionais.

Segundo o balanço apresentado pela entidade promotora, a iniciativa permite dotar os estudantes locais de "ferramentas que estimulem as suas competências empreendedoras e de capacidade criativa, tendo presente os objetivos globais de fomentar uma cultura empreendedora e a participação ativa dos jovens na comunidade."

As tecnologias ajudaram a desenvolver os jogos online. Tem interesse por sites de apostas ? Então aprenda a encontrar os melhores.

O programa de promoção do empreendedorismo jovem TOP - Training, Opportunities and Pitch é desenvolvimento pelos municípios de Estarreja e Vagos, ambos da Região de Aveiro, no âmbito do projeto europeu Youth Inclusive Entre-preneurship Lab, financiado pelo programa Erasmus + Juventude em Ação.

Os estudantes dos dois concelhos são desafiados a "pensar e desenvolver os seus projetos" de empreendedorismo.

Agostinho Silva, Carlos Teixeira, Inês Cruz e Maia Castillo, do Curso Profissional Técnico de Gestão da Escola Secundária de Estarreja, participaram em maio no "Campus Desafio Empreende", em Barcelona.

O projeto "Neptuno Speaker" - Boia de salvamento aquático (inteligente) esteve entre as 35 melhores ideias, das 1238 que chegaram dos quatro cantos do mundo ao Concurso Desafio Empreende, da Fundação "La Caixa". O trabalho foi desenvolvido em parceria com a Escola Superior de Tecnologia e Gestão de Águeda, da Universidade de Aveiro. O projeto venceu o Concurso de Ideias de Negócio nas Escolas, promovido pela Comunidade Intermunicipal da Região de Aveiro e, como tal, representou a região no Concurso Regional de Ideias de Negócio nas Escolas 2019, em junho, em Leiria

Ana Domingues e Bernardo Pinto, da Escola Secundária, conquistaram o 4.º lugar no 27.º Concurso Jovens Cientistas e carimbaram o passaporte para viajar até à Suíça onde participaram, em julho, na International Wildlife Research Week. Com o projeto "Dinâmica Populacional de uma espécie invasora no Baixo Vouga Lagunar", em parceria com o CESAM - Centro de Estudos do Ambiente e

do Mar da Universidade de Aveiro, os alunos do 11.ºA investigaram durante um ano o lagostimvermelho-do-Louisiana no Esteiro de Fermelã. Esta espécie invasora causa sérios danos nos arrozais de várias zonas do mundo. O projeto esteve na 13.ª Mostra Nacional de Ciência que decorreu

no Porto (30 de maio e 1 de junho).

Inês Maia, do 12.º ano do Curso Profissional Técnico de Gestão, idealizou o "CHILL4LIFE", um berço inteligente, que deteta situações de perigo para os bebés, em especial as situações que estão na origem da síndrome da morte súbita do lactente (SMSL). Venceu o Concurso de Ideias Inovadoras de Negócio, integrado no VII Seminário de Empreendedorismo Jovem, que este ano decorreu em Vagos, em fevereiro.

fonte

VISITE OS RECURSOS DO PORTO DE AVEIRO NA WEB

~

~

~

~

CISION

ID: 83684933

Diário de Aveiro

27-11-2019

Meio: Imprensa
País: Portugal
Period.: Diária
Âmbito: Regional

Pág: 32
Cores: Preto e Branco
Área: 12,90 x 5,55 cm²
Corte: 1 de 1



FNAC Aveiro recebe, hoje, a primeira "Bio Talk"

SESSÃO O Departamento de Biologia da Universidade de Aveiro (UA) lançou uma iniciativa em cooperação com a FNAC, que consiste em palestras abertas à comunidade sobre temas relacionados com a biologia e a sociedade. A primeira "Bio Talk" decorrerá hoje, às 21 horas, na FNAC do Forum Aveiro. Luís Souto, do Departamento de Biologia da UA e Euro4Science 2.0, irá abordar o tema "Como o ADN ajudou Donald Trump a capturar o terrorista mais procurado do Mundo". Já Ricardo Calado, do Departamento de Biologia e do Centro de Estudos do Ambiente e do Mar CESAM – ECOMARE, da UA, irá debruçar-se sobre a temática "Do mar ao prato - sabe de onde vem o marisco e o peixe que consome?".



Noticias Planeta

Poluição do tráfego marítimo na costa portuguesa preocupa cientistas

Por Watts On - 27 Novembro, 2019 15 0

A poluição atmosférica na costa portuguesa provocada pelo tráfego marítimo representa cerca de 20% da poluição causada pelos óxidos de nitrogénio (NOx), um dos poluentes mais nocivos à saúde humana e ao meio ambiente. O valor foi apurado por um estudo da Universidade de Aveiro (UA) que aponta uma lista de medidas que urgem ser colocadas em prática para ajudar a reduzir esta contribuição.

"As emissões marítimas, que compreendem sobretudo os poluentes NOx e o dióxido de enxofre (SO2), têm impacto máximo junto às rotas internacionais, mas este impacto chega à zona costeira, com contribuições que vão de 10 a 20% no caso dos NOx e acima de 20% para o SO2", aponta Alexandra Monteiro, investigadora do Departamento de Ambiente e Ordenamento e do Centro de Estudos do Ambiente e do Mar, uma das unidades de investigação da UA.

A coordenadora do estudo garante tratar-se de um "cenário preocupante" que é urgente combater: "É muito importante colocar no terreno as medidas propostas pela investigação, algumas promovidas pela própria regulação europeia, sobretudo face ao contínuo e esperado aumento do tráfego marítimo".

Os investigadores estimam que atualmente cerca de 90% (75% na Europa, e com tendência a crescer) de toda a troca de mercadorias e bens em todo mundo é realizada por via marítima, o que torna este meio de transporte preocupante em termos de impacto ambiental, sobretudo devido à sua grande dependência no que diz respeito ao uso de combustíveis fósseis, com emissões atmosféricas associadas e potencial impacto na qualidade do ar.

> *"Esperamos que estes resultados possam ser particularmente importantes e úteis na gestão e ação política na área do transporte marítimo e dos seus impactes ambientais, colocando assim a ciência e a investigação ao verdadeiro serviço da sociedade", diz Alexandra Monteiro.*

Coordenado por Alexandra Monteiro, o projeto AIRSHIP, financiado pela Fundação para a Ciência e a Tecnologia (FCT) e que terminou recentemente, visou avaliar o impacto na qualidade do ar das emissões do transporte marítimo em Portugal e, com maior detalhe, ao nível local/portuário, tendo como caso de estudo o Porto Leixões e a área urbana envolvente.

ARTIGOS RECENTES

- 50% do orçamento em investigação da Schréder virá para Portugal
- Gulbenkian apoia comportamentos sustentáveis junto de universitários
- Toyota vai fazer elétricos em conjunto com a chinesa BYD
- Tesla Cybertruck reboca Ford F-150 montanha acima
- Deixar embalagens para reciclar dá descontos no supermercado

nível local/portuário, tendo como caso de estudo o Porto Leixões e a área urbana envolvente.

Forte impacto na qualidade do ar

No âmbito desse projeto, os investigadores da UA e em colaboração com o Instituto Meteorológico Finlandês, estimaram as emissões atmosféricas associadas ao transporte marítimo em Portugal e avaliaram a contribuição destas emissões na qualidade do ar, recorrendo a um sistema de modelação numérica.

Os resultados revelaram que estas emissões têm um impacto na qualidade do ar máximo junto às rotas marítimas, chegando até às zonas costeiras onde se verificam contribuições de 10 a 20% para as concentrações de NOx e inferior a 10% no caso das partículas, dois dos poluentes mais críticos em Portugal, com excedências aos valores limite legislados.

Para além de Alexandra Monteiro, também Sandra Sorte, Michael Russo, Carla Gama, Myriam Lopes e Carlos Borrego, todos investigadores do CESAM, e André Neves, aluno do Mestrado Integrado de Engenharia do Ambiente, assinam o estudo.

Relativamente aos cruzeiros, as estimativas revelam que as emissões associadas correspondem apenas a cerca de 5% do total do transporte marítimo. Os estudos que os apontam como grandes poluentes, referem-se principalmente às emissões de SO2 (um poluente que apresenta valores residuais em termos de qualidade do ar em Portugal), já que é verdade que os cruzeiros emitem 28 vezes mais SO2 que o transporte rodoviário (mas 17 vezes menos NOx).

Medidas mitigadoras

Os estudos feitos no projeto AIRSHIP, quer ao nível regional, quer local (caso de estudo Porto de Leixões), envolveram ainda a investigação de medidas estratégicas mitigadoras para as emissões associadas ao transporte marítimo (focadas sobretudo no uso de combustíveis alternativos e práticas sustentáveis) e à atividade portuária, e elaboração de linhas de orientação para a sua implementação.

Entre as dezenas de medidas apontadas, os investigadores sublinham a importância da redução da velocidade dos navios enquanto estão em operação através da redução das rotações por minuto do motor e a utilização de combustíveis alternativos, de modo a diminuir o uso dos combustíveis mais tradicionais no transporte marítimo. Alterações nos motores do navio, de forma a torná-los mais limpos, e a implementação nos navios de um sistema de limpeza de gases de exaustão são outras das muitas medidas propostas.

Gosto 0

Artigo anterior

Enzo&Eva: a marca portuguesa sustentável para mães e crianças

ARTIGOS RELACIONADOS MAIS DO MESMO AUTOR

Enzo&Eva: a marca portuguesa sustentável para mães e crianças

Efacec vai fornecer pontos de carregamento aos seus colaboradores

Duas fábricas de embalagens de vidro passam a ser movidas a energia renovável

Deixe um comentário

Comece a discussão...

Subscribe

WATTSON

O site dedicado às cidades inteligentes, à mobilidade elétrica e a um estilo de vida urbano, sustentável e mais feliz.

Subscreva a nossa newsletter

Email Subscrever

SELEÇÕES DO EDITOR

BST Hypertek: uma elétrica chamada Desejo

20 Novembro, 2019

Todas as casas deviam ter um "Pocket Closet"

9 Agosto, 2019

Alugar um Tesla na Watts On Wheels é viver o sonho

17 Julho, 2019

MAIS POPULARES

Scooter elétrica Xiaomi pelo preço de um telemóvel

9 Maio, 2018

Quanto tempo duram as baterias dos carros elétricos? Estudo dá resposta

29 Maio, 2018

Não é brincadeira: trotinetes elétricas vão tirá-lo do trânsito e andam...

15 Outubro, 2018

CISION

O Baluarte de Santa Maria

ID: 83784914

26-11-2019

Meio: Imprensa
País: Portugal
Period.: Mensal
Âmbito: Regional

Pág: 21
Cores: Cor
Área: 26,25 x 33,16 cm²
Corte: 1 de 1



Estudo da Universidade de Aveiro

POLUIÇÃO DO TRÁFEGO MARÍTIMO É PREOCUPANTE E PODE VIR A AUMENTAR

A poluição atmosférica na costa portuguesa provocada pelo tráfego marítimo representa cerca de 20 por cento da poluição causada pelos óxidos de nitrogénio (NOx), um dos poluentes mais nocivos à saúde humana e ao meio ambiente. Este valor vem de um estudo da Universidade de Aveiro (UA) que, para ajudar a reduzir esta contribuição, aponta uma lista de medidas que urgem ser colocadas em prática.

"As emissões marítimas, que compreendem sobretudo os poluentes NOx e o dióxido de enxofre (SO2), têm impacto máximo junto às rotas internacionais, mas este impacto chega à zona costeira, com contribuições que vão de 10 a 20 por cento no caso dos NOx e acima de 20 por cento para o SO2", aponta Alexandra Monteiro, investigadora do Departamento de Ambiente e Ordenamento e do Centro de Estudos do Ambiente e do Mar, uma das unidades de investigação da UA.

A coordenadora do estudo garante tratar-se de um "cenário preocupante" que é urgente combater: "É muito importante colocar no terreno as medidas propostas pela investigação, algumas promovidas pela própria regulação europeia, sobretudo face ao continuo e esperado aumento do tráfego marítimo".

Os investigadores estimam que atualmente cerca de 90 por cento (75 por cento na Europa, e com tendência a crescer) de toda a troca de mercadorias e bens em todo mundo é realizada por via marítima, o que torna este meio de transporte preocupante em termos de impacto ambiental, sobretudo devido à sua grande dependência no que diz respeito ao uso de combustíveis fósseis, com emissões atmosféricas associadas e potencial impacto na qualidade do ar.

Coordenado por Alexandra Monteiro, o projeto AIRSHIP, financiado pela Fundação para a Ciência e a Tecnologia (FCT) e que terminou recentemente, visou avaliar o impacto na qualidade do ar das emissões do transporte marítimo em Portugal e, com maior detalhe, ao nível local/portuário, tendo como caso de estudo o Porto Leixões e a área urbana envolvente.

Forte impacto na qualidade do ar

No âmbito desse projeto, os investigadores da UA e em colaboração com o Instituto Meteorológico Finlandês, estimaram as emissões atmosféricas associadas ao transporte marítimo em Portugal e avaliaram a contribuição destas emissões na qualidade do ar, recorrendo a um sistema de modelação numérica.

Os resultados revelaram que estas emissões têm um impacto na qualidade do ar máximo junto às rotas marítimas, chegando até às zonas costeiras onde se verificam contribuições de 10 a 20 por cento para as concentrações de NOx e inferior a 10 por cento no caso das partículas, dois dos poluentes mais críticos em Portugal, com excedências aos valores limite legislados.



Relativamente aos cruzeiros, as estimativas revelam que as emissões associadas correspondem apenas a cerca de 5 por cento do total do transporte marítimo. Os estudos que os apontam como grandes poluentes, referem-se principalmente às emissões de SO2 (um poluente que apresenta valores residuais em termos de qualidade do ar em Portugal), já que é verdade que os cruzeiros emitem 28 vezes mais SO2 que o transporte rodoviário (mas 17 vezes menos NOx).

Medidas mitigadoras

Os estudos feitos no projeto AIRSHIP, quer ao nível regional, quer local (caso de estudo Porto de Leixões), envolveram ainda a investigação de medidas estratégicas mitigadoras para as emissões associadas ao transporte marítimo (focadas sobretudo no uso de combustíveis alternativos e práticas sustentáveis) e à atividade portuária, e elaboração de linhas de orientação para a sua implementação.

Entre as dezenas de medidas apontadas, os investigadores sublinham a importância da redução da velocidade dos navios enquanto estão em operação através da redução das rotações por minuto do motor e a utilização de combustíveis alternativos, de modo a diminuir o uso dos combustíveis mais tradicionais no transporte marítimo. Alterações nos motores do navio, de forma a torná-los mais limpos, e a implementação nos navios de um sistema de limpeza de gases de exaustão são outras das muitas medidas propostas.

"Esperamos que estes resultados possam ser particularmente importantes e úteis na gestão e ação política na área do transporte marítimo e dos seus impactes ambientais, colocando assim a ciência e a investigação ao verdadeiro serviço da sociedade", diz Alexandra Monteiro.

Para além de Alexandra Monteiro, também Sandra Sorte, Michael Russo, Carla Gama, Myriam Lopes e Carlos Borrego, todos investigadores do CESAM, e André Neves, aluno do Mestrado Integrado de Engenharia do Ambiente, assinam o estudo.

Fusão nuclear: o futuro da produção de eletricidade?

Tipo Meio: Internet Data Publicação: 25/11/2019

Meio: Watts On Online

URL: http://www.pt.cision.com/s/?l=536ac671

Michael RussoInvestigador do Centro de Estudos do Ambiente e do Mar (CESAM) e do Departamento de Ambiente e Ordenamento (DAO) da Universidade de Aveiro (UA)

Opinião

Fusão nuclear: o futuro da produção de eletricidade?

25 Novembro, 2019 0 14

O consumo de energia global tem vindo a aumentar cerca de 2% ao ano. Este aumento foi coberto, em grande parte, por produção de energia a partir de combustíveis fósseis, uma atividade que tem como consequência a libertação de CO2 para a atmosfera.

Segundo a comunidade científica, 350 partes por milhão é o limite superior da concentração de CO2 na atmosfera para que o planeta seja habitável por seres humanos sem grandes consequências. No início do ano de 2019, a concentração de CO2 registada foi a mais alta da história da humanidade, 415 partes por milhão.

Os desafios do nuclear

Uma possível solução para produção de energia "limpa", sem emissões de poluentes nocivos para a atmosfera, é a energia nuclear. Neste momento, cerca de 10% do fornecimento de eletricidade mundial é proveniente de energia nuclear, mas a atualmente utilizada é a fissão nuclear.

Até à data, os grandes desafios desta fonte de energia tem sido a segurança da sua operação e lidar com os subprodutos radioativos.

Além dos desafios tecnológicos e ambientais, também existe as preocupações de caráter social, a reduzida aceitação da sociedade por este tipo de energia, reforçada por desastres nucleares como os casos de Chernobyl (Ucrânia) em abril de 1986 e mais recentemente Fukushima (Japão) em março de 2011.

Vantagens da Fusão Nuclear

Ao contrário da fissão, a fusão não gera material radioativo nem emite poluentes atmosféricos nocivos, sendo o principal subproduto da fusão o hélio, um gás inerte.

Além disso, um reator de fusão é inerentemente seguro, uma vez que o processo não é uma reação em cadeia, qualquer alteração ao funcionamento do reator causa o arrefecimento do plasma ou incapacidade de o conter, fazendo com que ele pare de funcionar dentro de poucos segundos sem consequências para o exterior.

Como funciona

A fusão é a fonte de energia do Sol e de todas as estrelas. No núcleo de cada estrela, a elevadas temperaturas e intensa pressão devido à força da gravidade, núcleos de hidrogénio colidem e fundem-se para formar átomos de hélio, libertando uma enorme quantidade de energia.

Para conseguir atingir a fusão num ambiente controlado é necessário trabalhar a temperaturas extremamente altas (na ordem dos 100 a 150 milhões ºC, quase 10 vezes a temperatura no centro do Sol) e ainda ter uma densidade de plasma elevada durante algum tempo.

O Projeto ITER

No dia 23 de julho de 2019, realizou-se mais uma cerimónia de entrega de componentes nas instalações do projeto International Thermonuclear Experimental Reactor (ITER) no sul de França.

O ITER visa atingir os primeiros passos para produção de energia através de fusão nuclear, com uma capacidade de 500 MW (o que poderá alimentar quase 1 milhão de casas por ano), utilizando apenas 50 MW térmicos para iniciar o processo (um retorno de energia 10 vezes maior). Este projeto também tem como objetivo testar a viabilidade de reatores de fusão de larga escala e comprovar a sua segurança, tanto para a humanidade como para o meio ambiente.

No futuro, a fusão nuclear pode ser a resposta para fornecimento de energia segura com impactos desprezáveis para o meio ambiente, no entanto, o principal desafio poderá não ser o tecnológico, mas sim o social.

A aceitação do público da energia nuclear, mesmo sendo a fusão, vai ser um tópico sensível, e a grande aposta para que seja aceite será a divulgação e formação do público sobre o que é a fusão nuclear e de como difere da clássica fissão.

O projeto ITER é um esforço conjunto entre 35 nações, contando com a cooperação da União Europeia, China, Índia, Japão, Coreia, Rússia e Estados Unidos. Dezembro de 2025 é a data prevista para o "First Plasma", a primeira ignição do reator.

Fusão Nuclear: Projeto ITER

1 of 6

projeto International Thermonuclear Experimental Reactor (ITER) no sul de França

Um projeto praticamente global

As bandeiras indicam a origem dos diversos componentes do ITER

Processo de construção de um dos componentes dos supercondutores no Japão.

Imagem técnica em corte do ITER, quando estiver terminado

Nova espécie de crustáceo foi descoberta na Ria Formosa

Tipo Meio: Internet Data Publicação: 22/11/2019

Meio: Sul Informação Online

URL: http://www.pt.cision.com/s/?l=c26f7c03

Novo crustáceo foi batizado como "Apseudopsis formosus" por ter sido descoberto na Ria Formosa

Investigadores do polo de Olhão do Instituto Português do Mar e da Atmosfera e do CESAM da Universidade de Aveiro publicaram um artigo científico a descrever uma nova espécie de crustáceo descoberta na Ria Formosa na conceituada revista da especialidade "Marine Biodiversity".

A existência deste crustáceo tanaidáceo, cujo nome cientifico é Apseudopsis formosus - assim denominado devido ao facto de ter sido descrito com base em exemplares capturados na Ria Formosa -, foi validada por diversos anos de campanhas de amostragem, identificações taxonómicas em laboratório e estudos de ecologia bentónica na Ria Formosa e costa algarvia , segundo o IPMA.

O trabalho agora publicado é assinado pelos investigadores André N. Carvalho, Fábio Pereira, David Piló, Miguel B. Gaspar e Patricia Esquete.

O artigo "Tanaidaceans (Crustacea: Peracarida: Apseudidae) from southern Portugal with description of the new species Apseudopsis formosus, report of five first records and a biogeographic overview: unexpected expansion or understudied hotspot?", pode ser consultado seguindo este link.

Sul Informação

CISION

Audiência

ID: 83666754

19-11-2019

Meio: Imprensa
País: Portugal
Period.: Semanal
Âmbito: Regional

Pág: 3
Cores: Cor
Área: 22,00 x 24,05 cm²
Corte: 1 de 1



INVESTIGAÇÃO

Poluição do tráfego marítimo pode vir a aumentar

A poluição atmosférica na costa portuguesa provocada pelo tráfego marítimo representa cerca de 20 por cento da poluição causada pelos óxidos de nitrogénio (NOx), um dos poluentes mais nocivos à saúde humana e ao meio ambiente. Este valor vem de um estudo da Universidade de Aveiro (UA) que, para ajudar a reduzir esta contribuição, aponta uma lista de medidas que urgem ser colocadas em prática.

TEXTO DE:
RITA CASTRO GONÇALVES



"As emissões marítimas, que compreendem sobretudo os poluentes NOx e o dióxido de enxofre (SO2), têm impacto máximo junto às rotas internacionais, mas este impacto chega à zona costeira, com contribuições que vão de 10 a 20 por cento no caso dos NOx e acima de 20 por cento para o SO2", aponta Alexandra Monteiro, investigadora do Departamento de Ambiente e Ordenamento e do Centro de Estudos do Ambiente e do Mar, uma das unidades de investigação da UA.

A coordenadora do estudo garante tratar-se de um "cenário preocupante" que é urgente combater: "É muito importante colocar no terreno as medidas propostas pela investigação, algumas promovidas pela própria regulação europeia, sobretudo face ao contínuo e esperado aumento do tráfego marítimo".

Os investigadores estimam que atualmente cerca de 90 por cento (75 por cento na Europa, e com tendência a crescer) de toda a troca de mercadorias e bens em todo mundo é realizada por via marítima, o que torna este meio de transporte preocupante em termos de impacto ambiental, sobretudo devido à sua grande dependência no que diz respeito ao uso de combustíveis fósseis, com emissões atmosféricas associadas e potencial impacto na qualidade do ar.

Coordenado por Alexandra Monteiro, o projeto AIRSHIP, financiado pela Fundação para a Ciência e a Tecnologia (FCT) e que terminou recentemente, visou avaliar o impacto na qualidade do ar das emissões do transporte marítimo em Portugal e, com maior detalhe, ao nível local/portuário, tendo como caso de estudo o Porto Leixões e a área urbana envolvente.

Os resultados revelaram que estas emissões têm um impacto na qualidade do ar máximo junto às rotas marítimas, chegando até às zonas costeiras onde se verificam contribuições de 10 a 20 por cento para as concentrações de NOx e inferior a 10 por cento no caso das partículas, dois dos poluentes mais críticos em Portugal, com excedências aos valores limite legislados.

Relativamente aos cruzeiros, as estimativas revelam que as emissões associadas correspondem apenas a cerca de 5 por cento do total do transporte marítimo. Os estudos que os apontam como grandes poluentes, referem-se principalmente às emissões de SO2 (um poluente que apresenta valores residuais em termos de qualidade do ar em Portugal), já que é verdade que os cruzeiros emitem 28 vezes mais SO2 que o transporte rodoviário (mas 17 vezes menos NOx).

Os estudos feitos no projeto AIRSHIP, quer ao nível regional, quer local (caso de estudo Porto de Leixões), envolveram ainda a investigação de medidas estratégicas mitigadoras para as emissões associadas ao transporte marítimo (focadas sobretudo no uso de combustíveis alternativos e práticas sustentáveis) e à atividade portuária, e elaboração de linhas de orientação para a sua implementação.

Entre as dezenas de medidas apontadas, os investigadores sublinham a importância da redução da velocidade dos navios enquanto estão em operação através da redução das rotações por minuto do motor e a utilização de combustíveis alternativos, de modo a diminuir o uso dos combustíveis mais tradicionais no transporte marítimo. Alterações nos motores do navio, de forma a torná-los mais limpos, e a implementação nos navios de um sistema de limpeza de gases de exaustão são outras das muitas medidas propostas.

"Esperamos que estes resultados possam ser particularmente importantes e úteis na gestão e ação política na área do transporte marítimo e dos seus impactes ambientais, colocando assim a ciência e a investigação ao verdadeiro serviço da sociedade", diz Alexandra Monteiro.

Para além de Alexandra Monteiro, também Sandra Sorte, Michael Russo, Carla Gama, Myriam Lopes e Carlos Borrego, todos investigadores do CESAM, e André Neves, aluno do Mestrado Integrado de Engenharia do Ambiente, assinam o estudo.

Portugal com falta de chuva em 2046

Tipo Meio: Internet Data Publicação: 19/11/2019

Meio: Revista YVI Online

URL: https://www.revistayvi.com/pt/ambiente/portugal-com-falta-de-chuva-em-2046.html

A diminuição de chuva põe em causa ecossistemas nacionais, de acordo com o estudo levado a cabo pela investigadora, na Universidade de Aveiro, Paula Quinteiro.

Entre os anos 2046 e 2065, Portugal continental vai sofrer uma diminuição da precipitação média anual de 10 por cento na zona norte e em todo o litoral e de cerca de 30 por cento nas zonas interiores o sul. As previsões, realizadas na Universidade de Aveiro (UA) apontam para um cenário de escassez de água no ecossistema e, naturalmente, para consumo humano. Face ao cenário, os investigadores apelam à implementação de medidas urgentes para, no futuro, melhor captar e gerir a água da chuva.

"A diminuição severa de água da chuva disponível no solo pode resultar na diminuição de disponibilidade de água dos rios e dos aquíferos, o que numa situação limite pode condicionar a quantidade de água disponível para consumo humano e do ecossistema", alerta Paula Quinteiro, coordenadora do estudo e investigadora do Centro de Estudos do Ambiente e do Mar (CESAM), uma das unidades de investigação da UA.

Os resultados da investigação antecipam um cenário preocupante se não forem tomadas medidas que resultem na otimização da água disponível: "os valores médios de precipitação previstos para o período compreendido entre 2046 e 2065 apontam para uma diminuição média anual da precipitação em Portugal Continental de cerca de 10 por cento na zona norte e em todo o litoral e de cerca de 30 por cento nas zonas do interior e do sul do país". Estas previsões da precipitação foram realizadas pelo Departamento de Física da UA no âmbito do projeto CLICURB-Urban atmospheric quality, climate change and resilience coordenado pelo Grupo de Emissões Modelação e Alterações Climáticas do Departamento de Ambiente e Ordenamento (DAO) da UA e financiado pela Fundação para a Ciência e a Tecnologia (FCT).

A redução da precipitação em território nacional está relacionada com o fenómeno das alterações climáticas. "O aumento da temperatura global do planeta potencia alterações no ciclo global da água, aumentando o contraste entre regiões secas e húmidas", explica Paula Quinteiro. Isto significa que o planeta terá uma dualidade de cenários: áreas com um aumento de precipitação e com o consequente agravamento do risco de inundação e áreas com uma redução da precipitação e com o consequente aumento do risco de secas. No caso português, as projeções realizadas apontam para uma redução dos níveis de precipitação durante todo o ano, com exceção dos meses de inverno.

Implementação de medidas urgentes

Ao longo do território nacional, os investigadores da UA avaliaram as condições de disponibilidade e de escassez de água da chuva, considerando diferentes coberturas de solo - agrícola, florestal, urbano e solo predominantemente com vegetação natural.

"Na atualidade já se identifica alguma pressão nos recursos de água verde [água da chuva] sendo que esta pressão irá aumentar significativamente no futuro, dando a indicação de que em algumas situações, e dependendo dos requisitos de água necessários para garantir e maximizar o crescimento de vegetação, devem ser implementadas medidas de gestão/captação e eficiência de consumo dessa

água", explica Paula Quinteiro, a investigadora que assina o trabalho do CESAM juntamente com Sandra Rafael, Bruno Vicente, Martinho Marta-Almeida, Alfredo Rocha, Luís Arroja e Ana Cláudia Dias.

Entre as medidas podem, por exemplo, "ser implementados sistemas de recolha de água da chuva por forma a garantir a respetiva disponibilidade para irrigações agrícolas e florestais". A investigadora aconselha ainda a realização de um planeamento integrado de uso de solo e disponibilidade de água da chuva, dos rios e dos aquíferos. Em situações mais prementes, Paula Quinteiro diz que "pode ser necessária uma realocação do cultivo para zonas com uma maior disponibilidade de água da chuva, atendendo também às condições do solo e características da vegetação em causa".

A pressão nos recursos de água verde em Portugal foi calculada através da metodologia de Avaliação de Ciclo de Vida (ACV), no âmbito dos projetos SustainFor e SABIOS coordenados pelo grupo LiSAT-Life Cycle Based Sustainability Assessment Tools Team do DAO e financiados pela FCT. A quantidade de água verde evaporada e transpirada pela vegetação foi calculada tendo por base os dados climáticos presentes e futuros simulados, por forma a compreender o potencial impacte de consumo de água verde pelas plantas na escassez deste recurso.

Espírito empreendedor começa no banco das escolas

Tipo Meio: Internet Data Publicação: 18/11/2019

Meio: Notícias de Aveiro Online

URL: http://www.pt.cision.com/s/?l=fdb1e924

TOP - Training, Opportunities and Pitch.

Ao fim de oito anos de atividades, o programa de empreendedorismo nas escolas dinamizado pela Câmara de Estarreja assume-se em 2019 como uma rede que, além de agrupamentos escolares, envolve parceiros locais e até internacionais.

Segundo o balanço apresentado pela entidade promotora, a iniciativa permite dotar os estudantes locais de "ferramentas que estimulem as suas competências empreendedoras e de capacidade criativa, tendo presente os objetivos globais de fomentar uma cultura empreendedora e a participação ativa dos jovens na comunidade."

As tecnologias ajudaram a desenvolver os jogos online. Tem interesse por sites de apostas ? Então aprenda a encontrar os melhores.

O programa de promoção do empreendedorismo jovem TOP - Training, Opportunities and Pitch é desenvolvimento pelos municípios de Estarreja e Vagos, ambos da Região de Aveiro, no âmbito do projeto europeu Youth Inclusive Entre-preneurship Lab, financiado pelo programa Erasmus + Juventude em Ação.

Os estudantes dos dois concelhos são desafiados a "pensar e desenvolver os seus projetos" de empreendedorismo.

Agostinho Silva, Carlos Teixeira, Inês Cruz e Maia Castillo, do Curso Profissional Técnico de Gestão da Escola Secundária de Estarreja, participaram em maio no "Campus Desafio Empreende", em Barcelona.

O projeto "Neptuno Speaker" - Boia de salvamento aquático (inteligente) esteve entre as 35 melhores ideias, das 1238 que chegaram dos quatro cantos do mundo ao Concurso Desafio Empreende, da Fundação "La Caixa". O trabalho foi desenvolvido em parceria com a Escola Superior de Tecnologia e Gestão de Águeda, da Universidade de Aveiro. O projeto venceu o Concurso de Ideias de Negócio nas Escolas, promovido pela Comunidade Intermunicipal da Região de Aveiro e, como tal, representou a região no Concurso Regional de Ideias de Negócio nas Escolas 2019, em junho, em Leiria

Ana Domingues e Bernardo Pinto, da Escola Secundária, conquistaram o 4.º lugar no 27.º Concurso Jovens Cientistas e carimbaram o passaporte para viajar até à Suíça onde participaram, em julho, na International Wildlife Research Week. Com o projeto "Dinâmica Populacional de uma espécie invasora no Baixo Vouga Lagunar", em parceria com o CESAM - Centro de Estudos do Ambiente e

do Mar da Universidade de Aveiro, os alunos do 11.ºA investigaram durante um ano o lagostimvermelho-do-Louisiana no Esteiro de Fermelã. Esta espécie invasora causa sérios danos nos arrozais de várias zonas do mundo. O projeto esteve na 13.ª Mostra Nacional de Ciência que decorreu no Porto (30 de maio e 1 de junho).

Inês Maia, do 12.º ano do Curso Profissional Técnico de Gestão, idealizou o "CHILL4LIFE", um berço inteligente, que deteta situações de perigo para os bebés, em especial as situações que estão na origem da síndrome da morte súbita do lactente (SMSL). Venceu o Concurso de Ideias Inovadoras de Negócio, integrado no VII Seminário de Empreendedorismo Jovem, que este ano decorreu em Vagos, em fevereiro.

Publicidade, Serviços & Donativos

O Notícias de Aveiro tem canais próprios para informação institucional ou não jornalística, nomeadamente o canal 'Comunicados', assim como informação útil, promoções comerciais ou inclusão de referências publicitárias, como é o caso deste artigo, utilizando os canais 'Iniciativas', 'Roteiro' e 'Aveiro Work Point' ler estatuto editorial

CISION

Diário de Aveiro

ID: 83516259

16-11-2019

Meio: Imprensa
País: Portugal
Period.: Diária
Âmbito: Regional

Pág: 4
Cores: Cor
Área: 8,50 x 22,41 cm²
Corte: 1 de 1

CESAM no grupo dos três melhores projectos

EDUARDO PINA



Apanha de berbigão pode estar em causa "a longo prazo"

CONSERVAÇÃO O Centro de Estudos do Ambiente e do Mar (CESAM) da Universidade de Aveiro integra um grupo de três instituições distinguidas pelo Fundo para a Conservação dos Oceanos, um fundo privado para a conservação da biodiversidade marinha que premiou com 150.000 euros os melhores projectos de conservação sobre invertebrados marinhos, foi divulgado esta semana.

O CESAM vai avaliar o estado da população de berbigão na Ria de Aveiro, cuja apanha é a "principal fonte de rendimento para muitas famílias", muito embora "a viabilidade da actividade, a longo prazo", possa estar em causa devido a "doenças emergentes, sobrepesca, gestão ineficiente e degradação das condições ambientais".

Aquele fundo foi lançado pelo Oceanário de Lisboa e pela Fundação Oceano Azul, gerida pela Sociedade Francisco Manuel dos Santos.

Corais e esponjas

O projecto "DEEPbaseline" visa criar uma base de conhecimento sobre a diversidade e distribuição de corais e esponjas da plataforma continental portuguesa, a uma profundidade entre os 20 e os 750 metros. Coordenado pelo Centro Interdisciplinar de Investigação Marinha e Ambiental, em Matosinhos, pretende envolver as comunidades científica e piscatória, associações e gestores de pesca. Com base no conhecimento reunido sobre estas espécies vulneráveis, serão promovidas "acções sustentáveis de conservação e gestão".

A lapa gigante

O terceiro trabalho premiado visa estudar a genética da lapa gigante das Ilhas Selvagens, na Madeira, "provavelmente, um dos invertebrados marinhos mais ameaçados do Atlântico Nordeste" e que tem um "papel fundamental" no controlo do crescimento das algas. Para efeitos de conservação, uma equipa de investigadores, coordenada pela Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias, pretende saber se é uma espécie exclusiva daquelas ilhas ou se é a mesma que existe na Ilha de Fuerteventura, nas Canárias, Espanha, onde está "praticamente extinta". Nas Selvagens, a lapa gigante "foi-se tornando rara devido à sua apanha para consumo".

Fundo para a Conservação dos Oceanos apresenta vencedores da 3ª edição

Tipo Meio: Internet Data Publicação: 14/11/2019

Meio: Ambiente Magazine Online

URL: http://www.pt.cision.com/s/?l=d3ed8d5e

O Oceanário de Lisboa e a Fundação Oceano Azul anunciaram os três projetos vencedores da terceira edição do "Fundo para a Conservação dos Oceanos", sob o tema "Invertebrados Marinhos. Proteger no mar, o futuro na Terra", com um financiamento total de 150 mil euros.

Das 16 candidaturas válidas, o júri constituído por especialistas nacionais e internacionais na área de conservação, selecionou os projetos:
- DEEPbaseline que se dedicará à conservação de corais e esponjas de profundidade, ao longo de toda a costa de Portugal continental;
- COACH que pretende criar uma cooperativa de mariscadores na ria de Aveiro para se dedicar à conservação e gestão do berbigão;
- The Selvagens' LImpet Project cujo objetivo é decifrar, através de estudos genéticos, se a lapa gigante das ilhas Selvagens é exclusiva destas ilhas, e definir estratégias de conservação para esta espécie.

Para João Falcato, CEO do Oceanário de Lisboa e administrador da Fundação Oceano Azul, "é urgente reunir esforços para salvar o oceano. Só será possível diminuir a extinção de espécies no planeta, se apostarmos no conhecimento científico e na sua conservação. Ao longo dos últimos três anos, o FUNDO para a conservação dos Oceanos, já investiu 400.000EUR e é a maior fonte de financiamento privado em Portugal para promover a conservação dos animais marinhos.O Oceanário de Lisboa e a Fundação Oceano Azul acreditam ser esta uma ferramenta essencial para melhor conhecermos o que temos de proteger".

Jane Lubchenco, membro do Conselho de Curadores da Fundação Oceano Azul, presente cerimónia, declarou que "precisamos de criar uma nova narrativa sobre o oceano, uma narrativa de esperança, de conhecimento. O ocenano não é demasiado grande para recuperar, mas é grande demais para ignorar".

Através do "Fundo para a Conservação dos Oceanos", o Oceanário de Lisboa e a Fundação Oceano Azul pretendem promover a proteção de espécies, através de financiamento e de apoio ao conhecimento científico, a par de uma maior sensibilização para a importância do equilíbrio do oceano, e partilhando a visão de que a conservação do oceano é urgente e é uma responsabilidade de todos.

Com a edição de 2019, este Fundo, totalmente privado, para conservação da biodiversidade marinha, soma 400 mil euros atribuídos, desde 2017, a um total de oitos projetos.

Sobre os projetos vencedores da 3ª edição do Fundo:

- DEEPbaseline - Co-criação de uma plataforma de conhecimento sobre a diversidade e distribuição dos ecossistemas marinhos vulneráveis de corais e esponjas, na plataforma continental portuguesa

Instituições envolvidas: CIIMAR (coordenação); IPMA; Universidade dos Açores

Financiamento atribuído - total: 59.700EUR

O principal objetivo deste projeto é desenvolver um mecanismo para a co-criação de uma base de conhecimento, envolvendo a comunidade científica, comunidades piscatórias locais, associações e gestores de pesca, sobre a diversidade de esponjas e corais, e dos ecossistemas vulneráveis por eles formados, em zonas entre os 20 e 750 metros de profundidade. O DEEPbaseline reunirá o conhecimento para promover ações sustentáveis de conservação e gestão destas espécies e ecossistemas.

As esponjas e os corais são invertebrados que formam habitats como "jardins", agregações e recifes. Estes habitats, em Portugal, são particularmente predominantes em zonas profundas, e desempenham papeis fundamentais no equilíbrio dos ecossistemas marinhos. No entanto, por serem habitats de profundidade, sabe-se pouco sobre a sua distribuição e fatores que determinam a sua ocorrência.

A fragilidade destes habitats e exposição a impactos causados pela pesca, exploração petrolífera e alterações climáticas, levou a que fossem reconhecidos como Ecossistemas Marinhos Vulneráveis.

- COACH - Cooperative approACH applied to conservation and management of cockles | Uma abordagem cooperativa aplicada à conservação e gestão do berbigão

Instituições envolvidas: Universidade de Aveiro/CESAM

Financiamento atribuído - total: 56.775EUR

Os objetivos específicos deste projeto são: avaliar o estado da população de berbigão, através da determinação da sua distribuição, abundância, dinâmica e saúde reprodutiva; identificar as principais causas para o seu declínio e/ou sucesso; estimar a distribuição potencial da população de berbigão na ria de Aveiro e prever tendências futuras sob diferentes cenários; promover o desenvolvimento sustentável da apanha de berbigão e a consequente melhoria dos serviços económicos, sociais e ambientais para a região, através da fundação de uma cooperativa de mariscadores de berbigão.

O berbigão, Cerastoderma edule, desempenha um papel crucial no ecossistema, sendo um elo importante entre cadeias alimentares e é ainda responsável por vários serviços ecossistémicos, como o armazenamento de carbono.

Em várias regiões, é uma espécie intensivamente explorada com alto valor económico.

Para muitas famílias, na zona da ria de Aveiro, esta atividade é mesmo a principal fonte de rendimento pelo que representa uma importante questão socioeconómica. No entanto, a viabilidade desta atividade, a longo prazo, poderá estar em causa provocada por fatores como doenças emergentes, sobrepesca, gestão ineficiente e degradação das condições ambientais.

- The Selvagens' LImpet Project - Para uma estratégia de conservação da lapa gigante das ilhas Selvagens

Instituições envolvidas: Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias (coordenação); Museu de História Natural do Funchal; Centro de Ciências do Mar da Universidade do Algarve e Instituto Português de Malacologia

Financiamento atribuido: 33.525EUR

Este projeto pretende desenvolver estudos genéticos que permitam responder às seguintes questões: é a lapa, Patella candei, uma espécie exclusiva das ilhas Selvagens ou é a mesma espécie que existe nas ilhas Canárias, cuja população está circunscrita à ilha de Fuerteventura e praticamente extinta? Esta clarificação será determinante na definição de um estatuto de conservação para a espécie nas ilhas Selvagens e na implementação de medidas concretas de conservação.

A lapa gigante das ilhas Selvagens, Patella candei, é provavelmente um dos invertebrados marinhos mais ameaçados do Atlântico Nordeste. Esta espécie herbívora desempenha um papel fundamental, por exemplo, no controlo do crescimento de algas.

A sua área de distribuição original não é completamente clara: ou abrangeu outrora os arquipélagos das Selvagens e Canárias, estando agora restrita às Selvagens e à ilha de Forteventura, no segundo arquipélago, ou a população das ilhas Selvagens é suficientemente diferente para ser, por si só, considerada uma espécie distinta. Ainda assim, o problema de conservação persiste.

Nas ilhas Selvagens, na zona de entre marés, era comum encontrar-se uma grande abundância de indivíduos desta espécie com grandes dimensões (10-15cm), particularmente na Selvagem Pequena. No entanto, foi-se tornando rara, devido à sua apanha para consumo.

CISION

Diário de Leiria

ID: 83473950

14-11-2019

Meio: Imprensa
País: Portugal
Period.: Diária
Âmbito: Regional

Pág: 24
Cores: Cor
Área: 26,20 x 6,47 cm²
Corte: 1 de 1



Investigadores defendem medidas urgentes para captar água das chuvas

ESTUDO Cientistas da Universidade de Aveiro apelaram à implantação de medidas urgentes para captar e gerir a água da chuva, que vai diminuir de acordo com as previsões que efectuaram.

As previsões, realizadas na Universidade de Aveiro (UA), apontam para um cenário de escassez de água no ecossistema e, naturalmente, para consumo humano.

Face a esse cenário, os investigadores "apelam à implementação de medidas urgentes para, no futuro, melhor captar e gerir a água da chuva", já que prevêem que, entre 2046 e 2065, Portugal continental vai sofrer uma diminuição da precipitação média anual de 10 por cento (%) na zona Norte e em todo o litoral e de cerca de 30% nas zonas interiores e no Sul.

As previsões da precipitação foram realizadas pelo Departamento de Física da UA no âmbito do projeto 'CLICURB--Urban atmospheric quality, climate change and resilience', coordenado pelo Grupo de Emissões Modelação e Alterações Climáticas do Departamento de Ambiente e Ordenamento (DAO) da UA e financiado pela Fundação para a Ciência e a Tecnologia (FCT).

Segundo Paula Quinteiro, coordenadora do estudo, "na actualidade já se identifica alguma pressão nos recursos de água da chuva que irá aumentar no futuro, dando a indicação de que em algumas situações, e dependendo dos requisitos de água necessários para garantir e maximizar o crescimento de vegetação, devem ser implementadas medidas de gestão/captação e eficiência de consumo dessa água".

A investigadora, que assina o trabalho do CESAM juntamente com Sandra Rafael, Bruno Vicente, Martinho Marta-Almeida, Alfredo Rocha, Luís Arroja e Ana Cláudia Dias, defende a adopção de medidas como sistemas de recolha de água da chuva "por forma a garantir a respectiva disponibilidade para irrigações agrícolas e florestais".

CISION

ID: 83472003

Público

14-11-2019

Meio: Imprensa
País: Portugal
Period.: Diária
Âmbito: Informação Geral

Pág: 32
Cores: Cor
Área: 25,70 x 29,11 cm²
Corte: 1 de 2



Corais, berbigões e lapas reunidos num fundo de conservação

Os invertebrados marinhos ocupam a edição deste ano do Fundo de Conservação dos Oceanos. Os projectos de investigação vencedores receberam ontem em Lisboa os seus prémios

Biodiversidade

André M. Nóbrega



Três projectos acabam de vencer a 3.ª edição do Fundo de Conservação dos Oceanos, que desde 2017 premeia ideias sobre a conservação da biodiversidade marinha. No total, serão entregues 150 mil euros. Um projecto sobre corais e esponjas de profundidade recebe cerca de 60 mil euros. Outro projecto sobre o berbigão na ria de Aveiro obtém quase 57 mil euros. Por fim, um projecto sobre a lapa gigante das ilhas selvagens terá à sua disposição aproximadamente 33 mil euros.

Os vencedores foram anunciados ontem pelo Oceanário de Lisboa e pela Fundação Oceano Azul, instituições que promovem o Fundo de Conservação dos Oceanos. Sob o tema "Invertebrados marinhos – proteger no mar, o futuro da Terra", a edição deste ano recebeu 16 candidaturas, que foram avaliadas por um júri de especialistas na área de conservação. Desde o início deste fundo, incluindo a edição deste ano, investiram-se 400 mil euros, em oito projectos.

Os "jardins" do mar profundo português

Em Portugal, já foram encontradas cerca de 120 espécies de esponjas em baixas profundidades e aproximadamente 300 espécies em mar profundo. "Para os corais, o número não será muito diferente", indica Joana Xavier, investigadora do Centro Interdisciplinar de Investigação Marinha e Ambiental da Universidade do Porto (Ciimar). "Estes números são sempre subestimados em relação àquilo que existirá na realidade." Joana Xavier é a coordenadora do projecto DEEPbaseline, que pretende aumentar o conhecimento sobre a diversidade de esponjas e corais na plataforma continental portuguesa e que recebe 59.700 euros do Fundo de Conservação dos Oceanos.

Para isso, o Ciimar conta com a colaboração do Instituto Português do Mar e da Atmosfera, da Universidade dos Açores e das comunidades piscatórias. "O objectivo último é fomentar não só o conhecimento mas também a consciencialização sobre as espécies [de esponjas e corais] e promover acções sustentáveis para a sua conservação", afirma Joana Xavier. O projecto irá centrar-se nas esponjas e nos corais da costa norte de Portugal continental – desde Caminha até Leixões – que vivem em zonas entre os 20 e os 750 metros de profundidade. "Neste momento, estamos a focar-nos na plataforma continental e no talude superior de Portugal continental, mas não quer dizer que o projecto não seja depois replicado a outros níveis."

Joana Xavier explica que é comum os pescadores capturarem acidentalmente alguns destes organismos e, por isso, poderão ter informação relativa à distribuição ou às tendências populacionais das espécies. "Achamos que esta é uma fonte de conhecimento que ainda está muito subaproveitada para trabalhos científicos." Os dados recolhidos pelos cientistas e pelos pescadores serão depois agregados numa base de dados *online* de acesso aberto. "Para que isso funcione, vamos organizar um conjunto de *workshops*." O conhecimento sobre as esponjas e corais servirá também para propor medidas e desenvolver ferramentas que visem a gestão sustentável e a conservação destes animais e dos habitats por eles formados.

As esponjas e corais formam habitats que fazem lembrar jardins, com papéis ecológicos importantes para o equilíbrio do ecossistema marinho. "Quando ocorrem em grandes agregações, são elementos estruturantes do fundo do mar", esclarece Joana Xavier. "Têm uma estrutura tridimensional que é óptima em termos de habitat para outros organismos, como pequenos crustáceos e peixes." As esponjas e os corais pertencem a filos diferentes e possuem morfologias distintas, mas são seres aparentados. "Tanto um como outro apareceram nos oceanos há muito tempo, há mais de 500 milhões de anos, e existem muitas espécies."

A pesca de arrasto é uma das principais ameaças a estes invertebrados. Joana Xavier destaca também a exploração de petróleo – devido ao impacto sobre os fundos marinhos – e as alterações climáticas. Contudo, no mar profundo – onde se forma a maioria dos recifes de coral em Portugal –, o impacto das mudanças climáticas ainda é pouco conhecido.

Como vai o "engenheiro do ecossistema"?

Luísa Magalhães, investigadora do Centro de Estudos do Ambiente e do Mar da Universidade de Aveiro (CESAM), é a coordenadora do projecto Abordagem Cooperativa Aplicada à Conservação e Gestão do Berbigão (COACH, no acrónimo em inglês). O trabalho incide sobre a espécie *Cerastoderma edule* na ria de Aveiro. Descrito em 1758 por Carlos Lineu, este berbigão existe em toda a costa atlântica, em vários países da Europa e também no Norte de África. Luísa Magalhães explica que é no continente europeu que a espécie é mais valorizada em termos comerciais.



O projecto COACH é financiado em 56.775 euros. Além do estudo da biologia da espécie, a equipa irá desenvolver uma plataforma *online* de acesso aberto para reunir a informação recolhida sobre a distribuição da espécie. "A ideia é que esta informa-

CISION
ID: 83472003
Público
14-11-2019
Meio: Imprensa
País: Portugal
Period.: Diária
Âmbito: Informação Geral
Pág: 33
Cores: Cor
Área: 25,70 x 29,43 cm²
Corte: 2 de 2



Na página ao lado: em cima, a lapa gigante das ilhas Selvagens e, em baixo, o berbigão *Cerastoderma edule*; nesta página, corais nos Açores

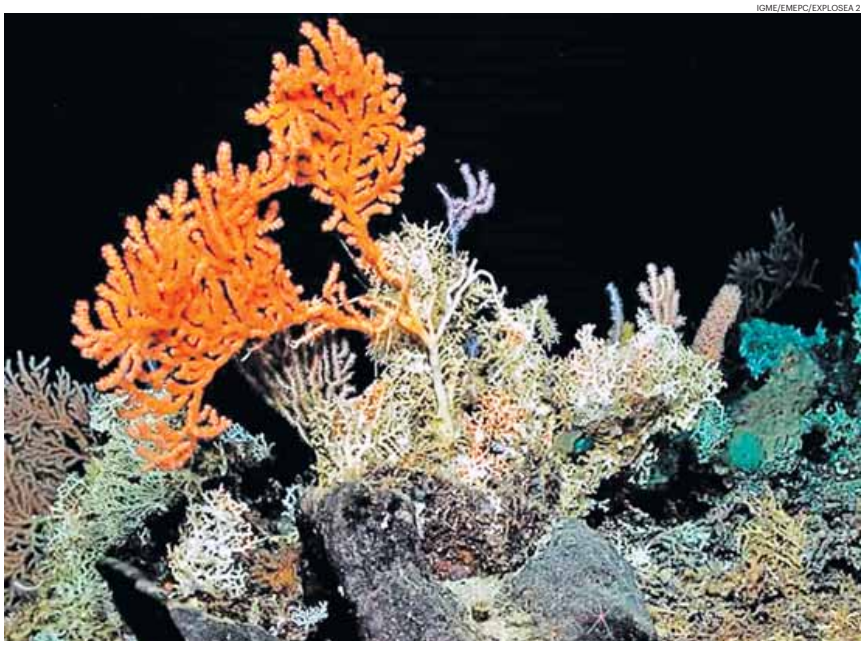
ESTIBALIZ BERECIBAR



PEDRO CUNHA/ARQUIVO



IGME/EMEPC/EXPLOSEA 2



ção seja actualizada regularmente com dados sobre a reprodução do berbigão ou a ocorrência de alguma ameaça sobre a espécie. Por exemplo, uma doença", clarifica Luísa Magalhães. Através desta ferramenta será possível ainda definir medidas de conservação, que deverão ser estabelecidas também com base na opinião das partes interessadas, como os pescadores.

Os dados recolhidos sobre a distribuição, abundância e saúde reprodutiva da espécie permitirão avaliar o estado das populações de berbigão na ria de Aveiro. "Não existe uma análise do ciclo de vida, nem do ciclo reprodutivo do berbigão na ria de Aveiro", aponta Luísa Magalhães. "Além disso, em diversos países da Europa, estão a surgir novas doenças que atacam os bivalves, e na ria de Aveiro não se sabe se essa ameaça existe."

A equipa espera ainda promover a sustentabilidade da apanha deste bivalve, através da fundação de uma cooperativa de mariscadores de berbigão. Luís Magalhães explica que este grupo será formado por pessoas interessadas na conservação do berbigão, como pescadores, gestores ou investigadores. "Desta forma podemos gerir o recurso trabalhando de igual forma, em vez de haver um órgão de gestão superior a decidir o que acontece no campo, que muitas vezes não tem em conta o dia-a-dia das pessoas que vivem da apanha do recurso." A investigadora considera que o financiamento do Fundo de Conservação dos Oceanos será bastante útil não só para o estudo do berbigão mas também para criar e divulgar a plataforma *online* e a cooperativa.

O berbigão é considerado o "engenheiro do ecossistema". A actividade deste invertebrado desencadeia um processo de bioturbação, isto é, a movimentação dos sedimentos e do ambiente à sua volta. Isso cria condições favoráveis para outras espécies se estabelecerem. O próprio berbigão é também habitat de espécies parasitas e um importante elo de ligação entre as cadeias tróficas inferiores e superiores.

Lapa gigante das Selvagens: endémica ou não?

O projecto As Lapas das Selvagens (SLIP, no acrónimo em inglês), que recebe do Fundo de Conservação dos Oceanos 33.525 euros, tem como objectivo final definir uma estratégia de conservação da lapa gigante das ilhas Selvagens (*Patella candei*), no arquipélago da Madeira. A equipa é coordenada pela Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias (ULHT) e inclui investigadores do Museu de História Natural do Funchal, do Centro de Ciências do Mar da Universidade do Algarve e do Instituto Português de Malacologia.

O Fundo de Conservação dos Oceanos atribuiu desde 2017 até agora um total de 400 mil euros, em oito projectos

O biólogo Gonçalo Calado, da ULHT, explica que o conhecimento científico sobre esta lapa é escasso. "Sabe-se que é uma espécie de grandes dimensões [a concha mede entre dez e 15 centímetros de comprimento], ou que vive na zona entre-marés da Selvagem Grande e da Selvagem Pequena." Esta lapa gigante é herbívora e foi descrita pela primeira vez em 1840, na ilha de Tenerife (Canárias) por Alcide Dessalines d'Orbigny.

Actualmente, nas Canárias, a espécie está circunscrita à ilha de Forteventura. O número de indivíduos deste molusco foi diminuindo ao longo dos anos devido à apanha para consumo, tanto no arquipélago das Canárias como nas Selvagens (até estas ilhas terem ficados protegidas numa reserva natural em 1971). "Há trabalhos contraditórios sobre se a espécie das Selvagens é ou não a mesma da das Canárias. Há um trabalho mais recente que diz que sim e há outros que dizem que não", refere Gonçalo Calado.

Através de estudos genéticos, esta equipa quer dissipar a dúvida e perceber se a lapa gigante das ilhas Selvagens é aí endémica. A partir daí, os investigadores poderão ajudar a definir o estatuto de conservação das populações das ilhas Selvagens e promover medidas de protecção. "No Mediterrâneo, existe outra lapa, a *Patella ferruginea*, que está classificada como criticamente em perigo", assinala Gonçalo Calado. "A lapa gigante das ilhas Selvagens tem certamente efectivos populacionais mais pequenos e não tem nenhum estatuto de conservação."

Com o dinheiro proveniente do Fundo de Conservação dos Oceanos, a equipa planeia ir às Selvagens em Junho. Gonçalo Calado diz que o financiamento vai ser "muito útil" para fazer os estudos genéticos. Os cientistas irão sequenciar e comparar os genes activos das populações das lapas gigantes das Selvagens e compará-los ainda com os genes das lapas de Forteventura e de duas espécies da Madeira e dos Açores, que já foram consideradas subespécies da lapa gigante das ilhas Selvagens. "Para resolver esta parte, [o dinheiro] chega perfeitamente. Depois queremos arranjar outro tipo de financiamento [para o estudo sobre o estatuto de conservação]." **Texto editado por Teresa Firmino**

Com o apoio
FUNDO
PARA A CONSERVAÇÃO DOS OCEANOS
Oceanário de Lisboa
OCEANO AZUL fundação

Fundo financia conservação de corais, berbigão e lapa gigante em Portugal

Tipo Meio:	Internet	Data Publicação:	14/11/2019
Meio:	Wilder Online	Autores:	Helena Geraldes

URL: http://www.pt.cision.com/s/?l=a61f545a

Três projectos estão prontos para começar a conhecer e a conservar invertebrados marinhos. Conheça os vencedores do Fundo para a Conservação dos Oceanos

Três projectos estão prontos para começar a conhecer e a conservar espécies e habitats de invertebrados marinhos. Conheça os vencedores da 3ª edição do Fundo para a Conservação dos Oceanos anunciados ontem em Lisboa.

Nos últimos três anos, o Fundo para a Conservação dos Oceanos atribuiu 400.000 euros a oito projectos para conhecer e conservar a vida marinha. O primeiro ano foi dedicado às raias e tubarões, o segundo às espécies ameaçadas. Este ano, os invertebrados marinhos foram os escolhidos: "Invertebrados marinhos. Proteger no mar, o futuro na Terra".

Mas, apesar da sua importância para os oceanos, os invertebrados marinhos "são um nicho. Por isso não sabíamos se iríamos receber muitas candidaturas. Acontece que recebemos 23, um recorde!", comentou João Falcato, CEO do Oceanário do Lisboa e administrador da Fundação Oceano Azul.

O responsável falava ontem à tarde no auditório do Oceanário de Lisboa na sessão onde foram anunciados os três projectos vencedores da 3ª edição do Fundo, com um total de 150.000 euros. Estes foram escolhidos por um júri de especialistas nacionais e internacionais na área da conservação.

Vencedores desta edição do Fundo. Foto: Fundação Oceano Azul

O projecto que recebeu a maior fatia, 59.700 euros, é o DEEPbaseline, dedicado a melhorar o conhecimento sobre os corais e as esponjas que vivem em zonas entre os 20 e os 750 metros de profundidade, na plataforma continental portuguesa.

As esponjas e os corais formam habitats como "jardins", agregações e recifes, especialmente em zonas profundas. O seu papel no equilíbrio dos ecossistemas marinhos é "extremamente importante", disse ontem Joana Xavier, investigadora do Ciimar (Centro Interdisciplinar de Investigação Marinha e Ambiental) da Universidade do Porto.

"São reservatórios de biodiversidade, contribuem para a reciclagem de nutrientes e são zonas de alimentação, habitat e maternidade para inúmeras espécies de peixes."

Nos dois anos e meio do projecto DEEPbaseline, a equipa - da qual fazem também parte o Instituto Português do Mar e da Atmosfera (IPMA) e a Universidade dos Açores - vai criar um mecanismo para a criação de uma base de conhecimento sobre a diversidade de corais e esponjas.

Esse conhecimento será construído com a ajuda de pescadores e com vários métodos de recolha de dados para criar um mapa das principais ocorrências daquelas espécies.

O grande objectivo é usar essa informação para promover acções sustentáveis de conservação e

gestão de corais e esponjas e dos ecossistemas onde vivem. Segundo Joana Xavier, esses dados ficarão disponíveis para todos, de forma gratuita.

Isto porque, frisou a investigadora, estes "são ecossistemas extremamente vulneráveis", principalmente aos impactos causados pela pesca, exploração petrolífera e alterações climáticas.

Berbigão em Aveiro e lapa gigante nas Selvagens

O COACH é outro dos projectos que recebeu financiamento para avançar, mais concretamente, 56.775 euros. O que se propõe fazer é descobrir qual o estado da população de berbigão (Cerastoderma edule) da Ria de Aveiro. Os investigadores do CESAM (Centro de Estudos do Ambiente e do Mar) da Universidade de Aveiro vão determinar a sua distribuição, abundância, dinâmica e saúde reprodutiva, além de identificar as maiores causas do seu declínio/sucesso e promover o desenvolvimento sustentável da apanha de berbigão.

Luísa Magalhães, investigadora da Universidade de Aveiro que apresentou o projecto, lembrou que existe apanha ilegal de berbigão na Ria de Aveiro. "Não há um uso sustentável do berbigão. Mas hoje é muito difícil fazer planos de gestão eficazes porque não há informação sobre a biologia da espécie, incluindo informação sobre o seu ciclo reprodutor, por exemplo."

A acrescentar à pesca ilegal, o berbigão enfrenta outras ameaças, como doenças, sobrepesca, gestão ineficiente e degradação das condições ambientais.

A lapa gigante das ilhas Selvagens é a espécie alvo do outro projecto escolhido pelo Fundo para a Conservação dos Oceanos, com um financiamento de 33.525 euros.

O projecto The Selvagens' Limpet Project quer responder a várias perguntas: será a lapa Patella candei uma espécie exclusiva das ilhas Selvagens ou é a mesma que existe nas ilhas Canárias, cuja população está praticamente extinta? "Esta clarificação será determinante na definição de um estatuto de conservação para a espécie (...) e na implementação de medidas concretas de conservação", segundo os responsáveis pelo projecto.

A lapa gigante das ilhas Selvagens, de cor clara, é talvez um dos invertebrados marinhos mais ameaçados do Atlântico Nordeste. Vive na zona entre marés e alimenta-se de algas, o que lhe dá um papel fundamental no controlo do crescimento dessas mesmas algas.

Outrora, esta lapa era comum nas Selvagens, na zona entre marés. Era frequente encontrar-se uma grande abundância de lapas de grandes dimensões (10 a 15 centímetros). No entanto tornou-se rara por causa da apanha para consumo.

Agora, este projecto - coordenado pela Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias e que conta com a participação do Museu de História Natural do Funchal, do Centro de Ciências do Mar da Universidade do Algarve e do Instituto Português de Malacologia - vai estudar esta espécie do ponto de vista genético para descobrir se é uma espécie diferente ou não.

Outro dos objectivos é "identificar quais os locais que devem ser considerados habitats prioritários, com medidas de conservação", explicou Gonçalo Calado, investigador da Universidade Lusófona que apresentou o projecto.

A lapa gigante das Ilhas Selvagens é apenas uma peça do puzzle dos invertebrados marinhos de Portugal. E estes são apenas parte da riqueza dos oceanos.

O Fundo para a Conservação dos Oceanos - lançado em 2017 pelo Oceanário de Lisboa e pela Fundação Oceano Azul - é atribuído todos os anos e financia projetos científicos que contribuam para a conservação dos oceanos.

Saiba mais.

Recorde aqui os vencedores da 1ª edição do Fundo e aqui os vencedores da 2ª edição.

https://www.facebook.com/WilderDays/

CISION

Diário de Aveiro

ID: 83452265

13-11-2019

Meio: Imprensa
País: Portugal
Period.: Diária
Âmbito: Regional

Pág: 6
Cores: Cor
Área: 26,20 x 17,77 cm²
Corte: 1 de 1



Investigadoras do CESAM foram à procura de "Aurora"

Experiência Ana Hilário e Sofia Ramalho participaram numa expedição científica às profundezas do Oceano Ártico, para investigar o monte submarino "Aurora" e descobrir quais as criaturas que ali habitam

No âmbito do projecto "HACON", as investigadoras Ana Hilário e Sofia Ramalho, do CESAM e do Departamento de Biologia da Universidade de Aveiro, participaram numa expedição científica aos lugares mais longínquos do Oceano Ártico, para investigar o monte submarino "Aurora".

Os cientistas a bordo estavam interessados no que se estava a passar nas vastas profundezas do Oceano Ártico, de forma a descobrir quais são as criaturas exóticas que vivem nas águas frias e profundas perto do Polo Norte.

"'Aurora' é um monte submarino no fundo do oceano, uma estrutura vulcânica com fontes hidrotermais. Está localizado a 83 graus Norte na crista de Gakkel, que forma uma fronteira entre as placas tectónicas da América do Norte e da Eurasia. Está a uma profundidade de quatro quilómetros e está permanente coberto por gelo. Durante a expedição, a temperatura do ar atingiu temperaturas abaixo dos menos 25 graus Celsius e as exigências tecnológicas e humanas eram enormes. Por estas razões, esta região continua pouco estudada", explica Stefan Buenz, do centro de investigação CAGE da Universidade de Trømso e chefe da expedição, que decorreu de 15 de Setembro a 16 de Outubro.

Foi principalmente a sua inacessibilidade que, inicialmente, tornou a crista de Gakkel tão interessante para os cientistas. O novo quebra-gelo norueguês RV Kronprins Haakon, câmaras de alta resolução e novas tecnologias associadas a veículos operados remotamente do Alfred Wagener Institute e Woods Hole Oceanographic Institution tornaram possível examinar este monte submarino.

A expedição "HACON" teve como objectivo investigar as fontes hidrotermais de "Aurora", das quais apenas existia um pequeno vídeo, adquirido numa expedição anterior, que comprovava a sua existência.

"A nossa expedição foi do tipo alto-risco alto-retorno. Tudo podia correr mal, mas qualquer nova observação e amostra iria aumentar, substancialmente, o nosso conhecimento sobre estes exóticos ecossistemas que são mantidos por energia proveniente do interior da Terra, na escuridão, nas profundezas do oceano e cobertos por gelo", afirma a coordenadora do projecto "HACON", Eva Ramirez-Llodra, cientista do Instituto Norueguês para a Investigação Aquática e do recém formado REV Ocean.

D.R.



Sofia Ramalho e Ana Hilário são investigadoras do CESAM e do Departamento de Biologia da UA

Como explica Eva Ramirez-Llodra, uma das hipóteses do projecto "é que a crista de Gakkel serve como um caminho para o fluxo genético entre os oceanos Pacífico e Atlântico, em que as espécies colonizam chaminé após chaminé, através de pequenas formas larvares que conseguem ultrapassar os vários obstáculos que o oceano lhes apresenta. Os dados colhidos nesta expedição vão ajudar a compreender este processo e o papel que a crista de Gakkel desempenha na distribuição global das espécies qua habitam chaminés hidrotermais".

A conectividade entre as populações de fontes hidrotermais é um dos temas de investigação de Ana Hilário, que colabora com Eva-Ramirez Llodra há vários anos e com quem também já tinha participado na expedição que descobriu fontes hidrotermais na Antártica. "No final da expedição, uma placa de gelo enorme cobriu o nosso local de trabalho e não se deslocava. Durante três dias, esperámos pacientemente, mas finalmente desistimos e saímos através de um labirinto de placas de gelo. Foi um cruzeiro exigente, gratificante e bem sucessivoo, todos nós voltaríamos a fazê-lo", afirma Eva Ramirez-Llodra.

Para Sofia Ramalho, jovem investigadora do CESAM e do Departamento de Biologia, esta foi "uma experiência única, uma oportunidade extraordinária de recolher amostras e desenvolver futuras colaborações".

Lapa gigante das ilhas Selvagens será alvo de estudo por estar sob ameaça

Tipo Meio: Internet Data Publicação: 13/11/2019

Meio: Diário de Notícias da Madeira Online

URL: http://www.pt.cision.com/s/?l=d3f4a217

Estudos sobre corais e esponjas de profundidade, o berbigão da Ria de Aveiro e a lapa gigante das ilhas Selvagens foram distinguidos com um total de 150 mil euros pelo Fundo para a Conservação dos Oceanos. Este ano, o fundo privado lançado em 2017 pelo Oceanário de Lisboa e pela Fundação Oceano Azul, premiou os três melhores projectos de conservação sobre invertebrados marinhos, avança a Agência Lusa. E um desses projectos premiados visa estudar a genética da lapa gigante das ilhas Selvagens, na Madeira, "provavelmente um dos invertebrados marinhos mais ameaçados do Atlântico Nordeste" e que tem um "papel fundamental" no controlo do crescimento das algas. Para efeitos de conservação da espécie, uma equipa de investigadores, sob coordenação da Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias, pretende saber se a lapa gigante é uma espécie exclusiva das ilhas Selvagens ou é a mesma espécie que existe na ilha de Fuerteventura, nas Canárias, Espanha, onde está "praticamente extinta". De resto, nas ilhas Selvagens, em particular na Selvagem Pequena, a lapa gigante "foi-se tornando rara devido à sua apanha para consumo", realça o comunicado. Outro dos projectos premiados é o "DEEPbaseline", que visa criar uma base de conhecimento sobre a diversidade e distribuição de corais e esponjas da plataforma continental portuguesa, a uma profundidade entre os 20 e os 750 metros. Coordenado pelo Centro Interdisciplinar de Investigação Marinha e Ambiental (Ciimar), em Matosinhos, o trabalho pretende envolver as comunidades científica e piscatória, bem como associações e gestores de pesca. Com base no conhecimento reunido sobre estas espécies marinhas vulneráveis, serão promovidas "acções sustentáveis de conservação e gestão", refere o fundo em comunicado. O Centro de Estudos do Ambiente e do Mar (Cesam) da Universidade de Aveiro, igualmente distinguido, vai avaliar o estado da população de berbigão na Ria de Aveiro, cuja apanha é a "principal fonte de rendimento para muitas famílias", muito embora "a viabilidade da actividade, a longo prazo, poderá estar em causa" devido a "doenças emergentes, sobrepesca, gestão ineficiente e degradação das condições ambientais".

Agência Lusa

Fundo para a conservação premeia estudos sobre corais, berbigão e lapa gigante

Tipo Meio: Internet Data Publicação: 13/11/2019

Meio: Observador Online

URL: http://www.pt.cision.com/s/?l=3d17e618

O "DEEPbaseline" é um dos estudos premiados e debruça-se sobre a diversidade e distribuição de corais e esponjas da plataforma continental portuguesa, em profundidades entre os 20 e 750 metros.

Estudos sobre corais e esponjas de profundidade, o berbigão da Ria de Aveiro e a lapa gigante das ilhas Selvagens foram distinguidos com um total de 150 mil euros pelo Fundo para a Conservação dos Oceanos, foi esta qurta-feira divulgado.

Este ano, o fundo privado para a conservação da biodiversidade marinha premiou os três melhores projetos de conservação sobre invertebrados marinhos.

O Fundo para a Conservação dos Oceanos foi lançado em 2017 pelo Oceanário de Lisboa e pela Fundação Oceano Azul, gerida pela Sociedade Francisco Manuel dos Santos.

Um dos projetos premiados é o "DEEPbaseline", que visa criar uma base de conhecimento sobre a diversidade e distribuição de corais e esponjas da plataforma continental portuguesa, a uma profundidade entre os 20 e os 750 metros.

Coordenado pelo Centro Interdisciplinar de Investigação Marinha e Ambiental (Ciimar), em Matosinhos, o trabalho pretende envolver as comunidades científica e piscatória, bem como associações e gestores de pesca.

Com base no conhecimento reunido sobre estas espécies marinhas vulneráveis, serão promovidas "ações sustentáveis de conservação e gestão", refere o fundo em comunicado.

O Centro de Estudos do Ambiente e do Mar (Cesam) da Universidade de Aveiro, igualmente distinguido, vai avaliar o estado da população de berbigão na Ria de Aveiro, cuja apanha é a "principal fonte de rendimento para muitas famílias", muito embora "a viabilidade da atividade, a longo prazo, poderá estar em causa" devido a "doenças emergentes, sobrepesca, gestão ineficiente e degradação das condições ambientais".

O terceiro trabalho premiado visa estudar a genética da lapa gigante das ilhas Selvagens, na Madeira, "provavelmente um dos invertebrados marinhos mais ameaçados do Atlântico Nordeste" e que tem um "papel fundamental" no controlo do crescimento das algas.

Para efeitos de conservação da espécie, uma equipa de investigadores, sob coordenação da Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias, pretende saber se a lapa gigante é uma espécie exclusiva das ilhas Selvagens ou é a mesma espécie que existe na ilha de Fuerteventura, nas Canárias, Espanha, onde está "praticamente extinta".

Nas ilhas Selvagens, em particular na Selvagem Pequena, a lapa gigante "foi-se tornando rara devido à sua apanha para consumo", realça o comunicado.

Agência Lusa

Corais, berbigões e lapas gigantes encontraram-se todos num fundo que quer conservá-los

Tipo Meio: Internet

Data Publicação: 13/11/2019

Meio: Público Online

Autores: André M. Nóbrega

URL: http://www.pt.cision.com/s/?l=1cbcfe7f

Os invertebrados marinhos ocupam a edição deste ano do Fundo de Conservação dos Oceanos. Os projectos de investigação vencedores recebem esta quarta-feira, em Lisboa, os seus prémios.

Foto

A lapa gigante das ilhas Selvagens

Estibaliz Berecibar

Três projectos acabam de vencer a 3.ª edição do Fundo de Conservação dos Oceanos, que desde 2017 premeia ideias sobre a conservação da biodiversidade marinha. No total, serão entregues 150 mil euros. Um projecto sobre corais e esponjas de profundidade recebe cerca de 60 mil euros. Outro projecto sobre o berbigão na ria de Aveiro obtém quase 57 mil euros. Por fim, um projecto sobre a lapa gigante das ilhas selvagens terá à sua disposição aproximadamente 33 mil euros.

Os vencedores são anunciados esta quarta-feira à tarde pelo Oceanário de Lisboa e pela Fundação Oceano Azul, instituições que promovem o Fundo de Conservação dos Oceanos. Sob o tema "Invertebrados marinhos - Proteger no mar, o futuro da Terra", a edição deste ano recebeu 16 candidaturas, que foram avaliadas por um júri de especialistas na área de conservação. Desde o início deste fundo, incluindo a edição deste ano, investiram-se 400 mil euros, em oito projectos.

Os "jardins" do mar profundo português
Em Portugal, já foram encontradas cerca de 120 espécies de esponjas em baixas profundidades e aproximadamente 300 espécies em mar profundo. "Para os corais, o número não será muito diferente", indica Joana Xavier, investigadora do Centro Interdisciplinar de Investigação Marinha e Ambiental da Universidade do Porto (Ciimar). "Estes números são sempre subestimados em relação àquilo que existirá na realidade." Joana Xavier é a coordenadora do projecto DEEPbaseline, que pretende aumentar o conhecimento sobre a diversidade de esponjas e corais na plataforma continental portuguesa e que recebe 59.700 euros do Fundo de Conservação dos Oceanos.

Para isso, o Ciimar conta com a colaboração do Instituto Português do Mar e da Atmosfera, da Universidade dos Açores e das comunidades piscatórias. "O objectivo último é fomentar não só o conhecimento, mas também a consciencialização sobre as espécies [de esponjas e corais] e promover ações sustentáveis para a sua conservação", afirma Joana Xavier. O projecto irá centrar-se nas esponjas e nos corais da costa Norte de Portugal continental - desde Caminha até Leixões - que vivem em zonas entre os 20 e os 750 metros de profundidade. "Neste momento, estamos a focar-nos na plataforma continental e no talude superior de Portugal continental, mas não quer dizer que o projecto não seja depois replicado a outros níveis."

Joana Xavier explica que é comum os pescadores capturarem acidentalmente alguns destes organismos e, por isso, poderão ter informação relativa à distribuição ou às tendências populacionais

das espécies. "Achamos que esta é uma fonte de conhecimento que ainda está muito subaproveitada para trabalhos científicos." Os dados recolhidos pelos cientistas e pelos pescadores serão depois agregados numa base de dados online de acesso aberto. "Para que isso funcione, vamos organizar um conjunto de workshops". O conhecimento sobre as esponjas e corais servirá também para propor medidas e desenvolver ferramentas que visem a gestão sustentável e a conservação destes animais e dos habitats por eles formados.

As esponjas e corais formam habitats, que fazem lembrar jardins, com papéis ecológicos importantes para o equilíbrio do ecossistema marinho. "Quando ocorrem em grandes agregações, são elementos estruturantes do fundo do mar", esclarece Joana Xavier. "Têm uma estrutura tridimensional que é ótima em termos de habitat para outros organismos, como pequenos crustáceos e peixes." As esponjas e os corais pertencem a filos diferentes e possuem morfologias distintas, mas são seres aparentados. "Tanto um como outro apareceram nos oceanos há muito tempo, há mais de 500 milhões de anos e existem muitas espécies."

A pesca de arrasto é uma das principais ameaças que colocam em perigo estes invertebrados. Joana Xavier destaca também a exploração de petróleo - devido ao impacto sobre os fundos marinhos - e as alterações climáticas. Contudo, no mar profundo - onde se forma a maioria dos recifes de coral em Portugal -, o impacto das mudanças climáticas ainda é pouco conhecido.
Como vai o "engenheiro do ecossistema"?
Luísa Magalhães, investigadora do Centro de Estudos do Ambiente e do Mar da Universidade de Aveiro (CESAM), é a coordenadora do projecto Abordagem Cooperativa Aplicada à Conservação e Gestão do Berbigão (COACH, no acrónimo em inglês). O trabalho incide sobre a espécie Cerastoderma edule na ria de Aveiro. Descrito em 1758 por Carlos Lineu, este berbigão existe em toda a costa atlântica, em vários países da Europa e também no Norte de África. Luísa Magalhães explica que é no continente europeu que a espécie é mais valorizada em termos comerciais.

O projecto COACH é financiado em 56.775 euros. Além do estudo da biologia da espécie, a equipa irá desenvolver uma plataforma online de acesso aberto para reunir a informação recolhida sobre a distribuição da espécie. "A ideia é que esta informação seja actualizada regularmente com dados sobre a reprodução do berbigão ou a ocorrência de alguma ameaça sobre a espécie. Por exemplo, uma doença", clarifica Luísa Magalhães. Através desta ferramenta será possível ainda definir medidas de conservação, que deverão ser estabelecidas também com base na opinião das partes interessadas, como os pescadores.

Os dados recolhidos sobre a distribuição, abundância e saúde reprodutiva da espécie permitirão avaliar o estado das populações de berbigão na ria de Aveiro. "Não existe uma análise do ciclo de vida, nem do ciclo reprodutivo do berbigão na ria de Aveiro", aponta Luísa Magalhães. "Para além disso, em diversos países da Europa, estão a surgir novas doenças que atacam os bivalves e na ria de Aveiro não se sabe se essa ameaça existe."

A equipa espera ainda promover a sustentabilidade da apanha deste bivalve, através da fundação de uma cooperativa de mariscadores de berbigão. Luís Magalhães explica que este grupo será formado por pessoas interessadas na conservação do berbigão, como pescadores, gestores ou investigadores. "Desta forma podemos gerir o recurso trabalhando de igual forma, em vez de haver um órgão de gestão superior a decidir o que acontece no campo, que muitas vezes não tem em conta o dia-a-dia das pessoas que vivem da apanha do recurso." A investigadora considera que o financiamento do Fundo de Conservação dos Oceanos será bastante útil não só para o estudo do berbigão, mas também para criar e divulgar a plataforma online e a cooperativa.

O berbigão é considerado o "engenheiro do ecossistema". A actividade deste invertebrado desencadeia um processo de bioturbação, isto é, a movimentação dos sedimentos e do ambiente à sua volta. Isso cria condições favoráveis para outras espécies se estabelecerem. O próprio berbigão é também habitat de espécies parasitas e um importante elo de ligação entre as cadeias tróficas inferiores e superiores.
Lapa gigante das Selvagens: endémica ou não?

O projecto As Lapas das Selvagens (SLIP, no acrónimo em inglês), que recebe do Fundo de Conservação dos Oceanos 33.525 euros, tem como objectivo final definir uma estratégia de conservação da lapa gigante das ilhas Selvagens (Patella candei), no arquipélago da Madeira. A equipa é coordenada pela Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias (ULHT) e inclui investigadores do Museu de História Natural do Funchal, do Centro de Ciências do Mar da Universidade do Algarve e do Instituto Português de Malacologia.

O biólogo Gonçalo Calado, da ULHT, explica que o conhecimento científico sobre esta lapa é escasso. "Sabe-se que é uma espécie de grandes dimensões [a concha mede entre dez e 15 centímetros de comprimento], ou que vive na zona entre-marés da Selvagem Grande e da Selvagem Pequena." Esta lapa gigante é herbívora e foi descrita pela primeira vez em 1840, na ilha de Tenerife (Canárias) por Alcide Dessalines d'Orbigny.

Actualmente, nas Canárias, a espécie está circunscrita à ilha de Forteventura. O número de indivíduos deste molusco foi diminuindo ao longo dos anos devido à apanha para consumo, tanto no arquipélago das Canárias como nas Selvagens (até estas estas ilhas terem ficados protegidas numa reserva natural em 1971). "Há trabalhos contraditórios sobre se a espécie das Selvagens é ou não a mesma da das Canárias. Há um trabalho mais recente que diz que sim e há outros que dizem que não", refere Gonçalo Calado.

Através de estudos genéticos, esta equipa quer dissipar a dúvida e perceber se a lapa gigante das ilhas Selvagens é aí endémica. A partir daí, os investigadores poderão ajudar a definir o estatuto de conservação das populações das ilhas Selvagens e promover medidas de protecção. "No Mediterrâneo, existe outra lapa, a Patella ferruginea, que está classificada como criticamente em perigo", assinala Gonçalo Calado. "A lapa gigante das ilhas Selvagens tem certamente efectivos populacionais mais pequenos e não tem nenhum estatuto de conservação."

Com o dinheiro proveniente do Fundo de Conservação dos Oceanos, a equipa planeia ir às Selvagens em Junho. Gonçalo Calado diz que o financiamento vai ser "muito útil" para fazer os estudos genéticos. Os cientistas irão sequenciar e comparar os genes activos das populações das lapas gigantes das Selvagens e compará-los ainda com os genes das lapas de Forteventura e de duas espécies da Madeira e dos Açores, que já foram consideradas subespécies da lapa gigante das ilhas Selvagens. "Para resolver esta parte [o dinheiro] chega perfeitamente. Depois queremos arranjar outro tipo de financiamento [para o estudo sobre o estatuto de conservação]."

Texto editado por Teresa Firmino

Foto

André M. Nóbrega

Jornada comemorativa do Dia Nacional do Mar 2019

Tipo Meio: Internet Data Publicação: 12/11/2019

Meio: CNC - Centro Nacional de Cultura Online - E-Cultura Online

URL: https://www.e-cultura.sapo.pt/evento/16144

A Sociedade de Geografia de Lisboa (SGL) e a Câmara Municipal de Vila do Conde (CMVC) promovem conjuntamente uma jornada comemorativa do Dia Nacional do Mar de 2019 sob o tema "A Água: Condição da Vida na Terra"

Um enlace plural da celebração dos 500 anos do início da viagem de circum-navegação Magalhães-Elcano (1519-1522) com a recente dramatização por parte das Nações Unidas dos riscos associados ao incumprimento do compromisso saído do Acordo de Paris de 2016 na luta contra as alterações climáticas, uma e outra assinaladas sob dois tópicos e em momentos diferentes: 16 de novembro (sábado), Dia Nacional do Mar, em Vila do Conde, "O Mar Oceano na Descoberta do Mundo". 18 de novembro (2.ª feira), em Lisboa, na sede da SGL, "O Oceano e a Sobrevivência Global".

O Dia Nacional do Mar

A Resolução do Conselho de Ministros n.º 83/98 (D.R. n.º 157/1998, Série I-B de 1998-07-10) institucionalizou o dia 16 de novembro como Dia do Mar, data de entrada em vigor em 1994 da Convenção das Nações Unidas sobre o Direito do Mar, o qual passou a receber a designação de Dia Nacional do Mar para distinguir o seu caráter luso de outros eventos similares, tais como, o Dia Europeu do Mar, o Dia do Pescador, o Dia Mundial dos Oceanos, o Dia do Marítimo e o Dia Mundial do Mar.

Vila do Conde, 16 de novembro (sábado)
Programa "O Mar Oceano na Descoberta do Mundo"

- 15h00/15h45, na Nau Quinhentista, cerimónia de aposição inaugural do carimbo comemorativo do Dia Nacional do Mar, cujo desenho representa uma Nau Quinhentista com o significado de ser uma evocação às embarcações (naus, caravelas, barcas) que foram essenciais na descoberta do Mundo por via do Mar Oceano, agora realçada com a comemoração dos 500 anos da partida da viagem de circumnavegação Magalhães-Elcano (1519-1522) de uma armada de cinco naus, tendo apenas completado a viagem a Victória, sob o comando inicial de Fernão de Magalhães e depois de Juan Sebástian Elcano, o qual largou de S. Lúcar de Barrameda como mestre da nau Concépcion. Em descobertas memoráveis, refira-se as naus Santa Maria de Cristóvão Colombo e a S. Gabriel de Vasco da Gama. O carimbo com a legenda "Dia Nacional do Mar", "Nau Quinhentista (Séc. XVI)", "CTT Vila do Conde" e "2019.11.16" foi criado por especial deferência da Direção de Filatelia dos CTT - Correios de Portugal, SA, que deste modo confere dignidade filatélica ao evento.

- 15h45/17h00, no edifício da Alfândega Régia - Museu de Construção Naval, abertura de um posto de correio temporário para aposição pública do carimbo comemorativo com distribuição graciosa de um bilhete-postal que reproduz o cartaz do Dia Nacional do Mar.

- 15h45/16h45, visita das entidades convidadas ao núcleo da Alfândega Régia - Museu de Construção Naval e Nau, com inauguração da mostra digital da SGL sobre "A Biodiversidade na Viagem de Circum-Navegação de Magalhães-Elcano (15191522)".

- 17h00, sessão de evocação de "O Mar Oceano na Descoberta do Mundo" no edifício da Alfândega Régia - Museu de Construção Naval, sob a presidência da Dr.ª Elisa Ferraz, Presidente da Câmara Municipal de Vila do Conde:

_Abertura.
_"O significado da celebração da jornada comemorativa do Dia Nacional do Mar", representante da SGL.
_"O Projeto da Nau Quinhentista", com homenagem a todos que nele participaram, incluindo o Almirante Rogério d'Oliveira, autor do estudo científico.
_Comunicação "O Estudo Náutico e Geográfico da Primeira Viagem de CircumNavegação por Avelino Teixeira da Mota em 1943", Comandante Carlos Baptista Valentim (Museu de Marinha).
_Comunicação (sobre o significado da participação da comunidade vila-condense na descoberta do Mundo a partir do Mar Oceano) por orador a convidar pela Câmara Municipal de Vila do Conde.
_Encerramento pela Dr.ª Elisa Ferraz com breves intervenções das entidades componentes da mesa da presidência.
_Finale pelo Quinteto Clássico da Banda da Armada (a confirmar).
_Fecho.

Sociedade de Geografia de Lisboa, 18 de novembro (2.ª feira)
Programa "O Oceano e a Sobrevivência Global"

- 15h00/16h45, no auditório Adriano Moreira, colóquio "O Oceano e a Sobrevivência Global", com moderação do Prof. Cat. João Pinto Guerreiro (Faculdade de Economia, Universidade do Algarve):

_Abertura, com introdução pelo Contra-Almirante José Bastos Saldanha, Presidente da Mesa da Secção de Geografia dos Oceanos da SGL.
_"A importância do Oceano e da Criosfera para a Humanidade" evidenciada no Relatório Especial sobre Oceano e Criosfera num Clima em Mudança e da aprovação do Resumo para Decisores na 51.ª Sessão do Grupo Intergovernamental de Especialistas sobre Alterações Climáticas (IPCC), 20 a 24 de setembro de 2019, pelo Prof. Cat. Rui Perdigão (Universidade de Viena-Áustria e Coordenador do Grupo de Investigação Climate Change Impacts, Adaptation and Modelling (CCIAM-CE3C) da Universidade de Lisboa).
_"O Contributo da Segunda Avaliação do Estado do Oceano para a Preparação da Agenda das Nações Unidas para a Década da Ciência Oceânica para o Desenvolvimento Sustentável (2021-2030) a apresentar em 2020, à 75.ª Assembleia Geral das Nações Unidas", pela Prof.ª Cat. Maria João Bebianno (Coordenadora do CIMA ? Centro de Investigação Marinha e Ambiental da Universidade do Algarve e membro do Grupo de Peritos das Nações Unidas para a Avaliação da Qualidade do Ambiente Marinho incluindo os Aspetos Socioeconómicos).
_"A Ciência da Sustentabilidade: Um desafio epistemológico?":
a) "A perspetiva multidisciplinar do CESAM ? Centro de Estudos do Ambiente e do Mar da Universidade de Aveiro", pela Doutora Ana Isabel Lillebo (coordenadora do CESAM).
b) Prof. Doutor Miguel Pires Amado (Instituto Superior Técnico e CERISInvestigação e Inovação em Engenharia Civil para a Sustentabilidade).
_Debate.
_Encerramento.

- 17h00, na sala Algarve, visita à Exposição temporária sobre Gago Coutinho na evocação dos 150 anos do seu nascimento e 60 anos da sua morte, organizada pela SGL.

- 17h30, no auditório Adriano Moreira, sessão solene, presidida pelo Prof. Cat. Luís Aires-Barros, Presidente da SGL:
_Abertura, "O significado da celebração da jornada comemorativa do Dia Nacional do Mar", Contra-Almirante José Bastos Saldanha, Presidente da Mesa da Secção de Geografia dos Oceanos da SGL.
_"Uma apreciação preliminar sobre o colóquio O Oceano e a Sobrevivência Global", Prof. Cat. João Pinto Guerreiro.

_Em memória dos sócios da SGL que se destacaram na Causa do Mar Português, apresentação pelos autores (presença a confirmar) do vídeo "O Mar que há em nós" da Escola Básica e Secundária de Santa Maria, Açores, que foi vencedor em 2018 do Prémio Mário Ruivo ? Gerações Oceânicas com a finalidade de laurear anualmente um projeto original no tema "Conhecer e Interagir com o Oceano" realizado por alunos em contexto escolar, que registem em filme a importância do Oceano para a vida quotidiana e para o futuro da Humanidade. O Prémio é promovido pela Direção-Geral de Política do Mar, em parceria com a Direção-Geral da Educação e a Direção-Geral do Património Cultural
_Preito singelo ao consócio Almirante Rogério d'Oliveira, pelo Almirante António Balcão Reis.
_Intervenção de S. Ex.ª a Dr.ª Elisa Ferraz, Presidente da Câmara Municipal de Vila do Conde.
_Intervenção de S. Ex.ª o Almirante António Mendes Calado, Chefe do Estado-Maior da Armada e, por inerência, Autoridade Marítima Nacional (a confirmar).
_Intervenção de S. Ex.ª o Almirante António Silva Ribeiro, Chefe do Estado-MaiorGeneral das Forças Armadas (a confirmar).
_Intervenção de S. Ex.ª o Ministro do Mar, Doutor Ricardo Serrão Santos (a confirmar).
_Palavras de encerramento, Presidente da SGL.
_Finale pelo Quinteto Clássico da Banda da Armada (a confirmar).
_Fecho.

O cartaz do Dia Nacional do Mar de 2019 é uma conceção da designer Laura Saldanha que pretende assinalar o V Centenário da Viagem de Circum-Navegação Magalhães-Elcano (1519-1522) (em reprodução da respetiva Carta Comemorativa autorizada pela Estrutura de Missão para as Comemorações do V Centenário da Circum-Navegação comandada pelo navegador português Fernão de Magalhães 1519-1522) e o Conhecimento Náutico Português que lhe está indelevelmente associado e é representado pela imagem de uma nau quinhentista Portuguesa (em cópia aprovada pelo Museu de Marinha da alegoria pintada por João Vaz de 1909). A imagem desta nau, representada no carimbo comemorativo, serve também para evocar, na jornada comemorativa de Vila do Conde, as embarcações (naus, caravelas, barcas) que foram essenciais na descoberta do Mundo por via do Mar Oceano.

Agradece-se a inscrição

Sociedade de Geografia de Lisboa

Rua das Portas de S. Antão, 100

1150-269 LISBOA

Tlf: 213 425 401/068 | Fax: 231 464553

geral@socgeografialisboa.pt

www.socgeografialisboa.pt

Câmara Municipal de Vila do Conde
Praça Vasco da Gama
4480-454 Vila do Conde
Tlf: 252 248 400 | Fax: 252 641 853
geral@cm-viladoconde.pt
www.cm-viladoconde.pt

CISION

Diário do Alentejo

ID: 83382976

08-11-2019

Meio: Imprensa
País: Portugal
Period.: Semanal
Âmbito: Regional

Pág: 10
Cores: Cor
Área: 25,40 x 36,00 cm²
Corte: 1 de 3

> "A diminuição severa de água da chuva disponível no solo pode resultar na diminuição de disponibilidade de água dos rios e dos aquíferos, o que numa situação limite pode condicionar a quantidade de água disponível para consumo humano e do ecossistema".

A aridez dos solos e a suscetibilidade à desertificação afetam mais de 58 por cento do território português, atingindo em especial o Alentejo e Algarve. Problemas vão agravar-se.

Culturas intensivas "aumentam risco de erosão dos solos"

deserto

TEXTO **LUÍS GODINHO**



JOSÉ FERROLHO

Portugal está a falhar o combate à desertificação. O alerta foi deixado numa auditoria do Tribunal de Contas que critica a ineficácia do Programa de Ação Nacional de Combate à Desertificação (Pancd). Adotado em 2014, o programa integra quatro objetivos estratégicos, 21 objetivos específicos e 90 linhas de ação que definem as medidas concretas consideradas essenciais ou prioritárias para combater a desertificação. O problema, diz o Tribunal de Contas, é que passados cinco anos estão por identificar as atividades desenvolvidas e as áreas de coordenação responsáveis pela sua execução, bem como os custos envolvidos e a articulação com os diversos programas de financiamento. O que quer dizer que está comprometida a "operacionalização e eficácia das ações necessárias a um efetivo combate à desertificação no País".

Um dos exemplos referidos é a linha de ação para conservar e promover os montados e outros sistemas agroflorestais mediterrânicos, definindo-se como metas a recuperação dos povoamentos de azinheira em pelo menos 10 por cento da área atual, "invertendo a tendência regressiva e promovendo as economias associadas" e a manutenção a longo prazo das atuais áreas de sobreiro, "adequando a sua silvicultura às condições áridas e a promoção de novos povoamentos nas orlas das situações sub-húmidas secas e húmidas". O Pancd foi aprovado em 2014. Entre 2015 e 2019, de acordo com dados do Inventário Florestal Nacional, a área de montado de sobro reduziu-se em quatro mil hectares, passando de 705 para 701 mil hectares. O povoamento de azinhal reduziu-se em cerca de dois mil hectares. De acordo com a auditoria, as linhas de ação definidas pelo programa "não representam, em geral, atividades concretas suscetíveis de gerar os produtos e resultados pretendidos", correspondendo apenas a "intenções de ação" que nem sequer concretizam as tarefas definidas.

O relatório recorda que o risco de desertificação está a aumentar, designadamente, na Europa do Sul, Central e de Leste, sendo que Portugal se encontra "entre as áreas europeias com maior vulnerabilidade" a este fenómeno – a aridez dos solos e a correspondente suscetibilidade à desertificação afetam mais de 58 por cento do território, tratando-se de uma situação particularmente grave nas áreas do Sul e do interior Centro e Norte. É uma subida de 22 pontos percentuais comparativamente com a área sinalizada em 1990. Além disso, estudos recentes sobre as alterações climáticas em Portugal, nos quais foram utilizadas simulações de diferentes modelos climáticos, apontam para um aumento significativo da temperatura média em todas as regiões do País até 2100, acompanhado por uma diminuição da precipitação que poderá chegar aos 40 por cento. É igualmente previsto um aumento da temperatura máxima no verão, que poderá chegar aos 7ºC nas regiões do interior, um incremento da frequência das ondas de calor e o aumento do número de dias quentes (máxima superior a 35ºC) e de noites tropicais (mínimas superiores a 20ºC). "Essas mudanças tornam expectável o aumento da desertificação no nosso país, sendo ainda suscetíveis de originar um aumento dos riscos de incêndio, o prolongamento da respetiva época e, consequentemente, o aumento das áreas queimadas em algumas regiões do País".

As atividades humanas, nomeadamente, a "sobre-exploração da água e dos solos, designadamente, na agricultura, o uso excessivo de produtos agroquímicos, práticas agrícolas não sustentáveis, ordenamento deficiente do território, abandono do interior do País, incêndios recorrentes e de grande dimensão" são outras causas que explicam o avanço da desertificação em Portugal. A estas, o Tribunal de Contas soma "a mobilização intensiva do solo", a ampla mecanização agrícola e a "falta de períodos de repouso da terra, que ocorreram em especial no Alentejo e que reduziram em larga medida a camada superficial do solo", acrescentando que as culturas intensivas "aumentam o risco de erosão do solo, de salinização do mesmo e de sobre-exploração da água".

O relatório, a que o "Diário do Alentejo" teve acesso, chama a atenção para a importância dos montados de sobro e de

CISION

Diário do Alentejo

ID: 83382976

08-11-2019

Meio: Imprensa
País: Portugal
Period.: Semanal
Âmbito: Regional

Pág: 11
Cores: Cor
Área: 13,75 x 33,60 cm²
Corte: 2 de 3



Precipitação no interior do Alentejo pode diminuir 80 por cento até 2065

Em 2065 a diminuição da precipitação média anual vai diminuir entre 10 e 30 por cento

Um estudo realizado na Universidade de Aveiro (UA), e agora divulgado, prevê um cenário de escassez de água no ecossistema e para o consumo humano nos próximos 45 anos. "A diminuição severa de água da chuva disponível no solo pode resultar na diminuição de disponibilidade de água dos rios e dos aquíferos, o que numa situação limite pode condicionar a quantidade de água disponível para consumo humano e do ecossistema", revelou Paula Quinteiro, coordenadora do estudo e investigadora do Centro de Estudos do Ambiente e do Mar (Cesam), uma das unidades de investigação da UA.

O quadro é preocupante. "Os valores médios de precipitação previstos para o período compreendido entre 2046 e 2065 apontam para uma diminuição média anual da precipitação em Portugal Continental de cerca de 10 por cento na zona Norte e em todo o litoral e de cerca de 30 por cento nas zonas do interior e do Sul do País". Mas o pior está reservado para o Alentejo, onde, segundo Alfredo Rocha, professor de meteorologia que também integrou o grupo do estudo, "a zona de Beja e Mértola vai ter um mínimo de precipitação", podendo chegar aos 80 por cento.

Perante estas conclusões, os investigadores defendem a implementação de medidas urgentes para melhor captar e gerir a água da chuva.

O estudo foi realizado pelo Departamento de Física da UA no âmbito do projeto Clicurb – Urban Atmospheric Quality, Climate Change and Resilience, coordenado pelo Grupo de Emissões Modelação e Alterações Climáticas do Departamento de Ambiente e Ordenamento (DAO) da UA e financiado pela Fundação para a Ciência e a Tecnologia (FCT).

Segundo os investigadores, "o aumento da temperatura global do planeta potencia alterações no ciclo global da água, aumentando o contraste entre regiões secas e húmidas". Isto significa que o planeta terá um comportamento bipolar: áreas com um aumento de precipitação e com o consequente agravamento do risco de inundação e áreas com uma redução da precipitação e com o consequente aumento do risco de secas.

BARRAGENS COM POUCA ÁGUA

A quantidade de água armazenada subiu em outubro apenas na bacia hidrográfica do Ave e desceu nas outras 11 em comparação com o mês de setembro, segundo dados do Sistema Nacional de Informação de Recursos Hídricos (Snirh). As albufeiras com menor disponibilidade de água situam-se em outubro nas bacias do Guadiana e do Sado. Na bacia do Guadiana, a albufeira de Abrilongo (Campo Maior) estava em outubro apenas com 1,8 por cento da sua capacidade e a de Lucefit (Alandroal) com 4,5 por cento. No Sado, a albufeira de Campilhas (Santiago do Cacém) estava em outubro com 6,6 por cento de disponibilidade de água e Monte da Rocha (Ourique) com 8,5 por cento.

azinho "como sistemas de gestão sustentável" mas sublinha as dificuldades existentes "atentas as razões económicas que levam os proprietários a preferir a agricultura intensiva". "Esta preferência origina compactações do solo que diminuem a infiltração de água e aumentam o escoamento e a erosão, assim aumentando os riscos de degradação do solo e favorecendo a desertificação". Em causa está ainda a "insuficiência" de incentivos à "adoção de práticas agrícolas sustentáveis", existindo até apoios em sentido contrario, ou seja, financiamento a "práticas agronómicas inadequadas ao território concreto", como seja a subsidiação por cabeça de gado.

Face a estas conclusões, a associação ambientalista Quercus critica a "falta de cuidado dado ao Plano da Ação Nacional de Combate à Desertificação, elaborado em 2014, mas escassamente posto em prática" ao longo dos últimos cinco anos. "Sendo a desertificação um problema que afeta gravemente o País, especialmente o Sul, e agravada pelos fenómenos de alterações climáticas, como secas que têm vindo a ser observadas nos últimos anos em algumas zonas do território nacional, não se percebe que as medidas de um plano desenhado há cinco anos não tenham sido levadas a cabo, na prática, os recursos financeiros e humanos para as materializar sejam insuficientes, e que não tenham sido definidas entidades responsáveis para as executar", acrescenta a associação.

A Quercus lembra que o problema "é demasiado importante" para ficar fora da agenda política nacional e apela ao Governo para "pôr de facto em prática as medidas necessárias para combater o problema da desertificação de modo a atingir o objetivo da neutralidade da degradação dos solos até 2030".

CISION

Diário do Alentejo

ID: 83382976

08-11-2019

Meio: Imprensa
País: Portugal
Period.: Semanal
Âmbito: Regional

Pág: 1
Cores: Cor
Área: 4,67 x 3,93 cm²
Corte: 3 de 3



Autarcas, técnicos, empresários e cidadãos contestam declarações de António Costa sobre Linha do Alentejo

"Governo não pretende honrar recomendação do Parlamento"

Primeiro-ministro diz que ligação entre Beja e Funcheira não está nos planos de investimento até 2030 | 6

Semanário Regionalista Independente

Diário do Alentejo

Sexta-feira
8 NOVEMBRO 2019
Diretor: Luís Godinho
Ano LXXXVIII, N.º 1959 (II Série)
Preço: € 1,00

JOSÉ FERRO HO

Politécnico de Beja: quadro décadas a lutar contra a demografia | 8

Desertificação já atinge 58 por cento do território | 10/11

História: c entenário das eleições na republicana vila de Cuba | 16/17

Reportagem: regresso ao Brejão no centenário da fadista | 4/5

amália

Esfera do Recomeço
Porque todos os dias a nossa vida recomeça.
À venda na Loja Cubo (IPBeja) e na Ourivesaria Tavares.

INSTITUTO POLITÉCNICO DE BEJA 40 ANOS
IPBEJA, O TEU SONHO, O TEU FUTURO!

CISION

Mundo Português

41 anos a acreditar num projecto e a construir um ideal

ID: 83421769

08-11-2019

Meio: Imprensa
País: Portugal
Period.: Semanal
Âmbito: Outros Assuntos

Pág: 19
Cores: Cor
Área: 23,80 x 19,95 cm²
Corte: 1 de 2



UNIVERSIDADE DE AVEIRO DEFENDE QUE O SEU CRESCIMENTO DEVE SER ESTIMULADO

Musgos têm um papel essencial na gestão de solos queimados

Uma investigação da Universidade de Aveiro (UA) prova que os musgos não só previnem a erosão dos solos como retêm a humidade e conservam a fertilidade da terra.

Os musgos têm um papel fundamental na conservação do solo afetado por um incêndio florestal e, por isso, o seu crescimento deve ser estimulado, defende a Universidade de Aveiro em resultado de uma investigação do Departamento de Ambiente e Ordenamento (DAO) e do grupo de Planeamento e Gestão do Zonas Costeiras (CZPM) do Centro de Estudos do Ambiente e do Mar (CESAM) da UA.

O estudo quantificou, pela primeira vez em Portugal, o papel ecológico dos musgos na conservação do solo após incêndios florestais, explica a UA numa nota enviada ao 'Mundo Português'. Realizado no âmbito do projeto RECARE, o estudo demonstrou "que os musgos previnem a erosão em áreas ardidas, ajudando a consolidar a estrutura dos solos, a reter a sua humidade e a conservar a sua fertilidade". Os investigadores da UA monitorizaram, durante um ano, uma encosta de uma plantação florestal ardida, na qual ocorreu uma colonização espontânea de musgos nas primeiras semanas após o incêndio florestal.

Ao longo do ano, foi quantificada a escorrência superficial induzida pela chuva e a perda de sedimentos e de matéria orgânica, em parcelas de solo com diferentes quantidades de musgo na sua cobertura. "Estes parâmetros foram correlacionados com a evolução do coberto vegetal ao longo do primeiro ano após incêndio e mostraram que o desenvolvimento de uma cobertura anual média com 67 por cento de musgos permitiu reduzir a erosão anual em 65 por cento (de 1150 para 400 quilogramas de solo por hectare)", revela a UA.



Os investigadores Flávio Silva, Diana Vieira e Jacob Keizer

'ENGENHEIROS' DO ECOSSISTEMA

Enquanto recurso não renovável, "o solo é um compartimento ecológico estratégico que está nas prioridades da agenda de políticas europeias, sendo a sua conservação fortemente encorajada", aponta Flávio Silva.

O investigador, autor do trabalho a par com os investigadores do CESAM Diana Vieira e Jacob Keizer, e de Els van der Spek, da Universidade de Wageningen (Holanda), garante que "os musgos podem ser encarados como 'engenheiros' de ecossistema naturais que constituem o primeiro passo para a preservação da fertilidade dos solos, proporcionando todas as condições para o desenvolvimento da biodiversidade subsequente". "Os musgos são espécies pioneiras em solos recentemente ardidos, embora a sua proliferação dependa de condições ambientais específicas", explica Flávio Silva. E estimular o desenvolvimento de musgos em áreas ardidas pode ser um importante instrumento de gestão de solos após incêndios florestais.

"Os musgos são espécies vegetais cosmopolitas e desenvolvem-se muito bem em solos pobres, e por isso a sua proliferação é fácil e rápida, requerendo apenas alguma humidade e luz solar baixa ou moderada", acrescenta o investigador.

À venda no mercado, podem ser encontrados esporos de várias espécies de musgos. A abordagem indicada para utilização de musgos para prevenção da erosão pós-incêndio passa por incluir esses esporos ou fragmentos triturados de musgo seco, a baixo custo adicional, nos lotes de misturas de sementes já habitualmente utilizados em medidas de estabilização de emergência pós-incêndio.

Normalmente esta técnica de sementeira, lembra Flávio Silva, "é aplicada por hidrossementeira (mistura de água com as sementes e outros componentes que promovem a estabilização do solo) ou por helicóptero como se tem feito nos Estados Unidos". Para diminuir os custos operacionais os investigadores aconselham que se devem identificar previamente as áreas mais críticas sujeitas a erosão e fazer a aplicação da sementeira apenas nessas áreas. Como os musgos se desenvolvem rapidamente, eles retêm o solo e a humidade necessários para o desenvolvimento posterior de plantas vasculares.

O estudo foi publicado na revista 'Ecological Engineering' e destacado pela Comissão Europeia na importante newsletter 'Science for Environment Policy'.

CISION

Mundo Português — 41 anos a acreditar num projecto e a construir um ideal

ID: 83421769

08-11-2019

Meio: Imprensa
País: Portugal
Period.: Semanal
Âmbito: Outros Assuntos

Pág: 1
Cores: Cor
Área: 8,57 x 2,81 cm²
Corte: 2 de 2





Guarda p.6

Mecânico faz candeeiros e mesas com peças velhas



Viana do Alentejo p.8

Está a ser distribuída fruta às crianças nas escolas



Ciência p.19

Musgos com papel essencial na gestão de solos queimados

O EMIGRANTE

Mundo PORTUGUÊS

desde 1970

Edição 2041
1,20 Euro
8 de novembro de 2019
a 14 de novembro de 2019

Diretor: Maria da Conceição Granado de Almeida
www.mundoportugues.pt
redaccao@mundoportugues.pt



TP AIRPORTUGAL

PROGRAMA DO GOVERNO FOI APRESENTADO NA ASSEMBLEIA DA REPÚBLICA



Primeiro-Ministro reconhece ser preciso:

"Fazer mais e melhor" p. 2 e 3

AEROPORTO DE LISBOA p.4

Sistema inovador "sempre a andar" vai permitir passagens mais rápidas nos controlos fronteiriços

AGRICULTURA p.10

Ministério alerta para aumento da praga dos citrinos



TURISMO p.12

PORTUGAL DE LÉS-A-LÉS

Uma nova rubrica semanal para descobrir Portugal de Norte a Sul pela Estrada N2



FEIRA DO CAVALO ATÉ 11 DE NOVEMBRO

Mais de meio milhão de pessoas vão passar pela Golegã nestes dias p. 7



PELO MUNDO p.13-14

BÉLGICA: Conselheiro das Comunidades Pedro Rupio defende recenseamento automático para estrangeiros

CANADÁ: Casal luso-canadiano pede ajuda para filha que precisa de medicamento de 2 milhões de euros

ESTUDO RECENTE REVELA p.18

Portugal é o 18º melhor país do mundo para viver



LIGA PORTUGUESA p.22

Benfica segue na frente



UNESCO APROVA p.15

5 de Maio vai ser o dia Mundial da Língua Portuguesa



PUB

Leia em Português todas as semanas com o **Mundo Português**
...veja como na página 6

CISION

Diário de Viseu

ID: 83338257

06-11-2019

Meio: Imprensa
País: Portugal
Period.: Diária
Âmbito: Regional

Pág: 2
Cores: Cor
Área: 26,06 x 23,98 cm²
Corte: 1 de 2



Musgo actua na ciclagem de nutrientes
Os musgos desempenham importante papel na ciclagem de nutrientes, liberando substâncias necessárias ao desenvolvimento de plantas mais complexas. Ajudam a controlar a erosão e actuam na absorção de água.

Destaque

Investigadores descobrem papel do musgo na gestão de solos queimados

Estudo Os musgos têm um papel fundamental na conservação do solo afectado por um incêndio florestal e, por isso, o seu crescimento deve ser estimulado, dizem os investigadores do Departamento de Ambiente e Ordenamento da UA

DR



Investigadores Flávio Silva, Diana Vieira e Jacob Keizer responsáveis pelo estudo que foi destacado pela Comissão Europeia

Uma investigação desenvolvida pela Universidade de Aveiro (UA) provou que os musgos não só previnem a erosão dos solos como retêm a humidade e conservam a fertilidade da terra. A equipa de investigadores do Departamento de Ambiente e Ordenamento (DAO) e do grupo de Planeamento e Gestão do Zonas Costeiras (CZPM) do Centro de Estudos do Ambiente e do Mar (CESAM) da UA quantificou, pela primeira vez em Portugal, o papel ecológico dos musgos na conservação do solo após incêndios florestais.

Realizado no âmbito do projeto RECARE, o estudo demonstrou que os musgos previnem a erosão em áreas ardidas, ajudando a consolidar a estrutura dos solos, a reter a sua humidade e a conservar a sua fertilidade.

Na investigação, os cientistas da UA monitorizaram, durante um ano, uma encosta de uma plantação florestal ardida, na qual ocorreu uma colonização espontânea de musgos nas primeiras semanas após o incêndio florestal.

Foi quantificada a escorrência superficial induzida pela chuva, assim como a perda de sedimentos e de matéria orgânica, em parcelas de solo com diferentes fracções de musgo na sua cobertura. Estes parâmetros foram correlacionados com a evolução do coberto vegetal ao longo do primeiro ano após incêndio e mostraram que o desenvolvimento de uma cobertura anual média com 67 por cento de musgos permitiu reduzir a erosão anual em 65 por cento (de 1150 para 400 quilogramas de solo por hectare).

Enquanto recurso não renovável, aponta o investigador Flávio Silva, "o solo é um compartimento ecológico estratégico que está nas prioridades da agenda de políticas europeias, sendo a sua conservação fortemente encorajada".

O investigador, autor do trabalho a par com os investigadores do CESAM Diana Vieira e Jacob Keizer, e de Els van der Spek, da Universidade de Wageningen (Holanda), garante que "os musgos podem ser encarados como 'engenheiros' de ecossistema naturais que constituem o primeiro passo para a preservação da fertilidade dos solos, proporcionando todas as condições para o desenvolvimento da biodiversidade subsequente".

CE destaca trabalho

"Os musgos são espécies pioneiras em solos recentemente ardidos, embora a sua proliferação dependa de condições ambientais específicas", refere Flávio Silva. No entanto, o estudo sugere que estimular o desenvolvimento de musgos em áreas ardidas pode ser um importante instrumento de gestão de solos após incêndios florestais.

"Os musgos são espécies vegetais cosmopolitas e desenvolvem-se muito bem em solos pobres, e por isso a sua proliferação é fácil e rápida, requerendo apenas alguma humidade e luz solar baixa ou moderada", explica o investigador que acrescenta: "Como são tolerantes a contextos de seca extrema, embora pareçam mortos quando sujeitos ao calor, basta alguma humidade para que se reabilitem, e os esporos também continuam viáveis".

À venda no mercado, podem ser encontrados esporos de várias espécies de musgos. A abordagem indicada para utilização de musgos para prevenção da erosão pós-incêndio passa por incluir esses esporos ou fragmentos triturados de musgo seco, a baixo custo adicional, nos lotes de misturas de sementes já habitualmente utilizados em medidas de estabilização de emergência pós-incêndio. Normalmente esta técnica de sementeira, lembra Flávio Silva, "é aplicada por hidrossementeira [mistura de água com as sementes e outros componentes que promovem a estabilização do solo] ou por helicóptero como se tem feito nos Estados Unidos".

No entanto, para diminuir os custos operacionais, e tal como deve acontecer com todas as medidas de estabilização de emergência pós-incêndio, os investigadores aconselham que se devem identificar previamente as áreas mais críticas sujeitas a erosão e fazer a aplicação da sementeira apenas nessas áreas. Como os musgos se desenvolvem rapidamente, eles retêm o solo e a humidade necessários para o desenvolvimento posterior de plantas vasculares

CISION

Diário de Viseu

ID: 83338257

06-11-2019

Meio: Imprensa
País: Portugal
Period.: Diária
Âmbito: Regional

Pág: 1
Cores: Cor
Área: 5,64 x 2,33 cm²
Corte: 2 de 2





Diário de Viseu

In Memoriam Adriano Lucas (1925-2011) | Director Adriano Callé Lucas DIÁRIO Nº 5873 6 DE NOVEMBRO DE 2019 QUARTA-FEIRA | 0,75 €

AC VISEU x UD VILAFRANQUENSE
TEMOS
CONVITES
30 Outubro
Quarta-feira
15H00
PÁGINA 10

VISEU MOSTRA BOAS PRÁTICAS NO ENVELHECIMENTO ACTIVO

São sete os projectos do distrito de Viseu finalistas do concurso de Boas Práticas de Envelhecimento Activo e Saudável na Região Centro, promovido pela Comissão de Coordenação e Desenvolvimento Regional do Centro. **Pág. 11**

Comboio está de regresso a Viseu através do teatro
Incubadora | P20

Académico recebe Feirense a 23 para a Taça de Portugal
Às 15h00 | P15



JOSÉ FONSECA



Rota do Rancho em 33 restaurantes

Apresentado no RI14, evento começa dia 8 com número recorde de aderentes **Pág.5**

"Leituras 100 idade" a pensar na qualidade de vida dos seniores
Em Nelas | P3

Estudo descobre papel do musgo nas áreas ardidas
Universidade de Aveiro | P2

CVR Dão leva sabores da região até Lisboa
22 e 23 deste mês | P6

Município de Tondela renovou equipamentos e material escolar
Mais de 110 mil euros | P9

Investigadores descobrem papel do musgo na gestão de solos queimados

Tipo Meio: Internet Data Publicação: 06/11/2019

Meio: Diário de Viseu Online

URL: https://www.diarioviseu.pt/noticia/50239

Uma investigação desenvolvida pela Universidade de Aveiro (UA) provou que os musgos não só previnem a erosão dos solos como retêm a humidade e conservam a fertilidade da terra. A equipa de investigadores do Departamento de Ambiente e Ordenamento (DAO) e do grupo de Planeamento e Gestão do Zonas Costeiras (CZPM) do Centro de Estudos do Ambiente e do Mar (CESAM) da UA quantificou, pela primeira vez em Portugal, o papel ecológico dos musgos na conservação do solo após incêndios florestais.

Leia a notícia completa na edição em papel.

CISION

ID: 83439417

Jornal O Ponto
a nossa terra o nosso jornal

06-11-2019

Meio: Imprensa
País: Portugal
Period.: Quinzenal
Âmbito: Regional

Pág: 8
Cores: Cor
Área: 22,09 x 26,47 cm²
Corte: 1 de 1



Nuno Margarido



Polis

100 mil metros cúbicos de areia já foram

As dragagens da Ria de Aveiro estiveram em discussão no passado dia 24 de outubro, numa mesa redonda promovida pela Associação Portuguesa dos Recursos Hídricos e pelo Núcleo Regional do Centro em conjunto com a Universidade de Aveiro e com a Fábrica Ciência Viva. Uma empreitada que, recorde-se, teve início no passado dia 23 de abril (tem um prazo de execução de 15 meses) e que pretende dragar cerca de um milhão de metros cúbicos de sedimentos, contribuindo tanto para a navegabilidade da Ria como para a deriva litoral.

Uma mesa redonda que iniciou com uma visita a Vagos, um dos locais que, neste momento, acolhe a empreitada, e com a presença de dezenas de cidadãos, comprovando a atenção que a comunidade tem dado à obra. Aí foi garantido que a obra decorre dentro da normalidade e que, até ao momento, já foram dragados cerca de 100 mil metros cúbicos de sedimentos do milhão que está previsto. Atualmente, há quatro dragas a operar: Canal de Ovar, Canal da Murtosa, Canal de Mira (entre a ponte da Barra e da Vagueira) e Rio Boco; mas há planos para que a operação seja reforçada com uma quinta draga em breve. Segundo Carlos Apolo Flores, do consórcio responsável pela obra, a operação tem decorrido dentro da normalidade mas também está "sujeita à dinâmica da ria, com correntes muito fortes. (...) Também a altura de sedimentos dificulta a dragagem, levando que muitos troços tenham de ser feitos à maré". "A Ria está, de facto, assoreada", concluiu. Um assoreamento contrariado por João Miguel Dias, investigador e docente no Departamento de Física da Universidade de Aveiro, que defendeu que, de facto, "há alguns assoreamentos localizados e pontuais mas não um assoreamento generalizado da Ria". O que está a acontecer, afirma, é um "assoreamento aparente" motivado por uma maior amplitude de marés. "A Ria está até mais profunda do que estava no passado", disse.

O desassoreamento da Ria de Aveiro é uma empreitada que será realizada ao longo de 95 quilómetros e financiada em 75% pelo POSEUR (Programa Operacional Sustentabilidade e Eficiência no Uso de Recursos) que pretende garantir as condições de navegabilidade nos canais da Ria e ainda o reforço das margens em zonas baixas ameaçadas pelo avanço das águas.

Pradarias marinhas em recuperação

A Ria de Aveiro é uma das áreas de Portugal com as maiores pradarias marinhas, ou seja, povoações de ervas marinhas que ocorrem quase sempre em substratos móveis, como areia ou lodo. Pradarias que, nas últimas décadas, têm sido ameaçadas pelas dragagens e poluição. O cenário, porém, tem sido animador para a ria de Aveiro como afirmaram investigadores da Universidade de Aveiro (UA) e do Centro de Estudos do Ambiente e do Mar (CESAM) num artigo científico publicado recentemente na revista Scientific Reports. Nas conclusões apresentadas no estudo, as pradarias marinhas da Ria de Aveiro recuperaram entre 2005 e 2014. Esta recuperação, defendem, "estará relacionada com o reequilibro do ecossistema após as dragagens entre 1996 e 1998". Para chegar a esta conclusão, os investigadores avaliaram a distribuição espacial, com o mapeamento a ser realizado com recurso a drones (em 2014) e a fotografia aérea de 2003-2005. Na investigação realizada foi ainda avaliado o stock de Carbono Azul (Blue Carbon) armazenado nas pradarias marinhas da planta aquática Zostera noltei, constituinte do moliço. "Os resultados obtidos mostram uma tendência de recuperação das pradarias marinhas nos últimos anos, contrariando a tendência global de declínio, mas em concordância com as tendências identificadas por outros estudos regionais realizados noutros sistemas europeus".

Este site utiliza cookies da Google para disponibilizar os respetivos serviços e para analisar o tráfego. O seu endereço IP e agente do utilizador são partilhados com a Google, bem como o desempenho e a métrica de segurança, para assegurar a qualidade do serviço, gerar as estatísticas de utilização e detetar e resolver abusos de endereço.

OBTER MAIS INFORMAÇÕES OK

Musgos: descoberto papel essencial na gestão de solos queimados

UNIPLANET EM NOVEMBRO 05, 2019 AMBIENTE, INCÊNDIOS, MUSGO,

HighValue | Conteúdos digitais
HighValue Group
Descarregue este e outros conteúdos GRATUITOS.
ABRIR

Os musgos têm um papel fundamental na conservação do solo afetado por um incêndio florestal e, por isso, o seu crescimento deve ser estimulado.

› Musgos: descoberto papel essencial na gestão de solos queimados
› Japão vai introduzir taxa sobre sacos de plástico em 2020
› Capital da Coreia do Sul acaba com os matadouros de cães



Os musgos têm um papel fundamental na conservação do solo afetado por um incêndio florestal e, por isso, o seu crescimento deve ser estimulado. A descoberta da Universidade de Aveiro (UA) prova que os musgos não só previnem a erosão dos solos como retêm a humidade e conservam a fertilidade da terra.

A investigação do Departamento de Ambiente e Ordenamento (DAO) e do grupo de Planeamento e Gestão do Zonas Costeiras (CZPM) do Centro de Estudos do Ambiente e do Mar (CESAM) da UA quantificou, pela primeira vez em Portugal, o papel ecológico dos musgos na conservação do solo após incêndios florestais.

Realizado no âmbito do projeto RECARE, o estudo demonstrou que os musgos previnem a erosão em áreas ardidas, ajudando a consolidar a estrutura dos solos, a reter a sua humidade e a conservar a sua fertilidade.

Na investigação, os cientistas da UA monitorizaram, durante um ano, uma encosta de uma plantação florestal ardida, na qual ocorreu uma colonização espontânea de musgos nas primeiras semanas após o incêndio florestal.

Foi quantificada a escorrência superficial induzida pela chuva, assim como a perda de sedimentos e de matéria orgânica, em parcelas de solo com diferentes frações de musgo na sua cobertura. Estes

REDES SOCIAIS
57K 2K 2K 459
411 133 119

Pesquisar...

RECENTES

Musgos: descoberto papel essencial na gestão de solos queimados
Nov 05 2019 - UniPlanet

Japão vai introduzir taxa sobre sacos de plástico em 2020
Nov 05 2019 - Ial

Capital da Coreia do Sul acaba com os matadouros de cães
Nov 04 2019 - Ial

Nova Iorque proíbe venda de foie gras
Oct 31 2019 - UniPlanet

Cascais tem agora o centro veterinário mais sustentável de Portugal
Oct 30 2019 - UniPlanet

SUBSCREVER POR E-MAIL
Subscreve e recebe as últimas novidades no teu e-mail.
E-mail...
ENVIAR



Saiba como tornar-se patrono do UniPlanet aqui

MAIS LIDOS

Dorsen tem 8 anos e trabalha 12h/dia para extrair o cobalto dos nossos smartphones e computadores

Vídeo captura momento em que plástico entra na cadeia alimentar

Foi quantificada a escorrência superficial induzida pela chuva, assim como a perda de sedimentos e de matéria orgânica, em parcelas de solo com diferentes frações de musgo na sua cobertura. Estes parâmetros foram correlacionados com a evolução do coberto vegetal ao longo do primeiro ano após incêndio e mostraram que o desenvolvimento de uma cobertura anual média com 67 por cento de musgos permitiu reduzir a erosão anual em 65 por cento (de 1150 para 400 quilogramas de solo por hectare).

Enquanto recurso não renovável, aponta o investigador Flávio Silva, "o solo é um compartimento ecológico estratégico que está nas prioridades da agenda de políticas europeias, sendo a sua conservação fortemente encorajada".

O investigador, autor do trabalho a par com os investigadores do CESAM Diana Vieira e Jacob Keizer, e de Els van der Spek, da Universidade de Wageningen (Holanda), garante que "os musgos podem ser encarados como 'engenheiros' de ecossistema naturais que constituem o primeiro passo para a preservação da fertilidade dos solos, proporcionando todas as condições para o desenvolvimento da biodiversidade subsequente".

Trabalho destacado pela Comissão Europeia

"Os musgos são espécies pioneiras em solos recentemente ardidos, embora a sua proliferação dependa de condições ambientais específicas", refere Flávio Silva. No entanto, o estudo sugere que estimular o desenvolvimento de musgos em áreas ardidas pode ser um importante instrumento de gestão de solos após incêndios florestais.

"Os musgos são espécies vegetais cosmopolitas e desenvolvem-se muito bem em solos pobres, e por isso a sua proliferação é fácil e rápida, requerendo apenas alguma humidade e luz solar baixa ou moderada", explica o investigador que acrescenta: "Como são tolerantes a contextos de seca extrema, embora pareçam mortos quando sujeitos ao calor, basta alguma humidade para que se reabilitem, e os esporos também continuam viáveis".

À venda no mercado, podem ser encontrados esporos de várias espécies de musgos. A abordagem indicada para utilização de musgos para prevenção da erosão pós-incêndio passa por incluir esses esporos ou fragmentos triturados de musgo seco, a baixo custo adicional, nos lotes de misturas de sementes já habitualmente utilizados em medidas de estabilização de emergência pós-incêndio. Normalmente esta técnica de sementeira, lembra Flávio Silva, "é aplicada por hidrossementeira [mistura de água com as sementes e outros componentes que promovem a estabilização do solo] ou por helicóptero como se tem feito nos Estados Unidos".

No entanto, para diminuir os custos operacionais, e tal como deve acontecer com todas as medidas de estabilização de emergência pós-incêndio, os investigadores aconselham que se devem identificar previamente as áreas mais críticas sujeitas a erosão e fazer a aplicação da sementeira apenas nessas áreas. Como os musgos se desenvolvem rapidamente, eles retêm o solo e a humidade necessários para o desenvolvimento posterior de plantas vasculares.

O estudo, publicado na revista Ecological Engineering, foi destacado pela Comissão Europeia na importante newsletter Science for Environment Policy.





Vídeo captura momento em que plástico entra na cadeia alimentar

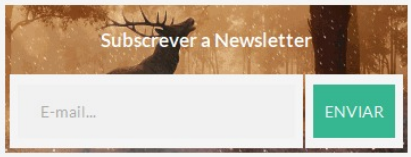


Yanura, a marca vegan portuguesa de sapatos de cortiça



Ambiente, Incêndios, Musgo





Seguinte
Este é o artigo mais recente.

Anterior
Japão vai introduzir taxa sobre sacos de plástico em 2020 »

ARTIGOS RELACIONADOS


A floresta negra de Portugal fotografada por John Gallo


3 Bombeiros de Nice vieram voluntariamente combater incêndios em Portugal


Bombeiros salvam animais dos incêndios em Portugal [Fotos]

0 comentários Ordenar por Os mais recentes

Adicionar um comentário...

Plug-in de comentários do Facebook

0 COMENTÁRIOS. DIZ-NOS O QUE PENSAS

Obrigado pelo comentário! Respeite os outros leitores. Comentários ofensivos ou com linguagem imprópria serão eliminados.

Introduza o seu comentário...

Comentar como: Conta do Google

Publicar Pré-visualiz

Contacte-Nos

Sobre o UniPlanet

O UniPlanet é um site dedicado à sustentabilidade, ciência, alimentação saudável, direitos humanos e dos animais, boas práticas e ideias que nos inspiram.

Newsletter

E-mail... ENVIAR

CISION

Diário de Aveiro

ID: 83301252

04-11-2019

Meio: Imprensa
País: Portugal
Period.: Diária
Âmbito: Regional

Pág: 3
Cores: Cor
Área: 26,06 x 12,56 cm²
Corte: 1 de 1



Estudo sobre pradarias marinhas alerta para novas dragagens na Ria

Universidade Foi avaliada a distribuição espacial e estimadas as reservas de carbono azul armazenado nas zonas húmidas da região de Aveiro

As pradarias marinhas da Ria de Aveiro apresentam uma tendência de recuperação no período 2005-2014, o que é positivo para a saúde do ecossistema, segundo um estudo assinado por investigadores da Universidade de Aveiro (UA) e do Centro de Estudos do Ambiente e do Mar (CESAM), publicado na Scientific Reports. Os investigadores referem que a recuperação poderá estar relacionada com o reequilíbrio do ecossistema após as dragagens entre 1996 e 1998, mas alertam para o efeito de uma nova fase de dragagens.

D.R.



Resultados mostram uma tendência de recuperação das pradarias marinhas nos últimos anos

O estudo, publicado recentemente, avalia a distribuição espacial e estima as reservas de carbono azul armazenado nas zonas húmidas da região de Aveiro, mais concretamente, pradarias marinhas da planta aquática zostera noltei, constituinte do moliço.

O termo "carbono azul" designa o carbono armazenado no oceano e em ecossistemas costeiros como pradarias marinhas, sapais e mangais, ou seja, em plantas e sedimentos destes biótopos. A importância do carbono azul deve-se, entre outros aspectos, explica Ana Sousa, investigadora do CESAM e primeira autora do artigo, à sua contribuição para a redução dos gases com efeito de estufa da atmosfera, como o dióxido de carbono, mitigando os seus efeitos negativos.

Foi usado um método de detecção remota, utilizando um "drone" para realização de fotografia aérea e mapeamento de pradarias marinhas em 2014, fotografia aérea realizada em 2003-2005, e foram realizadas amostragens no terreno de modo a estimar as reservas de Carbono Azul. O estudo cobre, assim, os períodos de 2003 a 2005 e de 2013 a 2014.

Primeiro estudo

Apesar de anteriores trabalhos de caracterização e mapeamento de pradarias marinhas na ria, o estudo agora publicado foi o primeiro, salienta a investigadora do CESAM, em que se fez um mapeamento extensivo e uma avaliação do carbono azul das pradarias marinhas nesta área classificada como Biótopo Corine, Zona de Protecção Especial e Rede Natura 2000 ao abrigo da Directiva Aves e da Directiva Habitats.

Os resultados obtidos mostram uma tendência de recuperação das pradarias marinhas nos últimos anos, contrariando a tendência global de declínio, mas em concordância com as tendências identificadas por outros estudos regionais realizados noutros sistemas europeus. Estes resultados estabelecem também uma base de referência para a intervenção humana na Ria.

Investigadores defendem medidas urgentes para captar água das chuvas

Tipo Meio: Internet Data Publicação: 02/11/2019

Meio: TV Record Europa Online

URL: http://www.pt.cision.com/s/?l=3fa699ba

Cientistas da Universidade de Aveiro apelaram à implantação de medidas urgentes para captar e gerir a água da chuva, que vai diminuir

As previsões, realizadas na Universidade de Aveiro (UA), apontam para um cenário de escassez de água no ecossistema e, naturalmente, para consumo humano.

Face a esse cenário, os investigadores "apelam à implementação de medidas urgentes para, no futuro, melhor captar e gerir a água da chuva", já que preveem que, entre 2046 e 2065, Portugal continental vai sofrer uma diminuição da precipitação média anual de 10% na zona norte e em todo o litoral e de cerca de 30% nas zonas interiores e no sul.

As previsões da precipitação foram realizadas pelo Departamento de Física da UA no âmbito do projeto "CLICURB-Urban atmospheric quality, climate change and resilience", coordenado pelo Grupo de Emissões Modelação e Alterações Climáticas do Departamento de Ambiente e Ordenamento (DAO) da UA e financiado pela Fundação para a Ciência e a Tecnologia (FCT).

Segundo Paula Quinteiro, coordenadora do estudo, "na atualidade já se identifica alguma pressão nos recursos de água da chuva que irá aumentar no futuro, dando a indicação de que em algumas situações, e dependendo dos requisitos de água necessários para garantir e maximizar o crescimento de vegetação, devem ser implementadas medidas de gestão/captação e eficiência de consumo dessa água".

A investigadora, que assina o trabalho do CESAM juntamente com Sandra Rafael, Bruno Vicente, Martinho Marta-Almeida, Alfredo Rocha, Luís Arroja e Ana Cláudia Dias, defende a adoção de medidas como sistemas de recolha de água da chuva "por forma a garantir a respetiva disponibilidade para irrigações agrícolas e florestais".

A investigadora aconselha ainda a realização de um planeamento integrado de uso de solo e disponibilidade de água da chuva, dos rios e dos aquíferos.

Em situações mais prementes, Paula Quinteiro diz que "pode ser necessária uma realocação do cultivo para zonas com uma maior disponibilidade de água da chuva, atendendo também às condições do solo e características da vegetação em causa".

CISION

ID: 83255572

tribuna da Madeira

01-11-2019

Meio: Imprensa
País: Portugal
Period.: Semanal
Âmbito: Regional

Pág: 30
Cores: Cor
Área: 25,00 x 26,86 cm²
Corte: 1 de 2



DIMINUIÇÃO DE CHUVA PÕE EM CAUSA ECOSSISTEMAS

Entre os anos 2046 e 2065, Portugal continental vai sofrer uma diminuição da precipitação média anual de 10 por cento na zona norte e em todo o litoral e de cerca de 30 por cento nas zonas interiores e no sul. As previsões, realizadas na Universidade de Aveiro (UA) apontam para um cenário de escassez de água no ecossistema e, naturalmente, para consumo humano. Face ao cenário, os investigadores apelam à implementação de medidas urgentes para, no futuro, melhor captar e gerir a água da chuva.

"A diminuição severa de água da chuva disponível no solo pode resultar na diminuição de disponibilidade de água dos rios e dos aquíferos, o que numa situação limite pode condicionar a quantidade de água disponível para consumo humano e do ecossistema", alerta Paula Quinteiro, coordenadora do estudo e investigadora do Centro de Estudos do Ambiente e do Mar (CESAM), uma das unidades de investigação da UA.

Os resultados da investigação antecipam um cenário preocupante se não forem tomadas medidas que resultem na otimização da água disponível: "os valores médios de precipitação previstos para o período compreendido entre 2046 e 2065 apontam para uma diminuição média anual da precipitação em Portugal Continental de cerca de 10 por cento na zona norte e em todo o litoral e de cerca de 30 por cento nas zonas do interior e do sul do país". Estas previsões da precipitação foram realizadas pelo Departamento de Física da UA no âmbito do projeto CLICURB-Urban atmospheric quality, climate change and resilience coordenado pelo Grupo de Emissões Modelação e Alterações Climáticas do Departamento de Ambiente e Ordenamento (DAO) da UA e financiado pela Fundação para a Ciência e a Tecnologia (FCT).



A redução da precipitação em território nacional está relacionada com o fenómeno das alterações climáticas. "O aumento da temperatura global do planeta potencia alterações no ciclo global da água, aumentando o contraste entre regiões secas e húmidas", explica Paula Quinteiro. Isto significa que o planeta terá uma dualidade de cenários: áreas com um aumento de precipitação e com o consequente agravamento do risco de inundação e áreas com uma redução da precipitação e com o consequente aumento do risco de secas. No caso português, as projeções realizadas apontam para uma redução dos níveis de precipitação durante todo o ano, com exceção dos meses de inverno.

Implementação de medidas urgentes

Ao longo do território nacional, os investigadores da UA avaliaram as condições de disponibilidade e de escassez de água da chuva, considerando diferentes coberturas de solo - agrícola, florestal, urbano e solo predominantemente com vegetação natural.

"Na atualidade já se identifica alguma pressão nos recursos de água verde [água da chuva] sendo que esta pressão irá aumentar significativamente no futuro, dando a indicação de que em algumas situações, e dependendo dos requisitos de água necessários para garantir e maximizar o crescimento de vegetação, devem ser implementadas medidas de gestão/captação e eficiência de consumo dessa água", explica Paula Quinteiro, a investigadora que assina o trabalho do CESAM juntamente com Sandra Rafael, Bruno Vicente, Martinho Marta-Almeida, Alfredo Rocha, Luís Arroja e Ana Cláudia Dias. Entre as medidas podem, por exemplo, "ser implementados sistemas de recolha de água da chuva por forma a garantir a respetiva disponibilidade para irrigações agrícolas e florestais".

A investigadora aconselha ainda a realização de um planeamento integrado de uso de solo e disponibilidade de água da chuva, dos riose dos aquíferos. Em situações mais prementes, Paula Quinteiro diz que "pode ser necessária uma realocação do cultivo para zonas com uma maior disponibilidade de água da chuva, atendendo também às condições do solo e características da vegetação em causa".

A pressão nos recursos de água verde em Portugal foi calculada através da metodologia de Avaliação de Ciclo de Vida (ACV), no âmbito dos projetos SustainFor e SABIOS coordenados pelo grupo LiSAT- Life Cycle Based Sustainability Assessment Tools Team do DAO e financiados pela FCT. A quantidade de água verde de evaporada e transpirada pela vegetação foi calculada tendo por base os dados climáticos presentes e futuros simulados, por forma a compreender o potencial impacte de consumo de água verde pelas plantas na escassez deste recurso. ■

CISION

ID: 83255572

tribuna da Madeira

01-11-2019

Meio: Imprensa
País: Portugal
Period.: Semanal
Âmbito: Regional

Pág: 1
Cores: Cor
Área: 7,27 x 2,95 cm²
Corte: 2 de 2



tribuna da Madeira

2,00 € Semanário | Ano 19 | Nº 1039
Sexta-feira | **1 de novembro de 2019**

Director: Edgar R. Aguiar
tribunadamadeira.pt

'REFLEXÕES' SOBRE DOM TEODORO DE FARIA



O livro, de Francisco Gomes, apresenta uma entrevista biográfica do anterior Bispo do Funchal. | Pág. 18 e 19

ALQUERQUE QUER ACABAR COM 'SAQUE' ÀS RIBEIRAS



Um novo enquadramento jurídico para que a extração de inertes decorra "dentro das normas ambientais". É o que propõe o presidente do executivo madeirense, Miguel Albuquerque, acusado de "esquivar-se das responsabilidades" quando há "sérias dúvidas" sobre a "imparcialidade" do Governo nesta matéria. Segundo a oposição, tem havido "inércia dos organismos públicos regionais" e "falta de vontade política em fazer cumprir a lei". | Pág. 08 a 11

RONALDO HOMENAGEADO NO ANIVERSÁRIO DO UNIÃO | Pág. 24

MAR PASSA A ACEITAR CERTIFICADOS ELECTRÓNICOS | Pág. 22

BOMBEIROS APERFEIÇOAM OPERAÇÕES DE RESGATE | Pág. 28 e 29



CRIANÇAS E JOVENS VÍTIMAS DE VIOLÊNCIA PODEM TORNAR-SE "POSSÍVEIS AGRESSORES" | Pág. 12 e 13

POUCA CHUVA PÕE EM CAUSA ECOSSISTEMAS | Pág. 30



ILHATRÓNICA TRAZ "NOITE MEMORÁVEL" AO MERCADO DOS LAVRADORES | Pág. 7



MAIS SERVIÇOS HOSPITALARES 'ACREDITADOS' ATÉ FINAL DE 2020 | Pág. 6



"A DECISÃO ESTÁ TOMADA E NÃO SE VOLTA ATRÁS"

Filipe Sousa deixa claro que "não há qualquer prolongamento" da data de encerramento da Feira do Santo da Serra. Sobre a insistência de Edgar Silva, em manter a continuidade da feira, o autarca frisa "a nossa intervenção não será decidida pela CDU". | Pág. 4 e 5

CISION

ID: 83042928

Correio de Lagos

31-10-2019

Meio: Imprensa
País: Portugal
Period.: Mensal
Âmbito: Regional

Pág: 19
Cores: Cor
Área: 26,88 x 38,45 cm²
Corte: 1 de 5

Assembleia Municipal de Lagos

Boletim Informativo Trimestral

Número 2 - Outubro de 2019

Construção do Novo Hospital de Lagos

Petição

Pelo direito à saúde nas Terras do Infante
Construção do novo Hospital de Lagos

Audição referente à Petição Pública à Assembleia da República



A Petição Pública "Pelo direito à saúde nas Terras do Infante - Construção do novo Hospital de Lagos", que reuniu 4.580 assinaturas, entregue na Assembleia da República, no passado dia 28 de março de 2019, pela Assembleia Municipal de Lagos, percorreu os todos os trâmites, tendo sido designado como Relator da mesma o Deputado Cristóvão Norte.
Uma Comitiva da Assembleia Municipal de Lagos deslocou-se à Assembleia da República para participar na Audição promovida pelo Sr. Relator da Petição n.º 615/XIII/4, no dia 16 de julho de 2019.
Para além do Deputado Cristóvão Norte (PSD), participou ainda na audição o Deputado Paulo Sá (PCP).
A Comitiva da Assembleia Municipal de Lagos teve a seguinte constituição:
- José Jácome (2.º Secretário da Mesa)
- Rui Araújo (Coordenador do Grupo Municipal do PSD)
- José Manuel Freire (Coordenador do Grupo Municipal da CDU)
- Margarida Mauricio (Coordenadora do Grupo Municipal PAN)
- Manuela Duarte (Grupo Municipal do PS)
- Fernando Ildefonso (Grupo Municipal LCF)

O Relatório da Audição foi apreciado em Reunião da Comissão de Saúde, da Assembleia da República, realizada no dia 17 de julho de 2019, subindo a Petição a Plenário, no início da próxima legislatura.





Editorial



Paulo Morgado

Presidente da Assembleia Municipal de Lagos

Cuidar do Ambiente é Urgente

Apesar de múltiplos "avisos" da "mãe natureza", que nos tem chegado de diversas formas e repetidamente ao longo dos últimos anos, e da demonstração científica sólida que vivemos um período de profundas e rápidas alterações climáticas, poluição dos mares, esgotamento de recursos e outras perturbações nos ecossistemas, com consequências e impacte muito grave nas comunidades humanas, alguns líderes mundiais e locais tentam denegrir os factos científicos e descredibilizar quem luta pelo ambiente.
Felizmente é cada maior (mas não ainda suficiente) a sensibilização dos jovens e comunidades em geral, para a importância da defesa e protecção do ambiente e da descarbonização da economia, que urge pôr em prática e que responsabiliza a todos (ao nível individual no comportamento e escolhas de consumo, ás empresas, instituições e governos pelas políticas que fazem acontecer).
A primeira condição de sucesso de qualquer política, mesmo aquelas com reduzido impacte ambiental, é a sua sustentabilidade, nas suas várias vertentes. A administração pública, seja ela central, desconcentrada, regional ou local, tem, por maioria de razão, obrigações acrescidas nessa matéria, porque se guia pelo valor do interesse geral e não do individual ou do lucro.
As políticas municipais devem ser guiadas, e tendencialmente também avaliadas, por Sistemas de Gestão Ambiental e Gestão de Qualidade, podendo e devendo esta gestão ser efectuada de modo Integrado, pela economia de estrutura e visão holística que proporciona aos decisores. Todas (as políticas municipais) devem focar-se no bem-estar das pessoas, e deverão ser avaliadas pelos seus resultados e impacte na qualidade de vida dos cidadãos, utilizando os indicadores consensualizados internacionalmente. Criar uma cultura de permanente avaliação das políticas, planos e medidas (antes, durante e depois da implementação) é pois de primordial importância para uma boa governação pública.
Que impacte tem as (diversas) políticas municipais no nosso ambiente ?
- Precisamos saber!
Que impacte tem as (diversas) políticas municipais na saúde coletiva ?
- Precisamos saber !

LAGOS - 1º Município da união europeia livre de cultivo de milho geneticamente modificado

CISION
ID: 83042928
Correio de Lagos
31-10-2019
Meio: Imprensa
País: Portugal
Period.: Mensal
Âmbito: Regional
Pág: 20
Cores: Cor
Área: 26,71 x 38,57 cm²
Corte: 2 de 5

PS — Partido Socialista, um Partido das Pessoas para as Pessoas



A Bancada do Partido Socialista, na Assembleia Municipal de Lagos, não pode deixar de agradecer a vontade dos Lacobrigenses, manifestada nestas últimas legislativas, em manter a confiança no PS e na atual solução política. O PS venceu as eleições legislativas, e os Algarvios e Lacobrigenses confiaram nos candidatos propostos pelo PS Algarve, nomeadamente na Presidente de Câmara do nosso Concelho. O Partido Socialista reforçou claramente a sua posição e a direita sofreu uma derrota histórica. Agora há que trabalhar mais e melhor, no âmbito da saúde, da educação, da cultura, do ambiente, do emprego, da segurança e solidariedade social, do combate à desigualdade, nas alterações climáticas, na questão da demografia e na transição para uma sociedade digital, valorizando o empreendedorismo, salvaguardando o bem-estar de todos, e fomentando a estabilidade de governação ao longo dos próximos anos.

Da parte da Bancada do Partido Socialista, na Assembleia Municipal de Lagos existe a vontade de apoiar a nossa Presidente de Câmara, na Assembleia da República, naquilo que ela sabe fazer de melhor, na defesa do Algarve no geral e dos Lacobrigenses em particular. Trabalhando para uma possível construção de um Novo Hospital Central do Algarve, defendendo um Serviço Nacional de Saúde de qualidade, através de investimentos para o reequipamento dos hospitais de Faro, Portimão e Lagos, procurando continuar a atrair mais médicos, enfermeiros e técnicos especializados para o setor na região, numa filosofia de valorização e projeção de melhores serviços para os utentes e melhores condições de trabalho para todos os profissionais, requalificar os centros de saúde, alargar o programa de hospitalização domiciliária e garantir médico e equipa de saúde familiar a todos os residentes. O Grupo Municipal do PS e todo o Partido Socialista, entende a Saúde como um todo, universal, um direito constitucional ao serviço de todos os portugueses, e que contraventos e marés queremos continuar a valorizar, em prol de um Serviço Nacional de Saúde que se quer de qualidade.

Existe a confiança e vontade de apoiar o nosso Vice-Presidente de Câmara, na assunção de uma "nova" missão, ao serviço dos Lacobrigenses e de Lagos, reconhecendo, desde já, as suas competências técnicas e políticas com o apoio de toda uma estrutura política e técnica competente, reivindicativa e humana.

Alcançar mais e melhor bem-estar para todos, depende de todos e da nossa parte tudo faremos para que Portugal, os Algarvios e fundamentalmente os Lacobrigenses se revejam nas políticas nacionais, regionais e locais que o PS defende sempre em prol do melhor bem-estar de todos e para todos. Muito Obrigado.

Lagos com Futuro — Plantação de Abacates Risco de Esgotamento das Reservas de Água da Bacia Hidrológica de Bensafrim a Curto/Médio Prazo

Lagos com Futuro (LCF) tem acompanhado de perto os trabalhos de exploração extensiva dos abacates no nosso Concelho. LCF, em estreita relação com a Associação Terra Saudável, tem posto em evidência as preocupações com a sustentabilidade ambiental, social e humana das populações que vivem na área abrangida pelas reservas hídricas em Bensafrim/Barão S. João, no Concelho de Lagos. Estas populações correm o risco de ver as suas terras inférteis em poucos anos devido ao aumento significativo das áreas de plantação e o correlativo consumo de água. A empresa em causa tem a sua implementação nas zonas do Ferrel-Lagos e Barão de S. João, estando alegadamente a violar a lei ao não apresentar um Estudo de Impacto Ambiental (EIA), obrigatório por lei acima dos 100 ha. Esta situação, tem vindo a suscitar sérias reações por parte das populações locais, revoltadas pelos riscos de insustentabilidade ambiental (risco de esgotamento das reservas de água e contaminação).

Face à gravidade do problema, os deputados municipais de Lagos com Futuro (LCF) solicitaram, na última Assembleia Municipal, ao Executivo da CML, que agisse em conformidade com a assunção das suas responsabilidades e competências de gestão e ordenamento do território para protegerem estas populações da ambição desmedida destes negócios. Contudo o executivo camarário alegou não ser da sua competência.

LCF, há cerca de um ano a esta parte, intercedeu junto da CCDR para solicitar uma intervenção com carácter de urgência, que, de imediato, acionou todos os mecanismos legais para investigar o caso. Neste momento, segundo os relatórios da CCDR, sabemos que:

A empresa já adquiriu propriedades com extensão superior a 100 hectares devendo, nestas condições, ao abrigo do **DL n.º 151-B/2013, de 31 de Outubro**, ser exigido um Estudo de Impacto Ambiental;

Neste contexto, a CCDR Algarve desencadeou a apreciação sobre a eventual sujeição de procedimento de Avaliação de Impacte Ambiental (AIA) à instalação destes pomares dado que, no conjunto dos vários terrenos em causa, a área global intervencionada para plantação de abacateiros da «Frutineves, Lda» ronda os 94 ha, não obstante a área global dos terrenos com potencial intervenção esteja prevista para os 190 ha;

Os Serviços da CCDR Algarve notificaram aquela empresa, para, de imediato, suspender os trabalhos de instalação dos pomares de abacateiros nos terrenos localizados na zona em causa, tendo em conta o «princípio da prevenção» estabelecido na Lei de Bases do Ambiente e para efeitos de averiguação de eventual sujeição a procedimento de AIA;

Segundo o ultimo relatório da CCDR solicitado pelo Movimento Lagos com Futuro, está em curso a "... apreciação de uma eventual infração devido ao incumprimento da ordem administrativa, passível de se classificar de «grave»;

PSD — Propostas com Sentido Mais vale tarde do que nunca



Na discussão das Grandes Opções do Plano para 2019, considerámos que a construção de uma nova escola de 2º e 3º Ciclos no espaço ocupado pelo antigo Ciclo era um erro urbanístico estratégico e limitador da qualidade de vida futura daquela zona da cidade. Na realidade o edificado urbano, tanto o construído como o já aprovado para construção, cria naquela zona uma concentração de prédios e serviços que são necessariamente servidos por vias rodoviárias que neste momento já se congestionam bastante.

Para o Partido Social Democrata, é um erro sobrecarregar ainda aquela zona com mais uma escola com o inevitável aumento de tráfego automóvel que daí advirá.

A nossa proposta foi a criação de um Parque Urbano/Jardim no antigo ciclo, com estacionamento onde hoje está o parque de estacionamento em terra batida criando ali uma zona integrada de lazer que serviria toda aquela zona urbana. Poderia funcionar como Parque da Juventude interligando os equipamentos próximos do Clube de Ténis de Lagos, equipamentos para jovens, Pistas de Skates e Parque Infantil e até aproveitar o Pavilhão Polidesportivo já existente, podendo inclusive construir-se uma nova Biblioteca Municipal com melhores condições de acessibilidade. Criava-se naquela zona uma área verde e de quebra da densidade de construção que irá surgir no futuro e que naquela zona da cidade é inexistente.

Apesar desta nossa proposta ter sido rejeitada pelo PS também na assembleia municipal de Fevereiro deste ano, na reunião de câmara de 2 de Outubro foi confirmada uma informação, que já tinha sido adiantada pelo Sr. Presidente da Câmara interino na última Assembleia Municipal, que os serviços estariam a estudar a ampliação das Escolas das Naus e Tecnopólis para fazer face ao necessário aumento do número de salas destas escolas, em detrimento da ideia que o executivo tinha da construção de uma nova escola nos terrenos do antigo ciclo.

O executivo pretende estudar a implantação neste espaço, de uma nova biblioteca com as características de uma "Mini Gulbenkian" com uma envolvente de jardins e parque urbano.

O PSD Lagos vem felicitar o executivo por esta (boa) mudança de ideias em relação à utilização deste espaço e que vem ao encontro da nossa proposta, que mais não é do que o reflexo do sentimento de um grande número de Lacobrigenses, quanto ao uso a dar a este espaço.

Fazemos propostas que fazem sentido e esta é uma vitória do bom senso, de todos os Lacobrigenses que amam a sua cidade e de uma forma construtiva e participativa de fazer política.

A qualidade de vida dos seus cidadãos assim o exige!

CDU PCP-PEV — Arquivo Municipal de Lagos exige decisão urgente e competente



Existem no Município de Lagos dois Arquivos de âmbito municipal, o da Assembleia Municipal e o da Câmara Municipal, com os documentos produzidos e recebidos por estes órgãos tendo como objectivo a sua preservação e divulgação e garantir a gestão integrada do espólio e acervo documental.

O Arquivo da Câmara Municipal, incluindo o Arquivo Histórico, encontra-se disperso nos edifícios dos antigos Paços do Concelho e do Século XXI, no Museu Municipal, na Biblioteca, na semi-cave da Trindade e no Cemitério Novo. O acervo do Edifício do Chinicato está em transferência para o Posto de Lagos da GNR.

Tudo isto dificulta o acesso e consulta pelos serviços camarários e munícipes e investigadores ou estudiosos.

O importante acervo documental dos arquivos e fundos externos das entidades e organismos existentes ou que foram extintos, do Concelho como associações corporativas, patronais, sindicais, cooperativas, recreativas, culturais, desportivas ou de outra natureza, está igualmente disperso ou não se conhece o seu paradeiro e deveria ser promovida a sensibilização para a sua preservação e disponibilização para consulta, devendo o Arquivo Municipal ter condições para desenvolver as necessárias acções nesse sentido, incluindo a investigação e capacidade para recolha, tratamento, digitalização, divulgação e, se necessário, para guarda.

Assim, será consensual a necessidade de reunir todos os arquivos municipais num mesmo edifício, como forma de concentrar o espólio documental, os recursos humanos e os equipamentos, aumentando a eficácia e a capacidade de resposta dos serviços. É urgente uma solução que concentre o Arquivo num único edifício, criando para o efeito, a curto prazo, um Grupo de Trabalho que elabore, até ao final de 2020, um relatório com a decisão técnica para localização, funcionamento e gestão do Arquivo, unificando os serviços em edifício central e de fácil acesso na cidade, reabilitado ou construído, reunindo acervo e serviços conforme as normas internacionais, salvaguardando este património, prevendo o seu crescimento e evitando as soluções provisórias que duram há décadas sem as devidas condições e recorrendo ao Programa de Apoio à Rede de Arquivos Municipais.

Esta proposta, apresentada pelos eleitos da CDU na Assembleia Municipal de Lagos na sessão de 30 de Setembro, foi reprovada pela maioria absoluta do PS, apesar de ter tido a aprovação de todas as outras forças políticas.

CISION
ID: 83042928
Correio de Lagos
31-10-2019
Meio: Imprensa
País: Portugal
Period.: Mensal
Âmbito: Regional
Pág: 21
Cores: Cor
Área: 26,83 x 39,00 cm²
Corte: 3 de 5

CDS — A Amargura das Eleições



Comecemos pelo CDS : Correu mal, o resultado foi péssimo. A realidade é esta e não deve ser escamoteada. Nunca seria bom, dadas as circunstâncias, mas erros próprios,autênticos tiros nos pés, agravaram-no.
As circunstâncias são simples : O povo português sofre, ao mesmo tempo, de conservadorismo militante e de um sentimento de injustiça permanente. Não gosta de mudar a não ser que a isso seja obrigado pelas circunstâncias (viu-se com Sócrates, viu-se depois com a votação no PSD após 4 anos durissimos para tirar o país da falência), viu-se agora com a votação no PS.
Como povo não faz planos a longo prazo, a sua vida é tão dura desde sempre que se o dia a dia lhe correr menos mal e for dando para despesa, continua a queixar-se mas não arrisca mudar (" com estes pelo menos já sei com o que conto..."). E, no fundo, se calhar tem razão, pois se formos olhar para a nossa história, independentemente do regime, sempre houve de um lado as castas com os privilégios (Nobreza, Clero, Alta Burguesia, os Empresários Amigos do Regime), e do outro o povo, a ver em silêncio, mas a querer não ser visto, pois essa é a sua melhor hipótese de sobrevivência, ir andando entre os pingos da chuva e rezar para quem ninguém repare nele e o vá deixando em paz.
Costa navegou 4 anos com ventos calmos, sem greves e agitação social e com circunstâncias internacionais extremamente favoráveis. Escolheu um ponto na agenda que desse visibilidade à " boa governação ", focou-se no défice, canalizou os recursos e as energias para esse objectivo, e passou 4 anos a apresentar essa bandeira. Isso, a paz social e a redução do desemprego, foram argumentos suficientes para um povo conservador e que quer é que o deixem em paz, votar na continuidade.
O que é que interesse ao povo que a divida real tenha continuado a galopar? Ou que o grosso do emprego criado tenha sido essencialmente precário e mal remunerado? Ou que o SNS esteja num estado deplorável e de indigência como nunca esteve? Ou que nenhuma reforma de fundo tenha sido feita e o país esteja ma mesma situação de fragilidade em que estava quando se deu o choque de 2008? O que é que interessa ao povo que Portugal tenha sido o país da EU que menos cresceu e já tenha sido ultrapassado por quase todos? Isso são coisas para preocupar as castas e os privilegiados do regime. O povo quer é que o deixem em paz e que não façam grandes ondas. Em último caso emigram (os que podem), como, segundo dizem, fizeram já quase um milhão nos últimos 15 anos, 300.000 dos quais nestes últimos 4 anos.
Dito isto, resta-me perguntar se houve de facto um vencedor nestas eleições, pois o povo com certeza não foi, e o aparente vencedor, o PS, teve de facto uma vitória bem amarga, pois sem maioria absoluta no Parlamento, com o PCP e a Intersindical agora livres para voltar para a rua, o seu terreno de combate favorito, com a economia alemã já em recessão e a arrastar a Europa com ela, com a economia mundial a contrair-se, vejo a coisa difícil para o PS e, acima de tudo, para os portugueses.
Mas, como sempre sabiamente, o povo é sereno e quando chegar a hora, se tiver mesmo de mudar, então mudará...
Quanto ao CDS, a provar que é um partido do povo, como para ele a hora já chegou, vai mudar...

Bloco de Esquerda — Eleições Legislativas pela metade



No passado domingo, a Assembleia da República conheceu os seus novos membros. O povo foi chamado a definir as/os deputadas/os que mereciam o seu voto de confiança para futura representação. É tempo, agora, de analisar o resultado dos resultados. Quem foi o vencedor da noite? Olhando para os números, salta à vista a maior percentagem da noite: a abstenção (45,5%). Começa a ser flagrante a abstenção continuar a crescer e continuarmos a não tomar medidas em relação a isso.
Podemos focar-nos no aumento dos deputados do PS e argumentarmos que a população decidiu que o trabalho foi bem feito, e que querem continuidade. Podemos destacar a derrota da direita e afirmar que a Assembleia tem uma maioria de esquerda. Uma maioria de esquerda agridoce, visto que dois dos partidos que permitiram a *geringonça*, não viram o seu trabalho traduzido em votos, o que deixa no ar a dúvida (e não a certeza) na aprovação por parte do eleitorado de acordos parlamentares entre várias bancadas. Podemos olhar para a entrada dos novos partidos e congratularmo-nos com a ideia de que há quem queira alternativa e diversidade nos assentos parlamentares. É, porém, uma alternativa que merece a devida atenção. Se, por um lado, é enriquecedor para a democracia novas vozes, por outro lado, há vozes que se *chegam* demasiado a pensamentos fascistas e desumanos que julgávamos enterrados. Podemos, ainda, perceber que a urgência de mudança de paradigma no que toca ao ambiente é uma bandeira forte e move parte da população, embora este argumento não seja de todo válido se pensarmos na queda de representação do PEV (Partido Ecologista "Os Verdes").
Entre tantas questões que pedem reflexão, discussão e ação, volto à principal. Metade da população é que se pronunciou. Onde está a outra metade? Elaboro algumas hipóteses: um crescendo de indiferença por si e pelo outro; um desinteresse no futuro; uma desesperança irremediável; falta de confiança na representação política; facilidade do discurso de ódio em oposição ao trabalho em grupo; aumento estrondoso da falta de perceção de que todos fazemos parte do sistema e somos uma peça importante dele; o buraco entre os agentes que tomam decisões e o povo.
O que é que temos, então, em mãos? Mudar este cenário, fortalecer a democracia, pois não é aceitável que a abstenção continue a ganhar eleições no nosso país! O nosso sistema democrático está a falhar, e o cidadão que vive em comunidade não querer saber da sua sociedade é um perigo e sabemos para que caminho nos leva.

PAN — Pensamos Global Para Agir Local



Até à data de fecho deste Suplemento não foi recebido conteúdo informativo deste Grupo Municipal.

III Jornadas de Lagos

Pensar Lagos na encruzilhada do futuro

Seminário

- O Futuro está nas Energias Renováveis -

A Assembleia Municipal de Lagos deliberou organizar as III Jornadas de Lagos, com o lema "Pensar Lagos na encruzilhada do futuro", ao longo do presente Mandato Autárquico de 2017-2021.
As III Jornadas de Lagos constarão de eventos temáticos sobre questões relevantes para o Município, em particular, e para a população, e suas organizações, no geral.
O próximo evento irá ser um Seminário com o tema "O Futuro está nas Energias Renováveis".
O Seminário está agendado para o dia 19 de outubro de 2019 (sábado) no Auditório do Edifício dos Paços do Concelho Séc. XXI, entre as 15 e as 18 horas e irá contar com seguintes oradores:
- **Cláudio Casimiro** - *Diretor Geral da AREAL - Agência Regional de Energia e Ambiente do Algarve*
- **Luís Bandarra** - *Vereador da Câmara Municipal de Lagos*
- **Manuel Collares Pereira** - *Presidente do IPES - Instituto Português de Energia Solar*
- **Paulo Carmo** - *Presidente da QUERCUS - Associação Ambientalista*
- **Teresa Ponce Leão** - *Presidente da APVE - Associação Portuguesa do Veículo Elétrico*

A moderar este painel de oradores irá estar o 2.º Secretário da Mesa da Assembleia Municipal de Lagos, José Jácome.
Este Seminário é aberto ao público, com entrada livre, sendo o estacionamento no parque do Edifício dos Paços do Concelho Séc. XXI gratuito.

III JORNADAS DE LAGOS - Pensar Lagos na encruzilhada do futuro

CISION
ID: 83042928
Correio DE Lagos
31-10-2019
Meio: Imprensa
País: Portugal
Period.: Mensal
Âmbito: Regional
Pág: 22
Cores: Cor
Área: 27,00 x 39,00 cm²
Corte: 4 de 5

Qualidade do ar nas escolas



A Assembleia Municipal de Lagos na 1.ª Reunião da sua Sessão Ordinária de setembro/2019, realizada no dia 30 de setembro, aprovou, por unanimidade, uma Recomendação referente à qualidade do ar nas escolas.

"A qualidade do ar que se respira, quer seja exterior ou interior, tem reflexos na saúde humana e na qualidade de vida das populações. Na Europa, a poluição atmosférica é considerada como uma questão ambiental que urge mitigar e reverter, pois representa um grande impacto na saúde dos cidadãos, motivo pelo qual a qualidade do ar interior (QAI) é reconhecida pela Organização Mundial de Saúde (OMS) como um direito de carácter universal, que decorre dos princípios fundamentais dos direitos humanos, da ética e da sustentabilidade.

Tendo em conta que atualmente passamos cerca de 80 a 90% do nosso tempo dentro de edifícios, os níveis de contaminação do ar interior adquirem aqui particular relevância, que se eleva quando nos referimos a crianças - consideradas um grupo particularmente vulnerável, - ainda para mais quando estudos indicam que o nível de poluição do ar interior dos edifícios pode atingir valores 2 a 5 vezes superiores ao do ar exterior. Como tal, é importante que exista uma efetiva monitorização da qualidade do ar interior nas escolas, avaliando os riscos para a saúde dos alunos, dos professores e dos funcionários e de que forma é influenciado o rendimento escolar.

A título de exemplo, já em 2013 o Centro de Estudos do Ambiente e do Mar (CESAM) da Universidade de Aveiro (UA) monitorizou o ar das salas de 14 estabelecimentos de ensino do 1.º ciclo na cidade de Lisboa. Na altura, verificou-se que a falta de ventilação, turmas demasiado grandes para o tamanho das salas, a escolha sem critérios dos materiais para o mobiliário, dos produtos de limpeza, eram as principais causas para que as taxas de poluentes no ar interior ultrapassassem muito o estipulado pela legislação portuguesa e recomendações da Organização Mundial de Saúde.

Estas condições potenciam o desenvolvimento de asma, rinite e alergias, e a investigação da Universidade de Aveiro concluiu que a qualidade do ar nas salas de aula das escolas do 1.º ciclo da cidade de Lisboa era bastante preocupante para a saúde das crianças. Face a estes preocupantes resultados, reveste-se de particular importância conhecer a atual situação da qualidade do ar interior nos estabelecimentos de ensino sob responsabilidade da autarquia, implementando mecanismos para a sua melhoria e, desta forma, prevenir as consequências adversas na saúde das crianças e de toda a comunidade escolar.

Neste sentido, a Assembleia Municipal de Lagos, reunida a 30 de setembro de 2019, delibera recomendar à Câmara Municipal de Lagos que:

1. Efetue um estudo sobre a qualidade do ar interior em todos os estabelecimentos de ensino sob sua responsabilidade, em conjunto com a Escola Nacional de Saúde Pública (ENSP), informando e envolvendo toda a comunidade educativa.
2. Implemente, com base no resultado desse estudo e com a maior urgência possível, as medidas necessárias no sentido de garantir uma boa qualidade do ar nas escolas.
3. Divulgue dados sobre a qualidade do ar nas escolas, apresentando essa informação à Assembleia Municipal, assim como a calendarização das medidas a implementar com vista à resolução dos problemas detetados.
4. Apele ao Governo para que promova essas diligências nas escolas sob sua responsabilidade com o objetivo de garantir os níveis adequados de qualidade do ar.

Mais delibera ainda:

5. Enviar a presente deliberação à Câmara Municipal de Lagos, aos Agrupamentos Escolares do Concelho e à comunicação social.

Deliberações da Assembleia Municipal de Lagos

Sessão Extraordinária de setembro/2019

Transferências de competências para o Município: Apreciação e votação da proposta de não aceitação, para 2019, da competência prevista no Decreto-Lei n.º 23/2019, de 30 de janeiro, relativa ao domínio da saúde.
Aprovada por maioria.

Transferências de competências para o Município: Apreciação e votação da proposta de não aceitação, para 2019, da competência prevista no Decreto-Lei n.º 116/2019, de 21 de agosto, que define o modelo de cogestão das áreas protegidas, que concretiza o princípio de participação dos Órgãos municipais na respetiva gestão, ao abrigo do previsto na alínea c) do artigo 20.º da Lei n.º 50/2018, de 16 de agosto.
Aprovada por maioria.

Transferências de competências para o Município: Apreciação e votação da proposta de aceitação, para 2019, da competência prevista no Decreto-Lei n.º 72/2019, de 28 de maio, relativa ao domínio das áreas portuário-marítimas e áreas urbanas de desenvolvimento turístico e económico não afetas à atividade portuária.
Aprovada por maioria.

Transferências de competências para o Município: Apreciação e votação da proposta de aceitação, para 2020, da competência prevista no Decreto-Lei n.º 97/2018, de 27 de novembro, relativa ao domínio das praias marítimas, fluviais e lacustres.
Aprovada por maioria.

Transferências de competências para o Município: Apreciação e votação da proposta de aceitação, para 2020, da competência prevista no Decreto-Lei n.º 98/2018, de 27 de novembro, relativa ao domínio da autorização de exploração das modalidades afins de jogos de fortuna ou azar e outras formas de jogo.
Aprovada por maioria.

Transferências de competências para o Município: Apreciação e votação da proposta de aceitação, para 2020, da competência prevista no Decreto-Lei n.º 100/2018, de 28 de novembro, relativa ao domínio das vias de comunicação.
Aprovada por maioria.

Transferências de competências para o Município: Apreciação e votação da proposta de aceitação, para 2020, da competência prevista no Decreto-Lei n.º 101/2018, de 29 de novembro, relativa ao domínio da Justiça.
Aprovada por maioria.

Transferências de competências para o Município: Apreciação e votação da proposta de aceitação, para 2020, da competência prevista no Decreto-Lei n.º 103/2018, de 29 de novembro, relativa ao domínio do apoio aos bombeiros voluntários.
Aprovada por maioria.

Transferências de competências para o Município: Transferências de competências para o Município: Apreciação e votação da proposta de aceitação, para 2020, da competência prevista no Decreto-Lei n.º 104/2018, de 29 de novembro, relativa ao domínio das estruturas de atendimento ao cidadão.
Aprovada por maioria.

Transferências de competências para o Município: Apreciação e votação da proposta de aceitação, para 2020, da competência prevista no Decreto-Lei n.º 105/2018, de 29 de novembro, relativa ao domínio da habitação.
Aprovada por maioria.

Transferências de competências para o Município: Apreciação e votação da proposta de aceitação, para 2020, da competência prevista no Decreto-Lei n.º 107/2018, de 29 de novembro, relativa ao domínio do estacionamento público.
Aprovada por maioria.

Transferências de competências para o Município: Apreciação e votação da proposta de aceitação, para 2020, da competência prevista no Decreto-Lei n.º 23/2019, de 30 de janeiro, relativa ao domínio da saúde.
Aprovada por maioria.

Transferências de competências para o Município: Apreciação e votação da proposta de aceitação, para 2020, da competência prevista no Decreto-Lei n.º 58/2019, de 30 de abril, relativa ao domínio do transporte de passageiros em vias navegáveis interiores, quer a nível turístico, quer a nível do serviço público regular.
Aprovada por maioria.

Transferências de competências para o Município: Apreciação e votação da proposta de aceitação, para 2020, da competência prevista no Decreto-Lei n.º 116/2019, de 21 de agosto, que define o modelo de cogestão das áreas protegidas, que concretiza o princípio de participação dos Órgãos municipais na respetiva gestão, ao abrigo do previsto na alínea c) do artigo 20.º da Lei n.º 50/2018, de 16 de agosto.
Aprovada por maioria.

Transferências de competências para as Entidades Intermunicipais: Apreciação e votação da proposta de aceitação, para 2020, da competência prevista no Decreto-Lei n.º 23/2019, de 30 de janeiro, relativa ao domínio da saúde.
Aprovada por maioria.

Apreciação e votação da Proposta de concessão de condecorações - Medalhas de Mérito Municipal.
Aprovada, na sequência de escrutínio secreto, a atribuição de Medalha de Mérito Municipal - Grau Ouro a Luís Manuel Leal de Carvalho Afonso.
Aprovada, na sequência de escrutínio secreto, a atribuição de Medalha de Mérito Municipal - Grau Ouro aos Padres Redentorista.
Aprovada, na sequência de escrutínio secreto, a atribuição de Medalha de Mérito Municipal - Grau Prata a Hélio Nunes Xavier.
Aprovada, na sequência de escrutínio secreto, a atribuição de Medalha de Mérito Municipal - Grau Prata a Jorge Augusto Mealha Costa.
Aprovada, na sequência de escrutínio secreto, a atribuição de Medalha de Mérito Municipal - Grau Prata a José Inácio Seromenho.
Aprovada, na sequência de escrutínio secreto, a atribuição de Medalha de Mérito Municipal - Grau Prata à Ourivesaria Coimbra.
Aprovada, na sequência de escrutínio secreto, atribuição de Medalha de Mérito Municipal - Grau Prata ao Restaurante Reis.

Sessão Ordinária de setembro/2019

Apreciar e votar a Saudação, apresentada pelo Grupo Municipal da CDU - 40.º Aniversário do Serviço Nacional de Saúde.
Aprovada por unanimidade.

Apreciar e votar a Moção, apresentada pelo Grupo Municipal da CDU - Preservar o ambiente e a natureza, prevenir alterações climáticas.
Aprovada por unanimidade.

Apreciar e votar a Recomendação, apresentada pelo Grupo Municipal da CDU - Elaboração da Carta Municipal de Habitação de Lagos.
Reprovada por maioria.

Apreciar e votar a Recomendação, apresentada pelo Grupo Municipal da CDU - Qualidade do ar nas escolas.
Aprovada por unanimidade.

Apreciar e votar a Recomendação, apresentada pelo Grupo Municipal da CDU – Arquivo Municipal de Lagos.
Reprovada por maioria.

Apreciar e votar a Recomendação, apresentada pelo Grupo Municipal da CDU - Preservação da memória da República Portuguesa no Município de Lagos.
Aprovada por unanimidade.

Apreciar e votar a Recomendação, apresentada pelo Grupo Municipal da CDU - Adesão de Lagos ao Projeto "Pegada Ecológica dos Municípios Portugueses.
Aprovada por unanimidade.

Apreciar e votar a Moção, apresentada pelo Grupo Municipal do PSD - Construção do novo Hospital Central do Algarve.
Reprovada por maioria.

Apreciação e votação da proposta de fixação da taxa do IMI - Imposto Municipal sobre Imóveis, a aplicar no ano de 2020.
Aprovada por maioria.

Apreciação e votação da proposta de lançamento de Derrama a cobrar no ano de 2020.
Aprovada por maioria.

Apreciação e votação da proposta de participação variável no IRS no ano de 2020.
Aprovada por unanimidade.

Apreciação e votação da proposta de fixação da Taxa Municipal de Direitos de Passagem (TMDP), a aplicar no ano de 2020.
Aprovada por unanimidade.

Apreciação e votação da proposta de Desafetação do Domínio Público Municipal, de uma Parcela de Terreno, sita na Várzea da Luz, Freguesia da Luz, Lagos.
Aprovada por unanimidade.

Apreciação e votação da proposta de emissão de Declaração de Interesse Público Municipal do Projeto de Reabilitação da ETAR de Lagos.
Aprovada por maioria.

Apreciação e votação da proposta de alteração ao n.º 3 do Artigo 17.º do Regimento da Assembleia Municipal.
Aprovada por unanimidade.

Todas as Deliberações podem ser consultadas, em pormenor, em www.am-lagos.pt, na área "Documentos on-line", pasta "Deliberações".



Correio DE Lagos

Jornal das Terras do Infante

Director Carlos Conceição · Ano XXX · MENSAL · Edição 348 OUTUBRO 2019 · p.v.p: 1,00€

PUBLICIDADE

Números
Contabilidade & Gestão, Lda
Rua D. Diogo de Sousa, Lote 21 – C/V Esqª 8600-571 LAGOS
Telef. 282770190 Fax 282770199
e-mail: nnumeroscontabilidade@gmail.com
Contabilidade, Geral e Analítica | Gestão de Imobilizado | Estudos Económicos | Salários e Gestão de Pessoal | Consultoria Fiscal | Apoio à elaboração de Declarações Fiscais Pessoais - IRS

PUBLICIDADE

Lagotec Informática
Assistência Técnica
Hardware
Software
Redes Informáticas
Webdesign
Urb. Marina Sol
Rua Dr. José Francisco Telo Queiróz
Lote 3 - Loja B - 8600-707 Lagos
Tel. 282 788 504 | Tlm. 914 650 100
e-mail: geral@lagotec.pt | www.lagotec.pt

págs. 6, 7 e 8



Grande Entrevista
Rute Silva
Vice-Presidente da CM Vila do Bispo
«Fazer a diferença e fazer acontecer implica sacrifícios pessoais que se atenuam quando acreditamos nos projectos»

págs. 14 e 15



Onda de Empreendedorismo em Lagos

Boletim da Assembleia Municipal de Lagos
págs. 19, 20, 21 e 22

Legislativas 2019 em Terras do Infante
PS ganha em toda a linha e elege 2 deputados lacobrigenses: Joaquina Matos e Luís Graça
págs. 4 e 5

Sophia de Mello Breyner Andresen e Zeca Afonso revisitam Lagos
págs. 24 e 25

Exclusivos CL



Matilde Rosa
Talentosa guarda-redes de Andebol na Selecção Nacional
págs. 28 e 29



Marta Alves
Magnificente voz lacobrigense encanta Portugal
págs. 17 e 18

Festival de Observação de Aves & Actividades de Natureza em Sagres num voo alto de sucesso
págs. 8 e 9

Educação Ambiental, Dia Mundial do Animal e Dia Mundial da Música em Destaque
págs. 10, 11, 12, 13 e 23

PUBLICIDADE

LOCAL QUALITY SERVICE
Lagos Transfers
PRIVATE & SHUTTLE
(+351) 910 000 555
WWW.LAGOSTRANSFERS.COM



PARTILHADO SHARED
PRIVADO PRIVATE
PREMIUM GAMA ALTA
MOB. REDUZIDA MOBILITY VAN

Expressway no stops!
Comfortable Vehicles
LOCAL QUALITY SERVICE
Flexible Pick ups
English Speaking Drivers
lagostransfers.com

Moliço e dragagens na Ria de Aveiro

Tipo Meio: Internet Data Publicação: 31/10/2019

Meio: OvarNews Online

URL: http://www.ovarnews.pt/molico-e-dragagens-na-ria-de-aveiro/

OpiniãoMoliço e dragagens na Ria de Aveiro

OvarNews

5 mins atrás 0 0 1 minute read

Arquivo

Fui testemunha do desaparecimento das ervas de água salobra, tolerantes à água marinha, que observei pela última vez em 1997 no Largo da Coroa do canal de Ovar.

Decorre neste outono de 2019 uma nova dragagem de vários canais da Ria de Aveiro, retomando a intervenção que decorreu em 1996 nos canais da Murtosa, Torreira e Carregal.

A dragagem realizada em 1996 marcou o decaimento das áreas submersas cobertas por moliço, com grande expressão na Ria até meados da década de 1980 antes da expansão do Porto de Aveiro, que envolveu grandes dragagens nos canais da zona portuária.

Em resposta à alteração das condições hidrodinâmicas a Ria evoluiu de um sistema costeiro com uma ligação ao mar restrita (sistema lagunar) para um sistema mais aberto com elevada salinidade. Naturalmente esta mudança teve reflexo sobre a composição e a abundancia das ervas marinhas na Ria de Aveiro.

Fui testemunha do desaparecimento das ervas de água salobra, tolerantes à água marinha, que observei pela última vez em 1997 no Largo da Coroa do canal de Ovar.

Uma década antes o canal de Ovar a norte da Torreira estava coberto por enorme massa de moliço que incluía plantas de água salobra (Ruppia e Potamogeton), uma espécie típica de água salgada (Zostera) e várias macroalgas.

Estas plantas formavam densas pradarias submersas, ao ponto de causarem dificuldade à navegação motorizada. Após 1997 as pradarias submersas desapareceram e a Zostera ficou restrita a algumas áreas na zona entre-marés.

A importância das áreas cobertas pela erva marinha Zostera foi muito recentemente posta em destaque num artigo de Ana Sousa e outros investigadores do CESAM, publicado em Scientific Repports (2019) 9:14387.

O estudo incidiu nas alterações observadas no período de 10 anos entre 2004 e 2014, tendo-se observado um aumento das áreas cobertas por Zostera continuando restritas à zona entre-marés.

É provável que este período, posterior à dragagem realizada em 1996, represente a recuperação de um equilíbrio natural fortemente perturbado pelas intervenções realizadas na década anterior.

Passadas perto de três décadas, está em curso uma nova intervenção na Ria em que são removidos sedimentos ao longo dos canais interiores que vão ser depositados nas margens, procurando proteger-las dos efeitos de marés que alcançam com maior amplitude marinhas, juncais e campos nas margens desses mesmos canais interiores.

O impacto destas dragagens sobre as plantas aquáticas submersas (moliço) não vai depender tanto do volume de sedimento removido, que é relativamente pequeno, mas principalmente da alteração da forma da secção e do perfil longitudinal desses canais no interior da Ria.

Fica prometido continuar esta avaliação depois de mais uma década quando se tornarem mais evidentes os efeitos destas intervenções, que conduzem a um ajustamento lento do sistema lagunar.

José Figueiredo da Silva

Investigador do Departamento de Ambiente e Ordenamento da Universidade de Aveiro.

Artigo originalmente publicado in UA.pt

Facebook Twitter Google+ LinkedIn StumbleUpon Tumblr Pinterest Reddit VKontakte Partilhar por email Imprimir

5 mins atrás

OvarNews



CIÊNCIA + SOCIEDADE

Depois de Lisboa, em 2015, e Braga, em 2017, Aveiro foi a cidade escolhida para acolher a terceira edição da *International Conference on Food Contaminants* (ICFC), organizada no âmbito das comemorações dos 120 anos do Instituto Nacional de Saúde Dr. Ricardo Jorge (INSA). Promovendo o estabelecimento de uma rede científica, o evento focou os desafios relacionados com a avaliação de risco. Numa época de acelerada mudança, a ciência tem de ir ao encontro da sociedade, comunicando de forma clara e consistente.

Tendo como destinatários profissionais de saúde e laboratórios, comunidades científica e académica, indústria alimentar e todos os demais interessados no tema, a ICFC providenciou, mais uma vez, um fórum para os palestrantes convidados, entre eles investigadores de renome mundial, mas também jovens investigadores, partilharem conhecimento avançado na área da contaminação alimentar e saúde humana. Organizada pelo Departamento de Alimentação e Nutrição (DAN) do INSA, em parceria com o Centro de Estudos do Ambiente e do Mar (CESAM) da Universidade de Aveiro (UA), aquela que foi a terceira conferência internacional sobre contaminantes alimentares teve lugar nos dias 26 e 27 de setembro.

UMA NOVA ERA NA AVALIAÇÃO DE RISCO

O programa incluiu quatro sessões temáticas, denominadas "Desafios na avaliação de risco: novas perspetivas", "Avaliação da exposição humana a contaminantes químicos alimentares", "Outros agentes (microbiológicos e nutricionais) que representam risco" e "Avaliação de risco-benefício de alimentos na Europa". Além das palestras principais, este congresso multidisciplinar, realizado no Departamento de Comunicação e Arte da UA, contou com apresentações orais e em formato de póster. Os investigadores Paula Alvito e Artur Alves foram os *chairs* da ICFC 2019.

Em jeito de introdução aos trabalhos, Filipa Vasconcelos, da Autoridade de Segurança Alimentar e Económica (ASAE), destacou o Regulamento (UE) n.º 2019/1381 do Parlamento Europeu e do Conselho, de 20 de junho de 2019, referente à transparência e sustentabilidade do sistema da União Europeia (UE) de avaliação de risco na cadeia alimentar. Este regulamento pondera e avalia os princípios e as normas gerais da legislação alimentar, de modo a que constituam uma base comum para as medidas que regem os géneros alimentícios e os alimentos para animais, tanto a nível

da UE, como a nível nacional. A legislação alimentar deve basear-se numa análise de risco, exceto quando tal não for adequado às circunstâncias ou à natureza da medida. Segundo a interveniente, este regulamento «coloca os valores científicos no centro da atividade» e «está realmente preocupado com o envolvimento das pessoas relacionadas com a comunicação de riscos alimentares e com a governança da *European Food Safety Authority* (EFSA) – Autoridade Europeia para a Segurança dos Alimentos, porque coloca todos os representantes dos estados-membros no conselho de gestão». Acrescentou: «É muito diferente, é muito desafiador, e eu penso que é uma nova era na avaliação de risco, porque vai direto e abre a cadeia para se ter mais confiança em todos os *stakeholders* que trabalham com a análise de riscos alimentares.

PERMANECER RELEVANTE NUM MUNDO EM MUDANÇA

Na sessão inaugural, dedicada aos desafios na avaliação de risco, Hans Verhagen anunciou algumas das conclusões da terceira reunião científica da EFSA, que decorreu em Parma, Itália, e cuja sessão plenária final teve como lema "Permanecer relevante num Mundo em mudança". «O Mundo está a mudar muito rapidamente, e nós, como cientistas, precisamos de aprender a lidar com esse desenvolvimento. É claro que isso também é a emoção da ciência, acompanhar o que está a acontecer, e a acontecer rapidamente», mencionou.

O chefe do Departamento de Avaliação de Risco e Assistência Científica da EFSA referiu que «atualmente existe uma interação muito complexa entre ciência, avaliação de risco, política e sociedade» e que «é necessário avançar na avaliação de riscos de segurança alimentar para enfrentar os desafios de um Mundo em mudança e garantir a preparação», dando o exemplo das alterações climáticas. O que também é relevante nesta «era da ciência da internet» é que «a boa ciência, por si só, já não é suficiente para garantir avaliações de risco de segurança alimentar adequadas para essa finalidade». Assegurando que a EFSA presta muita atenção à comunicação, Hans Verhagen salientou que é fundamental fazer as duas coisas em simultâneo: «A avaliação de risco precisa de ser clara e bem fundamentada na ciência, mas também bem comunicada».



Filipa Vasconcelos, ASAE, acredita que o novo Regulamento (UE) n.º 2019/1381 abre portas a «uma nova era na avaliação de risco», onde haverá «mais confiança em todos os *stakeholders*».

Por outro lado, há que envolver a sociedade. Isto porque, com a massificação das redes sociais, «as pessoas têm, muitas vezes, uma opinião sobre ciência. E a ciência não é algo sobre o qual você tem uma opinião, não é uma crença, a ciência é sobre factos concretos com incertezas, etc.». «Existem vários exemplos de pessoas famosas que também têm uma opinião sobre determinado tópico, que, na verdade, não são de todo apoiadas pela ciência. Isto é muito perigoso, que as pessoas se misturem no debate científico sem terem a experiência, sem terem o conhecimento, dispostas a darem uma opinião. É algo que nós precisamos de acompanhar. Como? Não sei. Mas não fazê-lo não é opção», desenvolveu.

Isabel Castanheira forneceu uma visão geral sobre as atuais estratégias e políticas adotadas em Portugal no campo da avaliação de risco e risco-benefício. A coordenadora do DAN afirmou que «consideramos que a bioinformática é o futuro» e que «um dos principais desafios é os dados», que, por sua vez, «também apresentam muitos desafios». Ao longo da sua apresentação, a investigadora revelou

BALANÇO ICFC 2019

O evento reuniu cerca de 130 participantes de 18 países, tendo sido apresentados 84 painéis, 10 comunicações orais e 17 apresentações efetuadas por oradores internacionais. Uma participação que excedeu as expetativas da organização. À margem da conferência, falámos com Paula Alvito, *chair* da ICFC 2019.

VIVER SAUDÁVEL (VS) – Quais foram os momentos altos da ICFC 2019?
PAULA ALVITO (PA) – O congresso teve, na opinião da comissão organizadora e pelo *feedback* dos participantes, um elevado nível científico durante todo o evento em virtude da excelência dos oradores convidados das mais prestigiadas instituições internacionais.

VS – Quais são as grandes conclusões retiradas desta conferência?
PA – O tópico da avaliação de risco associado ao consumo de alimentos é da maior importância na área da segurança alimentar. Portanto, é necessário reunir equipas multidisciplinares, nacionais e internacionais, de forma a progredir nesta área e estabelecer redes de colaboração. A ICFC 2019 situa-se neste contexto, promovendo a disseminação dos avanços neste domínio. Os estudos dos biomarcadores destes contaminantes nas amostras biológicas, como sangue ou urina, é também uma área em grande progresso, dado que permite avaliar todas as vias de exposição a que os humanos estão sujeitos a contaminantes químicos (alimentação, ar e via dérmica). Os alimentos também possuem compostos com efeitos benéficos e o balanço entre riscos e benefícios nos alimentos é uma área de crescente interesse, pelo que também é muito importante avaliar riscos e benefícios dos alimentos, de forma a proteger e promover a saúde humana.

VS – Qual é o balanço final da comissão organizadora?
PA – Bastante positivo, dada a adesão crescente de participantes e o nível científico atingido. Este ano, para além dos contaminantes químicos, foi integrada também a contaminação microbiológica e nutrição, promovendo uma visão holística da avaliação de risco.

que no INSA estão a ser desenvolvidos diferentes estudos na harmonização de alimentos para integrar fontes de dados de microbiologia, nutrição, toxicologia e epidemiologia. *MetroFood-RI*, *Total Diet Studies* e *RiskBenefit4EU* foram alguns dos projetos expostos. «O sucesso e as lições aprendidas com a experiência obtida nos diferentes projetos podem capitalizar um aspeto promissor para decisões baseadas na ciência, com benefícios para além do país», concluiu.

TECNOLOGIAS EMERGENTES, RISCOS EMERGENTES

Na palestra "Tecnologias emergentes, riscos emergentes: desafios para futuras comunicações de risco", Rui Gaspar falou sobre o futuro, embora um futuro próximo, porque muitas das inovações apresentadas já estão a acontecer neste momento, como o *biohacking* ou a carne cultivada em laboratório. O professor da Faculdade de Ciências Humanas da Universidade Católica Portuguesa (FHC-UCP) partiu de duas questões: Como é que o público percebe os riscos emergentes das tecnologias emergentes? Como é que o público entende as incertezas associadas às tecnologias emergentes?

No caso de novos produtos alimentares, assim que perguntamos a uma pessoa se comeria, por exemplo, carne sintética, nessa mesma pessoa entra em ação a avaliação de risco-benefício. «A deliberação é uma parte essencial. Isto é algo novo, então eu preciso de pensar. Quais são os benefícios? Quais são os riscos?», elucidou o investigador. Este quadro acarreta consequências em termos de comunicação. «Nós não devemos apenas comunicar a incerteza, mas também comunicar para reduzir a incerteza das pessoas. Se voltarmos ao objetivo da comunicação, o objetivo da comunicação é conter as informações de que os utilizadores precisam, conectar os utilizadores a essas informações e essas informações serem compreendidas pelos utilizadores. Portanto, devemos informar, envolver e garantir a compreensão», indicou.

A terminar, Rui Gaspar proferiu que devemos reunir uma série de evidências, nomeadamente «a perceção do público sobre os riscos, as crenças e as atitudes», «os tipos de incerteza que emergem dos riscos emergentes das tecnologias emergentes» e «de como as pessoas gerem a incerteza». «Porque isso nos permitirá comunicar para reduzir essa incerteza, porque nós sabemos exatamente quais são os pontos que aumentam a incerteza para eles, e é claro que devemos ser transparentes e criar confiança por parte das pessoas, porque isso é fundamental em qualquer comunicação que fazemos hoje em dia», justificou.



«O Mundo está a mudar muito rapidamente, e nós, como cientistas, precisamos de aprender a lidar com esse desenvolvimento», Hans Verhagen, chefe do Departamento de Avaliação de Risco e Assistência Científica da EFSA.



A ICFC providenciou um fórum onde investigadores de renome mundial, mas também jovens investigadores, puderam partilhar conhecimento avançado na área da contaminação alimentar e saúde humana.

GARANTIR A SEGURANÇA ALIMENTAR NAS CANTINAS COMUNITÁRIAS

Coube a Rui Leitão, da Unidade de Saúde Pública do Agrupamento de Centros de Saúde do Baixo Vouga (ACES BV), encerrar a sessão "Desafios na avaliação de risco: novas perspetivas", divulgando um programa de intervenção comunitária que visa garantir a segurança alimentar nas cantinas dos 11 concelhos que integram o ACES BV: Águeda, Albergaria-a-Velha, Anadia, Aveiro, Estarreja, Ílhavo, Murtosa, Oliveira do Bairro, Ovar, Sever do Vouga e Vagos. Das 420 cantinas registadas em 2018, foram avaliadas 211, totalizando mais de 28 mil refeições por dia.

Relativamente à vigilância microbiológica, Rui Leitão informou que «das amostras do prato principal, a maioria delas, acima dos 90%, foi "aceitável" ou "satisfatório". Mas se olharmos para as saladas, 43% era "não satisfatório». Prosseguiu: «Com a aplicação da nossa ferramenta de avaliação da qualidade concluímos que apenas 87 cantinas (41%) cumpriram totalmente os 20 pontos críticos da avaliação. Os problemas mais comuns foram: os lavatórios e as torneiras com sistema de ativação não manual, a cadeia de frio, os trabalhadores sem treino adequado na manipulação de alimentos ou a falta de um sistema de controlo de pragas». Apesar da maioria das cantinas não cumprirem totalmente os pontos críticos, como tal tiveram de implementar medidas corretivas, a avaliação geral foi positiva: 67% atingiram a classificação "muito bom", 24% "bom" e 9% "aceitável".

«Podemos falar sobre novas tecnologias e novas abordagens, mas há algumas coisas que ainda precisam de ser trabalhadas a nível local. O que nós sabemos é que não queremos lutar contra estas pessoas, não queremos puni-las. Queremos construir um relacionamento de confiança com todas as instituições. E, por isso, tentamos acompanhá-las, tentamos treiná-las e, claro, tentamos apoiá-las», sublinhou o orador. «Este programa é uma resposta de saúde pública a um problema, garantindo a segurança alimentar numa realidade populacional vulnerável», rematou.

CISION

ID: 83322026

VIVER SAUDÁVEL

31-10-2019

Meio: Imprensa
País: Portugal
Period.: Mensal
Âmbito: Saúde e Educação

Pág: 1
Cores: Cor
Área: 7,45 x 3,43 cm²
Corte: 4 de 4



DESTAQUE

VIVER SAUDÁVEL

A revista dos profissionais de nutrição

NUTRIÇÃO DESPORTIVA

Potenciar a performance, com segurança

ELEIÇÕES ON

Alexandra Bento reeleita bastonária até 2023

ICFC 2019

Contaminação alimentar e saúde humana em debate

Ano 3 . Número 43 . 4€ (iva incluído)
Mensal . outubro 2019

Investigadores alertam que diminuição da chuva vai pôr ecossistemas em causa

Tipo Meio:	Internet	Data Publicação:	31/10/2019
Meio:	Wilder Online	Autores:	Helena Geraldes

URL: http://www.pt.cision.com/s/?l=5b42e495

Dentro de 20 a 40 anos, vai chover menos 30% no interior e no Sul do país e 10% no litoral, alerta estudo da Universidade de Aveiro divulgado esta semana

Dentro de 20 a 40 anos, vai chover menos 30% no interior e no Sul do país e 10% no litoral, reduzindo as águas nos rios e aquíferos, alerta um novo estudo da Universidade de Aveiro divulgado esta semana.

A equipa de investigadores analisou a diminuição da precipitação média anual para o período entre 2046 e 2065. As conclusões, publicadas num artigo na revista científica Science of the Total Environment, apontam para um "cenário de escassez de água no ecossistema e, naturalmente, para consumo humano", alerta um comunicado da Universidade de Aveiro (UA).

O estudo analisou o período entre 2046 e 2065 que "corresponde a um período de clima futuro de médio prazo definido pelo IPCC (Painel Intergovernamental para as Alterações Climáticas), para avaliar a que condições climáticas a maioria da população portuguesa estaria sujeita num futuro a médio prazo", explicou à Wilder Paula Quinteiro, coordenadora do estudo e investigadora do Centro de Estudos do Ambiente e do Mar (CESAM), uma das unidades de investigação da UA.

Uma série de simulações climáticas - realizadas no âmbito do projeto CLICURB - Urban atmospheric quality, climate change and resilience coordenado pelo Departamento de Ambiente e Ordenamento da UA - permitiu chegar a conclusões.

Entre os anos 2046 e 2065, Portugal continental vai sofrer uma diminuição da de 10% na zona norte e em todo o litoral e de cerca de 30% nas zonas interiores e no sul.

Esta redução da precipitação está relacionada com as alterações climáticas. "O aumento da temperatura global do planeta potencia alterações no ciclo global da água, aumentando o contraste entre regiões secas e húmidas", explica Paula Quinteiro.

O planeta terá, então, uma dualidade de cenários: áreas com um aumento de precipitação e com o consequente agravamento do risco de inundação e áreas com uma redução da precipitação e com o consequente aumento do risco de secas. No caso português, as projeções realizadas apontam para uma redução dos níveis de precipitação durante todo o ano, com exceção dos meses de Inverno.

"A diminuição da precipitação leva a uma diminuição de água verde (água da chuva) disponível no solo, indispensável para o crescimento e manutenção da vegetação", lembrou a investigadora à Wilder.

Além disso, haverá uma "diminuição de água disponível para recarga de aquíferos e diminuição da água de escorrência superficial que alimenta os cursos superficiais de água".

Os resultados da investigação antecipam um "cenário preocupante se não forem tomadas medidas que

resultem na otimização da água disponível".

Por isso, os investigadores apelam à implementação de medidas urgentes para melhor captar e gerir a água da chuva.

Implementação de medidas urgentes

Os investigadores avaliaram a disponibilidade e escassez de água da chuva em todo o país, considerando diferentes coberturas de solo - agrícola, florestal, urbano e solo predominantemente com vegetação natural.

Hoje "já se identifica alguma pressão nos recursos de água verde", alerta a investigadora.

"Em termos médios, verifica-se já alguma pressão na disponibilidade de água verde para todos os usos de solo (agricultura, vegetação natural, floresta), dependendo da região em causa, das suas condições climáticas, da tipologia de solo e espécie vegetal em causa. Num clima futuro de médio prazo é esperado um aumento desta pressão, em particular na região do Alentejo."

Esta pressão "irá aumentar significativamente no futuro". Por isso, a equipa de investigadores defende medidas de gestão/captação e eficiência de consumo da água da chuva.

Os investigadores propõem "sistemas de recolha de água da chuva" para beneficiar irrigações agrícolas e florestais.

Outra medida será a realização de um "planeamento integrado de uso de solo e disponibilidade de água da chuva, dos rios e dos aquíferos".

Em situações mais prementes, Paula Quinteiro diz que "pode ser necessária uma realocação do cultivo para zonas com uma maior disponibilidade de água da chuva".

https://www.facebook.com/WilderDays/

CISION

GazetaRural

ID: 83419465

31-10-2019

Meio: Imprensa
País: Portugal
Period.: Quinzenal
Âmbito: Outros Assuntos

Pág: 26
Cores: Cor
Área: 18,50 x 25,00 cm²
Corte: 1 de 1



Segundo uma investigação da Universidade de Aveiro

Diminuição da pluviosidade coloca em causa ecossistemas

Entre os anos 2046 e 2065, Portugal continental vai sofrer uma diminuição da precipitação média anual de 10% na zona norte e em todo o litoral e de cerca de 30% nas zonas interiores e no sul. As previsões, realizadas na Universidade de Aveiro (UA), apontam para um cenário de escassez de água no ecossistema e, naturalmente, para consumo humano. Face ao cenário, os investigadores apelam à implementação de medidas urgentes para, no futuro, melhor captar e gerir a água da chuva.

"A diminuição severa de água da chuva disponível no solo pode resultar na diminuição de disponibilidade de água dos rios e dos aquíferos, o que numa situação limite pode condicionar a quantidade de água disponível para consumo humano e do ecossistema", alerta Paula Quinteiro, coordenadora do estudo e investigadora do Centro de Estudos do Ambiente e do Mar (CESAM), uma das unidades de investigação da UA.

Os resultados da investigação antecipam um cenário preocupante se não forem tomadas medidas que resultem na optimização da água disponível. "Os valores médios de precipitação previstos para o período compreendido entre 2046 e 2065 apontam para uma diminuição média anual da precipitação em Portugal Continental de cerca de 10% na zona norte e em todo o litoral e de cerca de 30% nas zonas do interior e do sul do país", revelam os investigadores. Estas previsões da precipitação foram realizadas pelo Departamento de Física da UA no âmbito do projecto CLICURB - Urban atmospheric quality, climate change and resilience coordenado pelo Grupo de Emissões Modelação e Alterações Climáticas do Departamento de Ambiente e Ordenamento (DAO) da UA e financiado pela Fundação para a Ciência e a Tecnologia (FCT).

A redução da precipitação em território nacional está relacionada com o fenómeno das alterações climáticas. "O aumento da temperatura global do planeta potencia alterações no ciclo global da água, aumentando o contraste entre regiões secas e húmidas", explica Paula Quinteiro. Isto significa que o planeta terá uma dualidade de cenários, nomeadamente em áreas com um aumento de precipitação e com o consequente agravamento do risco de inundação e áreas com uma redução da precipitação e com o consequente aumento do risco de secas. No caso português, as projecções realizadas apontam para uma redução dos níveis de precipitação durante todo o ano, com excepção dos meses de Inverno.

Ao longo do território nacional, os investigadores da UA avaliaram as condições de disponibilidade e de escassez de água da chuva, considerando diferentes coberturas de solo - agrícola, florestal, urbano e solo predominantemente com vegetação natural.

"Na actualidade já se identifica alguma pressão nos recursos de água verde [água da chuva] sendo que esta pressão irá aumentar significativamente no futuro, dando a indicação de que em algumas situações, e dependendo dos requisitos de água necessários para garantir e maximizar o crescimento de vegetação, devem ser implementadas medidas de gestão/captação e eficiência de consumo dessa água", explica Paula Quinteiro, a investigadora que assina o trabalho do CESAM juntamente com Sandra Rafael, Bruno Vicente, Martinho Marta-Almeida, Alfredo Rocha, Luís Arroja e Ana Cláudia Dias.

Entre as medidas podem, por exemplo, "ser implementados sistemas de recolha de água da chuva por forma a garantir a respectiva disponibilidade para irrigações agrícolas e florestais". A investigadora aconselha ainda a realização de um planeamento integrado de uso de solo e disponibilidade de água da chuva, dos rios e dos aquíferos. Em situações mais prementes, Paula Quinteiro diz que "pode ser necessária uma realocação do cultivo para zonas com uma maior disponibilidade de água da chuva, atendendo também às condições do solo e características da vegetação em causa".

A pressão nos recursos de água verde em Portugal foi calculada através da metodologia de Avaliação de Ciclo de Vida (ACV), no âmbito dos projectos SustainFor e SABIOS coordenados pelo grupo LiSAT- Life Cycle Based Sustainability Assessment Tools Team do DAO e financiados pela FCT. A quantidade de água verde evaporada e transpirada pela vegetação foi calculada tendo por base os dados climáticos presentes e futuros simulados, por forma a compreender o potencial impacte de consumo de água verde pelas plantas na escassez deste recurso.

CISION
GazetaRural
ID: 83420178
31-10-2019
Meio: Imprensa
País: Portugal
Period.: Quinzenal
Âmbito: Outros Assuntos
Pág: 27
Cores: Preto e Branco
Área: 18,50 x 25,00 cm²
Corte: 1 de 1



Uma investigação da Universidade de Aveiro

Descoberto papel essencial do musgo na gestão de solos queimados

Os musgos têm um papel fundamental na conservação do solo afectado por um incêndio florestal e, por isso, o seu crescimento deve ser estimulado. A descoberta da Universidade de Aveiro (UA) prova que os musgos não só previnem a erosão dos solos como retêm a humidade e conservam a fertilidade da terra.

A investigação do Departamento de Ambiente e Ordenamento (DAO) e do grupo de Planeamento e Gestão do Zonas Costeiras (CZPM) do Centro de Estudos do Ambiente e do Mar (CESAM) da UA quantificou, pela primeira vez em Portugal, o papel ecológico dos musgos na conservação do solo após incêndios florestais.

Realizado no âmbito do projecto RECARE, o estudo demonstrou que os musgos previnem a erosão em áreas ardidas, ajudando a consolidar a estrutura dos solos, a reter a sua humidade e a conservar a sua fertilidade.

Na investigação, os cientistas da UA monitorizaram, durante um ano, uma encosta de uma plantação florestal ardida, na qual ocorreu uma colonização espontânea de musgos nas primeiras semanas após o incêndio florestal.

Foi quantificada a escorrência superficial induzida pela chuva, assim como a perda de sedimentos e de matéria orgânica, em parcelas de solo com diferentes frações de musgo na sua cobertura. Estes parâmetros foram correlacionados com a evolução do coberto vegetal ao longo do primeiro ano após incêndio e mostraram que o desenvolvimento de uma cobertura anual média com 67 por cento de musgos permitiu reduzir a erosão anual em 65 por cento (de 1150 para 400 quilogramas de solo por hectare).

Enquanto recurso não renovável, aponta o investigador Flávio Silva, "o solo é um compartimento ecológico estratégico que está nas prioridades da agenda de políticas europeias, sendo a sua conservação fortemente encorajada".

O investigador, autor do trabalho a par com os investigadores do CESAM Diana Vieira e Jacob Keizer, e de Els van der Spek, da Universidade de Wageningen (Holanda), garante que "os musgos podem ser encarados como 'engenheiros' de ecossistema naturais que constituem o primeiro passo para a preservação da fertilidade dos solos, proporcionando todas as condições para o desenvolvimento da biodiversidade subsequente".

"Os musgos são espécies pioneiras em solos recentemente ardidos, embora a sua proliferação dependa de condições ambientais específicas", refere Flávio Silva. No entanto, o estudo sugere que estimular o desenvolvimento de musgos em áreas ardidas pode ser um importante instrumento de gestão de solos após incêndios florestais. "Os musgos são espécies vegetais cosmopolitas e desenvolvem-se muito bem em solos pobres e, por isso, a sua proliferação é fácil e rápida, requerendo apenas alguma humidade e luz solar baixa ou moderada", explica o investigador, acrescentando que "como são tolerantes a contextos de seca extrema, embora pareçam mortos quando sujeitos ao calor, basta alguma humidade para que se reabilitem, e os esporos também continuam viáveis".

À venda no mercado, podem ser encontrados esporos de várias espécies de musgos. A abordagem indicada para utilização de musgos para prevenção da erosão pós-incêndio passa por incluir esses esporos ou fragmentos triturados de musgo seco, a baixo custo adicional, nos lotes de misturas de sementes já habitualmente utilizados em medidas de estabilização de emergência pós-incêndio. Normalmente esta técnica de sementeira, lembra Flávio Silva, "é aplicada por hidrossementeira [mistura de água com as sementes e outros componentes que promovem a estabilização do solo] ou por helicóptero como se tem feito nos Estados Unidos".

No entanto, para diminuir os custos operacionais, e tal como deve acontecer com todas as medidas de estabilização de emergência pós-incêndio, os investigadores aconselham que se devem identificar previamente as áreas mais críticas sujeitas a erosão e fazer a aplicação da sementeira apenas nessas áreas. Como os musgos se desenvolvem rapidamente, eles retêm o solo e a humidade necessários para o desenvolvimento posterior de plantas vasculares.

O estudo, publicado na revista Ecological Engineering, foi destacado pela Comissão Europeia na importante newsletter Science for Environment Policy.

CISION

ID: 83045465

notíciasdo mar

31-10-2019

Meio: Imprensa
País: Portugal
Period.: Mensal
Âmbito: Outros Assuntos

Pág: 18
Cores: Cor
Área: 12,58 x 17,30 cm²
Corte: 1 de 1

ESTUDO DA UNIVERSIDADE DE AVEIRO

Poluição do tráfego marítimo é preocupante e pode vir a aumentar

A POLUIÇÃO ATMOSFÉRICA NA COSTA PORTUGUESA PROVOCADA PELO TRÁFEGO MARÍTIMO REPRESENTA CERCA DE 20 POR CENTO DA POLUIÇÃO CAUSADA PELOS ÓXIDOS DE NITROGÉNIO (NOX), UM DOS POLUENTES MAIS NOCIVOS À SAÚDE HUMANA E AO MEIO AMBIENTE. ESTE VALOR VEM DE UM ESTUDO DA UNIVERSIDADE DE AVEIRO (UA) QUE, PARA AJUDAR A REDUZIR ESTA CONTRIBUIÇÃO, APONTA UMA LISTA DE MEDIDAS QUE URGEM SER COLOCADAS EM PRÁTICA.

"As emissões marítimas, que compreendem sobretudo os poluentes NOx e o dióxido de enxofre (SO2), têm impacto máximo junto às rotas internacionais, mas este impacto chega à zona costeira, com contribuições que vão de 10 a 20 por cento no caso dos NOx e acima de 20 por cento para o SO2", aponta Alexandra Monteiro, investigadora do Departamento de Ambiente e Ordenamento e do Centro de Estudos do Ambiente e do Mar, uma das unidades de investigação da UA.

A coordenadora do estudo garante tratar-se de um ***"cenário preocupante"*** que é urgente combater: "***É muito importante colocar no terreno as medidas propostas pela investigação, algumas promovidas pela própria regulação europeia, sobretudo face ao contínuo e esperado aumento do tráfego marítimo"***.

Os investigadores estimam que atualmente cerca de 90 por cento (75 por cento na Europa, e com tendência a crescer) de toda a troca de mercadorias e bens em todo mundo é realizada por via marítima, o que torna este meio de transporte preocupante em termos de impacto ambiental, sobretudo devido à sua grande dependência no que diz respeito ao uso de combustíveis fósseis, com emissões atmosféricas associadas e potencial impacto na qualidade do ar.

Coordenado por Alexandra Monteiro, o projeto AIRSHIP, financiado pela Fundação para a Ciência e a Tecnologia (FCT) e que terminou recentemente, visou avaliar o impacto na qualidade do ar das emissões do transporte marítimo em Portugal e, com maior detalhe, ao nível local/portuário, tendo como caso de estudo o Porto Leixões e a área urbana envolvente.



A investigadora Alexandra Monteiro

FORTE IMPACTO NA QUALIDADE DO AR

No âmbito desse projeto, os investigadores da UA e em colaboração com o Instituto Meteorológico Finlandês, estimaram as emissões atmosféricas associadas ao transporte marítimo em Portugal e avaliaram a contribuição destas emissões na qualidade do ar, recorrendo a um sistema de modelação numérica.

Os resultados revelaram que estas emissões têm um impacto na qualidade do ar máximo junto às rotas marítimas, chegando até às zonas costeiras onde se verificam contribuições de 10 a 20 por cento para as concentrações de NOx e inferior a 10 por cento no caso das partículas, dois dos poluentes mais críticos em Portugal, com excedências aos valores limite legislados.

Relativamente aos cruzeiros, as estimativas revelam que as emissões associadas correspondem apenas a cerca de 5 por cento do total do transporte marítimo. Os estudos que os apontam como grandes poluentes, referem-se principalmente às emissões de SO2 (um poluente que apresenta valores residuais em termos de qualidade do ar em Portugal), já que é verdade que os cruzeiros emitem 28 vezes mais SO2 que o transporte rodoviário (mas 17 vezes menos NOx).

MEDIDAS MITIGADORAS

Os estudos feitos no projeto AIRSHIP, quer ao nível regional, quer local (caso de estudo Porto de Leixões), envolveram ainda a investigação de medidas estratégicas mitigadoras para as emissões associadas ao transporte marítimo (focadas sobretudo no uso de combustíveis alternativos e práticas sustentáveis) e à atividade portuária, e elaboração de linhas de orientação para a sua implementação.

Entre as dezenas de medidas apontadas, os investigadores sublinham a importância da redução da velocidade dos navios enquanto estão em operação através da redução das rotações por minuto do motor e a utilização de combustíveis alternativos, de modo a diminuir o uso dos combustíveis mais tradicionais no transporte marítimo. Alterações nos motores do navio, de forma a torná-los mais limpos, e a implementação nos navios de um sistema de limpeza de gases de exaustão são outras das muitas medidas propostas.

"Esperamos que estes resultados possam ser particularmente importantes e úteis na gestão e ação política na área do transporte marítimo e dos seus impactes ambientais, colocando assim a ciência e a investigação ao verdadeiro serviço da sociedade", diz Alexandra Monteiro.

Para além de Alexandra Monteiro, também Sandra Sorte, Michael Russo, Carla Gama, Myriam Lopes e Carlos Borrego, todos investigadores do CESAM, e André Neves, aluno do Mestrado Integrado de Engenharia do Ambiente, assinam o estudo.

Musgos: descoberto papel essencial na gestão de solos queimados

Tipo Meio: Internet Data Publicação: 30/10/2019

Meio: OvarNews Online

URL: http://www.pt.cision.com/s/?l=c7ba9872

CulturaMusgos: descoberto papel essencial na gestão de solos queimados

OvarNews

1 min atrás 0 0 2 minutes read

Os musgos têm um papel fundamental na conservação do solo afectado por um incêndio florestal e, por isso, o seu crescimento deve ser estimulado. A descoberta da Universidade de Aveiro (UA) prova que os musgos não só previnem a erosão dos solos como retêm a humidade e conservam a fertilidade da terra.

A investigação do Departamento de Ambiente e Ordenamento (DAO) e do grupo de Planeamento e Gestão do Zonas Costeiras (CZPM) do Centro de Estudos do Ambiente e do Mar (CESAM) da UA quantificou, pela primeira vez em Portugal, o papel ecológico dos musgos na conservação do solo após incêndios florestais.

Realizado no âmbito do projeto RECARE, o estudo demonstrou que os musgos previnem a erosão em áreas ardidas, ajudando a consolidar a estrutura dos solos, a reter a sua humidade e a conservar a sua fertilidade.

Na investigação, os cientistas da UA monitorizaram, durante um ano, uma encosta de uma plantação florestal ardida, na qual ocorreu uma colonização espontânea de musgos nas primeiras semanas após o incêndio florestal.

Foi quantificada a escorrência superficial induzida pela chuva, assim como a perda de sedimentos e de matéria orgânica, em parcelas de solo com diferentes fracções de musgo na sua cobertura. Estes parâmetros foram correlacionados com a evolução do coberto vegetal ao longo do primeiro ano após incêndio e mostraram que o desenvolvimento de uma cobertura anual média com 67 por cento de musgos permitiu reduzir a erosão anual em 65 por cento (de 1150 para 400 quilogramas de solo por hectare).

Enquanto recurso não renovável, aponta o investigador Flávio Silva, "o solo é um compartimento ecológico estratégico que está nas prioridades da agenda de políticas europeias, sendo a sua conservação fortemente encorajada".

O investigador, autor do trabalho a par com os investigadores do CESAM Diana Vieira e Jacob Keizer, e de Els van der Spek, da Universidade de Wageningen (Holanda), garante que "os musgos podem ser encarados como 'engenheiros' de ecossistema naturais que constituem o primeiro passo para a preservação da fertilidade dos solos, proporcionando todas as condições para o desenvolvimento da biodiversidade subsequente".

Trabalho destacado pela Comissão Europeia

"Os musgos são espécies pioneiras em solos recentemente ardidos, embora a sua proliferação dependa de condições ambientais específicas", refere Flávio Silva. No entanto, o estudo sugere que estimular o desenvolvimento de musgos em áreas ardidas pode ser um importante instrumento de gestão de solos após incêndios florestais.

"Os musgos são espécies vegetais cosmopolitas e desenvolvem-se muito bem em solos pobres, e por isso a sua proliferação é fácil e rápida, requerendo apenas alguma humidade e luz solar baixa ou moderada", explica o investigador que acrescenta: "Como são tolerantes a contextos de seca extrema, embora pareçam mortos quando sujeitos ao calor, basta alguma humidade para que se reabilitem, e os esporos também continuam viáveis".

À venda no mercado, podem ser encontrados esporos de várias espécies de musgos. A abordagem indicada para utilização de musgos para prevenção da erosão pós-incêndio passa por incluir esses esporos ou fragmentos triturados de musgo seco, a baixo custo adicional, nos lotes de misturas de sementes já habitualmente utilizados em medidas de estabilização de emergência pós-incêndio. Normalmente esta técnica de sementeira, lembra Flávio Silva, "é aplicada por hidrossementeira [mistura de água com as sementes e outros componentes que promovem a estabilização do solo] ou por helicóptero como se tem feito nos Estados Unidos".

No entanto, para diminuir os custos operacionais, e tal como deve acontecer com todas as medidas de estabilização de emergência pós-incêndio, os investigadores aconselham que se devem identificar previamente as áreas mais críticas sujeitas a erosão e fazer a aplicação da sementeira apenas nessas áreas. Como os musgos se desenvolvem rapidamente, eles retêm o solo e a humidade necessários para o desenvolvimento posterior de plantas vasculares.

O estudo, publicado na revista Ecological Engineering, foi destacado pela Comissão Europeia na importante newsletter Science for Environment Policy.

Facebook Twitter Google+ LinkedIn StumbleUpon Tumblr Pinterest Reddit VKontakte Partilhar por email Imprimir

1 min atrás

[Additional Text]:
OvarNews

OvarNews

CISION

Diário de Aveiro

ID: 83211052

29-10-2019

Meio: Imprensa
País: Portugal
Period.: Diária
Âmbito: Regional

Pág: 5
Cores: Cor
Área: 17,24 x 28,56 cm²
Corte: 1 de 2

Menos chuva coloca ecossistemas em risco

Seca Previsões apontam para uma redução da disponibilidade de água. Apela-se a "medidas urgentes" para "melhor captar e gerir a água da chuva"

FOTOS: D.R.







Paula Quintaneiro, investigadora do CESAM, da UA

Devido à diminuição da precipitação média anual de 10 por cento na zona Norte e em todo o litoral e de cerca de 30 por cento nas zonas interiores e no Sul entre os anos 2046 e 2065, em Portugal continental, conforme indicam previsões realizadas pelo Departamento de Física da Universidade de Aveiro (UA), antevê-se um cenário de escassez de água no ecossistema e, naturalmente, para consumo humano.

Face ao cenário, é lançado o apelo à implementação de "medidas urgentes para, no futuro, melhor captar e gerir a água da chuva". Segundo Paula Quinteiro, coordenadora do estudo e investigadora do Centro de Estudos do Ambiente e do Mar (CESAM), uma unidade de investigação da UA, "a diminuição severa de água da chuva disponível no solo pode resultar na diminuição de disponibilidade de água dos rios e dos aquíferos, o que, numa situação limite, pode condicionar a quantidade de água disponível para consumo humano e do ecossistema".

Contudo, segundo a investigadora, "na actualidade, já se identifica alguma pressão nos recursos de água verde (água da chuva), sendo que esta pressão irá aumentar significativamente no futuro, dando a indicação de que em algumas situações, e dependendo dos requisitos de água necessários para garantir e maximizar o crescimento de vegetação, devem ser implementadas medidas de gestão/captação e eficiência de consumo dessa água".

Medidas "urgentes"

Entre as medidas sugeridas, por exemplo, podem "ser implementados sistemas de recolha de água da chuva por forma a garantir a respectiva disponibilidade para irrigações agrícolas e florestais". A investigadora aconselha, também, um planeamento integrado de uso de solo e disponibilidade de água da chuva, dos rios e dos aquíferos.

Paula Quinteiro adianta que em situações mais prementes "pode ser necessária uma realocação do cultivo para zonas com uma maior disponibilidade de água da chuva, atendendo também às condições do solo e características da vegetação em causa".

Alterações climáticas

Segundo comunicado da UA, a redução da precipitação em território nacional está relacionada com o fenómeno das alterações climáticas. A investigadora diz que "o aumento da temperatura global do planeta potencia alterações no ciclo global da água, aumentando o contraste entre regiões secas e húmidas". Por isso, o nosso planeta apresentará dois cenários, sendo um com áreas com um aumento de precipitação e com o consequente agravamento do risco de inundação e áreas com uma redução da precipitação e com o consequente aumento do risco de secas.

No caso de Portugal, as projecções realizadas apontam para uma redução dos níveis de precipitação durante todo o ano, exceptuando durante os meses de Inverno.

Ao longo do território nacional, os investigadores da Universidade de Aveiro avaliaram as condições de disponibilidade e de escassez de água da chuva, considerando diferentes coberturas de solo - agrícola, florestal, urbano e solo predominantemente com vegetação natural.

A investigadora Paula Quinteiro assina este trabalho com Sandra Rafael, Bruno Vicente, Martinho Marta-Almeida, Alfredo Rocha, Luís Arroja e Ana Cláudia Dias.

Estas previsões da precipitação foram realizadas no âmbito do projecto "CLICURB-Urban atmospheric quality, climate change and resilience coordenado" pelo Grupo de Emissões Modelação e Alterações Climáticas do Departamento de Ambiente e Ordenamento (DAO) da Universidade de Aveiro e financiado pela Fundação para a Ciência e a Tecnologia (FCT).

A redução da precipitação está relacionada com o fenómeno das alterações climáticas, devido à mudança do ciclo da água

A pressão nos recursos de água verde em Portugal foi calculada através da metodologia de Avaliação de Ciclo de Vida (ACV), no âmbito dos projetos SustainFor e SABIOS coordenados pelo grupo "LiSAT- Life Cycle Based Sustainability Assessment Tools Team" do DAO e financiados pela FCT.

A quantidade de água verde evaporada e transpirada pela vegetação foi calculada tendo por base os dados climáticos presentes e futuros simulados, de forma a compreender o potencial impacte de consumo de água verde pelas plantas na escassez deste recurso.

CISION

Diário de Aveiro

ID: 83211052

29-10-2019

Meio: Imprensa
País: Portugal
Period.: Diária
Âmbito: Regional

Pág: 1
Cores: Cor
Área: 4,25 x 3,24 cm²
Corte: 2 de 2



Inscrições 2019/2020 Abertas
O Único centro oficial de exames da Universidade de Cambridge em Aveiro
International House Language School
Em Aveiro, em frente aos Arcos
facebook.com/ihaveiro
www.ihaveiro.com
+351 234 426 923
ihaveiro@ihaveiro.com

Diário de Aveiro

29 DE OUTUBRO DE 2019 TERÇA-FEIRA, Edição n.º 11.499 DIÁRIO | 0,80 EUROS

Fundador Adriano Lucas (1925-2011) | Director Adriano Callé Lucas | Jornal defensor da valorização de Aveiro e da Região das Beiras

NOVO pingo doce AVEIRO

POSTO MÉDICO ABERTO DESDE 2016 ESTÁ QUASE ENCERRADO

Unidade de saúde de Maceda, no concelho de Ovar, está com falta de pessoal médico e administrativo. Câmara não se conforma com o comportamento do Governo **Página 7**

(Fly) rent-a-car
www.flyrent.pt
234 301 580

Sala lotada para reflectir sobre o PDM
Aveiro | P4

Manifestantes ameaçam fechar Escola Oliveira Júnior
Protesto | P22

Arguido assume roubo no apeadeiro de Salreu
Estarreja | P32

Estudo prevê escassez de água a partir de 2046
Aveiro | P5

Jovem assina contrato com equipa de jogo "on-line"
Sever do Vouga | P13

PAULO RAMOS



Escola Ciência Viva para 750 alunos

Novo projecto envolve todas as crianças do quarto ano de Aveiro **Página 2**

Culturas.pt
ARTE CONTEMPORÂNEA

Anadia é o adversário do Beira-Mar na Taça
Futebol | P28

GRANTURINO
Steak house
REABRE dia 31 Outubro
C/Nova Gerência e remodelado
RUA ANTÓNIO SANTOS LÉ,18 | 3800-105 AVEIRO
- RESERVAS 234 048 967 / 934 483 869 -



CISION

Diário de Coimbra

ID: 83211907

29-10-2019

Meio: Imprensa
País: Portugal
Period.: Diária
Âmbito: Regional

Pág: 21
Cores: Cor
Área: 8,98 x 17,58 cm²
Corte: 1 de 1



Investigadores defendem medidas urgentes para captar água das chuvas

AVEIRO Cientistas da Universidade de Aveiro apelaram ontem à implementação de medidas urgentes para captar e gerir a água da chuva, que vai diminuir de acordo com as previsões que efectuaram.

As previsões, realizadas na Universidade de Aveiro (UA), apontam para um cenário de escassez de água no ecossistema e, naturalmente, para consumo humano.

Face a esse cenário, os investigadores «apelam à implementação de medidas urgentes para, no futuro, melhor captar e gerir a água da chuva», já que prevêem que, entre 2046 e 2065, Portugal continental vai sofrer uma diminuição da precipitação média anual de 10% na zona Norte e em todo o litoral e de cerca de 30% nas zonas interiores e no Sul.

As previsões da precipitação foram realizadas pelo Departamento de Física da UA no âmbito do projecto "CLICURB-Urban atmospheric quality, climate change and resilience", coordenado pelo Grupo de Emissões Modelação e Alterações Climáticas do Departamento de Ambiente e Ordenamento (DAO) da UA e financiado pela Fundação para a Ciência e a Tecnologia (FCT).

Segundo Paula Quinteiro, coordenadora do estudo, «na actualidade já se identifica alguma pressão nos recursos de água da chuva que irá aumentar no futuro, dando a indicação de que em algumas situações, e dependendo dos requisitos de água necessários para garantir e maximizar o crescimento de vegetação, devem ser implementadas medidas de gestão/captação e eficiência de consumo dessa água».

A investigadora, que assina o trabalho do CESAM juntamente com Sandra Rafael, Bruno Vicente, Martinho Marta-Almeida, Alfredo Rocha, Luís Arroja e Ana Cláudia Dias, defende a adopção de medidas como sistemas de recolha de água da chuva «por forma a garantir a respectiva disponibilidade para irrigações agrícolas e florestais».



Paula Quinteiro é a coordenadora de estudo da UA

Investigadores defendem medidas urgentes para captar água das chuvas

Tipo Meio: Internet Data Publicação: 29/10/2019

Meio: Diário de Notícias da Madeira Online

URL: http://www.pt.cision.com/s/?l=3a8fe08d

Cientistas da Universidade de Aveiro apelaram à implantação de medidas urgentes para captar e gerir a água da chuva, que vai diminuir de acordo com as previsões que efetuaram. As previsões, realizadas na Universidade de Aveiro (UA), apontam para um cenário de escassez de água no ecossistema e, naturalmente, para consumo humano. Face a esse cenário, os investigadores "apelam à implementação de medidas urgentes para, no futuro, melhor captar e gerir a água da chuva", já que preveem que, entre 2046 e 2065, Portugal continental vai sofrer uma diminuição da precipitação média anual de 10% na zona norte e em todo o litoral e de cerca de 30% nas zonas interiores e no sul. As previsões da precipitação foram realizadas pelo Departamento de Física da UA no âmbito do projeto "CLICURB-Urban atmospheric quality, climate change and resilience", coordenado pelo Grupo de Emissões Modelação e Alterações Climáticas do Departamento de Ambiente e Ordenamento (DAO) da UA e financiado pela Fundação para a Ciência e a Tecnologia (FCT). Segundo Paula Quinteiro, coordenadora do estudo, "na atualidade já se identifica alguma pressão nos recursos de água da chuva que irá aumentar no futuro, dando a indicação de que em algumas situações, e dependendo dos requisitos de água necessários para garantir e maximizar o crescimento de vegetação, devem ser implementadas medidas de gestão/captação e eficiência de consumo dessa água". A investigadora, que assina o trabalho do CESAM juntamente com Sandra Rafael, Bruno Vicente, Martinho Marta-Almeida, Alfredo Rocha, Luís Arroja e Ana Cláudia Dias, defende a adoção de medidas como sistemas de recolha de água da chuva "por forma a garantir a respetiva disponibilidade para irrigações agrícolas e florestais". A investigadora aconselha ainda a realização de um planeamento integrado de uso de solo e disponibilidade de água da chuva, dos rios e dos aquíferos. Em situações mais prementes, Paula Quinteiro diz que "pode ser necessária uma realocação do cultivo para zonas com uma maior disponibilidade de água da chuva, atendendo também às condições do solo e características da vegetação em causa".

Agência Lusa

CISION

Diário dos Açores
Desde 1870

ID: 83211122

29-10-2019

Meio: Imprensa
País: Portugal
Period.: Diária
Âmbito: Regional

Pág: 14
Cores: Cor
Área: 19,90 x 17,24 cm²
Corte: 1 de 1



Diminuição de chuva põe em causa ecossistemas, alertam investigadores de Aveiro



Paula Quinteiro, investigadora da Universidade de Aveiro

Entre os anos 2046 e 2065, Portugal continental vai sofrer uma diminuição da precipitação média anual de 10 por cento na zona norte e em todo o litoral e de cerca de 30 por cento nas zonas interiores e no sul. As previsões, realizadas na Universidade de Aveiro (UA) apontam para um cenário de escassez de água no ecossistema e, naturalmente, para consumo humano. Face ao cenário, os investigadores apelam à implementação de medidas urgentes para, no futuro, melhor captar e gerir a água da chuva.

"A diminuição severa de água da chuva disponível no solo pode resultar na diminuição de disponibilidade de água dos rios e dos aquíferos, o que numa situação limite pode condicionar a quantidade de água disponível para consumo humano e do ecossistema", alerta Paula Quinteiro, coordenadora do estudo e investigadora do Centro de Estudos do Ambiente e do Mar (CESAM), uma das unidades de investigação da UA.

Os resultados da investigação antecipam um cenário preocupante se não forem tomadas medidas que resultem na optimização da água disponível: "os valores médios de precipitação previstos para o período compreendido entre 2046 e 2065 apontam para uma diminuição média anual da precipitação em Portugal Continental de cerca de 10 por cento na zona norte e em todo o litoral e de cerca de 30 por cento nas zonas do interior e do sul do país". Estas previsões da precipitação foram realizadas pelo Departamento de Física da UA no âmbito do projeto CLICURB-Urban atmospheric quality, climate change and resilience coordenado pelo Grupo de Emissões Modelação e Alterações Climáticas do Departamento de Ambiente e Ordenamento (DAO) da UA e financiado pela Fundação para a Ciência e a Tecnologia (FCT).

A redução da precipitação em território nacional está relacionada com o fenómeno das alterações climáticas. "O aumento da temperatura global do planeta potencia alterações no ciclo global da água, aumentando o contraste entre regiões secas e húmidas", explica Paula Quinteiro. Isto significa que o planeta terá uma dualidade de cenários: áreas com um aumento de precipitação e com o consequente agravamento do risco de inundação e áreas com uma redução da precipitação e com o consequente aumento do risco de secas. No caso português, as projecções realizadas apontam para uma redução dos níveis de precipitação durante todo o ano, com exceção dos meses de inverno.

Implementação de medidas urgentes

Ao longo do território nacional, os investigadores da UA avaliaram as condições de disponibilidade e de escassez de água da chuva, considerando diferentes coberturas de solo - agrícola, florestal, urbano e solo predominantemente com vegetação natural.

"Na atualidade já se identifica alguma pressão nos recursos de água verde [água da chuva] sendo que esta pressão irá aumentar significativamente no futuro, dando a indicação de que em algumas situações, e dependendo dos requisitos de água necessários para garantir e maximizar o crescimento de vegetação, devem ser implementadas medidas de gestão/captação e eficiência de consumo dessa água", explica Paula Quinteiro, a investigadora que assina o trabalho do CESAM juntamente com Sandra Rafael, Bruno Vicente, Martinho Marta-Almeida, Alfredo Rocha, Luís Arroja e Ana Cláudia Dias.

Entre as medidas podem, por exemplo, "ser implementados sistemas de recolha de água da chuva por forma a garantir a respetiva disponibilidade para irrigações agrícolas e florestais". A investigadora aconselha ainda a realização de um planeamento integrado de uso de solo e disponibilidade de água da chuva, dos rios e dos aquíferos. Em situações mais prementes, Paula Quinteiro diz que "pode ser necessária uma realocação do cultivo para zonas com uma maior disponibilidade de água da chuva, atendendo também às condições do solo e características da vegetação em causa".

A pressão nos recursos de água verde em Portugal foi calculada através da metodologia de Avaliação de Ciclo de Vida (ACV), no âmbito dos projectos SustainFor e SABIOS coordenados pelo grupo LiSAT- Life Cycle Based Sustainability Assessment Tools Team do DAO e financiados pela FCT. A quantidade de água verde evaporada e transpirada pela vegetação foi calculada tendo por base os dados climáticos presentes e futuros simulados, por forma a compreender o potencial impacte de consumo de água verde pelas plantas na escassez deste recurso.

CISION

ID: 83360797

DIÁRIO DO FAIAL incentivo www.jornalincentivo.com

29-10-2019

Meio: Imprensa
País: Portugal
Period.: Diária
Âmbito: Regional

Pág: 3
Cores: Cor
Área: 14,25 x 15,41 cm²
Corte: 1 de 1



Investigadores defendem medidas urgentes para captar água das chuvas

Cientistas da Universidade de Aveiro apelaram ontem à implantação de medidas urgentes para captar e gerir a água da chuva, que vai diminuir de acordo com as previsões que efetuaram.

As previsões, realizadas na Universidade de Aveiro (UA), apontam para um cenário de escassez de água no ecossistema e, naturalmente, para consumo humano.

Face a esse cenário, os investigadores "apelam à implementação de medidas urgentes para, no futuro, melhor captar e gerir a água da chuva", já que preveem que, entre 2046 e 2065, Portugal continental vai sofrer uma diminuição da precipitação média anual de 10% na zona norte e em todo o litoral e de cerca de 30% nas zonas interiores e no sul.

As previsões da precipitação foram realizadas pelo Departamento de Física da UA no âmbito do projeto "CLICURB-Urban atmospheric quality, climate change and resilience", coordenado pelo Grupo de Emissões Modelação e Alterações Climáticas do Departamento de Ambiente e Ordenamento (DAO) da UA e financiado pela Fundação para a Ciência e a Tecnologia (FCT).

Segundo Paula Quinteiro, coordenadora do estudo, "na atualidade já se identifica alguma pressão nos recursos de água da chuva que irá aumentar no futuro, dando a indicação de que em algumas situações, e dependendo dos requisitos de água necessários para garantir e maximizar o crescimento de vegetação, devem ser implementadas medidas de gestão/captação e eficiência de consumo dessa água".

A investigadora, que assina o trabalho do CESAM juntamente com Sandra Rafael, Bruno Vicente, Martinho Marta-Almeida, Alfredo Rocha, Luís Arroja e Ana Cláudia Dias, defende a adoção de medidas como sistemas de recolha de água da chuva "por forma a garantir a respetiva disponibilidade para irrigações agrícolas e florestais".

A investigadora aconselha ainda a realização de um planeamento integrado de uso de solo e disponibilidade de água da chuva, dos rios e dos aquíferos.

Em situações mais prementes, Paula Quinteiro diz que "pode ser necessária uma realocação do cultivo para zonas com uma maior disponibilidade de água da chuva, atendendo também às condições do solo e características da vegetação em causa". ■

Investigadores defendem medidas urgentes para captação de água das chuvas

Tipo Meio: Internet Data Publicação: 29/10/2019

Meio: Mundo Português Online

URL: http://www.pt.cision.com/s/?l=20a0c48a

Cientistas da Universidade de Aveiro apelaram hoje à implantação de medidas urgentes para captar e gerir a água da chuva, que vai diminuir de acordo com as previsões que efetuaram.

As previsões, realizadas na Universidade de Aveiro (UA), apontam para um cenário de escassez de água no ecossistema e, naturalmente, para consumo humano.

Face a esse cenário, os investigadores "apelam à implementação de medidas urgentes para, no futuro, melhor captar e gerir a água da chuva", já que preveem que, entre 2046 e 2065, Portugal continental vai sofrer uma diminuição da precipitação média anual de 10% na zona norte e em todo o litoral e de cerca de 30% nas zonas interiores e no sul.

As previsões da precipitação foram realizadas pelo Departamento de Física da UA no âmbito do projeto "CLICURB-Urban atmospheric quality, climate change and resilience", coordenado pelo Grupo de Emissões Modelação e Alterações Climáticas do Departamento de Ambiente e Ordenamento (DAO) da UA e financiado pela Fundação para a Ciência e a Tecnologia (FCT).

Segundo Paula Quinteiro, coordenadora do estudo, "na atualidade já se identifica alguma pressão nos recursos de água da chuva que irá aumentar no futuro, dando a indicação de que em algumas situações, e dependendo dos requisitos de água necessários para garantir e maximizar o crescimento de vegetação, devem ser implementadas medidas de gestão/captação e eficiência de consumo dessa água".

A investigadora, que assina o trabalho do CESAM juntamente com Sandra Rafael, Bruno Vicente, Martinho Marta-Almeida, Alfredo Rocha, Luís Arroja e Ana Cláudia Dias, defende a adoção de medidas como sistemas de recolha de água da chuva "por forma a garantir a respetiva disponibilidade para irrigações agrícolas e florestais".

.

Musgos têm um papel essencial na gestão de solos queimados

Tipo Meio: Internet Data Publicação: 29/10/2019

Meio: Mundo Português Online

URL: http://www.pt.cision.com/s/?l=5a912eb2

Uma investigação da Universidade de Aveiro (UA) prova que os musgos não só previnem a erosão dos solos como retêm a humidade e conservam a fertilidade da terra.

Os musgos têm um papel fundamental na conservação do solo afetado por um incêndio florestal e, por isso, o seu crescimento deve ser estimulado, defende a Universidade de Aveiro em resultado de uma investigação do Departamento de Ambiente e Ordenamento (DAO) e do grupo de Planeamento e Gestão do Zonas Costeiras (CZPM) do Centro de Estudos do Ambiente e do Mar (CESAM) da UA.

O estudo quantificou, pela primeira vez em Portugal, o papel ecológico dos musgos na conservação do solo após incêndios florestais, explica a UA numa nota enviada ao 'Mundo Português'.

Realizado no âmbito do projeto RECARE, o estudo demonstrou "que os musgos previnem a erosão em áreas ardidas, ajudando a consolidar a estrutura dos solos, a reter a sua humidade e a conservar a sua fertilidade".

Os investigadores da UA monitorizaram, durante um ano, uma encosta de uma plantação florestal ardida, na qual ocorreu uma colonização espontânea de musgos nas primeiras semanas após o incêndio florestal.

Ao longo do ano, foi quantificada a escorrência superficial induzida pela chuva e a perda de sedimentos e de matéria orgânica, em parcelas de solo com diferentes quantidades de musgo na sua cobertura.

"Estes parâmetros foram correlacionados com a evolução do coberto vegetal ao longo do primeiro ano após incêndio e mostraram que o desenvolvimento de uma cobertura anual média com 67 por cento de musgos permitiu reduzir a erosão anual em 65 por cento (de 1150 para 400 quilogramas de solo por hectare)", revela a UA.
Verdadeiros 'engenheiros' do ecossistema
Enquanto recurso não renovável, "o solo é um compartimento ecológico estratégico que está nas prioridades da agenda de políticas europeias, sendo a sua conservação fortemente encorajada", aponta Flávio Silva.

O investigador, autor do trabalho a par com os investigadores do CESAM Diana Vieira e Jacob Keizer, e de Els van der Spek, da Universidade de Wageningen (Holanda), garante que "os musgos podem ser encarados como 'engenheiros' de ecossistema naturais que constituem o primeiro passo para a preservação da fertilidade dos solos, proporcionando todas as condições para o desenvolvimento da biodiversidade subsequente".

"Os musgos são espécies pioneiras em solos recentemente ardidos, embora a sua proliferação dependa de condições ambientais específicas", explica Flávio Silva. E estimular o desenvolvimento de musgos em áreas ardidas pode ser um importante instrumento de gestão de solos após incêndios florestais.

"Os musgos são espécies vegetais cosmopolitas e desenvolvem-se muito bem em solos pobres, e por isso a sua proliferação é fácil e rápida, requerendo apenas alguma humidade e luz solar baixa ou moderada", acrescenta o investigador.
Trabalho destacado pela Comissão Europeia
À venda no mercado, podem ser encontrados esporos de várias espécies de musgos.

A abordagem indicada para utilização de musgos para prevenção da erosão pós-incêndio passa por incluir esses esporos ou fragmentos triturados de musgo seco, a baixo custo adicional, nos lotes de misturas de sementes já habitualmente utilizados em medidas de estabilização de emergência pós-incêndio.

Normalmente esta técnica de sementeira, lembra Flávio Silva, "é aplicada por hidrossementeira (mistura de água com as sementes e outros componentes que promovem a estabilização do solo) ou por helicóptero como se tem feito nos Estados Unidos".

Para diminuir os custos operacionais, e tal como deve acontecer com todas as medidas de estabilização de emergência pós-incêndio, os investigadores aconselham que se devem identificar previamente as áreas mais críticas sujeitas a erosão e fazer a aplicação da sementeira apenas nessas áreas.

Como os musgos se desenvolvem rapidamente, eles retêm o solo e a humidade necessários para o desenvolvimento posterior de plantas vasculares.

O estudo foi publicado na revista 'Ecological Engineering' e destacado pela Comissão Europeia na importante newsletter 'Science for Environment Policy'.

INVESTIGADORES DEFENDEM MEDIDAS URGENTES PARA CAPTAR ÁGUA DAS CHUVAS

Tipo Meio: Internet Data Publicação: 29/10/2019

Meio: Rádio Regional Online

URL: http://www.pt.cision.com/s/?l=a8b95e6b

Cientistas da Universidade de Aveiro apelaram à implantação de medidas urgentes para captar e gerir a água da chuva, que vai diminuir de acordo com as previsões que efetuaram.

Cientistas da Universidade de Aveiro apelaram à implantação de medidas urgentes para captar e gerir a água da chuva, que vai diminuir de acordo com as previsões que efetuaram.

As previsões, realizadas na Universidade de Aveiro (UA), apontam para um cenário de escassez de água no ecossistema e, naturalmente, para consumo humano.

Face a esse cenário, os investigadores "apelam à implementação de medidas urgentes para, no futuro, melhor captar e gerir a água da chuva", já que preveem que, entre 2046 e 2065, Portugal continental vai sofrer uma diminuição da precipitação média anual de 10% na zona norte e em todo o litoral e de cerca de 30% nas zonas interiores e no sul.

As previsões da precipitação foram realizadas pelo Departamento de Física da UA no âmbito do projeto "CLICURB-Urban atmospheric quality, climate change and resilience", coordenado pelo Grupo de Emissões Modelação e Alterações Climáticas do Departamento de Ambiente e Ordenamento (DAO) da UA e financiado pela Fundação para a Ciência e a Tecnologia (FCT).

Segundo Paula Quinteiro, coordenadora do estudo, "na atualidade já se identifica alguma pressão nos recursos de água da chuva que irá aumentar no futuro, dando a indicação de que em algumas situações, e dependendo dos requisitos de água necessários para garantir e maximizar o crescimento de vegetação, devem ser implementadas medidas de gestão/captação e eficiência de consumo dessa água".

A investigadora, que assina o trabalho do CESAM juntamente com Sandra Rafael, Bruno Vicente, Martinho Marta-Almeida, Alfredo Rocha, Luís Arroja e Ana Cláudia Dias, defende a adoção de medidas como sistemas de recolha de água da chuva "por forma a garantir a respetiva disponibilidade para irrigações agrícolas e florestais".

A investigadora aconselha ainda a realização de um planeamento integrado de uso de solo e disponibilidade de água da chuva, dos rios e dos aquíferos.

Em situações mais prementes, Paula Quinteiro diz que "pode ser necessária uma realocação do cultivo para zonas com uma maior disponibilidade de água da chuva, atendendo também às condições do solo e características da vegetação em causa".

Investigadores defendem medidas urgentes para captar água das chuvas

Tipo Meio: Internet Data Publicação: 29/10/2019

Meio: Tribuna das Ilhas Online

URL: http://www.pt.cision.com/s/?l=b0db4805

DRCientistas da Universidade de Aveiro apelaram hoje à implantação de medidas urgentes para captar e gerir a água da chuva, que vai diminuir de acordo com as previsões que efetuaram.

As previsões, realizadas na Universidade de Aveiro (UA), apontam para um cenário de escassez de água no ecossistema e, naturalmente, para consumo humano.

Face a esse cenário, os investigadores "apelam à implementação de medidas urgentes para, no futuro, melhor captar e gerir a água da chuva", já que preveem que, entre 2046 e 2065, Portugal continental vai sofrer uma diminuição da precipitação média anual de 10% na zona norte e em todo o litoral e de cerca de 30% nas zonas interiores e no sul.

As previsões da precipitação foram realizadas pelo Departamento de Física da UA no âmbito do projeto "CLICURB-Urban atmospheric quality, climate change and resilience", coordenado pelo Grupo de Emissões Modelação e Alterações Climáticas do Departamento de Ambiente e Ordenamento (DAO) da UA e financiado pela Fundação para a Ciência e a Tecnologia (FCT).

Segundo Paula Quinteiro, coordenadora do estudo, "na atualidade já se identifica alguma pressão nos recursos de água da chuva que irá aumentar no futuro, dando a indicação de que em algumas situações, e dependendo dos requisitos de água necessários para garantir e maximizar o crescimento de vegetação, devem ser implementadas medidas de gestão/captação e eficiência de consumo dessa água".

A investigadora, que assina o trabalho do CESAM juntamente com Sandra Rafael, Bruno Vicente, Martinho Marta-Almeida, Alfredo Rocha, Luís Arroja e Ana Cláudia Dias, defende a adoção de medidas como sistemas de recolha de água da chuva "por forma a garantir a respetiva disponibilidade para irrigações agrícolas e florestais".

A investigadora aconselha ainda a realização de um planeamento integrado de uso de solo e disponibilidade de água da chuva, dos rios e dos aquíferos.

Em situações mais prementes, Paula Quinteiro diz que "pode ser necessária uma realocação do cultivo para zonas com uma maior disponibilidade de água da chuva, atendendo também às condições do solo e características da vegetação em causa".

Lusa

Aveiro: Estudo da UA alerta que a diminuição de chuva põe em causa ecossistemas

Tipo Meio: Internet Data Publicação: 29/10/2019

Meio: Vagos FM Online

URL: http://www.pt.cision.com/s/?l=521d0f12

Entre os anos 2046 e 2065, Portugal continental vai sofrer uma diminuição da precipitação média anual de 10 por cento na zona norte e em todo o litoral e de cerca de 30 por cento nas zonas interiores e no sul. As previsões, realizadas na Universidade de Aveiro (UA) apontam para um cenário de escassez de água no ecossistema e, naturalmente, para consumo humano.

De acordo com um estudo da Universidade de Aveiro (UA), entre os anos 2046 e 2065, Portugal continental vai sofrer uma diminuição da precipitação média anual de 10 por cento na zona norte e em todo o litoral e de cerca de 30 por cento nas zonas interiores e no sul. As previsões, realizadas na UA apontam para um cenário de escassez de água no ecossistema e, naturalmente, para consumo humano. Face ao cenário, os investigadores apelam à implementação de medidas urgentes para, no futuro, melhor captar e gerir a água da chuva.

"A diminuição severa de água da chuva disponível no solo pode resultar na diminuição de disponibilidade de água dos rios e dos aquíferos, o que numa situação limite pode condicionar a quantidade de água disponível para consumo humano e do ecossistema", alerta Paula Quinteiro, coordenadora do estudo e investigadora do Centro de Estudos do Ambiente e do Mar (CESAM), uma das unidades de investigação da UA.

Os resultados da investigação antecipam um cenário preocupante se não forem tomadas medidas que resultem na otimização da água disponível. Entre as medidas podem, por exemplo, "ser implementados sistemas de recolha de água da chuva por forma a garantir a respetiva disponibilidade para irrigações agrícolas e florestais". A investigadora aconselha ainda a realização de um planeamento integrado de uso de solo e disponibilidade de água da chuva, dos rios e dos aquíferos. Em situações mais prementes, Paula Quinteiro diz que "pode ser necessária uma realocação do cultivo para zonas com uma maior disponibilidade de água da chuva, atendendo também às condições do solo e características da vegetação

Vagos FM

Investigadora da Universidade de Aveiro alerta que diminuição de chuva põe em causa os ecossistemas

Tipo Meio: Internet Data Publicação: 29/10/2019

Meio: Vida Rural Online

URL: http://www.pt.cision.com/s/?l=a1c22127

Entre os anos 2046 e 2065, Portugal continental vai sofrer uma diminuição da precipitação média anual de 10% na zona norte e em todo o litoral e de cerca de 30% nas zonas interiores e no sul. A previsão é de um estudo da Universidade de Aveiro que acaba de ser divulgado e que aponta para um cenário de escassez de água no ecossistema e para consumo humano.

Paula Quinteiro, coordenadora do estudo e investigadora do Centro de Estudos do Ambiente e do Mar (CESAM), uma das unidades de investigação da UA, explica que "a diminuição severa de água da chuva disponível no solo pode resultar na diminuição de disponibilidade de água dos rios e dos aquíferos, o que numa situação limite pode condicionar a quantidade de água disponível para consumo humano e do ecossistema".

Os resultados da investigação antecipam um cenário preocupante se não forem tomadas medidas que resultem na otimização da água disponível: "os valores médios de precipitação previstos para o período compreendido entre 2046 e 2065 apontam para uma diminuição média anual da precipitação em Portugal Continental de cerca de 10% na zona norte e em todo o litoral e de cerca de 30% nas zonas do interior e do sul do país".

A redução da precipitação em território nacional está relacionada com o fenómeno das alterações climáticas. "O aumento da temperatura global do planeta potencia alterações no ciclo global da água, aumentando o contraste entre regiões secas e húmidas", explica Paula Quinteiro. De acordo com a investigadora, isto pode resultar em dois cenários: áreas com um aumento de precipitação e com o consequente agravamento do risco de inundação e áreas com uma redução da precipitação e com o consequente aumento do risco de secas. No caso português, as projeções realizadas apontam para uma redução dos níveis de precipitação durante todo o ano, com exceção dos meses de inverno.

"Na atualidade já se identifica alguma pressão nos recursos de água verde [água da chuva] sendo que esta pressão irá aumentar significativamente no futuro, dando a indicação de que em algumas situações, e dependendo dos requisitos de água necessários para garantir e maximizar o crescimento de vegetação, devem ser implementadas medidas de gestão/captação e eficiência de consumo dessa água", explica Paula Quinteiro.

A investigadora sugere a implementação de medidas como "sistemas de recolha de água da chuva por forma a garantir a respetiva disponibilidade para irrigações agrícolas e florestais" e ainda a realização de um planeamento integrado de uso de solo e disponibilidade de água da chuva, dos rios e dos aquíferos. Em situações mais prementes, Paula Quinteiro diz que "pode ser necessária uma realocação do cultivo para zonas com uma maior disponibilidade de água da chuva, atendendo também às condições do solo e características da vegetação em causa".

UA apela à implementação de medidas urgentes face à diminuição da chuva

Tipo Meio: Internet Data Publicação: 28/10/2019

Meio: Ambiente Magazine Online

URL: http://www.pt.cision.com/s/?l=59a15227

Entre os anos 2046 e 2065, Portugal Continental vai sofrer uma diminuição da precipitação média anual de 10% na zona norte e em todo o litoral e de cerca de 30% nas zonas interiores e no sul. As previsões, realizadas na Universidade de Aveiro (UA) apontam para um cenário de "escassez de água no ecossistema e, naturalmente, para consumo humano". Face ao cenário, os investigadores apelam à "implementação de medidas urgentes para, no futuro, melhor captar e gerir a água da chuva".

A coordenadora do estudo e investigadora do Centro de Estudos do Ambiente e do Mar (CESAM), uma das unidades de investigação da UA, Paula Quinteiro, alerta em comunicado que "a diminuição severa de água da chuva disponível no solo pode resultar na diminuição de disponibilidade de água dos rios e dos aquíferos, o que numa situação limite pode condicionar a quantidade de água disponível para consumo humano e do ecossistema".

Os resultados da investigação antecipam um cenário preocupante se não forem tomadas medidas que resultem na otimização da água disponível: "os valores médios de precipitação previstos para o período compreendido entre 2046 e 2065 apontam para uma diminuição média anual da precipitação em Portugal Continental de cerca de 10% na zona norte e em todo o litoral e de cerca de 30% nas zonas do interior e do sul do país". Estas previsões da precipitação foram realizadas pelo Departamento de Física da UA no âmbito do projeto CLICURB-Urban atmospheric quality, climate change and resilience coordenado pelo Grupo de Emissões Modelação e Alterações Climáticas do Departamento de Ambiente e Ordenamento (DAO) da UA e financiado pela Fundação para a Ciência e a Tecnologia (FCT).

A redução da precipitação em território nacional está relacionada com o fenómeno das alterações climáticas. "O aumento da temperatura global do planeta potencia alterações no ciclo global da água, aumentando o contraste entre regiões secas e húmidas", explica Paula Quinteiro. Isto significa que o planeta terá uma dualidade de cenários: áreas com um aumento de precipitação e com o consequente agravamento do risco de inundação e áreas com uma redução da precipitação e com o consequente aumento do risco de secas. No caso português, as projeções realizadas apontam para uma redução dos níveis de precipitação durante todo o ano, com exceção dos meses de inverno.

Implementação de medidas urgentes

Ao longo do território nacional, os investigadores da UA avaliaram as condições de disponibilidade e de escassez de água da chuva, considerando diferentes coberturas de solo - agrícola, florestal, urbano e solo predominantemente com vegetação natural.

"Na atualidade já se identifica alguma pressão nos recursos de água verde [água da chuva] sendo que esta pressão irá aumentar significativamente no futuro, dando a indicação de que em algumas situações, e dependendo dos requisitos de água necessários para garantir e maximizar o crescimento de vegetação, devem ser implementadas medidas de gestão/captação e eficiência de consumo dessa água", explica Paula Quinteiro, a investigadora que assina o trabalho do CESAM juntamente com Sandra Rafael, Bruno Vicente, Martinho Marta-Almeida, Alfredo Rocha, Luís Arroja e Ana Cláudia Dias.

Entre as medidas podem, por exemplo, "ser implementados sistemas de recolha de água da chuva por forma a garantir a respetiva disponibilidade para irrigações agrícolas e florestais". A investigadora aconselha ainda a realização de um planeamento integrado de uso de solo e disponibilidade de água da chuva, dos rios e dos aquíferos. Em situações mais prementes, Paula Quinteiro diz que "pode ser necessária uma realocação do cultivo para zonas com uma maior disponibilidade de água da chuva, atendendo também às condições do solo e características da vegetação em causa".

A pressão nos recursos de água verde em Portugal foi calculada através da metodologia de Avaliação de Ciclo de Vida (ACV), no âmbito dos projetos SustainFor e SABIOS coordenados pelo grupo LiSAT-Life Cycle Based Sustainability Assessment Tools Team do DAO e financiados pela FCT. A quantidade de água verde evaporada e transpirada pela vegetação foi calculada tendo por base os dados climáticos presentes e futuros simulados, por forma a compreender o potencial impacte de consumo de água verde pelas plantas na escassez deste recurso.

CISION

Atlântico Expresso

ID: 83196141

28-10-2019

Meio: Imprensa
País: Portugal
Period.: Semanal
Âmbito: Regional

Pág: 9
Cores: Cor
Área: 20,02 x 16,45 cm²
Corte: 1 de 1



Descoberto papel essencial do musgo na gestão de solos queimados

Os musgos têm um papel fundamental na conservação do solo afectado por um incêndio florestal e, por isso, o seu crescimento deve ser estimulado. A descoberta da Universidade de Aveiro (UA) prova que os musgos não só previnem a erosão dos solos como retêm a humidade e conservam a fertilidade da terra. Os Açores são ricos em musgos.

A investigação do Departamento de Ambiente e Ordenamento (DAO) e do grupo de Planeamento e Gestão do Zonas Costeiras (CZPM) do Centro de Estudos do Ambiente e do Mar (CESAM) da UA quantificou, pela primeira vez em Portugal, o papel ecológico dos musgos na conservação do solo após incêndios florestais.

Realizado no âmbito do projeto RECARE, o estudo demonstrou que os musgos previnem a erosão em áreas ardidas, ajudando a consolidar a estrutura dos solos, a reter a sua humidade e a conservar a sua fertilidade.

Na investigação, os cientistas da UA monitorizaram, durante um ano, uma encosta de uma plantação florestal ardida, na qual ocorreu uma colonização espontânea de musgos nas primeiras semanas após o incêndio florestal.

Foi quantificada a escorrência superficial induzida pela chuva, assim como a perda de sedimentos e de matéria orgânica, em parcelas de solo com diferentes fracções de musgo na sua cobertura. Estes parâmetros foram correlacionados com a evolução do coberto vegetal ao longo do primeiro ano após incêndio e mostraram que o desenvolvimento de uma cobertura anual média com 67 por cento de musgos permitiu reduzir a erosão anual em 65 por cento (de 1150 para 400 quilogramas de solo por hectare).

Enquanto recurso não renovável, aponta o investigador Flávio Silva, "o solo é um compartimento ecológico estratégico que está nas prioridades da agenda de políticas europeias, sendo a sua conservação fortemente encorajada".

O investigador, autor do trabalho a par com os investigadores do CESAM Diana Vieira e Jacob Keizer, e de Els van der Spek, da Universidade de Wageningen (Holanda), garante que "os musgos podem ser encarados como 'engenheiros' de ecossistema naturais que constituem o primeiro passo para a preservação da fertilidade dos solos, proporcionando todas as condições para o desenvolvimento da biodiversidade subsequente".

Trabalho destacado pela Comissão Europeia

"Os musgos são espécies pioneiras em solos recentemente ardidos, embora a sua proliferação dependa de condições ambientais específicas", refere Flávio Silva. No entanto, o estudo sugere que estimular o desenvolvimento de musgos em áreas ardidas pode ser um importante instrumento de gestão de solos após incêndios florestais.

"Os musgos são espécies vegetais cosmopolitas e desenvolvem-se muito bem em solos pobres, e por isso a sua proliferação é fácil e rápida, requerendo apenas alguma humidade e luz solar baixa ou moderada", explica o investigador que acrescenta: "Como são tolerantes a contextos de seca extrema, embora pareçam mortos quando sujeitos ao calor, basta alguma humidade para que se reabilitem, e os esporos também continuam viáveis".

À venda no mercado, podem ser encontrados esporos de várias espécies de musgos. A abordagem indicada para utilização de musgos



para prevenção da erosão pós-incêndio passa por incluir esses esporos ou fragmentos triturados de musgo seco, a baixo custo adicional, nos lotes de misturas de sementes já habitualmente utilizados em medidas de estabilização de emergência pós-incêndio. Normalmente esta técnica de sementeira, lembra Flávio Silva, "é aplicada por hidrossementeira [mistura de água com as sementes e outros componentes que promovem a estabilização do solo] ou por helicóptero como se tem feito nos Estados Unidos".

No entanto, para diminuir os custos operacionais, e tal como deve acontecer com todas as medidas de estabilização de emergência pós-incêndio, os investigadores aconselham que se devem identificar previamente as áreas mais críticas sujeitas a erosão e fazer a aplicação da sementeira apenas nessas áreas. Como os musgos se desenvolvem rapidamente, eles retêm o solo e a humidade necessários para o desenvolvimento posterior de plantas vasculares. O estudo, publicado na revista Ecological Engineering, foi destacado pela Comissão Europeia na importante newsletter Science for Environment Policy.

PAÍS -

Investigadores da Universidade de Aveiro defendem medidas urgentes para captar água das chuvas

Tipo Meio: Internet Data Publicação: 28/10/2019

Meio: Jornal O Vilaverdense Online

URL: http://www.pt.cision.com/s/?l=3a71dd01

Cientistas da Universidade de Aveiro apelaram esta segunda-feira à implantação de medidas urgentes para captar e gerir a água da chuva, que vai diminuir de acordo com as previsões que efectuaram. As previsões, realizadas na Universidade de Aveiro (UA), apontam para um cenário de escassez de água no ecossistema e, naturalmente, para consumo humano.PUBLICIDADE Face ... Ler maisPAÍS - Investigadores da Universidade de Aveiro defendem medidas urgentes para captar água das chuvas

28 Outubro, 201928 Outubro, 2019 por Redação

COMENTAR

Cientistas da Universidade de Aveiro apelaram esta segunda-feira à implantação de medidas urgentes para captar e gerir a água da chuva, que vai diminuir de acordo com as previsões que efectuaram.

As previsões, realizadas na Universidade de Aveiro (UA), apontam para um cenário de escassez de água no ecossistema e, naturalmente, para consumo humano.

PUBLICIDADE

Face a esse cenário, os investigadores "apelam à implementação de medidas urgentes para, no futuro, melhor captar e gerir a água da chuva", já que preveem que, entre 2046 e 2065, Portugal continental vai sofrer uma diminuição da precipitação média anual de 10% na zona norte e em todo o litoral e de cerca de 30% nas zonas interiores e no sul.

As previsões da precipitação foram realizadas pelo Departamento de Física da UA no âmbito do projecto 'CLICURB-Urban atmospheric quality, climate change and resilience', coordenado pelo Grupo de Emissões Modelação e Alterações Climáticas do Departamento de Ambiente e Ordenamento (DAO) da UA e financiado pela Fundação para a Ciência e a Tecnologia (FCT).

Segundo Paula Quinteiro, coordenadora do estudo, "na actualidade já se identifica alguma pressão nos recursos de água da chuva que irá aumentar no futuro, dando a indicação de que em algumas situações, e dependendo dos requisitos de água necessários para garantir e maximizar o crescimento de vegetação, devem ser implementadas medidas de gestão/captação e eficiência de consumo dessa água".

A investigadora, que assina o trabalho do CESAM juntamente com Sandra Rafael, Bruno Vicente, Martinho Marta-Almeida, Alfredo Rocha, Luís Arroja e Ana Cláudia Dias, defende a adopção de medidas como sistemas de recolha de água da chuva "por forma a garantir a respectiva disponibilidade para irrigações agrícolas e florestais".

A investigadora aconselha ainda a realização de um planeamento integrado de uso de solo e

disponibilidade de água da chuva, dos rios e dos aquíferos.

Em situações mais prementes, Paula Quinteiro diz que "pode ser necessária uma realocação do cultivo para zonas com uma maior disponibilidade de água da chuva, atendendo também às condições do solo e características da vegetação em causa".

Redação

Investigadores defendem medidas urgentes para captar água das chuvas

Tipo Meio: Internet Data Publicação: 28/10/2019

Meio: Notícias ao Minuto Online

URL: http://www.pt.cision.com/s/?l=f851a359

Cientistas da Universidade de Aveiro apelaram hoje à implantação de medidas urgentes para captar e gerir a água da chuva, que vai diminuir de acordo com as previsões que efetuaram.

As previsões, realizadas na Universidade de Aveiro (UA), apontam para um cenário de escassez de água no ecossistema e, naturalmente, para consumo humano.

Face a esse cenário, os investigadores "apelam à implementação de medidas urgentes para, no futuro, melhor captar e gerir a água da chuva", já que preveem que, entre 2046 e 2065, Portugal continental vai sofrer uma diminuição da precipitação média anual de 10% na zona norte e em todo o litoral e de cerca de 30% nas zonas interiores e no sul.

As previsões da precipitação foram realizadas pelo Departamento de Física da UA no âmbito do projeto "CLICURB-Urban atmospheric quality, climate change and resilience", coordenado pelo Grupo de Emissões Modelação e Alterações Climáticas do Departamento de Ambiente e Ordenamento (DAO) da UA e financiado pela Fundação para a Ciência e a Tecnologia (FCT).

Segundo Paula Quinteiro, coordenadora do estudo, "na atualidade já se identifica alguma pressão nos recursos de água da chuva que irá aumentar no futuro, dando a indicação de que em algumas situações, e dependendo dos requisitos de água necessários para garantir e maximizar o crescimento de vegetação, devem ser implementadas medidas de gestão/captação e eficiência de consumo dessa água".

A investigadora, que assina o trabalho do CESAM juntamente com Sandra Rafael, Bruno Vicente, Martinho Marta-Almeida, Alfredo Rocha, Luís Arroja e Ana Cláudia Dias, defende a adoção de medidas como sistemas de recolha de água da chuva "por forma a garantir a respetiva disponibilidade para irrigações agrícolas e florestais".

A investigadora aconselha ainda a realização de um planeamento integrado de uso de solo e disponibilidade de água da chuva, dos rios e dos aquíferos.

Em situações mais prementes, Paula Quinteiro diz que "pode ser necessária uma realocação do cultivo para zonas com uma maior disponibilidade de água da chuva, atendendo também às condições do solo e características da vegetação em causa".

Lusa

Moliço e dragagens na Ria de Aveiro

Tipo Meio: Internet Data Publicação: 28/10/2019

Meio: Notícias de Aveiro Online

URL: https://www.noticiasdeaveiro.pt/molico-e-dragagens-na-ria-de-aveiro/

Dragagem na Ria de Aveiro, zona da Murtosa (Imagem SFM).

Fui testemunha do desaparecimento das ervas de água salobra, tolerantes à água marinha, que observei pela última vez em 1997 no Largo da Coroa do canal de Ovar.

Por José Figueiredo da Silva *

Decorre neste outono de 2019 uma nova dragagem de vários canais da Ria de Aveiro, retomando a intervenção que decorreu em 1996 nos canais da Murtosa, Torreira e Carregal.

A dragagem realizada em 1996 marcou o decaimento das áreas submersas cobertas por moliço, com grande expressão na Ria até meados da década de 1980 antes da expansão do Porto de Aveiro, que envolveu grandes dragagens nos canais da zona portuária.

Em resposta à alteração das condições hidrodinâmicas a Ria evoluiu de um sistema costeiro com uma ligação ao mar restrita (sistema lagunar) para um sistema mais aberto com elevada salinidade. Naturalmente esta mudança teve reflexo sobre a composição e a abundancia das ervas marinhas na Ria de Aveiro.

Fui testemunha do desaparecimento das ervas de água salobra, tolerantes à água marinha, que observei pela última vez em 1997 no Largo da Coroa do canal de Ovar.

Uma década antes o canal de Ovar a norte da Torreira estava coberto por enorme massa de moliço que incluía plantas de água salobra (Ruppia e Potamogeton), uma espécie típica de água salgada (Zostera) e várias macroalgas.

Estas plantas formavam densas pradarias submersas, ao ponto de causarem dificuldade à navegação motorizada. Após 1997 as pradarias submersas desapareceram e a Zostera ficou restrita a algumas áreas na zona entre-marés.

A importância das áreas cobertas pela erva marinha Zostera foi muito recentemente posta em destaque num artigo de Ana Sousa e outros investigadores do CESAM, publicado em Scientific Repports (2019) 9:14387.

O estudo incidiu nas alterações observadas no período de 10 anos entre 2004 e 2014, tendo-se observado um aumento das áreas cobertas por Zostera continuando restritas à zona entre-marés.

É provável que este período, posterior à dragagem realizada em 1996, represente a recuperação de um equilíbrio natural fortemente perturbado pelas intervenções realizadas na década anterior.

Passadas perto de três décadas, está em curso uma nova intervenção na Ria em que são removidos sedimentos ao longo dos canais interiores que vão ser depositados nas margens, procurando protege-las dos efeitos de marés que alcançam com maior amplitude marinhas, juncais e campos nas margens

desses mesmos canais interiores.

O impacto destas dragagens sobre as plantas aquáticas submersas (moliço) não vai depender tanto do volume de sedimento removido, que é relativamente pequeno, mas principalmente da alteração da forma da secção e do perfil longitudinal desses canais no interior da Ria.

Fica prometido continuar esta avaliação depois de mais uma década quando se tornarem mais evidentes os efeitos destas intervenções, que conduzem a um ajustamento lento do sistema lagunar.

José Figueiredo da Silva, UA.

* Investigador do Departamento de Ambiente e Ordenamento da Universidade de Aveiro. Artigo originalmente publicado no site UA.pt

Artigo relacionado

Pradarias marinhas da Ria de Aveiro com tendência de recuperação

Publicidade, Serviços & Donativos

UA / Investigação: Diminuição de chuva põe em causa ecossistemas

Tipo Meio: Internet Data Publicação: 28/10/2019

Meio: Notícias de Aveiro Online

URL: http://www.pt.cision.com/s/?l=7146660

Paula Quinteiro, coordenadora do estudo e investigadora do Centro de Estudos do Ambiente e do Mar (CESAM).

Entre os anos 2046 e 2065, Portugal continental vai sofrer uma diminuição da precipitação média anual de 10 por cento na zona norte e em todo o litoral e de cerca de 30 por cento nas zonas interiores e no sul, estima um estudo da Universidade de Aveiro.

As previsões apontam para um cenário de escassez de água no ecossistema e, naturalmente, para consumo humano, refere um artigo da UA .

Universidade de Aveiro alerta: Diminuição de chuva põe em causa ecossistemas

Tipo Meio: Internet Data Publicação: 28/10/2019

Meio: Notícias de Coimbra Online

URL: http://www.pt.cision.com/s/?l=c3cd39b3

Região · Universidade

Universidade de Aveiro alerta: Diminuição de chuva põe em causa ecossistemas

por Notícias de Coimbra

Outubro 28, 2019

Entre os anos 2046 e 2065, Portugal continental vai sofrer uma diminuição da precipitação média anual de 10 por cento na zona norte e em todo o litoral e de cerca de 30 por cento nas zonas interiores e no sul.

As previsões, realizadas na Universidade de Aveiro (UA) apontam para um cenário de escassez de água no ecossistema e, naturalmente, para consumo humano. Face ao cenário, os investigadores apelam à implementação de medidas urgentes para, no futuro, melhor captar e gerir a água da chuva.

"A diminuição severa de água da chuva disponível no solo pode resultar na diminuição de disponibilidade de água dos rios e dos aquíferos, o que numa situação limite pode condicionar a quantidade de água disponível para consumo humano e do ecossistema", alerta Paula Quinteiro, coordenadora do estudo e investigadora do Centro de Estudos do Ambiente e do Mar (CESAM), uma das unidades de investigação da UA.

Os resultados da investigação antecipam um cenário preocupante se não forem tomadas medidas que resultem na otimização da água disponível: "os valores médios de precipitação previstos para o período compreendido entre 2046 e 2065 apontam para uma diminuição média anual da precipitação em Portugal Continental de cerca de 10 por cento na zona norte e em todo o litoral e de cerca de 30 por cento nas zonas do interior e do sul do país". Estas previsões da precipitação foram realizadas pelo Departamento de Física da UA no âmbito do projeto CLICURB-Urban atmospheric quality, climate change and resilience coordenado pelo Grupo de Emissões Modelação e Alterações Climáticas do Departamento de Ambiente e Ordenamento (DAO) da UA e financiado pela Fundação para a Ciência e a Tecnologia (FCT).

A redução da precipitação em território nacional está relacionada com o fenómeno das alterações climáticas. "O aumento da temperatura global do planeta potencia alterações no ciclo global da água, aumentando o contraste entre regiões secas e húmidas", explica Paula Quinteiro. Isto significa que o planeta terá uma dualidade de cenários: áreas com um aumento de precipitação e com o consequente agravamento do risco de inundação e áreas com uma redução da precipitação e com o consequente aumento do risco de secas. No caso português, as projeções realizadas apontam para uma redução dos níveis de precipitação durante todo o ano, com exceção dos meses de inverno.

Ao longo do território nacional, os investigadores da UA avaliaram as condições de disponibilidade e de escassez de água da chuva, considerando diferentes coberturas de solo - agrícola, florestal, urbano e solo predominantemente com vegetação natural.

"Na atualidade já se identifica alguma pressão nos recursos de água verde [água da chuva] sendo que esta pressão irá aumentar significativamente no futuro, dando a indicação de que em algumas situações, e dependendo dos requisitos de água necessários para garantir e maximizar o crescimento de vegetação, devem ser implementadas medidas de gestão/captação e eficiência de consumo dessa água", explica Paula Quinteiro, a investigadora que assina o trabalho do CESAM juntamente com Sandra Rafael, Bruno Vicente, Martinho Marta-Almeida, Alfredo Rocha, Luís Arroja e Ana Cláudia Dias.

Entre as medidas podem, por exemplo, "ser implementados sistemas de recolha de água da chuva por forma a garantir a respetiva disponibilidade para irrigações agrícolas e florestais". A investigadora aconselha ainda a realização de um planeamento integrado de uso de solo e disponibilidade de água da chuva, dos rios e dos aquíferos. Em situações mais prementes, Paula Quinteiro diz que "pode ser necessária uma realocação do cultivo para zonas com uma maior disponibilidade de água da chuva, atendendo também às condições do solo e características da vegetação em causa".

A pressão nos recursos de água verde em Portugal foi calculada através da metodologia de Avaliação de Ciclo de Vida (ACV), no âmbito dos projetos SustainFor e SABIOS coordenados pelo grupo LiSAT-Life Cycle Based Sustainability Assessment Tools Team do DAO e financiados pela FCT. A quantidade de água verde evaporada e transpirada pela vegetação foi calculada tendo por base os dados climáticos presentes e futuros simulados, por forma a compreender o potencial impacte de consumo de água verde pelas plantas na escassez deste recurso.

email

PARTILHE ESTA NOTÍCIA COM OS SEUS AMIGOS

Notícias de Coimbra

Investigadores defendem medidas urgentes para captar água das chuvas

Tipo Meio: Internet Data Publicação: 28/10/2019

Meio: Observador Online

URL: http://www.pt.cision.com/s/?l=256f19f0

Investigadores da Universidade de Aveiro "apelam à implementação de medidas urgentes para, no futuro, melhor captar e gerir a água da chuva". As previsões apontam para um cenário de escassez de água.

Cientistas da Universidade de Aveiro apelaram esta segunda-feira à implantação de medidas urgentes para captar e gerir a água da chuva, que vai diminuir de acordo com as previsões que efetuaram. As previsões, realizadas na Universidade de Aveiro (UA), apontam para um cenário de escassez de água no ecossistema e, naturalmente, para consumo humano.

Face a esse cenário, os investigadores "apelam à implementação de medidas urgentes para, no futuro, melhor captar e gerir a água da chuva", já que preveem que, entre 2046 e 2065, Portugal continental vai sofrer uma diminuição da precipitação média anual de 10% na zona norte e em todo o litoral e de cerca de 30% nas zonas interiores e no sul.

As previsões da precipitação foram realizadas pelo Departamento de Física da UA no âmbito do projeto "CLICURB-Urban atmospheric quality, climate change and resilience", coordenado pelo Grupo de Emissões Modelação e Alterações Climáticas do Departamento de Ambiente e Ordenamento (DAO) da UA e financiado pela Fundação para a Ciência e a Tecnologia (FCT).

Segundo Paula Quinteiro, coordenadora do estudo, "na atualidade já se identifica alguma pressão nos recursos de água da chuva que irá aumentar no futuro, dando a indicação de que em algumas situações, e dependendo dos requisitos de água necessários para garantir e maximizar o crescimento de vegetação, devem ser implementadas medidas de gestão/captação e eficiência de consumo dessa água".

A investigadora, que assina o trabalho do CESAM juntamente com Sandra Rafael, Bruno Vicente, Martinho Marta-Almeida, Alfredo Rocha, Luís Arroja e Ana Cláudia Dias, defende a adoção de medidas como sistemas de recolha de água da chuva "por forma a garantir a respetiva disponibilidade para irrigações agrícolas e florestais". A investigadora aconselha ainda a realização de um planeamento integrado de uso de solo e disponibilidade de água da chuva, dos rios e dos aquíferos.

Em situações mais prementes, Paula Quinteiro diz que "pode ser necessária uma realocação do cultivo para zonas com uma maior disponibilidade de água da chuva, atendendo também às condições do solo e características da vegetação em causa".

Agência Lusa

Cientistas portugueses defendem medidas urgentes para captar água das chuvas

Tipo Meio: Internet Data Publicação: 28/10/2019

Meio: Port.Com Online

URL: http://www.revistaport.com/noticia/6/6974

REVISTA PORT.COM

Cientistas da Universidade de Aveiro apelaram à implantação de medidas urgentes para captar e gerir a água da chuva, que vai diminuir de acordo com as previsões que efetuaram.

As previsões, realizadas na Universidade de Aveiro (UA), apontam para um cenário de escassez de água no ecossistema e, naturalmente, para consumo humano.

Face a esse cenário, os investigadores "apelam à implementação de medidas urgentes para, no futuro, melhor captar e gerir a água da chuva", já que preveem que, entre 2046 e 2065, Portugal continental vai sofrer uma diminuição da precipitação média anual de 10% na zona norte e em todo o litoral e de cerca de 30% nas zonas interiores e no sul.

As previsões da precipitação foram realizadas pelo Departamento de Física da UA no âmbito do projeto "CLICURB-Urban atmospheric quality, climate change and resilience", coordenado pelo Grupo de Emissões Modelação e Alterações Climáticas do Departamento de Ambiente e Ordenamento (DAO) da UA e financiado pela Fundação para a Ciência e a Tecnologia (FCT).

Segundo Paula Quinteiro, coordenadora do estudo, "na atualidade já se identifica alguma pressão nos recursos de água da chuva que irá aumentar no futuro, dando a indicação de que em algumas situações, e dependendo dos requisitos de água necessários para garantir e maximizar o crescimento de vegetação, devem ser implementadas medidas de gestão/captação e eficiência de consumo dessa água".

A investigadora, que assina o trabalho do CESAM juntamente com Sandra Rafael, Bruno Vicente, Martinho Marta-Almeida, Alfredo Rocha, Luís Arroja e Ana Cláudia Dias, defende a adoção de medidas como sistemas de recolha de água da chuva "por forma a garantir a respetiva disponibilidade para irrigações agrícolas e florestais".

A investigadora aconselha ainda a realização de um planeamento integrado de uso de solo e disponibilidade de água da chuva, dos rios e dos aquíferos.

Em situações mais prementes, Paula Quinteiro diz que "pode ser necessária uma realocação do cultivo para zonas com uma maior disponibilidade de água da chuva, atendendo também às condições do solo e características da vegetação em causa".

SEEdesign

Investigadores da Universidade de Aveiro defendem medidas urgentes para captar água das chuvas

Tipo Meio:	Internet	Data Publicação:	28/10/2019
Meio:	Press Minho Online	Autores:	Fernando Gualtieri

URL: http://www.pt.cision.com/s/?l=55f3e37a

Cientistas da Universidade de Aveiro apelaram esta segunda-feira à implantação de medidas urgentes para captar e gerir a água da chuva, que vai diminuir de acordo com as previsões que efectuaram.

As previsões, realizadas na Universidade de Aveiro (UA), apontam para um cenário de escassez de água no ecossistema e, naturalmente, para consumo humano.

Face a esse cenário, os investigadores "apelam à implementação de medidas urgentes para, no futuro, melhor captar e gerir a água da chuva", já que preveem que, entre 2046 e 2065, Portugal continental vai sofrer uma diminuição da precipitação média anual de 10% na zona norte e em todo o litoral e de cerca de 30% nas zonas interiores e no sul.

As previsões da precipitação foram realizadas pelo Departamento de Física da UA no âmbito do projecto 'CLICURB-Urban atmospheric quality, climate change and resilience', coordenado pelo Grupo de Emissões Modelação e Alterações Climáticas do Departamento de Ambiente e Ordenamento (DAO) da UA e financiado pela Fundação para a Ciência e a Tecnologia (FCT).

Segundo Paula Quinteiro, coordenadora do estudo, "na actualidade já se identifica alguma pressão nos recursos de água da chuva que irá aumentar no futuro, dando a indicação de que em algumas situações, e dependendo dos requisitos de água necessários para garantir e maximizar o crescimento de vegetação, devem ser implementadas medidas de gestão/captação e eficiência de consumo dessa água".

A investigadora, que assina o trabalho do CESAM juntamente com Sandra Rafael, Bruno Vicente, Martinho Marta-Almeida, Alfredo Rocha, Luís Arroja e Ana Cláudia Dias, defende a adopção de medidas como sistemas de recolha de água da chuva "por forma a garantir a respectiva disponibilidade para irrigações agrícolas e florestais".

A investigadora aconselha ainda a realização de um planeamento integrado de uso de solo e disponibilidade de água da chuva, dos rios e dos aquíferos.

Em situações mais prementes, Paula Quinteiro diz que "pode ser necessária uma realocação do cultivo para zonas com uma maior disponibilidade de água da chuva, atendendo também às condições do solo e características da vegetação em causa".

Autor: Fernando Gualtieri (CP 1200)

Diminuição de chuva põe em causa ecossistemas

Tipo Meio: Internet Data Publicação: 28/10/2019

Meio: Revista O Instalador Online

URL: http://www.pt.cision.com/s/?l=c1da9e59

Investigação da Universidade de Aveiro

Entre os anos 2046 e 2065, Portugal Continental vai sofrer uma diminuição da precipitação média anual de 10 por cento na zona norte e em todo o litoral e de cerca de 30 por cento nas zonas interiores e no sul.

A investigadora Paula Quinteiro

As previsões, realizadas na Universidade de Aveiro (UA) apontam para um cenário de escassez de água no ecossistema e, naturalmente, para consumo humano. Face ao cenário, os investigadores apelam à implementação de medidas urgentes para, no futuro, melhor captar e gerir a água da chuva.

A diminuição severa de água da chuva disponível no solo pode resultar na diminuição de disponibilidade de água dos rios e dos aquíferos, o que numa situação limite pode condicionar a quantidade de água disponível para consumo humano e do ecossistema , alerta Paula Quinteiro, coordenadora do estudo e investigadora do Centro de Estudos do Ambiente e do Mar (CESAM), uma das unidades de investigação da UA.

Os resultados da investigação antecipam um cenário preocupante se não forem tomadas medidas que resultem na otimização da água disponível: os valores médios de precipitação previstos para o período compreendido entre 2046 e 2065 apontam para uma diminuição média anual da precipitação em Portugal Continental de cerca de 10 por cento na zona norte e em todo o litoral e de cerca de 30 por cento nas zonas do interior e do sul do país .

Estas previsões da precipitação foram realizadas pelo Departamento de Física da UA no âmbito do projeto CLICURB-Urban atmospheric quality, climate change and resilience coordenado pelo Grupo de Emissões Modelação e Alterações Climáticas do Departamento de Ambiente e Ordenamento (DAO) da UA e financiado pela Fundação para a Ciência e a Tecnologia (FCT).

A redução da precipitação em território nacional está relacionada com o fenómeno das alterações climáticas. O aumento da temperatura global do planeta potencia alterações no ciclo global da água, aumentando o contraste entre regiões secas e húmidas , explica Paula Quinteiro.

Isto significa que o planeta terá uma dualidade de cenários: áreas com um aumento de precipitação e com o consequente agravamento do risco de inundação e áreas com uma redução da precipitação e com o consequente aumento do risco de secas. No caso português, as projeções realizadas apontam para uma redução dos níveis de precipitação durante todo o ano, com exceção dos meses de inverno.
Implementação de medidas urgentes
Ao longo do território nacional, os investigadores da UA avaliaram as condições de disponibilidade e de escassez de água da chuva, considerando diferentes coberturas de solo - agrícola, florestal, urbano e solo predominantemente com vegetação natural.

Na atualidade já se identifica alguma pressão nos recursos de água verde [água da chuva] sendo que

esta pressão irá aumentar significativamente no futuro, dando a indicação de que em algumas situações, e dependendo dos requisitos de água necessários para garantir e maximizar o crescimento de vegetação, devem ser implementadas medidas de gestão/captação e eficiência de consumo dessa água , explica Paula Quinteiro, a investigadora que assina o trabalho do CESAM juntamente com Sandra Rafael, Bruno Vicente, Martinho Marta-Almeida, Alfredo Rocha, Luís Arroja e Ana Cláudia Dias.

Entre as medidas podem, por exemplo, ser implementados sistemas de recolha de água da chuva por forma a garantir a respetiva disponibilidade para irrigações agrícolas e florestais .

A investigadora aconselha ainda a realização de um planeamento integrado de uso de solo e disponibilidade de água da chuva, dos rios e dos aquíferos. Em situações mais prementes, Paula Quinteiro diz que pode ser necessária uma realocação do cultivo para zonas com uma maior disponibilidade de água da chuva, atendendo também às condições do solo e características da vegetação em causa .

A pressão nos recursos de água verde em Portugal foi calculada através da metodologia de Avaliação de Ciclo de Vida (ACV), no âmbito dos projetos SustainFor e SABIOS coordenados pelo grupo LiSAT-Life Cycle Based Sustainability Assessment Tools Team do DAO e financiados pela FCT.

A quantidade de água verde evaporada e transpirada pela vegetação foi calculada tendo por base os dados climáticos presentes e futuros simulados, por forma a compreender o potencial impacte de consumo de água verde pelas plantas na escassez deste recurso.

[Additional Text]:
foto

O Instalador

Investigadores defendem medidas urgentes para captar água das chuvas

Tipo Meio: Internet Data Publicação: 28/10/2019

Meio: Sapo Online - Sapo 24 Online

URL: http://www.pt.cision.com/s/?l=2a0cde84

Cientistas da Universidade de Aveiro apelaram hoje à implantação de medidas urgentes para captar e gerir a água da chuva, que vai diminuir de acordo com as previsões que efetuaram.

As previsões, realizadas na Universidade de Aveiro (UA), apontam para um cenário de escassez de água no ecossistema e, naturalmente, para consumo humano.

Face a esse cenário, os investigadores "apelam à implementação de medidas urgentes para, no futuro, melhor captar e gerir a água da chuva", já que preveem que, entre 2046 e 2065, Portugal continental vai sofrer uma diminuição da precipitação média anual de 10% na zona norte e em todo o litoral e de cerca de 30% nas zonas interiores e no sul.

As previsões da precipitação foram realizadas pelo Departamento de Física da UA no âmbito do projeto "CLICURB-Urban atmospheric quality, climate change and resilience", coordenado pelo Grupo de Emissões Modelação e Alterações Climáticas do Departamento de Ambiente e Ordenamento (DAO) da UA e financiado pela Fundação para a Ciência e a Tecnologia (FCT).

Segundo Paula Quinteiro, coordenadora do estudo, "na atualidade já se identifica alguma pressão nos recursos de água da chuva que irá aumentar no futuro, dando a indicação de que em algumas situações, e dependendo dos requisitos de água necessários para garantir e maximizar o crescimento de vegetação, devem ser implementadas medidas de gestão/captação e eficiência de consumo dessa água".

A investigadora, que assina o trabalho do CESAM juntamente com Sandra Rafael, Bruno Vicente, Martinho Marta-Almeida, Alfredo Rocha, Luís Arroja e Ana Cláudia Dias, defende a adoção de medidas como sistemas de recolha de água da chuva "por forma a garantir a respetiva disponibilidade para irrigações agrícolas e florestais".

A investigadora aconselha ainda a realização de um planeamento integrado de uso de solo e disponibilidade de água da chuva, dos rios e dos aquíferos.

Em situações mais prementes, Paula Quinteiro diz que "pode ser necessária uma realocação do cultivo para zonas com uma maior disponibilidade de água da chuva, atendendo também às condições do solo e características da vegetação em causa".

MadreMedia / Lusa

Universidade de Aveiro alerta que diminuição da chuva vai pôr em causa ecossistemas em Portugal

Tipo Meio: Internet Data Publicação: 28/10/2019

Meio: Sapo Online - Sapo Lifestyle Online

URL: http://www.pt.cision.com/s/?l=62dd0060

Entre os anos 2046 e 2065, Portugal continental vai sofrer uma diminuição da precipitação média anual de 10 por cento na zona norte e em todo o litoral e de cerca de 30 por cento nas zonas interiores e no sul.

As previsões, realizadas na Universidade de Aveiro (UA) apontam para um cenário de escassez de água no ecossistema e, naturalmente, para consumo humano. Face ao cenário, os investigadores apelam à implementação de medidas urgentes para, no futuro, melhor captar e gerir a água da chuva.

"A diminuição severa de água da chuva disponível no solo pode resultar na diminuição de disponibilidade de água dos rios e dos aquíferos, o que numa situação limite pode condicionar a quantidade de água disponível para consumo humano e do ecossistema", alerta Paula Quinteiro, coordenadora do estudo e investigadora do Centro de Estudos do Ambiente e do Mar (CESAM), uma das unidades de investigação da UA.

Os resultados da investigação antecipam um cenário preocupante se não forem tomadas medidas que resultem na otimização da água disponível: "os valores médios de precipitação previstos para o período compreendido entre 2046 e 2065 apontam para uma diminuição média anual da precipitação em Portugal Continental de cerca de 10 por cento na zona norte e em todo o litoral e de cerca de 30 por cento nas zonas do interior e do sul do país".

Estas previsões da precipitação foram realizadas pelo Departamento de Física da UA no âmbito do projeto CLICURB-Urban atmospheric quality, climate change and resilience coordenado pelo Grupo de Emissões Modelação e Alterações Climáticas do Departamento de Ambiente e Ordenamento (DAO) da UA e financiado pela Fundação para a Ciência e a Tecnologia (FCT).

A redução da precipitação em território nacional está relacionada com o fenómeno das alterações climáticas. "O aumento da temperatura global do planeta potencia alterações no ciclo global da água, aumentando o contraste entre regiões secas e húmidas", explica Paula Quinteiro. Isto significa que o planeta terá uma dualidade de cenários: áreas com um aumento de precipitação e com o consequente agravamento do risco de inundação e áreas com uma redução da precipitação e com o consequente aumento do risco de secas. No caso português, as projeções realizadas apontam para uma redução dos níveis de precipitação durante todo o ano, com exceção dos meses de inverno.

Implementação de medidas urgentes

Continuar a ler

Ao longo do território nacional, os investigadores da UA avaliaram as condições de disponibilidade e de escassez de água da chuva, considerando diferentes coberturas de solo - agrícola, florestal, urbano e solo predominantemente com vegetação natural.

"Na atualidade já se identifica alguma pressão nos recursos de água verde [água da chuva] sendo que esta pressão irá aumentar significativamente no futuro, dando a indicação de que em algumas situações, e dependendo dos requisitos de água necessários para garantir e maximizar o crescimento de vegetação, devem ser implementadas medidas de gestão/captação e eficiência de consumo dessa água", explica Paula Quinteiro, a investigadora que assina o trabalho do CESAM juntamente com Sandra Rafael, Bruno Vicente, Martinho Marta-Almeida, Alfredo Rocha, Luís Arroja e Ana Cláudia Dias.

Entre as medidas podem, por exemplo, "ser implementados sistemas de recolha de água da chuva por forma a garantir a respetiva disponibilidade para irrigações agrícolas e florestais". A investigadora aconselha ainda a realização de um planeamento integrado de uso de solo e disponibilidade de água da chuva, dos rios e dos aquíferos. Em situações mais prementes, Paula Quinteiro diz que "pode ser necessária uma realocação do cultivo para zonas com uma maior disponibilidade de água da chuva, atendendo também às condições do solo e características da vegetação em causa".

A pressão nos recursos de água verde em Portugal foi calculada através da metodologia de Avaliação de Ciclo de Vida (ACV), no âmbito dos projetos SustainFor e SABIOS coordenados pelo grupo LiSAT-Life Cycle Based Sustainability Assessment Tools Team do DAO e financiados pela FCT. A quantidade de água verde evaporada e transpirada pela vegetação foi calculada tendo por base os dados climáticos presentes e futuros simulados, por forma a compreender o potencial impacte de consumo de água verde pelas plantas na escassez deste recurso.

SAPO

Alentejo vai sofrer perda de 30% da precipitação alerta Universidade de Aveiro

Tipo Meio: Internet Data Publicação: 28/10/2019

Meio: Tribuna Alentejo Online

URL: http://www.pt.cision.com/s/?l=7e06eea5

Entre os anos 2046 e 2065, Portugal continental vai sofrer uma diminuição da precipitação média anual de 10 por cento na zona norte e em todo o litoral e de cerca de 30 por cento nas zonas interiores e no sul. As previsões, realizadas na Universidade de Aveiro (UA) apontam para um cenário de escassez de água no ecossistema e, naturalmente, para consumo humano. Face ao cenário, os investigadores apelam à implementação de medidas urgentes para, no futuro, melhor captar e gerir a água da chuva.

"A diminuição severa de água da chuva disponível no solo pode resultar na diminuição de disponibilidade de água dos rios e dos aquíferos, o que numa situação limite pode condicionar a quantidade de água disponível para consumo humano e do ecossistema", alerta Paula Quinteiro, coordenadora do estudo e investigadora do Centro de Estudos do Ambiente e do Mar (CESAM), uma das unidades de investigação da UA.

Os resultados da investigação antecipam um cenário preocupante se não forem tomadas medidas que resultem na otimização da água disponível: "os valores médios de precipitação previstos para o período compreendido entre 2046 e 2065 apontam para uma diminuição média anual da precipitação em Portugal Continental de cerca de 10 por cento na zona norte e em todo o litoral e de cerca de 30 por cento nas zonas do interior e do sul do país". Estas previsões da precipitação foram realizadas pelo Departamento de Física da UA no âmbito do projeto CLICURB-Urban atmospheric quality, climate change and resilience coordenado pelo Grupo de Emissões Modelação e Alterações Climáticas do Departamento de Ambiente e Ordenamento (DAO) da UA e financiado pela Fundação para a Ciência e a Tecnologia (FCT).

A redução da precipitação em território nacional está relacionada com o fenómeno das alterações climáticas. "O aumento da temperatura global do planeta potencia alterações no ciclo global da água, aumentando o contraste entre regiões secas e húmidas", explica Paula Quinteiro. Isto significa que o planeta terá uma dualidade de cenários: áreas com um aumento de precipitação e com o consequente agravamento do risco de inundação e áreas com uma redução da precipitação e com o consequente aumento do risco de secas. No caso português, as projeções realizadas apontam para uma redução dos níveis de precipitação durante todo o ano, com exceção dos meses de inverno.

Ao longo do território nacional, os investigadores da UA avaliaram as condições de disponibilidade e de escassez de água da chuva, considerando diferentes coberturas de solo - agrícola, florestal, urbano e solo predominantemente com vegetação natural.

"Na atualidade já se identifica alguma pressão nos recursos de água verde [água da chuva] sendo que esta pressão irá aumentar significativamente no futuro, dando a indicação de que em algumas situações, e dependendo dos requisitos de água necessários para garantir e maximizar o crescimento de vegetação, devem ser implementadas medidas de gestão/captação e eficiência de consumo dessa água", explica Paula Quinteiro, a investigadora que assina o trabalho do CESAM juntamente com Sandra Rafael, Bruno Vicente, Martinho Marta-Almeida, Alfredo Rocha, Luís Arroja e Ana Cláudia Dias.

Entre as medidas podem, por exemplo, "ser implementados sistemas de recolha de água da chuva por

forma a garantir a respetiva disponibilidade para irrigações agrícolas e florestais". A investigadora aconselha ainda a realização de um planeamento integrado de uso de solo e disponibilidade de água da chuva, dos rios e dos aquíferos. Em situações mais prementes, Paula Quinteiro diz que "pode ser necessária uma realocação do cultivo para zonas com uma maior disponibilidade de água da chuva, atendendo também às condições do solo e características da vegetação em causa".

A pressão nos recursos de água verde em Portugal foi calculada através da metodologia de Avaliação de Ciclo de Vida (ACV), no âmbito dos projetos SustainFor e SABIOS coordenados pelo grupo LiSAT-Life Cycle Based Sustainability Assessment Tools Team do DAO e financiados pela FCT. A quantidade de água verde evaporada e transpirada pela vegetação foi calculada tendo por base os dados climáticos presentes e futuros simulados, por forma a compreender o potencial impacte de consumo de água verde pelas plantas na escassez deste recurso.

Imagem de capa de https://www.comunidadeculturaearte.com

Editor

Investigadores defendem medidas urgentes para captar água das chuvas

Tipo Meio: Internet Data Publicação: 28/10/2019

Meio: TSF Online

URL: http://www.pt.cision.com/s/?l=ee8811dd

Prevê-se que, entre 2046 e 2065, Portugal continental vai sofrer uma diminuição da precipitação média anual de 10% na zona norte e em todo o litoral e de cerca de 30% nas zonas interiores e no sul.

Cientistas da Universidade de Aveiro apelaram esta segunda-feira à implantação de medidas urgentes para captar e gerir a água da chuva, que vai diminuir de acordo com as previsões que efetuaram.

As previsões, realizadas na Universidade de Aveiro (UA), apontam para um cenário de escassez de água no ecossistema e, naturalmente, para consumo humano.

Face a esse cenário, os investigadores "apelam à implementação de medidas urgentes para, no futuro, melhor captar e gerir a água da chuva", já que preveem que, entre 2046 e 2065, Portugal continental vai sofrer uma diminuição da precipitação média anual de 10% na zona norte e em todo o litoral e de cerca de 30% nas zonas interiores e no sul.

As previsões da precipitação foram realizadas pelo Departamento de Física da UA no âmbito do projeto "CLICURB-Urban atmospheric quality, climate change and resilience", coordenado pelo Grupo de Emissões Modelação e Alterações Climáticas do Departamento de Ambiente e Ordenamento (DAO) da UA e financiado pela Fundação para a Ciência e a Tecnologia (FCT).

Segundo Paula Quinteiro, coordenadora do estudo, "na atualidade já se identifica alguma pressão nos recursos de água da chuva que irá aumentar no futuro, dando a indicação de que em algumas situações, e dependendo dos requisitos de água necessários para garantir e maximizar o crescimento de vegetação, devem ser implementadas medidas de gestão/captação e eficiência de consumo dessa água".

A investigadora, que assina o trabalho do CESAM juntamente com Sandra Rafael, Bruno Vicente, Martinho Marta-Almeida, Alfredo Rocha, Luís Arroja e Ana Cláudia Dias, defende a adoção de medidas como sistemas de recolha de água da chuva "por forma a garantir a respetiva disponibilidade para irrigações agrícolas e florestais".

A investigadora aconselha ainda a realização de um planeamento integrado de uso de solo e disponibilidade de água da chuva, dos rios e dos aquíferos.

Em situações mais prementes, Paula Quinteiro diz que "pode ser necessária uma realocação do cultivo para zonas com uma maior disponibilidade de água da chuva, atendendo também às condições do solo e características da vegetação em causa".

Lusa

Diminuição da chuva em Portugal é grave, alerta Universidade de Aveiro

Tipo Meio: Internet Data Publicação: 28/10/2019

Meio: TV Europa Online

URL: http://www.pt.cision.com/s/?l=76b96980

CiênciaTerra Diminuição da chuva em Portugal é grave, alerta Universidade de Aveiro

A seca pode assumir situações graves em Portugal revela estudo da Universidade de Aveiro. As previsões indicam para cenários de escassez de água no ecossistema e, naturalmente, para consumo humano.

Por TV Europa - tveuropa@tveuropa.pt 28 Outubro 2019 20:01 0 Partilhar no Facebook Diminuição de chuva em Portugal é grave, alerta Universidade de Aveiro. Paula Quinteiro, coordenadora do estudo e investigadora do Centro de Estudos do Ambiente e do Mar da Universidade de Aveiro. Foto: DR

Previsões, realizadas na Universidade de Aveiro (UA) apontam para um cenário de escassez de água no ecossistema e, naturalmente, para consumo humano. Em face das previsões, os investigadores apelam à implementação de medidas urgentes para, no futuro, melhor captar e gerir a água da chuva.

Entre os anos 2046 e 2065, Portugal continental vai sofrer uma diminuição da precipitação média anual de 10% na zona norte e em todo o litoral e de cerca de 30% nas zonas interiores e no sul.

Consequências da diminuição da chuva

"A diminuição severa de água da chuva disponível no solo pode resultar na diminuição de disponibilidade de água dos rios e dos aquíferos, o que numa situação limite pode condicionar a quantidade de água disponível para consumo humano e do ecossistema", alertou Paula Quinteiro, coordenadora do estudo e investigadora do Centro de Estudos do Ambiente e do Mar (CESAM), uma das unidades de investigação da UA.

Tendo em conta os resultados da investigação as previsões antecipam um cenário preocupante se não forem tomadas medidas que resultem na otimização da água disponível. As previsões da precipitação foram realizadas pelo Departamento de Física da UA no âmbito do projeto CLICURB-Urban atmospheric quality, climate change and resilience coordenado pelo Grupo de Emissões Modelação e Alterações Climáticas do Departamento de Ambiente e Ordenamento (DAO) da UA e financiado pela Fundação para a Ciência e a Tecnologia (FCT).

Diminuição da chuva e alterações climáticas

A investigadora indicou que a redução da precipitação em território nacional está relacionada com o fenómeno das alterações climáticas, pois "o aumento da temperatura global do planeta potencia alterações no ciclo global da água, aumentando o contraste entre regiões secas e húmidas".

Estas alterações significam que o planeta terá uma dualidade de cenários: áreas com um aumento de precipitação e com o consequente agravamento do risco de inundação e áreas com uma redução da precipitação e com o consequente aumento do risco de secas. No caso português, as projeções realizadas apontam para uma redução dos níveis de precipitação durante todo o ano, com exceção dos meses de inverno.

Implementação de medidas urgentes

Ao longo do território nacional, os investigadores da UA avaliaram as condições de disponibilidade e de escassez de água da chuva, considerando diferentes coberturas de solo: agrícola, florestal, urbano e solo predominantemente com vegetação natural.

"Na atualidade já se identifica alguma pressão nos recursos de água verde, a água da chuva, uma pressão que irá aumentar significativamente no futuro, dando a indicação de que em algumas situações, e dependendo dos requisitos de água necessários para garantir e maximizar o crescimento de vegetação, devem ser implementadas medidas de gestão/captação e eficiência de consumo dessa água", explicou Paula Quinteiro.

Entre as medidas que podem ser implementadas incluem-se, por exemplo, "os sistemas de recolha de água da chuva por forma a garantir a respetiva disponibilidade para irrigações agrícolas e florestais".

A realização de um planeamento integrado de uso de solo e disponibilidade de água da chuva, dos rios e dos aquíferos é considerada fundamental, e em situações mais prementes, Paula Quinteiro refere que "pode ser necessária uma realocação do cultivo para zonas com uma maior disponibilidade de água da chuva, atendendo também às condições do solo e características da vegetação em causa".

A pressão nos recursos de água verde em Portugal foi calculada através da metodologia de Avaliação de Ciclo de Vida (ACV), no âmbito dos projetos SustainFor e SABIOS coordenados pelo grupo LiSAT-Life Cycle Based Sustainability Assessment Tools Team do DAO e financiados pela FCT. A quantidade de água verde evaporada e transpirada pela vegetação foi calculada tendo por base os dados climáticos presentes e futuros simulados, por forma a compreender o potencial impacte de consumo de água verde pelas plantas na escassez deste recurso.

O estudo do CESAM é assinado por Paula Quinteiro juntamente com Sandra Rafael, Bruno Vicente, Martinho Marta-Almeida, Alfredo Rocha, Luís Arroja e Ana Cláudia Dias.

Sugira uma correção Para enviar uma sugestão, por favor faça login ou registe-se.

TV Europa

Previsões de escassez de água no ecossistema e no consumo humano

Tipo Meio: Internet Data Publicação: 28/10/2019

Meio: Voz do Campo Online

URL: http://www.pt.cision.com/s/?l=729dace7

As previsões, realizadas na Universidade de Aveiro (UA) apontam para um cenário de escassez de água no ecossistema e, naturalmente, para consumo humano.

Entre os anos 2046 e 2065, Portugal continental vai sofrer uma diminuição da precipitação média anual de 10 por cento na zona norte e em todo o litoral e de cerca de 30 por cento nas zonas interiores e no sul. Face ao cenário, os investigadores apelam à implementação de medidas urgentes para, no futuro, melhor captar e gerir a água da chuva.

"A diminuição severa de água da chuva disponível no solo pode resultar na diminuição de disponibilidade de água dos rios e dos aquíferos, o que numa situação limite pode condicionar a quantidade de água disponível para consumo humano e do ecossistema", alerta Paula Quinteiro, coordenadora do estudo e investigadora do Centro de Estudos do Ambiente e do Mar (CESAM), uma das unidades de investigação da UA.

Paula Quinteiro, coordenadora do estudo e investigadora do Centro de Estudos do Ambiente e do Mar (CESAM).

Os resultados da investigação antecipam um cenário preocupante se não forem tomadas medidas que resultem na otimização da água disponível: "os valores médios de precipitação previstos para o período compreendido entre 2046 e 2065 apontam para uma diminuição média anual da precipitação em Portugal Continental de cerca de 10 por cento na zona norte e em todo o litoral e de cerca de 30 por cento nas zonas do interior e do sul do país". Estas previsões da precipitação foram realizadas pelo Departamento de Física da UA no âmbito do projeto CLICURB-Urban atmospheric quality, climate change and resilience coordenado pelo Grupo de Emissões Modelação e Alterações Climáticas do Departamento de Ambiente e Ordenamento (DAO) da UA e financiado pela Fundação para a Ciência e a Tecnologia (FCT).

A redução da precipitação em território nacional está relacionada com o fenómeno das alterações climáticas. "O aumento da temperatura global do planeta potencia alterações no ciclo global da água, aumentando o contraste entre regiões secas e húmidas", explica Paula Quinteiro. Isto significa que o planeta terá uma dualidade de cenários: áreas com um aumento de precipitação e com o consequente agravamento do risco de inundação e áreas com uma redução da precipitação e com o consequente aumento do risco de secas. No caso português, as projeções realizadas apontam para uma redução dos níveis de precipitação durante todo o ano, com exceção dos meses de inverno.

Implementação de medidas urgentes:

Ao longo do território nacional, os investigadores da UA avaliaram as condições de disponibilidade e de escassez de água da chuva, considerando diferentes coberturas de solo - agrícola, florestal, urbano e solo predominantemente com vegetação natural.

"Na atualidade já se identifica alguma pressão nos recursos de água verde [água da chuva] sendo que esta pressão irá aumentar significativamente no futuro, dando a indicação de que em algumas

situações, e dependendo dos requisitos de água necessários para garantir e maximizar o crescimento de vegetação, devem ser implementadas medidas de gestão/captação e eficiência de consumo dessa água", explica Paula Quinteiro, a investigadora que assina o trabalho do CESAM juntamente com Sandra Rafael, Bruno Vicente, Martinho Marta-Almeida, Alfredo Rocha, Luís Arroja e Ana Cláudia Dias.

Entre as medidas podem, por exemplo, "ser implementados sistemas de recolha de água da chuva por forma a garantir a respetiva disponibilidade para irrigações agrícolas e florestais". A investigadora aconselha ainda a realização de um planeamento integrado de uso de solo e disponibilidade de água da chuva, dos rios e dos aquíferos. Em situações mais prementes, Paula Quinteiro diz que "pode ser necessária uma realocação do cultivo para zonas com uma maior disponibilidade de água da chuva, atendendo também às condições do solo e características da vegetação em causa".

A pressão nos recursos de água verde em Portugal foi calculada através da metodologia de Avaliação de Ciclo de Vida (ACV), no âmbito dos projetos SustainFor e SABIOS coordenados pelo grupo LiSAT-Life Cycle Based Sustainability Assessment Tools Team do DAO e financiados pela FCT. A quantidade de água verde evaporada e transpirada pela vegetação foi calculada tendo por base os dados climáticos presentes e futuros simulados, por forma a compreender o potencial impacte de consumo de água verde pelas plantas na escassez deste recurso.

Universidade de Aveiro investigou a diminuição de chuva e os impactos nos ecossistemas.

Tipo Meio: Internet Data Publicação: 28/10/2019

Meio: Rádio Terra Nova Online

URL: http://www.pt.cision.com/s/?l=f1e12ee6

A Universidade de Aveiro investigou a diminuição de chuva e os impactos nos ecossistemas.

Entre os anos 2046 e 2065, Portugal continental vai sofrer uma diminuição da precipitação média anual de 10 por cento na zona norte e em todo o litoral e de cerca de 30 por cento nas zonas interiores e no sul. As previsões, realizadas na Universidade de Aveiro (UA) apontam para um cenário de escassez de água no ecossistema e, naturalmente, para consumo humano. Face ao cenário, os investigadores apelam à implementação de medidas urgentes para, no futuro, melhor captar e gerir a água da chuva.

"A diminuição severa de água da chuva disponível no solo pode resultar na diminuição de disponibilidade de água dos rios e dos aquíferos, o que numa situação limite pode condicionar a quantidade de água disponível para consumo humano e do ecossistema", alerta Paula Quinteiro, coordenadora do estudo e investigadora do Centro de Estudos do Ambiente e do Mar (CESAM), uma das unidades de investigação da UA.

Os resultados da investigação antecipam um cenário preocupante se não forem tomadas medidas que resultem na otimização da água disponível: "os valores médios de precipitação previstos para o período compreendido entre 2046 e 2065 apontam para uma diminuição média anual da precipitação em Portugal Continental de cerca de 10 por cento na zona norte e em todo o litoral e de cerca de 30 por cento nas zonas do interior e do sul do país". Estas previsões da precipitação foram realizadas pelo Departamento de Física da UA no âmbito do projeto CLICURB-Urban atmospheric quality, climate change and resilience coordenado pelo Grupo de Emissões Modelação e Alterações Climáticas do Departamento de Ambiente e Ordenamento (DAO) da UA e financiado pela Fundação para a Ciência e a Tecnologia (FCT).

A redução da precipitação em território nacional está relacionada com o fenómeno das alterações climáticas. "O aumento da temperatura global do planeta potencia alterações no ciclo global da água, aumentando o contraste entre regiões secas e húmidas", explica Paula Quinteiro. Isto significa que o planeta terá uma dualidade de cenários: áreas com um aumento de precipitação e com o consequente agravamento do risco de inundação e áreas com uma redução da precipitação e com o consequente aumento do risco de secas. No caso português, as projeções realizadas apontam para uma redução dos níveis de precipitação durante todo o ano, com exceção dos meses de inverno.

Implementação de medidas urgentes

Ao longo do território nacional, os investigadores da UA avaliaram as condições de disponibilidade e de escassez de água da chuva, considerando diferentes coberturas de solo - agrícola, florestal, urbano e solo predominantemente com vegetação natural.

"Na atualidade já se identifica alguma pressão nos recursos de água verde [água da chuva] sendo que esta pressão irá aumentar significativamente no futuro, dando a indicação de que em algumas

situações, e dependendo dos requisitos de água necessários para garantir e maximizar o crescimento de vegetação, devem ser implementadas medidas de gestão/captação e eficiência de consumo dessa água", explica Paula Quinteiro, a investigadora que assina o trabalho do CESAM juntamente com Sandra Rafael, Bruno Vicente, Martinho Marta-Almeida, Alfredo Rocha, Luís Arroja e Ana Cláudia Dias.

Entre as medidas podem, por exemplo, "ser implementados sistemas de recolha de água da chuva por forma a garantir a respetiva disponibilidade para irrigações agrícolas e florestais". A investigadora aconselha ainda a realização de um planeamento integrado de uso de solo e disponibilidade de água da chuva, dos rios e dos aquíferos. Em situações mais prementes, Paula Quinteiro diz que "pode ser necessária uma realocação do cultivo para zonas com uma maior disponibilidade de água da chuva, atendendo também às condições do solo e características da vegetação em causa".

A pressão nos recursos de água verde em Portugal foi calculada através da metodologia de Avaliação de Ciclo de Vida (ACV), no âmbito dos projetos SustainFor e SABIOS coordenados pelo grupo LiSAT-Life Cycle Based Sustainability Assessment Tools Team do DAO e financiados pela FCT. A quantidade de água verde evaporada e transpirada pela vegetação foi calculada tendo por base os dados climáticos presentes e futuros simulados, por forma a compreender o potencial impacte de consumo de água verde pelas plantas na escassez deste recurso.

Texto e foto: UA

COLUNISTAS OPINIÃO

Moliço e dragagens na Ria de Aveiro

26 de Outubro, 2019 by AveiroMag 0 comments



José Figueiredo da Silva *

Decorre neste outono de 2019 uma nova dragagem de vários canais da Ria de Aveiro, retomando a intervenção que decorreu em 1996 nos canais da Murtosa, Torreira e Carregal. A dragagem realizada em 1996 marcou o decaimento das áreas submersas cobertas por moliço, com grande expressão na Ria até meados da década de 1980 antes da expansão do Porto de Aveiro, que envolveu grandes dragagens nos canais da zona portuária. Em resposta à alteração das condições hidrodinâmicas a Ria evoluiu de um sistema costeiro com uma ligação ao mar restrita (sistema lagunar) para um sistema mais aberto com elevada salinidade. Naturalmente esta mudança teve reflexo sobre a composição e a abundancia das ervas marinhas na Ria de Aveiro.

Fui testemunha do desaparecimento das ervas de água salobra, tolerantes à água marinha, que observei pela última vez em 1997 no Largo da Coroa do canal de Ovar. Uma década antes o canal de Ovar a norte da Torreira estava coberto por enorme massa de moliço que incluía plantas de água salobra (Ruppia e Potamogeton), uma espécie típica de água salgada (Zostera) e várias macroalgas. Estas plantas formavam densas pradarias submersas, ao ponto de causarem dificuldade à navegação motorizada. Após 1997 as pradarias submersas desapareceram e a Zostera ficou restrita a algumas áreas na zona entre-marés.

A importância das áreas cobertas pela erva marinha Zostera foi muito recentemente posta em destaque num artigo de Ana Sousa e outros investigadores do CESAM, publicado em Scientific Repports (2019). O estudo incidiu nas alterações observadas no período de 10 anos entre 2004 e 2014, tendo-se observado um aumento das áreas cobertas por Zostera continuando restritas à zona entre-marés. É provável que este período, posterior à dragagem realizada em 1996, represente a recuperação de um equilíbrio natural fortemente perturbado pelas intervenções realizadas na década anterior.

Passadas perto de três décadas, está em curso uma nova intervenção na Ria em que são removidos sedimentos ao longo dos canais interiores que vão ser depositados nas margens, procurando protege-las dos efeitos de marés que alcançam com maior amplitude marinhas, juncais e campos nas margens desses mesmos canais interiores. O impacto destas dragagens sobre as plantas aquáticas submersas (moliço) não vai depender tanto do volume de sedimento removido, que é relativamente pequeno, mas principalmente da alteração da forma da secção e do perfil longitudinal desses canais no interior da Ria.

Fica prometido continuar esta avaliação depois de mais uma década quando se tornarem mais evidentes os efeitos destas intervenções, que conduzem a um ajustamento lento do sistema lagunar.

Professor do Departamento de Ambiente e Ordenamento da Universidade de Aveiro

PUB



PESQUISE NA AVEIRO MAG

Search Here

MAIS LIDAS

Aveiro tornou-se uma galeria imprevisível de arte urbana

Painel de azulejos de Aveiro vai andar a "passear" pelo país

A vida é um origami

Jovem produtor de Ílhavo está a embelezar os pratos da alta gastronomia

Ação de limpeza da praia da Barra cancelada (mas por bons motivos)

PUB





** Professor do Departamento de Ambiente e Ordenamento da Universidade de Aveiro*

Partilhar

11

↑ ↓ 0

Tags: DRAGAGENS ERVAS ESTUDOS OPINIÃO RIA DE AVEIRO

Previous post

Fazer login com

Comece a discussão...

Notificações



SIGA-NOS

PUB

OS SEUS CLIENTES TAMBÉM ESTÃO A VER ESTE ESPAÇO

NEWSLETTER

E-mail Subscrever

Li e aceito a política de privacidade

OUTROS ARTIGOS DO AUTOR


Nilton Rodrigues confirmado na VI Gala Litoral Awards
27 de October, 2019


Aveiro volta a desafiar e a premiar os jovens criadores
27 de October, 2019


OLI apresenta casa de banho inovadora na feira Decor Hotel
26 de October, 2019

The Wanderlust prepara-se para apagar as velas do seu 5.º aniversário

24 de Outubro, 2019

inovadora na feira Decor Hotel

26 de Outubro, 2019

Estudo sobre pradarias marinhas alerta para novas dragagens na Ria de Aveiro

Tipo Meio: Internet Data Publicação: 25/10/2019

Meio: Ambiente Magazine Online

URL: http://www.pt.cision.com/s/?l=34370117

As pradarias marinhas da Ria de Aveiro apresentam uma tendência de recuperação no período 2005-2014, o que é positivo para a saúde do ecossistema, segundo um estudo assinado por investigadores da Universidade de Aveiro (UA) e do Centro de Estudos do Ambiente e do Mar (CESAM), publicado na Scientific Reports. Os investigadores referem que a recuperação poderá estar relacionada com o reequilíbrio do ecossistema após as dragagens entre 1996 e 1998, mas alertam para o efeito de uma nova fase de dragagens.

O estudo intitulado "Blue Carbon stock in Zostera noltei meadows at Ria de Aveiro coastal lagoon (Portugal) over a decade", publicado a em outubro, avalia a distribuição espacial e estima o stock de Carbono Azul ("Blue Carbon") armazenado nas zonas húmidas da região de Aveiro, mais concretamente pradarias marinhas da planta aquática Zostera noltei, constituinte do moliço. O termo Carbono Azul designa o carbono armazenado no oceano e em ecossistemas costeiros como pradarias marinhas, sapais e mangais, ou seja, em plantas e sedimentos destes biótopos. A importância do Carbono Azul deve-se, entre outros aspetos, explica Ana Sousa, investigadora do CESAM e primeira autora do artigo, à sua contribuição para a redução dos gases com efeito de estufa da atmosfera, como o dióxido de carbono, mitigando os seus efeitos negativos.

Foi usado um método de deteção remota, utilizando um drone para realização de fotografia aérea e mapeamento de pradarias marinhas em 2014, fotografia aérea realizada em 2003-2005, e foram realizadas amostragens no terreno de modo a estimar o stock Carbono Azul. O estudo cobre assim os períodos de 2003 a 2005 e de 2013 a 2014.

O primeiro estudo deste tipo na região

Apesar de anteriores trabalhos de caraterização e mapeamento de pradarias marinhas na Ria de Aveiro, o estudo agora publicado foi o primeiro, salienta a investigadora do CESAM, em que se fez um mapeamento extensivo e uma avaliação do Carbono Azul das pradarias marinhas nesta área classificada como Biótopo Corine, Zona de Proteção Especial e Rede Natura 2000 ao abrigo da Diretiva Aves e da Diretiva Habitats.

Os resultados obtidos mostram uma tendência de recuperação das pradarias marinhas nos últimos anos, contrariando a tendência global de declínio, mas em concordância com as tendências identificadas por outros estudos regionais realizados noutros sistemas Europeus. Estes resultados estabelecem também uma base de referência para a intervenção humana na Ria de Aveiro.

O artigo foi assinado por quatro investigadores da UA, Ana I. Sousa, José Figueiredo da Silva, Ana Azevedo e Ana I. Lillebø. Ana I. Sousa e Ana I. Lillebø são, respetivamente, investigadora auxiliar e principal do Departamento de Biologia e do CESAM, José Figueiredo da Silva é professor auxiliar do Departamento de Ambiente e Ordenamento e Ana Azevedo é investigadora colaboradora do Departamento de Física e do CESAM.

Foto Universidade de Aveiro

Bónus Bet: 50% de Bónus em Apostas Desportivas

A bet.pt oferece o melhor bónus em apostas desportivas de Portugal, um bónus de 50% no primeiro depósito!

Não interessa os resultados das tuas apostas desportivas online, o **Bónus Bet** é para todos: é um bónus de mais 50% do teu primeiro depósito.

Regista-te, deposita 20€ e podes apostar com 30€ nos teus desportos preferidos. Podes apostar nos jogos da Premier League, ou até no campeonato Português. Podes apostar em ténis ou na NBA. O teu **Bónus Bet** é creditado no momento em que fazes o teu primeiro depósito.

Analisa as estatísticas, vê os prognósticos ou contraria as odds e segue a tua intuição... Para jogares o valor do depósito podes fazer apostas desportivas simples ou apostas múltiplas, em Pré-Jogo ou Ao Vivo, na tua modalidade favorita!

O nosso **Bónus Bet** para novos apostadores é apenas o inicio de uma grande aventura nas apostas desportivas! Consulta a nossa lista de promoções em apostas desportivas e conhece ainda a nossa lista de promoções no casino online bet.pt.

Fechar Anúncio

BeGambleAware.org | +18

Auto Macedo - Mealhada
Vais encontrar + de 150 viaturas disponíveis para entrega imediata Auto Macedo
ABRIR

Actualidade Região Aveiro Destaques

Pradarias marinhas da Ria de Aveiro com tendência de recuperação

25 Outubro, 2019 119



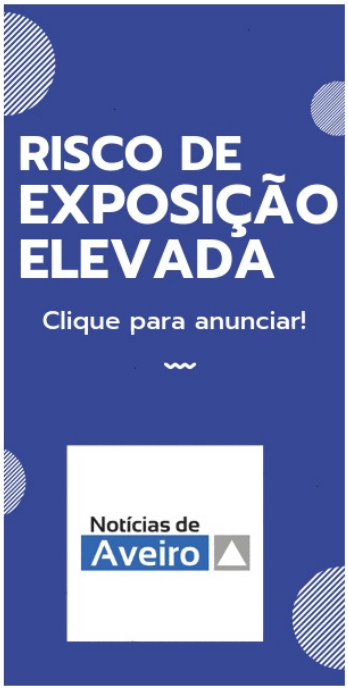
Ria de Aveiro.

As "pradarias marinhas" da Ria de Aveiro apresentaram "uma tendência de recuperação" entre 2005 e 2014, o que "é positivo para a saúde do ecossistema".

Conclusão de um estudo feio por investigadores da Universidade de Aveiro (UA) e do Centro de Estudos do Ambiente e do Mar (CESAM) que foi publicado na revista 'Scientific Reports'.

PUB







Hotéis em Ilhas Phi Phi
8 €
Anúncio momondo


8 €
Anúncio momondo
Reservar já

Segundo uma nota de imprensa da UA, os autores admitem que "a recuperação poderá estar relacionada com o reequilíbrio do ecossistema após as dragagens entre 1996 e 1998, mas alertam para o efeito de uma nova fase de dragagens", já em curso.

O estudo intitulado "Blue Carbon stock in Zostera noltei meadows at Ria de Aveiro coastal lagoon (Portugal) over a decade", publicado a em outubro, avaliou a distribuição espacial e estima o stock de carbono azul ("Blue Carbon") armazenado nas zonas húmidas da região de Aveiro, mais concretamente pradarias marinhas da planta aquática 'Zostera noltei', que é um constituinte do moliço.

'Carbono azul' designa o carbono armazenado no oceano e em ecossistemas costeiros como pradarias marinhas, sapais e mangais, ou seja, em plantas e sedimentos destes biótopos.


Hotéis em Aveiro
21 €
Anúncio momondo
Reservar já

A sua importância deve-se, entre outros aspetos, "à contribuição para a redução dos gases com efeito de estufa da atmosfera, como o dióxido de carbono, mitigando os seus efeitos negativos", explica Ana Sousa, investigadora do CESAM, primeira autora do artigo.

Os cientistas da UA usaram um método de deteção remota, utilizando um drone para realização de fotografia aérea e mapeamento de pradarias marinhas em 2014 (fotografia aérea realizada em 2003-2005), recolhendo amostragens no terreno de modo a estimar o stock 'de 'carbono azul'.

De acordo com a nota de imprensa, tratou-se do primeiro estudo deste tipo na região de Aveiro abrangendo as pradarias marinhas na área classificada como Biótopo Corine, Zona de Proteção Especial e Rede Natura 2000 ao abrigo da Diretiva Aves e da Diretiva Habitats.

Base de referência para a intervenção humana na Ria de Aveiro

Os resultados obtidos mostram uma tendência de recuperação das pradarias marinhas nos últimos anos, contrariando a tendência global de declínio, mas em concordância com as tendências identificadas por outros estudos regionais realizados noutros sistemas Europeus. Estes resultados estabelecem também uma base de referência para a intervenção humana na Ria de Aveiro. Mais informação em https://www.nature.com/articles/s41598-019-50425-4

Artigo relacionado

Empreitada de desassoreamento avança para a Ria de Aveiro em junho

Polis promoveu visita à 'frente de obra' no projecto de desassoreamento na Ria de Aveiro

Publicidade, Serviços & Donativos

Utilize a plataforma online para conhecer e ativar campanhas em NoticiasdeAveiro.pt, assim como conhecer / requisitar outros serviços e fazer donativos. Consulte a plataforma de publicidade e serviços. Ou peça-nos já uma proposta adequada às suas necessidades de promoção através de info@noticiaseaveiro.pt. Consultar estatísticas do jornal NoticiasdeAveiro.pt de agosto de 2018 a agosto de 2019 ... Continue a ler

Notícias de Aveiro

TAGS Ambiente Natureza Recursos Hídricos Ria de Aveiro Universidade de Aveiro

Artigo anterior

PS/Ílhavo insiste no estudo para requalificação do centro urbano da Gafanha da Nazaré

ARTIGOS RELACIONADOS DO MESMO AUTOR

Ol. de Azeméis: Autarquia quer liquidar a dívida municipal "totalmente" até 2021

Trio suspeito de dezenas de assaltos em prisão preventiva

"Fazemos frente a qualquer plantel" – Edgar Almeida (Beira-Mar)



Notícias de Aveiro



Sê o primeiro dos teus amigos a gostar disto

PUBLICAÇÕES MAIS POPULARES

Aveiro: Acidente agrícola deixa rapariga em estado crítico
5 Outubro, 2019

Um novo Aveiro está a nascer...
28 Setembro, 2018

Aveiro: Cadáver encontrado esta manhã no canal central
26 Setembro, 2019

CATEGORIAS POPULARES

Actualidade	3357
Aveiro	2123
Destaques	1319
Região	617
Comunicados	408
Roteiro	400
Iniciativas	387
Ílhavo	332
AveiroWorkPoint	281

Ao continuar a usar o site, concorda com o uso de cookies que possibilitam a melhoria dos nossos serviços. Pode alterar as definições de cookies a qualquer altura. mais informação

Aceitar

OVAR NEWS



Local Slider

Pradarias marinhas da Ria em recuperação

OvarNews · 5 mins atrás 0 0 1 minute read



As pradarias marinhas da Ria de Aveiro apresentam uma tendência de recuperação no período 2005-2014, o que é positivo para a saúde do ecossistema, segundo um estudo assinado por investigadores da Universidade de Aveiro (UA) e do Centro de Estudos do Ambiente e do Mar (CESAM), publicado na Scientific Reports. Os investigadores referem que a recuperação poderá estar relacionada com o reequilíbrio do ecossistema após as dragagens entre 1996 e 1998, mas alertam para o efeito de uma nova fase de dragagens.

O estudo intitulado "Blue Carbon stock in Zostera noltei meadows at Ria de Aveiro coastal lagoon

Publicidade



Publicidade



publicidade

Publicidade

O estudo intitulado "Blue Carbon stock in Zostera noltei meadows at Ria de Aveiro coastal lagoon (Portugal) over a decade", publicado a em outubro, avalia a distribuição espacial e estima o stock de Carbono Azul ("Blue Carbon") armazenado nas zonas húmidas da região de Aveiro, mais concretamente pradarias marinhas da planta aquática Zostera noltei, constituinte do moliço.

O termo Carbono Azul designa o carbono armazenado no oceano e em ecossistemas costeiros como pradarias marinhas, sapais e mangais, ou seja, em plantas e sedimentos destes biótopos. A importância do Carbono Azul deve-se, entre outros aspectos, explica Ana Sousa, investigadora do CESAM e primeira autora do artigo, à sua contribuição para a redução dos gases com efeito de estufa da atmosfera, como o dióxido de carbono, mitigando os seus efeitos negativos.

Foi usado um método de detecção remota, utilizando um drone para realização de fotografia aérea e mapeamento de pradarias marinhas em 2014, fotografia aérea realizada em 2003-2005, e foram realizadas amostragens no terreno de modo a estimar o stock Carbono Azul. O estudo cobre assim os períodos de 2003 a 2005 e de 2013 a 2014.

O primeiro estudo deste tipo na região

Apesar de anteriores trabalhos de caracterização e mapeamento de pradarias marinhas na Ria de Aveiro, o estudo agora publicado foi o primeiro, salienta a investigadora do CESAM, em que se fez um mapeamento extensivo e uma avaliação do Carbono Azul das pradarias marinhas nesta área classificada como Biótopo Corine, Zona de Protecção Especial e Rede Natura 2000 ao abrigo da Directiva Aves e da Directiva Habitats.

Os resultados obtidos mostram uma tendência de recuperação das pradarias marinhas nos últimos anos, contrariando a tendência global de declínio, mas em concordância com as tendências identificadas por outros estudos regionais realizados noutros sistemas Europeus. Estes resultados estabelecem também uma base de referência para a intervenção humana na Ria de Aveiro.

O artigo foi assinado por quatro investigadores da UA, Ana I. Sousa, José Figueiredo da Silva, Ana Azevedo e Ana I. Lillebø. Ana I. Sousa e Ana I. Lillebø são, respectivamente, investigadora auxiliar e principal do Departamento de Biologia e do CESAM, José Figueiredo da Silva é professor auxiliar do Departamento de Ambiente e Ordenamento e Ana Azevedo é investigadora colaboradora do Departamento de Física e do CESAM.



Facebook Twitter

OvarNews

Artigos relacionados









Siga-nos no Facebook



publicidade

21 Setembro, 2016 588

"Tenho crianças que, no meio dos espectáculos de rua, chamam pelo meu nome"

10 Dezembro, 2014 39

Recuo planeado da ocupação costeira entre as opções para resolver problemas do litoral



30 Outubro, 2017 42

Rotários distinguem mérito do melhores alunos

Deixe uma resposta

Tem de iniciar a sessão para publicar um comentário.

UM VAREIRO NA CHINA

ROSENDO COSTA



CORREIO DO LEITOR

GERAL@OVARNEWS.PT

QUEM TEM MEDO DO LOBO MAU?



OlhoShot
EMPRESA DE MULTIMÉDIA

Comunique Mais

OVAR NEWS

Sobre nós

Apresentação

Estatuto Editorial

Política de Privacidade

Publicidade – Contactos

© Ovarnews 2019, Todos os direitos reservados

OLHOSHOT

Estudo da UA sobre pradarias marinhas alerta para novas dragagens na Ria.

Tipo Meio: Internet Data Publicação: 25/10/2019

Meio: Rádio Terra Nova Online

URL: http://www.pt.cision.com/s/?l=6e3bf27c

As pradarias marinhas da Ria de Aveiro apresentam uma tendência de recuperação no período 2005-2014, o que é positivo para a saúde do ecossistema, segundo um estudo assinado por investigadores da Universidade de Aveiro (UA) e do Centro de Estudos do Ambiente e do Mar (CESAM), publicado na Scientific Reports.

Os investigadores referem que a recuperação poderá estar relacionada com o reequilíbrio do ecossistema após as dragagens entre 1996 e 1998, mas alertam para o efeito de uma nova fase de dragagens.

O estudo intitulado "Blue Carbon stock in Zostera noltei meadows at Ria de Aveiro coastal lagoon (Portugal) over a decade", publicado a em outubro, avalia a distribuição espacial e estima o stock de Carbono Azul ("Blue Carbon") armazenado nas zonas húmidas da região de Aveiro, mais concretamente pradarias marinhas da planta aquática Zostera noltei, constituinte do moliço.

O termo Carbono Azul designa o carbono armazenado no oceano e em ecossistemas costeiros como pradarias marinhas, sapais e mangais, ou seja, em plantas e sedimentos destes biótopos.

A importância do Carbono Azul deve-se, entre outros aspetos, explica Ana Sousa, investigadora do CESAM e primeira autora do artigo, à sua contribuição para a redução dos gases com efeito de estufa da atmosfera, como o dióxido de carbono, mitigando os seus efeitos negativos.

Foi usado um método de deteção remota, utilizando um drone para realização de fotografia aérea e mapeamento de pradarias marinhas em 2014, fotografia aérea realizada em 2003-2005, e foram realizadas amostragens no terreno de modo a estimar o stock Carbono Azul. O estudo cobre assim os períodos de 2003 a 2005 e de 2013 a 2014.

O primeiro estudo deste tipo na região

Apesar de anteriores trabalhos de caraterização e mapeamento de pradarias marinhas na Ria de Aveiro, o estudo agora publicado foi o primeiro, salienta a investigadora do CESAM, em que se fez um mapeamento extensivo e uma avaliação do Carbono Azul das pradarias marinhas nesta área classificada como Biótopo Corine, Zona de Proteção Especial e Rede Natura 2000 ao abrigo da Diretiva Aves e da Diretiva Habitats.

Os resultados obtidos mostram uma tendência de recuperação das pradarias marinhas nos últimos anos, contrariando a tendência global de declínio, mas em concordância com as tendências identificadas por outros estudos regionais realizados noutros sistemas Europeus.

Estes resultados estabelecem também uma base de referência para a intervenção humana na Ria de Aveiro.

O artigo foi assinado por quatro investigadores da UA, Ana I. Sousa, José Figueiredo da Silva, Ana Azevedo e Ana I. Lillebø. Ana I. Sousa e Ana I. Lillebø são, respetivamente, investigadora auxiliar e

principal do Departamento de Biologia e do CESAM, José Figueiredo da Silva é professor auxiliar do Departamento de Ambiente e Ordenamento e Ana Azevedo é investigadora colaboradora do Departamento de Física e do CESAM.

Texto e foto: UA

REGIÃO:ESTUDO SOBRE PRADARIAS MARINHAS ALERTA PARA NOVAS DRAGAGENS NA RIA



As pradarias marinhas da Ria de Aveiro apresentam uma tendência de recuperação no período 2005-2014, o que é positivo para a saúde do ecossistema, segundo um estudo assinado por investigadores da Universidade de Aveiro (UA) e do Centro de Estudos do Ambiente e do Mar (CESAM), publicado na Scientific Reports.

25 Out 2019

Pub



PARTILHAR

As pradarias marinhas da Ria de Aveiro apresentam uma tendência de recuperação no período 2005-2014, o que é positivo para a saúde do ecossistema, segundo um estudo assinado por investigadores da Universidade de Aveiro (UA) e do Centro de Estudos do Ambiente e do Mar (CESAM). Os investigadores referem que a recuperação poderá estar relacionada com o reequilíbrio do ecossistema após as dragagens entre 1996 e 1998, mas alertam para o efeito de uma nova fase de dragagens.

O estudo intitulado "Stoque de carbono azul nos prados de Zostera noltei na lagoa costeira da Ria de Aveiro (Portugal) ao longo de uma década" (Blue Carbon stock in Zostera noltei meadows at Ria de Aveiro coastal lagoon (Portugal) over a decade), publicado em outubro, avalia a distribuição espacial e estima o stock de Carbono Azul ("Blue Carbon") armazenado nas zonas húmidas da região de Aveiro, mais concretamente pradarias marinhas da planta aquática Zostera noltei, constituinte do moliço. O termo Carbono Azul designa o carbono armazenado no oceano e em ecossistemas costeiros como pradarias marinhas, sapais e mangais, ou seja, em plantas e sedimentos destes biótopos. A importância do Carbono Azul deve-se, entre outros aspetos, explica Ana Sousa, investigadora do CESAM e primeira autora do artigo, à sua contribuição para a redução dos gases com efeito de estufa da atmosfera, como o dióxido de carbono, mitigando os seus efeitos negativos.

Foi usado um método de deteção remota, utilizando um drone para realização de fotografia aérea e mapeamento de pradarias marinhas em 2014, fotografia aérea realizada em 2003-2005, e foram realizadas amostragens no terreno de modo a estimar o stock Carbono Azul. O estudo cobre assim os períodos de 2003 a 2005 e de 2013 a 2014.

O primeiro estudo deste tipo na região

Apesar de anteriores trabalhos de caraterização e mapeamento de pradarias marinhas na Ria de Aveiro, o estudo agora publicado foi o primeiro, salienta a investigadora do CESAM, em que se fez um mapeamento extensivo e uma avaliação do Carbono Azul das pradarias marinhas nesta área classificada como Biótopo Corine, Zona de Proteção Especial e Rede Natura 2000 ao abrigo da Diretiva Aves e da Diretiva Habitats.

Os resultados obtidos mostram uma tendência de recuperação das pradarias marinhas nos últimos anos, contrariando a tendência global de declínio, mas em concordância com as tendências identificadas por outros estudos regionais realizados noutros sistemas Europeus. Estes resultados estabelecem também uma base de referência para a intervenção humana na Ria de Aveiro.

Pub



Pub



Pub



SIGA-NOS

EQUIPA DO DIA

Pub





DA REGIÃO
PARA A
REGIÃO.

INSTITUCIONAL

Apresentação

Estatuto Editorial

Missão, Visão, Valores

CONTEÚDOS

NOTÍCIAS

PROGRAMAÇÃO

CONTACTOS

Fale connosco

2016 © Todos os direitos reservados a VAGOS FM

trust it

Estudo revela que pradarias marinhas da Ria de Aveiro estão a recuperar

Tipo Meio:	Internet	Data Publicação:	25/10/2019
Meio:	Wilder Online	Autores:	Helena Geraldes

URL: http://www.pt.cision.com/s/?l=232e503d

Investigadores da Universidade de Aveiro mapearam as pradarias marinhas da Ria e descobriram uma tendência de recuperação entre os anos de 2005 e 2014

Com base em fotografias aéreas e drones, investigadores da Universidade de Aveiro mapearam as pradarias marinhas da Ria e descobriram uma tendência de recuperação entre os anos de 2005 e 2014.

A Ria de Aveiro é uma das áreas de Portugal com as maiores pradarias marinhas, ou seja, povoações de ervas marinhas que ocorrem quase sempre em substractos móveis, como areia ou lodo. As outras áreas são a Ria Formosa e dos estuários do Sado, Tejo e Mondego.

Mas, nas últimas décadas, estas têm sido ameaçadas pelas dragagens e poluição.

Num artigo científico publicado este mês na revista Scientific Reports, investigadores da Universidade de Aveiro (UA) e do Centro de Estudos do Ambiente e do Mar (CESAM) concluíram que as pradarias marinhas da Ria de Aveiro recuperaram entre 2005 e 2014. Esta recuperação, defendem, "estará relacionada com o reequilibro do ecossistema após as dragagens entre 1996 e 1998", segundo um comunicado enviado hoje à Wilder.

Para chegar a esta conclusão, os investigadores avaliaram a distribuição espacial e o stock de Carbono Azul (Blue Carbon) armazenado nas pradarias marinhas da planta aquática Zostera noltei, constituinte do moliço.

O Carbono Azul - o carbono armazenado no oceano e em ecossistemas costeiros como pradarias marinhas, sapais e mangais - ajuda a reduzir os gases com efeito de estufa da atmosfera, como o dióxido de carbono, salienta Ana Sousa, investigadora do CESAM e primeira autora do artigo.

Os investigadores utilizaram um drone para realização de fotografia aérea e mapeamento de pradarias marinhas em 2014 e fotografia aérea realizada em 2003-2005. Além disso foram realizadas amostragens no terreno para estimar o stock Carbono Azul.

"Os resultados obtidos mostram uma tendência de recuperação das pradarias marinhas nos últimos anos, contrariando a tendência global de declínio, mas em concordância com as tendências identificadas por outros estudos regionais realizados noutros sistemas europeus", acrescenta o comunicado.

Ainda assim, os investigadores alertam para o efeito de uma nova fase de dragagens na Ria de Aveiro, área classificada como Biótopo Corine, Zona de Protecção Especial e Rede Natura 2000 ao abrigo da Diretiva Aves e da Diretiva Habitats.

https://www.facebook.com/WilderDays/

CISION

Notícias de Viseu

ID: 83185261

24-10-2019

Meio: Imprensa
País: Portugal
Period.: Semanal
Âmbito: Regional

Pág: 3
Cores: Cor
Área: 25,00 x 14,91 cm²
Corte: 1 de 1



Poluição do tráfego marítimo é preocupante e pode vir a aumentar

A poluição atmosférica na costa portuguesa provocada pelo tráfego marítimo representa cerca de 20 por cento da poluição causada pelos óxidos de nitrogénio (NOx), um dos poluentes mais nocivos à saúde humana e ao meio ambiente. Este valor vem de um estudo da Universidade de Aveiro (UA) que, para ajudar a reduzir esta contribuição, aponta uma lista de medidas que urgem ser colocadas em prática.

"As emissões marítimas, que compreendem sobretudo os poluentes NOx e o dióxido de enxofre (SO2), têm impacto máximo junto às rotas internacionais, mas este impacto chega à zona costeira, com contribuições que vão de 10 a 20 por cento no caso dos NOx e acima de 20 por cento para o SO2", aponta Alexandra Monteiro, investigadora do Departamento de Ambiente e Ordenamento e do Centro de Estudos do Ambiente e do Mar, uma das unidades de investigação da UA.

A coordenadora do estudo garante tratar-se de um "cenário preocupante" que é urgente combater: "É muito importante colocar no terreno as medidas propostas pela investigação, algumas promovidas pela própria regulação europeia, sobretudo face ao contínuo e esperado aumento do tráfego marítimo".

Os investigadores estimam que atualmente cerca de 90 por cento (75 por cento na Europa, e com tendência a crescer) de toda a troca de mercadorias e bens em todo mundo é realizada por via marítima, o que torna este meio de transporte preocupante em termos de impacto ambiental, sobretudo devido à sua grande dependência no que diz respeito ao uso de combustíveis fósseis, com emissões atmosféricas associadas e potencial impacto na qualidade do ar.

Coordenado por Alexandra Monteiro, o projeto AIRSHIP, financiado pela Fundação para a Ciência e a Tecnologia (FCT) e que terminou recentemente, visou avaliar o impacto na qualidade do ar das emissões do transporte marítimo em Portugal e, com maior detalhe, ao nível local/portuário, tendo como caso de estudo o Porto Leixões e a área urbana envolvente.

Forte impacto na qualidade do ar

No âmbito desse projeto, os investigadores da UA e em colaboração com o Instituto Meteorológico Finlandês, estimaram as emissões atmosféricas associadas ao transporte marítimo em Portugal e avaliaram a contribuição destas emissões na qualidade do ar, recorrendo a um sistema de modelação numérica.

Os resultados revelaram que estas emissões têm um impacto na qualidade do ar máximo junto às rotas marítimas, chegando até às zonas costeiras onde se verificam contribuições de 10 a 20 por cento para as concentrações de NOx e inferior a 10 por cento no caso das partículas, dois dos poluentes mais críticos em Portugal, com excedências aos valores limite legislados.

Relativamente aos cruzeiros, as estimativas revelam que as emissões associadas correspondem apenas a cerca de 5 por cento do total do transporte marítimo. Os estudos que os apontam como grandes poluentes, referem-se principalmente às emissões de SO2 (um poluente que apresenta valores residuais em termos de qualidade do ar em Portugal), já que é verdade que os cruzeiros emitem 28 vezes mais SO2 que o transporte rodoviário (mas 17 vezes menos NOx).

Medidas mitigadoras

Os estudos feitos no projeto AIRSHIP, quer ao nível regional, quer local (caso de estudo Porto de Leixões), envolveram ainda a investigação de medidas estratégicas mitigadoras para as emissões associadas ao transporte marítimo (focadas sobretudo no uso de combustíveis alternativos e práticas sustentáveis) e à atividade portuária, e elaboração de linhas de orientação para a sua implementação.

Entre as dezenas de medidas apontadas, os investigadores sublinham a importância da redução da velocidade dos navios enquanto estão em operação através da redução das rotações por minuto do motor e a utilização de combustíveis alternativos, de modo a diminuir o uso dos combustíveis mais tradicionais no transporte marítimo. Alterações nos motores do navio, de forma a torná-los mais limpos, e a implementação nos navios de um sistema de limpeza de gases de exaustão são outras das muitas medidas propostas.

"Esperamos que estes resultados possam ser particularmente importantes e úteis na gestão e ação política na área do transporte marítimo e dos seus impactes ambientais, colocando assim a ciência e a investigação ao verdadeiro serviço da sociedade", diz Alexandra Monteiro.

Para além de Alexandra Monteiro, também Sandra Sorte, Michael Russo, Carla Gama, Myriam Lopes e Carlos Borrego, todos investigadores do CESAM, e André Neves, aluno do Mestrado Integrado de Engenharia do Ambiente, assinam o estudo.

Musgos: descoberto papel essencial na gestão de solos queimados

Tipo Meio: Internet Data Publicação: 24/10/2019

Meio: Port.Com Online

URL: http://www.revistaport.com/noticia/6/6937

REVISTA PORT.COM

Os musgos têm um papel fundamental na conservação do solo afetado por um incêndio florestal e, por isso, o seu crescimento deve ser estimulado. A descoberta da Universidade de Aveiro (UA) prova que os musgos não só previnem a erosão dos solos como retêm a humidade e conservam a fertilidade da terra.

A investigação do Departamento de Ambiente e Ordenamento (DAO) e do grupo de Planeamento e Gestão do Zonas Costeiras (CZPM) do Centro de Estudos do Ambiente e do Mar (CESAM) da UA quantificou, pela primeira vez em Portugal, o papel ecológico dos musgos na conservação do solo após incêndios florestais.

Realizado no âmbito do HYPERLINK (https://www.recare-project.eu/") projeto RECARE, o estudo demonstrou que os musgos previnem a erosão em áreas ardidas, ajudando a consolidar a estrutura dos solos, a reter a sua humidade e a conservar a sua fertilidade.

Na investigação, os cientistas da UA monitorizaram, durante um ano, uma encosta de uma plantação florestal ardida, na qual ocorreu uma colonização espontânea de musgos nas primeiras semanas após o incêndio florestal.

Foi quantificada a escorrência superficial induzida pela chuva, assim como a perda de sedimentos e de matéria orgânica, em parcelas de solo com diferentes frações de musgo na sua cobertura. Estes parâmetros foram correlacionados com a evolução do coberto vegetal ao longo do primeiro ano após incêndio e mostraram que o desenvolvimento de uma cobertura anual média com 67 por cento de musgos permitiu reduzir a erosão anual em 65 por cento (de 1150 para 400 quilogramas de solo por hectare).

Enquanto recurso não renovável, aponta o investigador Flávio Silva, "o solo é um compartimento ecológico estratégico que está nas prioridades da agenda de políticas europeias, sendo a sua conservação fortemente encorajada".

O investigador, autor do trabalho a par com os investigadores do CESAM Diana Vieira e Jacob Keizer, e de Els van der Spek, da Universidade de Wageningen (Holanda), garante que "os musgos podem ser encarados como 'engenheiros' de ecossistema naturais que constituem o primeiro passo para a preservação da fertilidade dos solos, proporcionando todas as condições para o desenvolvimento da biodiversidade subsequente".

Trabalho destacado pela Comissão Europeia

"Os musgos são espécies pioneiras em solos recentemente ardidos, embora a sua proliferação dependa de condições ambientais específicas", refere Flávio Silva. No entanto, o estudo sugere que estimular o desenvolvimento de musgos em áreas ardidas pode ser um importante instrumento de gestão de solos após incêndios florestais.

"Os musgos são espécies vegetais cosmopolitas e desenvolvem-se muito bem em solos pobres, e por isso a sua proliferação é fácil e rápida, requerendo apenas alguma humidade e luz solar baixa ou moderada", explica o investigador que acrescenta: "Como são tolerantes a contextos de seca extrema, embora pareçam mortos quando sujeitos ao calor, basta alguma humidade para que se reabilitem, e os esporos também continuam viáveis".

À venda no mercado, podem ser encontrados esporos de várias espécies de musgos. A abordagem indicada para utilização de musgos para prevenção da erosão pós-incêndio passa por incluir esses esporos ou fragmentos triturados de musgo seco, a baixo custo adicional, nos lotes de misturas de sementes já habitualmente utilizados em medidas de estabilização de emergência pós-incêndio. Normalmente esta técnica de sementeira, lembra Flávio Silva, "é aplicada por hidrossementeira [mistura de água com as sementes e outros componentes que promovem a estabilização do solo] ou por helicóptero como se tem feito nos Estados Unidos".

No entanto, para diminuir os custos operacionais, e tal como deve acontecer com todas as medidas de estabilização de emergência pós-incêndio, os investigadores aconselham que se devem identificar previamente as áreas mais críticas sujeitas a erosão e fazer a aplicação da sementeira apenas nessas áreas. Como os musgos se desenvolvem rapidamente, eles retêm o solo e a humidade necessários para o desenvolvimento posterior de plantas vasculares.

SEEdesign

Bioblitz encontrou mais de 30 espécies na EBIO do Merujal

Tipo Meio: Internet
Data Publicação: 24/10/2019
Meio: Wilder Online
Autores: Helena Geraldes
URL: http://www.pt.cision.com/s/?l=6961f36f

Quem participou no primeiro bioblitz na Estação da Biodiversidade do Merujal aprendeu a identificar insectos, anfíbios, répteis, morcegos, e até uma aranha

Quem participou no primeiro bioblitz na Estação da Biodiversidade do Merujal (EBIO do Merujal), na Serra da Freita, aprendeu a identificar diferentes insectos, anfíbios, répteis, morcegos, e até uma aranha.

Num bioblitz, cidadãos comuns observam e participam no registo de espécies de um determinado local, com a ajuda e orientação de diferentes especialistas, contribuindo desta forma para o conhecimento científico.

Os 96 participantes nesta acção de ciência cidadã a 5 de Outubro, sábado, quando o bioblitz se dirigiu ao público em geral - sexta-feira tinha sido a vez das escolas - contribuíram para o registo de mais de 30 espécies diferentes na EBIO do Merujal, que fica no distrito de Aveiro, no território do Arouca Geopark. Esta EBIO consiste num pequeno percurso com 1,7 quilómetros.

"Entre as 15h00 e as 18h00, [os participantes] acompanharam as capturas e identificação de anfíbios, insectos e aranhas e micromamíferos. Munidos de redes entomológicas, frascos de recolha, camaroeiros e armadilhas para pequenos ratinhos, foram colaborando nos trabalhos de campo dos investigadores das Universidades de Aveiro, Porto e Trás-os-Montes e Alto Douro", descreveu Rita Rocha, da Mundo Científico, empresa que participou na organização desta saída.

Foto: Rita Rocha

Quando a noite caiu, o desafio foi identificar espécies de morcegos que vivem no Merujal, através dos seus chamamentos ultrassónicos. "Apesar do frio que se fez sentir na Serra da Freita, o entusiasmo do grupo não esmoreceu e foi plenamente recompensador."

Foto: Sandra Faria

Assim, entre os morcegos que se fizeram ouvir, estiveram o morcego-anão (Pipistrellus pipistrellus), o morcego-de-Kuhl (Pipistrellus kuhlii), o morcego-arborícola-pequeno (Nyctalus leisleri), o morcego-negro (Barbastella barbastellus) e o morcego-rabudo (Tadarida teniotis), entre outros.

Antes, durante a tarde, já tinham sido observadas pelo menos 15 espécies de insectos, de acordo com dados ainda provisórios, entre os quais o louva-a-deus (Mantis religiosa), a borboleta-da-couve (Pieris brassicae), a borboleta-azulinha (Lampides boeticus), a libélula imperador-azul (Anax imperator), a vespa Vespula germanica e a invasora vespa-asiática (Vespa velutina).

Louva-a-deus (Mantis religiosa). Foto: Rita Rocha

E ainda uma espécie pouco habitual. "Foi a primeira vez - em 25 anos de bicharada - que encontrei a

Notonecta meridionalis", comentou José Manuel Grosso-Silva, curador de entomologia do Museu de História Natural e da Ciência da Universidade do Porto, depois de participar como biólogo neste bioblitz. Conhecidos em inglês pelo nome comum 'nadador de costas' ('backswimmer'), os insectos deste género fazem precisamente isso: nadam de costas através de lagos e cursos de água.

Já o tritão-de-ventre-laranja (Lissotron boscai) foi um dos cinco anfíbios encontrados, tal como o tritão-marmoreado (Triturus marmoratus), a salamandra-lusitânica (Chioglossa lusitanica), a rã-ibérica (Rana iberica) e a rã-verde (Pelophylax perezi). A estas espécies, juntou-se apenas um réptil: o lagarto-de-água (Lacerta schreiberi).

Salamandra-lusitânica (Chioglossa lusitanica). Foto: Rita Rocha

Os participantes também puderam ficar a conhecer uma espécie de aranha, a aranha-vespa (Argiope bruennichi). É uma das maiores aranhas de Portugal e considerada por especialistas uma das mais belas.

Aranha-vespa (Argiope bruennichi). Foto: Rita Rocha

Além de José Grosso-Silva e dos biólogos da equipa da Mundo Científico, também conduziram este bioblitz outros três investigadores: Daniela Teixeira, investigadora do Departamento de Biologia e do CESAM-Centro de Estudos do Ambiente e do Mar da Universidade de Aveiro, e Virgínia Duro e Sandra Faria, do Laboratório de Ecologia Aplicada da Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro.

""Não se gosta do que não se conhece"

Os dados obtidos vão agora ser aplicados em projectos com alunos das escolas da região e com a população local, adiantou Rita Rocha, que explicou à Wilder que este primeiro bioblitz "enquadra-se numa estratégia mais vasta de promover localmente a biodiversidade e a educação para o território". "Não se gosta do que não se conhece e não se conhece algo com que não se contacta", salientou.

Desde Agosto, começaram também a realizar-se expedições com participantes mais jovens na Serra da Freita, sempre com o objectivo de dar a conhecer a natureza local. "A surpresa pelo que foram descobrindo reforçou uma ideia que não é, de todo, exclusiva daquele território: conhecemos, de facto, muito pouco das maravilhas que temos à porta. E o fascínio, quando nos ensinam realmente a 'Ver', é o gatilho para a vivência ativa do território", notou a mesma responsável.

Esta atividade enquadrou-se no projecto "Expedição Científica do Território Arouca Geopark", promovida pelo município de Arouca, em colaboração com a AGA - Associação Geoparque Arouca. Foi dinamizada pela Mundo Científico e pelo Laboratório de Ecologia Aplicada da Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro e contou ainda com o apoio de investigadores da Universidade do Porto e da Universidade de Aveiro.

O projecto é cofinanciado pelo Ministério do Ambiente e da Transição Energética, Fundo Ambiental e ENEA2020.

Saiba mais.

Conheça as espécies observadas neste bioblitz e noutras expedições científicas realizadas na EBIO do Merujal, registadas na plataforma BioDiversity4All.

https://www.facebook.com/WilderDays/

Musgos: descoberto papel essencial na gestão de solos queimados

Tipo Meio: Internet Data Publicação: 23/10/2019

Meio: Revista O Instalador Online

URL: http://www.pt.cision.com/s/?l=da0d5416

Investigação da Universidade de Aveiro

Os musgos têm um papel fundamental na conservação do solo afetado por um incêndio florestal e, por isso, o seu crescimento deve ser estimulado.

A descoberta da Universidade de Aveiro (UA) prova que os musgos não só previnem a erosão dos solos como retêm a humidade e conservam a fertilidade da terra.

A investigação do Departamento de Ambiente e Ordenamento (DAO) e do grupo de Planeamento e Gestão do Zonas Costeiras (CZPM) do Centro de Estudos do Ambiente e do Mar (CESAM) da UA quantificou, pela primeira vez em Portugal, o papel ecológico dos musgos na conservação do solo após incêndios florestais.

Realizado no âmbito do projeto RECARE, o estudo demonstrou que os musgos previnem a erosão em áreas ardidas, ajudando a consolidar a estrutura dos solos, a reter a sua humidade e a conservar a sua fertilidade.

Na investigação, os cientistas da UA monitorizaram, durante um ano, uma encosta de uma plantação florestal ardida, na qual ocorreu uma colonização espontânea de musgos nas primeiras semanas após o incêndio florestal.

Foi quantificada a escorrência superficial induzida pela chuva, assim como a perda de sedimentos e de matéria orgânica, em parcelas de solo com diferentes frações de musgo na sua cobertura. Estes parâmetros foram correlacionados com a evolução do coberto vegetal ao longo do primeiro ano após incêndio e mostraram que o desenvolvimento de uma cobertura anual média com 67 por cento de musgos permitiu reduzir a erosão anual em 65 por cento (de 1150 para 400 quilogramas de solo por hectare).

Enquanto recurso não renovável, aponta o investigador Flávio Silva, o solo é um compartimento ecológico estratégico que está nas prioridades da agenda de políticas europeias, sendo a sua conservação fortemente encorajada .

O investigador, autor do trabalho a par com os investigadores do CESAM Diana Vieira e Jacob Keizer, e de Els van der Spek, da Universidade de Wageningen (Holanda), garante que os musgos podem ser encarados como 'engenheiros' de ecossistema naturais que constituem o primeiro passo para a preservação da fertilidade dos solos, proporcionando todas as condições para o desenvolvimento da biodiversidade subsequente .

Trabalho destacado pela Comissão Europeia

Os musgos são espécies pioneiras em solos recentemente ardidos, embora a sua proliferação dependa de condições ambientais específicas , refere Flávio Silva. No entanto, o estudo sugere que estimular o desenvolvimento de musgos em áreas ardidas pode ser um importante instrumento de gestão de solos após incêndios florestais.

Os musgos são espécies vegetais cosmopolitas e desenvolvem-se muito bem em solos pobres, e por isso a sua proliferação é fácil e rápida, requerendo apenas alguma humidade e luz solar baixa ou moderada , explica o investigador que acrescenta: como são tolerantes a contextos de seca extrema, embora pareçam mortos quando sujeitos ao calor, basta alguma humidade para que se reabilitem, e os esporos também continuam viáveis .

À venda no mercado, podem ser encontrados esporos de várias espécies de musgos. A abordagem indicada para utilização de musgos para prevenção da erosão pós-incêndio passa por incluir esses esporos ou fragmentos triturados de musgo seco, a baixo custo adicional, nos lotes de misturas de sementes já habitualmente utilizados em medidas de estabilização de emergência pós-incêndio. Normalmente esta técnica de sementeira, lembra Flávio Silva, é aplicada por hidrossementeira [mistura de água com as sementes e outros componentes que promovem a estabilização do solo] ou por helicóptero como se tem feito nos Estados Unidos .

No entanto, para diminuir os custos operacionais, e tal como deve acontecer com todas as medidas de estabilização de emergência pós-incêndio, os investigadores aconselham que se devem identificar previamente as áreas mais críticas sujeitas a erosão e fazer a aplicação da sementeira apenas nessas áreas. Como os musgos se desenvolvem rapidamente, eles retêm o solo e a humidade necessários para o desenvolvimento posterior de plantas vasculares.

O estudo, publicado na revista Ecological Engineering, foi destacado pela Comissão Europeia na importante newsletter Science for Environment Policy.

Os investigadores Flávio Silva, Diana Vieira e Jacob Keizer

[Additional Text]:
foto
foto

O Instalador

Musgos: Descoberto Papel Essencial na Gestão de Solos Queimados

Tipo Meio: Internet Data Publicação: 22/10/2019

Meio: + Algarve Online

URL: http://www.pt.cision.com/s/?l=465e8a88

Os musgos têm um papel fundamental na conservação do solo afetado por um incêndio florestal e, por isso, o seu crescimento deve ser estimulado. A descoberta da Universidade de Aveiro (UA) prova que os musgos não só previnem a erosão dos solos como retêm a humidade e conservam a fertilidade da terra.

A investigação do Departamento de Ambiente e Ordenamento (DAO) e do grupo de Planeamento e Gestão do Zonas Costeiras (CZPM) do Centro de Estudos do Ambiente e do Mar (CESAM) da UA quantificou, pela primeira vez em Portugal, o papel ecológico dos musgos na conservação do solo após incêndios florestais.

Realizado no âmbito do projeto RECARE, o estudo demonstrou que os musgos previnem a erosão em áreas ardidas, ajudando a consolidar a estrutura dos solos, a reter a sua humidade e a conservar a sua fertilidade.

Na investigação, os cientistas da UA monitorizaram, durante um ano, uma encosta de uma plantação florestal ardida, na qual ocorreu uma colonização espontânea de musgos nas primeiras semanas após o incêndio florestal.

Foi quantificada a escorrência superficial induzida pela chuva, assim como a perda de sedimentos e de matéria orgânica, em parcelas de solo com diferentes frações de musgo na sua cobertura. Estes parâmetros foram correlacionados com a evolução do coberto vegetal ao longo do primeiro ano após incêndio e mostraram que o desenvolvimento de uma cobertura anual média com 67 por cento de musgos permitiu reduzir a erosão anual em 65 por cento (de 1150 para 400 quilogramas de solo por hectare).

Enquanto recurso não renovável, aponta o investigador Flávio Silva, "o solo é um compartimento ecológico estratégico que está nas prioridades da agenda de políticas europeias, sendo a sua conservação fortemente encorajada".

O investigador, autor do trabalho a par com os investigadores do CESAM Diana Vieira e Jacob Keizer, e de Els van der Spek, da Universidade de Wageningen (Holanda), garante que "os musgos podem ser encarados como 'engenheiros' de ecossistema naturais que constituem o primeiro passo para a preservação da fertilidade dos solos, proporcionando todas as condições para o desenvolvimento da biodiversidade subsequente".

Trabalho destacado pela Comissão Europeia

"Os musgos são espécies pioneiras em solos recentemente ardidos, embora a sua proliferação dependa de condições ambientais específicas", refere Flávio Silva. No entanto, o estudo sugere que estimular o desenvolvimento de musgos em áreas ardidas pode ser um importante instrumento de gestão de solos após incêndios florestais.

"Os musgos são espécies vegetais cosmopolitas e desenvolvem-se muito bem em solos pobres, e por

isso a sua proliferação é fácil e rápida, requerendo apenas alguma humidade e luz solar baixa ou moderada", explica o investigador que acrescenta: "Como são tolerantes a contextos de seca extrema, embora pareçam mortos quando sujeitos ao calor, basta alguma humidade para que se reabilitem, e os esporos também continuam viáveis".

À venda no mercado, podem ser encontrados esporos de várias espécies de musgos. A abordagem indicada para utilização de musgos para prevenção da erosão pós-incêndio passa por incluir esses esporos ou fragmentos triturados de musgo seco, a baixo custo adicional, nos lotes de misturas de sementes já habitualmente utilizados em medidas de estabilização de emergência pós-incêndio. Normalmente esta técnica de sementeira, lembra Flávio Silva, "é aplicada por hidrossementeira [mistura de água com as sementes e outros componentes que promovem a estabilização do solo] ou por helicóptero como se tem feito nos Estados Unidos".

No entanto, para diminuir os custos operacionais, e tal como deve acontecer com todas as medidas de estabilização de emergência pós-incêndio, os investigadores aconselham que se devem identificar previamente as áreas mais críticas sujeitas a erosão e fazer a aplicação da sementeira apenas nessas áreas. Como os musgos se desenvolvem rapidamente, eles retêm o solo e a humidade necessários para o desenvolvimento posterior de plantas vasculares.

O estudo, publicado na revista Ecological Engineering, foi destacado pela Comissão Europeia na importante newsletter Science for Environment Policy.

Fonte: UA

Descoberto papel essencial dos musgos na gestão de solos queimados

Tipo Meio: Internet Data Publicação: 22/10/2019

Meio: Ambiente Magazine Online

URL: http://www.pt.cision.com/s/?l=8eafb4f9

Os musgos têm um papel fundamental na conservação do solo afetado por um incêndio florestal e, por isso, o seu crescimento deve ser estimulado. A descoberta da Universidade de Aveiro (UA) prova que os musgos não só previnem a erosão dos solos como retêm a humidade e conservam a fertilidade da terra.

A investigação do Departamento de Ambiente e Ordenamento (DAO) e do grupo de Planeamento e Gestão do Zonas Costeiras (CZPM) do Centro de Estudos do Ambiente e do Mar (CESAM) da UA quantificou, pela primeira vez em Portugal, o papel ecológico dos musgos na conservação do solo após incêndios florestais.

Realizado no âmbito do projeto RECARE, o estudo demonstrou que os musgos previnem a erosão em áreas ardidas, ajudando a consolidar a estrutura dos solos, a reter a sua humidade e a conservar a sua fertilidade. Na investigação, os cientistas da UA monitorizaram, durante um ano, uma encosta de uma plantação florestal ardida, na qual ocorreu uma colonização espontânea de musgos nas primeiras semanas após o incêndio florestal.

Foi quantificada a escorrência superficial induzida pela chuva, assim como a perda de sedimentos e de matéria orgânica, em parcelas de solo com diferentes frações de musgo na sua cobertura. Estes parâmetros foram correlacionados com a evolução do coberto vegetal ao longo do primeiro ano após incêndio e mostraram que o desenvolvimento de uma cobertura anual média com 67% de musgos permitiu reduzir a erosão anual em 65% (de 1150 para 400 quilogramas de solo por hectare).

Enquanto recurso não renovável, aponta o investigador Flávio Silva, "o solo é um compartimento ecológico estratégico que está nas prioridades da agenda de políticas europeias, sendo a sua conservação fortemente encorajada".

O investigador, autor do trabalho a par com os investigadores do CESAM Diana Vieira e Jacob Keizer, e de Els van der Spek, da Universidade de Wageningen, Holanda, garante que "os musgos podem ser encarados como 'engenheiros' de ecossistema naturais que constituem o primeiro passo para a preservação da fertilidade dos solos, proporcionando todas as condições para o desenvolvimento da biodiversidade subsequente".

Trabalho destacado pela Comissão Europeia

"Os musgos são espécies pioneiras em solos recentemente ardidos, embora a sua proliferação dependa de condições ambientais específicas", refere Flávio Silva. No entanto, o estudo sugere que estimular o desenvolvimento de musgos em áreas ardidas pode ser um importante instrumento de gestão de solos após incêndios florestais.

"Os musgos são espécies vegetais cosmopolitas e desenvolvem-se muito bem em solos pobres, e por isso a sua proliferação é fácil e rápida, requerendo apenas alguma humidade e luz solar baixa ou moderada", explica o investigador que acrescenta: "Como são tolerantes a contextos de seca extrema, embora pareçam mortos quando sujeitos ao calor, basta alguma humidade para que se reabilitem, e

os esporos também continuam viáveis."

À venda no mercado, podem ser encontrados esporos de várias espécies de musgos. A abordagem indicada para utilização de musgos para prevenção da erosão pós-incêndio passa por incluir esses esporos ou fragmentos triturados de musgo seco, a baixo custo adicional, nos lotes de misturas de sementes já habitualmente utilizados em medidas de estabilização de emergência pós-incêndio.

Normalmente esta técnica de sementeira, lembra Flávio Silva, "é aplicada por hidrossementeira [mistura de água com as sementes e outros componentes que promovem a estabilização do solo] ou por helicóptero como se tem feito nos Estados Unidos".

No entanto, para diminuir os custos operacionais, e tal como deve acontecer com todas as medidas de estabilização de emergência pós-incêndio, os investigadores aconselham que se devem identificar previamente as áreas mais críticas sujeitas a erosão e fazer a aplicação da sementeira apenas nessas áreas. Como os musgos se desenvolvem rapidamente, eles retêm o solo e a humidade necessários para o desenvolvimento posterior de plantas vasculares.

O estudo, publicado na revista Ecological Engineering, foi destacado pela Comissão Europeia na importante newsletter Science for Environment Policy.

Imagem cedida pela UA: Os investigadores Flávio Silva, Diana Vieira e Jacob Keizer

Musgos: Para recuperar o solo atingido pelos incêndios!

Tipo Meio:	Internet	Data Publicação:	22/10/2019
Meio:	Descobrir Portugal Online	Autores:	Rui Manuel Dias José

URL: https://descobrirportugal.pt/solo-atingido-pelos-incendios/

Os musgos têm papel fundamental na conservação do solo atingido por um incêndio florestal: Previnem aerosão dos solos e conservam a fertilidade da terra

Home À boleia... Musgos: Para recuperar o solo atingido pelos incêndios!

À boleia...Patrimónios

Musgos: Para recuperar o solo atingido pelos incêndios!

Estudo da Universidade de Aveiro demonstrou que os musgos previnem a erosão em áreas ardidas, ajudando a consolidar a estrutura dos solos, a reter a humidade e a conservar a sua fertilidade.

By RDJ - 22/10/2019 17 0

Facebook

Twitter

Google+

Pinterest

WhatsApp

Os Musgos têm papel fundamental na conservação do solo atingido por um incêndio florestal. Não só previnem a erosão dos solos como retêm a humidade e conservam a fertilidade da terra.

O seu crescimento deve, por isso, ser estimulado.

Investigação do Departamento de Ambiente e Ordenamento e do grupo de Planeamento e Gestão do Zonas Costeiras do Centro de Estudos do Ambiente e do Mar da Universidade de Aveiro quantificou, pela primeira vez em Portugal, o papel ecológico dos musgos na conservação do solo após incêndios florestais.

No âmbito do projeto RECARE, o estudo demonstrou que os musgos previnem a erosão em áreas ardidas, ajudando a consolidar a estrutura dos solos, a reter a humidade e a conservar a sua fertilidade.

Durante um ano, Os cientistas da monitorizaram uma encosta de uma plantação florestal ardida, na qual ocorreu uma colonização espontânea de musgos nas primeiras semanas após o incêndio florestal.

Foi quantificada a escorrência superficial induzida pela chuva, assim como a perda de sedimentos e de

matéria orgânica, em parcelas de solo com diferentes frações de musgo na sua cobertura. Estes parâmetros foram correlacionados com a evolução do coberto vegetal ao longo do primeiro ano após incêndio. Mostraram que o desenvolvimento de uma cobertura anual média com 67 por cento de musgos permitiu reduzir a erosão anual em 65 por cento (de 1150 para 400 quilogramas de solo por hectare).

Solo, recurso não renovável

Recurso não renovável, "o solo é um compartimento ecológico estratégico que está nas prioridades da agenda de políticas europeias, sendo a sua conservação fortemente encorajada". Diz o investigador Flávio Silva, autor do trabalho - a par com os investigadores do CESAM Diana Vieira e Jacob Keizer, e de Els van der Spek, da Universidade de Wageningen (Holanda).

Flávio Silva garante que "os musgos podem ser encarados como 'engenheiros' de ecossistema naturais que constituem o primeiro passo para a preservação da fertilidade dos solos, proporcionando todas as condições para o desenvolvimento da biodiversidade subsequente".

"Os musgos são espécies pioneiras em solos recentemente ardidos, embora a sua proliferação dependa de condições ambientais específicas", refere Flávio Silva. No entanto, o estudo sugere que estimular o desenvolvimento de musgos em áreas ardidas pode ser um importante instrumento de gestão de solos após incêndios florestais.

"Os musgos são espécies vegetais cosmopolitas e desenvolvem-se muito bem em solos pobres, e por isso a sua proliferação é fácil e rápida, requerendo apenas alguma humidade e luz solar baixa ou moderada", explica o investigador que acrescenta: "Como são tolerantes a contextos de seca extrema, embora pareçam mortos quando sujeitos ao calor, basta alguma humidade para que se reabilitem, e os esporos também continuam viáveis".

Trabalho destacado pela Comissão Europeia

À venda no mercado, podem ser encontrados esporos de várias espécies de musgos. A abordagem indicada para utilização de musgos para prevenção da erosão pós-incêndio passa por incluir esses esporos ou fragmentos triturados de musgo seco, a baixo custo adicional, nos lotes de misturas de sementes já habitualmente utilizados em medidas de estabilização de emergência pós-incêndio.

Normalmente esta técnica de sementeira, lembra Flávio Silva, "é aplicada por hidrossementeira [mistura de água com as sementes e outros componentes que promovem a estabilização do solo] ou por helicóptero como se tem feito nos Estados Unidos".

Os investigadores Flávio Silva, Diana Vieira e Jacob Keizer

No entanto, para diminuir os custos operacionais, e tal como deve acontecer com todas as medidas de estabilização de emergência pós-incêndio, os investigadores aconselham que se devem identificar previamente as áreas mais críticas sujeitas a erosão e fazer a aplicação da sementeira apenas nessas áreas. Como os musgos se desenvolvem rapidamente, eles retêm o solo e a humidade necessários para o desenvolvimento posterior de plantas vasculares.

. O estudo, publicado na revista Ecological Engineering, foi destacado pela Comissão Europeia na importante newsletter Science for Environment Policy.

TAGSambienteAveiroincêndiorUniversidade

Facebook

Twitter

Google+

Pinterest

WhatsApp

Previous articleParta à descoberta da mais antiga nação da Europa RDJ

[Additional Text]:
musgo
musgo
Os investigadores

RDJ

CISION

Diário de Aveiro

ID: 83093918

22-10-2019

Meio: Imprensa
País: Portugal
Period.: Diária
Âmbito: Regional

Pág: 5
Cores: Cor
Área: 17,08 x 29,54 cm²
Corte: 1 de 2

Musgos podem prevenir a erosão em áreas ardidas

Estudo Uma investigação da UA prova que os musgos não só previnem a erosão dos solos como retêm a humidade e conservam a fertilidade da terra

D.R.



Os investigadores Flávio Silva, Diana Vieira e Jacob Keizer

Um estudo da Universidade de Aveiro (UA), ontem divulgado, demonstra que os musgos previnem a erosão em áreas ardidas, ajudando a consolidar a estrutura dos solos, a reter a sua humidade e a conservar a sua fertilidade.

"Os musgos têm um papel fundamental na conservação do solo afectado por um incêndio florestal e, por isso, o seu crescimento deve ser estimulado", salientam os investigadores, concluindo que os musgos "não só previnem a erosão dos solos como retêm a humidade e conservam a fertilidade da terra".

A investigação do Departamento de Ambiente e Ordenamento (DAO) e do grupo de Planeamento e Gestão do Zonas Costeiras (CZPM) do Centro de Estudos do Ambiente e do Mar (CESAM) da UA quantificou o papel ecológico dos musgos na conservação do solo após incêndios florestais.

Na investigação, os cientistas da UA monitorizaram, durante um ano, uma encosta de uma plantação florestal ardida, na qual ocorreu uma colonização espontânea de musgos nas primeiras semanas após o incêndio florestal.

Foi quantificada a escorrência superficial induzida pela chuva, assim como a perda de sedimentos e de matéria orgânica, em parcelas de solo com diferentes fracções de musgo na sua cobertura.

Esses parâmetros foram relacionados com a evolução do coberto vegetal ao longo do primeiro ano após incêndio e mostraram que o desenvolvimento de uma cobertura anual média com 67 por cento de musgos permitiu reduzir a erosão anual de 1.150 para 400 quilogramas de solo por hectare (65 por cento).

O investigador Flávio Silva refere que, enquanto recurso não renovável, "o solo é um compartimento ecológico estratégico que está nas prioridades da agenda de políticas europeias, sendo a sua conservação fortemente encorajada".

O investigador, autor do trabalho a par com os investigadores do CESAM Diana Vieira e Jacob Keizer, e de Els van der Spek, da Universidade de Wageningen (Holanda), garante que "os musgos podem ser encarados como 'engenheiros' de ecossistema naturais que constituem o primeiro passo para a preservação da fertilidade dos solos, proporcionando todas as condições para o desenvolvimento da biodiversidade subsequente".

"Os musgos são espécies pioneiras em solos recentemente ardidos, embora a sua proliferação dependa de condições ambientais específicas". No entanto, o estudo sugere que estimular o desenvolvimento de musgos em áreas ardidas pode ser um importante instrumento de gestão de solos após incêndios florestais", observa Flávio Silva.

"Os musgos são espécies vegetais cosmopolitas e desenvolvem-se muito bem em solos pobres e, por isso, a sua proliferação é fácil e rápida, requerendo apenas alguma humidade e luz solar baixa ou moderada", explica o investigador que acrescenta: "Como são tolerantes a contextos de seca extrema, embora pareçam mortos quando sujeitos ao calor, basta alguma humidade para que se reabilitem, e os esporos também continuam viáveis".

A utilização de musgos para prevenção da erosão pós-incêndio passa por incluir esporos ou fragmentos triturados de musgo seco, a baixo custo adicional, nos lotes de misturas de sementes já habitualmente utilizados em medidas de estabilização de emergência pós-incêndio.

Normalmente essa técnica de sementeira, explica, é aplicada por hidrossementeira, ou seja, uma mistura de água com as sementes e outros componentes que promovem a estabilização do solo.

CISION

Diário de Aveiro

ID: 83093918

22-10-2019

Meio: Imprensa
País: Portugal
Period.: Diária
Âmbito: Regional

Pág: 1
Cores: Cor
Área: 6,63 x 6,67 cm²
Corte: 2 de 2



Inscrições 2019/2020 Abertas
O Único centro oficial de exames da Universidade de Cambridge em Aveiro
International House Language School
Em Aveiro, em frente aos Arcos
facebook.com/ihaveiro
www.ihaveiro.com
+351 234 426 923
ihaveiro@ihaveiro.com

Diário de Aveiro

22 DE OUTUBRO DE 2019 TERÇA-FEIRA, Edição n.º 11.492 DIÁRIO | 0,80 EUROS

Fundador Adriano Lucas (1925-2011) | Director Adriano Callé Lucas | Jornal defensor da valorização de Aveiro e da Região das Beiras

NOVO pingo doce AVEIRO

EMPRESA RIA BLADES COM NOVOS DONOS

A fábrica de pás eólicas Ria Blades, maior empregador do concelho de Vagos, vai passar a ser propriedade do grupo Siemens Gamesa, que tem sede em Espanha **Página 32**

(Fly rent-a-car
www.flyrent.pt
234 301 580

Reflexão sobre PDM de Aveiro numa sessão informal e gratuita
P2

Governo tem três secretários de Estado da região
P7 e 22

Especialistas debatem os vários aspectos da maioridade
P13

Assaltante confessa crimes em Águeda no julgamento
P21

EDUARDO PINA

Região quer gerir a Ria



Governo será interpelado pelos municípios no arranque da legislatura **Página 11**

Estudo revela que o musgo ajuda a reabilitar o solo ardido

Universidade de Aveiro | P5



Yannick Semedo foi um dos heróis do jogo na Taça de Portugal

Beira-Mar | P28

COMPANHIA UNIÃO DE CRÉDITO POPULAR
FUNDADA EM 1875
Ouro 800
EMPRESTAMOS
29€/por grama
Sem comissões
Av. Dr. Lourenço Peixinho, n.º 176
1.º Sala 5. Telf. 234 424 051
AGORA NA AMADORA

HAPPY HALLOWEEN
T-SHIRT HALLOWEEN
HOMEM
SENHORA
CRIANÇA
VÁRIOS TAMANHOS
VÁRIOS DESENHOS
antes 2€ agora 1€
33% DESCONTO
160 CM x 220 CM
MANTA POLAR
PADRÃO | LISA
160x220 CM
antes 5,99 agora 3,99
PROMOÇÃO DA SEMANA
Preços válidos de 21/10/2019 a 03/11/2019
tuttipromo

CISION

Diário dos Açores
Desde 1870

ID: 83094115

22-10-2019

Meio: Imprensa
País: Portugal
Period.: Diária
Âmbito: Regional

Pág: 14
Cores: Cor
Área: 20,58 x 17,33 cm²
Corte: 1 de 1



Descoberto papel essencial de musgos na gestão de solos queimados

Os musgos têm um papel fundamental na conservação do solo afectado por um incêndio florestal e, por isso, o seu crescimento deve ser estimulado. A descoberta da Universidade de Aveiro (UA) prova que os musgos não só previnem a erosão dos solos como retêm a humidade e conservam a fertilidade da terra.

A investigação do Departamento de Ambiente e Ordenamento (DAO) e do grupo de Planeamento e Gestão do Zonas Costeiras (CZPM) do Centro de Estudos do Ambiente e do Mar (CESAM) da UA quantificou, pela primeira vez em Portugal, o papel ecológico dos musgos na conservação do solo após incêndios florestais.

Realizado no âmbito do projecto RECARE, o estudo demonstrou que os musgos previnem a erosão em áreas ardidas, ajudando a consolidar a estrutura dos solos, a reter a sua humidade e a conservar a sua fertilidade.

Na investigação, os cientistas da UA monitorizaram, durante um ano, uma encosta de uma plantação florestal ardida, na qual ocorreu uma colonização espontânea de musgos nas primeiras semanas após o incêndio florestal.

Foi quantificada a escorrência superficial induzida pela chuva, assim como a perda de sedimentos e de matéria orgânica, em parcelas de solo com diferentes fracções de musgo na sua cobertura. Estes parâmetros foram correlacionados com a evolução do coberto vegetal ao longo do primeiro ano após incêndio e mostraram que o desenvolvimento de uma cobertura anual média com 67 por cento de musgos permitiu reduzir a erosão anual em 65 por cento (de 1150 para 400 quilogramas de solo por hectare).

Enquanto recurso não renovável, aponta o investigador Flávio Silva, "o solo é um compartimento ecológico estratégico que está nas prioridades da agenda de políticas europeias, sendo a sua conservação fortemente encorajada".

O investigador, autor do trabalho a par com os investigadores do CESAM Diana



Vieira e Jacob Keizer, e de Els van der Spek, da Universidade de Wageningen (Holanda), garante que "os musgos podem ser encarados como 'engenheiros' de ecossistema naturais que constituem o primeiro passo para a preservação da fertilidade dos solos, proporcionando todas as condições para o desenvolvimento da biodiversidade subsequente".

Trabalho destacado pela Comissão Europeia

"Os musgos são espécies pioneiras em solos recentemente ardidos, embora a sua proliferação dependa de condições ambientais específicas", refere Flávio Silva. No entanto, o estudo sugere que estimular o desenvolvimento de musgos em áreas ardidas pode ser um importante instrumento de gestão de solos após incêndios florestais.

"Os musgos são espécies vegetais cosmopolitas e desenvolvem-se muito bem em solos pobres, e por isso a sua proliferação é fácil e rápida, requerendo apenas alguma humidade e luz solar baixa ou moderada", explica o investigador que acrescenta: "Como são tolerantes a contextos de seca extrema, embora pareçam mortos quando sujeitos ao calor, basta alguma humidade para que se reabilitem, e os esporos também continuam viáveis".

À venda no mercado, podem ser encontrados esporos de várias espécies de musgos. A abordagem indicada para utilização de musgos para prevenção da erosão pós-incêndio passa por incluir esses esporos ou fragmentos triturados de musgo seco, a baixo custo adicional, nos lotes de misturas de sementes já habitualmente utilizados em medidas de estabilização de emergência pós-incêndio. Normalmente esta técnica de sementeira, lembra Flávio Silva, "é aplicada por hidrossementeira [mistura de água com as sementes e outros componentes que promovem a estabilização do solo] ou por helicóptero como se tem feito nos Estados Unidos".

No entanto, para diminuir os custos operacionais, e tal como deve acontecer com todas as medidas de estabilização de emergência pós-incêndio, os investigadores aconselham que se devem identificar previamente as áreas mais críticas sujeitas a erosão e fazer a aplicação da sementeira apenas nessas áreas. Como os musgos se desenvolvem rapidamente, eles retêm o solo e a humidade necessários para o desenvolvimento posterior de plantas vasculares.

O estudo, publicado na revista Ecological Engineering, foi destacado pela Comissão Europeia na importante newsletter Science for Environment Policy.

Musgos: descoberto papel essencial na gestão de solos queimados

Tipo Meio:	Internet	Data Publicação:	21/10/2019
Meio:	Acontece Madeira Online	Autores:	Sofia Gomes

URL: http://www.pt.cision.com/s/?l=b2a55937

Musgos: descoberto papel essencial na gestão de solos queimados

Investigação da Universidade de Aveiro

Musgos: descoberto papel essencial na gestão de solos queimados

Os musgos têm um papel fundamental na conservação do solo afetado por um incêndio florestal e, por isso, o seu crescimento deve ser estimulado. A descoberta da Universidade de Aveiro (UA) prova que os musgos não só previnem a erosão dos solos como retêm a humidade e conservam a fertilidade da terra.

A investigação do Departamento de Ambiente e Ordenamento (DAO) e do grupo de Planeamento e Gestão do Zonas Costeiras (CZPM) do Centro de Estudos do Ambiente e do Mar (CESAM) da UA quantificou, pela primeira vez em Portugal, o papel ecológico dos musgos na conservação do solo após incêndios florestais.

Realizado no âmbito do projeto RECARE, o estudo demonstrou que os musgos previnem a erosão em áreas ardidas, ajudando a consolidar a estrutura dos solos, a reter a sua humidade e a conservar a sua fertilidade.

Na investigação, os cientistas da UA monitorizaram, durante um ano, uma encosta de uma plantação florestal ardida, na qual ocorreu uma colonização espontânea de musgos nas primeiras semanas após o incêndio florestal.

Foi quantificada a escorrência superficial induzida pela chuva, assim como a perda de sedimentos e de matéria orgânica, em parcelas de solo com diferentes frações de musgo na sua cobertura. Estes parâmetros foram correlacionados com a evolução do coberto vegetal ao longo do primeiro ano após incêndio e mostraram que o desenvolvimento de uma cobertura anual média com 67 por cento de musgos permitiu reduzir a erosão anual em 65 por cento (de 1150 para 400 quilogramas de solo por hectare).

Enquanto recurso não renovável, aponta o investigador Flávio Silva, "o solo é um compartimento ecológico estratégico que está nas prioridades da agenda de políticas europeias, sendo a sua conservação fortemente encorajada".

O investigador, autor do trabalho a par com os investigadores do CESAM Diana Vieira e Jacob Keizer, e de Els van der Spek, da Universidade de Wageningen (Holanda), garante que "os musgos podem ser encarados como 'engenheiros' de ecossistema naturais que constituem o primeiro passo para a preservação da fertilidade dos solos, proporcionando todas as condições para o desenvolvimento da biodiversidade subsequente".

Trabalho destacado pela Comissão Europeia

"Os musgos são espécies pioneiras em solos recentemente ardidos, embora a sua proliferação dependa de condições ambientais específicas", refere Flávio Silva. No entanto, o estudo sugere que estimular o desenvolvimento de musgos em áreas ardidas pode ser um importante instrumento de

gestão de solos após incêndios florestais.

"Os musgos são espécies vegetais cosmopolitas e desenvolvem-se muito bem em solos pobres, e por isso a sua proliferação é fácil e rápida, requerendo apenas alguma humidade e luz solar baixa ou moderada", explica o investigador que acrescenta: "Como são tolerantes a contextos de seca extrema, embora pareçam mortos quando sujeitos ao calor, basta alguma humidade para que se reabilitem, e os esporos também continuam viáveis".

À venda no mercado, podem ser encontrados esporos de várias espécies de musgos. A abordagem indicada para utilização de musgos para prevenção da erosão pós-incêndio passa por incluir esses esporos ou fragmentos triturados de musgo seco, a baixo custo adicional, nos lotes de misturas de sementes já habitualmente utilizados em medidas de estabilização de emergência pós-incêndio. Normalmente esta técnica de sementeira, lembra Flávio Silva, "é aplicada por hidrossementeira [mistura de água com as sementes e outros componentes que promovem a estabilização do solo] ou por helicóptero como se tem feito nos Estados Unidos".

No entanto, para diminuir os custos operacionais, e tal como deve acontecer com todas as medidas de estabilização de emergência pós-incêndio, os investigadores aconselham que se devem identificar previamente as áreas mais críticas sujeitas a erosão e fazer a aplicação da sementeira apenas nessas áreas. Como os musgos se desenvolvem rapidamente, eles retêm o solo e a humidade necessários para o desenvolvimento posterior de plantas vasculares.

O estudo, publicado na revista Ecological Engineering, foi destacado pela Comissão Europeia na importante newsletter Science for Environment Policy.

[Additional Text]:
Share on Facebook
Facebook
Share on Twitter
twitter
Share on Google+
google_plus
Pin it with Pinterest
pinterest
Share on Linkedin
linkedin
Share by email
mail
Os investigadores Flávio Silva, Diana Vieira e Jacob Keizer

acontecemadeira Sofia Gomes

Investigação da Universidade de Aveiro. Musgos têm papel essencial na gestão de solos queimados

Tipo Meio: Internet Data Publicação: 21/10/2019

Meio: Agricultura e Mar Actual Online

URL: http://www.pt.cision.com/s/?l=b8d4a6d4

Investigação da Universidade de Aveiro. Musgos têm papel essencial na gestão de solos queimados

Agricultura e Mar Actual 29 mins atrás Agricultura, Featured, Florestal, Inovação Deixe um comentário 1 Visualizações

Os musgos têm um papel fundamental na conservação do solo afectado por um incêndio florestal e, por isso, o seu crescimento deve ser estimulado. A descoberta da Universidade de Aveiro (UA) prova que os musgos não só previnem a erosão dos solos como retêm a humidade e conservam a fertilidade da terra.

O estudo, publicado na revista Ecological Engineering, foi destacado pela Comissão Europeia na importante newsletter Science for Environment Policy.

A investigação do Departamento de Ambiente e Ordenamento (DAO) e do grupo de Planeamento e Gestão do Zonas Costeiras (CZPM) do Centro de Estudos do Ambiente e do Mar (CESAM) da UA quantificou, pela primeira vez em Portugal, o papel ecológico dos musgos na conservação do solo após incêndios florestais.

Como os musgos se desenvolvem rapidamente, eles retêm o solo e a humidade necessários para o desenvolvimento posterior de plantas vasculares.
Projecto RECARE
Realizado no âmbito do projecto RECARE, o estudo demonstrou que os musgos previnem a erosão em áreas ardidas, ajudando a consolidar a estrutura dos solos, a reter a sua humidade e a conservar a sua fertilidade.

Na investigação, os cientistas da UA monitorizaram, durante um ano, uma encosta de uma plantação florestal ardida, na qual ocorreu uma colonização espontânea de musgos nas primeiras semanas após o incêndio florestal.

Foi quantificada a escorrência superficial induzida pela chuva, assim como a perda de sedimentos e de matéria orgânica, em parcelas de solo com diferentes fracções de musgo na sua cobertura.
Menor erosão
Estes parâmetros foram correlacionados com a evolução do coberto vegetal ao longo do primeiro ano após incêndio e mostraram que o desenvolvimento de uma cobertura anual média com 67% de musgos permitiu reduzir a erosão anual em 65% (de 1.150 para 400 quilogramas de solo por hectare).

Enquanto recurso não renovável, aponta o investigador Flávio Silva, "o solo é um compartimento ecológico estratégico que está nas prioridades da agenda de políticas europeias, sendo a sua conservação fortemente encorajada".

O investigador, autor do trabalho a par com os investigadores do CESAM Diana Vieira e Jacob Keizer, e de Els van der Spek, da Universidade de Wageningen (Holanda), garante que "os musgos podem ser encarados como 'engenheiros' de ecossistema naturais que constituem o primeiro passo para a preservação da fertilidade dos solos, proporcionando todas as condições para o desenvolvimento da biodiversidade subsequente".

Trabalho destacado pela Comissão Europeia

"Os musgos são espécies pioneiras em solos recentemente ardidos, embora a sua proliferação dependa de condições ambientais específicas", refere Flávio Silva. No entanto, o estudo sugere que estimular o desenvolvimento de musgos em áreas ardidas pode ser um importante instrumento de gestão de solos após incêndios florestais.

"Os musgos são espécies vegetais cosmopolitas e desenvolvem-se muito bem em solos pobres, e por isso a sua proliferação é fácil e rápida, requerendo apenas alguma humidade e luz solar baixa ou moderada", explica o investigador que acrescenta que "como são tolerantes a contextos de seca extrema, embora pareçam mortos quando sujeitos ao calor, basta alguma humidade para que se reabilitem, e os esporos também continuam viáveis".

Musgo fácil de comprar

À venda no mercado, podem ser encontrados esporos de várias espécies de musgos. A abordagem indicada para utilização de musgos para prevenção da erosão pós-incêndio passa por incluir esses esporos ou fragmentos triturados de musgo seco, a baixo custo adicional, nos lotes de misturas de sementes já habitualmente utilizados em medidas de estabilização de emergência pós-incêndio.

Os investigadores Flávio Silva, Diana Vieira e Jacob Keizer

Normalmente esta técnica de sementeira, lembra Flávio Silva, "é aplicada por hidro-sementeira [mistura de água com as sementes e outros componentes que promovem a estabilização do solo] ou por helicóptero como se tem feito nos Estados Unidos".

No entanto, para diminuir os custos operacionais, e tal como deve acontecer com todas as medidas de estabilização de emergência pós-incêndio, os investigadores aconselham que se devem identificar previamente as áreas mais críticas sujeitas a erosão e fazer a aplicação da sementeira apenas nessas áreas. Como os musgos se desenvolvem rapidamente, eles retêm o solo e a humidade necessários para o desenvolvimento posterior de plantas vasculares.

Agricultura e Mar Actual

Partilhar Facebook Twitter LinkedIn Pinterest

CISION

Diário de Aveiro

ID: 83075114

21-10-2019

Meio: Imprensa
País: Portugal
Period.: Diária
Âmbito: Regional

Pág: 5
Cores: Preto e Branco
Área: 26,20 x 18,99 cm²
Corte: 1 de 1

Comissão Técnica 190 da ISO para a Qualidade do Solo reuniu em Aveiro

Encontro A reunião plenária anual da Comissão Técnica aconteceu, este ano, pela primeira vez em Portugal

A Universidade de Aveiro (UA) foi o palco, entre terça e sexta-feira passada, para a recepção da Reunião Plenária da Comissão Técnica (TC) 190 da ISO (International Organization for Standardization), entidade que desenvolve trabalho normativo no âmbito da qualidade do solo.

A reunião plenária anual tem decorrido em diferentes países mundiais, sendo, contudo, realizada este ano pela primeira vez em Portugal. A organização do evento foi liderada por Catarina R. Marques, perita nacional e coordenadora dos peritos nacionais IPQ (Instituto Português da Qualidade) na ISO/TC 190 e investigadora no Centro de Estudos do Ambiente e do Mar (CESAM) & Departamento de Biologia da UA, em colaboração com os peritos nacionais IPQ, Anabela Cachada, investigadora do Centro Interdisciplinar de Investigação Marinha e Ambiental (CIIMAR) e Faculdade de Ciências da Universidade do Porto (UP), Ruth Pereira, professora do Departamento de Biologia da Faculdade de Ciências da UP e Coordenadora do Centro de Investigação GreenUPorto e Tiago Natal da Luz, investigador do Centro de Ecologia Funcional da Universidade de Coimbra, para além de haver a participação do IPQ.

D.R.



Participantes já passaram por diversos países e este ano vieram em Aveiro para uma reunião plenária inédita

A sessão de abertura da reunião contou com a intervenção do vice-Reitor da UA, Artur Silva, do vice-coordenador do CESAM, Amadeu Soares, e de Ana Ramalho, da Direcção do IPQ, em representação do presidente do IPQ.

A ISO /TC 190 está estruturada em diferentes subcomissões e grupos de trabalho, os quais são constituídos por peritos nacionais e internacionais que representam as suas entidades de padronização nacionais (por exemplo IPQ, AFNOR, DIN), instituições académicas [como a UA, Universidade de Coimbra (UC), Universidade do Porto (UP)], bem como outras entidades/instituições governamentais (por exemplo INRA, Governo do Canadá) e não governamentais.

As normas desenvolvidas a este nível vêm suprir necessidades de harmonização de procedimentos para avaliar a qualidade de solos "in situ" e potenciais impactos de resíduos ou materiais sólidos, tanto os produzidos por diferentes sectores industriais como os derivados de fenómenos naturais.

As áreas de actuação específicas residem na caracterização físico-química e biológica do solo, assim como na avaliação de impacto, alterações climáticas e gestão de dados associado a este compartimento e a materiais sólidos, refere a organização em comunicado.

Normas são mais-valia

Segundo referem na nota enviada ao nosso jornal, "as normas da ISO/TC 190 têm assumido uma grande mais-valia no contexto internacional, tanto do ponto de vista económico-social como ambiental, especialmente porque são dedicadas a um compartimento ambiental (o terrestre) e resíduos/materiais sólidos, os quais ainda carecem de acções regulamentares com vista à monitorização, protecção e conservação ambiental".

Integrado no programa do evento, decorreu um jantar social, onde os delegados nacionais e internacionais tiveram a oportunidade de assistir à actuação da Tuna da Universidade de Aveiro, assim como a um momento de fado, com um elenco composto por dois reconhecidos guitarristas. Jorge Serra e Armindo Fernandes (que acompanha grandes nomes do fado português, como Amália Rodrigues, Carlos do Carmo, Camané, entre muitos outros).

A concretização de todo o evento foi possível, frisam, "graças ao apoio de diversas entidades públicas e privadas, que actuaram como mecenas através de donativos monetários, ou sob a forma de serviços, recursos ou produtos".

Musgos: descoberto papel essencial na gestão de solos queimados

Tipo Meio: Internet Data Publicação: 21/10/2019

Meio: Gazeta Rural Online

URL: http://www.pt.cision.com/s/?l=1f32c30

Os musgos têm um papel fundamental na conservação do solo afectado por um incêndio florestal e, por isso, o seu crescimento deve ser estimulado. A descoberta da Universidade de Aveiro (UA) prova que os musgos não só previnem a erosão dos solos como retêm a humidade e conservam a fertilidade da terra.

A investigação do Departamento de Ambiente e Ordenamento (DAO) e do grupo de Planeamento e Gestão do Zonas Costeiras (CZPM) do Centro de Estudos do Ambiente e do Mar (CESAM) da UA quantificou, pela primeira vez em Portugal, o papel ecológico dos musgos na conservação do solo após incêndios florestais.

Realizado no âmbito do projecto RECARE, o estudo demonstrou que os musgos previnem a erosão em áreas ardidas, ajudando a consolidar a estrutura dos solos, a reter a sua humidade e a conservar a sua fertilidade.

Na investigação, os cientistas da UA monitorizaram, durante um ano, uma encosta de uma plantação florestal ardida, na qual ocorreu uma colonização espontânea de musgos nas primeiras semanas após o incêndio florestal.

Foi quantificada a escorrência superficial induzida pela chuva, assim como a perda de sedimentos e de matéria orgânica, em parcelas de solo com diferentes fracções de musgo na sua cobertura. Estes parâmetros foram correlacionados com a evolução do coberto vegetal ao longo do primeiro ano após incêndio e mostraram que o desenvolvimento de uma cobertura anual média com 67 por cento de musgos permitiu reduzir a erosão anual em 65 por cento (de 1150 para 400 quilogramas de solo por hectare).

Enquanto recurso não renovável, aponta o investigador Flávio Silva, "o solo é um compartimento ecológico estratégico que está nas prioridades da agenda de políticas europeias, sendo a sua conservação fortemente encorajada".

O investigador, autor do trabalho a par com os investigadores do CESAM Diana Vieira e Jacob Keizer, e de Els van der Spek, da Universidade de Wageningen (Holanda), garante que "os musgos podem ser encarados como 'engenheiros' de ecossistema naturais que constituem o primeiro passo para a preservação da fertilidade dos solos, proporcionando todas as condições para o desenvolvimento da biodiversidade subsequente".

Trabalho destacado pela Comissão Europeia

"Os musgos são espécies pioneiras em solos recentemente ardidos, embora a sua proliferação dependa de condições ambientais

específicas", refere Flávio Silva. No entanto, o estudo sugere que estimular o desenvolvimento de musgos em áreas ardidas pode ser um importante instrumento de gestão de solos após incêndios florestais.

"Os musgos são espécies vegetais cosmopolitas e desenvolvem-se muito bem em solos pobres, e por isso a sua proliferação é fácil e rápida, requerendo apenas alguma humidade e luz solar baixa ou moderada", explica o investigador que acrescenta: "Como são tolerantes a contextos de seca extrema, embora pareçam mortos quando sujeitos ao calor, basta alguma humidade para que se reabilitem, e os esporos também continuam viáveis".

À venda no mercado, podem ser encontrados esporos de várias espécies de musgos. A abordagem indicada para utilização de musgos para prevenção da erosão pós-incêndio passa por incluir esses esporos ou fragmentos triturados de musgo seco, a baixo custo adicional, nos lotes de misturas de sementes já habitualmente utilizados em medidas de estabilização de emergência pós-incêndio. Normalmente esta técnica de sementeira, lembra Flávio Silva, "é aplicada por hidrossementeira [mistura de água com as sementes e outros componentes que promovem a estabilização do solo] ou por helicóptero como se tem feito nos Estados Unidos".

No entanto, para diminuir os custos operacionais, e tal como deve acontecer com todas as medidas de estabilização de emergência pós-incêndio, os investigadores aconselham que se devem identificar previamente as áreas mais críticas sujeitas a erosão e fazer a aplicação da sementeira apenas nessas áreas. Como os musgos se desenvolvem rapidamente, eles retêm o solo e a humidade necessários para o desenvolvimento posterior de plantas vasculares.

O estudo, publicado na revista Ecological Engineering, foi destacado pela Comissão Europeia na importante newsletter Science for Environment Policy.

Partilhar isto:FacebookTwitterWhatsApp

ThemeGrill

Estudo conclui que musgos previnem a erosão em áreas ardidas

Tipo Meio: Internet Data Publicação: 21/10/2019

Meio: Impala Online

URL: http://www.pt.cision.com/s/?l=f20b48cd

21 Out 2019 | 12:58

Um estudo da Universidade de Aveiro hoje divulgado demonstra que os musgos previnem a erosão em áreas ardidas, ajudando a consolidar a estrutura dos solos, a reter a sua humidade e a conservar a sua fertilidade.

"Os musgos têm um papel fundamental na conservação do solo afetado por um incêndio florestal e, por isso, o seu crescimento deve ser estimulado", salientam os investigadores, concluindo que os musgos "não só previnem a erosão dos solos como retêm a humidade e conservam a fertilidade da terra".

A investigação do Departamento de Ambiente e Ordenamento (DAO) e do grupo de Planeamento e Gestão do Zonas Costeiras (CZPM) do Centro de Estudos do Ambiente e do Mar (CESAM) da UA quantificou o papel ecológico dos musgos na conservação do solo após incêndios florestais.

Na investigação, os cientistas da UA monitorizaram, durante um ano, uma encosta de uma plantação florestal ardida, na qual ocorreu uma colonização espontânea de musgos nas primeiras semanas após o incêndio florestal.

Foi quantificada a escorrência superficial induzida pela chuva, assim como a perda de sedimentos e de matéria orgânica, em parcelas de solo com diferentes frações de musgo na sua cobertura.

Esses parâmetros foram relacionados com a evolução do coberto vegetal ao longo do primeiro ano após incêndio e mostraram que o desenvolvimento de uma cobertura anual média com 67% de musgos permitiu reduzir a erosão anual de 1.150 para 400 quilogramas de solo por hectare (65%).

O investigador Flávio Silva refere que, enquanto recurso não renovável, "o solo é um compartimento ecológico estratégico que está nas prioridades da agenda de políticas europeias, sendo a sua conservação fortemente encorajada".

O investigador, autor do trabalho a par com os investigadores do CESAM Diana Vieira e Jacob Keizer, e de Els van der Spek, da Universidade de Wageningen (Holanda), garante que "os musgos podem ser encarados como 'engenheiros' de ecossistema naturais que constituem o primeiro passo para a preservação da fertilidade dos solos, proporcionando todas as condições para o desenvolvimento da biodiversidade subsequente".

"Os musgos são espécies pioneiras em solos recentemente ardidos, embora a sua proliferação dependa de condições ambientais específicas". No entanto, o estudo sugere que estimular o desenvolvimento de musgos em áreas ardidas pode ser um importante instrumento de gestão de solos após incêndios florestais", observa Flávio Silva.

"Os musgos são espécies vegetais cosmopolitas e desenvolvem-se muito bem em solos pobres, e por isso a sua proliferação é fácil e rápida, requerendo apenas alguma humidade e luz solar baixa ou

moderada", explica o investigador que acrescenta: "Como são tolerantes a contextos de seca extrema, embora pareçam mortos quando sujeitos ao calor, basta alguma humidade para que se reabilitem, e os esporos também continuam viáveis".

A utilização de musgos para prevenção da erosão pós-incêndio passa por incluir esporos ou fragmentos triturados de musgo seco, a baixo custo adicional, nos lotes de misturas de sementes já habitualmente utilizados em medidas de estabilização de emergência pós-incêndio.

Normalmente essa técnica de sementeira, explica, é aplicada por hidrossementeira, ou seja, uma mistura de água com as sementes e outros componentes que promovem a estabilização do solo.

MSO // JAP

By Impala News / Lusa

[Additional Text]:
Estudo conclui que musgos previnem a erosão em áreas ardidas
Impala Instagram

Estudo conclui que musgos previnem a erosão em áreas ardidas

Tipo Meio: Internet Data Publicação: 21/10/2019

Meio: Informa+ Online

URL: http://www.pt.cision.com/s/?l=8af19b6b

Um estudo da Universidade de Aveiro hoje divulgado demonstra que os musgos previnem a erosão em áreas ardidas, ajudando a consolidar a estrutura dos solos, a reter a sua humidade e a conservar a sua fertilidade

Aveiro, 21 out 2019 (Lusa) - Um estudo da Universidade de Aveiro (UA) hoje divulgado demonstra que os musgos previnem a erosão em áreas ardidas, ajudando a consolidar a estrutura dos solos, a reter a sua humidade e a conservar a sua fertilidade.

"Os musgos têm um papel fundamental na conservação do solo afetado por um incêndio florestal e, por isso, o seu crescimento deve ser estimulado", salientam os investigadores, concluindo que os musgos "não só previnem a erosão dos solos como retêm a humidade e conservam a fertilidade da terra".

A investigação do Departamento de Ambiente e Ordenamento (DAO) e do grupo de Planeamento e Gestão do Zonas Costeiras (CZPM) do Centro de Estudos do Ambiente e do Mar (CESAM) da UA quantificou o papel ecológico dos musgos na conservação do solo após incêndios florestais.

Na investigação, os cientistas da UA monitorizaram, durante um ano, uma encosta de uma plantação florestal ardida, na qual ocorreu uma colonização espontânea de musgos nas primeiras semanas após o incêndio florestal.

Foi quantificada a escorrência superficial induzida pela chuva, assim como a perda de sedimentos e de matéria orgânica, em parcelas de solo com diferentes frações de musgo na sua cobertura.

Esses parâmetros foram relacionados com a evolução do coberto vegetal ao longo do primeiro ano após incêndio e mostraram que o desenvolvimento de uma cobertura anual média com 67% de musgos permitiu reduzir a erosão anual de 1.150 para 400 quilogramas de solo por hectare (65%).

O investigador Flávio Silva refere que, enquanto recurso não renovável, "o solo é um compartimento ecológico estratégico que está nas prioridades da agenda de políticas europeias, sendo a sua conservação fortemente encorajada".

O investigador, autor do trabalho a par com os investigadores do CESAM Diana Vieira e Jacob Keizer, e de Els van der Spek, da Universidade de Wageningen (Holanda), garante que "os musgos podem ser encarados como 'engenheiros' de ecossistema naturais que constituem o primeiro passo para a preservação da fertilidade dos solos, proporcionando todas as condições para o desenvolvimento da biodiversidade subsequente".

"Os musgos são espécies pioneiras em solos recentemente ardidos, embora a sua proliferação dependa de condições ambientais específicas". No entanto, o estudo sugere que estimular o desenvolvimento de musgos em áreas ardidas pode ser um importante instrumento de gestão de solos após incêndios florestais", observa Flávio Silva.

"Os musgos são espécies vegetais cosmopolitas e desenvolvem-se muito bem em solos pobres, e por isso a sua proliferação é fácil e rápida, requerendo apenas alguma humidade e luz solar baixa ou moderada", explica o investigador que acrescenta: "Como são tolerantes a contextos de seca extrema, embora pareçam mortos quando sujeitos ao calor, basta alguma humidade para que se reabilitem, e os esporos também continuam viáveis".

A utilização de musgos para prevenção da erosão pós-incêndio passa por incluir esporos ou fragmentos triturados de musgo seco, a baixo custo adicional, nos lotes de misturas de sementes já habitualmente utilizados em medidas de estabilização de emergência pós-incêndio.

Normalmente essa técnica de sementeira, explica, é aplicada por hidrossementeira, ou seja, uma mistura de água com as sementes e outros componentes que promovem a estabilização do solo.

Estudo académico conclui que musgos previnem a erosão em áreas ardidas

Tipo Meio: Internet Data Publicação: 21/10/2019

Meio: Notícias ao Minuto Online

URL: http://www.pt.cision.com/s/?l=5993505f

Um estudo da Universidade de Aveiro (UA) hoje divulgado demonstra que os musgos previnem a erosão em áreas ardidas, ajudando a consolidar a estrutura dos solos, a reter a sua humidade e a conservar a sua fertilidade.

"Os musgos têm um papel fundamental na conservação do solo afetado por um incêndio florestal e, por isso, o seu crescimento deve ser estimulado", salientam os investigadores, concluindo que os musgos "não só previnem a erosão dos solos como retêm a humidade e conservam a fertilidade da terra".

A investigação do Departamento de Ambiente e Ordenamento (DAO) e do grupo de Planeamento e Gestão do Zonas Costeiras (CZPM) do Centro de Estudos do Ambiente e do Mar (CESAM) da UA quantificou o papel ecológico dos musgos na conservação do solo após incêndios florestais.

Na investigação, os cientistas da UA monitorizaram, durante um ano, uma encosta de uma plantação florestal ardida, na qual ocorreu uma colonização espontânea de musgos nas primeiras semanas após o incêndio florestal.

Foi quantificada a escorrência superficial induzida pela chuva, assim como a perda de sedimentos e de matéria orgânica, em parcelas de solo com diferentes frações de musgo na sua cobertura.

Esses parâmetros foram relacionados com a evolução do coberto vegetal ao longo do primeiro ano após incêndio e mostraram que o desenvolvimento de uma cobertura anual média com 67% de musgos permitiu reduzir a erosão anual de 1.150 para 400 quilogramas de solo por hectare (65%).

O investigador Flávio Silva refere que, enquanto recurso não renovável, "o solo é um compartimento ecológico estratégico que está nas prioridades da agenda de políticas europeias, sendo a sua conservação fortemente encorajada".

O investigador, autor do trabalho a par com os investigadores do CESAM Diana Vieira e Jacob Keizer, e de Els van der Spek, da Universidade de Wageningen (Holanda), garante que "os musgos podem ser encarados como 'engenheiros' de ecossistema naturais que constituem o primeiro passo para a preservação da fertilidade dos solos, proporcionando todas as condições para o desenvolvimento da biodiversidade subsequente".

"Os musgos são espécies pioneiras em solos recentemente ardidos, embora a sua proliferação dependa de condições ambientais específicas". No entanto, o estudo sugere que estimular o desenvolvimento de musgos em áreas ardidas pode ser um importante instrumento de gestão de solos após incêndios florestais", observa Flávio Silva.

"Os musgos são espécies vegetais cosmopolitas e desenvolvem-se muito bem em solos pobres, e por isso a sua proliferação é fácil e rápida, requerendo apenas alguma humidade e luz solar baixa ou moderada", explica o investigador que acrescenta: "Como são tolerantes a contextos de seca extrema, embora pareçam mortos quando sujeitos ao calor, basta alguma humidade para que se reabilitem, e

os esporos também continuam viáveis".

A utilização de musgos para prevenção da erosão pós-incêndio passa por incluir esporos ou fragmentos triturados de musgo seco, a baixo custo adicional, nos lotes de misturas de sementes já habitualmente utilizados em medidas de estabilização de emergência pós-incêndio.

Normalmente essa técnica de sementeira, explica, é aplicada por hidrossementeira, ou seja, uma mistura de água com as sementes e outros componentes que promovem a estabilização do solo.

Lusa

Musgos previnem a erosão em áreas ardidas

Tipo Meio: Internet Data Publicação: 21/10/2019

Meio: Notícias de Coimbra Online

URL: https://www.noticiasdecoimbra.pt/musgos-previnem-a-erosao-em-areas-ardidas/

Universidade

Musgos previnem a erosão em áreas ardidas

por Notícias de Coimbra

Outubro 21, 2019

Um estudo da Universidade de Aveiro (UA) hoje divulgado demonstra que os musgos previnem a erosão em áreas ardidas, ajudando a consolidar a estrutura dos solos, a reter a sua humidade e a conservar a sua fertilidade.

"Os musgos têm um papel fundamental na conservação do solo afetado por um incêndio florestal e, por isso, o seu crescimento deve ser estimulado", salientam os investigadores, concluindo que os musgos "não só previnem a erosão dos solos como retêm a humidade e conservam a fertilidade da terra".

A investigação do Departamento de Ambiente e Ordenamento (DAO) e do grupo de Planeamento e Gestão do Zonas Costeiras (CZPM) do Centro de Estudos do Ambiente e do Mar (CESAM) da UA quantificou o papel ecológico dos musgos na conservação do solo após incêndios florestais.

Na investigação, os cientistas da UA monitorizaram, durante um ano, uma encosta de uma plantação florestal ardida, na qual ocorreu uma colonização espontânea de musgos nas primeiras semanas após o incêndio florestal.

Foi quantificada a escorrência superficial induzida pela chuva, assim como a perda de sedimentos e de matéria orgânica, em parcelas de solo com diferentes frações de musgo na sua cobertura.

Esses parâmetros foram relacionados com a evolução do coberto vegetal ao longo do primeiro ano após incêndio e mostraram que o desenvolvimento de uma cobertura anual média com 67% de musgos permitiu reduzir a erosão anual de 1.150 para 400 quilogramas de solo por hectare (65%).

O investigador Flávio Silva refere que, enquanto recurso não renovável, "o solo é um compartimento ecológico estratégico que está nas prioridades da agenda de políticas europeias, sendo a sua conservação fortemente encorajada".

O investigador, autor do trabalho a par com os investigadores do CESAM Diana Vieira e Jacob Keizer, e de Els van der Spek, da Universidade de Wageningen (Holanda), garante que "os musgos podem ser encarados como 'engenheiros' de ecossistema naturais que constituem o primeiro passo para a preservação da fertilidade dos solos, proporcionando todas as condições para o desenvolvimento da biodiversidade subsequente".

"Os musgos são espécies pioneiras em solos recentemente ardidos, embora a sua proliferação

dependa de condições ambientais específicas". No entanto, o estudo sugere que estimular o desenvolvimento de musgos em áreas ardidas pode ser um importante instrumento de gestão de solos após incêndios florestais", observa Flávio Silva.

"Os musgos são espécies vegetais cosmopolitas e desenvolvem-se muito bem em solos pobres, e por isso a sua proliferação é fácil e rápida, requerendo apenas alguma humidade e luz solar baixa ou moderada", explica o investigador que acrescenta: "Como são tolerantes a contextos de seca extrema, embora pareçam mortos quando sujeitos ao calor, basta alguma humidade para que se reabilitem, e os esporos também continuam viáveis".

A utilização de musgos para prevenção da erosão pós-incêndio passa por incluir esporos ou fragmentos triturados de musgo seco, a baixo custo adicional, nos lotes de misturas de sementes já habitualmente utilizados em medidas de estabilização de emergência pós-incêndio.

Normalmente essa técnica de sementeira, explica, é aplicada por hidrossementeira, ou seja, uma mistura de água com as sementes e outros componentes que promovem a estabilização do solo.

email

PARTILHE ESTA NOTÍCIA COM OS SEUS AMIGOS

Notícias de Coimbra

Estudo conclui que musgos previnem a erosão em áreas ardidas

Tipo Meio: Internet Data Publicação: 21/10/2019

Meio: Observador Online

URL: http://www.pt.cision.com/s/?l=6ec031d6

O estudo demonstra que "os musgos têm um papel fundamental na conservação do solo afetado por um incêndio florestal". Os cientistas da UA monitorizaram, durante um ano, uma encosta ardida.

Um estudo da Universidade de Aveiro (UA) divulgado esta segunda-feira demonstra que os musgos previnem a erosão em áreas ardidas, ajudando a consolidar a estrutura dos solos, a reter a sua humidade e a conservar a sua fertilidade.

Os musgos têm um papel fundamental na conservação do solo afetado por um incêndio florestal e, por isso, o seu crescimento deve ser estimulado", salientam os investigadores, concluindo que os musgos "não só previnem a erosão dos solos como retêm a humidade e conservam a fertilidade da terra".

A investigação do Departamento de Ambiente e Ordenamento (DAO) e do grupo de Planeamento e Gestão do Zonas Costeiras (CZPM) do Centro de Estudos do Ambiente e do Mar (CESAM) da UA quantificou o papel ecológico dos musgos na conservação do solo após incêndios florestais.

Na investigação, os cientistas da UA monitorizaram, durante um ano, uma encosta de uma plantação florestal ardida, na qual ocorreu uma colonização espontânea de musgos nas primeiras semanas após o incêndio florestal. Foi quantificada a escorrência superficial induzida pela chuva, assim como a perda de sedimentos e de matéria orgânica, em parcelas de solo com diferentes frações de musgo na sua cobertura.

Esses parâmetros foram relacionados com a evolução do coberto vegetal ao longo do primeiro ano após incêndio e mostraram que o desenvolvimento de uma cobertura anual média com 67% de musgos permitiu reduzir a erosão anual de 1.150 para 400 quilogramas de solo por hectare (65%).

O investigador Flávio Silva refere que, enquanto recurso não renovável, "o solo é um compartimento ecológico estratégico que está nas prioridades da agenda de políticas europeias, sendo a sua conservação fortemente encorajada".

O investigador, autor do trabalho a par com os investigadores do CESAM Diana Vieira e Jacob Keizer, e de Els van der Spek, da Universidade de Wageningen (Holanda), garante que "os musgos podem ser encarados como 'engenheiros' de ecossistema naturais que constituem o primeiro passo para a preservação da fertilidade dos solos, proporcionando todas as condições para o desenvolvimento da biodiversidade subsequente".

Os musgos são espécies pioneiras em solos recentemente ardidos, embora a sua proliferação dependa de condições ambientais específicas". No entanto, o estudo sugere que "estimular o desenvolvimento de musgos em áreas ardidas pode ser um importante instrumento de gestão de solos após incêndios florestais", observa Flávio Silva.

"Os musgos são espécies vegetais cosmopolitas e desenvolvem-se muito bem em solos pobres, e por isso a sua proliferação é fácil e rápida, requerendo apenas alguma humidade e luz solar baixa ou moderada", explica o investigador que acrescenta: "Como são tolerantes a contextos de seca extrema,

embora pareçam mortos quando sujeitos ao calor, basta alguma humidade para que se reabilitem, e os esporos também continuam viáveis".

A utilização de musgos para prevenção da erosão pós-incêndio passa por incluir esporos ou fragmentos triturados de musgo seco, a baixo custo adicional, nos lotes de misturas de sementes já habitualmente utilizados em medidas de estabilização de emergência pós-incêndio. Normalmente essa técnica de sementeira, explica, é aplicada por hidrossementeira, ou seja, uma mistura de água com as sementes e outros componentes que promovem a estabilização do solo.

Agência Lusa

Estudo conclui que musgos previnem a erosão em áreas ardidas

Tipo Meio: Internet Data Publicação: 21/10/2019

Meio: PT Jornal Online

URL: http://www.pt.cision.com/s/?l=d6440f5c

Um estudo da Universidade de Aveiro (UA) hoje divulgado demonstra que os musgos previnem a erosão em áreas ardidas, ajudando a consolidar a estrutura dos solos, a reter a sua humidade e a conservar a sua fertilidade.

"Os musgos têm um papel fundamental na conservação do solo afetado por um incêndio florestal e, por isso, o seu crescimento deve ser estimulado", salientam os investigadores, concluindo que os musgos "não só previnem a erosão dos solos como retêm a humidade e conservam a fertilidade da terra".

A investigação do Departamento de Ambiente e Ordenamento (DAO) e do grupo de Planeamento e Gestão do Zonas Costeiras (CZPM) do Centro de Estudos do Ambiente e do Mar (CESAM) da UA quantificou o papel ecológico dos musgos na conservação do solo após incêndios florestais.

Na investigação, os cientistas da UA monitorizaram, durante um ano, uma encosta de uma plantação florestal ardida, na qual ocorreu uma colonização espontânea de musgos nas primeiras semanas após o incêndio florestal.

Foi quantificada a escorrência superficial induzida pela chuva, assim como a perda de sedimentos e de matéria orgânica, em parcelas de solo com diferentes frações de musgo na sua cobertura.

Esses parâmetros foram relacionados com a evolução do coberto vegetal ao longo do primeiro ano após incêndio e mostraram que o desenvolvimento de uma cobertura anual média com 67 por cento de musgos permitiu reduzir a erosão anual de 1.150 para 400 quilogramas de solo por hectare (65 por cento).

O investigador Flávio Silva refere que, enquanto recurso não renovável, "o solo é um compartimento ecológico estratégico que está nas prioridades da agenda de políticas europeias, sendo a sua conservação fortemente encorajada".

O investigador, autor do trabalho a par com os investigadores do CESAM Diana Vieira e Jacob Keizer, e de Els van der Spek, da Universidade de Wageningen (Holanda), garante que "os musgos podem ser encarados como 'engenheiros' de ecossistema naturais que constituem o primeiro passo para a preservação da fertilidade dos solos, proporcionando todas as condições para o desenvolvimento da biodiversidade subsequente".

"Os musgos são espécies pioneiras em solos recentemente ardidos, embora a sua proliferação dependa de condições ambientais específicas". No entanto, o estudo sugere que estimular o desenvolvimento de musgos em áreas ardidas pode ser um importante instrumento de gestão de solos após incêndios florestais", observa Flávio Silva.

"Os musgos são espécies vegetais cosmopolitas e desenvolvem-se muito bem em solos pobres, e por isso a sua proliferação é fácil e rápida, requerendo apenas alguma humidade e luz solar baixa ou moderada", explica o investigador que acrescenta: "Como são tolerantes a contextos de seca extrema,

embora pareçam mortos quando sujeitos ao calor, basta alguma humidade para que se reabilitem, e os esporos também continuam viáveis".

A utilização de musgos para prevenção da erosão pós-incêndio passa por incluir esporos ou fragmentos triturados de musgo seco, a baixo custo adicional, nos lotes de misturas de sementes já habitualmente utilizados em medidas de estabilização de emergência pós-incêndio.

Normalmente essa técnica de sementeira, explica, é aplicada por hidrossementeira, ou seja, uma mistura de água com as sementes e outros componentes que promovem a estabilização do solo.

Facebook

Twitter

0Shares

Lusa

Musgos podem ajudar a evitar incêndios.

Tipo Meio: Internet Data Publicação: 21/10/2019

Meio: Rádio Terra Nova Online

URL: http://www.terranova.pt/noticia/sociedade/musgos-podem-ajudar-evitar-incendios

Os musgos têm um papel fundamental na conservação do solo afetado por um incêndio florestal e, por isso, o seu crescimento deve ser estimulado.

A descoberta da Universidade de Aveiro (UA) prova que os musgos não só previnem a erosão dos solos como retêm a humidade e conservam a fertilidade da terra.

A investigação do Departamento de Ambiente e Ordenamento (DAO) e do grupo de Planeamento e Gestão do Zonas Costeiras (CZPM) do Centro de Estudos do Ambiente e do Mar (CESAM) da UA quantificou, pela primeira vez em Portugal, o papel ecológico dos musgos na conservação do solo após incêndios florestais.

Realizado no âmbito do projeto RECARE, o estudo demonstrou que os musgos previnem a erosão em áreas ardidas, ajudando a consolidar a estrutura dos solos, a reter a sua humidade e a conservar a sua fertilidade.

Na investigação, os cientistas da UA monitorizaram, durante um ano, uma encosta de uma plantação florestal ardida, na qual ocorreu uma colonização espontânea de musgos nas primeiras semanas após o incêndio florestal.

Foi quantificada a escorrência superficial induzida pela chuva, assim como a perda de sedimentos e de matéria orgânica, em parcelas de solo com diferentes frações de musgo na sua cobertura.

Estes parâmetros foram correlacionados com a evolução do coberto vegetal ao longo do primeiro ano após incêndio e mostraram que o desenvolvimento de uma cobertura anual média com 67 por cento de musgos permitiu reduzir a erosão anual em 65 por cento (de 1150 para 400 quilogramas de solo por hectare).

Enquanto recurso não renovável, aponta o investigador Flávio Silva, "o solo é um compartimento ecológico estratégico que está nas prioridades da agenda de políticas europeias, sendo a sua conservação fortemente encorajada".

O investigador, autor do trabalho a par com os investigadores do CESAM Diana Vieira e Jacob Keizer, e de Els van der Spek, da Universidade de Wageningen (Holanda), garante que "os musgos podem ser encarados como 'engenheiros' de ecossistema naturais que constituem o primeiro passo para a preservação da fertilidade dos solos, proporcionando todas as condições para o desenvolvimento da biodiversidade subsequente".

Trabalho destacado pela Comissão Europeia

"Os musgos são espécies pioneiras em solos recentemente ardidos, embora a sua proliferação dependa de condições ambientais específicas", refere Flávio Silva. No entanto, o estudo sugere que estimular o desenvolvimento de musgos em áreas ardidas pode ser um importante instrumento de gestão de solos após incêndios florestais.

"Os musgos são espécies vegetais cosmopolitas e desenvolvem-se muito bem em solos pobres, e por isso a sua proliferação é fácil e rápida, requerendo apenas alguma humidade e luz solar baixa ou moderada", explica o investigador que acrescenta: "Como são tolerantes a contextos de seca extrema, embora pareçam mortos quando sujeitos ao calor, basta alguma humidade para que se reabilitem, e os esporos também continuam viáveis".

À venda no mercado, podem ser encontrados esporos de várias espécies de musgos. A abordagem indicada para utilização de musgos para prevenção da erosão pós-incêndio passa por incluir esses esporos ou fragmentos triturados de musgo seco, a baixo custo adicional, nos lotes de misturas de sementes já habitualmente utilizados em medidas de estabilização de emergência pós-incêndio.

Normalmente esta técnica de sementeira, lembra Flávio Silva, "é aplicada por hidrossementeira [mistura de água com as sementes e outros componentes que promovem a estabilização do solo] ou por helicóptero como se tem feito nos Estados Unidos".

No entanto, para diminuir os custos operacionais, e tal como deve acontecer com todas as medidas de estabilização de emergência pós-incêndio, os investigadores aconselham que se devem identificar previamente as áreas mais críticas sujeitas a erosão e fazer a aplicação da sementeira apenas nessas áreas. Como os musgos se desenvolvem rapidamente, eles retêm o solo e a humidade necessários para o desenvolvimento posterior de plantas vasculares.

O estudo, publicado na revista Ecological Engineering, foi destacado pela Comissão Europeia na importante newsletter Science for Environment Policy.

Texto e foto:

Estudo conclui que musgos previnem a erosão em áreas ardidas

Tipo Meio: Internet Data Publicação: 21/10/2019

Meio: Sapo Online - Sapo 24 Online

URL: http://www.pt.cision.com/s/?l=30fc4ef

Um estudo da Universidade de Aveiro (UA) hoje divulgado demonstra que os musgos previnem a erosão em áreas ardidas, ajudando a consolidar a estrutura dos solos, a reter a sua humidade e a conservar a sua fertilidade.

Um estudo da Universidade de Aveiro (UA) hoje divulgado demonstra que os musgos previnem a erosão em áreas ardidas, ajudando a consolidar a estrutura dos solos, a reter a sua humidade e a conservar a sua fertilidade. nacional Lusa nacional/estudo-conclui-que-musgos-previnem-a-erosao_5dad9e0e5d1f7261878147d3 "Os musgos têm um papel fundamental na conservação do solo afetado por um incêndio florestal e, por isso, o seu crescimento deve ser estimulado", salientam os investigadores, concluindo que os musgos "não só previnem a erosão dos solos como retêm a humidade e conservam a fertilidade da terra". A investigação do Departamento de Ambiente e Ordenamento (DAO) e do grupo de Planeamento e Gestão do Zonas Costeiras (CZPM) do Centro de Estudos do Ambiente e do Mar (CESAM) da UA quantificou o papel ecológico dos musgos na conservação do solo após incêndios florestais. Na investigação, os cientistas da UA monitorizaram, durante um ano, uma encosta de uma plantação florestal ardida, na qual ocorreu uma colonização espontânea de musgos nas primeiras semanas após o incêndio florestal. Foi quantificada a escorrência superficial induzida pela chuva, assim como a perda de sedimentos e de matéria orgânica, em parcelas de solo com diferentes frações de musgo na sua cobertura. Esses parâmetros foram relacionados com a evolução do coberto vegetal ao longo do primeiro ano após incêndio e mostraram que o desenvolvimento de uma cobertura anual média com 67% de musgos permitiu reduzir a erosão anual de 1.150 para 400 quilogramas de solo por hectare (65%). O investigador Flávio Silva refere que, enquanto recurso não renovável, "o solo é um compartimento ecológico estratégico que está nas prioridades da agenda de políticas europeias, sendo a sua conservação fortemente encorajada". O investigador, autor do trabalho a par com os investigadores do CESAM Diana Vieira e Jacob Keizer, e de Els van der Spek, da Universidade de Wageningen (Holanda), garante que "os musgos podem ser encarados como 'engenheiros' de ecossistema naturais que constituem o primeiro passo para a preservação da fertilidade dos solos, proporcionando todas as condições para o desenvolvimento da biodiversidade subsequente". "Os musgos são espécies pioneiras em solos recentemente ardidos, embora a sua proliferação dependa de condições ambientais específicas". No entanto, o estudo sugere que estimular o desenvolvimento de musgos em áreas ardidas pode ser um importante instrumento de gestão de solos após incêndios florestais", observa Flávio Silva. "Os musgos são espécies vegetais cosmopolitas e desenvolvem-se muito bem em solos pobres, e por isso a sua proliferação é fácil e rápida, requerendo apenas alguma humidade e luz solar baixa ou moderada", explica o investigador que acrescenta: "Como são tolerantes a contextos de seca extrema, embora pareçam mortos quando sujeitos ao calor, basta alguma humidade para que se reabilitem, e os esporos também continuam viáveis". A utilização de musgos para prevenção da erosão pós-incêndio passa por incluir esporos ou fragmentos triturados de musgo seco, a baixo custo adicional, nos lotes de misturas de sementes já habitualmente utilizados em medidas de estabilização de emergência pós-incêndio. Normalmente essa técnica de sementeira, explica, é aplicada por hidrossementeira, ou seja, uma mistura de água com as sementes e outros componentes que promovem a estabilização do solo. MSO // JAP Lusa/Fim

21 de Outubro de 2019, às 12:58

Descoberto papel essencial do musgo depois dos incêndios florestais

Tipo Meio: Internet Data Publicação: 21/10/2019

Meio: Sapo Online - Sapo Lifestyle Online

URL: http://www.pt.cision.com/s/?l=8b8d74

Os musgos têm um papel fundamental na conservação do solo afetado por um incêndio florestal e, por isso, o seu crescimento deve ser estimulado. A descoberta da Universidade de Aveiro (UA) prova que os musgos não só previnem a erosão dos solos como retêm a humidade e conservam a fertilidade da terra.

A investigação do Departamento de Ambiente e Ordenamento (DAO) e do grupo de Planeamento e Gestão do Zonas Costeiras (CZPM) do Centro de Estudos do Ambiente e do Mar (CESAM) da UA quantificou, pela primeira vez em Portugal, o papel ecológico dos musgos na conservação do solo após incêndios florestais.

Realizado no âmbito do projeto RECARE, o estudo demonstrou que os musgos previnem a erosão em áreas ardidas, ajudando a consolidar a estrutura dos solos, a reter a sua humidade e a conservar a sua fertilidade.

Na investigação, os cientistas da UA monitorizaram, durante um ano, uma encosta de uma plantação florestal ardida, na qual ocorreu uma colonização espontânea de musgos nas primeiras semanas após o incêndio florestal.

Foi quantificada a escorrência superficial induzida pela chuva, assim como a perda de sedimentos e de matéria orgânica, em parcelas de solo com diferentes frações de musgo na sua cobertura. Estes parâmetros foram correlacionados com a evolução do coberto vegetal ao longo do primeiro ano após incêndio e mostraram que o desenvolvimento de uma cobertura anual média com 67 por cento de musgos permitiu reduzir a erosão anual em 65 por cento (de 1150 para 400 quilogramas de solo por hectare).

MusgoMusgocréditos: Universidade de Aveiro" data-title="Musgo - Descoberto papel essencial do musgo depois dos incêndios florestais - SAPO Lifestyle"

Musgo créditos: Universidade de Aveiro

Enquanto recurso não renovável, aponta o investigador Flávio Silva, "o solo é um compartimento ecológico estratégico que está nas prioridades da agenda de políticas europeias, sendo a sua conservação fortemente encorajada".

O investigador, autor do trabalho a par com os investigadores do CESAM Diana Vieira e Jacob Keizer, e de Els van der Spek, da Universidade de Wageningen (Holanda), garante que "os musgos podem ser encarados como 'engenheiros' de ecossistema naturais que constituem o primeiro passo para a preservação da fertilidade dos solos, proporcionando todas as condições para o desenvolvimento da biodiversidade subsequente".

Trabalho destacado pela Comissão Europeia

Continuar a ler

"Os musgos são espécies pioneiras em solos recentemente ardidos, embora a sua proliferação dependa de condições ambientais específicas", refere Flávio Silva. No entanto, o estudo sugere que estimular o desenvolvimento de musgos em áreas ardidas pode ser um importante instrumento de gestão de solos após incêndios florestais.

"Os musgos são espécies vegetais cosmopolitas e desenvolvem-se muito bem em solos pobres, e por isso a sua proliferação é fácil e rápida, requerendo apenas alguma humidade e luz solar baixa ou moderada", explica o investigador que acrescenta: "Como são tolerantes a contextos de seca extrema, embora pareçam mortos quando sujeitos ao calor, basta alguma humidade para que se reabilitem, e os esporos também continuam viáveis".

À venda no mercado, podem ser encontrados esporos de várias espécies de musgos. A abordagem indicada para utilização de musgos para prevenção da erosão pós-incêndio passa por incluir esses esporos ou fragmentos triturados de musgo seco, a baixo custo adicional, nos lotes de misturas de sementes já habitualmente utilizados em medidas de estabilização de emergência pós-incêndio. Normalmente esta técnica de sementeira, lembra Flávio Silva, "é aplicada por hidrossementeira [mistura de água com as sementes e outros componentes que promovem a estabilização do solo] ou por helicóptero como se tem feito nos Estados Unidos".

No entanto, para diminuir os custos operacionais, e tal como deve acontecer com todas as medidas de estabilização de emergência pós-incêndio, os investigadores aconselham que se devem identificar previamente as áreas mais críticas sujeitas a erosão e fazer a aplicação da sementeira apenas nessas áreas. Como os musgos se desenvolvem rapidamente, eles retêm o solo e a humidade necessários para o desenvolvimento posterior de plantas vasculares.

O estudo, publicado na revista Ecological Engineering, foi destacado pela Comissão Europeia na importante newsletter Science for Environment Policy.

SAPO

Musgos têm papel essencial na recuperação de solos queimados

Tipo Meio:	Internet	Data Publicação:	21/10/2019
Meio:	Wilder Online	Autores:	Helena Geraldes

URL: http://www.pt.cision.com/s/?l=555f3b49

Investigadores da Universidade de Aveiro quantificaram o papel ecológico dos musgos na conservação do solo após incêndios florestais

Investigadores da Universidade de Aveiro quantificaram, pela primeira vez em Portugal, o papel ecológico dos musgos na conservação do solo após incêndios florestais.

Em Portugal conhecem-se mais de 700 espécies de musgos. São plantas únicas e florestas em miniatura que aquecem e dão abrigo aos pequenos insectos que neles se refugiam do frio rigoroso e dos predadores. Vários animais usam-no ainda para forrar os seus ninhos e tocas.

Mas não se esgota aqui a importância dos musgos. Uma equipa de investigadores da Universidade de Aveiro (UA) provou que estes têm um papel fundamental na conservação do solo afectado por um incêndio florestal.

Os investigadores Flávio Silva, Diana Vieira e Jacob Keizer. Foto: Universidade de Aveiro

Os investigadores concluíram que "os musgos previnem a erosão em áreas ardidas, ajudando a consolidar a estrutura dos solos, a reter a sua humidade e a conservar a sua fertilidade", segundo um comunicado da UA enviado hoje à Wilder.

Para chegar a esta conclusão, os cientistas monitorizaram durante um ano uma encosta com plantações de eucaliptos que tinha ardido, na região Centro de Portugal. Logo nas primeiras semanas após a passagem do fogo, os musgos começaram a colonizar a encosta, espontaneamente.

"Os musgos são espécies pioneiras em solos recentemente ardidos, embora a sua proliferação dependa de condições ambientais específicas", explicou Flávio Silva, investigador e autor do trabalho, a par com os investigadores do Centro de Estudos do Ambiente e do Mar (CESAM) da UA Diana Vieira e Jacob Keizer, e de Els van der Spek, da Universidade de Wageningen (Holanda).

Cogumelos, musgo, floresta. Foto: Andreas/Pixabay

Os investigadores quantificaram a erosão do solo - pela escorrência superficial causada pela chuva e perda de sedimentos e de matéria orgânica - em parcelas com diferentes graus de cobertura de musgo.

O estudo, publicado na revista Ecological Engineering, concluiu que o desenvolvimento de uma cobertura anual média com 67% de musgos permitiu reduzir a erosão anual em 65% (de 1.150 para 400 quilogramas de solo por hectare).

Flávio Silva sublinhou que "os musgos podem ser encarados como 'engenheiros' de ecossistema naturais que constituem o primeiro passo para a preservação da fertilidade dos solos, proporcionando todas as condições para o desenvolvimento da biodiversidade subsequente".

Investigadores pedem a promoção dos musgos

O solo é um recurso não renovável e um "compartimento ecológico estratégico", lembrou Flávio Silva. A atestar a sua importância está a necessidade da sua conservação, uma prioridade nas políticas europeias.

Este estudo, realizado no âmbito do projeto RECARE, defende a estimulação do desenvolvimento de musgos em áreas ardidas, enquanto instrumento de gestão de solos após incêndios florestais.

Foto: Universidade de Aveiro

"Os musgos são espécies vegetais cosmopolitas e desenvolvem-se muito bem em solos pobres, e por isso a sua proliferação é fácil e rápida, requerendo apenas alguma humidade e luz solar baixa ou moderada", explicou o investigador.

"Como são tolerantes a contextos de seca extrema, embora pareçam mortos quando sujeitos ao calor, basta alguma humidade para que se reabilitem, e os esporos também continuam viáveis."

Os investigadores aconselham a primeiro identificar as áreas mais críticas sujeitas a erosão e depois fazer a aplicação da sementeira apenas nessas áreas, incluindo esporos de musgos ou fragmentos triturados de musgo seco nos lotes de misturas de sementes normalmente usadas em medidas de estabilização de emergência pós-incêndio.

"Como os musgos se desenvolvem rapidamente, eles retêm o solo e a humidade necessários para o desenvolvimento posterior de plantas vasculares", explicou ainda o comunicado.

Saiba mais.

Conheça estes cinco factos fascinantes sobre a relação entre os musgos e as árvores.

https://www.facebook.com/WilderDays/

CISION

Diário de Aveiro

ID: 83067198

20-10-2019

Meio: Imprensa
País: Portugal
Period.: Diária
Âmbito: Regional

Pág: 5
Cores: Cor
Área: 4,13 x 22,54 cm²
Corte: 1 de 1



1.º Encontro Anual do MiningImpact2 decorre amanhã

O 1.º Encontro Anual do projecto MiningImpact2 – Impactos Ambientais e Riscos da Mineração no Mar Profundo (MI2) - irá realizar-se na sala de Actos, no Edifício da Reitoria da Universidade de Aveiro (UA), a partir de amanhã e até quarta-feira.

Após três meses e meio a bordo do navio oceanográfico SONNE, no início deste ano, a equipa do projecto, segundo refere o jornal "on-line" da academia aveirense, "reúne-se para discutir os primeiros resultados da expedição e os próximos passos em termos de processamento de dados e trabalho de campo".

Entre vários aspectos ecológicos, a equipa do MI2 pretende "aprofundar o estudo da conectividade de espécies do mar profundo a nível regional, a sua resiliência a impactos e os efeitos integrados da mineração em funções ecossistémicas, nomeadamente nas interações da cadeia alimentar bentónica e processos biogeoquímios".

Esta primeira reunião anual da comunidade MI2 reunirá aproximadamente 60 participantes de 20 instituições europeias parceiras, agências ambientais e de política científica, promotores de investigação e inovação, além de várias ONG's reconhecidas que visam a protecção e a restauração dos ecossistemas marinhos ao nível europeu e internacional.

Refira-se que a organização local cabe a Marina R. Cunha (marina.cunha@ua.pt), professora no Departamento de Biologia & CESAM, e Clara F. Rodrigues (clara.rodrigues@ua.pt), investigadora no mesmo departamento e laboratório da UA.

Poluição do tráfego marítimo é preocupante e pode vir a aumentar

Tipo Meio: Internet Data Publicação: 19/10/2019

Meio: Náutica Press Online

URL: http://www.pt.cision.com/s/?l=bbb5be07

A poluição atmosférica na costa portuguesa provocada pelo tráfego marítimo representa cerca de 20 por cento da poluição causada pelos óxidos de nitrogénio (NOx), um dos poluentes mais nocivos à saúde humana e ao meio ambiente. Este valor vem de um estudo da Universidade de Aveiro (UA) que, para ajudar a reduzir esta contribuição, aponta uma lista de medidas que urgem ser colocadas em prática.

A investigadora Alexandra Monteiro

"As emissões marítimas, que compreendem sobretudo os poluentes NOx e o dióxido de enxofre (SO2), têm impacto máximo junto às rotas internacionais, mas este impacto chega à zona costeira, com contribuições que vão de 10 a 20 por cento no caso dos NOx e acima de 20 por cento para o SO2", aponta Alexandra Monteiro, investigadora do Departamento de Ambiente e Ordenamento e do Centro de Estudos do Ambiente e do Mar, uma das unidades de investigação da UA.

A coordenadora do estudo garante tratar-se de um "cenário preocupante" que é urgente combater: "É muito importante colocar no terreno as medidas propostas pela investigação, algumas promovidas pela própria regulação europeia, sobretudo face ao contínuo e esperado aumento do tráfego marítimo".

Os investigadores estimam que atualmente cerca de 90 por cento (75 por cento na Europa, e com tendência a crescer) de toda a troca de mercadorias e bens em todo mundo é realizada por via marítima, o que torna este meio de transporte preocupante em termos de impacto ambiental, sobretudo devido à sua grande dependência no que diz respeito ao uso de combustíveis fósseis, com emissões atmosféricas associadas e potencial impacto na qualidade do ar.

Coordenado por Alexandra Monteiro, o projeto AIRSHIP, financiado pela Fundação para a Ciência e a Tecnologia (FCT) e que terminou recentemente, visou avaliar o impacto na qualidade do ar das emissões do transporte marítimo em Portugal e, com maior detalhe, ao nível local/portuário, tendo como caso de estudo o Porto Leixões e a área urbana envolvente.

Forte impacto na qualidade do ar

No âmbito desse projeto, os investigadores da UA e em colaboração com o Instituto Meteorológico Finlandês, estimaram as emissões atmosféricas associadas ao transporte marítimo em Portugal e avaliaram a contribuição destas emissões na qualidade do ar, recorrendo a um sistema de modelação numérica.

Os resultados revelaram que estas emissões têm um impacto na qualidade do ar máximo junto às rotas marítimas, chegando até às zonas costeiras onde se verificam contribuições de 10 a 20 por cento para as concentrações de NOx e inferior a 10 por cento no caso das partículas, dois dos poluentes mais críticos em Portugal, com excedências aos valores limite legislados.

Relativamente aos cruzeiros, as estimativas revelam que as emissões associadas correspondem

apenas a cerca de 5 por cento do total do transporte marítimo. Os estudos que os apontam como grandes poluentes, referem-se principalmente às emissões de SO2 (um poluente que apresenta valores residuais em termos de qualidade do ar em Portugal), já que é verdade que os cruzeiros emitem 28 vezes mais SO2 que o transporte rodoviário (mas 17 vezes menos NOx).

Medidas mitigadoras

Os estudos feitos no projeto AIRSHIP, quer ao nível regional, quer local (caso de estudo Porto de Leixões), envolveram ainda a investigação de medidas estratégicas mitigadoras para as emissões associadas ao transporte marítimo (focadas sobretudo no uso de combustíveis alternativos e práticas sustentáveis) e à atividade portuária, e elaboração de linhas de orientação para a sua implementação.

Entre as dezenas de medidas apontadas, os investigadores sublinham a importância da redução da velocidade dos navios enquanto estão em operação através da redução das rotações por minuto do motor e a utilização de combustíveis alternativos, de modo a diminuir o uso dos combustíveis mais tradicionais no transporte marítimo. Alterações nos motores do navio, de forma a torná-los mais limpos, e a implementação nos navios de um sistema de limpeza de gases de exaustão são outras das muitas medidas propostas.

"Esperamos que estes resultados possam ser particularmente importantes e úteis na gestão e ação política na área do transporte marítimo e dos seus impactes ambientais, colocando assim a ciência e a investigação ao verdadeiro serviço da sociedade", diz Alexandra Monteiro.

Para além de Alexandra Monteiro, também Sandra Sorte, Michael Russo, Carla Gama, Myriam Lopes e Carlos Borrego, todos investigadores do CESAM, e André Neves, aluno do Mestrado Integrado de Engenharia do Ambiente, assinam o estudo.

Ambiente Mar Poluição Universidade de Aveiro

Náutica Press

Projeto LIFE REFOREST é implementada em áreas piloto afectadas por incêndios

Tipo Meio: Internet Data Publicação: 18/10/2019

Meio: Minho Digital Online

URL: https://www.minhodigital.com/news/projeto-life-reforest-e

O projeto europeu LIFE REFOREST iniciou a implementação e validação do seu sistema de micotecnossolos para mitigar a erosão e a perda de solo em áreas afetadas por incêndios florestais em Portugal e na Galiza.

As empresas galegas Hifas da Terra e TEN Tecnosuelos, com a colaboração do Centro de Estudos do Ambiente e do Mar (CESAM) da Universidade de Aveiro em Portugal e o CETIM (Espanha), desenvolveram e otimizaram o sistema, para dar início à sua validação este mês em áreas florestais ardidas.

Concluídas as tarefas de caraterização, formulação, desenho e desenvolvimento no laboratório da solução LIFE REFOREST está-se a dar inicio à sua instalação no campo, para ser testada a sua eficácia. Duas áreas florestais, recentemente afetadas por incêndios em Oliveira de Azeméis (distrito de Aveiro) e no município de Mondariz (Pontevedra, Espanha), foram os locais escolhidos para realizar a avaliação do retorno desta solução e a testar a sua evolução.

A FORESTIS - Associação Florestal de Portugal e AFG - Associação Florestal da Galiza, parceiros do projeto, selecionaram as áreas ardidas melhor adequadas ao projeto e, juntamente com o CESAM e o CETIM, procederam à instalação rápida e eficiente da solução em ambas as parcelas piloto.

O projeto é muito relevante dado que Portugal e Espanha destacam-se por serem os países da Europa mais afetados por incêndios florestais. Na Europa, 80% da área ardida está concentrada no Mediterrâneo, sendo que ambos os países apresentam o maior número de área afetada.

Solução LIFE REFOREST

Mais de 200 m2 de área florestal ardida foi protegida com mangas biodegradáveis de micotecnossolos, que irão permitir uma rápida recuperação do coberto vegetal, minimizando também a contaminação de linhas de água próximas a essas áreas.

Além disso, o micotecnossolo LIFE REFOREST fornecerá matéria orgânica e nutrientes ao solo, bem como sementes de plantas herbáceas de rápido crescimento, para acelerar a restauração do subcoberto - eucalipto em Portugal e pinhal na Galiza -, promovendo a infiltração de água.

A retenção da estrutura do solo, graças ao rápido desenvolvimento do micélio fúngico, irá garantir a recuperação dos dois ecossistemas - espera-se alcançar uma redução em 70% na erosão dos solos.

Durante os próximos dois anos, até o verão de 2021, ambas as associações, CESAM, Hifas da Terra, TEN Tecnosuelos, Indutec Ingenieros e CETIM irão validar a eficácia do sistema LIFE REFOREST relativo à erosão do solo e à poluição das águas de escoamento, avaliando a sua replicabilidade.

Para facilitar a implementação da solução LIFE REFOREST no mercado, o projeto irá desenvolver guias que ajudam a replicabilidade e a transferibilidade do sistema para outras áreas ardidas na Europa. Paralelamente à validação técnica da solução, a Indutec Ingenieros realizará a análise do ciclo de vida,

para avaliar o impacto ambiental da nova solução, bem como a análise dos custos económicos associados.

O projeto LIFE REFOREST além de contribuir para a melhoria dos solos afetados por incêndios na Europa, apoia a transição para uma economia circular através da recuperação de resíduos e subprodutos. Da mesma forma, as Estratégias Europeias de Solo e Florestas e a Diretiva Europeia da Água são igualmente favorecidas pelo desenvolvimento deste projeto.

Sobre a FORESTIS

A FORESTIS - Associação Florestal de Portugal, é um movimento associativo de âmbito nacional, sem fins lucrativos e de utilidade pública, fundado em 1992, com o intuito de apoiar ativamente a gestão, a defesa e o associativismo na floresta privada e comunitária.

Agrega 32 Associações Sub-Regionais, que apoiam 17.000 proprietários florestais.

Minho Digital

Diana Madeira: a cuidadora dos organismos marinhos

Tipo Meio: Internet Data Publicação: 18/10/2019

Meio: Notícias Magazine Online

URL: http://www.pt.cision.com/s/?l=5155f081

Aos 31 anos, Diana Madeira é a responsável por uma investigação premiada que visa compreender o modo como peixes e demais espécies aquáticas respondem às alterações climáticas e à poluição

Ana TulhaMAIS DO AUTOR

Por Ana Tulha

Há vivências aparentemente vulgares da nossa infância que podem ser premonitórias. No caso de Diana Madeira, foram as horas passadas na quinta do avô a observar tudo o que era animal e planta. Depois, foi juntar-lhe a afeição pelo mar, herdada do pai, oficial da Marinha. E o futuro já quase estava escrito.

Aos 31 anos, Diana Madeira é licenciada em Biologia, mestre em Ecologia Marinha, doutorada em Química Sustentável e está a caminho de ter um pós-doutoramento relacionado com alterações climáticas no meio marinho. Se dúvidas houvesse, o facto de ter sido distinguida com o prémio "Mulheres na Ciência", em fevereiro, atesta o sucesso do percurso.

A distinção é tanto um reconhecimento como um incentivo à investigação que esta lisboeta de 31 anos tem vindo a conduzir no Centro de Estudos do Ambiente e do Mar (CESAM) da Universidade de Aveiro. Será que os organismos marinhos vão conseguir adaptar-se a um oceano cada vez mais pressionado pelas alterações climáticas e pela poluição? É esta a questão-base que tem norteado o trabalho de Diana Madeira.

Desde 2017 que a investigadora pretende perceber quais os mecanismos moleculares e celulares que os invertebrados marinhos induzem para responder a pressões ambientais e de que forma estes estão relacionados com parâmetros como a capacidade de sobrevivência e o sucesso reprodutivo. No caso desta investigação, há uma vantagem acrescida: um limite temporal alargado, o que permite estudar o que pode acontecer ao longo de várias gerações.

Ora, num tempo em que os sentidos da preocupação ambiental estão mais despertos do que nunca, a questão impõe-se: há boas notícias? Diana é cautelosa. "A expectativa é que, ao longo das gerações, os efeitos nefastos possam ser atenuados, pelo menos nas espécies que tenham mais tolerância. Poderão ter mecanismos que lhes permitam sobreviver." Mas nada de otimismos excessivos. "É óbvio que tem de haver uma alteração dos comportamentos que temos, de forma a ser possível alguma sustentabilidade ambiental. Não basta esperar que os organismos se adaptem."

Diana tem fé na mudança, até porque gosta de acreditar que também ela está a dar um pequeno contributo. "O meu objetivo, quando escolhi esta área, sempre foi melhorar o Mundo de alguma maneira. Por isso é que não me vejo a sair da ciência. Talvez esta seja a minha forma de melhorar alguma coisa no Mundo."

Facebook

[Additional Text]:
Diana Madeira2

https://www.facebook.com/noticiasmagazine/

Poluição do Tráfego Marítimo é Preocupante e pode vir a Aumentar

Tipo Meio: Internet Data Publicação: 18/10/2019

Meio: + Algarve Online

URL: http://www.pt.cision.com/s/?l=8b81c6d5

A poluição atmosférica na costa portuguesa provocada pelo tráfego marítimo representa cerca de 20 por cento da poluição causada pelos óxidos de nitrogénio (NOx), um dos poluentes mais nocivos à saúde humana e ao meio ambiente. Este valor vem de um estudo da Universidade de Aveiro (UA) que, para ajudar a reduzir esta contribuição, aponta uma lista de medidas que urgem ser colocadas em prática.

"As emissões marítimas, que compreendem sobretudo os poluentes NOx e o dióxido de enxofre (SO2), têm impacto máximo junto às rotas internacionais, mas este impacto chega à zona costeira, com contribuições que vão de 10 a 20 por cento no caso dos NOx e acima de 20 por cento para o SO2", aponta Alexandra Monteiro, investigadora do Departamento de Ambiente e Ordenamento e do Centro de Estudos do Ambiente e do Mar, uma das unidades de investigação da UA.

A coordenadora do estudo garante tratar-se de um "cenário preocupante" que é urgente combater: "É muito importante colocar no terreno as medidas propostas pela investigação, algumas promovidas pela própria regulação europeia, sobretudo face ao contínuo e esperado aumento do tráfego marítimo".

Os investigadores estimam que atualmente cerca de 90 por cento (75 por cento na Europa, e com tendência a crescer) de toda a troca de mercadorias e bens em todo mundo é realizada por via marítima, o que torna este meio de transporte preocupante em termos de impacto ambiental, sobretudo devido à sua grande dependência no que diz respeito ao uso de combustíveis fósseis, com emissões atmosféricas associadas e potencial impacto na qualidade do ar.

Coordenado por Alexandra Monteiro, o projeto AIRSHIP, financiado pela Fundação para a Ciência e a Tecnologia (FCT) e que terminou recentemente, visou avaliar o impacto na qualidade do ar das emissões do transporte marítimo em Portugal e, com maior detalhe, ao nível local/portuário, tendo como caso de estudo o Porto Leixões e a área urbana envolvente.

Forte impacto na qualidade do ar

No âmbito desse projeto, os investigadores da UA e em colaboração com o Instituto Meteorológico Finlandês, estimaram as emissões atmosféricas associadas ao transporte marítimo em Portugal e avaliaram a contribuição destas emissões na qualidade do ar, recorrendo a um sistema de modelação numérica.

Os resultados revelaram que estas emissões têm um impacto na qualidade do ar máximo junto às rotas marítimas, chegando até às zonas costeiras onde se verificam contribuições de 10 a 20 por cento para as concentrações de NOx e inferior a 10 por cento no caso das partículas, dois dos poluentes mais críticos em Portugal, com excedências aos valores limite legislados.

Relativamente aos cruzeiros, as estimativas revelam que as emissões associadas correspondem apenas a cerca de 5 por cento do total do transporte marítimo. Os estudos que os apontam como grandes poluentes, referem-se principalmente às emissões de SO2 (um poluente que apresenta

valores residuais em termos de qualidade do ar em Portugal), já que é verdade que os cruzeiros emitem 28 vezes mais SO2 que o transporte rodoviário (mas 17 vezes menos NOx).

Medidas mitigadoras

Os estudos feitos no projeto AIRSHIP, quer ao nível regional, quer local (caso de estudo Porto de Leixões), envolveram ainda a investigação de medidas estratégicas mitigadoras para as emissões associadas ao transporte marítimo (focadas sobretudo no uso de combustíveis alternativos e práticas sustentáveis) e à atividade portuária, e elaboração de linhas de orientação para a sua implementação.

Entre as dezenas de medidas apontadas, os investigadores sublinham a importância da redução da velocidade dos navios enquanto estão em operação através da redução das rotações por minuto do motor e a utilização de combustíveis alternativos, de modo a diminuir o uso dos combustíveis mais tradicionais no transporte marítimo. Alterações nos motores do navio, de forma a torná-los mais limpos, e a implementação nos navios de um sistema de limpeza de gases de exaustão são outras das muitas medidas propostas.

"Esperamos que estes resultados possam ser particularmente importantes e úteis na gestão e ação política na área do transporte marítimo e dos seus impactes ambientais, colocando assim a ciência e a investigação ao verdadeiro serviço da sociedade", diz Alexandra Monteiro.

Para além de Alexandra Monteiro, também Sandra Sorte, Michael Russo, Carla Gama, Myriam Lopes e Carlos Borrego, todos investigadores do CESAM, e André Neves, aluno do Mestrado Integrado de Engenharia do Ambiente, assinam o estudo.

Fonte: UA

Estudo da Universidade de Aveiro conclui que poluição do tráfego marítimo é preocupante e pode vir a aumentar.

Tipo Meio: Internet Data Publicação: 18/10/2019

Meio: Rádio Terra Nova Online

URL: http://www.pt.cision.com/s/?l=b308c164

A poluição atmosférica na costa portuguesa provocada pelo tráfego marítimo representa cerca de 20 por cento da poluição causada pelos óxidos de nitrogénio (NOx), um dos poluentes mais nocivos à saúde humana e ao meio ambiente.

Este valor vem de um estudo da Universidade de Aveiro (UA) que, para ajudar a reduzir esta contribuição, aponta uma lista de medidas que urgem ser colocadas em prática.

"As emissões marítimas, que compreendem sobretudo os poluentes NOx e o dióxido de enxofre (SO2), têm impacto máximo junto às rotas internacionais, mas este impacto chega à zona costeira, com contribuições que vão de 10 a 20 por cento no caso dos NOx e acima de 20 por cento para o SO2", aponta Alexandra Monteiro, investigadora do Departamento de Ambiente e Ordenamento e do Centro de Estudos do Ambiente e do Mar, uma das unidades de investigação da UA.

A coordenadora do estudo garante tratar-se de um "cenário preocupante" que é urgente combater: "É muito importante colocar no terreno as medidas propostas pela investigação, algumas promovidas pela própria regulação europeia, sobretudo face ao contínuo e esperado aumento do tráfego marítimo".

Os investigadores estimam que atualmente cerca de 90 por cento (75 por cento na Europa, e com tendência a crescer) de toda a troca de mercadorias e bens em todo mundo é realizada por via marítima, o que torna este meio de transporte preocupante em termos de impacto ambiental, sobretudo devido à sua grande dependência no que diz respeito ao uso de combustíveis fósseis, com emissões atmosféricas associadas e potencial impacto na qualidade do ar.

Coordenado por Alexandra Monteiro, o projeto AIRSHIP, financiado pela Fundação para a Ciência e a Tecnologia (FCT) e que terminou recentemente, visou avaliar o impacto na qualidade do ar das emissões do transporte marítimo em Portugal e, com maior detalhe, ao nível local/portuário, tendo como caso de estudo o Porto Leixões e a área urbana envolvente.

Forte impacto na qualidade do ar

No âmbito desse projeto, os investigadores da UA e em colaboração com o Instituto Meteorológico Finlandês, estimaram as emissões atmosféricas associadas ao transporte marítimo em Portugal e avaliaram a contribuição destas emissões na qualidade do ar, recorrendo a um sistema de modelação numérica.

Os resultados revelaram que estas emissões têm um impacto na qualidade do ar máximo junto às rotas marítimas, chegando até às zonas costeiras onde se verificam contribuições de 10 a 20 por cento para as concentrações de NOx e inferior a 10 por cento no caso das partículas, dois dos poluentes mais críticos em Portugal, com excedências aos valores limite legislados.

Relativamente aos cruzeiros, as estimativas revelam que as emissões associadas correspondem apenas a cerca de 5 por cento do total do transporte marítimo. Os estudos que os apontam como grandes poluentes, referem-se principalmente às emissões de SO2 (um poluente que apresenta valores residuais em termos de qualidade do ar em Portugal), já que é verdade que os cruzeiros emitem 28 vezes mais SO2 que o transporte rodoviário (mas 17 vezes menos NOx).

Medidas mitigadoras

Os estudos feitos no projeto AIRSHIP, quer ao nível regional, quer local (caso de estudo Porto de Leixões), envolveram ainda a investigação de medidas estratégicas mitigadoras para as emissões associadas ao transporte marítimo (focadas sobretudo no uso de combustíveis alternativos e práticas sustentáveis) e à atividade portuária, e elaboração de linhas de orientação para a sua implementação.

Entre as dezenas de medidas apontadas, os investigadores sublinham a importância da redução da velocidade dos navios enquanto estão em operação através da redução das rotações por minuto do motor e a utilização de combustíveis alternativos, de modo a diminuir o uso dos combustíveis mais tradicionais no transporte marítimo. Alterações nos motores do navio, de forma a torná-los mais limpos, e a implementação nos navios de um sistema de limpeza de gases de exaustão são outras das muitas medidas propostas.

"Esperamos que estes resultados possam ser particularmente importantes e úteis na gestão e ação política na área do transporte marítimo e dos seus impactes ambientais, colocando assim a ciência e a investigação ao verdadeiro serviço da sociedade", diz Alexandra Monteiro.

Para além de Alexandra Monteiro, também Sandra Sorte, Michael Russo, Carla Gama, Myriam Lopes e Carlos Borrego, todos investigadores do CESAM, e André Neves, aluno do Mestrado Integrado de Engenharia do Ambiente, assinam o estudo.

texto e foto: UA

Poluição do tráfego marítimo é preocupante e pode vir a aumentar

Tipo Meio: Internet Data Publicação: 18/10/2019

Meio: UniPlanet Online

URL: http://www.pt.cision.com/s/?l=b185805f

A poluição atmosférica na costa portuguesa provocada pelo tráfego marítimo representa cerca de 20% da poluição causada pelos óxidos de nitrogénio (NOx), um dos poluentes mais nocivos à saúde humana e ao meio ambiente

A poluição atmosférica na costa portuguesa provocada pelo tráfego marítimo representa cerca de 20 por cento da poluição causada pelos óxidos de nitrogénio (NOx), um dos poluentes mais nocivos à saúde humana e ao meio ambiente. Este valor vem de um estudo da Universidade de Aveiro (UA) que, para ajudar a reduzir esta contribuição, aponta uma lista de medidas que urgem ser colocadas em prática.

"As emissões marítimas, que compreendem sobretudo os poluentes NOx e o dióxido de enxofre (SO2), têm impacto máximo junto às rotas internacionais, mas este impacto chega à zona costeira, com contribuições que vão de 10 a 20 por cento no caso dos NOx e acima de 20 por cento para o SO2", aponta Alexandra Monteiro, investigadora do Departamento de Ambiente e Ordenamento e do Centro de Estudos do Ambiente e do Mar, uma das unidades de investigação da UA.

A coordenadora do estudo garante tratar-se de um "cenário preocupante" que é urgente combater: "É muito importante colocar no terreno as medidas propostas pela investigação, algumas promovidas pela própria regulação europeia, sobretudo face ao contínuo e esperado aumento do tráfego marítimo".
Os investigadores estimam que atualmente cerca de 90 por cento (75 por cento na Europa, e com tendência a crescer) de toda a troca de mercadorias e bens em todo mundo é realizada por via marítima, o que torna este meio de transporte preocupante em termos de impacto ambiental, sobretudo devido à sua grande dependência no que diz respeito ao uso de combustíveis fósseis, com emissões atmosféricas associadas e potencial impacto na qualidade do ar.

Coordenado por Alexandra Monteiro, o projeto AIRSHIP, financiado pela Fundação para a Ciência e a Tecnologia (FCT) e que terminou recentemente, visou avaliar o impacto na qualidade do ar das emissões do transporte marítimo em Portugal e, com maior detalhe, ao nível local/portuário, tendo como caso de estudo o Porto Leixões e a área urbana envolvente.

Forte impacto na qualidade do ar

No âmbito desse projeto, os investigadores da UA e em colaboração com o Instituto Meteorológico Finlandês, estimaram as emissões atmosféricas associadas ao transporte marítimo em Portugal e avaliaram a contribuição destas emissões na qualidade do ar, recorrendo a um sistema de modelação numérica.

Os resultados revelaram que estas emissões têm um impacto na qualidade do ar máximo junto às rotas marítimas, chegando até às zonas costeiras onde se verificam contribuições de 10 a 20 por cento para as concentrações de NOx e inferior a 10 por cento no caso das partículas, dois dos poluentes mais críticos em Portugal, com excedências aos valores limite legislados.

Relativamente aos cruzeiros, as estimativas revelam que as emissões associadas correspondem apenas a cerca de 5 por cento do total do transporte marítimo. Os estudos que os apontam como grandes poluentes, referem-se principalmente às emissões de SO2 (um poluente que apresenta valores residuais em termos de qualidade do ar em Portugal), já que é verdade que os cruzeiros emitem 28 vezes mais SO2 que o transporte rodoviário (mas 17 vezes menos NOx).

Medidas mitigadoras

Os estudos feitos no projeto AIRSHIP, quer ao nível regional, quer local (caso de estudo Porto de Leixões), envolveram ainda a investigação de medidas estratégicas mitigadoras para as emissões associadas ao transporte marítimo (focadas sobretudo no uso de combustíveis alternativos e práticas sustentáveis) e à atividade portuária, e elaboração de linhas de orientação para a sua implementação.

Entre as dezenas de medidas apontadas, os investigadores sublinham a importância da redução da velocidade dos navios enquanto estão em operação através da redução das rotações por minuto do motor e a utilização de combustíveis alternativos, de modo a diminuir o uso dos combustíveis mais tradicionais no transporte marítimo. Alterações nos motores do navio, de forma a torná-los mais limpos, e a implementação nos navios de um sistema de limpeza de gases de exaustão são outras das muitas medidas propostas.

"Esperamos que estes resultados possam ser particularmente importantes e úteis na gestão e ação política na área do transporte marítimo e dos seus impactes ambientais, colocando assim a ciência e a investigação ao verdadeiro serviço da sociedade", diz Alexandra Monteiro.

Para além de Alexandra Monteiro, também Sandra Sorte, Michael Russo, Carla Gama, Myriam Lopes e Carlos Borrego, todos investigadores do CESAM, e André Neves, aluno do Mestrado Integrado de Engenharia do Ambiente, assinam o estudo.

UniPlanet

Poluição do tráfego marítimo é preocupante e pode vir a aumentar

Tipo Meio: Internet Data Publicação: 18/10/2019

Meio: Índice.eu Online

URL: http://www.pt.cision.com/s/?l=112ef6e7

A poluição atmosférica na costa portuguesa provocada pelo tráfego marítimo representa cerca de 20 por cento da poluição causada pelos óxidos de nitrogénio (NOx), um dos poluentes mais nocivos à saúde humana e ao meio ambiente. Este valor vem de um estudo da Universidade de Aveiro (UA) que, para ajudar a reduzir esta contribuição, aponta uma lista de medidas que urgem ser colocadas em prática.

"As emissões marítimas, que compreendem sobretudo os poluentes NOx e o dióxido de enxofre (SO2), têm impacto máximo junto às rotas internacionais, mas este impacto chega à zona costeira, com contribuições que vão de dez a 20 por cento no caso dos NOx e acima de 20 por cento para o SO2", aponta Alexandra Monteiro, investigadora do Departamento de Ambiente e Ordenamento e do Centro de Estudos do Ambiente e do Mar, uma das unidades de investigação da UA.

A coordenadora do estudo garante tratar-se de um "cenário preocupante" que é urgente combater: "é muito importante colocar no terreno as medidas propostas pela investigação, algumas promovidas pela própria regulação europeia, sobretudo face ao contínuo e esperado aumento do tráfego marítimo".

Os investigadores estimam que, atualmente, cerca de 90 por cento (75 por cento na Europa, e com tendência a crescer) de toda a troca de mercadorias e bens em todo mundo é realizada por via marítima, o que torna este meio de transporte preocupante em termos de impacto ambiental, sobretudo devido à sua grande dependência no que diz respeito ao uso de combustíveis fósseis, com emissões atmosféricas associadas e potencial impacto na qualidade do ar.

Coordenado por Alexandra Monteiro, o projeto AIRSHIP (http://airship.web.ua.pt/), financiado pela Fundação para a Ciência e a Tecnologia (FCT) e que terminou recentemente, visou avaliar o impacto na qualidade do ar das emissões do transporte marítimo em Portugal e, com maior detalhe, ao nível local/portuário, tendo como caso de estudo o Porto Leixões e a área urbana envolvente.

No âmbito desse projeto, os investigadores da UA e em colaboração com o Instituto Meteorológico Finlandês, estimaram as emissões atmosféricas associadas ao transporte marítimo em Portugal e avaliaram a contribuição destas emissões na qualidade do ar, recorrendo a um sistema de modelação numérica.

Os resultados revelaram que estas emissões têm um impacto na qualidade do ar máximo junto às rotas marítimas, chegando até às zonas costeiras onde se verificam contribuições de dez a 20 por cento para as concentrações de NOx e inferior a dez por cento no caso das partículas, dois dos poluentes mais críticos em Portugal, com excedências aos valores limite legislados.

Relativamente aos cruzeiros, as estimativas revelam que as emissões associadas correspondem apenas a cerca de cinco por cento do total do transporte marítimo. Os estudos que os apontam como grandes poluentes referem-se principalmente às emissões de SO2 (um poluente que apresenta valores residuais em termos de qualidade do ar em Portugal), já que é verdade que os cruzeiros emitem 28 vezes mais SO2 que o transporte rodoviário (mas 17 vezes menos NOx).

Os estudos feitos no projeto AIRSHIP, quer ao nível regional, quer local (caso de estudo Porto de Leixões), envolveram ainda a investigação de medidas estratégicas mitigadoras para as emissões associadas ao transporte marítimo (focadas sobretudo no uso de combustíveis alternativos e práticas sustentáveis) e à atividade portuária, e elaboração de linhas de orientação para a sua implementação.

Entre as dezenas de medidas apontadas, os investigadores sublinham a importância da redução da velocidade dos navios enquanto estão em operação através da redução das rotações por minuto do motor e a utilização de combustíveis alternativos, de modo a diminuir o uso dos combustíveis mais tradicionais no transporte marítimo. Alterações nos motores do navio, de forma a torná-los mais limpos, e a implementação nos navios de um sistema de limpeza de gases de exaustão são outras das muitas medidas propostas.

"Esperamos que estes resultados possam ser particularmente importantes e úteis na gestão e ação política na área do transporte marítimo e dos seus impactes ambientais, colocando assim a ciência e a investigação ao verdadeiro serviço da sociedade", diz Alexandra Monteiro.

Para além de Alexandra Monteiro, também Sandra Sorte, Michael Russo, Carla Gama, Myriam Lopes e Carlos Borrego, todos investigadores do CESAM, e André Neves, aluno do Mestrado Integrado de Engenharia do Ambiente, assinam o estudo.

Fonte: UA (press release)

Tecnica & Magia

Solução Life Reforest já está a ser implementada em áreas piloto afetadas pelos incêndios

Tipo Meio: Internet Data Publicação: 17/10/2019

Meio: Vida Rural Online

URL: http://www.pt.cision.com/s/?l=1005a398

O projeto europeu Life Reforest já iniciou a implementação de micotecnossolos para mitigar a erosão do solo em áreas afetadas por incêndios florestais

O projeto europeu Life Reforest já iniciou a implementação e validação do seu sistema de micotecnossolos para mitigar a erosão e a perda de solo em áreas afetadas por incêndios florestais em Portugal e na Galiza.

Financiado pelo Programa Europeu LIFE, liderado pelo CETIM - Centro Tecnológico da Corunha, este projeto tem como objetivo a mitigação da erosão e da perda de solo em zonas afetadas por incêndios florestais mediante um sistema baseado em micotecnossolos - uma combinação de resíduos orgânicos estabilizados e inoculados com fungos, contidos numa rede em forma de tubo composto por material biodegradável.

As empresas galegas Hifas da Terra e TEN Tecnosuelos, com a colaboração do Centro de Estudos do Ambiente e do Mar (CESAM) da Universidade de Aveiro em Portugal e o CETIM (Espanha), desenvolveram e otimizaram o sistema, para dar início à sua validação este mês em áreas florestais ardidas. Concluídas as tarefas de caraterização, formulação, desenho e desenvolvimento no laboratório da solução Life Reforest está-se a dar início à sua instalação no campo, para ser testada a sua eficácia em duas áreas florestais recentemente afetadas por incêndios: Oliveira de Azeméis (distrito de Aveiro) e no município de Mondariz (Pontevedra, Espanha).

No âmbito deste projeto, cerca de 200 metros quadrados de área florestal ardida foram protegidos com mangas biodegradáveis de micotecnossolos, que irão permitir uma rápida recuperação do coberto vegetal, minimizando também a contaminação de linhas de água próximas a essas áreas. Além disso, o micotecnossolo fornecerá matéria orgânica e nutrientes ao solo, bem como sementes de plantas herbáceas de rápido crescimento, para acelerar a restauração do subcoberto - eucalipto em Portugal e pinhal na Galiza -, promovendo a infiltração de água.

Durante os próximos dois anos, até o verão de 2021, as entidades envolvidas irão validar a eficácia do sistema relativamente à erosão do solo e à poluição das águas de escoamento, avaliando a sua replicabilidade.

Estudo da Universidade de Aveiro. Poluição do tráfego marítimo é preocupante e pode vir a aumentar

Tipo Meio: Internet Data Publicação: 17/10/2019

Meio: Agricultura e Mar Actual Online

URL: http://www.pt.cision.com/s/?l=e1e72573

Estudo da Universidade de Aveiro. Poluição do tráfego marítimo é preocupante e pode vir a aumentar

Agricultura e Mar Actual 15 mins atrás Ambiente, Featured, Inovação, Mar, Portos Deixe um comentário 0 Visualizações

A poluição atmosférica na costa portuguesa provocada pelo tráfego marítimo representa cerca de 20% da poluição causada pelos óxidos de nitrogénio (NOx), um dos poluentes mais nocivos à saúde humana e ao meio ambiente. Este valor vem de um estudo da Universidade de Aveiro (UA) que, para ajudar a reduzir esta contribuição, aponta uma lista de medidas que urgem ser colocadas em prática.

"As emissões marítimas, que compreendem sobretudo os poluentes NOx e o dióxido de enxofre (SO2), têm impacto máximo junto às rotas internacionais, mas este impacto chega à zona costeira, com contribuições que vão de 10 a 20 por cento no caso dos NOx e acima de 20% para o SO2", aponta Alexandra Monteiro, investigadora do Departamento de Ambiente e Ordenamento e do Centro de Estudos do Ambiente e do Mar, uma das unidades de investigação da UA.

Entre as dezenas de medidas apontadas, os investigadores sublinham a importância da redução da velocidade dos navios enquanto estão em operação através da redução das rotações por minuto do motor e a utilização de combustíveis alternativos

"Cenário preocupante"
A coordenadora do estudo garante tratar-se de um "cenário preocupante" que é urgente combater: "É muito importante colocar no terreno as medidas propostas pela investigação, algumas promovidas pela própria regulação europeia, sobretudo face ao contínuo e esperado aumento do tráfego marítimo".

Os investigadores estimam que actualmente cerca de 90% (75% na Europa, e com tendência a crescer) de toda a troca de mercadorias e bens em todo mundo é realizada por via marítima, o que torna este meio de transporte preocupante em termos de impacto ambiental, sobretudo devido à sua grande dependência no que diz respeito ao uso de combustíveis fósseis, com emissões atmosféricas associadas e potencial impacto na qualidade do ar.
Projecto AIRSHIP
Coordenado por Alexandra Monteiro, o projecto AIRSHIP, financiado pela Fundação para a Ciência e a Tecnologia (FCT) e que terminou recentemente, visou avaliar o impacto na qualidade do ar das emissões do transporte marítimo em Portugal e, com maior detalhe, ao nível local/portuário, tendo como caso de estudo o Porto Leixões e a área urbana envolvente.
Forte impacto na qualidade do ar
No âmbito desse projecto, os investigadores da UA e em colaboração com o Instituto Meteorológico Finlandês, estimaram as emissões atmosféricas associadas ao transporte marítimo em Portugal e avaliaram a contribuição destas emissões na qualidade do ar, recorrendo a um sistema de modelação numérica.

A investigadora Alexandra Monteiro
Os resultados revelaram que estas emissões têm um impacto na qualidade do ar máximo junto às rotas marítimas, chegando até às zonas costeiras onde se verificam contribuições de 10% a 20% para as concentrações de NOx e inferior a 10 por cento no caso das partículas, dois dos poluentes mais críticos em Portugal, com excedências aos valores limite legislados.

Relativamente aos cruzeiros, as estimativas revelam que as emissões associadas correspondem apenas a cerca de 5% do total do transporte marítimo. Os estudos que os apontam como grandes poluentes, referem-se principalmente às emissões de SO2 (um poluente que apresenta valores residuais em termos de qualidade do ar em Portugal), já que é verdade que os cruzeiros emitem 28 vezes mais SO2 que o transporte rodoviário (mas 17 vezes menos NOx).
Medidas mitigadoras
Os estudos feitos no projecto AIRSHIP, quer ao nível regional, quer local (caso de estudo Porto de Leixões), envolveram ainda a investigação de medidas estratégicas mitigadoras para as emissões associadas ao transporte marítimo (focadas sobretudo no uso de combustíveis alternativos e práticas sustentáveis) e à actividade portuária, e elaboração de linhas de orientação para a sua implementação.

Entre as dezenas de medidas apontadas, os investigadores sublinham a importância da redução da velocidade dos navios enquanto estão em operação através da redução das rotações por minuto do motor e a utilização de combustíveis alternativos, de modo a diminuir o uso dos combustíveis mais tradicionais no transporte marítimo. Alterações nos motores do navio, de forma a torná-los mais limpos, e a implementação nos navios de um sistema de limpeza de gases de exaustão são outras das muitas medidas propostas.

"Esperamos que estes resultados possam ser particularmente importantes e úteis na gestão e acção política na área do transporte marítimo e dos seus impactes ambientais, colocando assim a ciência e a investigação ao verdadeiro serviço da sociedade", diz Alexandra Monteiro.

Para além de Alexandra Monteiro, também Sandra Sorte, Michael Russo, Carla Gama, Myriam Lopes e Carlos Borrego, todos investigadores do CESAM, e André Neves, aluno do Mestrado Integrado de Engenharia do Ambiente, assinam o estudo.

Agricultura e Mar Actual

Partilhar Facebook Twitter LinkedIn Pinterest

Poluição do tráfego marítimo é preocupante e pode vir a aumentar

Tipo Meio: Internet Data Publicação: 17/10/2019

Meio: Agência de Informação Norte Online

URL: http://www.pt.cision.com/s/?l=2c3558f1

Um estudo da Universidade de Aveiro garante que a poluição do tráfego marítimo é bastante preocupante e pode vir a aumentar

Educação

Poluição do tráfego marítimo é preocupante e pode vir a aumentar

Estudo da Universidade de Aveiro

www.airinformacao.pt

Há 34 mins 0 2 minutes read

Facebook Twitter Google+ LinkedIn StumbleUpon Tumblr Pinterest Reddit VKontakte Odnoklassniki Pocket

A poluição atmosférica na costa portuguesa provocada pelo tráfego marítimo representa cerca de 20 por cento da poluição causada pelos óxidos de nitrogénio (NOx), um dos poluentes mais nocivos à saúde humana e ao meio ambiente. Este valor vem de um estudo da Universidade de Aveiro (UA) que, para ajudar a reduzir esta contribuição, aponta uma lista de medidas que urgem ser colocadas em prática.

"As emissões marítimas, que compreendem sobretudo os poluentes NOx e o dióxido de enxofre (SO2), têm impacto máximo junto às rotas internacionais, mas este impacto chega à zona costeira, com contribuições que vão de 10 a 20 por cento no caso dos NOx e acima de 20 por cento para o SO2", aponta Alexandra Monteiro, investigadora do Departamento de Ambiente e Ordenamento e do Centro de Estudos do Ambiente e do Mar, uma das unidades de investigação da UA.

A coordenadora do estudo garante tratar-se de um "cenário preocupante" que é urgente combater: "É muito importante colocar no terreno as medidas propostas pela investigação, algumas promovidas pela própria regulação europeia, sobretudo face ao contínuo e esperado aumento do tráfego marítimo".

Os investigadores estimam que atualmente cerca de 90 por cento (75 por cento na Europa, e com tendência a crescer) de toda a troca de mercadorias e bens em todo mundo é realizada por via marítima, o que torna este meio de transporte preocupante em termos de impacto ambiental, sobretudo devido à sua grande dependência no que diz respeito ao uso de combustíveis fósseis, com emissões atmosféricas associadas e potencial impacto na qualidade do ar.

Coordenado por Alexandra Monteiro, o projeto AIRSHIP, financiado pela Fundação para a Ciência e a Tecnologia (FCT) e que terminou recentemente, visou avaliar o impacto na qualidade do ar das emissões do transporte marítimo em Portugal e, com maior detalhe, ao nível local/portuário, tendo como caso de estudo o Porto Leixões e a área urbana envolvente.

Forte impacto na qualidade do ar

No âmbito desse projeto, os investigadores da UA e em colaboração com o Instituto Meteorológico Finlandês, estimaram as emissões atmosféricas associadas ao transporte marítimo em Portugal e avaliaram a contribuição destas emissões na qualidade do ar, recorrendo a um sistema de modelação numérica.

Os resultados revelaram que estas emissões têm um impacto na qualidade do ar máximo junto às rotas marítimas, chegando até às zonas costeiras onde se verificam contribuições de 10 a 20 por cento para as concentrações de NOx e inferior a 10 por cento no caso das partículas, dois dos poluentes mais críticos em Portugal, com excedências aos valores limite legislados.

Relativamente aos cruzeiros, as estimativas revelam que as emissões associadas correspondem apenas a cerca de 5 por cento do total do transporte marítimo. Os estudos que os apontam como grandes poluentes, referem-se principalmente às emissões de SO2 (um poluente que apresenta valores residuais em termos de qualidade do ar em Portugal), já que é verdade que os cruzeiros emitem 28 vezes mais SO2 que o transporte rodoviário (mas 17 vezes menos NOx).

Medidas mitigadoras

Os estudos feitos no projeto AIRSHIP, quer ao nível regional, quer local (caso de estudo Porto de Leixões), envolveram ainda a investigação de medidas estratégicas mitigadoras para as emissões associadas ao transporte marítimo (focadas sobretudo no uso de combustíveis alternativos e práticas sustentáveis) e à atividade portuária, e elaboração de linhas de orientação para a sua implementação.

Entre as dezenas de medidas apontadas, os investigadores sublinham a importância da redução da velocidade dos navios enquanto estão em operação através da redução das rotações por minuto do motor e a utilização de combustíveis alternativos, de modo a diminuir o uso dos combustíveis mais tradicionais no transporte marítimo. Alterações nos motores do navio, de forma a torná-los mais limpos, e a implementação nos navios de um sistema de limpeza de gases de exaustão são outras das muitas medidas propostas.

"Esperamos que estes resultados possam ser particularmente importantes e úteis na gestão e ação política na área do transporte marítimo e dos seus impactes ambientais, colocando assim a ciência e a investigação ao verdadeiro serviço da sociedade", diz Alexandra Monteiro.

Para além de Alexandra Monteiro, também Sandra Sorte, Michael Russo, Carla Gama, Myriam Lopes e Carlos Borrego, todos investigadores do CESAM, e André Neves, aluno do Mestrado Integrado de Engenharia do Ambiente, assinam o estudo.

Estudo alerta para a poluição do tráfego marítima tratando-se de um "cenário preocupante"

Tipo Meio: Internet Data Publicação: 17/10/2019

Meio: Ambiente Magazine Online

URL: http://www.pt.cision.com/s/?l=f01f35df

A poluição atmosférica na costa portuguesa provocada pelo tráfego marítimo representa cerca de "20% da poluição causada pelos óxidos de nitrogénio (NOx), um dos poluentes mais nocivos à saúde humana e ao meio ambiente". Este valor resulta de um estudo da Universidade de Aveiro (UA) que, para ajudar a reduzir esta contribuição, aponta uma "lista de medidas que urgem ser colocadas em prática".

"As emissões marítimas, que compreendem sobretudo os poluentes NOx e o dióxido de enxofre (SO2), têm impacto máximo junto às rotas internacionais, mas este impacto chega à zona costeira, com contribuições que vão de 10 a 20% o no caso dos NOx e acima de 20% para o SO2", aponta em comunicado Alexandra Monteiro, investigadora do Departamento de Ambiente e Ordenamento e do Centro de Estudos do Ambiente e do Mar, uma das unidades de investigação da UA.

A coordenadora do estudo garante tratar-se de um "cenário preocupante" que é urgente combater: "É muito importante colocar no terreno as medidas propostas pela investigação, algumas promovidas pela própria regulação europeia, sobretudo face ao contínuo e esperado aumento do tráfego marítimo".

Os investigadores estimam que atualmente cerca de 90% (75% na Europa, e com tendência a crescer) de toda a troca de mercadorias e bens em todo mundo é realizada por via marítima, o que torna este meio de transporte preocupante em termos de impacto ambiental, sobretudo devido à sua grande dependência no que diz respeito ao uso de combustíveis fósseis, com emissões atmosféricas associadas e potencial impacto na qualidade do ar.

Coordenado por Alexandra Monteiro, o projeto AIRSHIP, financiado pela Fundação para a Ciência e a Tecnologia (FCT) e que terminou recentemente, visou avaliar o impacto na qualidade do ar das emissões do transporte marítimo em Portugal e, com maior detalhe, ao nível local/portuário, tendo como caso de estudo o Porto Leixões e a área urbana envolvente.

Forte impacto na qualidade do ar

No âmbito desse projeto, os investigadores da UA e em colaboração com o Instituto Meteorológico Finlandês, estimaram as emissões atmosféricas associadas ao transporte marítimo em Portugal e avaliaram a contribuição destas emissões na qualidade do ar, recorrendo a um sistema de modelação numérica.

Os resultados revelaram que estas emissões têm um "impacto na qualidade do ar máximo junto às rotas marítimas, chegando até às zonas costeiras" onde se verificam contribuições de 10 a 20% para as concentrações de NOx e inferior a 10% no caso das partículas, dois dos poluentes mais críticos em Portugal, com excedências aos valores limite legislados.

Relativamente aos cruzeiros, as estimativas revelam que as emissões associadas correspondem

apenas a cerca de 5% do total do transporte marítimo. Os estudos que os apontam como grandes poluentes, referem-se principalmente às emissões de SO2 (um poluente que apresenta valores residuais em termos de qualidade do ar em Portugal), já que é verdade que os cruzeiros emitem 28 vezes mais SO2 que o transporte rodoviário (mas 17 vezes menos NOx).

Medidas mitigadoras

Os estudos feitos no projeto AIRSHIP, quer ao nível regional, quer local (caso de estudo Porto de Leixões), envolveram ainda a investigação de medidas estratégicas mitigadoras para as emissões associadas ao transporte marítimo (focadas sobretudo no uso de combustíveis alternativos e práticas sustentáveis) e à atividade portuária, e elaboração de linhas de orientação para a sua implementação.

Entre as dezenas de medidas apontadas, os investigadores sublinham a importância da redução da velocidade dos navios enquanto estão em operação através da redução das rotações por minuto do motor e a utilização de combustíveis alternativos, de modo a diminuir o uso dos combustíveis mais tradicionais no transporte marítimo. Alterações nos motores do navio, de forma a torná-los mais limpos, e a implementação nos navios de um sistema de limpeza de gases de exaustão são outras das muitas medidas propostas.

"Esperamos que estes resultados possam ser particularmente importantes e úteis na gestão e ação política na área do transporte marítimo e dos seus impactes ambientais, colocando assim a ciência e a investigação ao verdadeiro serviço da sociedade", diz Alexandra Monteiro.

Para além de Alexandra Monteiro, também Sandra Sorte, Michael Russo, Carla Gama, Myriam Lopes e Carlos Borrego, todos investigadores do CESAM, e André Neves, aluno do Mestrado Integrado de Engenharia do Ambiente, assinam o estudo.

Poluição do tráfego marítimo é preocupante e pode vir a aumentar

Tipo Meio: Internet Data Publicação: 17/10/2019

Meio: Atlas da Saúde Online

URL: http://www.pt.cision.com/s/?l=fc4230aa

"As emissões marítimas, que compreendem sobretudo os poluentes NOx e o dióxido de enxofre (SO2), têm impacto máximo junto às rotas internacionais, mas este impacto chega à zona costeira, com contribuições que vão de 10 a 20 por cento no caso dos NOx e acima de 20 por cento para o SO2", aponta Alexandra Monteiro, investigadora do Departamento de Ambiente e Ordenamento e do Centro de Estudos do Ambiente e do Mar, uma das unidades de investigação da UA.

A coordenadora do estudo garante tratar-se de um "cenário preocupante" que é urgente combater: "É muito importante colocar no terreno as medidas propostas pela investigação, algumas promovidas pela própria regulação europeia, sobretudo face ao contínuo e esperado aumento do tráfego marítimo".

Os investigadores estimam que atualmente cerca de 90 por cento (75 por cento na Europa, e com tendência a crescer) de toda a troca de mercadorias e bens em todo mundo é realizada por via marítima, o que torna este meio de transporte preocupante em termos de impacto ambiental, sobretudo devido à sua grande dependência no que diz respeito ao uso de combustíveis fósseis, com emissões atmosféricas associadas e potencial impacto na qualidade do ar.

Coordenado por Alexandra Monteiro, o projeto AIRSHIP, financiado pela Fundação para a Ciência e a Tecnologia (FCT) e que terminou recentemente, visou avaliar o impacto na qualidade do ar das emissões do transporte marítimo em Portugal e, com maior detalhe, ao nível local/portuário, tendo como caso de estudo o Porto Leixões e a área urbana envolvente.

A coordenadora do estudo, Alexandra Monteiro, é investigadora do Departamento de Ambiente e Ordenamento e do Centro de Estudos do Ambiente e do Mar da Universidade de Aveiro

Forte impacto na qualidade do ar

No âmbito desse projeto, os investigadores da UA e em colaboração com o Instituto Meteorológico Finlandês, estimaram as emissões atmosféricas associadas ao transporte marítimo em Portugal e avaliaram a contribuição destas emissões na qualidade do ar, recorrendo a um sistema de modelação numérica.

Os resultados revelaram que estas emissões têm um impacto na qualidade do ar máximo junto às rotas marítimas, chegando até às zonas costeiras onde se verificam contribuições de 10 a 20 por cento para as concentrações de NOx e inferior a 10 por cento no caso das partículas, dois dos poluentes mais críticos em Portugal, com excedências aos valores limite legislados.

Relativamente aos cruzeiros, as estimativas revelam que as emissões associadas correspondem apenas a cerca de 5 por cento do total do transporte marítimo. Os estudos que os apontam como grandes poluentes, referem-se principalmente às emissões de SO2 (um poluente que apresenta valores residuais em termos de qualidade do ar em Portugal), já que é verdade que os cruzeiros emitem 28 vezes mais SO2 que o transporte rodoviário (mas 17 vezes menos NOx).

Medidas mitigadoras

Os estudos feitos no projeto AIRSHIP, quer ao nível regional, quer local (caso de estudo Porto de Leixões), envolveram ainda a investigação de medidas estratégicas mitigadoras para as emissões associadas ao transporte marítimo (focadas sobretudo no uso de combustíveis alternativos e práticas sustentáveis) e à atividade portuária, e elaboração de linhas de orientação para a sua implementação.

Entre as dezenas de medidas apontadas, os investigadores sublinham a importância da redução da velocidade dos navios enquanto estão em operação através da redução das rotações por minuto do motor e a utilização de combustíveis alternativos, de modo a diminuir o uso dos combustíveis mais tradicionais no transporte marítimo. Alterações nos motores do navio, de forma a torná-los mais limpos, e a implementação nos navios de um sistema de limpeza de gases de exaustão são outras das muitas medidas propostas.

"Esperamos que estes resultados possam ser particularmente importantes e úteis na gestão e ação política na área do transporte marítimo e dos seus impactes ambientais, colocando assim a ciência e a investigação ao verdadeiro serviço da sociedade", diz Alexandra Monteiro.

Para além de Alexandra Monteiro, também Sandra Sorte, Michael Russo, Carla Gama, Myriam Lopes e Carlos Borrego, todos investigadores do CESAM, e André Neves, aluno do Mestrado Integrado de Engenharia do Ambiente, assinam o estudo.

Poluição do tráfego marítimo é preocupante e pode vir a aumentar

Tipo Meio: Internet Data Publicação: 17/10/2019

Meio: Barlavento Online

URL: http://www.pt.cision.com/s/?l=b66c49a8

A poluição atmosférica na costa portuguesa provocada pelo tráfego marítimo representa cerca de 20 por cento da poluição causada pelos óxidos de nitrogénio (NOx), um dos poluentes mais nocivos à saúde humana e ao meio ambiente. Este valor vem de um estudo da Universidade de Aveiro (UA) que, para ajudar a reduzir esta contribuição, aponta uma lista de medidas que urgem ser colocadas em prática.

A poluição atmosférica na costa portuguesa provocada pelo tráfego marítimo representa cerca de 20 por cento da poluição causada pelos óxidos de nitrogénio (NOx), um dos poluentes mais nocivos à saúde humana e ao meio ambiente. Este valor vem de um estudo da Universidade de Aveiro (UA) que, para ajudar a reduzir esta contribuição, aponta uma lista de medidas que urgem ser colocadas em prática.

As emissões marítimas, que compreendem sobretudo os poluentes NOx e o dióxido de enxofre (SO2), têm impacto máximo junto às rotas internacionais, mas este impacto chega à zona costeira, com contribuições que vão de 10 a 20 por cento no caso dos NOx e acima de 20 por cento para o SO2 , aponta Alexandra Monteiro, investigadora do Departamento de Ambiente e Ordenamento e do Centro de Estudos do Ambiente e do Mar, uma das unidades de investigação da UA.

A coordenadora do estudo garante tratar-se de um "cenário preocupante" que é urgente combater: é muito importante colocar no terreno as medidas propostas pela investigação, algumas promovidas pela própria regulação europeia, sobretudo face ao contínuo e esperado aumento do tráfego marítimo .

Os investigadores estimam que atualmente cerca de 90 por cento (75 por cento na Europa, e com tendência a crescer) de toda a troca de mercadorias e bens em todo mundo é realizada por via marítima, o que torna este meio de transporte preocupante em termos de impacto ambiental, sobretudo devido à sua grande dependência no que diz respeito ao uso de combustíveis fósseis, com emissões atmosféricas associadas e potencial impacto na qualidade do ar.

Coordenado por Alexandra Monteiro, o projeto AIRSHIP, financiado pela Fundação para a Ciência e a Tecnologia (FCT) e que terminou recentemente, visou avaliar o impacto na qualidade do ar das emissões do transporte marítimo em Portugal e, com maior detalhe, ao nível local/portuário, tendo como caso de estudo o Porto Leixões e a área urbana envolvente.

Forte impacto na qualidade do ar

No âmbito desse projeto, os investigadores da UA e em colaboração com o Instituto Meteorológico Finlandês, estimaram as emissões atmosféricas associadas ao transporte marítimo em Portugal e avaliaram a contribuição destas emissões na qualidade do ar, recorrendo a um sistema de modelação numérica.

Os resultados revelaram que estas emissões têm um impacto na qualidade do ar máximo junto às rotas marítimas, chegando até às zonas costeiras onde se verificam contribuições de 10 a 20 por cento

para as concentrações de NOx e inferior a 10 por cento no caso das partículas, dois dos poluentes mais críticos em Portugal, com excedências aos valores limite legislados.

Relativamente aos cruzeiros, as estimativas revelam que as emissões associadas correspondem apenas a cerca de 5 por cento do total do transporte marítimo. Os estudos que os apontam como grandes poluentes, referem-se principalmente às emissões de SO2 (um poluente que apresenta valores residuais em termos de qualidade do ar em Portugal), já que é verdade que os cruzeiros emitem 28 vezes mais SO2 que o transporte rodoviário (mas 17 vezes menos NOx).

Medidas mitigadoras

Os estudos feitos no projeto AIRSHIP, quer ao nível regional, quer local (caso de estudo Porto de Leixões), envolveram ainda a investigação de medidas estratégicas mitigadoras para as emissões associadas ao transporte marítimo (focadas sobretudo no uso de combustíveis alternativos e práticas sustentáveis) e à atividade portuária, e elaboração de linhas de orientação para a sua implementação.

Entre as dezenas de medidas apontadas, os investigadores sublinham a importância da redução da velocidade dos navios enquanto estão em operação através da redução das rotações por minuto do motor e a utilização de combustíveis alternativos, de modo a diminuir o uso dos combustíveis mais tradicionais no transporte marítimo.

Alterações nos motores do navio, de forma a torná-los mais limpos, e a implementação nos navios de um sistema de limpeza de gases de exaustão são outras das muitas medidas propostas.

Esperamos que estes resultados possam ser particularmente importantes e úteis na gestão e ação política na área do transporte marítimo e dos seus impactes ambientais, colocando assim a ciência e a investigação ao verdadeiro serviço da sociedade , diz Alexandra Monteiro.

Para além de Alexandra Monteiro, também Sandra Sorte, Michael Russo, Carla Gama, Myriam Lopes e Carlos Borrego, todos investigadores do CESAM, e André Neves, aluno do Mestrado Integrado de Engenharia do Ambiente, assinam o estudo.

[Additional Text]:
Print Icon

barlavento

Poluição do tráfego marítimo na costa portuguesa é preocupante e pode vir a aumentar

Tipo Meio: Internet Data Publicação: 17/10/2019

Meio: Green Savers Online

URL: http://www.pt.cision.com/s/?l=d71a6e84

Poluição do tráfego marítimo na costa portuguesa é preocupante e pode vir a aumentar

Ambiente

Por GreenSavers

Em Out 17, 2019

A poluição atmosférica na costa portuguesa provocada pelo tráfego marítimo representa cerca de 20 por cento da poluição causada pelos óxidos de nitrogénio (NOx), um dos poluentes mais nocivos à saúde humana e ao meio ambiente. Este valor vem de um estudo da Universidade de Aveiro (UA) que, para ajudar a reduzir esta contribuição, aponta uma lista de medidas que urgem ser colocadas em prática.

"As emissões marítimas, que compreendem sobretudo os poluentes NOx e o dióxido de enxofre (SO2), têm impacto máximo junto às rotas internacionais, mas este impacto chega à zona costeira, com contribuições que vão de 10 a 20 por cento no caso dos NOx e acima de 20 por cento para o SO2", aponta Alexandra Monteiro, investigadora do Departamento de Ambiente e Ordenamento e do Centro de Estudos do Ambiente e do Mar, uma das unidades de investigação da UA.

A coordenadora do estudo garante tratar-se de um "cenário preocupante" que é urgente combater: "É muito importante colocar no terreno as medidas propostas pela investigação, algumas promovidas pela própria regulação europeia, sobretudo face ao contínuo e esperado aumento do tráfego marítimo".

Os investigadores estimam que atualmente cerca de 90 por cento (75 por cento na Europa, e com tendência a crescer) de toda a troca de mercadorias e bens em todo mundo é realizada por via marítima, o que torna este meio de transporte preocupante em termos de impacto ambiental, sobretudo devido à sua grande dependência no que diz respeito ao uso de combustíveis fósseis, com emissões atmosféricas associadas e potencial impacto na qualidade do ar.

Coordenado por Alexandra Monteiro, o projeto AIRSHIP, financiado pela Fundação para a Ciência e a Tecnologia (FCT) e que terminou recentemente, visou avaliar o impacto na qualidade do ar das emissões do transporte marítimo em Portugal e, com maior detalhe, ao nível local/portuário, tendo como caso de estudo o Porto Leixões e a área urbana envolvente.

Forte impacto na qualidade do ar

No âmbito desse projeto, os investigadores da UA e em colaboração com o Instituto Meteorológico Finlandês, estimaram as emissões atmosféricas associadas ao transporte marítimo em Portugal e avaliaram a contribuição destas emissões na qualidade do ar, recorrendo a um sistema de modelação

numérica.

Os resultados revelaram que estas emissões têm um impacto na qualidade do ar máximo junto às rotas marítimas, chegando até às zonas costeiras onde se verificam contribuições de 10 a 20 por cento para as concentrações de NOx e inferior a 10 por cento no caso das partículas, dois dos poluentes mais críticos em Portugal, com excedências aos valores limite legislados.

Relativamente aos cruzeiros, as estimativas revelam que as emissões associadas correspondem apenas a cerca de 5 por cento do total do transporte marítimo. Os estudos que os apontam como grandes poluentes, referem-se principalmente às emissões de SO2 (um poluente que apresenta valores residuais em termos de qualidade do ar em Portugal), já que é verdade que os cruzeiros emitem 28 vezes mais SO2 que o transporte rodoviário (mas 17 vezes menos NOx).

Medidas mitigadoras

Os estudos feitos no projeto AIRSHIP, quer ao nível regional, quer local (caso de estudo Porto de Leixões), envolveram ainda a investigação de medidas estratégicas mitigadoras para as emissões associadas ao transporte marítimo (focadas sobretudo no uso de combustíveis alternativos e práticas sustentáveis) e à atividade portuária, e elaboração de linhas de orientação para a sua implementação.

Entre as dezenas de medidas apontadas, os investigadores sublinham a importância da redução da velocidade dos navios enquanto estão em operação através da redução das rotações por minuto do motor e a utilização de combustíveis alternativos, de modo a diminuir o uso dos combustíveis mais tradicionais no transporte marítimo. Alterações nos motores do navio, de forma a torná-los mais limpos, e a implementação nos navios de um sistema de limpeza de gases de exaustão são outras das muitas medidas propostas.

"Esperamos que estes resultados possam ser particularmente importantes e úteis na gestão e ação política na área do transporte marítimo e dos seus impactes ambientais, colocando assim a ciência e a investigação ao verdadeiro serviço da sociedade", diz Alexandra Monteiro.

Para além de Alexandra Monteiro, também Sandra Sorte, Michael Russo, Carla Gama, Myriam Lopes e Carlos Borrego, todos investigadores do CESAM, e André Neves, aluno do Mestrado Integrado de Engenharia do Ambiente, assinam o estudo.

Continuar a ler

Partilhar

Poluição do tráfego marítimo é preocupante e pode vir a aumentar

Tipo Meio: Internet Data Publicação: 17/10/2019

Meio: Medjournal Online

URL: http://www.pt.cision.com/s/?l=9aa15c12

Estudo da Universidade de Aveiro

A poluição atmosférica na costa portuguesa provocada pelo tráfego marítimo representa cerca de 20 por cento da poluição causada pelos óxidos de nitrogénio (NOx), um dos poluentes mais nocivos à saúde humana e ao meio ambiente. Este valor vem de um estudo da Universidade de Aveiro (UA) que, para ajudar a reduzir esta contribuição, aponta uma lista de medidas que urgem ser colocadas em prática.

"As emissões marítimas, que compreendem sobretudo os poluentes NOx e o dióxido de enxofre (SO2), têm impacto máximo junto às rotas internacionais, mas este impacto chega à zona costeira, com contribuições que vão de 10 a 20 por cento no caso dos NOx e acima de 20 por cento para o SO2", aponta Alexandra Monteiro, investigadora do Departamento de Ambiente e Ordenamento e do Centro de Estudos do Ambiente e do Mar, uma das unidades de investigação da UA.

A coordenadora do estudo garante tratar-se de um "cenário preocupante" que é urgente combater: "É muito importante colocar no terreno as medidas propostas pela investigação, algumas promovidas pela própria regulação europeia, sobretudo face ao contínuo e esperado aumento do tráfego marítimo".

Os investigadores estimam que atualmente cerca de 90 por cento (75 por cento na Europa, e com tendência a crescer) de toda a troca de mercadorias e bens em todo mundo é realizada por via marítima, o que torna este meio de transporte preocupante em termos de impacto ambiental, sobretudo devido à sua grande dependência no que diz respeito ao uso de combustíveis fósseis, com emissões atmosféricas associadas e potencial impacto na qualidade do ar.

Coordenado por Alexandra Monteiro, o projeto AIRSHIP, financiado pela Fundação para a Ciência e a Tecnologia (FCT) e que terminou recentemente, visou avaliar o impacto na qualidade do ar das emissões do transporte marítimo em Portugal e, com maior detalhe, ao nível local/portuário, tendo como caso de estudo o Porto Leixões e a área urbana envolvente.

Forte impacto na qualidade do ar

No âmbito desse projeto, os investigadores da UA e em colaboração com o Instituto Meteorológico Finlandês, estimaram as emissões atmosféricas associadas ao transporte marítimo em Portugal e avaliaram a contribuição destas emissões na qualidade do ar, recorrendo a um sistema de modelação numérica.

Os resultados revelaram que estas emissões têm um impacto na qualidade do ar máximo junto às rotas marítimas, chegando até às zonas costeiras onde se verificam contribuições de 10 a 20 por cento para as concentrações de NOx e inferior a 10 por cento no caso das partículas, dois dos poluentes mais críticos em Portugal, com excedências aos valores limite legislados.

Relativamente aos cruzeiros, as estimativas revelam que as emissões associadas correspondem

apenas a cerca de 5 por cento do total do transporte marítimo. Os estudos que os apontam como grandes poluentes, referem-se principalmente às emissões de SO2 (um poluente que apresenta valores residuais em termos de qualidade do ar em Portugal), já que é verdade que os cruzeiros emitem 28 vezes mais SO2 que o transporte rodoviário (mas 17 vezes menos NOx).

Medidas mitigadoras

Os estudos feitos no projeto AIRSHIP, quer ao nível regional, quer local (caso de estudo Porto de Leixões), envolveram ainda a investigação de medidas estratégicas mitigadoras para as emissões associadas ao transporte marítimo (focadas sobretudo no uso de combustíveis alternativos e práticas sustentáveis) e à atividade portuária, e elaboração de linhas de orientação para a sua implementação.

Entre as dezenas de medidas apontadas, os investigadores sublinham a importância da redução da velocidade dos navios enquanto estão em operação através da redução das rotações por minuto do motor e a utilização de combustíveis alternativos, de modo a diminuir o uso dos combustíveis mais tradicionais no transporte marítimo. Alterações nos motores do navio, de forma a torná-los mais limpos, e a implementação nos navios de um sistema de limpeza de gases de exaustão são outras das muitas medidas propostas.

"Esperamos que estes resultados possam ser particularmente importantes e úteis na gestão e ação política na área do transporte marítimo e dos seus impactes ambientais, colocando assim a ciência e a investigação ao verdadeiro serviço da sociedade", diz Alexandra Monteiro.

Para além de Alexandra Monteiro, também Sandra Sorte, Michael Russo, Carla Gama, Myriam Lopes e Carlos Borrego, todos investigadores do CESAM, e André Neves, aluno do Mestrado Integrado de Engenharia do Ambiente, assinam o estudo.

Investigadora Alexandra Monteiro

Lusodados - www.lusodados.pt

Poluição do tráfego marítimo é preocupante e pode vir a aumentar

Tipo Meio: Internet Data Publicação: 17/10/2019

Meio: Notícias de Coimbra Online

URL: http://www.pt.cision.com/s/?l=66e795f6

Universidade

Poluição do tráfego marítimo é preocupante e pode vir a aumentar

por Notícias de Coimbra

Outubro 17, 2019

A poluição atmosférica na costa portuguesa provocada pelo tráfego marítimo representa cerca de 20 por cento da poluição causada pelos óxidos de nitrogénio (NOx), um dos poluentes mais nocivos à saúde humana e ao meio ambiente. Este valor vem de um estudo da Universidade de Aveiro (UA) que, para ajudar a reduzir esta contribuição, aponta uma lista de medidas que urgem ser colocadas em prática.

"As emissões marítimas, que compreendem sobretudo os poluentes NOx e o dióxido de enxofre (SO2), têm impacto máximo junto às rotas internacionais, mas este impacto chega à zona costeira, com contribuições que vão de 10 a 20 por cento no caso dos NOx e acima de 20 por cento para o SO2", aponta Alexandra Monteiro, investigadora do Departamento de Ambiente e Ordenamento e do Centro de Estudos do Ambiente e do Mar, uma das unidades de investigação da UA.

A coordenadora do estudo garante tratar-se de um "cenário preocupante" que é urgente combater: "É muito importante colocar no terreno as medidas propostas pela investigação, algumas promovidas pela própria regulação europeia, sobretudo face ao contínuo e esperado aumento do tráfego marítimo".

Os investigadores estimam que atualmente cerca de 90 por cento (75 por cento na Europa, e com tendência a crescer) de toda a troca de mercadorias e bens em todo mundo é realizada por via marítima, o que torna este meio de transporte preocupante em termos de impacto ambiental, sobretudo devido à sua grande dependência no que diz respeito ao uso de combustíveis fósseis, com emissões atmosféricas associadas e potencial impacto na qualidade do ar.

Coordenado por Alexandra Monteiro, o projeto AIRSHIP, financiado pela Fundação para a Ciência e a Tecnologia (FCT) e que terminou recentemente, visou avaliar o impacto na qualidade do ar das emissões do transporte marítimo em Portugal e, com maior detalhe, ao nível local/portuário, tendo como caso de estudo o Porto Leixões e a área urbana envolvente.

No âmbito desse projeto, os investigadores da UA e em colaboração com o Instituto Meteorológico Finlandês, estimaram as emissões atmosféricas associadas ao transporte marítimo em Portugal e avaliaram a contribuição destas emissões na qualidade do ar, recorrendo a um sistema de modelação numérica.

Os resultados revelaram que estas emissões têm um impacto na qualidade do ar máximo junto às rotas marítimas, chegando até às zonas costeiras onde se verificam contribuições de 10 a 20 por cento

para as concentrações de NOx e inferior a 10 por cento no caso das partículas, dois dos poluentes mais críticos em Portugal, com excedências aos valores limite legislados.

Relativamente aos cruzeiros, as estimativas revelam que as emissões associadas correspondem apenas a cerca de 5 por cento do total do transporte marítimo. Os estudos que os apontam como grandes poluentes, referem-se principalmente às emissões de SO2 (um poluente que apresenta valores residuais em termos de qualidade do ar em Portugal), já que é verdade que os cruzeiros emitem 28 vezes mais SO2 que o transporte rodoviário (mas 17 vezes menos NOx).

Os estudos feitos no projeto AIRSHIP, quer ao nível regional, quer local (caso de estudo Porto de Leixões), envolveram ainda a investigação de medidas estratégicas mitigadoras para as emissões associadas ao transporte marítimo (focadas sobretudo no uso de combustíveis alternativos e práticas sustentáveis) e à atividade portuária, e elaboração de linhas de orientação para a sua implementação.

Entre as dezenas de medidas apontadas, os investigadores sublinham a importância da redução da velocidade dos navios enquanto estão em operação através da redução das rotações por minuto do motor e a utilização de combustíveis alternativos, de modo a diminuir o uso dos combustíveis mais tradicionais no transporte marítimo. Alterações nos motores do navio, de forma a torná-los mais limpos, e a implementação nos navios de um sistema de limpeza de gases de exaustão são outras das muitas medidas propostas.

"Esperamos que estes resultados possam ser particularmente importantes e úteis na gestão e ação política na área do transporte marítimo e dos seus impactes ambientais, colocando assim a ciência e a investigação ao verdadeiro serviço da sociedade", diz Alexandra Monteiro.

Para além de Alexandra Monteiro, também Sandra Sorte, Michael Russo, Carla Gama, Myriam Lopes e Carlos Borrego, todos investigadores do CESAM, e André Neves, aluno do Mestrado Integrado de Engenharia do Ambiente, assinam o estudo.

email

PARTILHE ESTA NOTÍCIA COM OS SEUS AMIGOS

Notícias de Coimbra

Poluição do tráfego marítimo "é preocupante e pode vir a aumentar", alerta estudo

Tipo Meio: Internet Data Publicação: 17/10/2019

Meio: Sapo Online - Sapo Lifestyle Online

URL: http://www.pt.cision.com/s/?l=28b9750d

A poluição atmosférica na costa portuguesa provocada pelo tráfego marítimo representa cerca de 20 por cento da poluição causada pelos óxidos de nitrogénio (NOx), um dos poluentes mais nocivos à saúde humana e ao meio ambiente. Este valor vem de um estudo da Universidade de Aveiro (UA) que, para ajudar a reduzir esta contribuição, aponta uma lista de medidas que urgem ser colocadas em prática.

"As emissões marítimas, que compreendem sobretudo os poluentes NOx e o dióxido de enxofre (SO2), têm impacto máximo junto às rotas internacionais, mas este impacto chega à zona costeira, com contribuições que vão de 10 a 20 por cento no caso dos NOx e acima de 20 por cento para o SO2", aponta Alexandra Monteiro, investigadora do Departamento de Ambiente e Ordenamento e do Centro de Estudos do Ambiente e do Mar, uma das unidades de investigação da UA.

A coordenadora do estudo garante tratar-se de um "cenário preocupante" que é urgente combater: "É muito importante colocar no terreno as medidas propostas pela investigação, algumas promovidas pela própria regulação europeia, sobretudo face ao contínuo e esperado aumento do tráfego marítimo".

Os investigadores estimam que atualmente cerca de 90 por cento (75 por cento na Europa, e com tendência a crescer) de toda a troca de mercadorias e bens em todo mundo é realizada por via marítima, o que torna este meio de transporte preocupante em termos de impacto ambiental, sobretudo devido à sua grande dependência no que diz respeito ao uso de combustíveis fósseis, com emissões atmosféricas associadas e potencial impacto na qualidade do ar.

Alexandra Monteiro, investigadora do Departamento de Ambiente e Ordenamento e do Centro de Estudos do Ambiente e do MarAlexandra Monteiro, investigadora do Departamento de Ambiente e Ordenamento e do Centro de Estudos do Ambiente e do Marcréditos: Universidade de Aveiro" data-title="Alexandra Monteiro, investigadora do Departamento de Ambiente e Ordenamento e do Centro de Estudos do Ambiente e do Mar - Poluição do tráfego marítimo "é preocupante e pode vir a aumentar", alerta estudo - SAPO Lifestyle"

Alexandra Monteiro, investigadora do Departamento de Ambiente e Ordenamento e do Centro de Estudos do Ambiente e do Mar créditos: Universidade de Aveiro

Coordenado por Alexandra Monteiro, o projeto AIRSHIP, financiado pela Fundação para a Ciência e a Tecnologia (FCT) e que terminou recentemente, visou avaliar o impacto na qualidade do ar das emissões do transporte marítimo em Portugal e, com maior detalhe, ao nível local/portuário, tendo como caso de estudo o Porto Leixões e a área urbana envolvente.

Forte impacto na qualidade do ar

No âmbito desse projeto, os investigadores da UA e em colaboração com o Instituto Meteorológico Finlandês, estimaram as emissões atmosféricas associadas ao transporte marítimo em Portugal e avaliaram a contribuição destas emissões na qualidade do ar, recorrendo a um sistema de modelação

numérica.

Os resultados revelaram que estas emissões têm um impacto na qualidade do ar máximo junto às rotas marítimas, chegando até às zonas costeiras onde se verificam contribuições de 10 a 20 por cento para as concentrações de NOx e inferior a 10 por cento no caso das partículas, dois dos poluentes mais críticos em Portugal, com excedências aos valores limite legislados.

Continuar a ler

Relativamente aos cruzeiros, as estimativas revelam que as emissões associadas correspondem apenas a cerca de 5 por cento do total do transporte marítimo. Os estudos que os apontam como grandes poluentes, referem-se principalmente às emissões de SO2 (um poluente que apresenta valores residuais em termos de qualidade do ar em Portugal), já que é verdade que os cruzeiros emitem 28 vezes mais SO2 que o transporte rodoviário (mas 17 vezes menos NOx).

Medidas mitigadoras

Os estudos feitos no projeto AIRSHIP, quer ao nível regional, quer local (caso de estudo Porto de Leixões), envolveram ainda a investigação de medidas estratégicas mitigadoras para as emissões associadas ao transporte marítimo (focadas sobretudo no uso de combustíveis alternativos e práticas sustentáveis) e à atividade portuária, e elaboração de linhas de orientação para a sua implementação.

Entre as dezenas de medidas apontadas, os investigadores sublinham a importância da redução da velocidade dos navios enquanto estão em operação através da redução das rotações por minuto do motor e a utilização de combustíveis alternativos, de modo a diminuir o uso dos combustíveis mais tradicionais no transporte marítimo. Alterações nos motores do navio, de forma a torná-los mais limpos, e a implementação nos navios de um sistema de limpeza de gases de exaustão são outras das muitas medidas propostas.

"Esperamos que estes resultados possam ser particularmente importantes e úteis na gestão e ação política na área do transporte marítimo e dos seus impactes ambientais, colocando assim a ciência e a investigação ao verdadeiro serviço da sociedade", diz Alexandra Monteiro.

Para além de Alexandra Monteiro, também Sandra Sorte, Michael Russo, Carla Gama, Myriam Lopes e Carlos Borrego, todos investigadores do CESAM, e André Neves, aluno do Mestrado Integrado de Engenharia do Ambiente, assinam o estudo.

SAPO

Solução Life Reforest é implementada em áreas-piloto afetadas por incêndios

Tipo Meio: Internet Data Publicação: 16/10/2019

Meio: Revista O Instalador Online

URL: http://www.pt.cision.com/s/?l=2dcd2c34

Projeto LIFE REFOREST

O projeto europeu LIFE REFOREST iniciou a implementação e validação do seu sistema de micotecnossolos para mitigar a erosão e a perda de solo em áreas afetadas por incêndios florestais em Portugal e na Galiza.

O projeto financiado pelo Programa Europeu LIFE, liderado por CETIM - Centro Tecnológico da Corunha, tem como objetivo a mitigação da erosão e da perda de solo em zonas afetadas por incêndios florestais mediante um sistema inovador baseado em micotecnossolos. Uma combinação de resíduos orgânicos estabilizados e inoculados com fungos, contidos numa rede em forma de tubo composto por material biodegradável.

O projeto LIFE REFOREST além de contribuir para a melhoria dos solos afetados por incêndios na Europa, apoia a transição para uma economia circular através da recuperação de resíduos e subprodutos. Da mesma forma, as Estratégias Europeias de Solo e Florestas e a Diretiva Europeia da Água são igualmente favorecidas pelo desenvolvimento deste projeto.

As empresas galegas Hifas da Terra e TEN Tecnosuelos, com a colaboração do Centro de Estudos do Ambiente e do Mar (CESAM) da Universidade de Aveiro em Portugal e o CETIM (Espanha), desenvolveram e otimizaram o sistema, para dar início à sua validação este mês em áreas florestais ardidas.

Concluídas as tarefas de caraterização, formulação, desenho e desenvolvimento no laboratório da solução LIFE REFOREST está-se a dar inicio à sua instalação no campo, para ser testada a sua eficácia. Duas áreas florestais, recentemente afetadas por incêndios em Oliveira de Azeméis (distrito de Aveiro) e no município de Mondariz (Pontevedra, Espanha), foram os locais escolhidos para realizar a avaliação do retorno desta solução e a testar a sua evolução.

A FORESTIS - Associação Florestal de Portugal e AFG - Associação Florestal da Galiza, parceiros do projeto, selecionaram as áreas ardidas melhor adequadas ao projeto e, juntamente com o CESAM e o CETIM, procederam à instalação rápida e eficiente da solução em ambas as parcelas piloto.

Recorde-se que Portugal e Espanha destacam-se por serem os países da Europa mais afetados por incêndios florestais. Na Europa, 80% da área ardida está concentrada no Mediterrâneo, sendo que ambos os países apresentam o maior número de área afetada.

Mais de 200 m2 de área florestal ardida foi protegida com mangas biodegradáveis de micotecnossolos, que irão permitir uma rápida recuperação do coberto vegetal, minimizando também a contaminação de linhas de água próximas a essas áreas.

Além disso, o micotecnossolo LIFE REFOREST fornecerá matéria orgânica e nutrientes ao solo, bem como sementes de plantas herbáceas de rápido crescimento, para acelerar a restauração do subcoberto - eucalipto em Portugal e pinhal na Galiza -, promovendo a infiltração de água.

A retenção da estrutura do solo, graças ao rápido desenvolvimento do micélio fúngico, irá garantir a recuperação dos dois ecossistemas - espera-se alcançar uma redução em 70% na erosão dos solos.

Durante os próximos dois anos, até o verão de 2021, ambas as associações, CESAM, Hifas da Terra, TEN Tecnosuelos, Indutec Ingenieros e CETIM irão validar a eficácia do sistema LIFE REFOREST relativo à erosão do solo e à poluição das águas de escoamento, avaliando a sua replicabilidade.

Para facilitar a implementação da solução LIFE REFOREST no mercado, o projeto irá desenvolver guias que ajudam a replicabilidade e a transferibilidade do sistema para outras áreas ardidas na Europa. Paralelamente à validação técnica da solução, a Indutec Ingenieros realizará a análise do ciclo de vida, para avaliar o impacto ambiental da nova solução, bem como a análise dos custos económicos associados.

[Additional Text]:
foto

O Instalador

Solução LIFE REFOREST em áreas piloto afetadas por incêndios

Tipo Meio: Internet Data Publicação: 16/10/2019

Meio: Voz do Campo Online

URL: http://www.pt.cision.com/s/?l=75cb13ec

O projeto europeu LIFE REFOREST iniciou a implementação e validação do seu sistema de micotecnossolos para mitigar a erosão e a perda de solo em áreas afetadas por incêndios florestais em Portugal e na Galiza.

O projeto financiado pelo Programa Europeu LIFE, liderado por CETIM - Centro Tecnológico da Corunha, tem como objetivo a mitigação da erosão e da perda de solo em zonas afetadas por incêndios florestais mediante um sistema inovador baseado em micotecnossolos. Uma combinação de resíduos orgânicos estabilizados e inoculados com fungos, contidos numa rede em forma de tubo composto por material biodegradável.

As empresas galegas Hifas da Terra e TEN Tecnosuelos, com a colaboração do Centro de Estudos do Ambiente e do Mar (CESAM) da Universidade de Aveiro em Portugal e o CETIM (Espanha), desenvolveram e otimizaram o sistema, para dar início à sua validação este mês em áreas florestais ardidas.

Concluídas as tarefas de caraterização, formulação, desenho e desenvolvimento no laboratório da solução LIFE REFOREST está-se a dar inicio à sua instalação no campo, para ser testada a sua eficácia. Duas áreas florestais, recentemente afetadas por incêndios em Oliveira de Azeméis (distrito de Aveiro) e no município de Mondariz (Pontevedra, Espanha), foram os locais escolhidos para realizar a avaliação do retorno desta solução e a testar a sua evolução.

A FORESTIS - Associação Florestal de Portugal e AFG - Associação Florestal da Galiza, parceiros do projeto, selecionaram as áreas ardidas melhor adequadas ao projeto e, juntamente com o CESAM e o CETIM, procederam à instalação rápida e eficiente da solução em ambas as parcelas piloto.

O projeto é muito relevante dado que Portugal e Espanha destacam-se por serem os países da Europa mais afetados por incêndios florestais. Na Europa, 80% da área ardida está concentrada no Mediterrâneo, sendo que ambos os países apresentam o maior número de área afetada.

Mais de 200 m2 de área florestal ardida foi protegida com mangas biodegradáveis de micotecnossolos, que irão permitir uma rápida recuperação do coberto vegetal, minimizando também a contaminação de linhas de água próximas a essas áreas.

Além disso, o micotecnossolo LIFE REFOREST fornecerá matéria orgânica e nutrientes ao solo, bem como sementes de plantas herbáceas de rápido crescimento, para acelerar a restauração do subcoberto - eucalipto em Portugal e pinhal na Galiza -, promovendo a infiltração de água.

A retenção da estrutura do solo, graças ao rápido desenvolvimento do micélio fúngico, irá garantir a recuperação dos dois ecossistemas - espera-se alcançar uma redução em 70% na erosão dos solos.

Durante os próximos dois anos, até o verão de 2021, ambas as associações, CESAM, Hifas da Terra, TEN Tecnosuelos, Indutec Ingenieros e CETIM irão validar a eficácia do sistema LIFE REFOREST relativo à erosão do solo e à poluição das águas de escoamento, avaliando a sua replicabilidade.

Para facilitar a implementação da solução LIFE REFOREST no mercado, o projeto irá desenvolver guias que ajudam a replicabilidade e a transferibilidade do sistema para outras áreas ardidas na Europa. Paralelamente à validação técnica da solução, a Indutec Ingenieros realizará a análise do ciclo de vida, para avaliar o impacto ambiental da nova solução, bem como a análise dos custos económicos associados.

O projeto LIFE REFOREST além de contribuir para a melhoria dos solos afetados por incêndios na Europa, apoia a transição para uma economia circular através da recuperação de resíduos e subprodutos. Da mesma forma, as Estratégias Europeias de Solo e Florestas e a Diretiva Europeia da Água são igualmente favorecidas pelo desenvolvimento deste projeto.

Fonte: FORESTIS

CISION

MAGAZINE NOTÍCIAS

ID: 82951971

13-10-2019

Meio: Imprensa
País: Portugal
Period.: Semanal
Âmbito: Interesse Geral

Pág: 9
Cores: Cor
Área: 24,50 x 31,00 cm²
Corte: 1 de 1



PORTUGUESES EXTRAORDINÁRIOS

POR *Ana Tulha*

Diana Madeira
A cuidadora dos organismos marinhos



DIREITOS RESERVADOS

Aos 31 anos, Diana Madeira é a responsável por uma investigação premiada que visa compreender o modo como peixes e demais espécies aquáticas respondem às alterações climáticas e à poluição.

Há vivências aparentemente vulgares da nossa infância que podem ser premonitórias. No caso de Diana Madeira, foram as horas passadas na quinta do avô a observar tudo o que era animal e planta. Depois, foi juntar-lhe a afeição pelo mar, herdada do pai, oficial da Marinha. E o futuro já quase estava escrito. Aos 31 anos, Diana Madeira é licenciada em Biologia, mestre em Ecologia Marinha, doutorada em Química Sustentável e está a caminho de ter um pós-doutoramento relacionado com alterações climáticas no meio marinho. Se dúvidas houvesse, o facto de ter sido distinguida com o prémio "Mulheres na Ciência", em fevereiro, atesta o sucesso do percurso.

A distinção é tanto um reconhecimento como um incentivo à investigação que esta lisboeta de 31 anos tem vindo a conduzir no Centro de Estudos do Ambiente e do Mar (CESAM) da Universidade de Aveiro. Será que os organismos marinhos vão conseguir adaptar-se a um oceano cada vez mais pressionado pelas alterações climáticas e pela poluição? É esta a questão-base que tem norteado o trabalho de Diana Madeira.

Desde 2017 que a investigadora pretende perceber quais os mecanismos moleculares e celulares que os invertebrados marinhos induzem para responder a pressões ambientais e de que forma estes estão relacionados com parâmetros como a capacidade de sobrevivência e o sucesso reprodutivo. No caso desta investigação, há uma vantagem acrescida: um limite temporal alargado, o que permite estudar o que pode acontecer ao longo de várias gerações.

↑ Natural de Lisboa, Diana Madeira é investigadora do Centro de Estudos do Ambiente e do Mar da Universidade de Aveiro

Ora, num tempo em que os sentidos da preocupação ambiental estão mais despertos do que nunca, a questão impõe-se: há boas notícias? Diana é cautelosa. "A expectativa é que, ao longo das gerações, os efeitos nefastos possam ser atenuados, pelo menos nas espécies que tenham mais tolerância. Poderão ter mecanismos que lhes permitam sobreviver." Mas nada de otimismos excessivos. "É óbvio que tem de haver uma alteração dos comportamentos que temos, de forma a ser possível alguma sustentabilidade ambiental. Não basta esperar que os organismos se adaptem."

Diana tem fé na mudança, até porque gosta de acreditar que também ela está a dar um pequeno contributo. "O meu objetivo, quando escolhi esta área, sempre foi melhorar o Mundo de alguma maneira. Por isso é que não me vejo a sair da ciência. Talvez esta seja a minha forma de melhorar alguma coisa no Mundo."

Desafios do mar português em reflexão em Ílhavo

Tipo Meio: Internet Data Publicação: 10/10/2019

Meio: Revista O Instalador Online

URL: http://www.pt.cision.com/s/?l=6bc1ee18

Evento decorre no Museu Marítimo de Ílhavo e é promovido pela autarquia local

A 8.ª edição do Seminário Desafios do Mar, agendada para 19 de outubro, tem como tema "Portugal e o Mar: um novo regresso".

Desde 2012, este seminário tem vindo a afirmar-se no panorama da cultura marítima como um evento de referência a nível nacional, trazendo para a linha da frente as problemáticas em torno da relação de Portugal com o Mar.

A edição 2019 abordará o posicionamento nacional perante os oceanos, numa visão que percorre o legado histórico e cultural português, e apresenta perspetivas de futuro no que respeita à sustentabilidade ambiental e à economia azul, sensibilizando o público para uma visão ampla sobre "Um Novo Regresso".

Este seminário conta com o apoio do Centro de Humanidades da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa (CHAM/FCSH), da Fundação Calouste Gulbenkian e do Centro de Estudos do Ambiente e do Mar (CESAM) da Universidade de Aveiro.

[Additional Text]:
foto

O Instalador

CISION

Diário de Aveiro

ID: 82781986

03-10-2019

Meio: Imprensa
País: Portugal
Period.: Diária
Âmbito: Regional

Pág: 32
Cores: Cor
Área: 22,12 x 26,78 cm²
Corte: 1 de 2

Produção de salmão pode mudar cenário económico da região

Sustentabilidade Projecto de aquacultura de salmão, promovido pela Jerónimo Martins, poderá surgir ao largo de Ílhavo. A Universidade de Aveiro participa nos estudos, através do CESAM

A Universidade de Aveiro (UA), através do Centro de Estudos do Ambiente e do Mar (CESAM), está a participar num projecto-piloto de aquacultura de salmão em mar aberto, ao largo de Ílhavo, e que pode vir a provocar uma mudança na economia da região. "Se for bem-sucedido, pode constituir a semente de toda uma nova fileira do pescado em Portugal", refere a academia aveirense na sua página de Internet. A parceria é liderada pela SeaCulture, uma empresa do Grupo Jerónimo Martins Agro-Alimentar, envolve o CESAM/UA e é desenvolvida no ECOMARE - Laboratório para a Inovação e Sustentabilidade dos Recursos Biológicos Marinhos.

Esta é a primeira vez que se tenta criar salmão no mar português, ainda que seja uma prática há muito desenvolvida na Europa, com domínio da Noruega, seguida pela Escócia. A instalação, que envolve uma estrutura com a forma de jaula estabilizada a 15 quilómetros da costa de Ílhavo e com sistemas de vigilância no local, é monitorizada a partir de um centro de controlo instalado no ECOMARE. Para além da empresa promotora e do CESAM/UA, a parceria envolve ainda a empresa Nord Portugal, instalada na Incubadora de Empresas do Município de Ílhavo (da rede de incubadoras da região, IERA) e o CEiiA, empresa especializada em estruturas para mar e espaço.

D.R.



Produção poderá ser instalada a 15 quilómetros da costa de Ílhavo

O mar de Ílhavo terá sido escolhido "pela sua geomorfologia costeira, pela existência de um porto comercial dinâmico e com uma barra muito segura, a presença de via férrea e autoestrada, assim como um imenso 'know-how' no processamento de peixe e de toda a fileira da pesca", lê-se ainda no mesmo texto, avançando que "se o projecto-piloto for bem-sucedido, a fileira actual terá que ser readaptada a uma nova realidade económica.

Uma eventual ampliação de escala deste projecto envolverá mão-de-obra no acompanhamento e controlo das instalações, no processamento do peixe, no acolhimento e acompanhamento dos salmões juvenis, na expedição e até à necessidade de construir novas embarcações destinadas ao transporte de peixe para a exploração aquícola em mar aberto, que ainda não existem em Portugal".

Óptima janela térmica

A costa da Península Ibérica é a área mais a Sul em todo o espaço de distribuição e ocorrência natural do salmão no mar europeu, explica Ricardo Calado, que, conjuntamente com Amadeu Soares, coordena a equipa de investigação do CESAM/UA que desenvolve este estudo no ECOMARE. E explicam que enquanto nas águas do Norte da Europa existe apenas um período do ano em que o crescimento óptimo para o salmão é favorecido pela temperatura da água (pelos 14 graus), na região Centro e Norte da costa Oeste portuguesa "pode ser assegurada uma janela térmica óptima ao longo de todo o ano, através do posicionamento da jaula na coluna de água", de modo a permitir que durante todo o ano o peixe possa estar em crescimento e encurtar assim o ciclo de produção até ser atingido um tamanho comercial.

Desta forma, pode haver interesse de investidores nacionais e noruegueses numa possível ampliação do projecto-piloto para uma escala já industrial. A jaula, actualmente em testes, comportará cerca de 1.000 salmões, uma escala apenas para estudo e validação do conceito, sendo necessário adquirir os juvenis e adaptá-los, no ECOMARE, à transição da vida em água doce para a vida em água salgada até à sua posterior colocação na jaula em mar aberto.

O papel da UA no projecto, refere o investigador do CESAM, para além do estudo das melhores condições para o desenvolvimento dos peixes, neste novo contexto, envolve ainda a monitorização ambiental do método de cultura, com estudo das comunidades marinhas, incluindo os seres que colonizam os fundos marinhos na área circundante à jaula, assim como aves e mamíferos marinhos. O projecto poderá passar para uma segunda fase, "com ampliação de escala para o nível seguinte, dentro de um a dois anos", se tudo correr como o previsto.

CISION

Diário de Aveiro

ID: 82781986

03-10-2019

Meio: Imprensa
País: Portugal
Period.: Diária
Âmbito: Regional

Pág: 1
Cores: Cor
Área: 4,30 x 3,69 cm²
Corte: 2 de 2





Diário de Aveiro

3 DE OUTUBRO DE 2019 QUINTA-FEIRA, Edição n.º 11.473 DIÁRIO | 0,80 EUROS

Fundador Adriano Lucas (1925-2011) | Director Adriano Callé Lucas | Jornal defensor da valorização de Aveiro e da Região das Beiras



PRISÃO EFECTIVA POR ASSALTOS A ALUNOS NA CIDADE DE AVEIRO

Dois dos três jovens foram condenados a penas de cadeia de seis anos e quatro anos e seis meses, tendo em conta o seu percurso de vida e o mau comportamento na prisão **Página 11**



Hoje, com o seu jornal, o suplemento **Techdays**



Produção de salmão ao largo de Ílhavo poderá agitar economia local
P32

Obras no Museu de Aveiro vão custar dois Milhões
P4

Beira-Mar vai receber o Marítimo na Taça de Portugal
P29

EDUARDO PINA

Estudantes prometem cuidar de árvores



Iniciativa "Plantar o Futuro" visa a reflorestação de áreas de Estarreja **Página 3**

Jazz nacional toca em Estarreja nos próximos dias



Um dos concertos do Estarrejazz será amanhã, no Cine-Teatro de Estarreja. Salvador Sobral desafiou o pianista cubano Victor Zamora para cantar clássicos da América Latina.
Página 22

Câmara avança com defesa da costa

Ovar | P14

Centro social quer projecto inovador

Aguim, Anadia | P23



UA estuda aquacultura do salmão no mar promovida pela Jerónimo Martins

Tipo Meio: Internet Data Publicação: 03/10/2019

Meio: Notícias de Aveiro Online

URL: http://www.pt.cision.com/s/?l=fb16b2e6

Aquacultura de salmão ao largo de Aveiro.

A Universidade de Aveiro (UA), através do Centro de Estudos do Ambiente e do Mar (CESAM), participa num projeto piloto de aquacultura de salmão em mar aberto, ao largo de Ílhavo, que pode abrir a porta a uma mudança na economia da região.

Se bem-sucedido, pode constituir a semente de toda uma nova fileira do pescado em Portugal. A parceria liderada pela SeaCulture uma empresa do Grupo Jerónimo Martins Agro-Alimentar, envolve o CESAM/UA e é desenvolvido no ECOMARE - Laboratório para a Inovação e Sustentabilidade dos Recursos Biológicos Marinhos, refere o site UA_online.

Publicidade, Serviços & Donativos

Qualidade do ar nas escolas

Tipo Meio: Internet Data Publicação: 02/10/2019

Meio: Correio de Lagos Online

URL: https://www.correiodelagos.online/politica-ambiente/qualidade-do-ar-nas-escolas/

A Assembleia Municipal de Lagos na 1.ª Reunião da sua Sessão Ordinária de Setembro/2019, realizada no dia 30 de de Setembro, aprovou, por unanimidade, uma Recomendação referente à qualidade do ar nas escolas

"A qualidade do ar que se respira, quer seja exterior ou interior, tem reflexos na saúde humana e na qualidade de vida das populações.

Na Europa, a poluição atmosférica é considerada como uma questão ambiental que urge mitigar e reverter, pois representa um grande impacto na saúde dos cidadãos, motivo pelo qual a qualidade do ar interior (QAI) é reconhecida pela Organização Mundial de Saúde (OMS) como um direito de carácter universal, que decorre dos princípios fundamentais dos direitos humanos, da ética e da sustentabilidade.

Tendo em conta que atualmente passamos cerca de 80 a 90% do nosso tempo dentro de edifícios, os níveis de contaminação do ar interior adquirem aqui particular relevância, que se eleva quando nos referimos a crianças - consideradas um grupo particularmente vulnerável, - ainda para mais quando estudos indicam que o nível de poluição do ar interior dos edifícios pode atingir valores 2 a 5 vezes superiores ao do ar exterior. Como tal, é importante que exista uma efetiva monitorização da qualidade do ar interior nas escolas, avaliando os riscos para a saúde dos alunos, dos professores e dos funcionários e de que forma é influenciado o rendimento escolar.

A título de exemplo, já em 2013 o Centro de Estudos do Ambiente e do Mar (CESAM) da Universidade de Aveiro (UA) monitorizou o ar das salas de 14 estabelecimentos de ensino do 1.º ciclo na cidade de Lisboa. Na altura, verificou-se que a falta de ventilação, turmas demasiado grandes para o tamanho das salas, a escolha sem critérios dos materiais para o mobiliário, dos produtos de limpeza, eram as principais causas para que as taxas de poluentes no ar interior ultrapassassem muito o estipulado pela legislação portuguesa e recomendações da Organização Mundial de Saúde.

Estas condições potenciam o desenvolvimento de asma, rinite e alergias, e a investigação da Universidade de Aveiro concluiu que a qualidade do ar nas salas de aula das escolas do 1.º ciclo da cidade de Lisboa era bastante preocupante para a saúde das crianças.

Face a estes preocupantes resultados, reveste-se de particular importância conhecer a atual situação da qualidade do ar interior nos estabelecimentos de ensino sob responsabilidade da autarquia, implementando mecanismos para a sua melhoria e, desta forma, prevenir as consequências adversas na saúde das crianças e de toda a comunidade escolar.

Neste sentido, a Assembleia Municipal de Lagos, reunida a 30 de setembro de 2019, delibera recomendar à Câmara Municipal de Lagos que:

1. Efetue um estudo sobre a qualidade do ar interior em todos os estabelecimentos de ensino sob sua responsabilidade, em conjunto com a Escola Nacional de Saúde Pública (ENSP), informando e envolvendo toda a comunidade educativa.

2. Implemente, com base no resultado desse estudo e com a maior urgência possível, as medidas necessárias no sentido de garantir uma boa qualidade do ar nas escolas.

3. Divulgue dados sobre a qualidade do ar nas escolas, apresentando essa informação à Assembleia Municipal, assim como a calendarização das medidas a implementar com vista à resolução dos problemas detetados.

4. Apele ao Governo para que promova essas diligências nas escolas sob sua responsabilidade com o objetivo de garantir os níveis adequados de qualidade do ar.

Mais delibera ainda:

5. Enviar a presente deliberação à Câmara Municipal de Lagos, aos Agrupamentos Escolares do Concelho e à comunicação social.

CISION

Voz da Figueira (A)

ID: 82824643

02-10-2019

Meio: Imprensa
País: Portugal
Period.: Semanal
Âmbito: Regional

Pág: 4
Cores: Cor
Área: 4,76 x 15,78 cm²
Corte: 1 de 1



AULA INAUGURAL NA UNIVERSIDADE SÉNIOR COM PALESTRA SOBRE ALTERAÇÕES CLIMÁTICAS

Como tem sido prática usual, a Universidade Sénior inicia o ano letivo com um evento que denomina Aula Inaugural, aberta ao público em geral, consistindo numa palestra apresentada por uma individualidade reconhecida no âmbito do seu domínio profissional, quer seja científico quer artístico. Este ano o tema escolhido foi as alterações climáticas. Assim, hoje, pelas 11h, no auditório de O Sítio das Artes, tem lugar a palestra "Alterações Climáticas, uma verdade inconveniente", proferida pela Profª Doutora Myriam Lopes, do Departamento de Ambiente e Ordenamento e do Centro de Estudos do Ambiente e do Mar (CESAM), da Universidade de Aveiro, especialista na área da poluição atmosférica e alterações climáticas.

Desafios do Mar Português - VIII Seminário - Revista de Marinha

Tipo Meio: Internet Data Publicação: 28/09/2019

Meio: Revista de Marinha Online

URL: https://revistademarinha.com/agenda/desafios-do-mar-portugues-viii-seminario/

Desde 2012, as várias edições do Seminário 'Desafios do Mar Português' têm vindo a afirmar-se no panorama da cultura marítima como eventos de referência a nível nacional, trazendo para a linha da frente as problemáticas em torno da relação de Portugal com o Mar.

A 8.ª edição terá como tema "Portugal e o Mar: um novo regresso" e está agendada para o dia 19 de outubro, por ocasião do 18º Aniversário da Ampliação e Remodelação do Museu Marítimo de Ílhavo. Serão parceiros deste evento o CHAM - Centro de Humanidades, da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, o Centro de Estudos do Ambiente e do Mar (CESAM), da Universidade de Aveiro, e a Fundação Calouste Gulbenkian.

Tendo por base este tema, pretende-se abordar o posicionamento nacional perante os oceanos numa visão que percorre o nosso legado histórico e cultural, assim como perspectivar o futuro no que respeita à sustentabilidade ambiental e à economia azul e, acima de tudo, sensibilizar o público para uma visão ampla sobre "Um Novo Regresso".

Também, e à semelhança dos anos anteriores, o evento será acreditado como uma formação de pequena duração (6 horas) para professores dos 2.º e 3.º ciclos do ensino básico e secundário, mediante posterior inscrição no site do Centro de Formação da Área.

INSCRIÇÕES GRATUITAS | ciemar.mmi@cm-ilhavo.pt com os seguintes dados: nome, profissão, instituição e contactos.

Inscrições até 18 de outubro de 2019

GesPT.com - Criação e Gestão de Sites

Museu Marítimo de Ílhavo recebe VIII Seminário "Desafios do Mar Português"

Tipo Meio: Internet Data Publicação: 23/09/2019

Meio: Agricultura e Mar Actual Online

URL: http://www.pt.cision.com/s/?l=7fbb7989

Museu Marítimo de Ílhavo recebe VIII Seminário "Desafios do Mar Português"

Agricultura e Mar Actual 2 mins atrás Agenda, Featured, Inovação, Mar Deixe um comentário 0 Visualizações

A Câmara Municipal de Ílhavo organiza o VIII Seminário "Desafios do Mar Português", este ano dedicado ao tema "Portugal e o Mar: um novo regresso". O encontro terá lugar no próximo dia 19 de Outubro, no Museu Marítimo de Ílhavo.

O evento acontece também por ocasião do 18.º Aniversário da Ampliação e Remodelação do Museu.

"Tendo por base este tema, pretende-se abordar o posicionamento nacional perante os oceanos numa visão que percorre o nosso legado histórico e cultural, assim como perspectivar o futuro no que respeita à sustentabilidade ambiental e à economia azul e, acima de tudo, sensibilizar o público para uma visão ampla sobre "Um Novo Regresso"", explica a organização do Seminário.
Entrada livre
As inscrições são gratuitas mas obrigatórias, até 18 de Outubro, através do email ciemar.mmi@cm-ilhavo.pt, com os seguintes dados: nome, profissão, instituição e contactos.
Parceiros
Serão parceiros deste evento o CHAM - Centro de Humanidades, da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, o Centro de Estudos do Ambiente e do Mar (CESAM), da Universidade de Aveiro, e a Fundação Calouste Gulbenkian.

Também, e à semelhança dos anos anteriores, o evento será acreditado como uma formação de pequena duração (6 horas) para professores dos 2.º e 3.º ciclos do ensino básico e secundário, mediante posterior inscrição no site do Centro de Formação da Área.
Programa
09:30 Sessão de abertura

Fernando Caçoilo, presidente da Câmara Municipal de Ílhavo, Álvaro Garrido, professor da Universidade de Coimbra e consultor do Museu Marítimo de Ílhavo

10:00 Conferência de abertura

"The cultural and social importance of the Oceans" - John Brannigan (University College Dublin)

11:00 Painel I: Mar, Descobrimentos e Globalização

"Mar: um desígnio português" - Ana Paula Avelar (CHAM-FCSH/NOVA & UAb)

"O papel da náutica nos Descobrimentos" - José Manuel Malhão Pereira (CIUHCT)

"As novas cidades portuárias e a primeira globalização" - Ana Catarina Garcia (CHAM -

FCSH/NOVA/UAC)
Debate
14:00 Painel II: Literatura e Cultura Marítima

"A produção ideológica do maritimismo no Estado novo" - Álvaro Garrido (FEUC)

Mesa Redonda: "A obra de Santareno no património cultural português"

Álvaro Garrido | Ana Paula Medeiros | Vicente Batalha | Artur Ribeiro
Debate
Visita à exposição temporária "O Sonho do Mar", de Maria Gabriel

16:00 Painel III: O Regresso ao Mar

"Oceano profundo: a nova fronteira do desconhecido" - Luís Menezes Pinheiro (CESAM - Universidade de Aveiro)

"A Indústria 4.0 no meio marinho" - Filipa Saldanha (Fundação Calouste Gulbenkian)

Debate

17:00 Encerramento

Inauguração da exposição temporária "Ode ao 31 de Janeiro", de Luís Pavão

Lançamento da ARGOS 07 - Revista do Museu Marítimo de Ílhavo

Lançamento de "O Lugre", de Bernardo Santareno. Edição da E-Primatur

Agricultura e Mar Actual

Partilhar Facebook Twitter LinkedIn Pinterest

CISION

Diário de Aveiro

ID: 82592650

21-09-2019

Meio: Imprensa
País: Portugal
Period.: Diária
Âmbito: Regional

Pág: 4
Cores: Cor
Área: 17,46 x 22,96 cm²
Corte: 1 de 1

Consórcio costeiro encontra-se em Aveiro

"Workshop" O património cultural costeiro está em risco e um consórcio internacional está a avaliar o estado em que se encontra

Os resultados da primeira parte do trabalho relativo às ameaças e nível de risco a que o património cultural costeiro da região está exposto serão apresentados, na próxima terça-feira, no "workshop" sob o tema "Gerir o património Cultural Costeiro e Marítimo: ameaças e oportunidades?", no Departamento de Economia, Gestão, Engenharia Industrial e Turismo, da Universidade de Aveiro (UA).Trata-se de um "workshop", no âmbito do projecto "PERICLES - PrEseRvIng and sustainably governing Cultural heritage and Landscapes in European coastal and maritime regionS", que consistirá num momento para encontro e discussão com vários agentes da região acerca desta primeira parte do trabalho. Mas não se trata, apenas, de uma dia para apresentação e discussão dos dados, uma vez que o encontro pretende ainda "criar um fórum de discussão participada entre os 'stakeholders' da região sobre a questão da gestão do património cultural costeiro e marítimo".

EDUARDO PINA



O encontro de especialistas está marcado para a próxima terça-feira

Medidas para gerir

Conta-se com a participação de decisores políticos locais, entidades de gestão do turismo, Organizações Não Governamentais, movimentos cívicos, museus, associações ligadas à preservação e promoção do património cultural, associações comerciais e operadores turísticos.

Será, por isso, uma oportunidade para discutir o "estado actual do património cultural costeiro e marítimo e que medidas devem ser implementadas para a sua gestão".

Está em curso o projecto de investigação designado por Europeu H2020 PERICLES, liderado pela Universidade de Aalborg, na Dinamarca, instituição proponente, integrando ainda instituições de Portugal, Grécia, Reino Unido, França, Holanda, Estónia e Malta, designadamente a Wageningen University (Holanda); Universite de Bretagne Occidentale (França); University of the Highlands and Islands (Reino Unido); The Queen's University of Belfast (Reino Unido); The Scottish Association for Marine Science (Reino Unido); Muinsuskaitseamet (Estónia); Syndacat Mixte de Gestion du Parc Naturel Regional du Golfe du Morbihan (França) e Ellinikos Georgikos Organismos - Dimitra (Grécia).

A UA é a única instituição portuguesa que integra o consórcio internacional, sob a coordenação de Cristina Pita, do Departamento de Ambiente e Ordenamento e investigadora responsável no CESAM - Centro de Estudos do Ambiente e do Mar.

No caso da academia de Aveiro, envolve investigadores doe várias áreas, concretamente dos departamentos de Economia, Gestão, Engenharia Industrial e Turismo e do Departamento de Biologia.

PERICLES

O PERICLES tem um financiamento total de cerca de 2,5 milhões de euros. O montante do financiamento atribuído ao CESAM atinge os 198.751 euros. O período de execução do projecto, iniciado em Maio do ano passado, estende-se até Abril de 2021.

Este projecto promove uma acção sustentável do patrimônio cultural nas regiões costeiras e marítimas da Europa através de um consórcio constituído por diferentes instituições abarcando diferentes áreas.

O plano passa por obter um conhecimento profundo das zonas costeiras não apenas no domínio ambiental mas também social e económicos, pretendendo-se também obter ferramentas para mapear, avaliar e mitigar os riscos.

Pretende-se criar uma rede de conhecimento, um crescimento sustentável que possa contribuir para o desenvolvimento regional através da integração desta problemática nas principais políticas relativas ao mar e ambientais, tendo em conta as correspondentes directivas comunitárias associadas.

Seminário Desafios do Mar Português

Tipo Meio: Internet Data Publicação: 19/09/2019

Meio: APP - Associação dos Portos de Portugal Online

URL: http://www.portosdeportugal.pt/detail.php?nID=26220

2019-09-12

A 19 DE OUTUBRO, NO MUSEU MARÍTIMO DE ÍLHAVO Seminário Desafios do Mar Português

Desde 2012, as várias edições do Seminário 'Desafios do Mar Português' têm vindo a afirmar-se no panorama da cultura marítima como eventos de referência a nível nacional, trazendo para a linha da frente as problemáticas em torno da relação de Portugal com o Mar.

A 8.ª edição terá como tema "Portugal e o Mar: um novo regresso" e está agendada para o dia 19 de outubro, por ocasião do 18º Aniversário da Ampliação e Remodelação do Museu Marítimo de Ílhavo. Serão parceiros deste evento o CHAM - Centro de Humanidades, da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, o Centro de Estudos do Ambiente e do Mar (CESAM), da Universidade de Aveiro, e a Fundação Calouste Gulbenkian.

Tendo por base este tema, pretende-se abordar o posicionamento nacional perante os oceanos numa visão que percorre o nosso legado histórico e cultural, assim como perspectivar o futuro no que respeita à sustentabilidade ambiental e à economia azul e, acima de tudo, sensibilizar o público para uma visão ampla sobre "Um Novo Regresso".

Também, e à semelhança dos anos anteriores, o evento será acreditado como uma formação de pequena duração (6 horas) para educadores de infância e professores de todos os níveis / graus de ensino, mediante posterior inscrição no site do Centro de Formação da Área.

INSCRIÇÕES GRATUITAS | ciemar.mmi@cm-ilhavo.pt com os seguintes dados: nome, profissão, instituição e contactos.

Inscrições até 18 de outubro de 2019

CISION

Diário de Aveiro

ID: 82422641

11-09-2019

Meio: Imprensa
País: Portugal
Period.: Diária
Âmbito: Regional

Pág: 22
Cores: Cor
Área: 26,20 x 22,33 cm²
Corte: 1 de 2

Museu Marítimo de Ílhavo recebe "Desafios do Mar Português"

Análise O Museu Marítimo de Ílhavo vai acolher a oitava edição do seminário "Desafios do Mar Português". "Portugal e o Mar: um novo regresso" é o tema deste ano, numa iniciativa que está marcada para o dia 19 de Outubro

A oitava edição do seminário "Desafios do Mar Português", iniciativa da Câmara de Ílhavo, promovida pelo Museu Marítimo e pela sua sub-unidade de investigação CIEMar, está agendada para o dia 19 de Outubro.

Este ano, o seminário, marcado para o Museu Marítimo de Ílhavo, tem como tema "Portugal e o Mar: um novo regresso", numa iniciativa que conta com parcerias do Centro de Humanidades da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa (CHAM/FCSH), da Fundação Calouste Gulbenkian e do Centro de Estudos do Ambiente e do Mar (CESAM) da Universidade de Aveiro.

Este ano, o seminário, marcado para o Museu Marítimo de Ílhavo, tem como tema "Portugal e o Mar: um novo regresso"

ARQUIVO



O Museu Marítimo de Ílhavo será palco do seminário "Desafios do Mar Português"

Desde 2012 que as várias edições do seminário "Desafios do Mar Português" têm vindo a afirmar-se no panorama da cultura marítima como "eventos de referência a nível nacional, trazendo para a linha da frente as problemáticas em torno da relação de Portugal com o mar", salienta uma nota de imprensa da autarquia..

Esta iniciativa aborda o posicionamento nacional perante os oceanos, numa visão que "percorre o legado histórico e cultural português", e apresenta "perspectivas de futuro no que respeita à sustentabilidade ambiental e à economia azul". Tudo para sensibilizar o público para uma visão ampla sobre "Um Novo Regresso".

À semelhança dos anos anteriores, o evento é creditado como uma formação de pequena duração (seis horas) para professores dos segundo e terceiros ciclos do ensino Básico e Secundário, mediante posterior inscrição no site do Centro de Formação da Área.

As inscrições são gratuitas e devem ser formalizadas, até 18 de Outubro, através do "e-mail" ciemar.mmi@cm-ilhavo .pt (com indicação de nome, profissão, instituição e contactos).

Especialistas de renome

Um painel de especialistas nacionais e internacionais vão estar presentes neste seminário. É o caso de John Brannigan, da University College Dublin, que facultará uma dimensão internacional ao evento, tendo em conta o trabalho científico que desenvolveu na investigação de concepções marítimas das ilhas britânicas.

A este orador juntam-se ainda investigadores e especialistas do Centro Interuniversitário de História das Ciências e da Tecnologia da Universidade de Lisboa (CIUHCT), do Centro de Humanidades da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa (CHAM/FCSH), da Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra, do Centro de Estudos do Ambiente e do Mar da Universidade de Aveiro (CESAM) e da Fundação Calouste Gulbenkian.

Revista ARGOS

O N.º 7 da ARGOS - Revista do Museu Marítimo de Ílhavo (lançada nesse dia) explora a actual cultura do mar centrada na relação do homem com o oceano. "Procura-se debater questões de elevado interesse científico-cultural e despertar reflexões sobre o mar, através de temas como a representação do oceano através da literatura e das artes, a navegação e os espaços portuários e o conhecimento e exploração dos oceanos", explica a autarquia ilhavense.

PROGRAMA

9.30 horas - Sessão de abertura
Fernando Caçoilo, presidente da Câmara Municipal de Ílhavo
Álvaro Garrido, consultor do Museu Marítimo de Ílhavo

10 horas - Conferência de abertura
"The cultural and social importance of the Oceans" - John Brannigan (University College Dublin)

11 horas - Painel I: Mar, Descobrimentos e Globalização
"Mar: um desígnio português" - Ana Paula Avelar (CHAM-FCSH/NOVA & UAb)
"O papel da náutica nos Descobrimentos" - José Manuel Malhão Pereira (CIUHCT)
"As novas cidades portuárias e a primeira globalização" - Ana Catarina Garcia (CHAM - FCSH/NOVA/UAC)
Debate

14 horas - Painel II: Literatura e Cultura Marítima
"A produção ideológica do maritimismo no Estado novo" - Álvaro Garrido (FEUC)
Mesa Redonda: "A obra de Santareno no património cultural português", com as presenças de Álvaro Garrido, Ana Paula Medeiros, Vicente Batalha e Artur Ribeiro
Visita à exposição temporária "O Sonho do Mar", de Maria Gabriel

16 horas - Painel III: O Regresso ao Mar
"Oceano profundo: a nova fronteira do desconhecido" - Luís Menezes Pinheiro (CESAM - Universidade de Aveiro)
"A Indústria 4.0 no meio marinho" - Filipa Saldanha (Fundação Calouste Gulbenkian)
Debate

17 horas - Encerramento
Inauguração da exposição temporária "Ode ao 31 de Janeiro", de Luís Pavão
Lançamento da ARGOS N.º 7 – Revista do Museu Marítimo de Ílhavo
Lançamento de "O Lugre", de Bernardo Santareno. Edição da E-Primatur

CISION

Diário de Aveiro

ID: 82422641

11-09-2019

Meio: Imprensa
País: Portugal
Period.: Diária
Âmbito: Regional

Pág: 1
Cores: Cor
Área: 6,32 x 1,42 cm²
Corte: 2 de 2



Diário de Aveiro

11 DE SETEMBRO DE 2019 QUARTA-FEIRA, Edição n.º 11.451 DIÁRIO | 0,70 EUROS

Fundador Adriano Lucas (1925-2011) | Director Adriano Callé Lucas | Jornal defensor da valorização de Aveiro e da Região das Beiras



HOJE É DIA DE VER O 5G NA PRÁTICA

A Altice Labs promove, hoje, uma demonstração tecnológica em Aveiro. Será feita a simulação de um sinistro com socorro assente em comunicações 5G **Página 4**



Goleada de Portugal na Lituânia e "show" de Cristiano Ronaldo

Europeu 2020 | P29



Academia de Espinho permite ao FC Porto regressar ao Voleibol

Equipa Feminina | P30

Oito pessoas julgadas por assaltos violentos a residências

Gafanha da Nazaré | P11

Fogo-de-artifício só no Rock in Rio

Polémica | P14

EDUARDO PINA

Menos vinhos, mas com mais qualidade



Produção da Bairrada deverá atingir os 28 milhões de litros **Página 21**

CIRA distingue alunos, professores e escolas

Região | P2

Festival Literário de Ovar começa amanhã P12

Seminário em Ílhavo aguarda por especialistas de renome P22







Ílhavo: Seminário debate "Portugal e o Mar: um novo regresso"

Tipo Meio: Internet Data Publicação: 11/09/2019

Meio: Notícias de Aveiro Online

URL: http://www.pt.cision.com/s/?l=2cf27525

CIEMar, Ílhavo.

A 8.ª edição do Seminário Desafios do Mar Português, iniciativa da Câmara Municipal de Ílhavo, promovida pelo Museu Marítimo e pela sua subunidade de investigação CIEMar, está agendada para o dia 19 de outubro.

O tema deste ano é "Portugal e o Mar: um novo regresso" e tem como parceiros o Centro de Humanidades da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa (CHAM/FCSH), da Fundação Calouste Gulbenkian e do Centro de Estudos do Ambiente e do Mar (CESAM) da Universidade de Aveiro.

Desde 2012 que as várias edições do Seminário 'Desafios do Mar Português' têm vindo a afirmar-se no panorama da cultura marítima como eventos de referência a nível nacional, trazendo para a linha da frente as problemáticas em torno da relação de Portugal com o Mar.

Mais informações em https://www.cm-ilhavo.pt/pages/5?news_id=3571

Publicidade, Serviços & Donativos

Ílhavo: "Desafios do Mar Português" - o debate sobre a posição nacional perante os oceanos

Tipo Meio: Internet Data Publicação: 11/09/2019

Meio: ON CENTRO Online

URL: https://on-centro.pt/index.php/pt/noticias2/item/2038-ilhavo

Tendo por base este tema, pretende-se abordar o posicionamento nacional perante os oceanos numa visão que percorre o nosso legado histórico e cultural, assim como perspectivar o futuro no que respeita à sustentabilidade ambiental e à economia azul e, acima de tudo, sensibilizar o público para uma visão ampla sobre "Um Novo Regresso".

D
esde 2012, as várias edições do Seminário 'Desafios do Mar Português' têm vindo a afirmar-se no panorama da cultura marítima como eventos de referência a nível nacional, trazendo para a linha da frente as problemáticas em torno da relação de Portugal com o Mar.

A 8.ª edição terá como tema "Portugal e o Mar: um novo regresso" e está agendada para o dia 19 de outubro, por ocasião do 18º Aniversário da Ampliação e Remodelação do Museu Marítimo de Ílhavo. Serão parceiros deste evento o CHAM - Centro de Humanidades, da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, o Centro de Estudos do Ambiente e do Mar (CESAM), da Universidade de Aveiro, e a Fundação Calouste Gulbenkian.

Tendo por base este tema, pretende-se abordar o posicionamento nacional perante os oceanos numa visão que percorre o nosso legado histórico e cultural, assim como perspectivar o futuro no que respeita à sustentabilidade ambiental e à economia azul e, acima de tudo, sensibilizar o público para uma visão ampla sobre "Um Novo Regresso".

Também, e à semelhança dos anos anteriores, o evento será acreditado como uma formação de pequena duração (6 horas) para professores dos 2.º e 3.º ciclos do ensino básico e secundário, mediante posterior inscrição no site do Centro de Formação da Área.

Inscrições gratuitas até 18 de outubro de 2019 para Este endereço de email está protegido contra piratas. Necessita ativar o JavaScript para o visualizar. com os seguintes dados: nome, profissão, instituição e contactos.

Siga os eventos da Região Centro também no Facebook e Instagram

VIII Seminário "Desafios do Mar Português" agendado para 19 de Outubro no Museu Marítimo de Ílhavo.

Tipo Meio: Internet **Data Publicação:** 11/09/2019

Meio: Rádio Terra Nova Online

URL: http://www.pt.cision.com/s/?l=75524ee5

Desde 2012, as várias edições do Seminário 'Desafios do Mar Português' têm vindo a afirmar-se no panorama da cultura marítima como eventos de referência a nível nacional, trazendo para a linha da frente as problemáticas em torno da relação de Portugal com o Mar.

A 8.ª edição terá como tema "Portugal e o Mar: um novo regresso" e está agendada para o dia 19 de outubro, por ocasião do 18º Aniversário da Ampliação e Remodelação do Museu Marítimo de Ílhavo.

Serão parceiros deste evento o CHAM - Centro de Humanidades, da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, o Centro de Estudos do Ambiente e do Mar (CESAM), da Universidade de Aveiro, e a Fundação Calouste Gulbenkian.

Tendo por base este tema, pretende-se abordar o posicionamento nacional perante os oceanos numa visão que percorre o nosso legado histórico e cultural, assim como perspectivar o futuro no que respeita à sustentabilidade ambiental e à economia azul e, acima de tudo, sensibilizar o público para uma visão ampla sobre "Um Novo Regresso".

Também, e à semelhança dos anos anteriores, o evento será acreditado como uma formação de pequena duração (6 horas) para educadores de infância e professores de todos os graus de ensino, mediante posterior inscrição no site do Centro de Formação da Área.

Seminário "Desafios do Mar Português" analisa o posicionamento nacional perante o Mar

Tipo Meio: Internet Data Publicação: 10/09/2019

Meio: Náutica Press Online

URL: http://www.pt.cision.com/s/?l=13b62ea5

A 8.ª edição do Seminário Desafios do Mar, iniciativa da Câmara Municipal de Ílhavo, promovida pelo Museu Marítimo e pela sua subunidade de investigação CIEMar, está agendada para o dia 19 de outubro.

Este ano, o Seminário tem como tema "Portugal e o Mar: um novo regresso" e como parceiros o Centro de Humanidades da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa (CHAM/FCSH), da Fundação Calouste Gulbenkian e do Centro de Estudos do Ambiente e do Mar (CESAM) da Universidade de Aveiro.

Desde 2012 que as várias edições do Seminário 'Desafios do Mar Português' têm vindo a afirmar-se no panorama da cultura marítima como eventos de referência a nível nacional, trazendo para a linha da frente as problemáticas em torno da relação de Portugal com o Mar.

Esta iniciativa aborda o posicionamento nacional perante os oceanos, numa visão que percorre o legado histórico e cultural português, e apresenta perspetivas de futuro no que respeita à sustentabilidade ambiental e à economia azul, sensibilizando o público para uma visão ampla sobre "Um Novo Regresso".

À semelhança dos anos anteriores, o evento é Creditado como uma formação de pequena duração (6 horas) para professores dos 2.º e 3.º ciclos do ensino básico e secundário, mediante posterior inscrição no site do Centro de Formação da Área.

As inscrições são gratuitas e devem ser formalizadas, até 18 de outubro, através do e-mail ciemar.mmi@cm-ilhavo.pt (com indicação de nome, profissão, instituição e contactos).

Painel de especialistas de renome, nacional e internacional, preenchem e valorizam a o Seminário nas diferentes áreas de abordagem do tema em debate, como é o caso da presença de John Brannigan, da University College Dublin, que facultará, de forma relevante e significativa, uma dimensão internacional ao evento, tendo em conta o trabalho científico que desenvolveu na investigação de conceções marítimas das ilhas britânicas.

A este orador juntam-se ainda investigadores e especialistas do Centro Interuniversitário de História das Ciências e da Tecnologia da Universidade de Lisboa (CIUHCT), do Centro de Humanidades da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa (CHAM/FCSH), da Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra, do Centro de Estudos do Ambiente e do Mar da Universidade de Aveiro (CESAM) e da Fundação Calouste Gulbenkian.

Revista Argos, n.º 7, será apresentada às 17:00 horas.

Este número da revista ARGOS - Revista do Museu Marítimo de Ílhavo explora a atual cultura do mar centrada na relação do Homem com o Oceano. Procura-se debater questões de elevado interesse

cientifico-cultural e despertar reflexões sobre o mar, através de temas como a representação do oceano através da literatura e das artes, a navegação e os espaços portuários e o conhecimento e exploração dos Oceanos.

Programa

09h30 Sessão de abertura

Fernando Caçoilo, Presidente da Câmara Municipal de Ílhavo,

Álvaro Garrido, Consultor do Museu Marítimo de Ílhavo

10h00 Conferência de abertura

"The cultural and social importance of the Oceans" - John Brannigan (University College Dublin)

11h00 Painel I: Mar, Descobrimentos e Globalização

"Mar: um desígnio português" - Ana Paula Avelar (CHAM-FCSH/NOVA & UAb)

"O papel da náutica nos Descobrimentos" - José Manuel Malhão Pereira (CIUHCT)

"As novas cidades portuárias e a primeira globalização" - Ana Catarina Garcia (CHAM - FCSH/NOVA/UAC)

Debate

14h00 Painel II: Literatura e Cultura Marítima

"A produção ideológica do maritimismo no Estado novo" - Álvaro Garrido (FEUC)

Mesa Redonda: "A obra de Santareno no património cultural português"

Álvaro Garrido | Ana Paula Medeiros | Vicente Batalha | Artur Ribeiro

Debate

Visita à exposição temporária "O Sonho do Mar", de Maria Gabriel

16h00 Painel III: O Regresso ao Mar

"Oceano profundo: a nova fronteira do desconhecido" - Luís Menezes Pinheiro (CESAM - Universidade de Aveiro)

"A Indústria 4.0 no meio marinho" - Filipa Saldanha (Fundação Calouste Gulbenkian)

Debate

17h00 Encerramento

Inauguração da exposição temporária "Ode ao 31 de janeiro", de Luís Pavão

Lançamento da ARGOS 07 - Revista do Museu Marítimo de Ílhavo

Lançamento de "O Lugre", de Bernardo Santareno. Edição da E-Primatur

ilhávo Mar Seminário

Náutica Press

Ílhavo: Seminário "Desafios do Mar Português" analisa o posicionamento nacional perante o Mar

Tipo Meio: Internet Data Publicação: 09/09/2019

Meio: Gazeta Rural Online

URL: http://www.pt.cision.com/s/?l=94b39950

A Gazeta Rural é um órgão de comunicação de âmbito nacional, com sede em Viseu, que aborda todas as temáticas relacionadas com o meio agrícola e rural

A 8.ª edição do Seminário Desafios do Mar, iniciativa da Câmara Municipal de Ílhavo, promovida pelo Museu Marítimo e pela sua subunidade de investigação CIEMar, está agendada para o dia 19 de outubro.

Este ano, o Seminário tem como tema "Portugal e o Mar: um novo regresso" e como parceiros o Centro de Humanidades da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa (CHAM/FCSH), da Fundação Calouste Gulbenkian e do Centro de Estudos do Ambiente e do Mar (CESAM) da Universidade de Aveiro.

Desde 2012 que as várias edições do Seminário 'Desafios do Mar Português' têm vindo a afirmar-se no panorama da cultura marítima como eventos de referência a nível nacional, trazendo para a linha da frente as problemáticas em torno da relação de Portugal com o Mar.

Esta iniciativa aborda o posicionamento nacional perante os oceanos, numa visão que percorre o legado histórico e cultural português, e apresenta perspetivas de futuro no que respeita à sustentabilidade ambiental e à economia azul, sensibilizando o público para uma visão ampla sobre "Um Novo Regresso".

À semelhança dos anos anteriores, o evento é Creditado como uma formação de pequena duração (6 horas) para professores dos 2.º e 3.º ciclos do ensino básico e secundário, mediante posterior inscrição no site do Centro de Formação da Área.

As inscrições são gratuitas e devem ser formalizadas, até 18 de outubro, através do e-mail ciemar.mmi@cm-ilhavo.pt (com indicação de nome, profissão, instituição e contactos).

Painel de especialistas de renome, nacional e internacional, preenchem e valorizam a o Seminário nas diferentes áreas de abordagem do tema em debate, como é o caso da presença de John Brannigan, da University College Dublin, que facultará, de forma relevante e significativa, uma dimensão internacional ao

evento, tendo em conta o trabalho científico que desenvolveu na investigação de conceções marítimas das ilhas britânicas.

A
este orador juntam-se ainda investigadores e especialistas do Centro Interuniversitário de História das Ciências e da Tecnologia da Universidade de Lisboa (CIUHCT), do Centro de Humanidades da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa (CHAM/FCSH), da Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra, do Centro de Estudos do Ambiente e do Mar da Universidade de Aveiro (CESAM) e da Fundação Calouste Gulbenkian.

Revista Argos, n.º 7, será apresentada às 17:00 horas.

Este
número da revista ARGOS - Revista do Museu Marítimo de Ílhavo explora a atual cultura do mar centrada na relação do Homem com o Oceano. Procura-se debater questões de elevado interesse cientifico-cultural e despertar reflexões sobre o mar, através de temas como a representação do oceano através
da literatura e das artes, a navegação e os espaços portuários e o conhecimento e exploração dos Oceanos.

Partilhar isto:FacebookTwitterWhatsApp

ThemeGrill

Seminário ´Desafios do Mar Português´ analisa o posicionamento nacional perante o Mar.

Tipo Meio: Internet Data Publicação: 09/09/2019

Meio: Rádio Terra Nova Online

URL: http://www.pt.cision.com/s/?l=ab4b4087

A 8.ª edição do Seminário Desafios do Mar, iniciativa da Câmara Municipal de Ílhavo, promovida pelo Museu Marítimo e pela sua subunidade de investigação CIEMar, está agendada para o dia 19 de outubro.

Este ano, o Seminário tem como tema 'Portugal e o Mar: um novo regresso' e como parceiros o Centro de Humanidades da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa (CHAM/FCSH), da Fundação Calouste Gulbenkian e do Centro de Estudos do Ambiente e do Mar (CESAM) da Universidade de Aveiro.

Mais informação disponível no site da autarquia ilhavense.

CISION

ID: 82468128

saber madeira

31-08-2019

Meio: Imprensa
País: Portugal
Period.: Mensal
Âmbito: Regional

Pág: 35
Cores: Cor
Área: 21,00 x 26,57 cm²
Corte: 1 de 1







ALFACE-DO-MAR É ALTERNATIVA PARA DESCONTAMINAÇÃO DE ÁGUAS

A vulgar alface-do-mar ajuda a limpar águas contaminadas pela indústria e pelo consumo doméstico, concluiu uma equipa de investigadores da Universidade de Aveiro. O estudo dá conta da grande capacidade para remover elementos potencialmente tóxicos da água, a maior parte perigosos para a saúde humana e o meio ambiente. O segredo da grande capacidade de 'limpeza' pela alga explica-se através da sorção, processo através do qual a alface-do-mar consegue incorporar nos seus tecidos os contaminantes. "A remoção alcançada com a alga que temos testado para remover da água, entre outros elementos, arsénio, mercúrio, cádmio e chumbo, é muito elevada", explica Bruno Henriques, investigador do Centro de Estudos do Ambiente e do Mar e do Departamento de Química a Academia de Aveiro citado numa nota de imprensa da UA. A taxa de sucesso da alface-do-mar "é superior"comparativamente a outros materiais, naturais ou sintéticos, que são usados hoje correntemente para o mesmo efeito. Os investigadores perspetivam, assim, uma "alternativa eficiente" para remover "percentagens elevadas de contaminantes num período curto de tempo". Além disso, "a metodologia é económica e mais ecológica do que os métodos 'clássicos' para a remoção destes elementos, que são menos eficazes e, muitas vezes, mais caros, o que se traduz em baixo custo-benefício". O estudo da UA indica que cada grama de alga consegue remover em simultâneo 120 microgramas de mercúrio, 160 microgramas de cádmio, 980 microgramas de chumbo, 480 microgramas de crómio, 660 microgramas de níquel, 550 microgramas de arsénio, 370 microgramas de cobre e 2000 microgramas de manganês. Os elementos químicos continuam a ser atualmente muito usados por várias indústrias e a sua presença no ambiente causa impactos negativos, tais como toxicidade, observada mesmo para concentrações muito baixas, lembram os investigadores. Outros problemas associados a estes elementos "estão relacionados com o seu carater persistente no ambiente e facilidade em se bioacumularem nos tecidos dos organismos". O rápido crescimento deste tipo de algas contribui para remover os contaminantes em cada vez maior quantidade, pelo aumento do número de locais de superfície aos quais estes elementos tóxicos se podem ligar. As alfaces-do-mar permitem reduzir, também, o teor de fosfatos e nitratos em águas e ao usarem dióxido de carbono como fonte de carbono, permitem reduzir a pegada de carbono. O trabalho foi desenvolvido por uma equipa multidisciplinar da UA constituída por Bruno Henriques, Ana Teixeira, Paula Figueira, Joana Almeida e Eduarda Pereira (investigadores do DQ, do CESAM, do CICECO – Instituto de Materiais de Aveiro e do Laboratório Central de Análises), e com a cooperação da Universidade do Porto e do Instituto Nacional de Saúde Dr. Ricardo Jorge.

BRUNO HENRIQUES, INVESTIGADOR DO CENTRO DE ESTUDOS DO AMBIENTE E DO MAR E DO DEPARTAMENTO DE QUÍMICA A ACADEMIA DE AVEIRO.

O metabolismo urbano numa perspetiva de Economia Circular

Tipo Meio: Internet Data Publicação: 15/08/2019

Meio: Watts On Online

URL: http://www.pt.cision.com/s/?l=9127369d

Bruno AugustoInvestigador do Centro de Estudos do Ambiente e do Mar (CESAM) e do Departamento de Ambiente e Ordenamento (DAO) da Universidade de Aveiro (UA)

A transição para economia circular passa por incentivar e desenvolver modelos de negócio, estratégias colaborativas e produtos e serviços centrados no uso eficiente de recursos e em novas dinâmicas de inovação.

Opinião

O metabolismo urbano numa perspetiva de Economia Circular

15 Agosto, 2019 0 5

O conceito de economia linear, que se baseia na extração-produção-consumo-descarte tem vindo a ser substituído por uma economia circular, baseada na preservação do valor e utilidade dos materiais e energia utilizados e em melhorar a sua produtividade. A economia circular não se limita apenas à reciclagem ou eficiência energética, mas implica uma transformação da forma como hoje, a economia lida com a produção e o consumo, ao longo de todo o ciclo de vida. A transição para economia circular passa por incentivar e desenvolver modelos de negócio, estratégias colaborativas e produtos e serviços centrados no uso eficiente de recursos e em novas dinâmicas de inovação.

Portugal atrasado na transição

Em Portugal, a economia conta com um metabolismo lento, isto é, extrai e importa mais matérias-primas do que a quantidade de produtos que exporta, acumulando assim materiais. Por isso, a transição para uma economia circular é necessária para alcançar um desenvolvimento sustentável e garantir um nível de conforto e acesso a bens no futuro. Isto só é possível com uma gestão responsável de materiais e resíduos (que são um tipo de material). Os benefícios para o país podem ser significativos, nomeadamente no que diz respeito a atingir os objetivos de desenvolvimento sustentável 2030, uma vez que está transição conduzirá a uma redução das pressões ambientais (e.g., redução de GEE), redução da dependência de importações, e criação de oportunidades de emprego.

Nos finais de 2017, Portugal aprovou o Plano de Ação para a Economia Circular (PAEC), que é um documento estratégico para o crescimento e investimento baseado no uso de recursos e na mitigação de impactos ambientais. Este documento vem assistir na transição para a economia circular e apresenta os vários níveis de ação. Um desses níveis de ação inclui as agendas regionais para a economia circular, que têm como objetivo definir estratégias de transição e acelerar a sua aplicação de forma apropriada para as diferentes regiões. Um dos passos mais importantes destas agendas regionais passa por caracterizar o metabolismo económica da região. Este está relacionado com a ligação entre os recursos consumidos e os resíduos produzidos no sistema socioeconómico, e o metabolismo dos seres vivos e dos ecossistemas, ou seja, pode ser caracterizado pelas entradas e saídas de materiais e energia, assim como o seu consumo e armazenamento.

Metabolismo urbano pode ser a chave

Ao avaliarmos o metabolismo de uma região (metabolismo regional) é possível conhecer a origem das matérias primas e produtos (se são produzidas ou importadas), e o seu destino (consumo, uso para produção, exportação), assim como o que é consumido (ex.: bens alimentares), armazenado e desperdiçado. A partir destes dados, em particular a informação sobre os materiais que são desperdiçados e nos que são armazenados, consegue-se identificar oportunidades de circularidade.

Um dos grandes desafios associados a este tipo de avaliação é a ausência qualitativa e quantitativa de dados. Enquanto que muitos dados existem em bases de dados nacionais e de empresas, estes podem ter fontes indefinidas ou estar agregados de uma forma que não permite tirar conclusões. Um caso específico é o dos resíduos. Devido à sua natureza heterogénea, e dispersão geográfica, é difícil identificar o seu destino, não permitindo assim identificar oportunidades para a circularidade.

No entanto, se for feita de uma forma rigorosa e sistemática, a análise do metabolismo urbano de uma região permitirá identificar produtos e matérias primas que podem ser usadas em outros contextos dentro da região/área urbana, reduzindo desperdícios e criando simbioses entre o setor industrial e os restantes agentes da região, permitindo assim alcançar uma economia circular e neste âmbito, construir cidades circulares.

Descoberta capacidade da alface-do-mar para limpar águas contaminadas

Tipo Meio:	Internet	Data Publicação:	09/08/2019
Meio:	Beira.pt Online	Autores:	Ana Patrícia Gonçalves Marques Santiago Correia Martins

URL: http://www.pt.cision.com/s/?l=d5cd032c

Descoberta capacidade da alface-do-mar para limpar águas contaminadas

Patricia Correia

09-08-2019 | fonte: Beira.pt | DN | imagem: Notícias ao Minuto

Uma equipa de investigadores da Universidade de Aveiro (UA), onde se destaca um jovem natural da Guarda, descobriu que a alface-do-mar pode limpar águas contaminadas.

Testes realizados com aquela alga revelaram que tem "uma grande capacidade para remover elementos potencialmente tóxicos da água, a maior parte deles perigosos para a saúde humana e para o meio ambiente", refere a Universidade de Aveiro.

"A remoção alcançada com a alga que temos testado para remover da água, entre outros elementos, arsénio, mercúrio, cádmio e chumbo, é muito elevada", assegura Bruno Henriques, natural de Vale de Estrela (Guarda) investigador do Centro de Estudos do Ambiente e do Mar (CESAM) e do Departamento de Química (DQ) da Universidade de Aveiro.

Bruno Henriques garante que, comparativamente a outros materiais, naturais ou sintéticos, usados para o mesmo efeito, a taxa de sucesso da alface-do-mar "é superior" pelo que considera que a alface-do-mar é uma alternativa eficiente.

"Essas algas removem percentagens elevadas de contaminantes num período curto de tempo, a metodologia é económica e mais ecológica do que os métodos 'clássicos' para a remoção destes elementos, que são menos eficazes e, muitas vezes, mais caros, o que se traduz em baixo custo-benefício", comenta.

O estudo da Universidade de Aveiro indica que cada grama de alga consegue remover em simultâneo 120 microgramas de mercúrio, 160 microgramas de cádmio, 980 microgramas de chumbo, 480 microgramas de crómio, 660?microgramas de níquel, 550 microgramas de arsénio, 370 microgramas de cobre e 2.000 microgramas de manganês.

O "segredo" da grande capacidade de 'limpeza' pela alga explica-se através de sorção, processo através do qual a alface-do-mar consegue incorporar nos seus tecidos os contaminantes.

"O rápido crescimento dessas algas contribui para que se consigam remover os contaminantes em cada vez maior quantidade, pois o crescimento da alga aumenta o número de locais de superfície aos quais estes elementos tóxicos se podem ligar", esclarece.

Segundo Bruno Henriques, "as algas podem ser utilizadas para diminuir a contaminação de locais afetados por descargas desses elementos, através da introdução da alga no local a descontaminar, se

as condições forem adequadas ao seu crescimento, ou cultivando algas num outro local e transportando estas para os locais a serem descontaminados".

Os investigadores da UA asseguram que as alfaces-do-mar permitem reduzir também o teor de fosfatos e nitratos em águas e ao usarem dióxido de carbono como fonte de carbono, permitem reduzir a pegada de carbono.
Além de Bruno Henriques, a equipa de investigação que desenvolveu o estudo integra Ana Teixeira, Paula Figueira, Joana Almeida e Eduarda Pereira, do Instituto de Materiais de Aveiro e do Laboratório Central de Análises, em cooperação com a Universidade do Porto e o Instituto Ricardo Jorge.

Patricia Correia

CISION

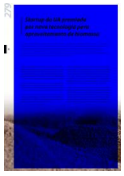
escrita com energia instalador
edifícios . energia . ambiente

ID: 81464187

31-07-2019

Meio: Imprensa
País: Portugal
Period.: Mensal
Âmbito: Outros Assuntos

Pág: 8
Cores: Cor
Área: 17,80 x 27,20 cm²
Corte: 1 de 2



Startup da UA premiada por nova tecnologia para aproveitamento de biomassa

Doutorando da Universidade de Aveiro (UA) em Sistemas Energéticos e Alterações Climáticas, o equatoriano Mário Heredia Salgado foi distinguido, com sua startup "Bioenergía de los Andes", pelo ISC3-International Sustainable Chemistry Collaborative Centre e a Elsevier Foundation com o "Entrepreneurial Spirit in Sustainable Chemistry Award". O doutorando da UA desenvolveu uma nova tecnologia modular para aproveitamento de resíduos da agroindústria (biomassa), produzindo biochar e energia térmica. Para além da tecnologia, há um modelo de negócio inovador associado.

Mário Heredia Salgado, aluno do Departamento de Ambiente e Ordenamento (DAO)/Centro de Estudos do Ambiente e do Mar (CESAM), onde desenvolve trabalho de doutoramento sob supervisão dos professores Luís Tarelho e Arlindo Matos, no domínio de conversão termoquímica de biomassa e resíduos, foi premiado pelo ISC3 – International Sustainable Chemistry Collaborative Centre.

O premio económico é importante para si e para a sua equipa no Equador, afirma o investigador, «porque providencia uma parte importante dos fundos necessários para escalar o reator, o que por sua vez vai acrescentar nossa capacidade de produção de biochar».

«Este novo reator, além de ser um meio de produção para prestar serviços na agroindústria e, portanto, financiar as atividades de desenvolvimento na startup, é o equipamento a partir do qual vão continuar as pesquisas nos anos que vêm».

O prémio recebido prevê ainda a inclusão da startup "Bioenergía de los Andes" no "Global Startup Service" fornecido pelo ISC3: «Muito relevante», sublinha Mário Salgado, «porque teremos acesso a treino, formação, oportunidades de financiamento e capital de risco... Mas, acima de tudo, cria uma oportunidade para a internacionalização da empresa, nomeadamente, para outros países em desenvolvimento e economias emergentes. Neste sentido, a promoção que o ISC3 vai fazer será de grande importância».

Para além desta tecnologia de pirolise, o autor tem colaborado na implementação de alguns destes dispositivos para aproveitamento de energia térmica (para secagem) em empresas agroindustriais da América do Sul, usando a tecnologia de combustão e alimentados com resíduos de café e casca de palma. A energia térmica gerada é usada para secagem do café e do cacau. A tecnologia de pirólise não está a ser comercializada nesta fase, argumenta Mário Salgado, uma





O equatoriano Mário Heredia Salgado foi distinguido, com sua startup "Bioenergía de los Andes".

vez que o atual modelo de negócio é colaborativo e cooperativo: fornecem-se e trocam-se serviços em instalações agroindustriais geridas exclusivamente por associações de produtores.

Embora existam no mercado reatores com objetivos análogos, a integração energética proposta pela "Bioenergía de los Andes" e por Mário Salgado fica a um terço do custo, inovando na estruturação modular do equipamento e no modelo de negócio, afirma o investigador que beneficia de uma bolsa do governo do Equador.

Tecnologia está a ser adaptada a diversos contextos

A tecnologia usada no reator tem vindo a ajustar-se, no âmbito do trabalho de doutoramento na UA, para que possa ser integrada no setor industrial em países em desenvolvimento e economias emergentes, nomeadamente com:

1. Design modular que permite diminuir os custos de montagem e instalação;
2. Operação exclusiva com recurso a biomassa - este equipamento não precisa de gás nem gasóleo de origem fóssil para o aquecimento inicial, nem durante a operação;
3. Integra plataformas de hardware e software de código aberto;
4. Uso de materiais disponíveis localmente para a montagem, evitando o recurso a técnicas complexas de solda e fundição;
5. É um modelo de negócio inovador que promove a transformação das agroindústrias em biorrefinarias de etapa inicial, que por sua vez estão baseadas na versatilidade do bio-carvão enquanto produto: pode ser usado como aditivo do solo, como combustível sólido para cozinhar, como filtro para tratamento de efluentes líquidos ou gasosos, como aditivo na ração animal, aditivo durante produção de composto, alternativa ao carvão mineral na produção de aço, etc.

A "Bioenergía de los Andes" é uma startup social ou "tripple bottom line startup" onde o lucro (ainda que importante), afirma, não é o objetivo principal. A motivação primordial é promover mudanças sociais e ambientais utilizando tecnologia, sendo centrais o impacto social, ambiental e económico (por esta ordem).
O ISC3-International Sustainable Chemistry Collaborative Centre foi criado no âmbito do GIZ, estrutura de cooperação internacional para o desenvolvimento sustentável e para a educação com importante participação do Ministério para a Cooperação Económica e Desenvolvimento alemão. •

CISION

Diário de Aveiro

ID: 81766747

29-07-2019

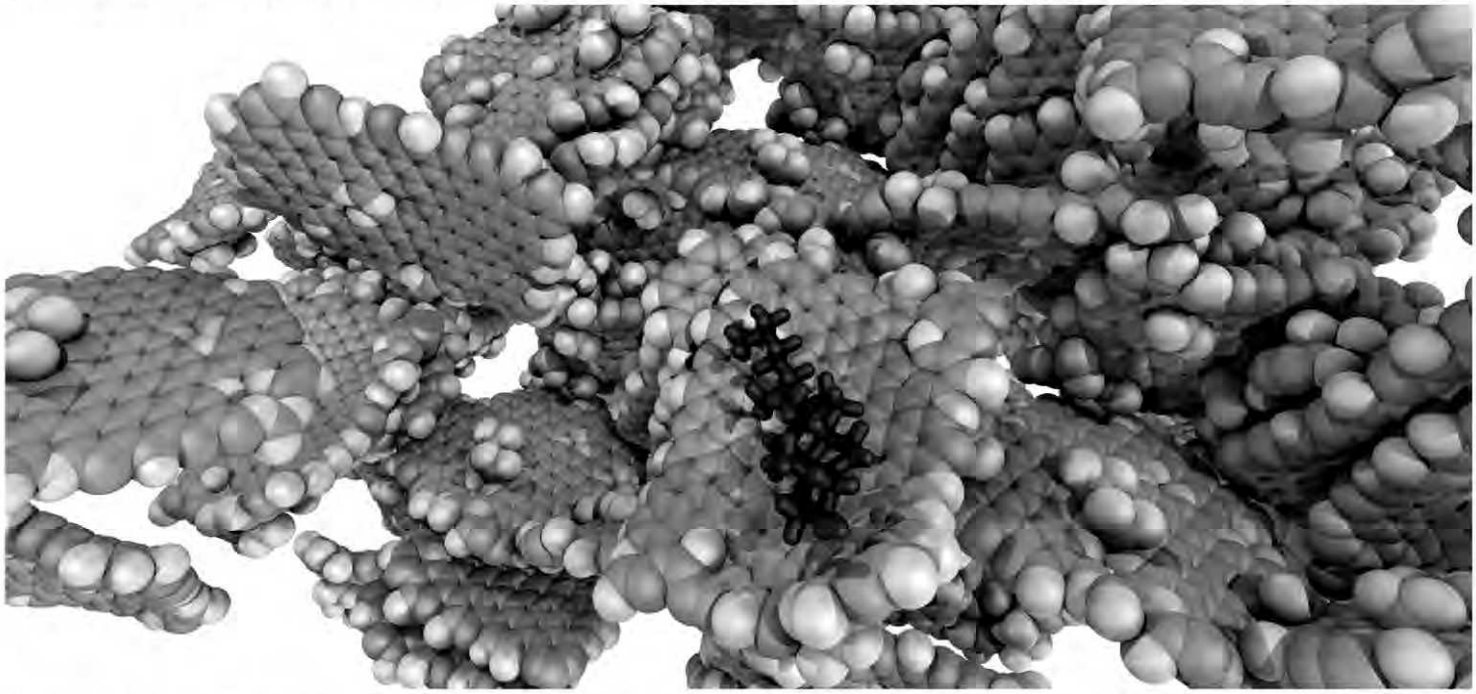
Meio: Imprensa
País: Portugal
Period.: Diária
Âmbito: Regional

Pág: 26
Cores: Preto e Branco
Área: 26,20 x 30,11 cm²
Corte: 1 de 2

LC642

FÁBRICA CENTRO CIÊNCIA VIVA aveiro · universidade de aveiro · CIÊNCIA VIVA · Região Aveiro · mais CENTRO · QREN · UNIÃO EUROPEIA Fundo Europeu de Desenvolvimento Regional

Ferramenta computacional permite o estudo de carvões ativados ao nível atómico



O microscópio mais poderoso do mundo chama-se TEAM 0.5 e encontra-se instalado na Califórnia pela módica quantia de 27 milhões de dólares. Este microscópio é capaz de atingir resoluções de 0.00000001 centímetros, cerca de metade de um átomo de hidrogénio, e permite estudar as interações fundamentais ao nível dos átomos e das suas ligações. É, portanto, uma ferramenta extremamente útil no desenvolvimento de novos materiais com aplicações a nível energético, ambiental e/ou clínico. Porém, a sua complexidade e custos de aquisição e manutenção colocam uma barreira gigante à utilização deste tipo de tecnologia pela maior parte dos laboratórios.

Nas últimas décadas, uma nova solução para o estudo de interações a nível atómico tem vindo a ganhar terreno: a utilização de simulações computacionais. Neste tipo de simulações, é possível imitar os mecanismos da natureza num computador, e não só ver as interações entre os átomos de forma estática (como uma fotografia), mas também estudar o seu desenvolvimento ao longo do tempo (como um vídeo). Para além disso, é possível alterar as condições nas quais a experiência decorre de forma dinâmica e fácil (como a temperatura, humidade, pressão, etc.), diminuindo os custos laboratoriais e reduzindo o tempo de obtenção de resultados.

Um dos campos onde a simulação molecular tem vindo a ganhar destaque é no âmbito da adsorção em sistemas aquosos. Ao contrário da absorção, onde o composto de interesse (muitas vezes chamado de analito) penetra a substância absorvente, na adsorção o analito fica retido na superfície. As interações que permitem este fenómeno são então mais complexas, de natureza eletrostática (onde os átomos atuam como pequenos ímanes que se atraem) e hidrofóbica (onde as substâncias se agregam por serem pouco solúveis em água).

Um exemplo de um material adsorvente é o carvão ativado. Este material tem várias aplicações, desde a descontaminação de águas residuais até à utilização como desintoxicante em casos clínicos agudos. O carvão ativado é, tradicionalmente, obtido a partir de carvão betuminoso e petróleo, o que contribui para a sobre-exploração destes combustíveis fósseis. Uma nova e interessante solução foi proposta por um grupo de cientistas da Universidade de Aveiro: a utilização de resíduos sólidos provenientes da indústria papeleira como ponto de partida para a criação deste material. Durante o processo de fabrico do carvão ativado existem variáveis que podem ser controladas, resultando em produtos com características diferentes, o que vai naturalmente interferir na eficiência do material resultante para a adsorção dos compostos de interesse.

Foi neste âmbito que surgiu o CarbGen, uma ferramenta computacional desenvolvida na Universidade de Aveiro com o intuito de agilizar a criação de modelos computacionais de carvões ativados. Para além de facilitar todo o processo de desenho de modelos de materiais à base de carbono, o CarbGen é ainda capaz de introduzir funcionalizações (grupos de átomos de oxigénio ligados ao carvão) e estruturas porosas, mimetizando, portanto, as estruturas reais a um nível sem precedentes. Com estes modelos, é possível simular carvões com diferentes propriedades e avaliar os efeitos na adsorção de analitos de forma rápida e com menos custos. Uma simulação de computador de um novo tipo de carvão demora cerca de 6 a 10 horas, enquanto que toda a preparação, produção e análise experimental no laboratório pode levar mais de 2 semanas. A análise a nível atómico das interações entre duas moléculas fica então disponível a qualquer cientista sem a necessidade de *super* microscópios milionários, o que permite uma mais rápida prototipagem e identificação de compostos candidatos para estudos laboratoriais. A ferramenta está disponível de forma gratuita online (em carbgen.web.ua.pt).

José Manuel Pereira[a], Vânia Calisto[b], Sérgio Miguel Santos[a]
[a]CICECO & [b]CESAM
Departamento de Química da Universidade de Aveiro

CISION

Diário de Aveiro

ID: 81766747

29-07-2019

Meio: Imprensa
País: Portugal
Period.: Diária
Âmbito: Regional

Pág: 27
Cores: Cor
Área: 26,20 x 30,66 cm²
Corte: 2 de 2

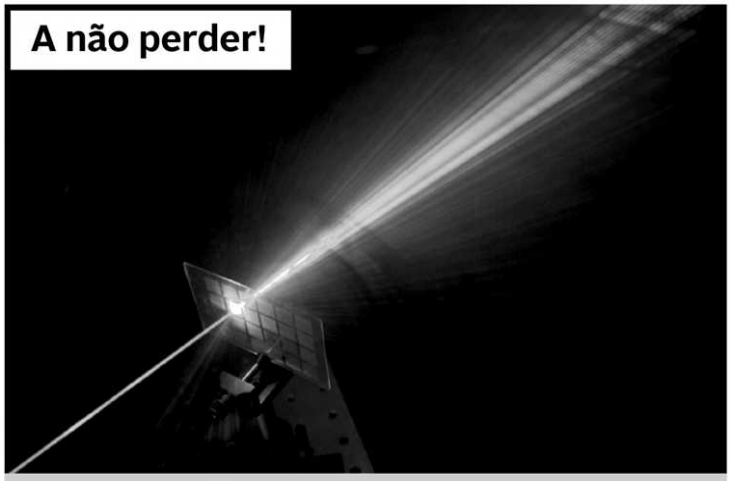
Laboração Contínua

Foto da semana



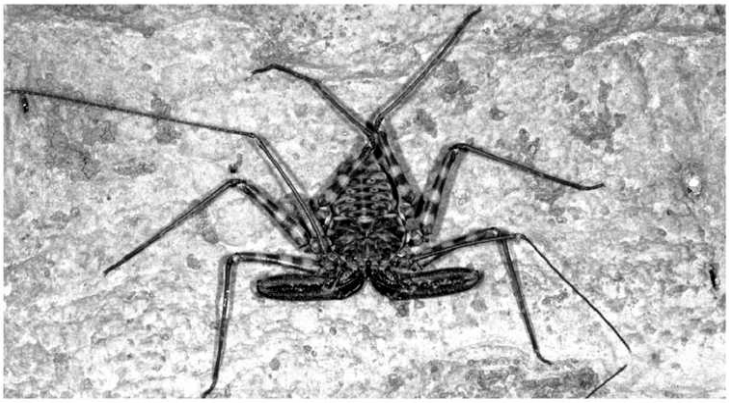
No âmbito do Ciclo de Cafés de Ciência: "**Há Estrelas na Fábrica**" decorreu no passado dia **19 de julho**, na Fábrica, o encontro com a temática: "**Da Terra à Lua – 50 anos**", com o astrónomo José Matos. Nesta sessão, a conversa foi em torno da celebração do 50º aniversário da "aterragem" da *Apollo 11* na Lua, como foi realizada esta grande viagem e do seu enquadramento histórico. Este foi o último encontro de um total de 9, que decorreram nas terceiras sextas-feiras de cada mês. Mais informações: www.ua.pt/fabrica

A não perder!



Adoras construir e inventar coisas? Então este desafio é para ti, se tens entre **13 e 17 anos** inscreve-te no estágio de verão: "**Hologramas e imagens 3D**"e junta-te à equipa do Doing - *Makerspace* da Fábrica para criar, experimentar, construir, testar e desenvolver o teu projeto. Vais ver como ciência e arte se relacionam de forma divertida e inspiradora! De **2 a 6 de setembro** entre as **14h30 e as 17h30**. A inscrição é obrigatória e tem o custo associado de 30€, por semana. Mais informações: fabrica.cienciaviva@ua.pt ou 234 427 053.

Biodiversus | Escorpião-chicote-sem-cauda



Nome vulgar:
Escorpião-chicote-sem-cauda
Nome científico: *Damon diadema*

Escorpião-chicote-sem-cauda é um bizarro ser, embora pareça aranha pela sua forma, não o é. Este invertebrado é aracnídeo, mas pertence a uma outra ordem, *Amblypygi*. O corpo deste amblipígio é achatado dorso-ventralmente e possui pedipalpos dobrados e providos de espinhos, lembrando a forma de pinças. O primeiro par de apêndices locomotores é extremamente longo, com funções sensitivas. Poderá parecer perigoso, mas este aracnídeo não possui veneno.

A espécie, *Damon diadema*, pode ser também encontrada em Etiópia, Quénia, Somália e Tanzânia. Estes seres vivos têm hábitos noturnos, como a maioria dos aracnídeos. Durante o dia encobrem-se em troncos de árvores, na vegetação e nas fendas de rochas.

Os amblipígios alimentam-se de insetos, outros aracnídeos e pequenos vertebrados. Nas cavernas estes aracnídeos desempenham um importante papel como predadores.

Para descobrires mais sobre estes seres vivos e outros aracnídeos, visita a exposição: "**Viagem ao mundo das aranhas**" na Fábrica Centro Ciência Viva!

mais informações em www.fabrica.cienciaviva.ua.pt

Ciência na Agenda



02 set	06 set	14h30 > 17h30	Estágio de verão: "**Hologramas e imagens 3D**", na Fábrica Centro Ciência Viva de Aveiro.
até set '19			Exposição **"Posters com Ciência"**, na Fábrica Centro Ciência Viva de Aveiro.
até mar '20			Exposição **"Viagem ao mundo das aranhas"**, na Fábrica Centro Ciência Viva de Aveiro.
até jul '20			Exposição **"Rádio con:vida"**, na Fábrica Centro Ciência Viva de Aveiro.
até ago '20			Exposição **"As Carolices do Avô Carlos"**, na Fábrica Centro Ciência Viva de Aveiro.
até ago '20			Exposição **"Mãos na Massa"**, na Fábrica Centro Ciência Viva de Aveiro.

CISION

Diário de Aveiro

ID: 81648927

22-07-2019

Meio: Imprensa
País: Portugal
Period.: Diária
Âmbito: Regional

Pág: 24
Cores: Cor
Área: 26,20 x 29,94 cm²
Corte: 1 de 1

LC641

FÁBRICA CENTRO CIÊNCIA VIVA aveiro · universidade de aveiro · CIÊNCIA VIVA · Região Aveiro · mais CENTRO · QREN · UNIÃO EUROPEIA Fundo Europeu de Desenvolvimento Regional

LESMAS MARINHAS FOTOSSINTÉTICAS



Foto: Alexander Sommer

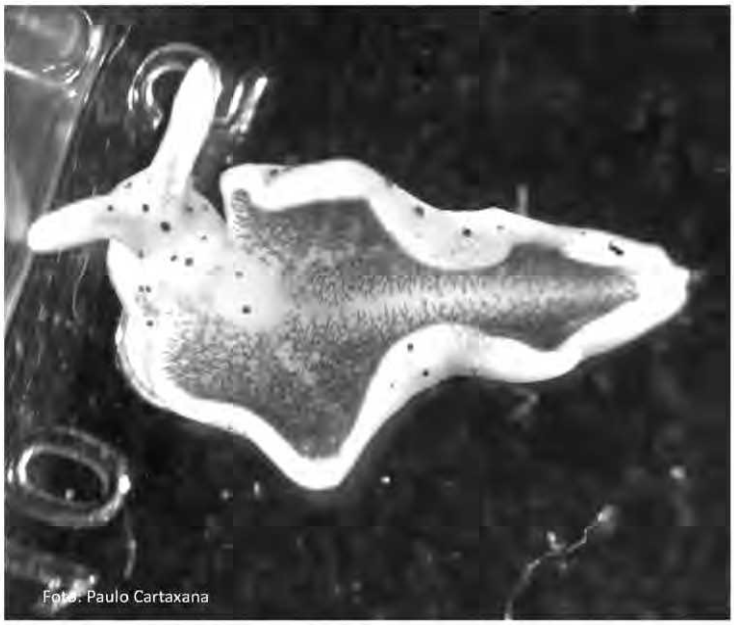


Foto: Paulo Cartaxana

Fotossíntese é o mecanismo pelo qual algas e plantas utilizam energia solar para criar energia química (moléculas de açucares) a partir de dióxido de carbono e água. O processo decorre em pequenas estruturas das células vegetais designadas cloroplastos, que possuem os pigmentos responsáveis pela absorção de luz, nomeadamente a clorofila.

Menos conhecida é a capacidade de algumas lesmas marinhas de realizar a fotossíntese. Estes animais são capazes de se alimentar de macroalgas, digerir a maior parte do material ingerido ao mesmo tempo que incorporam os pequenos painéis solares das células vegetais. Uma vez na célula animal, estes cloroplastos "roubados" (que passam a designar-se cleptoplastos) continuam funcionais. A principal vantagem adaptativa deste fenómeno é a capacidade de as lesmas marinhas obterem carbono derivado da fotossíntese, à semelhança de outros organismos que estabelecem relações de simbiose com microalgas, tais como os corais. A singularidade da cleptoplastia é que os cloroplastos permanecem funcionais na ausência do núcleo e dos restantes componentes da célula vegetal.

A cleptoplastia está descrita num único grupo de animais, as lesmas marinhas da ordem Sacoglossa. Ainda que a cleptoplastia não se enquadre na definição de simbiose, uma vez que o cloroplasto não é um organismo, é vulgarmente designada como simbiose cloroplastidial. A fotossíntese em cleptoplastos pode ser mantida em algumas espécies destas lesmas marinhas por vários meses.

O projeto de investigação HULK* – "Cloroplastos Funcionais dentro de Células Animais: Resolvendo o Enigma", liderado pelo Centro de Estudos do Ambiente e do Mar (CESAM) da Universidade de Aveiro tem como principal objetivo compreender o papel dos cleptoplastos no metabolismo de lesmas marinhas fotossintéticas e determinar quais os mecanismos responsáveis pela manutenção dos cleptoplastos funcionais dentro das células animais.

No âmbito do projeto HULK, comprovou-se a relevância nutricional da fotossíntese para a espécie *Elysia viridis*, uma pequena lesma marinha bastante abundante na costa Portuguesa. Mais recentemente, foram aplicadas metodologias inovadoras (NanoSIMS - Nanoscale Secondary Ionisation Mass Spectrometry) para efetuar uma análise visual e quantitativa de carbono marcado fixado via fotossíntese no tecido animal. Os resultados, em fase de publicação, indicam uma clara transferência de compostos derivados da fotossíntese para as células animais.

Mas sequestrar milhões de pequenos painéis solares é uma ousadia com riscos associados. Os cloroplastos são locais de produção de espécies reativas de oxigénio (ROS) com potenciais efeitos negativos para os próprios cloroplastos e para as células hospedeiras. A produção de ROS nos cloroplastos está geralmente associada a situações de luz excessiva. Ainda no âmbito do projeto HULK, verificou-se que as lesmas marinhas fotossintéticas fecham os parápodes (apêndices que se estendem lateralmente a partir do corpo) quando expostas a luz forte, o que provoca uma diminuição significativa da exposição dos cleptoplastos e do stress oxidativo. A manutenção de cloroplastos funcionais está, em parte, dependente desta capacidade de fotoproteção, e demonstra um grau de comunicação surpreendente entre os cleptoplastos e as células animais.

Compreender a forma como são mantidos cloroplastos isolados a fixar carbono sem o núcleo da célula vegetal é um desafio aliciante com uma infinidade de possíveis aplicações, desde a síntese de bioprodutos à produção de energia.

hulk

* O projeto HULK (PTDC/BIA-ANM/4622/2014–POCI-01-0145-FEDER-016754) é financiando pelo Programa Operacional Competitividade e Internacionalização, Fundação para a Ciência e Tecnologia/Ministério da Ciência, Tecnologia e Ensino Superior, Programa Operacional Regional de Lisboa e Fundo Europeu de Desenvolvimento Regional, no âmbito do Acordo de Parceria Portugal 2020 e COMPETE 2020.

Paulo Cartaxana e Sónia Cruz
CESAM e Dep. de Biologia
Universidade de Aveiro

CISION

Diário de Aveiro

ID: 81611191

19-07-2019 | Ensino Superior

Meio: Imprensa
País: Portugal
Period.: Anual
Âmbito: Regional

Pág: 5
Cores: Cor
Área: 8,70 x 31,97 cm²
Corte: 1 de 1



Centros de Investigação da UA avaliados com notas máximas



CLASSIFICAÇÃO Quase 100 por cento dos centros de investigação científica (19 dos 20 existentes) da Universidade de Aveiro (UA) foram avaliados com "Excelente" e "Muito bom".

A avaliação foi efectuada pela Fundação para a Ciência e a Tecnologia (FCT) 2017/2018 e os resultados, divulgados recentemente, colocam a faculdade aveirense no topo da investigação de ponta realizada em Portugal.

Para o vice-reitor da UA para a área da investigação, esta avaliação veio "premiar a UA e os seus investigadores pela excelência da investigação que se tem vindo a desenvolver, como resultado do esforço, dedicação, mérito e estratégia de toda a nossa comunidade científica". Um resultado que, na óptica de Artur Silva, "aumenta significativamente a responsabilidade de almejar e trabalhar para no futuro se obterem resultados e classificações ainda melhores".

Ciências Sociais, Saúde, Materiais, Nanotecnologia, Química, Alterações Climáticas, Engenharia Mecânica, Psicologia, Matemática, Design, Música e Engenharia Eletrónica são apenas algumas das áreas científicas em que as unidades de investigação da UA desenvolvem a sua actividade e às quais a FCT atribuiu notas máximas.

Deste modo, na sequência da avaliação realizada pelos respectivos painéis internacionais, obtiveram a classificação de "Excelente" os centros de investigação CESAM - Centro de Estudos do Ambiente e do Mar; CICECO - Instituto de Materiais de Aveiro; CIPES - Centro de Investigação de Políticas de Ensino Superior; I3N - Instituto de Nanoestruturas, Nanomodelação e Nanofabricação; REQUIMTE (Rede de Química e Tecnologia); WJCR - William James Center for Research; e INET-md - Instituto de Etnomusicologia/Centro de Estudos em Música e Dança.

Por sua vez, com a classificação "Muito Bom" foram avaliados os centros iBiMED - Instituto de Biomedicina; DigiMedia - Média Digitais e Interacção; GeoBioTec - GeoBioSciences, GeoTechnologies and GeoEngineering; TEMA - Centro de Tecnologia Mecânica e Automação; CIDMA - Centro de Investigação e Desenvolvimento em Matemática e Aplicações; CLLC - Centro de Línguas, Literaturas e Culturas; CIDTFF - Centro de Investigação em Didáctica e Tecnologia na Formação de Formadores; ID+ - Instituto de Investigação em Design, Media e Cultura; GOVCOPP - Unidade de Investigação em Governança, Competitividade e Políticas Públicas; IEETA - Instituto de Engenharia Electrónica e Telemática de Aveiro; CINTESIS - Centro de Investigação em Serviços e Tecnologias da Saúde; e IT - Instituto de Telecomunicações.

De salientar que as classificações da FCT vêm ditar o financiamento que cada centro terá para implementar os seus planos estratégicos entre 2020 e 2023. O financiamento global a distribuir pelas unidades de investigação do país ascende a cerca de 526 milhões de euros, incluindo 1.600 novas bolsas de doutoramento.

Arouca Geopark com ações de Ciência Viva no Verão

Tipo Meio: Internet Data Publicação: 18/07/2019

Meio: CNC - Centro Nacional de Cultura Online - E-Cultura Online

URL: https://www.e-cultura.sapo.pt/evento/14451

Nas férias a Ciência sai à rua com centenas de ações de participação gratuita em todo o país, organizadas por centros ciência viva, instituições científicas, autarquias, empresas e associações científicas

15 Jul a15 Set

Arouca Geopark

Rua Alfredo Vaz Pinto | 4540-118 Arouca

Nestas férias, a ciência sai à rua no Arouca Geopark, com o Ciência Viva no Verão 2019.

Até 15 de setembro, a geologia, a biologia e a arqueologia dos Passadiços de Paiva e da Serra da Freita são algumas das áreas que os participantes terão a oportunidade de conhecer melhor, através das ações promovidas pela AGA - Associação Geoparque Arouca.

As inscrições para participação nas ações já se encontram disponíveis aqui.

Ações no Arouca Geopark:

21.07 - Birdwatching na Serra da Freita (AGA e CERVAS)
24.07 - A cultura e os répteis do Arouca Geopark: mitos e lendas (AGA e CESAM/Universidade de Aveiro)
26.07 - Em busca dos mamíferos do Arouca Geopark (AGA e UVS/Universidade de Aveiro)
31.07 - Vallis Nostrum: Povoamento Romano no Vale de Arouca (AGA)
02.08 - Roteiro etnobotânico nos Passadiços do Paiva (AGA e Escola da Água - Centro de Interpretação, Condeixa)
07.08 - Geomorfologia e interpretação da paisagem - Passadiços do Paiva (AGA e Universidade do Minho)
09.08 e 05.09 - Pedras parideiras: um tesouro geológico na Serra da Freita (AGA)
14.08 e 13.09 - Do Radar Meteorológico de Arouca... a mais bela panorâmica do Arouca Geopark! (AGA, IPMA e Câmara Municipal de Arouca)

O Museu das Trilobites acolhe as seguintes ações:

28.07 e 04.08 - As trilobites gigantes do Arouca Geoparque Mundial da UNESCO
03.08 - Astronomia no Museu das Trilobites Gigantes

A Macrorevolução dos Microsensores

Tipo Meio: Internet Data Publicação: 17/07/2019

Meio: Watts On Online

URL: https://www.wattson.pt/2019/07/17/a-macrorevolucao-dos-microsensores/

Johnny ReisInvestigador do Centro de Estudos do Ambiente e do Mar (CESAM) e do Departamento de Ambiente e Ordenamento (DAO) da Universidade de Aveiro (UA). Presidente do Colégio de Engenharia do Ambiente da Ordem dos Engenheiros Técnicos (OET)

Com elevado potencial de crescimento, a utilização de microsensores para alimentar bases de dados robustas e confiáveis (big data), aliadas a bases de dados de cenários pré-simulados e tecnologias de informação, permite a identificação e compreensão das condições atuais e futuras de episódios críticos de poluição atmosférica.

Opinião

A Macrorevolução dos Microsensores

17 Julho, 2019 0 8

O ar limpo é considerado um requisito básico para a saúde e bem-estar humano, estando consignado no 11º Objetivo de Desenvolvimento Sustentável das Nações Unidas. É o recurso natural mais importante do nosso planeta porque sem ele o ser humano não sobrevive mais do que três minutos.

Tal importância verifica-se quando associamos a poluição do ar a uma em cada oito mortes prematuras em todo o mundo e à perda de anos de vida com qualidade, devido às doenças respiratórias e cardiovasculares, sendo as crianças e os idosos a população vulnerável mais exposta a este risco.

A deterioração das condições ambientais associadas à má qualidade do ar levou a comunidade científica a repensar os sistemas de monitorização da qualidade do ar existentes, constituídos por uma rede de monitorização ad doc, compostas por equipamentos com elevados custos de manutenção e operacionalidade, limitadas em número de estações.

Para melhorar a capacidade de monitorização para fins científicos, legislativos, sensibilização dos cidadãos e capacidade de resposta das autoridades, é necessário complementar as metodologias existentes com alternativas flexíveis e acessíveis, que permitam aumentar a cobertura espacial, a identificação de fontes de poluição, bem como melhorar a compreensão dos impactos sobre a saúde, disponibilizando informação à população e, consequentemente, protegendo a sua saúde.

Ferramentas inovadoras precisam-se

Neste contexto, o uso de microsensores surge como uma ferramenta inovadora para a monitorização da qualidade do ar, em contexto de Smart City.

As redes de microsensores de baixo custo são uma nova tecnologia para uso em pesquisas e aplicações operacionais. Elas oferecem o potencial de aumentar gradualmente a resolução espacial da monitorização, fornecendo validação localizada de modelos e estimativas mais precisas de exposição, particularmente em locais que não possuem estações de monitorização de referência.

Embora se conheçam limitações na fiabilidade dos dados obtidos, que podem resultar das limitações nas gamas de medição, na sensibilidade e na seletividade aos poluentes e nos tempos de resposta, a evolução na qualidade dos microsensores e a possibilidade de calibração da informação medida, tem demonstrado um elevado potencial. Destaca-se o recurso a ferramentas de processamento e integração de dados como algoritmos de inteligência artificial (redes neuronais artificiais), data-fusion ou data assimilation, que permitem obter dados mais consistentes, fiáveis e informação mais útil para os cidadãos e autoridades em geral.

Com elevado potencial de crescimento, a utilização de microsensores para alimentar bases de dados robustas e confiáveis (big data), aliadas a bases de dados de cenários pré-simulados e tecnologias de informação, permite a identificação e compreensão das condições atuais e futuras de episódios críticos de poluição atmosférica. Deste modo, será possível dar respostas rápidas e direcionadas para a gestão de qualidade do ar local, evitando a exposição da população a níveis de poluição nocivos e, ao mesmo tempo, permitir o desenvolvimento de ferramentas inovadora de suporte à tomada de decisão.

O seu baixo custo, o seu rápido crescimento e evolução, a sua grande capacidade de adaptação e a sua versatilidade face às novas tecnologias de comunicação mostram, claramente, que está a acontecer uma Macrorevolução dos Microsensores numa Smart City perto de si...

Vivos ou mortos. Procuram-se répteis na Ria de Aveiro

Tipo Meio: Internet Data Publicação: 16/07/2019

Meio: Wilder Online

URL: http://www.pt.cision.com/s/?l=c3f6e342

Uma equipa da Universidade de Aveiro quer conhecer melhor que cobras, lagartos e cágados se podem encontrar na Ria de Aveiro. Para isso, pede ajuda a todos

Facebook0

Um novo projecto da Universidade de Aveiro (UA) quer conhecer melhor que cobras, lagartos e cágados se podem encontrar na região. Para isso, pedem ajuda a todos os cidadãos.

A Ria de Aveiro está entre os locais mais estudados pelo Departamento de Biologia da Universidade de Aveiro, até por causa da proximidade do local, "mas há uma lacuna que são os répteis", adianta Victor Bandeira, investigador do CESAM - Centro de Estudos do Ambiente e do Mar e da Unidade de Vida Selvagem (UVS).

Assim, desde 1 de Julho que um novo projecto da UVS convida quem encontrar o cadáver de um réptil na área geográfica da Ria de Aveiro a contactar os responsáveis por esta iniciativa através do email (wildlife@ua.pt). Isto, tendo em vista a recolha do animal ou enviando uma fotografia com a data, local e nome do colector ou observador.

"Caso o cidadão observe um réptil vivo, pode também enviar uma fotografia para o mesmo email, com a respectiva localização e data", indica uma nota divulgada pela UA.

Está previsto que o projecto dure até ao fim deste ano, mas grande parte dos répteis - vivos ou mortos - deverão avistar-se "com muita sorte até ao final de Outubro", prevê Victor Bandeira. "Logo que chegam as primeiras noites e os primeiros dias mais frios, estes animais começam a entrar num estado de torpor e deixam de aparecer."

Sardão (Timon lepidus). Foto: Arturo Nikolai/Wiki Commons

Muitas das recolhas deverão acontecer em estradas e bermas rodoviárias, uma vez que no calor os répteis procuram o asfalto para apanharem sol e muitos morrem atropelados, admite o mesmo responsável.

Entre as espécies que costumam ser mais observadas na região, contam-se o sardão, a cobra-rateira e a cobra-de-água-viperina, enumera.

Cobra-rateira (Malpolon monspessulanus). Foto: Mathieu Caunes/Wiki Commons

Para que vão servir os novos dados?

Em primeiro lugar, para fazer mapas da distribuição de cada espécie ao longo da região da Ria de Aveiro, contando para isso com a colaboração dos alunos finalistas da licenciatura de Biologia.

E dependo do número de exemplares recolhidos ao longo dos próximos meses, poderão fazer-se

também estudos de dieta e de reprodução, entre outros. "Analisando os cadáveres, conseguimos obter muita informação sobre a ecologia destes animais."

Cobra-de-água-viperina (Natrix maura). Foto: Aline Deflorenne/Wiki Commons

Quem informar sobre o local onde encontrou um réptil morto ou enviar a fotografia não fica de mãos a abanar. "Dependendo dos dados que enviarem, podemos dizer às pessoas a identificação da espécie e acrescentar outros dados e curiosidades", promete o responsável pelo projecto.

Em menos de 15 dias, Victor Bandeira diz que já recolheram vários cadáveres e também receberam algumas fotografias de répteis vivos e mortos. Mas se a informação entretanto conseguida for insuficiente, está pronto para repetir a mesma iniciativa em 2020 e também em 2021.

Saiba mais.

Conheça mais sobre a cobra-rateira, sobre a cobra-de-água-viperina e também sobre o sardão, répteis que já foram identificados dentro da série "Que espécie é esta".

Recorde também outras sete iniciativas com que pode ajudar os cientistas este Verão.

Professor da UA representa Portugal no Conselho Executivo da Comissão Oceanográfica Intergovernamental

Tipo Meio: Internet Data Publicação: 13/07/2019

Meio: Notícias de Aveiro Online

URL: http://www.pt.cision.com/s/?l=9246857

Universidade de Aveiro.

Luís Menezes Pinheiro, professor do Departamento de Geociências da Universidade de Aveiro (UA) e presidente do Comité Português para a Comissão Oceanográfica Intergovernamental (COI/UNESCO), representa Portugal no Conselho Executivo deste organismo da UNESCO desde 2016, para o qual o nosso país acabou de ser reeleito.

O professor do Departamento de Geociências é investigador do Centro de Estudos do Ambiente e do Mar (CESAM) da Universidade de Aveiro, Coordenador do Grupo de Atribuição de Tempo de Navio de Investigação (COI-MCTES - FCT), tem participado em vários documentos do European Marine Board, e é um dos peritos que está a colaborar com as Nações Unidas no âmbito do 2nd World Ocean Assessmen, refere o site UA_online.

Publicidade, Serviços & Donativos

Lisboa pode registar temperaturas 4 a 6 graus superiores às zonas rurais limítrofes

Tipo Meio: Internet Data Publicação: 12/07/2019

Meio: Revista IntelCities Online

URL: http://www.pt.cision.com/s/?l=fc6f8ffe

Temperaturas superiores
quatro a seis graus, em média, nas zonas mais densamente construídas, em relação a zonas rurais da mesma região, estão previstas pelo estudo, em curso, sobre clima de Lisboa do Instituto de Ambiente e Desenvolvimento/Universidade de Aveiro.

Zonas da cidade, como o aeroporto, a Baixa e uma faixa
contígua com essa que se prolonga pela margem do Tejo em direção a poente são as que registam uma diferença de temperatura mais significativa em relação a zonas rurais se não houvesse cidade naquela área. Os cálculos foram feitos por investigadores do Departamento de Física (DFis - grupo de Meteorologia e Clima) da UA/IDAD e constam de um estudo para a Câmara Municipal de Lisboa, que envolve ainda a Agência de Energia e Ambiente de Lisboa (Lisboa E-Nova), o Instituto de Geografia e Ordenamento do Território (IGOT) e o Instituto Português do Mar e da Atmosfera (IPMA).

O estudo, ainda em curso, procura antever o efeito cumulativo
das ondas de calor, cada vez mais frequentes e prolongadas em contexto de alterações climáticas, e da chamada "ilha de calor" que é tanto mais expressiva quanto mais densamente construídos e menos verdes são os aglomerados urbanos. O efeito "ilha de calor" é caraterizado por temperaturas, em média, superiores às que se verificariam em zonas rurais e com coberto vegetal natural.

Verões em contínua onda de calor

Com o título "Cartografia da vulnerabilidade térmica:
mapeamento dos efeitos das ondas de calor em Lisboa, face às projeções climáticas", o trabalho realizado até agora, para além do cálculo do efeito cumulativo médio das ondas de calor e "ilha de calor" para várias zonas da cidade, mostra que, dentro de poucas décadas, poderá haver verões em contínua e prolongada onde de calor, explica o coordenador do grupo de trabalho e professor do DFis, Alfredo Rocha. Por outro lado, este aumento da temperatura vai-se alargando à medida que a densidade da cidade também se alarga em direção aos seus limites, tal como apontam as previsões de crescimento da cidade nos próximos anos.

A parte do estudo que cabe à UA inclui a caraterização das
ondas de calor em Lisboa (situação atual e futura), caraterização da "ilha de calor" (situação atual e futura) e medidas de resiliência. Entre as medidas de resiliência adotadas noutros países estão, por exemplo, o aumento de áreas destinadas a parques e jardins, aplicação de coberto vegetal nos telhados, mais revestimentos com cor branca ou um pavimento mais claro para circulação automóvel. Para além do coordenador do estudo, o trabalho envolve ainda o

investigador Rui Silva.

Em 2016, o grupo coordenado por Alfredo Rocha terminara um outro estudo, designado ClicUrb, sobre clima urbano do Porto, no âmbito do Centro de Estudos do Ambiente e do Mar (CESAM) e, em 2013, foi defendida uma dissertação de mestrado sobre Bragança que resultou num artigo publicado em 2018.

Texto da responsabilidade da entidade.

Fonte: Universidade de Aveiro

CISION

Diário de Aveiro

ID: 81478613

11-07-2019

Meio: Imprensa
País: Portugal
Period.: Diária
Âmbito: Regional

Pág: 5
Cores: Cor
Área: 4,51 x 16,89 cm²
Corte: 1 de 1



Feijão Branco pode tratar da chuva contaminada

A água da chuva contaminada com zinco pode ser tratada com feijão branco. Uma equipa de investigadores do Centro de Estudos do Ambiente e do Mar (CESAM) e do Departamento de Química da Universidade de Aveiro (UA) publicou a descoberta na revista Water Research. A coordenadora do estudo, Patrícia Santos, acredita que "a água da chuva é um recurso natural que pode e deve ser usado para a obtenção de água para fins domésticos, tornando os centros populacionais mais sustentáveis". Deste modo, a investigadora reforça que "o tratamento da água da chuva é um passo inevitável para a sua utilização em segurança", já que "dependendo do local em que a água é recolhida, esta pode apresentar níveis de contaminação elevados". Para a remoção de zinco de água contaminada recorreu-se ao feijão branco. O estudo mostrou que o biomaterial constitui uma solução viável para a redução daquele metal da água da chuva. A investigação envolveu os cientistas do CESAM, Armando Duarte, Teresa Rocha-Santos, Patrícia Santos, João Pinto da Costa, Maria Teresa Caldeira e Mónica Ferreira, e ainda a cientista do CICECO, Ana Estrada.

Água da chuva contaminada com zinco pode ser tratada com feijão branco

Tipo Meio: Internet Data Publicação: 11/07/2019

Meio: Notícias de Aveiro Online

URL: http://www.pt.cision.com/s/?l=3905e118

XPERiMENTA Universidade de Aveiro.

A água da chuva contaminada com zinco pode ser tratada com feijão branco.

A descoberta é de uma equipa de investigadores do Centro de Estudos do Ambiente e do Mar (CESAM) e do Departamento de Química da Universidade de Aveiro (UA) e foi publicada na Water Research, uma das mais importantes revistas científicas do mundo dedicadas aos recursos da água, refere o site UA_online.

Publicidade, Serviços & Donativos

UA aplica método inovador para o estudo da eficiência na alimentação artificial das praias

Tipo Meio: Internet Data Publicação: 10/07/2019

Meio: Notícias de Aveiro Online

URL: http://www.pt.cision.com/s/?l=e3116c51

Praia da Barra, Ílhavo.

No âmbito do projeto Sandtrack, liderado pela Universidade de Aveiro (UA) e financiado pela Fundação para a Ciência e Tecnologia (FCT), realiza-se até 12 de julho uma campanha de campo no litoral da região de Aveiro com o objetivo de aferir a eficiência das intervenções de alimentação artificial das praias que vêm sendo realizadas, recorrendo à utilização de um método inovador que utiliza traçadores magnéticos, cujo trajeto será monitorizado por via marítima e terrestre.

Liderado pela UA/Centro de Estudos do Ambiente e do Mar (CESAM), está em curso desde agosto de 2018, o projeto "Sandtrack - Alimentação artificial das praias: uma metodologia integrada de suporte à gestão litoral". Este projeto, com duração de 36 meses, conta com a parceria da Universidade de Lisboa e do Instituto Hidrográfico para o estudo dos processos de alimentação artificial de praias, refere o site UA_online.

Estudo indica que Lisboa pode registar temperaturas 4 a 6 graus superiores às zonas rurais limítrofes

Tipo Meio: Internet Data Publicação: 08/07/2019

Meio: Ambiente Magazine Online

URL: http://www.pt.cision.com/s/?l=911e95a9

De acordo com um estudo ainda em curso, sobre clima de Lisboa do Instituto de Ambiente Desenvolvimento da Universidade de Aveiro, estão previstas temperaturas superiores quatro a seis graus, em média, nas zonas mais densamente construídas, em relação a zonas rurais da mesma região.

Zonas da cidade, como o aeroporto, a Baixa e uma faixa contígua com essa que se prolonga pela margem do Tejo em direção a poente são as que registam uma diferença de temperatura mais significativa em relação a zonas rurais se não houvesse cidade naquela área. Os cálculos foram feitos por investigadores do Departamento de Física (DFis - grupo de Meteorologia e Clima) da UA/IDAD e constam de um estudo para a Câmara Municipal de Lisboa, que envolve ainda a Agência de Energia e Ambiente de Lisboa (Lisboa E-Nova), o Instituto de Geografia e Ordenamento do Território (IGOT) e o Instituto Português do Mar e da Atmosfera (IPMA).

O estudo, ainda em curso, procura antever o efeito cumulativo das ondas de calor, cada vez mais frequentes e prolongadas em contexto de alterações climáticas, e da chamada "ilha de calor" que é tanto mais expressiva quanto mais densamente construídos e menos verdes são os aglomerados urbanos. O efeito "ilha de calor" é caraterizado por temperaturas, em média, superiores às que se verificariam em zonas rurais e com coberto vegetal natural.

Verões em contínua onda de calor

Com o título "Cartografia da vulnerabilidade térmica: mapeamento dos efeitos das ondas de calor em Lisboa, face às projeções climáticas", o trabalho realizado até agora, para além do cálculo do efeito cumulativo médio das ondas de calor e "ilha de calor" para várias zonas da cidade, mostra que, dentro de poucas décadas, poderá haver verões em contínua e prolongada onde de calor, explica o coordenador do grupo de trabalho e professor do DFis, Alfredo Rocha. Por outro lado, este aumento da temperatura vai-se alargando à medida que a densidade da cidade também se alarga em direção aos seus limites, tal como apontam as previsões de crescimento da cidade nos próximos anos.

A parte do estudo que cabe à UA inclui a caraterização das ondas de calor em Lisboa (situação atual e futura), caraterização da "ilha de calor" (situação atual e futura) e medidas de resiliência. Entre as medidas de resiliência adotadas noutros países estão, por exemplo, o aumento de áreas destinadas a parques e jardins, aplicação de coberto vegetal nos telhados, mais revestimentos com cor branca ou um pavimento mais claro para circulação automóvel. Para além do coordenador do estudo, o trabalho envolve ainda o investigador Rui Silva.

Em 2016, o grupo coordenado por Alfredo Rocha terminara um outro estudo, designado ClicUrb, sobre clima urbano do Porto, no âmbito do Centro de Estudos do Ambiente e do Mar (CESAM) e, em 2013, foi defendida uma dissertação de mestrado sobre Bragança que resultou num artigo publicado em 2018.

Lisboa pode registar temperaturas 4 a 6 graus superiores às zonas rurais limítrofes

Tipo Meio: Internet Data Publicação: 08/07/2019

Meio: Revista O Instalador Online

URL: http://www.pt.cision.com/s/?l=a4befb47

Lisboa pode registar temperaturas 4 a 6 graus superiores às zonas rurais limítrofes
09-07-2019

Temperaturas superiores quatro a seis graus, em média, nas zonas mais densamente construídas, em relação a zonas rurais da mesma região, estão previstas pelo estudo, em curso, sobre clima de Lisboa do Instituto de Ambiente e Desenvolvimento/Universidade de Aveiro.

Zonas da cidade, como o aeroporto, a Baixa e uma faixa contígua com essa que se prolonga pela margem do Tejo em direção a poente são as que registam uma diferença de temperatura mais significativa em relação a zonas rurais se não houvesse cidade naquela área.

Os cálculos foram feitos por investigadores do Departamento de Física (DFis - grupo de Meteorologia e Clima) da UA/IDAD e constam de um estudo para a Câmara Municipal de Lisboa, que envolve ainda a Agência de Energia e Ambiente de Lisboa (Lisboa E-Nova), o Instituto de Geografia e Ordenamento do Território (IGOT) e o Instituto Português do Mar e da Atmosfera (IPMA).

O estudo, ainda em curso, procura antever o efeito cumulativo das ondas de calor, cada vez mais frequentes e prolongadas em contexto de alterações climáticas, e da chamada "ilha de calor" que é tanto mais expressiva quanto mais densamente construídos e menos verdes são os aglomerados urbanos.

O efeito "ilha de calor" é caraterizado por temperaturas, em média, superiores às que se verificariam em zonas rurais e com coberto vegetal natural.

Verões em contínua onda de calor

Com o título "Cartografia da vulnerabilidade térmica: mapeamento dos efeitos das ondas de calor em Lisboa, face às projeções climáticas", o trabalho realizado até agora, para além do cálculo do efeito cumulativo médio das ondas de calor e "ilha de calor" para várias zonas da cidade, mostra que, dentro de poucas décadas, poderá haver verões em contínua e prolongada onde de calor, explica o coordenador do grupo de trabalho e professor do DFis, Alfredo Rocha.

Por outro lado, este aumento da temperatura vai-se alargando à medida que a densidade da cidade também se alarga em direção aos seus limites, tal como apontam as previsões de crescimento da cidade nos próximos anos.

A parte do estudo que cabe à UA inclui a caraterização das ondas de calor em Lisboa (situação atual e futura), caraterização da "ilha de calor" (situação atual e futura) e medidas de resiliência.

Entre as medidas de resiliência adotadas noutros países estão, por exemplo, o aumento de áreas destinadas a parques e jardins, aplicação de coberto vegetal nos telhados, mais revestimentos com cor branca ou um pavimento mais claro para circulação automóvel. Para além do coordenador do estudo, o trabalho envolve ainda o investigador Rui Silva (na foto com Alfredo Rocha).

Em 2016, o grupo coordenado por Alfredo Rocha terminara um outro estudo, designado ClicUrb, sobre clima urbano do Porto, no âmbito do Centro de Estudos do Ambiente e do Mar (CESAM) e, em 2013, foi defendida uma dissertação de mestrado sobre Bragança que resultou num artigo publicado em 2018.

Notícias do Setor

UA: Lisboa pode registar temperaturas 4 a 6 graus superiores às zonas rurais limítrofes.

Tipo Meio: Internet Data Publicação: 08/07/2019

Meio: Rádio Terra Nova Online

URL: http://www.pt.cision.com/s/?l=b70c7ff3

Temperaturas superiores quatro a seis graus, em média, nas zonas mais densamente construídas, em relação a zonas rurais da mesma região, estão previstas pelo estudo, em curso, sobre clima de Lisboa do Instituto de Ambiente e Desenvolvimento/Universidade de Aveiro.

Zonas da cidade, como o aeroporto, a Baixa e uma faixa contígua com essa que se prolonga pela margem do Tejo em direção a poente são as que registam uma diferença de temperatura mais significativa em relação a zonas rurais se não houvesse cidade naquela área. Os cálculos foram feitos por investigadores do Departamento de Física (DFis - grupo de Meteorologia e Clima) da UA/IDAD e constam de um estudo para a Câmara Municipal de Lisboa, que envolve ainda a Agência de Energia e Ambiente de Lisboa (Lisboa E-Nova), o Instituto de Geografia e Ordenamento do Território (IGOT) e o Instituto Português do Mar e da Atmosfera (IPMA).

O estudo, ainda em curso, procura antever o efeito cumulativo das ondas de calor, cada vez mais frequentes e prolongadas em contexto de alterações climáticas, e da chamada "ilha de calor" que é tanto mais expressiva quanto mais densamente construídos e menos verdes são os aglomerados urbanos. O efeito "ilha de calor" é caraterizado por temperaturas, em média, superiores às que se verificariam em zonas rurais e com coberto vegetal natural.

Com o título "Cartografia da vulnerabilidade térmica: mapeamento dos efeitos das ondas de calor em Lisboa, face às projeções climáticas", o trabalho realizado até agora, para além do cálculo do efeito cumulativo médio das ondas de calor e "ilha de calor" para várias zonas da cidade, mostra que, dentro de poucas décadas, poderá haver verões em contínua e prolongada onde de calor, explica o coordenador do grupo de trabalho e professor do DFis, Alfredo Rocha. Por outro lado, este aumento da temperatura vai-se alargando à medida que a densidade da cidade também se alarga em direção aos seus limites, tal como apontam as previsões de crescimento da cidade nos próximos anos.

A parte do estudo que cabe à UA inclui a caraterização das ondas de calor em Lisboa (situação atual e futura), caraterização da "ilha de calor" (situação atual e futura) e medidas de resiliência. Entre as medidas de resiliência adotadas noutros países estão, por exemplo, o aumento de áreas destinadas a parques e jardins, aplicação de coberto vegetal nos telhados, mais revestimentos com cor branca ou um pavimento mais claro para circulação automóvel. Para além do coordenador do estudo, o trabalho envolve ainda o investigador Rui Silva.

Em 2016, o grupo coordenado por Alfredo Rocha terminara um outro estudo, designado ClicUrb, sobre clima urbano do Porto, no âmbito do Centro de Estudos do Ambiente e do Mar (CESAM) e, em 2013, foi defendida uma dissertação de mestrado sobre Bragança que resultou num artigo publicado em 2018.

CISION

Diário de Aveiro

ID: 81403362

06-07-2019

Meio: Imprensa
País: Portugal
Period.: Diária
Âmbito: Regional

Pág: 5
Cores: Cor
Área: 13,33 x 14,47 cm²
Corte: 1 de 1



Centros de investigação da Universidade com nota máxima

D.R.



Excelente e Muito bom foram as notas de 19 dos 20 centros

CLASSIFICAÇÃO Excelente e Muito Bom. Estas foram as classificações alcançadas por 19 dos 20 centros de investigação científica da Universidade de Aveiro (UA). Os resultados do processo de avaliação promovido pela Fundação para a Ciência e a Tecnologia (FCT) 2017/2018, agora comunicados, colocam a UA no topo da investigação de ponta realizada em Portugal. "Esta avaliação premeia a UA e os seus investigadores pela excelência da investigação que se tem vindo a desenvolver, como resultado do esforço, dedicação, mérito e estratégia de toda a nossa comunidade científica. No entanto, aumenta, significativamente, a responsabilidade de almejar e trabalhar para, no futuro, se obterem resultados e classificações ainda melhores", aponta Artur Silva, vice-reitor da UA para a área da investigação. Ciências Sociais, Saúde, Materiais, Nanotecnologia, Química, Alterações Climáticas, Engenharia Mecânica, Psicologia, Matemática, Design, Música e Engenharia Electrónica são apenas algumas das áreas científicas em que as unidades de investigação da UA desenvolvem a sua actividade e às quais a FCT atribuiu notas máximas. Na sequência da avaliação realizada pelos respectivos painéis internacionais, obtiveram a classificação de Excelente os centros CESAM, CICECO, CIPES, I3N, REQUIMTE, WJCR e INET-md. Com Muito Bom, foram avaliados os centros iBiMED, DigiMedia, GeoBioTec, TEMA, CIDMA, CLLC, CIDTFF, ID+, GOVCOPP, IEETA, CINTESIS e IT. As classificações da FCT vêm ditar o financiamento que cada centro terá para implementar os seus planos estratégicos, entre 2020 e 2023. O financiamento global a distribuir pelas unidades de investigação do país ascende a cerca de 526 milhões de euros, incluindo 1.600 novas bolsas de doutoramento.

Descontaminação de águas residuais

http://pt.cision.com/cp2013/ClippingDetails.aspx?id=10eddde3-1f6d-47be-9a44-000fb3aaaad2&userId=a6079098-0d0e-4e9b-b442-7b339d8fce66

Na Universidade de Aveiro um grupo de investigadores está a usar alfaces do mar para descontaminar águas residuais.
Comentários de Bruno Henrique, investigador do CESAM - Universidade de Aveiro.

Repetições: Antena 1 - 90 Segundos de Ciência , 2019-07-05 10:55

CISION

O jornal de Estarreja
Fundado a 12 de Abril de 1883

ID: 81249048

28-06-2019

Meio: Imprensa
País: Portugal
Period.: Quinzenal
Âmbito: Regional

Pág: 5
Cores: Cor
Área: 15,46 x 27,73 cm²
Corte: 1 de 1

Honroso quarto lugar para a Escola Secundária de Estarreja

Concurso Jovens Cientistas 2019



A XIII Mostra Nacional de Ciência realizou-se na Alfândega do Porto entre os dias 30 de maio e um de junho de 2019. Estiveram a concurso 97 projetos, pré-selecionados de entre os 400 submetidos. O Agrupamento de Escolas de Estarreja foi representado com o projeto Dinâmica Populacional De Uma Espécie Invasora No Baixo Vouga Lagunar: O Caso Do Procambarus Clarkii, da autoria de Ana Sofia Domingues e de Bernardo Pinto.

O objetivo deste trabalho foi caraterizar a população de P. clarkii no esteiro de Fermelã (Estarreja). Para isso, foram realizadas colheitas mensais de lagostins e de água, durante um ano, em dois pontos (canal principal e charco). Em cada colheita foram medidos parâmetros físico-químicos e os lagostins capturados foram contados e caracterizados em laboratório. Os resultados obtidos evidenciaram uma relação direta entre a temperatura e o número de exemplares de lagostins recolhidos.

Estudos de populações do Lagostim-vermelho-do-Louisiana já tinham sido realizados em diversos locais no mundo e também em Portugal. Este foi, porém, o primeiro registo de um estudo populacional desta espécie no Baixo Vouga Lagunar.

O projeto foi avaliado por vários membros do júri durante a mostra, tendo sido classificado em quarto lugar, associado a um valor monetário de 600 euros. Para além disso, foi concedida a participação na Semana Internacional de Investigação de Espécies Selvagens nos Alpes Suíços, a decorrer de 20 a 27 de julho de 2019. Esta é uma oportunidade relevante para o currículo individual de um jovem cuja ambição profissional se relaciona com a investigação e ciência.

"Não terminamos sem agradecer às investigadoras da Universidade de Aveiro, Inês Rosa (CESAM, Universidade de Aveiro), Joana Pereira e Sofia Guilherme (Dep. de Biologia e CESAM, Universidade de Aveiro), que nos incentivaram a participar nesta investigação e nos deram suporte, às professoras Dorinda Rebelo, Cecília Bento, Deolinda Tavares e Etelvina Bronze da Escola Secundária de Estarreja que nos propuseram o projeto e incentivaram para a sua conceção e execução, bem como aos nossos colegas do 11ºA da Escola Secundária de Estarreja, no ano letivo 2018/2019, da qual fazemos parte, que participaram ativamente na investigação, bem como à Câmara Municipal de Estarreja, pelo transporte e material disponibilizados" realçam os responsáveis pelo estudo.

CISION

PERSPETIVAS

ID: 81108778

19-06-2019

Meio: Imprensa
País: Portugal
Period.: Mensal
Âmbito: Informação Geral

Pág: 16
Cores: Cor
Área: 26,44 x 29,08 cm²
Corte: 1 de 2

"A nossa maior riqueza são os nossos recursos humanos"

O DEPARTAMENTO DE QUÍMICA DA UNIVERSIDADE DE AVEIRO É HOJE UMA REFERÊNCIA NA FORMAÇÃO QUE MINISTRA E ATINGIU UMA PRODUTIVIDADE E QUALIDADE CIENTÍFICAS RECONHECIDAS NACIONAL E INTERNACIONALMENTE. O PROGRAMA DA ATUAL DIREÇÃO, APOSTA NA CONSOLIDAÇÃO DA EXCELÊNCIA DA FORMAÇÃO E INVESTIGAÇÃO DESENVOLVIDA E NO REFORÇO DA DIMENSÃO INTERNACIONAL DA INSTITUIÇÃO A MÉDIO/LONGO PRAZO.

A área da Química desempenha um papel fundamental na investigação e formação científica e no desenvolvimento tecnológico, tendo sido integrada desde cedo na oferta da Universidade de Aveiro (UA), criada em 1973.

A investigação e a formação desenvolvidas pelo Departamento de Química (DQ-UA) foi evoluindo desde então com base na identificação dos seus membros nas áreas estratégicas para o desenvolvimento de investigação, e também como resposta às necessidades do tecido empresarial; numa visão de longo prazo para o desenvolvimento do departamento; e na necessidade de afirmar nacional e internacionalmente o DQ-UA.



Armando Silvestre, recentemente indigitado diretor do DQ-UA para o período 2019-2023, aborda o programa a médio/longo prazo da atual direção que, "alinhado com o plano estratégico da UA", vai centrar-se no incremento da qualidade em áreas como a formação e a investigação, a par da "imprescindível" aposta na valorização dos recursos humanos: "A nossa maior riqueza são os nossos recursos humanos. Podemos hoje fazer excelente ciência, ter excelentes equipamentos, mas tudo isto só dará frutos a médio-longo prazo se formos capazes de captar e preparar excelentes pessoas (alunos, funcionários, professores, investigadores) e preparar uma nova geração que dê continuidade e melhore o que conseguimos até hoje. O sucesso desta missão implicará, inevitalvelmente, um melhoramento contínuo das infraestruturas e equipamentos, da organização interna, mas inquestionavelmente da equipa, da sua motivação e valorização".

O DQ-UA possui um corpo de docentes e investigadores "de elevadissíma qualidade e muito qualificado", mas que carecia de rejuvenescimento, o que tem sido conseguido com a contratação em curso de quatro novos docentes, a contratação de várias dezenas de jovens Doutorados ao abrigo de diferentes programas e projetos financiados pela FCT e a estabilização da carreira de alguns investigadores "com funções essenciais na instituição". Este cenário confere ao DQ-UA um enorme potencial de crescimento e de consolidação da aposta na excelência.

Investigação de ponta

Os professores e os investigadores do DQ-UA estão inseridos em dois laboratórios associados, interdepartamentais, nomeadamenteo CICECO – Instituto de Materiais de Aveiro e o CESAM – Centro de Estudos do Ambiente e do Mar, e na unidade de investigação QOPNA – Química Orgânica e Produtos Naturais, que globalmente dispõem de infraestruturas equipadas com equipamento e tecnologias de ponta e em alguns casos únicas a nível nacional e até na Península Ibérica. Estas condições propiciam a produção de investigação e publicações com grande impacto internacional, capacidade de captação de novos projetos nacionais e internacionais, e também de projetos em cooperação com a indústria.



Refira-se como uma das expressões mais claras da qualidade da investigação produzida, que os membros do DQ-UA publicam cerca 440 artigos científicos por ano (a partir de 2014), o que coloca o departamento entre os mais produtivos a nível nacional e internacional. Assim, a grande aposta para o futuro passa por consolidar a afirmação da qualidade da investigação desenvolvida, não apenas pela quantidade, mas sobretudo pela qualidade.

O DQ-UA, sempre desenvolveu uma intensa atividade de investigação em colaboração com empresas, quer nacionais, quer internacionais, que também têm crecido significativamente, valendo apena destacar, pela sua dimensão, e grau de envolvimento do DQ-UA três projetos: o Smart Green Homes (com a Bosch), o Inpactus (com a Navigator), e o Nextra (com a EFACEC).



Importa ainda referir que as possibilidades de crescimento ao nível dos projetos em colaboração com a indústria são ainda potenciadas pelos espaços laboratoriais disponíveis no PCI-Parque de Ciência e Inovação, criado exatamente para estimular este tipo de iniciativas.

Obviamente, a atualização permanente dos equipamentos do DQ-UA é essencial, e tem sido levada a cabo continuamente em colaboração com os laboratórios associados e a unidade de investigação, destacando-se em breve o início da construção de um novo edifício que irá albergar toda a infraestrutura de equipamentos de ressonância magnética nuclear (incluindo novos equipamentos) – "vamos criar uma estrutura única pela dimensão e pela natureza dos equipamentos que lá vão ser colocados", avança Armando Silvestre.

> *"Podemos fazer excelente ciência, ter excelentes equipamentos, mas tudo isto só tem sentido se tivermos excelentes pessoas"*

CISION

PERSPETIVAS

ID: 81108778

19-06-2019

Meio: Imprensa
País: Portugal
Period.: Mensal
Âmbito: Informação Geral

Pág: 17
Cores: Cor
Área: 26,50 x 28,81 cm²
Corte: 2 de 2

Afirmação internacional



A internacionalização do DQ-UA é um aspeto muito importante na visão estratégica do seu diretor, já alcançada, "de forma indiscutível", ao nível da investigação – "muita da nossa investigação é produzida num ambiente internacional, quer seja pela coautoria de publicações científicas com colegas estrangeiros, quer pelo envolvimento em projetos internacionais".

Esta dinâmica propicia a aposta em projetos europeus de grande dimensão (Horizonte 2020) e de grande prestígio, nomeadamente as bolsas do European Research Council (ERC) – "dois membros do DQ-UA são detentores de bolsas ERC, que são prestigiadíssimas na comunidade científica! E há uma aposta clara da Universidade, das unidades de investigação, dos laboratórios associados e do departamento em criar condições aos membros mais jovens para que invistam nesse tipo de candidaturas altamente competitivas", realça Armando Silvestre.

Fator preponderante para o reforço da visibilidade internacional da instituição é também a sua capacidade de captar alunos estrangeiros para os diferentes níveis de formação (ILicenciatura, Mestrado e Doutoramento), sendo um dos objetivos da atual direção aumentar o número de estudantes internacionais no DQ-UA: "A nível internacional, será essencial uma forte aposta na divulgação da oferta formativa e das condições do DQ-UA quer a nível europeu quer fora da Europa. Isso passa por uma seleção dos mercados prioritários, nomeadamente o mercado da Lusofonia, mas também outros países da América Latina em que a barreira linguística não é significativa. "Temos conseguido captar bastantes alunos brasileiros e estamos agora a procurar aumentar a captação de alunos oriundos de países africanos de língua oficial portuguesa, criando programas específicos que possam ser do seu interesse, como por exemplo, na área da engenharia química", exemplifica o diretor. A atração de alunos de outros países e línguas está a ser estruturada sobretudo a partir do mestrado com a lecionação integral, ou através da oferta de blocos específicos de unidades curriculares em inglês.

Ao nível da formação doutoral, sendo a comunicação essencialmente em inglês, o recrutamento de novos alunos pode ser feito numa escala global. Armando Silvestre reforça a pertinência de "estabelecer programas doutorais internacionais que permitam o financiamento dos estudantes estrangeiros e a oferta conjunta de graus com universidades estrangeiras".

Mensagem para os jovens

Aos futuros candidatos à Universidade de Aveiro, e em particular ao Departamento de Química, Armando Silvestre realça as mais-valias de uma instituição onde se vive "um ambiente muito acolhedor, dinâmico e criativo". No DQ-UA o ambiente multidisciplinar – "o departamento desenvolve formação e investigação de elevada qualidade na área da química, da engenharia química, da biotecnologia e da bioquímica, de uma forma muito integrada, combinado com um ambiente internacional e multicultural" – constitui uma fonte de grande criatividade.

Este ambiente, gera condições excecionais para os alunos fazerem a sua formação e a integração futura quer em programas doutorais ou iniciarem as suas carreiras empresariais. Realce-se que mais de 50% dos estudantes opta por realizar as suas dissertações de mestrado em empresas, "sendo que muitos acabam por ficar nas empresas onde estagiaram".



Por outro lado, o incremento da oferta de formação doutoral é, nas palavras de Armando Silvestre, "a chave para o futuro", não só para o desenvolvimento da atividade de investigação nas Universidades, mas também para as empresas (de modo a serem cada vez mais competitivas a nível global). A esse nível o DQ-UA tem oferta formativa de grande qualidade, ligada quer às principais áreas de investigação do departamento, mas também, em muitos casos dando resposta aos desafios das empresas.

Importa ainda referir que integração dos estudantes é muito apoiada pelos núcleos de estudantes "que desempenham um papel muito importante na atividade do DQ-UA", enaltece Armando Silvestre, reforçando: "Os núcleos de estudantes da Associação Académica, desenvolvem um conjunto de atividades académicas, desportivas, culturais e recreativas ao longo do ano, que são essenciais à integração e formação transversal dos alunos, e colaboram de forma intensa em múltiplas atividades de divulgação do DQ-UA, nomeadamente as Olimpíadas da Química, a participação em feiras, conferências e outros eventos, as visitas de escola, etc. que são igualmente importantes para o desenvolvimento de competências transversais que o departamento pretende ver valorizadas, de modo a favorecerem a sua integração no mercado de trabalho".

Finalmente, a cidade de Aveiro, pelas suas acessibilidades, ambiente, dimensão, oferta de serviços e qualidade de vida são também razões muito fortes para os futuros alunos procurarem a Universidade de Aveiro e o Departamento de Química em particular.

Gafanha da Nazaré acolhe debate sobre futuro da ria.

Tipo Meio: Internet Data Publicação: 15/06/2019

Meio: Rádio Terra Nova Online

URL: http://www.pt.cision.com/s/?l=363d26e

Assoreamento da Ria de Aveiro em discussão na Gafanha da Nazaré.

"Ria de Aveiro: Assoreamento Aparente ou Real?" é o tema da conferência de João Miguel Dias a convite do Movimento em Defesa da Ria (MARIA).

A reunião, que decorrerá pelas 17h00, no Salão Nobre da Junta de Freguesia da Gafanha da Nazaré, com entrada livre, aborda o já anunciado início dos trabalhos de desassoreamento dos principais canais da Ria.

João Miguel Dias é doutorado em Física e Professor Associado com Agregação no Departamento de Física da Universidade de Aveiro, do qual é o atual Diretor.

Fundou e lidera o Núcleo de Modelação Estuarina e Costeira (http://www.nmec.eu/), sendo investigador do Centro de Estudos do Ambiente do Mar (CESAM), onde é co-coordenador da linha temática Sistemas Ambientais Integrados.

Com cerca de 30 anos de experiência profissional, é especialista na modelação numérica de processos físicos em zonas estuarinas e costeiras, destacando-se o seu contributo significativo para o estudo da hidrodinâmica da Ria de Aveiro.

Esta primeira de duas conferências que o MARIA se propõe organizar até ao verão é o resultado de uma decisão do Núcleo de Fundadores do Movimento, que pretende usar esta oportunidade para gerar um "momento de reflexão e análise" sobre um dos principais problemas que afetam zonas muito significativas da laguna.

CISION

Diário de Aveiro

ID: 81033918

14-06-2019

Meio: Imprensa
País: Portugal
Period.: Diária
Âmbito: Regional

Pág: 21
Cores: Cor
Área: 8,91 x 5,64 cm²
Corte: 1 de 1



MARIA debate assoreamento da ria

MOVIMENTO O MARIA - Movimento de Amigos da Ria de Aveiro promove, amanhã, uma conferência sobre o assoreamento da Ria de Aveiro. Com o título "Ria de Aveiro: assoreamento aparente ou real?", a palestra será proferida por João Miguel Dias, director do Departamento de Física da Universidade de Aveiro e investigador do Centro de Estudos do Ambiente do Mar (CESAM), onde é co-coordenador da linha temática Sistemas Ambientais Integrados.

A iniciativa vai decorrer, às 17 horas, na Junta de Freguesia da Gafanha da Nazaré, em Ílhavo.

Especialista da Universidade de Aveiro aborda a questão do assoreamento da Ria

Tipo Meio: Internet Data Publicação: 12/06/2019

Meio: Aveiro Mag Online

URL: http://www.pt.cision.com/s/?l=66e9f2d5

O MARIA - Movimento dos Amigos da Ria de Aveiro vai debater a questão do assoreamento da laguna aveirense e para isso chamou um especialista

ACTUALIDADE Ambiente

Especialista da Universidade de Aveiro aborda a questão do assoreamento da Ria

12 de Junho, 2019

by

AveiroMag

0 comments

O MARIA - Movimento dos Amigos da Ria de Aveiro vai debater a questão do assoreamento da laguna aveirense e para isso chamou um especialista: João Miguel Dias, investigador da Universidade de Aveiro, que tem vindo a defender que o que está a acontecer na ria é um "assoreamento aparente".

A conferência "Ria de Aveiro: Assoreamento Aparente ou Real? irá decorrer no dia 15 de junho, pelas 17h00, no Salão Nobre da Junta de Freguesia da Gafanha da Nazaré (entrada livre).

O tema do desassoreamento da Ria de Aveiro é um assunto que mobiliza a maioria dos amantes da laguna aveirense, "especialmente, aqueles que praticam desportos e atividades náuticas, e ainda dos clubes e associações, que se sentem penalizados pela ausência de dragagens nos últimos anos", realça o movimento, em comunicado.

João Miguel Dias é doutorado em Física e professor associado com agregação no Departamento de Física da Universidade de Aveiro, do qual é o atual diretor. Fundou e lidera o Núcleo de Modelação Estuarina e Costeira, sendo investigador do Centro de Estudos do Ambiente do Mar (CESAM), onde é co-coordenador da linha temática Sistemas Ambientais Integrados.

Com cerca de 30 anos de experiência profissional, é especialista na modelação numérica de processos físicos em zonas estuarinas e costeiras, destacando-se o seu contributo significativo para o estudo da hidrodinâmica da Ria de Aveiro.

Participou e coordenou vários projetos de investigação nacionais e internacionais e tem uma vasta experiência em trabalhos de consultoria para organizações públicas e privadas.

É editor e revisor de um número elevado de revistas internacionais e tem integrado painéis de avaliação de projetos e bolsas na área das ciências do mar para várias agências nacionais e internacionais.

É ainda autor de mais de 140 trabalhos em revistas internacionais nas áreas de Ciências Ambientais e Oceanografia e supervisor de um número significativo de investigadores de pós-doutoramento e de estudantes de Doutoramento e Mestrado na Universidade de Aveiro.

Esta primeira de duas conferências que o MARIA se propõe organizar até ao verão é o resultado de uma decisão do Núcleo de Fundadores do Movimento, que pretende usar esta oportunidade para gerar um momento de reflexão e análise sobre um dos principais problemas que afetam zonas muito significativas da laguna.

Partilhar

0

AveiroMag

CISION

Correio do Vouga

ID: 81165352

12-06-2019

Meio: Imprensa
País: Portugal
Period.: Semanal
Âmbito: Regional

Pág: 6
Cores: Preto e Branco
Área: 16,04 x 10,22 cm²
Corte: 1 de 2



Movimento de Amigos da Ria de Aveiro debate assoreamento

O MARIA, Movimento de Amigos da Ria de Aveiro, vai promover, no próximo sábado, pelas 17 horas, na sede da Junta de Freguesia da Gafanha da Nazaré, uma conferência sob o tema "Ria de Aveiro: Assoreamento Aparente ou Real?", com a participação de João Miguel Dias, doutorado em Física e atual diretor do Departamento de Física da Universidade de Aveiro.

Esta conferência, com entrada livre, "está a gerar alguma expectativa, na medida em que está para breve o já anunciado início dos trabalhos de desassoreamento dos principais canais da Ria", refere o MARIA.

Segundo esta organização, trata-se de um assunto que "mobiliza o interesse generalizado dos amantes da Ria, especialmente, de todos aqueles que praticam desportos e atividades náuticas, e ainda dos clubes e associações, que se sentem penalizados pela ausência de dragagens nos últimos anos".

Para além de diretor do Departamento de Física da universidade aveirense, João Miguel Dias fundou e lidera o Núcleo de Modelação Estuarina e Costeira e é investigador do Centro de Estudos do Ambiente do Mar (CESAM), onde é co-coordenador da linha temática Sistemas Ambientais Integrados. Com cerca de 30 anos de experiência profissional, é especialista na modelação numérica de processos físicos em zonas estuarinas e costeiras, destacando-se o seu contributo significativo para o estudo da hidrodinâmica da Ria de Aveiro. É ainda autor de mais de 140 trabalhos em revistas internacionais nas áreas de Ciências Ambientais e Oceanografia e supervisor de um número significativo de investigadores de pós-doutoramento e de estudantes de Doutoramento e Mestrado na Universidade de Aveiro.

CISION

Correio do Vouga

ID: 81165352

12-06-2019

Meio: Imprensa
País: Portugal
Period.: Semanal
Âmbito: Regional

Pág: 1
Cores: Cor
Área: 6,67 x 4,91 cm²
Corte: 2 de 2



Correio do Vouga

Quarta-feira, 12 de junho de 2019 * N.º 4359* Ano 89
Preço: 70 cêntimos * Assinatura anual: 25 euros

SEMANÁRIO DA DIOCESE DE AVEIRO

Fundado em 1930 * Diretor : Querubim Silva
Diretor-adjunto: Jorge Pires Ferreira

QUERUBIM SILVA

Reflexões

A Igreja necessita de recursos físicos, de espaços, de meios materiais. Mas não pode esquecer, como refere o Cardeal Seán, que Jesus Cristo "nasceu num estábulo e foi sepultado num sepulcro emprestado". A pompa distancia das pessoas, cria barreiras, gera filtros, que perturbam a comunicação de vida, a transmissão do afeto pastoral.

Página 16

MANUEL ALTE DA VEIGA

Já viajou com um ovo na mão?

Num dos livros do escritor Mia Couto, aparece um velho que dizia: olhem que falar de Deus é como segurar um ovo na palma da mão: se não damos atenção, deixamo-lo cair; e se o apertamos com força, acabamos por o esmigalhar.

Página 14

ACÁCIO F. CATARINO

Carta Pastoral sobre Portugal e a Europa

A Conferência Episcopal Portuguesa não transmite orientações de voto, na sequência aliás de uma tendência já consolidada; e também não se concentra em orientações doutrinárias enquanto tais, embora as tenha bem presentes.

Página 14

FLAUSINO SILVA

Ecos da semana

Em dia de festa de Portugal, de Camões e das Comunidades, Presidente da República e Presidente das Celebrações, lembraram o passado e o presente, o que de menos bom tivemos e fizemos, o que alcançamos com o esforço individual e coletivo...

Página 15



ENTREVISTA AO CÓNEGO LUÍS MANUEL PEREIRA DA SILVA

"O BATISMO MARCA-NOS PARA TODA A VIDA"

Página 03

DIA 22 DE JUNHO

Assembleia diocesana encerra ano pastoral e apresenta orientações

Página 02

Grupo de oração Adoramus Te lança serigrafia dos 25 anos

Página 02

Vaticano publica documento sobre ideologia do género, rejeitando construções "fictícias" da identidade sexual

Página 05

Aveiro tem parque canino e projeta centro de recolha

Página 07

Amigos da Ria de Aveiro debatem assoreamento

Página 06

Albergaria, Anadia e Sever nos Caminhos de Santiago

Página 07

Start-up premiada por nova tecnologia para aproveitamento de biomassa

Tipo Meio: Internet Data Publicação: 07/06/2019

Meio: Revista O Instalador Online

URL: http://www.pt.cision.com/s/?l=20fd5a9a

Start-up premiada por nova tecnologia para aproveitamento de biomassa
07-06-2019

Doutorando da Universidade de Aveiro (UA) em Sistemas Energéticos e Alterações Climáticas, o equatoriano Mário Heredia Salgado foi distinguido, com sua start-up "Bioenergía de los Andes", pelo ISC3-International Sustainable Chemistry Collaborative Centre e a Elsevier Foundation com o "Entrepreneurial Spirit in Sustainable Chemistry Award".

O doutorando da UA desenvolveu uma nova tecnologia modular para aproveitamento de resíduos da agroindústria (biomassa), produzindo biochar e energia térmica.

Para além da tecnologia, há um modelo de negócio inovador associado.

Mário Heredia Salgado, aluno do Departamento de Ambiente e Ordenamento (DAO)/Centro de Estudos do Ambiente e do Mar (CESAM), onde desenvolve trabalho de doutoramento sob supervisão dos professores Luís Tarelho e Arlindo Matos, no domínio de conversão termoquímica de biomassa e resíduos, foi premiado pelo ISC3 - International Sustainable Chemistry Collaborative Centre.

O premio económico é importante para si e para a sua equipa no Equador, afirma o investigador, porque providencia uma parte importante dos fundos necessários para escalar o reator, o que por sua vez vai acrescentar nossa capacidade de produção de biochar .

"Este novo reator, além de ser um meio de produção para prestar serviços na agroindustria e, portanto, financiar as atividades de desenvolvimento na startup, é o equipamento a partir do qual vão continuar as pesquisas nos anos que vêm .

O prémio recebido prevê ainda a inclusão da start-up "Bioenergía de los Andes" no "Global Startup Service" fornecido pelo ISC3: muito relevante , sublinha Mário Salgado, porque teremos acesso a treino, formação, oportunidades de financiamento e capital de risco... Mas, acima de tudo, cria uma oportunidade para a internacionalização da empresa, nomeadamente, para outros países em desenvolvimento e economias emergentes .

Neste sentido, a promoção que o ISC3 vai fazer será de grande importância .

Para além desta tecnología de pirolise, o autor tem colaborado na implementação de alguns destes dispositivos para aproveitamento de energia térmica (para secagem) em empresas agroindustriais da América do Sul, usando a tecnologia de combustão e alimentados com resíduos de café e casca de palma.

A energia térmica gerada é usada para secagem do café e do cacau. A tecnologia de pirólise não está a ser comercializada nesta fase, argumenta Mário Salgado, uma vez que o atual modelo de negócio é colaborativo e cooperativo: fornecem-se e trocam-se serviços em instalações agroindustriais geridas exclusivamente por associações de produtores.

Embora existam no mercado reatores com objetivos análogos, a integração energética proposta pela "Bioenergía de los Andes" e por Mário Salgado fica a um terço do custo, inovando na estruturação modular do equipamento e no modelo de negócio, afirma o investigador que beneficia de uma bolsa do governo do Equador.

Tecnologia está a ser adaptada a diversos contextos

A tecnologia usada no reator tem vindo a ajustar-se, no âmbito do trabalho de doutoramento na UA, para que possa ser integrada no sector industrial em países em desenvolvimento e economias emergentes, nomeadamente com:

1 - Design modular que permite diminuir os custos de montagem e instalação;

2 - Operação exclusiva com recurso a biomassa - este equipamento não precisa de gás nem gasóleo de origem fóssil para o aquecimento inicial, nem durante a operação;

3 - Integra plataformas de hardware e software de código aberto;

4 - Uso de materiais disponíveis localmente para a montagem, evitando o recurso a técnicas complexas de solda e fundição;

5 - É um modelo de negócio inovador que promove a transformação das agroindústrias em biorrefinarias de etapa inicial, que por sua vez estão baseadas na versatilidade do bio-carvão enquanto produto: pode ser usado como aditivo do solo, como combustível sólido para cozinhar, como filtro para tratamento de efluentes líquidos ou gasosos, como aditivo na ração animal, aditivo durante produção de composto, alternativa ao carvão mineral na produção de aço, etc.

A "Bioenergía de los Andes" é uma start-up social ou "tripple bottom line startup" onde o lucro (ainda que importante), afirma, não é o objetivo principal.

A motivação primordial é promover mudanças sociais e ambientais utilizando tecnologia, sendo centrais o impacto social, ambiental e económico (por esta ordem).

O ISC3-International Sustainable Chemistry Collaborative Centre foi criado no âmbito do GIZ, estrutura de cooperação internacional para o desenvolvimento sustentável e para a educação com importante participação do Ministério para a Cooperação Económica e Desenvolvimento alemão.

Notícias do Setor

CISION

Diário de Aveiro

ID: 80884879

05-06-2019 | Saúde

Meio: Imprensa
País: Portugal
Period.: Ocasional
Âmbito: Regional

Pág: 2
Cores: Cor
Área: 18,04 x 23,55 cm²
Corte: 1 de 2

Investigadoras convidadas para editar edição especial da revista Antibiotics

Universidade de Aveiro A edição da revista é dedicada à pesquisa de novos compostos que possam ser alternativa aos anti-microbianos convencionais

Duas investigadoras da Universidade de Aveiro (UA) vão editar um número especial da revista científica Antibiotics, anunciou, recentemente, a academia aveirense no seu "website".

O número será dedicado à pesquisa de novos compostos, lípidos de origem natural, que possam ser uma alternativa aos anti-microbianos convencionais e terá como editoras convidadas as investigadoras Eliana Alves, da unidade Química Orgânica, Produtos Naturais e Agro-alimentares (QOPNA/Departamento de Química), e Felisa Rey, do Centro de Estudos do Ambiente e do Mar (CESAM - Departamento de Química).

Citadas na nota publicada pela UA, as investigadoras comentam que o convite "surgiu na altura certa", dado que têm vindo a "testar várias outras actividades biológicas dos compostos que isolamos/identificamos, e pretendemos também testar a actividade anti-microbiana".

As investigadoras salientam o reconhecimento por pares do trabalho que desenvolveram até agora, dado que, para além do trabalho de investigação, são frequentemente revisoras de artigos em revistas científicas deste grupo. "Representa também um novo desafio profissional e uma motivação", acrescentam. "Como jovens investigadoras, sabemos que estas oportunidades são muito importantes para adquirirmos conhecimento, para a nossa experiência profissional, para divulgarmos o nosso trabalho, e que promovem o contacto e colaboração com outros cientistas que desenvolvem trabalhos complementares aos nossos".



As investigadoras Eliana Alves e Felisa Rey

A submissão de manuscritos encontra-se aberta até 28 de Fevereiro de 2020.

As investigadoras

Eliana Alves trabalhou na área da Microbiologia (DBio/CESAM), especificamente em terapia fotodinâmica anti-microbiana, durante o Mestrado e Doutoramento realizados na UA. A equipa em que participou testou "in vitro" vários agentes anti-microbianos (macrociclos tetrapirrólicos) concebidos na UA, durante vários anos, que demonstraram ser eficientes para eliminar um largo espectro de microrganismos com recurso a luz visível e oxigénio, sem prejuízo para o ambiente ou para o ser humano. Já durante o pós-Doutoramento, no DQ/QOPNA, especializou-se na análise de lípidos por cromatografia e espectrometria de massa de diferentes matrizes (bactérias, organismos marinhos, plantas, alimentos, fluidos e tecidos biológicos), o que permitiu ter uma visão abrangente sobre a importância destas moléculas nos sistemas biológicos e do quanto ainda é necessário estudar sobre elas. Actualmente, Eliana Alves encara o grande desafio de identificar novos marcadores lipídicos que definam uma identidade molecular inequívoca de azeites virgens e de azeitonas de mesa, e de testar a actividade biológica desses compostos.

Por sua vez, Felisa Rey é licenciada em Ciências do Mar (pela Universidade de Vigo), por isso toda a sua experiência profissional se tem focado no estudo de organismos marinhos. Durante o Doutoramento na UA (Dbio/CESAM), estudou o investimento maternal de invertebrados marinhos com interesse comercial. Foi durante este período que se iniciou no estudo da lipidómica, devido ao papel relevante que os lípidos desempenham no desenvolvimento embrionário dos organismos marinhos. Durante o pós-Douramento, adquiriu experiência na análise das diferentes classes de lípidos por cromatografia e espectrometria de massa, em diversas matrizes de origem marinha. Neste momento, no DQ/CESAM, estuda o papel dos lípidos em animais fotossintéticos e em macroalgas.

CISION

Diário de Aveiro

ID: 80884879

05-06-2019 | Saúde

Meio: Imprensa
País: Portugal
Period.: Ocasional
Âmbito: Regional

Pág: 1
Cores: Cor
Área: 5,42 x 4,09 cm²
Corte: 2 de 2



walk'in Clinics
CONSULTA MÉDICA DE URGÊNCIA
SEM TEMPO DE ESPERA E SEM NECESSIDADE DE MARCAÇÃO.
7 DIAS POR SEMANA DAS 10H ÀS 22H.
808 20 20 80
WALK'IN AVEIRO | Hiper Pingo Doce de Aveiro

中医大学 UNIVERSIDADE MEDICINA CHINESA
www.umc.pt

Diário de Aveiro

5 DEJUNHO DE 2019 QUARTA-FEIRA

Saúde

Fundador Adriano Lucas (1925-2011) | **Director** Adriano Callé Lucas



João Breda ficou em 2.º lugar em exame europeu



Classificação De 670 oftalmologistas que, este ano, realizaram o exame European Board of Ophthalmology, o estarrejense João Breda obteve o segundo melhor resultado **Página 5**

Investigadoras da UA convidadas para editar número especial da Antibiotics

Página 2

Estudo revela que fumo dos incêndios afecta saúde dos bombeiros

Página 3



Hospital de Ovar já tem a funcionar a consulta de geriatria

Página 4

Gestão clínica da USF Moliceiro conquista nível de qualidade Bom

Página 6


Drª Lúcia Marques Dias

laclinic
CLÍNICA DE MEDICINA DENTÁRIA

ortodontia radiologia dentária
implantologia estética dentária
oclusão próteses

Há mais de 25 anos a fazer sorrir
www.laclinic.pt

Aveiro - Edifício 15
Av. Dr. Lourenço Peixinho
nº15 , 3ºandar, Sala B
T. 234 429 755

Aveiro - Edifício Corticeiro
R. Conselheiro Luís Magalhães,
nº64, 2º andar Sala W
T. 234 425 917

Oliveira do Bairro
Edifício S. Miguel
R. Conde Ferreira, nº11
T. 234 747 368


Dr. Américo Ferraz

Startup de doutorando da UA premiada por nova tecnologia para aproveitamento de biomassa

Tipo Meio: Internet Data Publicação: 04/06/2019

Meio: Ambiente Magazine Online

URL: http://www.pt.cision.com/s/?l=d41a9dd

Doutorando da Universidade de Aveiro (UA) em Sistemas Energéticos e Alterações Climáticas, o equatoriano Mário Heredia Salgado foi distinguido com a sua startup "Bioenergía de los Andes", pelo ISC3-International Sustainable Chemistry Collaborative Centre e a Elsevier Foundation com o "Entrepreneurial Spirit in Sustainable Chemistry Award". O doutorando da UA desenvolveu uma nova tecnologia modular para aproveitamento de resíduos da agroindústria (biomassa), produzindo biochar e energia térmica. Para além da tecnologia, há um modelo de negócio inovador associado.

Mário Heredia Salgado, aluno do Departamento de Ambiente e Ordenamento (DAO)/Centro de Estudos do Ambiente e do Mar (CESAM), onde desenvolve trabalho de doutoramento sob supervisão dos professores Luís Tarelho e Arlindo Matos, no domínio de conversão termoquímica de biomassa e resíduos, foi premiado pelo ISC3 - International Sustainable Chemistry Collaborative Centre.

O prémio económico é importante para si e para a sua equipa no Equador, afirma o investigador, "porque providencia uma parte importante dos fundos necessários para escalar o reator, o que por sua vez vai acrescentar nossa capacidade de produção de biochar". "Este novo reator, além de ser um meio de produção para prestar serviços na agroindustria e, portanto, financiar as atividades de desenvolvimento na startup, é o equipamento a partir do qual vão continuar as pesquisas nos anos que vêm".

O prémio recebido prevê ainda a inclusão da start-up "Bioenergía de los Andes" no "Global Startup Service" fornecido pelo ISC3: "Muito relevante", sublinha Mário Salgado, "porque teremos acesso a treino, formação, oportunidades de financiamento e capital de risco... Mas, acima de tudo, cria uma oportunidade para a internacionalização da empresa, nomeadamente, para outros países em desenvolvimento e economias emergentes". "Neste sentido, a promoção que o ISC3 vai fazer será de grande importância".

Para além desta tecnologia de pirólise, o autor tem colaborado na implementação de alguns destes dispositivos para aproveitamento de energia térmica (para secagem) em empresas agroindustriais da América do Sul, usando a tecnologia de combustão e alimentados com resíduos de café e casca de palma. A energia térmica gerada é usada para secagem do café e do cacau. A tecnologia de pirólise não está a ser comercializada nesta fase, argumenta Mário Salgado, uma vez que o atual modelo de negócio é colaborativo e cooperativo: fornecem-se e trocam-se serviços em instalações agroindustriais geridas exclusivamente por associações de produtores.

Embora existam no mercado reatores com objetivos análogos, a integração energética proposta pela "Bioenergía de los Andes" e por Mário Salgado fica a um terço do custo, inovando na estruturação modular do equipamento e no modelo de negócio, afirma o investigador que beneficia de uma bolsa do governo do Equador.

Tecnologia está a ser adaptada a diversos contextos

A tecnologia usada no reator tem vindo a ajustar-se, no âmbito do trabalho de doutoramento na UA,

para que possa ser integrada no sector industrial em países em desenvolvimento e economias emergentes, nomeadamente com:

1.- Design modular que permite diminuir os custos de montagem e instalação;
2.- Operação exclusiva com recurso a biomassa - este equipamento não precisa de gás nem gasóleo de origem fóssil para o aquecimento inicial, nem durante a operação;
3.- Integra plataformas de hardware e software de código aberto;
4.- Uso de materiais disponíveis localmente para a montagem, evitando o recurso a técnicas complexas de solda e fundição;
5.- É um modelo de negócio inovador que promove a transformação das agroindústrias em biorrefinarias de etapa inicial, que por sua vez estão baseadas na versatilidade do bio-carvão enquanto produto: pode ser usado como aditivo do solo, como combustível sólido para cozinhar, como filtro para tratamento de efluentes líquidos ou gasosos, como aditivo na ração animal, aditivo durante produção de composto, alternativa ao carvão mineral na produção de aço, etc.

A "Bioenergía de los Andes" é uma startup social ou "tripple bottom line startup" onde o lucro (ainda que importante), afirma, não é o objetivo principal. A motivação primordial é promover mudanças sociais e ambientais utilizando tecnologia, sendo centrais o impacto social, ambiental e económico (por esta ordem).

O ISC3-International Sustainable Chemistry Collaborative Centre foi criado no âmbito do GIZ, estrutura de cooperação internacional para o desenvolvimento sustentável e para a educação com importante participação do Ministério para a Cooperação Económica e Desenvolvimento alemão.

Start-up de doutorando da UA premiada por nova tecnologia para aproveitamento de biomassa.

Tipo Meio: Internet Data Publicação: 04/06/2019

Meio: Rádio Terra Nova Online

URL: http://www.pt.cision.com/s/?l=9f7972c8

Doutorando da Universidade de Aveiro (UA) em Sistemas Energéticos e Alterações Climáticas, o equatoriano Mário Heredia Salgado foi distinguido, com sua start-up "Bioenergía de los Andes", pelo ISC3-International Sustainable Chemistry Collaborative Centre e a Elsevier Foundation com o "Entrepreneurial Spirit in Sustainable Chemistry Award".

O doutorando da UA desenvolveu uma nova tecnologia modular para aproveitamento de resíduos da agroindústria (biomassa), produzindo biochar e energia térmica. Para além da tecnologia, há um modelo de negócio inovador associado.

Mário Heredia Salgado, aluno do Departamento de Ambiente e Ordenamento (DAO)/Centro de Estudos do Ambiente e do Mar (CESAM), onde desenvolve trabalho de doutoramento sob supervisão dos professores Luís Tarelho e Arlindo Matos, no domínio de conversão termoquímica de biomassa e resíduos, foi premiado pelo ISC3 - International Sustainable Chemistry Collaborative Centre.

O prémio económico é importante para si e para a sua equipa no Equador, afirma o investigador, "porque providencia uma parte importante dos fundos necessários para escalar o reator, o que por sua vez vai acrescentar nossa capacidade de produção de biochar". "Este novo reator, além de ser um meio de produção para prestar serviços na agroindustria e, portanto, financiar as atividades de desenvolvimento na startup, é o equipamento a partir do qual vão continuar as pesquisas nos anos que vêm".

O prémio recebido prevê ainda a inclusão da start-up "Bioenergía de los Andes" no "Global Startup Service" fornecido pelo ISC3: "Muito relevante", sublinha Mário Salgado, "porque teremos acesso a treino, formação, oportunidades de financiamento e capital de risco... Mas, acima de tudo, cria uma oportunidade para a internacionalização da empresa, nomeadamente, para outros países em desenvolvimento e economias emergentes". "Neste sentido, a promoção que o ISC3 vai fazer será de grande importância".

Para além desta tecnología de pirolise, o autor tem colaborado na implementação de alguns destes dispositivos para aproveitamento de energia térmica (para secagem) em empresas agroindustriais da América do Sul, usando a tecnologia de combustão e alimentados com resíduos de café e casca de palma. A energia térmica gerada é usada para secagem do café e do cacau. A tecnologia de pirólise não está a ser comercializada nesta fase, argumenta Mário Salgado, uma vez que o atual modelo de negócio é colaborativo e cooperativo: fornecem-se e trocam-se serviços em instalações agroindustriais geridas exclusivamente por associações de produtores.

Embora existam no mercado reatores com objetivos análogos, a integração energética proposta pela "Bioenergía de los Andes" e por Mário Salgado fica a um terço do custo, inovando na estruturação modular do equipamento e no modelo de negócio, afirma o investigador que beneficia de uma bolsa do governo do Equador.

Tecnologia está a ser adaptada a diversos contextos

A tecnologia usada no reator tem vindo a ajustar-se, no âmbito do trabalho de doutoramento na UA, para que possa ser integrada no sector industrial em países em desenvolvimento e economias emergentes, nomeadamente com:

1.- Design modular que permite diminuir os custos de montagem e instalação;

2.- Operação exclusiva com recurso a biomassa - este equipamento não precisa de gás nem gasóleo de origem fóssil para o aquecimento inicial, nem durante a operação;

3.- Integra plataformas de hardware e software de código aberto;

4.- Uso de materiais disponíveis localmente para a montagem, evitando o recurso a técnicas complexas de solda e fundição;

5.- É um modelo de negócio inovador que promove a transformação das agroindústrias em biorrefinarias de etapa inicial, que por sua vez estão baseadas na versatilidade do bio-carvão enquanto produto: pode ser usado como aditivo do solo, como combustível sólido para cozinhar, como filtro para tratamento de efluentes líquidos ou gasosos, como aditivo na ração animal, aditivo durante produção de composto, alternativa ao carvão mineral na produção de aço, etc.

A "Bioenergía de los Andes" é uma start-up social ou "tripple bottom line startup" onde o lucro (ainda que importante), afirma, não é o objetivo principal. A motivação primordial é promover mudanças sociais e ambientais utilizando tecnologia, sendo centrais o impacto social, ambiental e económico (por esta ordem).

O ISC3-International Sustainable Chemistry Collaborative Centre foi criado no âmbito do GIZ, estrutura de cooperação internacional para o desenvolvimento sustentável e para a educação com importante participação do Ministério para a Cooperação Económica e Desenvolvimento alemão.

texto e foto: UA

Assoreamento da Ria tema do primeiro debate promovido pelo movimento de defesa da ria de Aveiro.

Tipo Meio: Internet Data Publicação: 04/06/2019

Meio: Rádio Terra Nova Online

URL: http://www.pt.cision.com/s/?l=1261af39

Assoreamento da Ria de Aveiro em discussão no dia 15 de junho.

Na contagem decrescente para o arranque dos trabalhos de dragagem, previstos para o final deste mês, o movimento Maria promove o debate sobre a empreitada.

"Ria de Aveiro: Assoreamento Aparente ou Real?" é o tema da conferência de João Miguel Dias que o Movimento em Defesa da Ria (MARIA) organiza no dia 15 de junho.

A reunião, que decorrerá pelas 17h00 no Salão Nobre da Junta de Freguesia da Gafanha da Nazaré, com entrada livre, aborda o já anunciado início dos trabalhos de desassoreamento dos principais canais da Ria.

O tema do desassoreamento da Ria de Aveiro é um assunto que mobiliza o interesse generalizado dos amantes da Ria, especialmente, de todos aqueles que praticam desportos e atividades náuticas, e ainda dos clubes e associações, que se sentem penalizados pela ausência de dragagens nos últimos anos.

João Miguel Dias é doutorado em Física e Professor Associado com Agregação no Departamento de Física da Universidade de Aveiro, do qual é o atual Diretor.

Fundou e lidera o Núcleo de Modelação Estuarina e Costeira (http://www.nmec.eu/), sendo investigador do Centro de Estudos do Ambiente do Mar (CESAM), onde é co-coordenador da linha temática Sistemas Ambientais Integrados.

Com cerca de 30 anos de experiência profissional, é especialista na modelação numérica de processos físicos em zonas estuarinas e costeiras, destacando-se o seu contributo significativo para o estudo da hidrodinâmica da Ria de Aveiro.

Participou e coordenou vários projetos de investigação nacionais e internacionais e tem uma vasta experiência em trabalhos de consultoria para organizações públicas e privadas.

É editor e revisor de um número elevado de revistas internacionais e tem integrado painéis de avaliação de projetos e bolsas na área das ciências do mar para várias agências nacionais e internacionais.

É ainda autor de mais de 140 trabalhos em revistas internacionais nas áreas de Ciências Ambientais e Oceanografia e supervisor de um número significativo de investigadores de pós-doutoramento e de estudantes de Doutoramento e Mestrado na Universidade de Aveiro.

Esta primeira de duas conferências que o MARIA se propõe organizar até ao verão é o resultado de uma decisão do Núcleo de Fundadores do Movimento, que pretende usar esta oportunidade para gerar

um "momento de reflexão e análise" sobre um dos principais problemas que afetam zonas muito significativas da laguna.

A primeira Conferência do Movimento de Amigos da Ria dedicada ao assoreamento tem o apoio da Junta de Freguesia da Gafanha da Nazaré, da Fundação António Pascoal e da Rádio Terranova.

Ria de Aveiro: I Conferência do MARIA

Tipo Meio: Internet Data Publicação: 03/06/2019

Meio: Notícias de Aveiro Online

URL: https://www.noticiasdeaveiro.pt/ria-de-aveiro-i-conferencia-do-maria/

Ria de Aveiro.

A primeira conferência do MARIA subordinada ao tema do assoreamento da Ria de Aveiro acaba de ser agendada pelo Núcleo de Fundadores do Movimento para o dia 15 de junho, no Salão Nobre da Junta de Freguesia da Gafanha da Nazaré.

Sob o título "Ria de Aveiro: Assoreamento Aparente ou Real?", a Conferência será proferida pelo Prof. Doutor João Miguel Dias, Diretor do Departamento de Física da Universidade de Aveiro e investigador Centro de Estudos do Ambiente do Mar (CESAM), onde é co-coordenador da linha temática Sistemas Ambientais Integrados.

Na sua última reunião, realizada quinta-feira, o Núcleo de Fundadores saudou a recente entrada para o Movimento de Amigos da Ria de Aveiro do Sporting Clube de Aveiro e da Associação Náutica da Torreira, que alargam, deste modo, a representatividade do MARIA junto dos clubes náuticos da região.

No encontro, cujo anfitrião foi o Clube dos Galitos, o Núcleo de Fundadores avançou ainda na discussão das propostas de Estatutos e de Regulamento Geral Interno, cujos versões finais deverão ser propostas para votação dentro de três semanas.

Participaram na reunião do Núcleo de Fundadores do MARIA Acúrcio Santos, António Granjeia, Humberto Rocha, Joaquim Rosa, Jorge Greno, Luísa Amador, Miguel Varela, Nelson Costa, Paulo Amaral, Paulo Ramalheira, Pedro Coutinho, Pedro Martins Pereira, Ramiro Silva, Vasco Vieira de Melo, Virgílio Monteiro e Zélu Martins Pereira.

Publicidade, Serviços & Donativos

CISION

ID: 80624412

notíciasdo mar

31-05-2019

Meio: Imprensa
País: Portugal
Period.: Mensal
Âmbito: Outros Assuntos

Pág: 22
Cores: Cor
Área: 12,68 x 17,28 cm²
Corte: 1 de 1

NOTÍCIAS DA UNIVERSIDADE DE AVEIRO

Alfaces-do-mar Removem Metais Pesados de Águas Contaminadas

NUMA INVESTIGAÇÃO DA UNIVERSIDADE DE AVEIRO, NA VULGAR ALFACE-DO-MAR PODE ESTAR A SOLUÇÃO PARA LIMPAR ÁGUAS CONTAMINADAS PELA INDÚSTRIA E PELO CONSUMO DOMÉSTICO.



Na vulgar alface-do-mar pode estar a solução para limpar águas contaminadas

Uma equipa de investigadores da Universidade de Aveiro (UA) descobriu que esta alga tem uma grande capacidade para remover elementos potencialmente tóxicos da água, a maior parte deles perigosos para a saúde humana e para o meio ambiente.

"A remoção alcançada com a alga que temos testado para remover da água, entre outros elementos, arsénio, mercúrio, cádmio e chumbo, é muito elevada", congratula-se Bruno Henriques, o investigador do Centro de Estudos do Ambiente e do Mar (CESAM) e do Departamento de Química (DQ) da Academia de Aveiro, que garante que, comparativamente a outros materiais, naturais ou sintéticos, usados hoje correntemente para o mesmo efeito, a taxa de sucesso da alface-do-mar "é superior".

Por isso, o investigador considera que ***"estas algas são uma alternativa eficiente, pois removem percentagens elevadas de contaminantes num período curto de tempo, a metodologia é económica e mais ecológica do que os métodos 'clássicos' para a remoção destes elementos, que são menos eficazes e, muitas vezes, mais caros, o que se traduz em baixo custo-benefício"***.



Os investigadores Eduarda Pereira, Joana Almeida, Bruno Henriques e Paula Figueira

O estudo da UA indica que cada grama de alga consegue remover em simultâneo 120 microgramas de mercúrio, 160 microgramas de cádmio, 980 microgramas de chumbo, 480 microgramas de crómio, 660 microgramas de níquel, 550 microgramas de arsénio, 370 microgramas de cobre e 2000 microgramas de manganês.

Estes elementos químicos, explica o investigador, apesar de se denominarem de 'clássicos' continuam a ser atualmente **"muito usados por várias indústrias e a sua presença no ambiente causa impactos negativos, tais como toxicidade, observada mesmo para concentrações muito baixas"**. Outros problemas associados a estes elementos **"estão relacionados com o seu carater persistente no ambiente e facilidade em se bioacumularem nos tecidos dos organismos"**.

ALGAS CULTIVADAS EM LOCAIS CONTAMINADOS

O segredo da grande capacidade de 'limpeza' pela alga explica-se através da sorção, processo através do qual a alface-do-mar consegue incorporar nos seus tecidos os contaminantes. O rápido crescimento destas algas, congratula-se Bruno Henriques, "contribui para que se consigam remover os contaminantes em cada vez maior quantidade, pois o crescimento da alga aumenta o número de locais de superfície aos quais estes elementos tóxicos se podem ligar".

Assim, explica o investigador, "as algas poderão ser utilizadas para diminuir a contaminação de locais muito afetados por descargas destes elementos, através da introdução da alga no local a descontaminar se as condições forem adequadas ao seu crescimento ou cultivando algas num outro local e transportando estas para os locais a serem descontaminados".

Além da remoção dos elementos tóxicos, os investigadores da UA asseguram que as alfaces-do-mar permitem reduzir também o teor de fosfatos e nitratos em águas e ao usarem dióxido de carbono como fonte de carbono, permitem reduzir a pegada de carbono.

O trabalho foi desenvolvido por uma equipa multidisciplinar da UA constituída por Bruno Henriques, Ana Teixeira, Paula Figueira, Joana Almeida e Eduarda Pereira (investigadores do DQ, do CESAM, do CICECO - Instituto de Materiais de Aveiro e do Laboratório Central de Análises), e com a cooperação da Universidade do Porto e do Instituto Nacional de Saúde Dr. Ricardo Jorge.

Primeira conferência do Movimento de Defesa da Ria vai ser dedicada ao assoreamento.

Tipo Meio: Internet Data Publicação: 31/05/2019

Meio: Rádio Terra Nova Online

URL: http://www.pt.cision.com/s/?l=a825dfc1

A primeira conferência do Movimento de Defesa da Ria (MARIA), subordinada ao tema do assoreamento da Ria de Aveiro, acaba de ser agendada pelo Núcleo de Fundadores do Movimento para o dia 15 de junho, no Salão Nobre da Junta de Freguesia da Gafanha da Nazaré.

Sob o título "Ria de Aveiro: Assoreamento Aparente ou Real?", a Conferência será proferida por João Miguel Dias, Diretor do Departamento de Física da Universidade de Aveiro e investigador Centro de Estudos do Ambiente do Mar (CESAM), onde é co-coordenador da linha temática Sistemas Ambientais Integrados.

Na sua última reunião, realizada quinta-feira, o Núcleo de Fundadores saudou a recente entrada para o Movimento de Amigos da Ria de Aveiro do Sporting Clube de Aveiro e da Associação Náutica da Torreira, que alargam, deste modo, a representatividade do MARIA junto dos clubes náuticos da região.

No encontro, cujo anfitrião foi o Clube dos Galitos, o Núcleo de Fundadores avançou ainda na discussão das propostas de Estatutos e de Regulamento Geral Interno, cujos versões finais deverão ser propostas para votação dentro de três semanas.

Participaram na reunião do Núcleo de Fundadores do MARIA Acúrcio Santos, António Granjeia, Humberto Rocha, Joaquim Rosa, Jorge Greno, Luísa Amador, Miguel Varela, Nelson Costa, Paulo Amaral, Paulo Ramalheira, Pedro Coutinho, Pedro Martins Pereira, Ramiro Silva, Vasco Vieira de Melo, Virgílio Monteiro e Zélu Martins Pereira.

CISION

Diário de Viseu

ID: 80783580

30-05-2019

Meio: Imprensa
País: Portugal
Period.: Diária
Âmbito: Regional

Pág: 10
Cores: Cor
Área: 17,51 x 22,42 cm²
Corte: 1 de 2

Floresta, ambiente e clima debatidos e reflectidos em ciclo de conferências

Mortágua Pelo segundo ano consecutivo, município promove um debate sobre os desafios e as oportunidades da floresta e do sector florestal

À semelhança do ano anterior, a Câmara Municipal de Mortágua vai realizar um ciclo de conferências, integrado no programa de actividades da ExpoMortágua'19, em torno das temáticas da floresta, ambiente e clima, que contará com a presença de académicos especialistas nestas áreas.

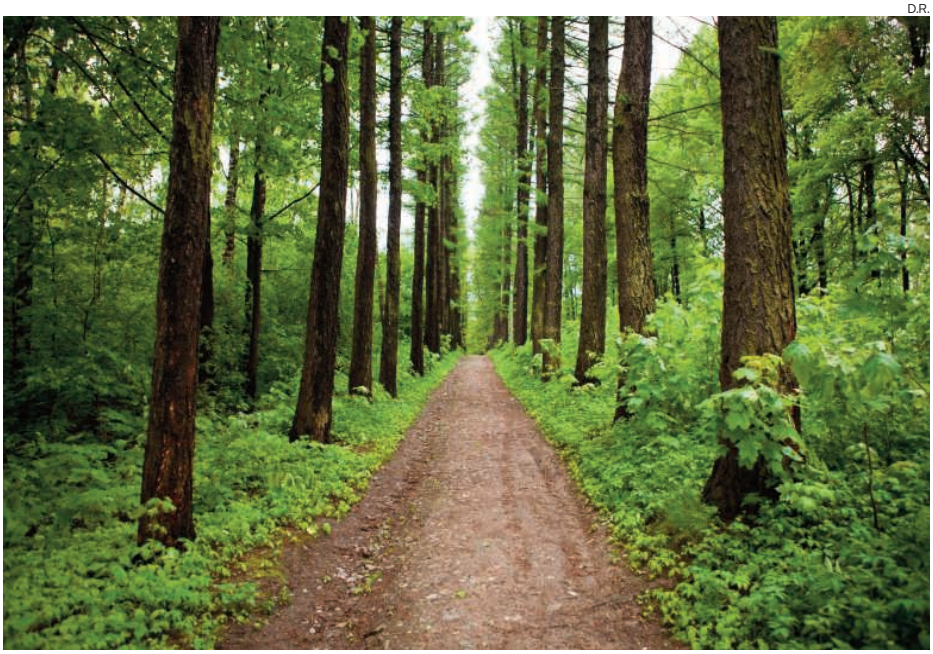
Serão debatidos, no sábado, a partir das 14h30, temas actuais e pertinentes sobre os desafios e as oportunidades da floresta e do sector florestal, como a prevenção estrutural, o ordenamento, a gestão e produtividade dos povoamentos florestais.

Estas conferências servem o objectivo de integrar e interligar a componente académica e científica, o conhecimento e a investigação, na estratégia de desenvolvimento do território.

Para o sucesso deste simpósio, que terá lugar no Pavilhão de Conhecimento, o município conta com o apoio de várias instituições de ensino superior, possibilitando a partilha de experiências, novas técnicas e abordagens relativas aos temas em discussão, contando ainda com a presença de técnicos e especialistas com vasta experiência e estudo nos assuntos em discussão.

O objectivo é a criação de um espaço de debate, promoção e interligação do conhecimento e investigação junto dos mais diversos agentes ligados à área florestal, bem como à própria comunidade escolar.

D.R.



Conferências visam integrar conhecimento e investigação na estratégia de desenvolvimento territorial

Esta é uma aposta da organização, que pretende elevar a ExpoMortágua a um patamar superior, na abordagem e discussão da floresta, clima e ambiente, consolidando a imagem do certame enquanto espaço de referência junto de empresas e agentes do sector, bem como no estabelecimento de parcerias comerciais e de negócios.

Quatro oradores no ciclo de conferências

O ciclo de conferências começa com o tema "Biorrefinaria & economia circular: novas estratégias de valorização integrada de recursos agroflorestais para a implementação de um modelo de desenvolvimento mais sustentável", que tem como orador Armando Silvestre, do Departamento de Química e CICECO da Universidade de Aveiro.

Seguir-se-á João Gonçalves, do EcoChange Lab, FCUP & CIBIO/InBIO, da Universidade do Porto, que falará sobre a "Monitorização ambiental através de instrumentos de observação (satélites e drones".

O tema seguinte será "Erosão de solo após incêndios e gestão florestal pós-fogo", que tem como orador Jacob Keizer, do Departamento de Ambiente e Ordenamento, Earth Surface Processes CESAM, da Universidade de Aveiro.

O último tema será apresentado por Renato Henriques, do Departamento de Ciências da Terra da Universidade do Minho, e abordará a "Geologia e sustentabilidade ambiental".

O moderador será Serafim Oliveira, do Departamento de Engenharia e Gestão Industrial do Instituto Politécnico de Viseu.

O evento tem entrada livre.

CISION

Diário de Viseu

ID: 80783580

30-05-2019

Meio: Imprensa
País: Portugal
Period.: Diária
Âmbito: Regional

Pág: 1
Cores: Cor
Área: 5,94 x 1,72 cm²
Corte: 2 de 2



FORNOS DE ALGODRES MUNICÍPIO
www.o bom sabor da serra.pt
Diretamente dos nossos melhores produtores locais para saborear em sua casa. Tudo à distância de um click. Encomende já e bom proveito!
Apoios FUNDO AMBIENTAL ENEA 2020 REPÚBLICA PORTUGUESA AMBIENTE E TRANSIÇÃO ENERGÉTICA

Diário de Viseu

In Memoriam Adriano Lucas (1925-2011) | Director Adriano Callé Lucas DIÁRIO Nº 5763 30 DE MAIO DE 2019 QUINTA-FEIRA | 0,75 €

HOMEM DE 35 ANOS MORRE EM COLISÃO

Acidente em Pindelo de Silgueiros (Viseu) envolveu motociclo e viatura de mercadorias Pág. 20

LUÍS CRUZ

Viseu vai receber gastronomia de todo o país



Solar do Vinho do Dão recebe Dia Nacional da Gastronomia no fim-de-semana de 8 e 9 de Junho Pág. 5

Opticenter
INAUGURAÇÃO
01 JUNHO 10h
Com a presença de FERNANDO MENDES
LARGO GENERAL HUMBERTO DELGADO, 19
VISEU
GRÁTIS!
ÓCULOS MONOFOCAIS PARA OS PRIMEIROS 100 CLIENTES
Consulte as condições na loja.

Destino ibérico é "obrigatório" para o turismo rural P2 e 3

Mortágua transformou as desgraças em oportunidade P10 e 11

Falta de alojamento preocupa Instituto Politécnico de Viseu
Estudantes | P20

Homenagens em Dia do Município
Santa Comba Dão | P12 e 13


FAÇA TERMAS
ALCAFACHE FAZ BEM!
232 479 797 925 937 429
Comparticipação do SNS


XVIII Festival da Cereja
Resende
1 e 2 de junho de 2019
Município de Resende
30% DESCONTO
Regional | InterRegional
VÁ DE COMBOIO cp.pt

CISION

Defesa da Beira

ID: 80764724

24-05-2019

Meio: Imprensa
País: Portugal
Period.: Semanal
Âmbito: Regional

Pág: 2
Cores: Cor
Área: 11,01 x 17,54 cm²
Corte: 1 de 1



Ciclo de Conferências promove ligação do conhecimento científico ao desenvolvimento sustentável do território

À semelhança do ano anterior, a Câmara Municipal de Mortágua, no âmbito do programa de atividades da ExpoMortágua'19, vai realizar um ciclo de conferências em torno das temáticas da floresta, ambiente e clima e que contará com a presença de académicos especialistas nestas áreas.

Para o sucesso deste simpósio, que terá lugar Pavilhão de Conhecimento, o Município conta com o apoio de várias Instituições de Ensino Superior, possibilitando a partilha de experiências, novas técnicas e abordagens relativas aos temas em discussão.

Visa-se a criação de um espaço de debate, promoção e interligação do conhecimento e investigação junto dos mais diversos agentes ligados à área florestal, bem como à própria comunidade escolar.

Esta é uma aposta da organização, que pretende elevar a ExpoMortágua a um patamar superior, na abordagem e discussão da floresta, clima e ambiente, consolidando a imagem do certame enquanto espaço de referência junto de empresas e agentes do sector, bem como no estabelecimento de parcerias comerciais e de negócios.

O evento terá lugar no dia 01 de junho, a partir das 14h30, e contará com participação livre para todos os interessados.

Fica o convite a toda à população e, mais concretamente, à comunidade escolar, para se juntarem a nós.



Lourinhã e Universidade de Aveiro assinam protocolo de colaboração - ShoppingSpirit News

Tipo Meio: Internet Data Publicação: 22/05/2019

Meio: Shopping Spirit Online

URL: http://www.pt.cision.com/s/?l=61686d0b

Lourinhã e Universidade de Aveiro assinam protocolo de colaboração

ShoppingSpirit News

22 de Maio, 2019

Alimentação e bebidas, Restauração, Últimas Notícias

A Quinzena Gastronómica do Polvo, no município da Lourinhã, festeja a 11ª edição, de dia 23 de maio a 2 de junho e regressa com receitas inovadoras onde o elemento principal é o polvo. O evento convida a saborear toda a delicadeza e sabor do polvo, em mais de 60 receitas confecionadas pelas duas dezenas de restaurantes aderentes que aliam a tradição à modernidade. Com esta iniciativa, a autarquia pretende dinamizar e promover o concelho a nível turístico, assim como a gastronomia da região.

A destacar nesta edição está o protocolo de colaboração que o Município da Lourinhã e a Universidade de Aveiro assinaram, no âmbito do projeto de investigação INTERREG "Cephs&Chefs - Octopus, Squid, Cuttlefish, Sustainable Fisheries and Chefs", que decorre durante três anos e termina no final de 2020.

Este é um projeto que resulta de uma parceria internacional entre instituições académicas, indústria pesqueira e ONGs de todos os paises do "espaço Atlântico" (Portugal, Espanha, França, Irlanda, Reino Unido) com a finalidade de valorizar produtos de pesca, através do desenvolvimento de novos mercados e produtos, de forma a aumentar a rentabilidade da cadeia de valor. Simultaneamente, pretende-se assegurar a sustentabilidade ecológica, social e económica da pesca de cefalópedes (polvos, lulas, chocos). Outro dos objetivos desta iniciativa é garantir a melhoria do conhecimento sobre hábitos alimentares, padrões de consumo e aceitação de novos produtos à base de cefalópodes por parte dos consumidores europeus.

Os parceiros portugueses incluem a Universidade de Aveiro/CESAM e o Instituto Português do Mar e Atmosfera (IPMA) e a Associação de Armadores de Pesca da Fuzeta (AAPF).

Share

Facebook

Twitter

LinkedIn

Pinterest

Câmara da Lourinhã e Universidade de Aveiro colaboram na investigação sobre cefalópedes

Tipo Meio: Internet Data Publicação: 22/05/2019

Meio: Tinta Fresca Online

URL: http://www.pt.cision.com/s/?l=a74ff58a

Logótipo do Programa A Quinzena Gastronómica do Polvo, no município da Lourinhã, festeja a 11ª edição, de dia 23 de maio a 2 de junho e regressa com receitas inovadoras onde o elemento principal é o polvo. O evento convida a saborear toda a delicadeza e sabor do polvo, em mais de 60 receitas confecionadas pelas duas dezenas de restaurantes aderentes que aliam a tradição à modernidade. Com esta iniciativa, a autarquia pretende dinamizar e promover o concelho a nível turístico, assim como a gastronomia da região.

A destacar nesta edição está o protocolo de colaboração que o Município da Lourinhã e a Universidade de Aveiro assinaram, no âmbito do projeto de investigação INTERREG "Cephs&Chefs - Octopus, Squid, Cuttlefish, Sustainable Fisheries and Chefs", que decorre durante três anos e termina no final de 2020.

Este é um projeto que resulta de uma parceria internacional entre instituições académicas, indústria pesqueira e ONGs de todos os paises do "espaço Atlântico" (Portugal, Espanha, França, Irlanda, Reino Unido) com a finalidade de valorizar produtos de pesca, através do desenvolvimento de novos mercados e produtos, de forma a aumentar a rentabilidade da cadeia de valor. Simultaneamente, pretende-se assegurar a sustentabilidade ecológica, social e económica da pesca de cefalópedes (polvos, lulas, chocos). Outro dos objectivos desta iniciativa é garantir a melhoria do conhecimento sobre hábitos alimentares, padrões de consumo e aceitação de novos produtos à base de cefalópodes por parte dos consumidores europeus.

Os parceiros portugueses incluem a Universidade de Aveiro/CESAM e o Instituto Português do Mar e Atmosfera (IPMA) e a Associação de Armadores de Pesca da Fuzeta (AAPF).

O responsável pela área do Turismo e Competitividade, vereador João Serra desafiou os investigadores da Universidade de Aveiro, para implementarem no território um plano de sensibilização nas escolas acerca de temas como a sustentabilidade e a educação ambiental.

"A Lourinhã quer sensibilizar a população para o consumo de polvo acima do peso de 750 gramas, pois para além do cumprimento da legalidade é fundamental para que as gerações atuais e futuras compreendam a importância deste principio: o polvo deve chegar ao estado adulto, para que se reproduza e deixe descendência, dando continuidade à espécie", afirmou.

Cristina Pita, em representação da Universidade de Aveiro, que afirma "é muito gratificante para a Universidade de Aveiro fazer parte deste desafio e poder alertar as populações para a importância do consumo sustentável, bem como contribuir para a sustentabilidade social e económica da pesca artesanal".

Outra das iniciativas do projeto INTERREG Cephs and Chefs, de forma a colaborar na atividade educativa, é a atividade "Polvos, os troca-tintas!", inserida nas comemorações do Dia Mundial da Criança, e que contribui para aumentar a literacia sobre os oceanos e que consiste em diferentes atividades relacionadas com o polvo. Um jogo didático de perguntas e respostas com curiosidades

sobre biologia, sustentabilidade e pesca desta espécia, puzzles e pinturas relacionadas com o polvo.

Para mais informação, consulte: www.cephsandchefs.com

Fonte: Message in a Bottle

A Eletrificação da Indústria: uma mudança de paradigma

Tipo Meio: Internet Data Publicação: 20/05/2019

Meio: Watts On Online

URL: http://www.pt.cision.com/s/?l=a72fb4e6

Luis CorreiaInvestigador do Centro de Estudos do Ambiente e do Mar (CESAM) e do Departamento de Ambiente e Ordenamento (DAO) da Universidade de Aveiro (UA)

Começam a surgir cada vez mais estudos que confirmam a premissa de que o menor consumo dos processos eletrificados permitem a rentabilidade dos mesmos.

Opinião

A Eletrificação da Indústria: uma mudança de paradigma

20 Maio, 2019 0 15

Desde 1990 que o consumo energético mundial tem seguido uma tendência de crescimento. De todas as formas possíveis de utilização da energia, a grande fatia continua a pertencer aos combustíveis de origem fóssil, com o petróleo em primeiro lugar (32%), seguido do carvão (27%) e do gás natural (22%). Apenas 9% da energia consumida em todos os sectores é utilizada na forma de energia elétrica.

Num futuro em que se prevê como necessária uma descarbonização intensiva e uma independência dos combustíveis fósseis, denota-se que, de forma global, o consumidor final de energia não está de todo preparado para o fornecimento quase exclusivamente elétrico resultante das energias renováveis.

Decréscimo de consumo industrial

Na Europa, a indústria tem sido um dos sectores com maior consumo energético, atrás do setor dos transportes e a par do setor residencial. Desde 2007 que o consumo energético na indústria europeia tem vindo a diminuir, ficando com um consumo inferior ao do sector residencial em 2015. O cenário de eletrificação da indústria europeia é mais animador, uma vez que a taxa de utilização de energia elétrica é de 32%, aproximadamente a mesma do gás natural, aumentando 4 pontos percentuais desde o ano 2000. Contudo, apenas 10% deste aumento se deveu à eletrificação da indústria, com a substituição de processos que utilizam combustíveis fósseis, por processos que utilizem energia elétrica.

A eletrificação dos processos industriais, principalmente processos de aquecimento, é muitas vezes interpretada como uma solução que gerará mais despesa para as empresas, dado o custo mais elevado da aquisição de energia na forma de eletricidade. No entanto, dependendo da aplicação, os processos de aquecimento que recorram à energia elétrica são mais eficientes, promovendo assim uma diminuição do consumo energético global, possibilitando uma aplicação rentável.

De facto, identificar e projetar um processo eletrificado que dê resultados tão bons ou melhores do que os de um processo que recorra a combustíveis fósseis é um desafio. É então necessária uma abertura por parte da indústria para colaborar com as comunidades académicas e de investigação científica para que tais projetos possam ser desenvolvidos, contribuindo com passos firmes e racionais no caminho para um futuro sustentável de neutralidade carbónica. A indústria deve consciencializar-se

de que a utilização massificada de combustíveis fósseis no seu sector é um problema que tem de ser resolvido, e que a comunidade científica é o meio com as ferramentas necessárias para atingir o fim de forma eficiente.

Enganem-se aqueles que, à priori, rejeitam a eletrificação dos processos por "serem caros e não trazerem melhoria nenhuma". Começam a surgir cada vez mais estudos que confirmam a premissa de que o menor consumo dos processos eletrificados permitem a rentabilidade dos mesmos. Esses mesmos estudos indicam também que em certas indústrias, nomeadamente na indústria do vidro, a eletrificação de certos processos traz vantagens na produtividade, eficiência do processo produtivo e na redução de desperdício de matérias primas. Um sem fim de vantagens que só são equacionadas com uma abordagem pensada, estruturada e sem preconceitos.

A eletrificação dos processos industriais não é o caminho mais fácil. Mas é sem dúvida o mais vantajoso.

Facebook

Twitter

Google+

Pinterest

WhatsApp

CISION

Diário de Aveiro

ID: 80520495

15-05-2019

Meio: Imprensa
País: Portugal
Period.: Diária
Âmbito: Regional

Pág: 3
Cores: Cor
Área: 26,20 x 20,98 cm²
Corte: 1 de 2

Universidades de Aveiro e Goa reactivam relações de 20 anos

Cooperação Durante dois dias, a Universidade de Aveiro (UA) recebe uma delegação da congénere de Goa (Índia), com o propósito de reactivar e aprofundar relações de cooperação instituída em 1998

EDUARDO PINA



Comitiva da Universidade de Goa reuniu-se, ontem, com representantes de empresas da região

Georgina Prior

Em 2004, Kaustush S. Priolkar integrou, durante um mês, uma equipa que se encontrava a desenvolver um projecto no Departamento de Física da UA. Quinze anos depois, o investigador voltou à cidade e academia aveirenses no âmbito da visita de uma delegação da Universidade de Goa.

Ontem de manhã, no final de uma reunião que decorreu na UA com representantes de várias empresas da região, o agora director da Área de Desenvolvimento da Investigação e Mobilização de Recursos - acompanhado por Koshy Tharakan, director da Área de Cooperação Internacional e Intercâmbio da Universidade de Goa - demonstrou o seu espanto ao ver o crescimento que tanto a universidade como a "cidade dos canais" sofreram neste período.

"Cheguei apenas há horas e pouco vi, mas já deu para reparar um notável crescimento. Durante a visita quero ver se consigo tentar percorrer o caminho que fazia da residência onde estava para o Departamento de Física e para o Forum", disse, em tom de brincadeira. Admitindo que tem vindo a acompanhar, ainda que a muitos quilómetros de distância, o percurso da UA, "há departamentos e unidades e laboratórios, como o CICECO - Aveiro Institute of Materials ou o CESAM - Laboratório Associado Centro de Estudos do Ambiente e do Mar que, há 15 anos, não existiam" e que pretende conhecer na visita que termina no final do dia de hoje.

Garantindo que a Universidade de Goa também tem vindo a crescer nos últimos anos, integrando o top10 do "ranking" das melhores universidades da Índia, e que tem "potencial para crescer ainda mais", Kaustush S. Priolkar pretende, agora, com esta visita, estreitar e aprofundar as relações de cooperação entre as duas instituições, desenvolvendo, "por exemplo, parcerias no desenvolvimento de projectos ou intercâmbio de estudantes ou docentes".

Cooperação desde 1998

A UA e a Universidade de Goa partilham não apenas o facto de serem academias jovens, com menos de 50 anos, mas também um conjunto de interesses que decorrem da sua proximidade ao mar e do investimento realizado no turismo económico e industrial e nos recursos marinhos. De acordo com a UA, partilham, igualmente, um "património histórico através da sua relação, com a língua e cultura portuguesas, na qual a história comum de Portugal e Índia adquire um valor simbólico".

O ex-reitor Júlio Pedrosa foi um dos impulsionadores do primeiro memorando de cooperação, assinado entre as duas instituições, em 1998 - cuja parceria foi revalidada em 2004. "O objectivo sempre foi promover o intercâmbio de docentes e alunos para o desenvolvimento de projectos de investigação conjuntos", recordou, lamentando que, no entanto, a partilha de conhecimentos e de recursos humanos "não tenha sido sistemática".

"Queremos, agora, reforçar essa parceria e cooperação, não só entre universidades, mas também com o mundo empresarial, daí termos iniciado o programa da visita desta delegação com uma reunião com representantes de empresas da região", afirmou, referindo-se à Altice, InovaRia, Euro-Yser, HFA, Grupo Amorim, Vista Alegre e Associação Industrial do Distrito de Aveiro.

A reactivação da cooperação 21 anos depois foi estimulada com a relação individual da docente Susana Sardo, do Departamento de Comunicação e Arte (DeCA) da UA, com a universidade goesa, onde é professora visitante. "Num país maioritariamente anglófono -onde existem 26 línguas e 200 dialectos e mais de 400 línguas maternas, a Universidade de Goa tem um Departamento de Português e Estudos Lusófonos desde 1987.

Além disso, mantém uma relação bastante próxima com o Instituto Camões, que possui um Centro de Língua Portuguesa em Goa (um dos 43 centros de língua portuguesa em todo o mundo), cujo director é Delfim Correia da Silva, um ex-aluno da UA. Só por isso, o reforço das parcerias de cooperação faz todo o sentido", defende Susana Sardo.

Actualmente, na UA estão identificados 36 alunos e dois docentes de origem indiana, um número que se pretende aumentar em breve.

"Espero que, daqui por um ano, haja um maior intercâmbio de alunos, quer nas universidades como nas empresas nacionais e indianas, e de docentes também, sobretudo docentes formados aqui a ensinar a língua portuguesa em Goa", remata a docente aveirense.

CISION

Diário de Aveiro

ID: 80520495

15-05-2019

Meio: Imprensa
País: Portugal
Period.: Diária
Âmbito: Regional

Pág: 1
Cores: Cor
Área: 4,08 x 2,92 cm²
Corte: 2 de 2



LITOCAR BEST WEEK SELECTION
A MELHOR SEMANA DO ANO PARA COMPRAR CARRO
DE 13 A 19 DE MAIO EM TODO O UNIVERSO LITOCAR E NCAR
Informações 808 500 112
litocar.pt

Diário de Aveiro

15 DE MAIO DE 2019 QUARTA-FEIRA, Edição n.º 11.332 DIÁRIO | 0,70 EUROS

Fundador Adriano Lucas (1925-2011) | Director Adriano Callé Lucas | Jornal defensor da valorização de Aveiro e da Região das Beiras

Suites desde 25€
Motel Eclipse
Deixe-se levar pela imaginação...
Tlf: 234 917 942 • www.moteleclipse.pt

MISTOLIN INVESTE TRÊS MILHÕES EM VAGOS

Empresa sediada em Vagos vai investir três milhões de euros numa nova unidade industrial para produção de embalagens e vai criar 20 novos postos de trabalho **Página 14**

Fly rent-a-car
www.flyrent.pt
234 301 580

EDUARDO PINA



Acidentes com motos causam um morto e um ferido grave

Tragédias em Oiã (Oliveira do Bairro) e em Mamodeiro (Aveiro) **Página 7**

Dez pessoas julgadas por tráfico de droga e por assaltos
Feira | P22

Goa reforça parceria com a Universidade de Aveiro
Visita | P3

Câmara avança com obras na antiga EN 109 e em Aradas
Aveiro | P4

Requalificação do antigo quartel já arrancou
Ílhavo | P32

"Miss Activo Cup" já tem data marcada
Desportos de Ondas | P27

Sporting de Aveiro é campeão nacional
Natação Adaptada | P31

SUPRACAR
34.900€ | 42.000€
Março/2015 | Setembro/2016
Audi A5 Cabrio S-Line | BMW 420d Gran Coupé X-Drive-Pack M
76.188KMS - Diesel | 78.135KMS - Diesel
WWW.SUPRACAR.PT
+351 961 301 780 geral@supracar.pt

EM AVEIRO
CHEIRA A CARRO NOVO
matrizauto
FIAT PUNTO
1.2 Easy Star&Stop · 2018
9.999€*
matrizauto.pt
*Preço válido para a viatura em destaque de 13 a 19 de maio de 2019. Imagem não contratual.

Universidades de Aveiro e Goa reactivam relações de 20 anos

Tipo Meio: Internet Data Publicação: 15/05/2019

Meio: Diário de Aveiro Online

URL: https://www.diarioaveiro.pt/noticia/44420

Em 2004, Kaustush S. Priolkar integrou, durante um mês, uma equipa que se encontrava a desenvolver um projecto no Departamento de Física da UA. Quinze anos depois, o investigador voltou à cidade e academia aveirenses no âmbito da visita de uma delegação da Universidade de Goa.Ontem de manhã, no final de uma reunião que decorreu na UA com representantes de várias empresas da região, o ago-ra director da Área de Desenvolvimento da Investigação e Mobilização de Recursos - acompanhado por Koshy Tharakan, director da Área de Cooperação Internacional e Intercâmbio da Universidade de Goa - demonstrou o seu espanto ao ver o crescimento que tanto a universidade como a "cidade dos canais" sofreram neste período. "Cheguei apenas há horas e pouco vi, mas já deu para reparar um notável crescimen-to. Durante a visita quero ver se consigo tentar percorrer o caminho que fazia da residência onde estava para o Departamento de Física e para o Forum", disse, em tom de brincadeira. Admitindo que tem vindo a acompanhar, ainda que a muitos quilómetros de distância, o percurso da UA, "há departamentos e unidades e laboratórios, como o CICECO - Aveiro Institute of Materials ou o CESAM - Laboratório Associado Centro de Estudos do Ambiente e do Mar que, há 15 anos, não existiam" e que pretende conhecer na visita que termina no final do dia de hoje.

Leia a notícia completa na edição em papel.

Georgina Prior (foto de Eduardo Pina)

CISION

GazetaRural

ID: 80545470

15-05-2019

Meio: Imprensa
País: Portugal
Period.: Quinzenal
Âmbito: Outros Assuntos

Pág: 31
Cores: Cor
Área: 18,50 x 25,00 cm²
Corte: 1 de 1



Equipa de biólogos da UA encontraram solução criativa para minorar problema

Casca de ostra da ria de Aveiro pode ser usada nos aquários marinhos e ajudar a preservar recifes de coral

Investigadores da Universidade de Aveiro (UA) estudam alternativas às rochas coralinas nos aquários que, muitas vezes, são extraídas ilegalmente de zonas do Indo-Pacífico, colocando cada vez mais em risco os recifes de coral. A proposta é usar casca de ostra como alternativa à rocha coralina.

Os recifes de coral estão em declínio em todo o mundo. Muitos cientistas acreditam que a própria existência dos recifes de coral pode estar em perigo, a menos que intensifiquemos os nossos esforços para os proteger. As ameaças aos recifes de coral são locais e globais. A maioria destes ecossistemas está localizado perto da costa e, por isso, são particularmente vulneráveis aos efeitos das actividades humanas. Entre os vários factores de ameaça a estes ecossistemas está a exploração de rochas coralinas com fins ornamentais para aquários marinhos que recriam estes ecossistemas.

Conscientes deste problema uma equipa de biólogos da Universidade de Aveiro (UA), liderada pelos investigadores Ricardo Calado e Ana Lillebø encontraram uma solução criativa para minorar este problema e, ao mesmo tempo, valorizar um produto que ainda apresenta um baixo valor acrescentado, a casca de ostra. Pretende-se que as cascas das ostras que acabam por morrer antes de atingir o tamanho comercial possam ser utilizadas na produção de um substrato artificial em aquários de recife, que pode substituir rochas coralinas, muitas vezes recolhidas ilegalmente e de forma destrutiva nos recifes de coral do Indo-Pacífico.

Programa SmartBioR – valorizar recursos marinhos naturais endógenos

Este projecto de investigação aplicada foi desenvolvido no âmbito do programa SmartBioR que visa o desenvolvimento de produtos, processos e serviços, que dinamizem as cadeias de valor associadas aos recursos marinhos naturais endógenos da Região Centro de Portugal.

Contribuir para a Conservação e Valorização da Biodiversidade Marinha é um desígnio do Departamento de Biologia (DBio), do Centro de Estudos do Ambiente e do Mar (CESAM), laboratório associado, e do ECOMARE - Laboratório para a Inovação e Sustentabilidade dos Recursos Biológicos Marinhos da UA.

Nos últimos anos a UA tem criado infra-estruturas, e consolidado equipas de investigação na área do Mar, reforçando assim a sua missão de cooperação com a sociedade na transferência de conhecimento e tecnologia.

Casca de ostra da ria de Aveiro pode ser usada nos aquários marinhos e ajudar a preservar recifes de coral

Tipo Meio: Internet Data Publicação: 13/05/2019

Meio: Ambiente Magazine Online

URL: http://www.pt.cision.com/s/?l=d9ba5546

Investigadores da Universidade de Aveiro (UA) estudam alternativas às rochas coralinas nos aquários que, muitas vezes, são extraídas ilegalmente de zonas do Indo-Pacífico, colocando cada vez mais em risco os recifes de coral. A proposta é usar casca de ostra como alternativa à rocha coralina.

Os recifes de coral estão em declínio em todo o mundo. Muitos cientistas acreditam que a própria existência dos recifes de coral pode estar em perigo, a menos que intensifiquemos os nossos esforços para os proteger. As ameaças aos recifes de coral são locais e globais. A maioria destes ecossistemas está localizado perto da costa e, por isso, são particularmente vulneráveis aos efeitos das atividades humanas. Entre os vários fatores de ameaça a estes ecossistemas está a exploração de rochas coralinas com fins ornamentais para aquários marinhos que recriam estes ecossistemas.

Conscientes deste problema uma equipa de biólogos da Universidade de Aveiro, liderada pelos investigadores Ricardo Calado e Ana Lillebø encontraram uma solução criativa para minorar este problema, e ao mesmo tempo, valorizar um produto que ainda apresenta um baixo valor acrescentado, a casca de ostra. Pretende-se que as cascas das ostras que acabam por morrer antes de atingir o tamanho comercial possam ser utilizadas na produção de um substrato artificial em aquários de recife, que pode substituir rochas coralinas, muitas vezes recolhidas ilegalmente e de forma destrutiva nos recifes de coral do Indo-Pacífico.

Programa SmartBioR - valorizar recursos marinhos naturais endógenos

Este projeto de investigação aplicada foi desenvolvido no âmbito do programa SmartBioR que visa o desenvolvimento de produtos, processos e serviços, que dinamizem as cadeias de valor associadas aos recursos marinhos naturais endógenos da Região Centro de Portugal.

Contribuir para a Conservação e Valorização da Biodiversidade Marinha é um desígnio do Departamento de Biologia (DBio), do Centro de Estudos do Ambiente e do Mar (CESAM), laboratório associado, e do ECOMARE - Laboratório para a Inovação e Sustentabilidade dos Recursos Biológicos Marinhos da UA. Nos últimos anos a UA tem criado infraestruturas, e consolidado equipas de investigação na área do Mar, reforçando assim a sua missão de cooperação com a sociedade na transferência de conhecimento e tecnologia.

Neste vídeo a equipa de biólogos da UA deu vida a um logótipo da instituição formado por aglomerado de casca de ostra povoada por corais tropicais vivos: https://vimeo.com/334870179.

CISION

Atlântico Expresso

ID: 80487758

13-05-2019

Meio: Imprensa
País: Portugal
Period.: Semanal
Âmbito: Regional

Pág: 9
Cores: Cor
Área: 25,00 x 15,82 cm²
Corte: 1 de 1



Trabalho multidisciplinar de duas das unidades de investigação da UA

Infecções fatais combatidas com luz e sem adição de antibióticos entre ciclos

Chama-se Staphylococcus aureus, é uma bactéria responsável por várias infecções potencialmente fatais em humanos e, até agora, o seu combate estava dificultado pela resistência que ganhou aos antibióticos, mesmo aos utilizados em último recurso. (...) Foliculite, furunculose, impetigo, celulite infeciosa, pneumonia necrosante, osteomielite, endocardite infeciosa, síndrome do choque tóxico e até intoxicação alimentar. A lista das infecções que S. aureus pode provocar é interminável.

Chama-se Staphylococcus aureus, é uma bactéria responsável por várias infecções potencialmente fatais em humanos e, até agora, o seu combate estava dificultado pela resistência que ganhou aos antibióticos, mesmo aos utilizados em último recurso. Afinal, através da terapia fotodinâmica é possível inactivar a bactéria. Os recentes avanços realizados na Universidade de Aveiro (UA) trazem uma solução a quem sofre, por exemplo, de abcessos na pele e infecções do trato urinário.

Foliculite, furunculose, impetigo, celulite infeciosa, pneumonia necrosante, osteomielite, endocardite infeciosa, síndrome do choque tóxico e até intoxicação alimentar. A lista das infecções que S. aureus pode provocar é interminável.

Tratada facilmente com vulgares antibióticos até há poucas décadas, as infecções hospitalares e na comunidade causadas por S. aureus multiresistentes a antibióticos aumentaram dramaticamente nos últimos 30 anos, sendo acompanhadas por um aumento de estirpes super-resistentes até mesmo aos antibióticos ditos de última geração. O tratamento é, por isso, difícil, moroso e frequentemente ineficaz.

"Estas estirpes são uma ameaça grave para a saúde pública", alerta Adelaide Almeida, investigadora do Centro de Estudos do Ambiente e do Mar (CESAM) e do Departamento de Biologia da UA e coordenadora do estudo que pode colocar um travão a esta bactéria. Este estudo resultado trabalho multidisciplinar de uma equipa de cientistas do CESAM e do Grupo de Química Orgânica, Produtos Naturais e Agroalimentares, duas das unidades de investigação da UA.

Terapia fotodinâmica é eficaz

O género Staphylococcus contém pelo menos 49 espécies, várias das quais são altamente importantes clinicamente, para a indústria alimentar, para agricultura e economia. A mais patogénica dessas espécies é S. aureus.

Esta espécie, explica Adelaide Almeida, "está amplamente distribuída no ambiente, pode residir na pele e nas mucosas dos seres humanos e animais". Nos seres humanos, "as narinas são os principais nichos ecológicos de S. aureus - a transmissão ocorre principalmente através das mãos quando estas tocam superfícies contaminadas embora outros locais, como a pele, a área perineal, a faringe, o trato gastrointestinal, a vagina e as axilas também podem ser colonizadas, podendo também funcionar como focos de transmissão".

Com sucesso, a equipa de químicos e biólogos da UA constituída por Adelaide Almeida, Amparo Faustino, Maria da Graça Neves, Tatiana Branco, Cristina Dias, Nuno Moura, Cristina Dias, Vânia Jesus, Ana Peixoto e Nádia Valério, testou in vitro e na pele a terapia fotodinâmica, por si só ou combinada com antibióticos, para inactivar esta bactéria.

"Os resultados mostraram que a terapia fotodinâmica, usada já vulgarmente para tratar, por exemplo, o acne, é uma abordagem eficaz para controlar a infecção por S. aureus na pele, inactivando a bactéria eficazmente após três ciclos sucessivos de tratamento com luz e sem adição de antibióticos entre ciclos, ou após um ciclo usando a acção combinada da terapia com o antibiótico ampicilina", congratula-se Adelaide Almeida.

"Embora seja bem-sabido que o uso de grandes quantidades de antibióticos na prática clínica é indesejável devido ao aparecimento de estirpes resistentes a antibióticos, pouco esforço tem sido feito para usar a terapia fotodinâmica para potencializar a eficácia antibiótica ou, alternativamente, usar antibióticos para melhorar o efeito desta terapia", explica a bióloga.

A avaliação deste efeito combinado foi realizada pela equipa da UA em pele de suíno, considerada um bom modelo de teste para a pele humana, devido às semelhanças das suas propriedades histológicas, fisiológicas e imunológicas.

Casca de ostra da Ria pode ajudar a preservar recifes de coral

Tipo Meio: Internet Data Publicação: 13/05/2019

Meio: OvarNews Online

URL: http://www.pt.cision.com/s/?l=63b5f6d6

CulturaSliderCasca de ostra da Ria pode ajudar a preservar recifes de coral

OvarNews

1 min atrás 0 0 1 minute read

Investigadores da Universidade de Aveiro (UA) estudam alternativas às rochas coralinas nos aquários que, muitas vezes, são extraídas ilegalmente de zonas do Indo-Pacífico, colocando cada vez mais em risco os recifes de coral. A proposta é usar casca de ostra como alternativa à rocha coralina.

Os recifes de coral estão em declínio em todo o mundo. Muitos cientistas acreditam que a própria existência dos recifes de coral pode estar em perigo, a menos que intensifiquemos os nossos esforços para os proteger. As ameaças aos recifes de coral são locais e globais. A maioria destes ecossistemas está localizado perto da costa e, por isso, são particularmente vulneráveis aos efeitos das atividades humanas. Entre os vários fatores de ameaça a estes ecossistemas está a exploração de rochas coralinas com fins ornamentais para aquários marinhos que recriam estes ecossistemas.

Conscientes deste problema uma equipa de biólogos da Universidade de Aveiro (UA), liderada pelos investigadores Ricardo Calado e Ana Lillebø encontraram uma solução criativa para minorar este problema, e ao mesmo tempo, valorizar um produto que ainda apresenta um baixo valor acrescentado, a casca de ostra. Pretende-se que as cascas das ostras que acabam por morrer antes de atingir o tamanho comercial possam ser utilizadas na produção de um substrato artificial em aquários de recife, que pode substituir rochas coralinas, muitas vezes recolhidas ilegalmente e de forma destrutiva nos recifes de coral do Indo-Pacífico.

Programa SmartBioR - valorizar recursos marinhos naturais endógenos

Este projecto de investigação aplicada foi desenvolvido no âmbito do programa SmartBioR que visa o desenvolvimento de produtos, processos e serviços, que dinamizem as cadeias de valor associadas aos recursos marinhos naturais endógenos da Região Centro de Portugal.

Contribuir para a Conservação e Valorização da Biodiversidade Marinha é um desígnio do Departamento de Biologia (DBio), do Centro de Estudos do Ambiente e do Mar (CESAM), laboratório associado, e do ECOMARE - Laboratório para a Inovação e Sustentabilidade dos Recursos Biológicos Marinhos da UA. Nos últimos anos a UA tem criado infraestruturas, e consolidado equipas de investigação na área do Mar, reforçando assim a sua missão de cooperação com a sociedade na transferência de conhecimento e tecnologia.

Neste vídeo a equipa de biólogos da UA deu vida a um logotipo da instituição formado por aglomerado de casca de ostra povoada por corais tropicais vivos: https://vimeo.com/334870179.

Facebook Twitter Google+ LinkedIn StumbleUpon Tumblr Pinterest Reddit VKontakte Partilhar por email Imprimir

1 min atrás

[Additional Text]:
OvarNews

OvarNews

Equipa de biólogos da UA investigam uso de casca de ostra da ria em aquários marinhos.

Tipo Meio: Internet Data Publicação: 13/05/2019

Meio: Rádio Terra Nova Online

URL: http://www.pt.cision.com/s/?l=d009112d

Investigadores da Universidade de Aveiro (UA) estudam alternativas às rochas coralinas nos aquários que, muitas vezes, são extraídas ilegalmente de zonas do Indo-Pacífico, colocando cada vez mais em risco os recifes de coral. A proposta é usar casca de ostra como alternativa à rocha coralina.

Os recifes de coral estão em declínio em todo o mundo. Muitos cientistas acreditam que a própria existência dos recifes de coral pode estar em perigo, a menos que intensifiquemos os nossos esforços para os proteger.

As ameaças aos recifes de coral são locais e globais. A maioria destes ecossistemas está localizado perto da costa e, por isso, são particularmente vulneráveis aos efeitos das atividades humanas.

Entre os vários fatores de ameaça a estes ecossistemas está a exploração de rochas coralinas com fins ornamentais para aquários marinhos que recriam estes ecossistemas.

Conscientes deste problema uma equipa de biólogos da Universidade de Aveiro (UA), liderada pelos investigadores Ricardo Calado e Ana Lillebø encontraram uma solução criativa para minorar este problema, e ao mesmo tempo, valorizar um produto que ainda apresenta um baixo valor acrescentado, a casca de ostra.

Pretende-se que as cascas das ostras que acabam por morrer antes de atingir o tamanho comercial possam ser utilizadas na produção de um substrato artificial em aquários de recife, que pode substituir rochas coralinas, muitas vezes recolhidas ilegalmente e de forma destrutiva nos recifes de coral do Indo-Pacífico.

Programa SmartBioR - valorizar recursos marinhos naturais endógenos

Este projeto de investigação aplicada foi desenvolvido no âmbito do programa SmartBioR que visa o desenvolvimento de produtos, processos e serviços, que dinamizem as cadeias de valor associadas aos recursos marinhos naturais endógenos da Região Centro de Portugal.

Contribuir para a Conservação e Valorização da Biodiversidade Marinha é um desígnio do Departamento de Biologia (DBio), do Centro de Estudos do Ambiente e do Mar (CESAM), laboratório associado, e do ECOMARE - Laboratório para a Inovação e Sustentabilidade dos Recursos Biológicos Marinhos da UA.

Nos últimos anos a UA tem criado infraestruturas, e consolidado equipas de investigação na área do Mar, reforçando assim a sua missão de cooperação com a sociedade na transferência de conhecimento e tecnologia.

Texto e foto: UA

CISION

Diário de Aveiro

ID: 80443591

10-05-2019

Meio: Imprensa
País: Portugal
Period.: Diária
Âmbito: Regional

Pág: 6
Cores: Cor
Área: 13,44 x 29,05 cm²
Corte: 1 de 1



PAULO RAMOS



Eduardo Feio, presidente do IMT, esteve anteontem na Universidade de Aveiro

IMT aponta "novas soluções" para a mobilidade

Evento As mudanças na mobilidade, meios de comunicação e transportes, fontes de energia e nos comportamentos das pessoas, determinam novas atitudes e formas de actuação

Para "novos problemas" tem de haver "novas soluções" de mobilidade e o Estado pode assumir o papel de "maestro" nas acções e decisões a tomar, envolvendo o que é do domínio público e as inciativas privadas, defendeu, anteontem, em Aveiro, o presidente do Instituto da Mobilidade e dos Transportes (IMT), Eduardo Feio.

Aquele reponsável participou no evento final do Projecto @CRUiSE - Advanced Impact Integration Platform for Cooperative Road Use, coordenado por Margarida Coelho do Departamento de Engenharia Mecânica/Centro de Tecnologia Mecânica e Automação (DEM/TEMA) da Universidade de Aveiro.

Há uma relação directa entre a "mobilidade inteligente" e os "novos desafios", segundo aquele responsável do IMT, entre os quais inclui as decisões a tomar tendo em conta as necessidades das pessoas com dificuldade de locomoção, chamando a atenção, também, para "novos tipos de comportamento". São ainda factores a considerar os desenvolvimentos na condução autónoma, nas vias de circulação, os novos meios, como a bicicleta elétrica, ou mesmo, as trotinetes, assim como as novas fontes de energia alternativas aos combustíveis fósseis.

Há outras questões a considerar como as novas relação diferentes relativas à posse de carro, segundo referiu também. De resto, assinalou ainda a circulação e acesso à informação relativa à mobilidade e antevê que as pessoas fiquem cada vez mais "ligadas à rede. Ligar tudo, todos, a todo o lado", disse.

Projecto internacional

O evento, sob o título "Understanding road traffic impacts of captivating and transformative mobility paradigms" contou com a colaboração do Núcleo de Estudantes de Engenharia Mecânica e o projecto é financiado pela Fundação para a Ciência e Tecnologia I.P, e pelo Programa Operacional Competitividade e Internacionalização (COMPETE 2020) e Programa Operacional Regional de Lisboa (PO Lisboa), na componente FEDER.

Trata-se de um projecto, que decorreu entre Junho de 2016 e este mês, tendo como objectivo principal "a integração dos impactes do tráfego rodoviário - poluição do ar, ruído, conflitos rodoviários e congestionamento - numa plataforma analítica única para utilização em sistemas avançados de gestão de tráfego".

Foi desenvolvido um indicador integrado que "pretende informar ao condutor o custo associado ao impacte da sua escolha de rota com base nos três pilares da sustentabilidade: social, ambiental e económico".

O projecto foi realizado em parceria entre o Centro de Tecnologia Mecânica e Automação (TEMA), o Centro de Estudos do Ambiente e do Mar (CESAM) - ambos da UA - e o Instituto de Telecomunicações (IT) em Aveiro.

O projecto contou ainda "com a colaboração e 'expertise' de investigadores de relevo nos domínios do tráfego rodoviário, dos sistemas inteligentes de transportes e do ruído" de Nagui Rouphail, da North Carolina State University (EUA), Asad Khattak, da University of Tennessee @ Knoxville EUA e Claudio Guarnaccia, da Universidade de Salerno (Itália).

Conferência "Governação e Sustentabilidade do Mar", no ISCTE

Tipo Meio: Internet Data Publicação: 08/05/2019

Meio: Náutica Press Online

URL: http://www.pt.cision.com/s/?l=568b551c

ISCTE pretende formar quadros para garantir sustentabilidade do mar

A avaliação do ambiente marinho e os desafios da governação do mar vão estar em debate a 9 de maio na conferência "Governação e Sustentabilidade do Mar", no ISCTE. Entre os oradores estarão peritos das Nações Unidas. A ministra do Mar, Ana Paula Vitorino, estará presente na sessão de encerramento. Será também apresentado o novo mestrado nesta área que visa "formar quadros qualificados e promover investigação científica, sem a qual não é possível o mar subsistir e ter futuro", afirma o diretor da formação, Pedro Quartin Graça.

"A exploração do mar é um importante fator do desenvolvimento mundial, mas o aproveitamento do Oceano e dos seus recursos está dependente de políticas públicas consistentes, esforços a nível tecnológico e progressos da investigação científica", afirma Maria Eduarda Gonçalves, investigadora no Centro de Estudos sobre a Mudança Socioeconómica e o Território do ISCTE - Instituto Universitário de Lisboa. "O mar é ainda hoje visto como um espaço misterioso, com milhares de metros de profundidade por explorar e com um potencial imenso".As políticas do mar e a exploração e prospeção dos recursos marinhos vão estar no centro da Conferência "Governação e Sustentabilidade do mar - Desafios presentes e prementes", que vai decorrer no ISCTE a 9 de maio, quinta-feira. A ministra do Mar, Ana Paula Vitorino, estará presente na sessão de encerramento da conferência."Os painéis vão ser apresentados por peritos portugueses das Nações Unidas que participam em projetos de avaliação do estado dos oceanos e na definição de estratégias para garantir a sua sustentabilidade", afirma Maria Eduarda Gonçalves, que também será moderadora da conferência. "Vão ser cruzados os desafios nacionais com os internacionais e irá ser explorado o papel do mar como a última fronteira para o desenvolvimento do país, face ao potencial do mar português".O primeiro painel, relacionado com os desafios globais da governação do mar, vai ser inaugurado pela professora Maria João Bebianno, diretora do CIMA - Centro de Investigação Marinha e Ambiental (Universidade do Algarve) e uma das peritas internacionais da ONU responsáveis pela avaliação do ambiente marinho e os seus aspetos socioeconómicos. Maria João Bebianno irá dar conta dos resultados globais da primeira avaliação e indicar mudanças que estejam a decorrer no segundo relatório, que será apresentado numa conferência mundial no próximo ano. "Depois dos primeiros resultados, a ONU decidiu continuar com as avaliações porque foi percetível que o estado do oceano atingiu os seus limites e é preciso tomar medidas para inverter a situação", afirma a investigadora.Luís Menezes Pinheiro, professor na Universidade de Aveiro e presidente do Comité Português para a Comissão Oceonográfica Intergovernamental (UNESCO) também participará no debate para falar sobre a Década do Oceano (2021-2030) da ONU na implementação de um desenvolvimento sustentável deste recurso.

O segundo painel será presidido por Miguel Miranda, presidente do Instituto Português do Mar e Atmosfera, e será focado numa perspetiva nacional, com os desafios da governação do mar português face ao seu elevado potencial. "O mar português tem uma imensidão de recursos naturais e fundos marinhos que podem ser explorados de forma sustentável e preservados para as gerações futuras", afirma Maria Eduarda Gonçalves.A Zona Económica Exclusiva de Portugal é atualmente a terceira maior da União Europeia com 1.72 milhões de quilómetros quadrados, mas se a proposta de alargamento da plataforma continental for aprovada na Comissão de Limites da Plataforma Continental (CLCP) das Nações Unidas, esse número duplicará. "A confirmar-se, a prospeção e

exploração dos recursos naturais terá um enorme potencial económico para o país".

Formar para conhecer e coordenar

A conferência irá também servir de mote para a apresentação pública da 1ª. Edição do Mestrado em Governação e Sustentabilidade do Mar, que terá início no próximo ano letivo, no ISCTE. "A concretização do potencial do mar em resultados só é conseguida através de uma boa gestão dos recursos, com políticas eficientes e que serão exploradas nesta formação", afirma Pedro Quartin Graça, diretor do mestrado."A agregação da diversidade temática, a natureza disciplinar e a própria estrutura curricular permitem o contacto dos alunos com estes aspetos marítimos, com ênfase nas ciências sociais e humanas e no seu contributo para pensar nas formas de organização e em políticas neste campo", afirma Pedro Quartin Graça. O objetivo é cruzar competências que vão do Direito, à Economia, passando ainda pela Antropologia e Estudos Internacionais."O mestrado oferece uma estrutura multidisciplinar que irá contribuir para a formação de quadros qualificados e para o desenvolvimento da investigação científica sobre a governação e os princípios de desenvolvimento sustentável, sem os quais não é possível o mar subsistir e ter futuro", conclui.

Programa

Auditório J.J.Laginha, Edifício Sedas Nunes

14.30 / 15.00

APRESENTAÇÃO DO MESTRADO EM GOVERNAÇÃO E SUSTENTABILIDADE DO MAR

Pedro Quartin Graça, Professor do ISCTE - Instituto Universitário de Lisboa, Diretor do Mestrado em Governação e Sustentabilidade do Mar

15.00 / 16.30

DESAFIOS INTERNACIONAIS DA GOVERNAÇÃO DO MAR

Moderador: Maria Eduarda Gonçalves, Professora do ISCTE - Instituto Universitário de Lisboa

"Desafios Globais da Governação do Mar"

Cátia Miriam Costa, Professora Convidada do ISCTE - Instituto Universitário de Lisboa, Investigadora do Centro de Estudos Internacionais (ISCTE-IUL) e Diretora da Cátedra Ibero-Americana do Instituto Europeu de Estudos Internacionais (Estocolmo)

"United Nations World Ocean Assessment - Avaliação do Estado do Ambiente Marinho e osAspectos Sócio Económicos"

Maria João Bebianno, Diretora do CIMA- Centro de Investigação Marinha e Ambiental, Universidade do Algarve, membro do Grupo de Peritos das Nações Unidas "Regular Process for Global Reporting and Assessment of the state of the Marine Environment, including Socio-economic Aspects"

"A década do oceano: United Nations Decade of Ocean Science for Sustainable Development (2021-2030)"

Luís Menezes Pinheiro, Presidente do Comité Português para a Comissão Oceanográfica Intergovernamental (IOC/UNESCO), Representante de Portugal no Conselho Executivo da COI,

Professor no Dep. Geociências e CESAM, Universidade de Aveiro.

16.30 / 17.00

DEBATE

17.00 / 17.30

Coffee-break

17.30 / 18.00

DESAFIOS DA GOVERNAÇÃO DO MAR E PORTUGAL

Miguel Miranda, Presidente do Instituto Português do Mar e da Atmosfera

18.00 / 18.30

ENCERRAMENTO DA CONFERÊNCIA

Reitora do ISCTE-IUL Maria de Lurdes Rodrigues

Ministra do Mar, Ana Paula Vitorino

ISCTE Mar Ministra do Mar Oceanos

Náutica Press

"No Rasto das Lontras"

Tipo Meio: Internet Data Publicação: 03/05/2019

Meio: Digital de Vizela Online

URL: https://www.digitaldevizela.com/2019/05/no-rasto-das-lontras.html

Chega a Vizela, numa organização conjunta com várias entidades, um workshop onde serão abordados vários aspetos da ecologia e conservação das lontras-europeias (Lutra lutra) em Portugal.

Os participantes irão ainda ter a oportunidade de procurar vestígios deste animal (ex. pegadas) e participar num projeto de ciência cidadã. Desta forma, irão ajudar a perceber quais os habitats preferidos por esta espécie e quais as regiões onde ela é mais abundante no nosso país.

Projeto " Natura + " foi lançado a 14 de janeiro do presente ano e esta atividade fará parte integrante de uma tese desenvolvida no âmbito do Programa Doutoral em Ensino e Divulgação das Ciências (FCUP) e nasce da cooperação de quatro entidades: CESAM (Universidade de Aveiro), CIIMAR , GreenUPorto e Faculdade de Ciências (Universidade do Porto).

A Natura + tem como missão divulgar a Rede Natura 2000 e a vida selvagem que esta alberga em Portugal. Pretende também, com o apoio dos cidadãos, reunir informação científica útil para a monitorização e gestão dos sítios portugueses desta rede internacional de áreas protegidas. Para isso, o projeto aposta numa forte presença nas redes sociais e na disponibilização de atividades de ciência cidadã direcionadas para o público em geral e para as escolas.

Partilhar

Associações

CISION

ACTUALIDAD€ ECONOMÍA IBÉRICA

ID: 79933055

30-04-2019

Meio: Imprensa
País: Portugal
Period.: Mensal
Âmbito: Economia, Negócios e.

Pág: 37
Cores: Cor
Área: 16,62 x 13,78 cm²
Corte: 1 de 1



Alfaces-do-mar removem metais pesados de águas contaminadas

Na vulgar alface-do-mar pode estar a solução para limpar águas contaminadas pela indústria e pelo consumo doméstico. Uma equipa de investigadores da Universidade de Aveiro (UA) descobriu que esta alga tem uma grande capacidade para remover elementos potencialmente tóxicos da água, a maior parte deles perigosos para a saúde humana e para o meio ambiente. "A remoção alcançada com a alga que temos testado para remover da água, entre outros elementos, arsénio, mercúrio, cádmio e chumbo, é muito elevada", congratula-se Bruno Henriques, o investigador do Centro de Estudos do Ambiente e do Mar (CESAM) e do Departamento de Química (DQ) da Academia de Aveiro, que garante que, comparativamente a outros materiais, naturais ou sintéticos, usados hoje correntemente para o mesmo efeito, a taxa de sucesso da alface-do-mar "é superior".

Por isso, o investigador considera que "estas algas são uma alternativa eficiente, pois removem percentagens elevadas de contaminantes num período curto de tempo, a metodologia é económica e mais ecológica do que os métodos 'clássicos' para a remoção destes elementos, que são menos eficazes e, muitas vezes, mais caros, o que se traduz em baixo custo-benefício".



O estudo da UA indica que cada grama de alga consegue remover em simultâneo 120 microgramas de mercúrio, 160 de cádmio, 980 de chumbo, 480 de crómio, 660 de níquel, 550 de arsénio, 370 de cobre e dois mil microgramas de manganês.

Estes elementos químicos, explica o investigador, apesar de se denominarem de 'clássicos' continuam a ser atualmente "muito usados por várias indústrias e a sua presença no ambiente causa impactos negativos, tais como toxicidade, observada mesmo para concentrações muito baixas".

O segredo da grande capacidade de limpeza pela alga explica-se através da sorção, processo através do qual a alface-do-mar consegue incorporar nos seus tecidos os contaminantes. O rápido crescimento destas algas, adianta Bruno Henriques (na foto, ao lado das investigadoras Eduarda Pereira, Joana Almeida e Paula Figueira), "contribui para que se consigam remover os contaminantes em cada vez maior quantidade, pois o crescimento da alga aumenta o número de locais de superfície aos quais estes elementos tóxicos se podem ligar". ■

CISION
INDUSTRIA e AMBIENTE
REVISTA DE INFORMAÇÃO TÉCNICA E CIENTÍFICA
ID: 80490576
30-04-2019
Meio: Imprensa
País: Portugal
Period.: Bimestral
Âmbito: Ambiente e Ciência
Pág: 41
Cores: Cor
Área: 19,00 x 25,53 cm²
Corte: 1 de 1

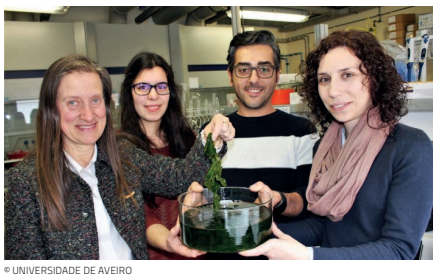
Alfaces-do-mar com capacidade para remover metais pesados

Uma equipa de investigadores da Universidade de Aveiro descobriu que a alface-do-mar, uma vulgar alga, tem uma grande capacidade para remover elementos potencialmente tóxicos da água, a maior parte deles perigosos para a saúde humana e para o meio ambiente.

"A remoção alcançada com a alga que temos testado para remover da água, entre outros elementos, arsénio, mercúrio, cádmio e chumbo, é muito elevada", congratula-se Bruno Henriques, o investigador do Centro de Estudos do Ambiente e do Mar (CESAM) e do Departamento de Química (DQ) da Academia de Aveiro, que garante que, comparativamente a outros materiais, naturais ou sintéticos, usados hoje correntemente para o mesmo efeito, a taxa de sucesso da alface-do-mar "é superior". Por isso, o investigador considera que "estas algas são uma alternativa eficiente, pois removem percentagens elevadas de contaminantes num período curto de tempo, a metodologia é económica e mais ecológica do que os métodos 'clássicos' para a remoção destes elementos, que são menos eficazes e, muitas vezes, mais caros, o que se traduz em baixo custo-benefício".

O estudo da UA indica que cada grama de alga consegue remover em simultâneo 120 microgramas de mercúrio, 160 microgramas de cádmio, 980 microgramas de chumbo, 480 microgramas de crómio, 660 microgramas de níquel, 550 microgramas de arsénio, 370 microgramas de cobre e 2000 microgramas de manganês.

Estes elementos químicos, explica o investigador, apesar de se denominarem de 'clássicos' continuam a ser atualmente "muito usados por várias indústrias e a sua presença no ambiente causa impactos negativos, tais como toxicidade, observada mesmo para concentrações muito baixas". Outros problemas associados a estes elementos "estão relacionados com o seu caráter persistente no ambiente e facilidade em se bioacumularem nos tecidos dos organismos".



© UNIVERSIDADE DE AVEIRO

ALGAS CULTIVADAS EM LOCAIS CONTAMINADOS

O segredo da grande capacidade de 'limpeza' pela alga explica-se através da sorção, processo através do qual a alface-do-mar consegue incorporar nos seus tecidos os contaminantes. O rápido crescimento destas algas, afirma Bruno Henriques, "contribui para que se consigam remover os contaminantes em cada vez maior quantidade, pois o crescimento da alga aumenta o número de locais de superfície aos quais estes elementos tóxicos se podem ligar".

Assim, explica o investigador, "as algas poderão ser utilizadas para diminuir a contaminação de locais muito afetados por descargas destes elementos, através da introdução da alga no local a descontaminar se as condições forem adequadas ao seu crescimento ou cultivando algas num outro local e transportando estas para os locais a serem descontaminados". Além da remoção dos elementos tóxicos, os investigadores da UA asseguram que as alfaces-do-mar permitem reduzir também o teor de fosfatos e nitratos em águas e ao usarem dióxido de carbono como fonte de carbono, permitem reduzir a pegada de carbono.

O trabalho foi desenvolvido por uma equipa multidisciplinar da UA constituída por Bruno Henriques, Ana Teixeira, Paula Figueira, Joana Almeida e Eduarda Pereira (investigadores do DQ, do CESAM, do CICECO – Instituto de Materiais de Aveiro e do Laboratório Central de Análises), e com a cooperação da Universidade do Porto e do Instituto Nacional de Saúde Dr. Ricardo Jorge.

Questionado pela Indústria e Ambiente sobre possíveis riscos desta alga para a saúde humana, dado que é usada na gastronomia, Bruno Henriques reconhece o perigo mas afirma tratar-se de uma possibilidade "muito remota" em território português. Tal deve-se ao controlo de segurança alimentar a que as algas comercializadas são sujeitas. Em França, por exemplo, são estabelecidas concentrações máximas de metais pesados em algas comestíveis, e Portugal guia-se pela legislação francesa.

Será que os animais conseguem evoluir e adaptar-se às alterações climáticas? Uma cientista portuguesa pode dar a resposta

Tipo Meio: Internet

Data Publicação: 27/04/2019

Meio: Visão Online

Autores: Luís Ribeiro

URL: http://www.pt.cision.com/s/?l=d450a7c3

A investigadora Diana Madeira está a estudar até que ponto os animais se conseguem adaptar à poluição e ao aquecimento global

Os ursos polares são dos animais mais afetados pelas alterações climáticas

Barcroft Media/Getty

A investigadora Diana Madeira está a estudar até que ponto os animais se conseguem adaptar à poluição e ao aquecimento global

Diana Madeira quer saber se as alterações climáticas podem acabar com uma espécie de minhocas marinhas do género científico Ophryotrocha. Olhando para elas, uns vermes minúsculos que mais parecem centopeias viscosas, é fácil pensar que a sua extinção, seja por que razão for, não traz grande mal ao mundo. O problema é que nunca seriam só estas minhocas a desaparecer. Se se extinguirem os organismos que constituem a base da cadeia alimentar dos oceanos, o resto da pirâmide desmorona-se.

Cada coisa a seu tempo. Para já, a preocupação da investigadora portuguesa, de 30 anos (uma das quatro vencedoras da 15ª edição das Medalhas de Honra L'Oréal Portugal para as Mulheres na Ciência), é a de avaliar a forma como as minhocas marinhas se alteram ou adaptam, a nível molecular, à poluição e ao aquecimento dos oceanos - até à terceira geração.

"Os mecanismos moleculares envolvidos na resposta multigeracional às alterações globais ainda são praticamente desconhecidos", diz Diana Madeira, do CESAM (Centro de Estudos do Ambiente e do Mar)/Ecomare - Laboratório para a Inovação e Sustentabilidade dos Recursos Biológicos Marinhos, da Universidade de Aveiro. Outros investigadores de vários países estão a estudar os efeitos das mudanças do clima em animais, mas a abordagem das consequências em gerações distintas é praticamente inédita. "Retirámos amostras em cada geração e agora vamos fazer análises ao nível das proteínas, que são, no fundo, as unidades funcionais da célula, para perceber como varia a função celular ao longo das gerações expostas às alterações climáticas."

As minhocas marinhas foram submetidas a um aumento de poluição por metais pesados e à temperatura que se espera para 2100: +3oC (e +6oC, simulando uma onda de calor no fim do século). Sem querer adiantar muito, uma vez que esta fase do estudo ainda não terminou, a investigadora revela que "nos cenários extremos, há alguma redução na capacidade de sobrevivência".

Uma conclusão que vai no mesmo sentido de outras investigações com uma só geração de animais - os organismos gastam energia a lidar com o stresse provocado pelas mudanças nas condições e nos ecossistemas, o que lhes prejudica o crescimento e a reprodução. "Para algumas espécies, será difícil a adaptação rápida", alerta a cientista, que já no seu mestrado em Ecologia Marinha concluíra que as alterações climáticas são um risco para algumas espécies da nossa costa, como o sargo.

E a questão não se esgota nos vermes marinhos, afirma Diana Madeira. É curto o caminho da minhoca aos grandes vertebrados e aos animais mais emblemáticos - sem presas, não há predadores. E o Homem é o predador no topo da pirâmide. "Se as populações na base da cadeia alimentar colapsam, haverá um efeito em cadeia."

É essa também a ilação de uma investigação da Universidade de Flinders, Austrália, publicada no ano passado na revista Scientific Reports: a extinção de certos animais ou plantas pode causar um efeito dominó que, no pior cenário, pode conduzir à aniquilação de toda a vida na Terra.

As próximas vítimas?

Estes são alguns dos animais em perigo de extinção devido às alterações climáticas:

Urso-polar: É a cara do aquecimento global. Devido à redução extraordinária de gelo marinho no Ártico, os ursos são obrigados a nadar distâncias cada vez maiores para encontrarem plataformas onde caçar focas, que constituem a maior parte da sua dieta. Muitos podem morrer afogados, devido à exaustão, ou de fome.

Foca-anelada: A principal presa do urso-polar partilha com o seu predador o mesmo futuro negro devido às alterações climáticas, e pela mesma razão: o degelo torna mais raras as plataformas que lhe servem de habitat. Mas há estudos que indicam que as focas-aneladas têm uma hipótese decente de sobreviverem e até de prosperarem - se o urso-polar se extinguir primeiro.

Pinguim-de-adélia: No polo oposto, estas aves estão também em risco, mas por motivos muito diferentes. Mudanças na temperatura das águas na Antártida estão a alterar a localização das reservas de peixe de que se alimentam, obrigando-as a deslocar-se grandes distâncias em busca da sua presa preferencial ou a comer krill, muito menos nutritivo.

Tartarugas marinhas: Além do desaparecimento de praias onde as tartarugas põem ovos (por causa de tempestades mais violentas e da subida do nível do mar), areias mais quentes levam a que mais tartarugas nasçam fêmeas - é a temperatura da areia que determina o sexo destes répteis.

Corais: Organismos extremamente sensíveis, têm sido dizimados pelo aumento direto da temperatura dos oceanos, mas também pelas suas consequências indiretas: acidificação das águas, devido ao CO2, e tempestades mais frequentes e extremas.

ASSINE AQUI A VISÃO E RECEBA UM SACO DE OFERTA

[Additional Text]:
Luís Ribeiro

Luís Ribeiro

CISION

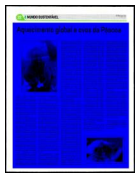
O Baluarte de Santa Maria

ID: 80276981

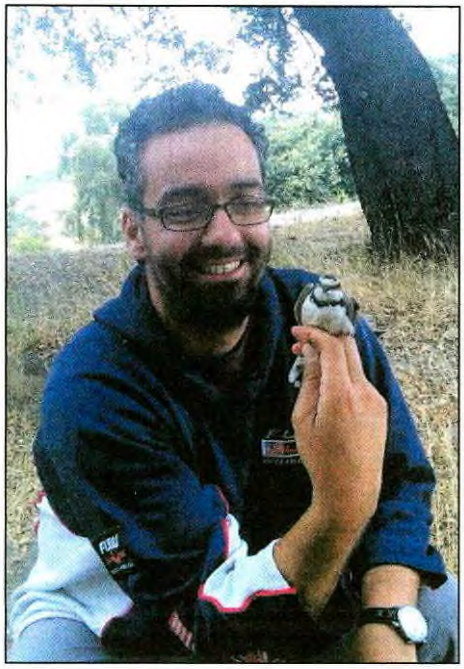
26-04-2019

Meio: Imprensa
País: Portugal
Period.: Mensal
Âmbito: Regional

Pág: 22
Cores: Cor
Área: 26,36 x 32,41 cm²
Corte: 1 de 1



Aquecimento global e ovos da Páscoa



Todos sabemos que pela altura da Páscoa as lojas enchem-se de ovos de chocolate que fazem as delícias de miúdos e graúdos. O que menos saberão é que o tradicional jogo de procura e o consumo de ovos (da Páscoa) no início da primavera se fica a dever em grande parte à existência dos primeiros ninhos do ano de uma ave limícola!

No norte da Europa, particularmente em Inglaterra, mas também na Escócia e Holanda, a recolha de ovos selvagens de aves limícolas na Páscoa chegou a ser de tal escala que deu origem a um acto do parlamento britânico para a protecção duma espécie (The Lapwing Act 1928), proibindo a venda de ovos de Vanellus vanellus (Abibe) entre 14 de Março e 11 de Agosto. Embora muitas aves migradoras tenham avançado a sua fenologia no que diz respeito às datas de postura das suas ninhadas e a recolha de ovos selvagens é cada vez menos frequente, muitas apresentam actualmente declínios que se ficam a dever a outros motivos. Por exemplo, ao não conseguirem acompanhar os avanços na fenologia dos recursos de que dependem, como os insectos que compõem a dieta de muitas destas aves migradoras.

De facto, as temperaturas cada vez mais quentes que se têm vindo a sentir em anos recentes parecem estar na origem de alterações várias na fenologia de muitas espécies, desde a data de floração das plantas, à eclosão de insectos e os movimentos migratórios de várias aves. Mas poderá a alteração do tempo de ocorrência destes eventos influenciar também processos demográficos e contribuir positiva ou negativamente para o crescimento populacional? Foi justamente esta a questão que uma equipa de investigadores internacionais, lideradas pelo Dr. José Alves (Dep. Biologia e CESAM – Universidade de Aveiro), se propôs desvendar. Para isso seleccionaram uma população de ave limícola que se reproduz no limite norte da sua área de distribuição, a Islândia, onde os efeitos do aquecimento global são mais notórios devido a um fenómeno denominado "amplificação Ártica".

Os investigadores tiveram primeiro de procurar e encontrar ovos nos ninhos de milherango (Limosa limosa islandica) na Islândia durante vários anos, para assim determinar a variação na fenologia da postura dos ovos em função da temperatura. Este trabalho que teve início em 2001 (numa época particularmente fria na Islândia) começou a dar frutos dez anos mais tarde, em 2011 (nova época fria), tendo continuado até 2013 e cobrindo assim um período em que a temperatura média do ar flutuou entre 9 e 11 graus Celcius, durante a época de nidificação desta ave. Estes dados permitiram estabelecer uma relação entre a temperatura e as datas de postura: "quanto mais quente, mais cedo estas aves conseguem estabelecer as suas ninhadas". Sendo uma espécie que esconde os seus ninhos na vegetação, esta ave tem de aguardar que as plantas cresçam após a neve e gelo que cobriram os solos durante o inverno Ártico se terem transformado em água. Em anos mais quentes o degelo dos solos e crescimento das plantas é mais rápido, permitindo a estas aves colocar os seus ovos em segurança mais cedo, escondendo-os de potenciais predadores.

Mas este foi apenas o primeiro passo neste estudo. Importava ainda perceber se estas respostas ao aquecimento das temperaturas locais poderia ter efeitos ao nível da população. Para isso, as crias desta espécie foram seguidas a cada dois dias através do radio-seguimento dos seus progenitores que as guardam de forma contínua, para se estabelecer quanto tempo necessitam estas ciras até se tornarem independentes, isto é, quando adquirem a capacidade de voo. Amostrando crias nascidas em anos nos quais as temperaturas do ar foram muito diferentes, foi possível comprovar que em anos mais quentes as crias adquirem independência cerca de 15 dias antes do que crias que nascem num ano mais frio (considerando a totalidade do período entre postura dos ovos e a obtenção da capacidade de voo). Através de um extenso programa de registos voluntários com base em anilhas de cor (colocadas nas aves mal nascem) e cobrindo toda a área de distribuição desta população (Islândia -Península Ibérica), foi possível fazer o seguimento destas crias (agora juvenis) até ao final a sua primeira migração. Isto permitiu comprovar que as crias nascidas mais cedo têm uma maior probabilidade de recrutar para a população. Assim, em anos quentes, a fenologia de reprodução desta ave avança e as crias nesses anos têm uma maior probabilidade de aumentar o número de efectivos desta população. Uma vez que as temperaturas médias na Islândia têm vindo a aumentado desde 1845 e primaveras quentes têm sido cada vez mais frequentes em décadas mais recentes, os investigadores puderam associar o crescimento populacional desta ave migradora e a sua colonização de novas áreas na Islândia e na sua distribuição durante a época não-reprodutora (Europa Ocidental), ao aquecimento que se tem vindo a sentir no seu país de origem. No início do Século XX esta população reproduzia-se apenas numa área restrita na costa Sudoeste da Islândia, e estima-se que compreendia 5000 indivíduos. O aumento da temperatura média desde então, permitiu aos indivíduos nestes locais originais produzir descendência em abundância que foi colonizando praticamente toda a área costeira do país. Os seus efectivos aumentaram já para mais de 50.000 indivíduos, com áreas colonizadas primeiro a produzir cada vez mais aves à medida que as temperaturas nesses locais foram também aumentando.

Este trabalho vai para além dos padrões de descrição das respostas individuais e locais às alterações climáticas, fazendo a ligação entre estas e os potenciais efeitos ao nível da demografia e distribuição das espécies. Estes efeitos são extremamente importantes pois ajudam a melhor prever o que poderá acontecer às várias espécies dependendo da sua capacidade de resposta às alterações globais. Felizmente, para a população de milherango estudada o aquecimento global tem sido promotor da sua expansão, algo que seria expectável para uma população que se encontrava no limite norte da sua área de distribuição e potencialmente limitada pelas baixas temperaturas que ocorrem a estas latitudes. Contudo, este não é o caso para muitas outras espécies de aves migradoras que em muitos casos não conseguem avançar a sua fenologia ao mesmo *ritmo* do que a dos insectos dos quais se alimentam e alimentam as suas crias.

Devemos por isso promover os esforços presentes de redução das emissões de carbono, limitando assim o aquecimento global que já se faz sentir. Para além de ajudar a biodiversidade nas suas tentativas de resposta a estas alterações que já decorrem, iremos certamente evitar que muitos dos ovos de chocolate que tanto apreciamos não derretam nos seus esconderijos enquanto os procuramos em Páscoas cada vez mais calorosas.

Artigo de opinião de José Alves, investigador do Departamento de Biologia e CESAM, da Universidade de Aveiro José Alves,



Mar Film Festival arranca esta sexta com exibição de filmes e documentários no Museu Marítimo de Ílhavo.

Tipo Meio: Internet Data Publicação: 25/04/2019

Meio: Rádio Terra Nova Online

URL: http://www.pt.cision.com/s/?l=a9842521

A terceira edição do Mar Film Festival arranca esta sexta no Museu Marítimo de Ílhavo para três dias dedicados ao cinema de temática marítima.

O arranque acontece, às 10h, com a antestreia de "Mar, a última fronteira", uma série documental de imagens subaquáticas da costa portuguesa e arquipélagos da Madeira e Açores, realizada pelo videógrafo subaquático, Nuno Sá, que foi distinguido em 2018 com o prémio BAFTA, na categoria de melhor fotografia num dos episódios da série documental "Planeta Azul", da BBC.

Nesta nova série, produzida com o Oceanário de Lisboa, o videógrafo procura mostrar que Portugal tem uma vida marinha comparável aos melhores sítios do planeta.

A sessão finaliza com uma conversa sobre o documentário, com a presença de Nuno Sá e de Catarina Eira (CESAM-UA). A antestreia no Mar Film Festival está reservada sobretudo ao público escolar, estando a entrada do público em geral condicionada aos lugares restantes.

Sexta-feira, às 21h30, acontece a abertura oficial do festival, com a exibição de "Hálito Azul", documentário em torno da freguesia piscatória da Ribeira Quente na ilha de S. Miguel, nos Açores, e da vida de quem luta por dias normais, ainda que com o peixe a escassear. A sessão acaba com uma conversa com o realizador, Rodrigo Areias (galardoado em vários festivais) e com Nuno Sá.

No sábado, 27 de abril, destaque para "Fogo no Mar", de Gianfranco Rosa, a exibir às 21h30. O documentário capta a vida da ilha italiana de Lampedusa, o local que tem sido manchete mundial nos últimos anos por ser o primeiro porto de escala para centenas de milhares de imigrantes da África e do Médio Oriente, que tentam fazer uma nova vida no continente europeu.

No final, os comentários estarão a cargo da escritora Ana Margarida de Carvalho e de Ana Rodrigues, representante do CNIS (Confederação Nacional das Instituições de Solidariedade Social).

O dia começa com "Portugal tem lata", de Rui Pregal da Cunha e João Trabulo, um documentário sobre a indústria de conservas de peixe e a atual valorização deste produto.

O sábado continua com o clássico de John Huston, "Moby Dick", com a famosa busca do Capitão Ahab pela baleia branca; seguindo-se "A rebentação", de Paulo Fajardo, sobre as tradições da Arte Xávega, na Praia da Tocha.

Ainda durante a tarde, exibe-se "Submersos", o mais recente filme de Wim Wenders, sobre uma história de amor e aventura passada na Normadia.

A manhã de domingo é para os mais jovens, com "As aventura de Tintin. O segredo do Licorne", de Steven Spilberg. Depois do filme, segue-se uma oficina de cinema de animação para crianças.

Além de todos os novos filmes de ficção e documentário, uma das grandes novidades da edição 2019 é a mesa redonda "O mar entre a literatura e o cinema", que se realiza no sábado, dia 27 de abril, às 17h00, com a participação da escritora Ana Margarida de Carvalho, do realizador Rodrigo Areias e de Abílio Hernandez Cardoso, docente na Universidade de Coimbra, moderados por Ana Paula Medeiros.

O programa do Mar Film Festival inclui, ainda, a exibição dos filmes participantes no concurso de curtíssimas metragens "Novas Vistas Lumière" e no concurso escolar de entrevistas "Memórias de RiaMar".

Nesta edição do festival, a secção de retrospetiva "O Cais do Nosso Olhar" destaca o realizador Manuel Paula Dias, cujas obras "Sal, duro sal" e "Vivinha da Costa" serão exibidas esta sexta às 14h30.

CISION

RVJORNAL
SEMANÁRIO REGIONAL da RÁDIO VIZELA

ID: 80272304

24-04-2019

Meio: Imprensa
País: Portugal
Period.: Semanal
Âmbito: Regional

Pág: 8
Cores: Cor
Área: 5,65 x 20,75 cm²
Corte: 1 de 1



Workshop "No rasto das lontras"

Realiza-se na próxima semana o workshop "No rasto das lontras", que servirá para discutir assuntos relacionados com a ecologia e a conservação das lontras-europeias (Lutra lutra), em Portugal.

Procurar vestígios das lontras, perceber quais os habitats preferidos desta espécie e quais as regiões onde ela é mais abandonante no nosso país são outros dos temas em análise.

Este workshop está inserido no projeto Natura + que "foi lançado a 14 de janeiro de 2019". De acordo com uma nota de imprensa, "esta atividade fará parte integrante de uma tese desenvolvida no âmbito do Programa Doutoral em Ensino e Divulgação das Ciências (FCUP) e nasce da cooperação de quatro entidades: CESAM (Universidade de Aveiro), CIIMAR, GreenUPorto e Faculdade de Ciências (Universidade do Porto)".

"A Natura + tem como missão divulgar a Rede Natura 2000 e a vida selvagem que esta alberga em Portugal. Pretende também, com o apoio dos cidadãos, reunir informação científica útil para a monitorização e gestão dos sítios portugueses desta rede internacional de áreas protegidas. Para isso, o projeto aposta numa forte presença nas redes sociais e na disponibilização de atividades de ciência cidadã direcionadas para o público em geral e para as escolas", lê-se ainda.

O workshop terá lugar na Casa Municipal de Cultura Jorge Antunes no dia 04 de maio, pelas 14h30. "No rasto das lontras" é organizado pela Coração Azul - Associação Juvenil de Apoio aos Animais, com o apoio da Câmara Municipal de Vizela e da Junta da União de Freguesias de Caldas de Vizela (S. Miguel e S. João).

"Afirmar Ílhavo ainda mais no mapa regional, nacional e internacional"

Tipo Meio: Internet Data Publicação: 23/04/2019

Meio: Notícias de Aveiro Online

URL: http://www.pt.cision.com/s/?l=c3ec7eb4

Praia da Barra, Ílhavo.

A capacidade de tornar o Município atrativo, capaz de gerar investimento, captar empresas e pessoas, afirmar Ílhavo ainda mais no mapa regional, nacional e internacional, é pedra basilar para garantir um maior desenvolvimento do território.

Por Fernando Caçoilo *

Antes de mais, quero aproveitar a oportunidade para saudar e agradecer a presença de todos nesta Sessão Comemorativa do nosso Feriado Municipal, prestando uma singela, mas sentida homenagem, a todas as instituições Associativas do Município nas mais diversas áreas, pelos notáveis e riquíssimos contributos que têm dado à Comunidade Ilhavense.

Quero também, aqui, hoje, prestar um reconhecimento público a todas as Empresas, Comerciantes, agentes de criação de riqueza, que apesar das dificuldades que o País atravessa, com falta de um significativo investimento público, têm continuado a dar um forte contributo para o crescimento económico e criação de emprego, assim como para a coesão social do nosso Município e Região.

Nestas comemorações do Feriado Municipal, aproveito o momento para lembrar, os 45 anos do 25 de abril, um marco na História de Portugal, que ditou um novo paradigma para a sociedade atual - viver em democracia.

Um valor conquistado, que veio permitir a todos os cidadãos manifestarem-se livremente, e, que esteve na génese do Poder Local tal como o conhecemos, enquanto agente de importância capital para as nossas comunidades.

Como é habitual, neste dia a Autarquia tem a oportunidade de incentivar, divulgar e reconhecer os méritos pessoais ou coletivos dos que se destacam na nossa comunidade. Aqueles que contribuem para o engrandecimento do Município, que se elevaram pelo seu mérito, prestígio, cargo, serviços, ou contributos em prol da Nossa Terra.

No nosso entendimento, o justo reconhecimento público através da atribuição de distinções honoríficas aos homenageados, afigura-se também como um estímulo para que outros repitam e até excedam tais desempenhos de excecional mérito, contribuindo assim para uma melhor e mais justa sociedade.

Permitam-me por isso endereçar um especial agradecimento a todos os homenageados de hoje, pelos seus meritórios contributos para a construção de um melhor Município.

Bem hajam, Joaquim Magalhães Silva, e Maria Augusta Duarte, pela vossa dedicação no desempenho do serviço efetivo ao Município, com competência profissional, lealdade, zelo, espírito de Equipa e iniciativa.

Ao Comandante Carlos Mouro, ao Ernesto Mónica e ao António Bizarro, pela vossa incansável

disponibilidade e colaboração nas diversas Associações, resultando sempre em benefícios públicos muito significativos para o Município, pelas vossas qualidades humanas, intelectuais e profissionais, que se destacam pelo mérito.

Ao Agrupamento de Escuteiros da Gafanha da Encarnação, ao Agrupamento de Escuteiros da Praia da Barra e ao Grupo Recreativo Amigos da Légua (GRAL), pelo vosso exercício de 25 anos de atividade na preservação, valorização da expressão cultural e educacional, projetando e enriquecendo o Município com valores cívicos e sociais.

A todos, uma vez mais, o nosso Muito Obrigado!

Caras e Caros Amigos,

No âmbito de mais um Feriado Municipal, o Centro de Documentação de Ílhavo, levou a cabo um trabalho de investigação, do nosso passado mais longínquo, incluído no projeto "Ílhavo, Terra Milenar: Do Paleolítico à atualidade, herança arqueológica", este é o momento para sensibilizar a comunidade para o nosso património arqueológico, partilhando esta parte da nossa história. Por isso convido todos a visitarem a exposição que iremos inaugurar de seguida.

Do mesmo modo, tendo sempre presente "O Mar por Tradição" e a epopeia da "Faina Maior" que muitas famílias ilhavenses viveram, e aproveitando esta sessão solene, a Câmara Municipal associou-se ao autor Senos da Fonseca, na produção do livro "Os Últimos Terranovas Portugueses", obra que será lançada hoje, pelas 17 horas, num momento de partilha e convívio, no Museu Marítimo de Ílhavo.

As Autarquias desempenham um inquestionável papel no desenvolvimento local, quer pela sua legitimidade democrática, quer pela proximidade aos cidadãos ou pela sua capacidade de mobilização dos agentes locais.

Ao longo destas quatro décadas de Poder Local, foram os Autarcas que assumiram uma primordial função na transformação do país, quando, em 1976, quase tudo estava por fazer, desde redes de água e saneamento, fornecimento de eletricidade, estradas, escolas, apoio social e o acesso à cultura.

Além disso, num país onde as assimetrias ganham uma expressão muito significativa, foi o Poder Local, nas últimas décadas, que mais contribuiu para a diminuição das desigualdades e dessas assimetrias, promovendo a melhoria da qualidade de vida do povo.

Deste modo, são relevantes os vários desafios que hoje se colocam às Autarquias, com novos instrumentos de gestão, como por exemplo, a descentralização, que não tememos, que não nos inquieta, mas que apenas queremos assumir com um forte sentido de responsabilidade política, com uma gestão financeira consistente e sustentada, e com uma marcada preocupação social.

Ao fim do primeiro ano deste mandato, permitam-me que faça uma reflexão de análise com frontalidade e em jeito de prestação de contas, assumindo, desde já, um balanço muito positivo e responsável da nossa gestão autárquica, pautada pelo rigor, pela sustentabilidade dos nossos investimentos, pelo equilíbrio e racionalidade das medidas que implementámos. Com objetivos muito claros e definidos, saliento:

- o desenvolvimento e coesão territorial, a melhoria constante da qualidade de vida nas nossas Freguesias, a atratividade económica e geográfica, a preservação e promoção do nosso património ambiental, cultural, turístico e desportivo, assim como, um olhar atento em relação à juventude, à educação, à formação, à inclusão e coesão social.Tudo isto estruturado numa única e objetiva Missão: garantir o bem-estar da nossa população.

As Contas e o respetivo Relatório referentes ao ano de 2018, aprovados recentemente pela Câmara, e pela Assembleia Municipal, refletem, de forma clara e objetiva, a nossa intensa atividade neste

Mandato Autárquico, tendo sempre como estratégia o crescimento sustentável, a oferta de serviços de qualidade e o desenvolvimento equilibrado e coeso do nosso Município.

Os indicadores financeiros alcançados espelham um trabalho empenhado e uma gestão séria e rigorosa, resultando numa estabilidade financeira e na redução do valor da dívida bancária, que representa menos 20,7% em relação a ao ano anterior, que tiveram como corolário a saída antecipada do "Pacto de Ajustamento Financeiro", a que o Município estava sujeito desde 2012,

e a referência, no Anuário Financeiro dos Municípios Portugueses, para um orgulhoso 27.º lugar no que respeita ao equilíbrio orçamental, no total dos 308 municípios do País.

Mesmo que se tente, uma qualquer suposta engenharia financeira, ou se queira introduzir uma retórica sustentada numa aritmética fora da realidade - como diz o povo "olhar para a árvore sem querer ver a floresta" - a evidência dos números e dos factos não deixam margem para dúvidas, nem demagogias.

A execução financeira do Plano do respetivo Orçamento de 2018 rondou os 13 milhões de euros, superando em 7,5% o valor de 2017, à qual corresponde uma taxa de execução de 90,4%.

Não recorremos a cativações, nem a promessas não cumpridas ou prolongadas no tempo, aqui, "Palavra dada é honrada". Gerimos os escassos recursos das transferências do Orçamento do Estado, os financiamentos aos quais nos candidatamos para os nossos projetos e, de forma muito clara e rigorosa, as receitas fiscais provenientes dos nossos munícipes, com responsabilidade, sustentabilidade e equilíbrio. Este é o nosso compromisso com os cidadãos, com o município, com o Estado, as Empresas, as nossas Associações, as nossas Juntas de Freguesia e os nossos Funcionários, sem os quais seria impossível o cumprimento do serviço público autárquico.

E a realidade é o que é... clara e transparente.

A Rede de Águas Residuais na Gafanha da Nazaré | O corredor ciclável | O novo Nó Rodoviário de Acesso às Praias da Barra e da Costa Nova | A reabilitação da EB1 da Marinha Velha | a 2.ª fase do reforço do cordão dunar na Costa Nova | O Centro Escolar da Gafanha de Aquém que inauguraremos amanhã |

A Bancada do Campo do Vista Alegre | A requalificação da Rua Carlos Marnoto, no âmbito do PEDU | A segunda fase da requalificação da Av. Fernão de Magalhães, na Barra | A Rede de Águas Residuais e Pluviais da Gafanha de Aquém e Boavista, são só alguns exemplos das muitas obras que têm sido executadas.

Mas o investimento não se resume apenas à concretização da "obra física". Tal como provam os resultados da Execução Orçamental, foram também reforçados os apoios às diversas Associações, às Juntas de Freguesia, aos nossos jovens que apostaram na continuidade da sua formação, ingressando no ensino superior, e ainda, para além das exigências legais, na área da Proteção Civil e Segurança de Pessoas e Bens.

Caras e Caros Amigos,

Num Município que nos últimos dois anos, conta com 25 empresas reconhecidas, pelo IAPMEI, como "PME Líder", e a projeção internacional, seja pelo volume de negócio seja pelas distinções e prémios conquistados. E falo de empresas como a Prio, a Vista Alegre, a Teka, a Heliflex ou a AlgaPlus, apenas para citar algumas.

O reconhecimento da qualidade do nosso tecido empresarial e industrial, é um fator importante para o desenvolvimento sustentável, para o crescimento económico e social e para a captação de novas empresas.

Estamos, por isso, fortemente empenhados na criação de condições de excelência, para a fixação de empresas empregadoras e com dinamismo económico, implementando ações e políticas territoriais que potenciem esse desenvolvimento, promovendo assim o aumento e qualificação do emprego, o crescimento e afirmação na região, no país e no estrangeiro.

Neste contexto, cabe a referência ao resultado do esforço que encetámos e o papel que o Município desempenhou, na concretização de um importante projeto científico e empresarial, gerador de inovação e criatividade, para o Ílhavo e para a Região, e que culminou com a inauguração, do Parque da Ciência e Inovação.

O Município apresenta hoje, uma economia moderna e diversificada, com elevados níveis de sustentabilidade e de inovação, revelando uma qualidade de especialização tecnológica, num considerável número de casos que são referência nacional e internacional.

Não é, por isso, de estranhar que Ílhavo tenha sido palco das Jornadas de Benchmarking e Workshop de consolidação das TICE na Economia do Mar, no âmbito do projeto PlaticeMar, que tem como objetivo potenciar a inovação e empreendedorismo na Fileira da Economia do Mar, ou a Conferência "Inovação - a alavanca da Economia", promovida pela Plataforma Empresarial.

Por tudo isto, fez todo o sentido a reformulação do conceito da Feira do Emprego, juntando, a esta vertente, a componente de Formação académica e profissional.

Para além de uma excelente oportunidade proporcionada pela Câmara Municipal para os desempregados, os jovens à procura do 1.º emprego e para aqueles que procuram novos desafios profissionais, é também uma resposta às necessidades de recursos humanos do tecido empresarial local.

A globalização, no seu conceito mais lato, é uma realidade inquestionável. A informação, a comunicação, o investimento, a economia, a cultura, a mobilidade, a circulação de pessoas e bens, não conhece fronteiras.

Neste contexto, a capacidade de tornar o Município atrativo, capaz de gerar investimento, captar empresas e pessoas, afirmar Ílhavo ainda mais no mapa regional, nacional e internacional, é pedra basilar para garantir um maior desenvolvimento do território.

Apesar da crescente e forte concorrência de outros municípios, a Câmara Municipal tem procurado promover as suas potencialidades e aproveitar as oportunidades que têm surgido.

No Turismo, foi expressiva e muito importante a conquista do Prémio Europeu RegioStars 2018, atribuído ao Museu da Vista Alegre, um ícone cultural, histórico e social do Município, que projetou Ílhavo e a Vista Alegre a um patamar global.

Além disso, a afirmação do Festival do Bacalhau, o sucesso da primeira edição do Festival Gastronomia de Bordo e a certificação da Estação Náutica do Município de Ílhavo, são potenciadores da nossa identidade cultural, da gastronomia e dos nossos recursos turísticos, capazes de elevar a notoriedade e visibilidade dentro e fora de portas.

Na vertente Cultural, a par da excelente e intensa programação do 23 Milhas, destacando-se, O Palheta, Ilustração à Vista, a Rádio Faneca, o Leme e a Milha, o Museu Marítimo de Ílhavo encerrou 2018, batendo um novo recorde de 87 mil visitantes, depois de ultrapassada a mítica fasquia de um milhão de visitas ao longo dos anos.

A atribuição de mais dois prémios, "Prémio Cultura na 5.ª Gala Litoral Awards" e o prémio "Aplicação de Gestão e Multimédia 2018", da Associação Portuguesa de Museologia, são o reflexo da qualidade do

Museu, da dinâmica da sua programação e do excelente projeto expositivo, reconhecido recentemente pelo responsável do Gabinete de Projetos Patrimoniais e Arquitetónicos do Dubai.

Ainda no âmbito da promoção turística do nosso território, orgulhamo-nos de ser uma das Autarquias constituintes da Associação Portuguesa de Cidades e Vilas Cerâmicas, com o objetivo de preservar e divulgar a cerâmica portuguesa, tão enraizada na memória e no presente social e económico das nossas gentes.

A nossa identidade patrimonial é encarada pela Câmara Municipal como um excelente instrumento de valorização territorial. Exemplo disso é o Centro de Documentação de Ílhavo, dono de um espólio vastíssimo, que tem elevado o seu potencial, abrindo-se à Comunidade, e através do estabelecimento de parcerias, na área da investigação, com a Universidade do Minho e a Universidade de Coimbra.

Sendo o foco principal da missão autárquica, a democracia e a política de proximidade, só produzem efeito se, na prática, elas corresponderem a medidas e ações concretas que visem, em primeiro lugar, os cidadãos e as suas necessidades.

Os indicadores orçamentais já referidos e o reforço efetivo do investimento nos domínios do Ambiente, Cidadania e Inclusão Social, Desporto, Educação e Juventude, permitem-nos dar continuidade à construção de um território mais afirmativo, solidário e desenvolvido, visando um crescimento económico, uma melhor qualidade de vida e um maior conforto social.

O trabalho desenvolvido na área Ambiental permite-nos ser um Município exemplo de boas práticas, fruto das ações educativas desenvolvidas e das políticas implementadas, que resultaram na atribuição, pela ERSAR, do Selo de Qualidade dos Serviços Prestados de Águas e Resíduos 2018, ou na conquista, pelo segundo ano consecutivo, do único município do continente 100% Eco-Município, no âmbito do projeto Eco-Escolas.

As questões ambientais são preocupação permanente da Câmara Municipal de Ílhavo, seja na preservação e defesa do ambiente, através das ações que são desenvolvidas, da nossa responsabilidade ou em parceria, seja no impacto que a adaptação às alterações climáticas tem no planeamento e gestão territorial.

Neste âmbito, a Autarquia está a elaborar o Plano Municipal de Adaptação às Alterações Climáticas que tem a responsabilidade técnica do Centro de Estudos e Desenvolvimento Regional e Urbano (CEDRU) e conta como parceiros o Centro de Estudos do Ambiente e do Mar (CESAM) da Universidade de Aveiro e o Instituto de Geografia e Ordenamento do Território (IGOT) da Universidade de Lisboa.

Ou igualmente, o processo de alteração do PDM pela necessidade de enquadramento do Plano da Orla Costeira Ovar-Marinha Grande, que comporta relevantes impactos ambientais no planeamento territorial.

Na área da Cidadania e Inclusão, as boas práticas, incentivos e políticas implementadas de apoio à família resultaram na atribuição, pelo terceiro ano consecutivo, do galardão Bandeira Verde "Autarquia Familiarmente Responsável" e na distinção, pelo segundo ano, consecutivo, de "Marca Entidade Empregadora Inclusiva".

Também o intenso trabalho de valorização do papel da comunidade sénior e da importância da intergeracionalidade, em distintos domínios (Fórum Maior Idade, Espaços Maior Idade, parcerias com as IPSS do Município, atividades como o Teatralidades, Idolíadas, Festival Cabelos Brancos, entre outros), foi reconhecido com um prémio na "Semana Aprender ao Longo da Vida".

O Programa Nacional "Município Amigo do Desporto", promovido pela Secretaria de Estado do Desporto e da Juventude do Ministério da Educação, pela Associação Portuguesa de Gestão do Desporto e pela entidade Cidade Social, reconheceu Ílhavo como "Município Amigo do Desporto",

integrando um grupo restrito de 90 autarquias.

Este prémio resulta das Boas Práticas que promovem o exercício físico e os hábitos de vida saudável no nosso Município, através do trabalho desenvolvido, sublinhando-se as estreitas parcerias estabelecidas com as Escolas, Associações, Clubes e outras Entidades, e o sucesso da Meia Maratona de Ílhavo ou da Corrida Popular da Costa Nova, ou as inúmeras ações junto da comunidade escolar e dos nossos jovens.

Na área da Educação, a estreita relação com a comunidade educativa e todos os seus agentes tem permitido a implementação de medidas de reforço da ação social escolar, a celebração de acordos e protocolos com os três Agrupamentos de Escolas e todas as Associações de Pais e Encarregados de Educação, tem possibilitado a requalificação do parque escolar da responsabilidade direta da Autarquia ou a pressão junto do Governo no caso dos equipamentos escolares sob a alçada do Ministério da Educação (por exemplo, o grave estado de degradação da Escola Secundária de Ílhavo), bem como o desenvolvimento de ações e projetos de valorização do ensino profissional ou, ainda, a promoção de ações formativas nas escolas, na vertente da ciência e tecnologia.

Se a nível nacional os dados demográficos revelam um país envelhecido, em Ílhavo, a Juventude demonstra uma forte vontade de afirmação, seja através do seu tecido associativo, seja no abraçar das várias atividades que são promovidas, como revelam os números que destacaram, este ano, as edições do "Hip Hop Dance" e do "Marolas" como as mais participadas de sempre.

Além disso, temos sabido implementar políticas importantes para o desenvolvimento integrado dos nossos jovens, como o Programa Municipal de Ocupação dos Tempos Livres, o Programa Municipal de Bolsas de Estágios de Trabalho, o Programa Municipal Vocação, sempre bastante preenchidos e concorridos, ou a recente aprovação do Regulamento do Conselho Municipal de Juventude.

Por fim, sendo hoje dia de festa, um dia importante para nosso Município, três breves referências aos que, nas mais distintas funções e responsabilidades, transformam Ílhavo num município referenciado, onde sabe bem viver, onde é bom investir e trabalhar, e que apetece, repetidamente, visitar.

Aos Autarcas, nos diversos órgãos e nos vários cargos, pela valorização da democracia e pelo contributo que prestam ao desenvolvimento do Município de Ílhavo.

Aos funcionários e colaboradores municipais, pela dedicação, empenho e zelo profissionais, tendo como principal foco o serviço público e a resposta pronta e eficaz às necessidades de cada um dos nossos Munícipes.

Aos Ilhavenses, pelo seu Amor à Terra que os viu nascer ou que por cá ficaram, que com o seu empenho e dedicação contribuem para uma comunidade desenvolvida, inclusiva, forte e envolvida.

A TODOS o meu Obrigado.

O Futuro trará responsabilidades acrescidas, fruto da intensidade do trabalho realizado e da exigência dos nossos munícipes, mas trará igualmente a Certeza do esforço e do empenho para que possam ser cumpridos os compromissos assumidos que continuarão a transformar o município numa Grande Cidade, afirmando Ílhavo no universo da Comunidade Intermunicipal da Região de Aveiro e na Região Centro.

* Presidente da Câmara de Ílhavo, discurso na sessão solene do Dia do Município.

Publicidade, Serviços & Donativos

Ílhavo: Mar Film Festival arranca esta sexta-feira

Tipo Meio: Internet Data Publicação: 23/04/2019

Meio: ON CENTRO Online

URL: http://www.pt.cision.com/s/?l=dd0a7098

O programa do Mar Film Festival vai muito além destes destaques, contemplando mais documentários, ficção e cinema de animação, com a presença, ainda, dos realizadores Rui Pregal da Cunha, João Trabulo, Ana Luísa Oliveira, André Puertas e Sara Santos, Paulo Fajardo. Haverá, também, tempo para a exibição das obras a concurso no Novas Vistas Lumière e Memórias de RiaMar.

A
terceira edição do Mar Film Festival está prestes a chegar ao Museu Marítimo de Ílhavo, iniciando sexta-feira com sessões até domingo, 28 de abril.

O festival não poderia começar de melhor forma. Para as 10h00 de sexta-feira está marcada a antestreia de "Mar, a última fronteira", uma série documental de imagens subaquáticas da costa portuguesa e arquipélagos da Madeira e Açores, realizada pelo videógrafo subaquático, Nuno Sá, que foi distinguido em 2018 com o prémio BAFTA, na categoria de melhor fotografia num dos episódios da série documental "Planeta Azul", da BBC. Nesta nova série, produzida com o Oceanário de Lisboa, o videógrafo procura mostrar que Portugal tem uma vida marinha comparável aos melhores sítios do planeta.

A sessão finaliza com uma conversa sobre o documentário, com a presença de Nuno Sá e de Catarina Eira (CESAM-UA). A antestreia no Mar Film Festival está reservada sobretudo ao público escolar, estando a entrada do público em geral condicionada aos lugares restantes.

Sexta-feira, às 21h30, acontece a abertura oficial do festival, com a exibição de "Hálito Azul", documentário em torno da freguesia piscatória da Ribeira Quente na ilha de S. Miguel, nos Açores, e da vida de quem luta por dias normais, ainda que com o peixe a escassear. A sessão acaba com uma conversa com o realizador, Rodrigo Areias (galardoado em vários festivais) e com Nuno Sá.

No dia seguinte, sábado, 27 de abril, destaque para "Fogo no Mar", de Gianfranco Rosa, a exibir às 21h30. O documentário capta a vida da ilha italiana de Lampedusa, o local que tem sido manchete mundial nos últimos anos por ser o primeiro porto de escala para centenas de milhares de imigrantes da África e do Médio Oriente, que tentam fazer uma nova vida no continente europeu.

No final, os comentários estarão a cargo da escritora Ana Margarida de Carvalho e de Ana Rodrigues, representante do CNIS (Confederação Nacional das Instituições de Solidariedade Social).

O programa do Mar Film Festival vai muito além destes destaques, contemplando mais documentários, ficção e cinema de animação, com a presença, ainda, dos realizadores Rui Pregal da Cunha, João Trabulo, Ana Luísa Oliveira, André Puertas e Sara Santos, Paulo Fajardo. Haverá, também, tempo para a exibição das obras a concurso no Novas Vistas Lumière e Memórias de RiaMar.

Programa Completo

Mais Info: www.marfilmfestival.pt

CISION

Diário de Aveiro

ID: 80141486

22-04-2019

Meio: Imprensa
País: Portugal
Period.: Diária
Âmbito: Regional

Pág: 10
Cores: Cor
Área: 13,00 x 24,83 cm²
Corte: 1 de 1

fala o leitor

TEDxAveiro – TEDxAveiroLive, "Bigger than us"

D.R.



Ex.mo Sr. Director:

À semelhança dos anos anteriores, o **TEDxAveiro** está a preparar a transmissão do TED deste ano, o **TEDxAveiroLive**, sob o tema "Bigger than us".

Em 2019, o TED em Vancouver aposta em perguntas maiores, mais profundas, mais desafiantes, como, por exemplo, "Onde é que isto vai parar? O que é que é realmente importante? Devia eu estar a fazer algo mais?". Nesta procura por um significado mais profundo vão abordar a turbulência política e tecnológica dos últimos anos.

Juntem-se a nós no dia 23 de Abril [amanhã], a partir das 21 horas, na Universidade de Aveiro (Espaço 24h, junto à livraria), para assistir à transmissão especial da sessão do TED, que decorre em Vancouver, no Canadá. Podem consultar todo o programa deste evento incrível em www. ted.com.

A entrada é gratuita, mas está sujeita a pré-inscrição. Informações disponíveis no evento do Facebook na nossa página, em www.facebook.com/tedxaveiro

A edição de 2019 do TEDxAveiro tem data marcada para o próximo dia 25 de Maio, no Centro Cultural e de Congressos, com o mote "A História do Amanhã", desenhada em tons de azul. Para aguçar ainda mais o apetite e a curiosidade, damos a conhecer alguns dos nomes que vão subir ao palco na edição deste ano.

Em azul eléctrico os designers e activistas **Dal e Mike**, as duas mentes criativas e conscientes responsáveis pela criação da ousada campanha "Trash isles", com o objectivo de sensibilização para a acumulação de plástico nos oceanos; em azul efémero, **António Jorge Gonçalves**, o multifacetado artista visual que conta histórias aos quadradinhos e encontra personagens pelos metros das cidades; em azul Claire, **Claire Mcnulty**, a directora da secção de investigação da National Geographic Society na Europa, autora de diversas publicações na área da Biologia do desenvolvimento, apaixonada pelo mundo e pela partilha de conhecimento entre culturas; em azul punk, o maestro e viajante do tempo **Martim Sousa Tavares**; em azul pupila, o investigador em robótica, **António Neves**, docente e investigador do Departamento de Electrónica, Telecomunicações e Informática da Universidade de Aveiro, que desenvolve algoritmos que aproximam a "visão" das máquinas à dos humanos; em azul caleidoscópio de realidades, a investigadora e activista **Cristina Roldão**, uma académica portuguesa e uma das vozes no debate público sobre o racismo em Portugal; em azul anabaena, a investigadora **Diana Madeira**, do Centro de Estudos do Ambiente e do Mar (CESAM) e do Departamento de Biologia da Universidade de Aveiro (UA), uma das vencedoras da 15.ª edição das Medalhas de Honra L'Oréal Portugal para as Mulheres na Ciência.

E porque acreditamos que os melhores momentos devem ser partilhados, grupos de quatro ou mais pessoas podem adquirir os bilhetes com um **preço especial**, só até 30 deste mês.

Acompanhem todas as novidades e confirmações de oradores e performances no nosso site e redes sociais.

Bilhetes à venda no website www.tedxaveiro.com.

www.tedxaveiro.com

CISION

Diário de Aveiro

ID: 80141462

22-04-2019

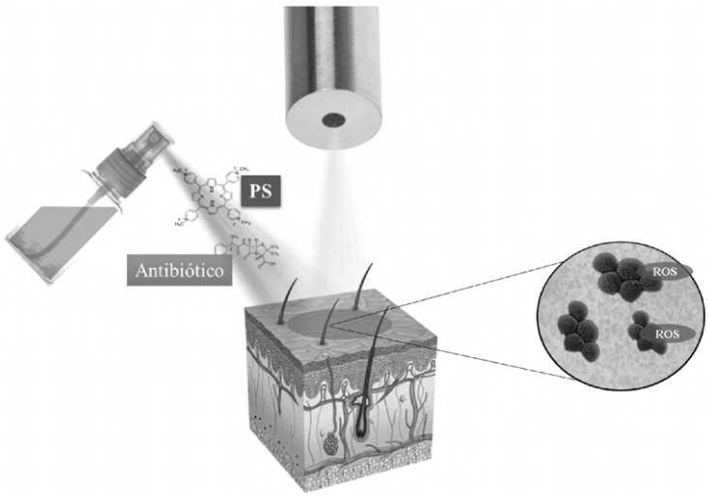
Meio: Imprensa
País: Portugal
Period.: Diária
Âmbito: Regional

Pág: 26
Cores: Cor
Área: 25,99 x 30,14 cm²
Corte: 1 de 2

Laboração Contínua

LC628

Equipa multidisciplinar da UA combate infeções potencialmente fatais com luz



A ação combinada de terapia fotodinâmica antimicrobiana (aPDT) com os antibióticos aumenta a eficiência de inactivação da *Staphylococcus aureus*.

A bactéria *Staphylococcus aureus* está amplamente distribuída no ambiente, pode residir na pele e na superfície das mucosas dos seres humanos e animais. Nos seres humanos, as narinas são os principais nichos ecológicos de *S. aureus*. No entanto, outros locais, como a pele, a área perineal, a faringe, o trato gastrointestinal, a vagina e as axilas também podem ser colonizados por esta bactéria. A transmissão de *S. aureus* ocorre principalmente através das mãos, quando estas tocam superfícies contaminadas, ou, com menor frequência, diretamente através do ar.

S. aureus é uma bactéria patogénica oportunista que pode sobreviver sob diferentes condições, sem requisitos nutricionais ou ambientais específicos. Este microrganismo é capaz de sobreviver vários meses em superfícies e é capaz de causar uma grande variedade de doenças em humanos e animais.

Pode causar foliculite, furunculose, impetigo, celulite, sépsis, abscessos profundos, pneumonia necrosante, osteomielite, endocardite infeciosa, infeções do trato urinário e infeções do sistema nervoso central e também o síndrome do choque tóxico e até intoxicações alimentares.

Ao longo dos anos, as infeções por *S. aureus* aumentaram muito, sendo atualmente uma das principais causas de infeção bacteriana humana em todo o mundo. Estirpes de *S. aureus* resistentes ao antibiótico meticilina (MRSA) são hoje agentes importantes de infeção não apenas no ambiente hospitalar mas também na comunidade e mesmo numa grande diversidade de animais.

O tratamento atual usado para combater esta bactéria é o uso de antibióticos. As infeções são geralmente tratadas com antibióticos derivados da penicilina, cefalosporinas, aminoglicosídeos, tetraciclinas e cloranfenicol. No entanto, as infeções por *S. aureus* nas últimas três décadas têm aumentado dramaticamente, devido ao aumento de estirpes resistentes aos antibióticos mais utilizados. Nos últimos anos esta bactéria tem desenvolvido resistência mesmo aos antibióticos mais potentes e de último recurso como a vancomicina. Estirpes de *S. aureus* resistente à meticilina (MRSA) e estirpes resistentes à vancomicina (VRSA), são hoje uma ameaça muito séria para a saúde.

Embora seja bem sabido que o uso de grandes quantidades de antibióticos na prática clínica é indesejável devido ao aparecimento de estirpes resistentes a antibióticos, caso de MRSA e VRSA, pouco esforço tem sido feito para usar tratamentos alternativos, como a terapia fotodinâmica (PDT, sigla do inglês Photodynamic Therapy) que permitam recuperar a ação antibiótica ou, alternativamente, usar antibióticos conjuntamente para melhorar o efeito da PDT. Antes do nosso estudo, já tinham sido feitos alguns trabalhos usando a combinação PDT e antibióticos, mas apenas in vitro, não tinha sido feita nenhuma tentativa para testar o efeito combinado de PDT e antibióticos em matrizes clinicamente relevante, como na pele (ex vivo).

Assim, o objetivo do nosso estudo foi avaliar como a eficiência da PDT no tratamento de infeções cutâneas por *S. aureus* é afetada pela presença de antibióticos convencionais, como a ampicilina. A avaliação deste efeito combinado foi realizada em pele de suíno considerada um bom modelo de teste para a pele humana, devido às suas propriedades histológicas, fisiológicas e imunológicas semelhantes. Para este estudo, selecionou-se como fotossensibilizador uma porfirina catiónica, preparada no departamento de química da universidade de Aveiro, que é um composto que já demonstrou ser eficiente para fotoinativar uma ampla gama de microrganismos.

A PDT resulta da ação conjunta de um agente não tóxico na ausência de luz, denominado fotossensibilizador (PS), luz visível e oxigénio. Após irradiação do PS com luz visível na presença de oxigénio são geradas espécies de oxigénio altamente reativas (ROS) que oxidam irreversivelmente alguns dos constituintes vitais dos microrganismos. A PDT constitui uma alternativa potencial aos antimicrobianos convencionais e já provou ser eficaz contra bactérias, vírus, fungos e parasitas. As principais vantagens da PDT são a não-especificidade microbiana e a ausência de desenvolvimento de resistência, devido ao modo de ação e ao tipo de alvos bioquímicos atingidos (processo multialvo). Como os principais alvos da PDT são as estruturas externas, o PS não precisa de entrar no microrganismo, sendo a adesão específica e adequada do PS às estruturas externas suficiente para a sua destruição quando ativado pela luz. Desta forma, os microrganismos-alvo não têm oportunidade de desenvolver resistência. Todos os estudos efetuados para investigar o possível desenvolvimento de resistência microbiana à PDT provaram que os microrganismos não são capazes de desenvolver resistência a este método terapêutico. Mais ainda, estudos realizados sobre a inativação de microrganismos resistentes aos antimicrobianos convencionais demonstraram que estes são tão suscetíveis à PDT como as estirpes nativas não resistentes.

Os resultados mostraram que a PDT é uma abordagem eficaz para controlar a infeção por *S. aureus* na pele, inativando a bactéria eficazmente após três ciclos sucessivos de tratamento (com luz e sem adição de PS entre ciclos) ou após um ciclo usando a ação combinada da PDT com o antibiótico ampicilina (o teor de bactérias foi reduzido até ao limite de deteção do método, redução de 1.000.000).

Investigação do Departamento de Biologia e do Centro de Estudos do Ambiente e do Mar (CESAM) e do Departamento de Química e do Grupo de Química Orgânica, Produtos Naturais e Agroalimentares (QOPNA) da UA.

Adelaide Almeida
Amparo Faustino
Graça Neves

CISION

Diário de Aveiro

ID: 80141462

22-04-2019

Meio: Imprensa
País: Portugal
Period.: Diária
Âmbito: Regional

Pág: 27
Cores: Cor
Área: 26,20 x 31,12 cm²
Corte: 2 de 2

Laboração Contínua

Foto da semana



Entre os dias **8 e 18 de abril**, a Fábrica dinamizou as **"Férias da Páscoa com Ciência - De Férias com o Coelho Nicolau"**. Muitos foram os participantes que passaram pela Fábrica esta semana, para conhecer e ajudar o Nico Cenouras a explorar a ciência nos alimentos, tecnologia nos robôs, eletricidade nos circuitos, entre "mil" outras coisas, através de atividades dinâmicas, lúdicas e comprovadas cientificamente. Mais informações poderão ser consultadas em: www.facebook.com/fabricacienciaviva

A não perder!



No âmbito do Dia do Livro, a Fábrica promove a **28 de Abril** o Workshop Dòing: **"Sai um livro-com-Ciência fresquinho"**. Entre as 15h e as 18h a "Barriga do Caracol" e o "Dóing – Maker Space" dão a história, o conteúdo científico e várias "ferramentas" para os participantes editarem o seu próprio livro, numa combinação entre ciência & arte. Os cientistas sobem do Caracol à Oficina, de ciência na cabeça, ideias e texto nas mãos, para saírem da Fábrica com uma das histórias da Marta em livro! Requer inscrição obrigatória através de 234 427 053 ou fabrica.cienciaviva@ua.pt. Mais informações, poderão ser consultados em: https://www.ua.pt/fabrica

Experimentandum | Xarope de Gengibre



Imagem: Spencer Wing, por Pixabay

O que preciso?

. gengibre
. açúcar mascavado
. água
. chávena
. colher de sopa
. balança

Como fazer?

1. Ferver 3 colheres (de sopa) de água.
2. Desligar o lume, juntar 25 g de gengibre cortado às fatias e deixar repousar 10 minutos.
3. Acrescentar 300g de açúcar mascavado.
4. Envolver tudo até obter uma mistura com consistência de xarope.

O que acontece?

Apesar do pouco que se pode fazer para exterminar o vírus da gripe, alguns remédios caseiros podem ajudar a atenuar os sintomas da doença e evitar que ela se agrave.

O xarope de gengibre, por exemplo, graças às propriedades terapêuticas desta raiz apresenta uma ação anti-inflamatória, analgésica e expetorante.

Este xarope devido à grande concentração de açúcar, que tem a função de conservar, deve por este motivo ser tomado com moderação.■

mais informações em www.fabrica.cienciaviva.ua.pt

Ciência na Agenda



28 abr	11h00 > 12h00	**Domingo de Manhã na Barriga do Caracol**, na Fábrica Centro Ciência Viva de Aveiro.
28 abr	15h00 > 18h00	***Workshop* Dóing – "Sai um livro-com-ciência fresquinho"**, na Fábrica Centro Ciência Viva de Aveiro.
29 abr	10h00 > 16h00	**Dia Internacional da Imunologia**, na Fábrica Centro Ciência Viva de Aveiro.
03 mai	19h30 > 24h00	***Babysitting* de Ciência**, na Fábrica Centro Ciência Viva de Aveiro.
03 mai	21h30 > 23h00	**Café de Ciência: "A Imunoterapia no tratamento de cancro"**, na Fábrica Centro Ciência Viva de Aveiro.
até mar '20		**Exposição "Viagem ao mundo das aranhas"**, na Fábrica Centro Ciência Viva de Aveiro.

CISION

ID: 80164528

RVJORNAL
SEMANÁRIO REGIONAL da RÁDIO VIZELA

18-04-2019

Meio: Imprensa
País: Portugal
Period.: Semanal
Âmbito: Regional

Pág: 2
Cores: Preto e Branco
Área: 5,17 x 19,71 cm²
Corte: 1 de 1



Workshop "No rasto das lontras"

A Casa Municipal de Cultura Jorge Antunes vai receber, no dia 04 de maio, pelas 14h30, o workshop "No rasto das lontras", iniciativa organizada pela Coração Azul - Associação Juvenil de Apoio aos Animais, com o apoio da Câmara Municipal de Vizela e da Junta da União de Freguesias de Caldas de Vizela (S. Miguel e S. João).

O momento servirá para discutir diversos aspetos da ecologia e da conservação das lontras-europeias (Lutra lutra), em Portugal. "Os participantes irão ainda ter a oportunidade de procurar vestígios deste animal (como por exemplo, pegadas) e participar num projeto de ciência cidadã. Desta forma, irão perceber quais os habitats preferidos desta espécie e quais as regiões onde ela é mais abundante no nosso país", lê-se numa nota de imprensa.

Este workshop está inserido no projeto Natura + que "foi lançado a 14 de janeiro do presente ano e esta atividade fará parte integrante de uma tese desenvolvida no âmbito do Programa Doutoral em Ensino e Divulgação das Ciências (FCUP) e nasce da cooperação de quatro entidades: CESAM (Universidade de Aveiro), CIIMAR, GreenUPorto e Faculdade de Ciências (Universidade do Porto)".

De acordo com a referida nota de imprensa, "a Natura + tem como missão divulgar a Rede Natura 2000 e a vida selvagem que esta alberga em Portugal. Pretende também, com o apoio dos cidadãos, reunir informação científica útil para a monitorização e gestão dos sítios portugueses desta rede internacional de áreas protegidas. Para isso, o projeto aposta numa forte presença nas redes sociais e na disponibilização de atividades de ciência cidadã direcionadas para o público em geral e para as escolas".

CISION

Diário de Aveiro

ID: 80051052

16-04-2019

Meio: Imprensa
País: Portugal
Period.: Diária
Âmbito: Regional

Pág: 6
Cores: Cor
Área: 26,20 x 8,59 cm²
Corte: 1 de 1



TEDxAveiro 2019: Palete de azuis continua a compor-se

A História do Amanhã já se desenha em tons de azul e temos a certeza de que não vai querer perder o que estamos a preparar para si, já no próximo dia 25 de maio.

No dia 25 de maio, a História do Amanhã escreve-se em azul elétrico pelos designers e ativistas Dal e Mike, as duas mentes criativas e conscientes responsáveis pela criação da ousada campanha "Trash isles", com o objetivo de sensibilização para a acumulação de plástico nos oceanos; em azul efémero, António Jorge Gonçalves, o multifacetado artista visual que conta histórias aos quadradinhos e encontra personagens pelos metros das cidades; em azul claire, Claire Mcnulty, diretora da secção de investigação da National Geographic Society na



Europa, autora de diversas publicações na área da Biologia do desenvolvimento, apaixonada pelo mundo e pela partilha de conhecimento entre culturas; desconstrói-se em azul "punk" pelo maestro e viajante do tempo Martim Sousa Tavares; projeta-se através do azul pupila do investigador em robótica António Neves, docente e investigador do Departamento de Ele-

FOTOS: D.R.



trónica, Telecomunicações e Informática da Universidade de Aveiro, que desenvolve algoritmos que aproximam a "visão" das máquinas à dos humanos; debate-se em azul caleidoscópio realidades da investigadora e ativista Cristina Roldão, uma académica portuguesa e uma das vozes no debate público sobre o racismo em Portugal; navega-se em azul-marinho, pela investigadora Diana Madeira, do Centro de Estudos do Ambiente e do Mar (CESAM) e do Departamento de Biologia da Universidade de Aveiro (UA), uma das vencedoras da 15.ª edição das Medalhas de Honra L'Oréal Portugal para as Mulheres na Ciência.

Mais oradores serão revelados até à data do evento.

Acompanhe todas as novidades e confirmações de oradores e performances no nosso site, em www.tedxaveiro.com e redes sociais. Bilhetes à venda no website www. tedxaveiro. com.

www.tedxaveiro.com

Este artigo foi escrito ao abrigo do novo Acordo Ortográfico

Mar Film Festival apresenta programa para a 3.ª edição

Tipo Meio: Internet Data Publicação: 15/04/2019

Meio: Náutica Press Online

URL: http://www.pt.cision.com/s/?l=e2de8176

Três dias de mar no cinema, com múltiplas abordagens; documentários sobre temas que estão na ordem do dia, como a crise de imigrantes em Lampedusa; a antestreia de uma série documental de imagens subaquáticas portuguesas; e uma mesa redonda que funde o mar, a literatura e o cinema, com a participação de Ana Margarida de Carvalho, Rodrigo Areias e Abílio Hernandez Cardoso. É esta a proposta da terceira edição do Mar Film Festival, que se realiza nos dias 26, 27 e 28 de abril, no Museu Marítimo de Ílhavo.

O festival abre com a antestreia da série documental "Mar, a última fronteira", de Nuno Sá, cameraman subaquático, que realiza uma expedição por Portugal continental, Açores e Madeira, procurando mostrar aos portugueses e ao mundo que o país tem uma vida marinha comparável aos melhores sítios do planeta.

O dia 26 de abril continua com longas-metragens, tanto de ficção, como de documentário. "Terra franca", de Leonor Teles, acompanha as contingências da vida de Alberto Lobo numa antiga comunidade piscatória à beira Tejo; em "A ver o mar", Ana Luísa Oliveira, André Puertas e Sara Santos mostram o fascínio de várias gerações pelo oceano, mesmo sem sair do carro. "Com paixão", de James Marsh, conta a aventura de um velejador que decide participar numa exigente regata à volta do mundo.

A abertura oficial do festival, às 21h30 de dia 26, será marcada pela exibição de "Hálito Azul", documentário em torno da freguesia piscatória da Ribeira Quente na ilha de S. Miguel, nos Açores.

O dia seguinte, 27 de abril, começa com "Portugal tem lata", de Rui Pregal da Cunha e João Trabulo - um documentário sobre a indústria de conservas de peixe e a atual valorização deste produto.

O sábado continua com o clássico de John Huston, "Moby Dick", com a famosa busca do Capitão Ahab pela baleia branca; seguindo-se "A rebentação", de Paulo Fajardo, sobre as tradições da Arte Xávega, na Praia da Tocha. Ainda durante a tarde, exibe-se "Submersos", o mais recente filme de Wim Wenders, sobre uma história de amor e aventura passada na Normadia. Já à noite, "Fogo no Mar", de Gianfranco Rosi, aborda a atual temática da crise de imigração em Lampedusa.

A manhã de domingo é para os mais jovens, com "As aventura de Tintin. O segredo do Licorne", de Steven Spilberg. Depois do filme, segue-se uma oficina de cinema de animação para crianças.

Além de todos os novos filmes de ficção e documentário, uma das grandes novidades da edição 2019 é a mesa redonda "O mar entre a literatura e o cinema", que se realiza no dia 27 de abril, às 17h00, com a participação da escritora Ana Margarida de Carvalho, do realizador Rodrigo Areias e de Abílio Hernandez Cardoso, docente na Universidade de Coimbra, moderados por Ana Paula Medeiros.

O programa do Mar Film Festival inclui, ainda, a exibição dos filmes participantes no concurso de curtíssimas metragens "Novas Vistas Lumière" e no concurso escolar de entrevistas "Memórias de RiaMar".

Nesta edição do festival, a secção de retrospetiva "O Cais do Nosso Olhar" destaca o realizador Manuel Paula Dias, cujas obras "Sal, duro sal" e "Vivinha da Costa" serão exibidas no dia 26 de abril às 14:30.

Fogo no Mar

PROGRAMA

26 abril | sexta-feira

10:00 Mar, a última fronteira (documentário - sessão escolas) - antestreia

Nuno Sá (2019 45') M/12

Apresentação e conversa com o realizador e Catarina Eira (CESAM-UA)

14:30 O cais do nosso olhar

Retrospetiva e conversa com Manuel Paula Dias, realizador

Sal, duro sal (1977 20')

Vivinha da Costa (1981 10')

Memórias de RiaMar

Exibição de entrevistas a concurso: "Três fotografias, uma história"

Entrega do prémio RiaMar 2019

16:30 Terra franca (documentário)

Leonor Teles (2018 82') M/12

18:00 A ver o mar (ficção)

Ana Luísa Oliveira, André Puertas e Sara Santos (2017 25') M/12

Apresentação e conversa com os realizadores

18:30 Com paixão (ficção)

James Marsh (2018 97') M/12

21:30 Abertura do festival

Hálito Azul (documentário)

Rodrigo Areias (2018 78') M/12

Apresentação e conversa com o realizador e Nuno Sá

27 de abril | sábado

10:00 Portugal tem lata (documentário)

Rui Pregal da Cunha e João Trabulo (2018 98') M/12

Apresentação e conversa com os realizadores

14:30 Moby Dick (ficção)

John Huston (1958 116') M/12

15:00 A rebentação (documentário)

Paulo Fajardo (2018 28') M/12

Apresentação e conversa com o realizador

17:00 Mesa redonda "O mar entre a literatura e o cinema"

Convidados: Ana Margarida de Carvalho (escritora), Abílio Hernandez Cardoso (Universidade de Coimbra) e Rodrigo Areias (realizador)

Moderação: Ana Paula Medeiros

18:30 Submersos (ficção)

Wim Wenders (2018 112') M/12

21:30 Fogo no Mar (documentário)

Gianfranco Rosi (2016 114') M/12

Apresentação e comentário: Ana Rodrigues (CNIS)

28 abril | domingo

10:00 As aventuras de Tintin. O segredo do Licorne (animação - sessão infantil)

Steven Spilberg (2011 107') M/6

Oficina de cinema de animação para crianças

Visita guiada ao Museu Marítimo de Ílhavo

15:00 Concurso Novas Vistas Lumière

Exibição de filmes a concurso

17:30 Sessão de encerramento

Mostra de filmes realizados no Workshop de Iniciação à Realização Cinematográfica

Entrega de Prémios Novas Vistas Lumière

Ensemble de jazz - Conservatório de Música de Aveiro Calouste Gulbenkian

Cinema ilhávo

Mar Film Festival

Tipo Meio: Internet Data Publicação: 12/04/2019

Meio: Guia da Cidade Online

URL: https://www.guiadacidade.pt/pt/art/mar-film-festival-295022-01

Museu Municipal de ílhavo - Ílhavo

Ílhavo(Museu Municipal de ílhavo)

Três dias de mar no cinema, com múltiplas abordagens; documentários sobre temas que estão na ordem do dia, como a crise de imigrantes em Lampedusa; a antestreia de uma série documental de imagens subaquáticas portuguesas; e uma mesa redonda que funde o mar, a literatura e o cinema, com a participação de Ana Margarida de Carvalho, Rodrigo Areias e Abílio Hernandez Cardoso. É esta a proposta da terceira edição do Mar Film Festival, que se realiza nos dias 26, 27 e 28 de abril, no Museu Marítimo de Ílhavo.
O festival abre com a antestreia da série documental "Mar, a última fronteira", de Nuno Sá, cameraman subaquático, que realiza uma expedição por Portugal continental, Açores e Madeira, procurando mostrar aos portugueses e ao mundo que o país tem uma vida marinha comparável aos melhores sítios do planeta.
O dia 26 de abril continua com longas-metragens, tanto de ficção, como de documentário. "Terra franca", de Leonor Teles, acompanha as contingências da vida de Alberto Lobo numa antiga comunidade piscatória à beira Tejo; em "A ver o mar", Ana Luísa Oliveira, André Puertas e Sara Santos mostram o fascínio de várias gerações pelo oceano, mesmo sem sair do carro. "Com paixão", de James Marsh, conta a aventura de um velejador que decide participar numa exigente regata à volta do mundo.
A abertura oficial do festival, às 21h30 de dia 26, será marcada pela exibição de "Hálito Azul", documentário em torno da freguesia piscatória da Ribeira Quente na ilha de S. Miguel, nos Açores.
O dia seguinte, 27 de abril, começa com "Portugal tem lata", de Rui Pregal da Cunha e João Trabulo - um documentário sobre a indústria de conservas de peixe e a atual valorização deste produto.
O sábado continua com o clássico de John Huston, "Moby Dick", com a famosa busca do Capitão Ahab pela baleia branca; seguindo-se "A rebentação", de Paulo Fajardo, sobre as tradições da Arte Xávega, na Praia da Tocha. Ainda durante a tarde, exibe-se "Submersos", o mais recente filme de Wim Wenders, sobre uma história de amor e aventura passada na Normadia. Já à noite, "Fogo no Mar", de Gianfranco Rosi, aborda a atual temática da crise de imigração em Lampedusa.
A manhã de domingo é para os mais jovens, com "As aventura de Tintin. O segredo do Licorne", de Steven Spilberg. Depois do filme, segue-se uma oficina de cinema de animação para crianças.Além de todos os novos filmes de ficção e documentário, uma das grandes novidades da edição 2019 é a mesa redonda "O mar entre a literatura e o cinema", que se realiza no dia 27 de abril, às 17h00, com a participação da escritora Ana Margarida de Carvalho, do realizador Rodrigo Areias e de Abílio Hernandez Cardoso, docente na Universidade de Coimbra, moderados por Ana Paula Medeiros.O programa do Mar Film Festival inclui, ainda, a exibição dos filmes participantes no concurso de curtíssimas metragens "Novas Vistas Lumière" e no concurso escolar de entrevistas "Memórias de RiaMar".
Nesta edição do festival, a secção de retrospetiva "O Cais do Nosso Olhar" destaca o realizador Manuel Paula Dias, cujas obras "Sal, duro sal" e "Vivinha da Costa" serão exibidas no dia 26 de abril às 14h30.

PROGRAMA
26 abril | sexta-feira

10:00 Mar, a última fronteira (documentário - sessão escolas) - antestreia
Nuno Sá (2019 45') M/12
Apresentação e conversa com o realizador e Catarina Eira (CESAM-UA)
14:30 O cais do nosso olharRetrospetiva e conversa com Manuel Paula Dias, realizadorSal, duro sal (1977 20')Vivinha da Costa (1981 10')
Memórias de RiaMarExibição de entrevistas a concurso: "Três fotografias, uma história"Entrega do prémio RiaMar 2019
16:30 Terra franca (documentário)Leonor Teles (2018 82') M/12
18:00 A ver o mar (ficção)Ana Luísa Oliveira, André Puertas e Sara Santos (2017 25') M/12Apresentação e conversa com os realizadores
18:30 Com paixão (ficção)James Marsh (2018 97') M/12
21:30 Abertura do festivalHálito Azul (documentário)Rodrigo Areias (2018 78') M/12Apresentação e conversa com o realizador e Nuno Sá

27 de abril | sábado
10:00 Portugal tem lata (documentário)
Rui Pregal da Cunha e João Trabulo (2018 98') M/12Apresentação e conversa com os realizadores
14:30 Moby Dick (ficção)John Huston (1958 116') M/12
15:00 A rebentação (documentário)Paulo Fajardo (2018 28') M/12Apresentação e conversa com o realizador
17:00 Mesa redonda "O mar entre a literatura e o cinema"Convidados: Ana Margarida de Carvalho (escritora), Abílio Hernandez Cardoso (Universidade de Coimbra) e Rodrigo Areias (realizador)Moderação: Ana Paula Medeiros
18:30 Submersos (ficção)Wim Wenders (2018 112') M/12
21:30 Fogo no Mar (documentário)Gianfranco Rosi (2016 114') M/12Apresentação e comentário: Ana Rodrigues (CNIS)
28 abril | domingo
10:00 As aventuras de Tintin. O segredo do Licorne (animação - sessão infantil)
Steven Spilberg (2011 107') M/6
Oficina de cinema de animação para criançasVisita guiada ao Museu Marítimo de Ílhavo
15:00 Concurso Novas Vistas LumièreExibição de filmes a concurso
17:30 Sessão de encerramentoMostra de filmes realizados no Workshop de Iniciação à Realização CinematográficaEntrega de Prémios Novas Vistas LumièreEnsemble de jazz - Conservatório de Música de Aveiro Calouste Gulbenkian

Como pode um município adaptar-se às alterações climáticas?

Tipo Meio: Internet Data Publicação: 12/04/2019

Meio: Watts On Online

URL: http://www.pt.cision.com/s/?l=6f12a5f3

Sílvia CoelhoInvestigadora do Centro de Estudos do Ambiente e do Mar (CESAM) e do Departamento de Ambiente e Ordenamento (DAO) da Universidade de Aveiro (UA)

Os municípios estão bem posicionados para atuarem como convocadores de uma ampla gama de parceiros. As alterações climáticas terão impacto em diversos setores que vão desde a ocupação e uso do solo à habitação, transportes, saúde pública, resíduos sólidos, energia, entre outros.

Opinião

Como pode um município adaptar-se às alterações climáticas?

12 Abril, 2019 0 17

O clima é geralmente definido como o estado do tempo meteorológico médio num determinado local, durante um período de tempo que pode ir desde alguns meses a centenas ou milhares de anos.

A temperatura, precipitação, vento ou pressão atmosférica são algumas das variáveis climáticas que são medidas. A alteração climática, de que muito se fala nos últimos tempos, refere-se a uma mudança no estado médio do clima, ou na variabilidade climática, que persiste por décadas. Assim, a alteração climática pode significar um aumento geral da temperatura média anual, mas também mudanças na frequência, intensidade e duração dos eventos climáticos extremos, incluindo ondas de calor, secas, precipitação extrema e cheias.

Estes eventos climáticos extremos têm provocado impactos negativos nos sistemas naturais e humanos, demonstrando a significativa vulnerabilidade e exposição destes sistemas à variabilidade climática. Os incêndios que nos últimos anos têm afetado Portugal, assim como a tempestade Leslie, são alguns exemplos dos impactos das alterações climáticas. Uma vez que estes impactos variam espacialmente, tendo em conta as características específicas de cada região, a resposta aos mesmos deve ser local e coordenada ao nível do município.

Benefícios de uma abordagem estratégica

A adaptação às alterações climáticas é, por definição, o processo de uma dada região preparar e ajustar proactivamente as alterações climáticas, tanto ao nível dos impactos negativos como das oportunidades que daí podem surgir. Como cada município é um sistema dinâmico que enfrenta impactos climáticos exclusivos, a sua adaptação deve ser específica e ajustada às circunstâncias locais.

O ponto de partida de cada município para uma melhor gestão de risco e aumento da resiliência é a compreensão à exposição a determinado conjunto de impactos e o desenvolvimento de políticas e investimentos responsivos que atendam a essas vulnerabilidades. No entanto, os municípios não podem simplesmente implementar projetos pontuais para reduzir as vulnerabilidades. Um compromisso político forte e ambicioso é certamente necessário, mas a inclusão de fatores institucionais, estratégicos e sociais também é crucial para garantir que a adaptação é eficaz.

A adaptação e resiliência dos municípios requer não só uma tomada de decisão robusta por parte das autoridades locais, mas também uma forte teia de relações institucionais e sociais.

A importância das parcerias

Os municípios estão bem posicionados para atuarem como convocadores de uma ampla gama de parceiros. As alterações climáticas terão impacto em diversos setores que vão desde a ocupação e uso do solo à habitação, transportes, saúde pública, resíduos sólidos, energia, entre outros. Os esforços de adaptação em qualquer um destes setores geralmente envolvem diversas agências governamentais, bem como parcerias amplas que incluem comunidades locais, organizações sem fins lucrativos, instituições académicas e os cidadãos.

A adaptação não é um esforço único, mas um ciclo contínuo de preparação, resposta e revisão. É um processo dinâmico que deve ser revisto ao longo do tempo. Os municípios que forem capazes de integrar a adaptação a um amplo espectro de processos e metas de planeamento existentes, incluindo prioridades na redução dos riscos climáticos e aumento do desenvolvimento sustentável, estarão melhor posicionados para prosperar nesta nova era da mudança climática.

Facebook

Twitter

Google+

Pinterest

WhatsApp

CISION

Diário de Aveiro

ID: 79971314

11-04-2019

Meio: Imprensa
País: Portugal
Period.: Diária
Âmbito: Regional

Pág: 3
Cores: Cor
Área: 17,29 x 20,07 cm²
Corte: 1 de 1

PAULO RAMOS



Conferência anual do projecto ClairCity juntou ontem dezenas de pessoas em Aveiro

Há uma "melhoria significativa" na qualidade do ar

Região Investigadora foi à conferência do projecto internacional ClairCity dizer que o "panorama é optimista", mas "não permite cruzar os braços"

Rui Cunha

Alexandra Monteiro, investigadora do Centro de Estudos do Ambiente e do Mar (CESAM) da Universidade de Aveiro, disse ontem que as concentrações de poluentes medidas nas três estações de monitorização existentes na região (Aveiro, Ílhavo e Estarreja), ao longo da última década, "revelam uma melhoria significativa ao nível da matéria particulada (PM10) desde 2012".

No entanto, existem "ainda excedências ao valor limite legislado para o ozono (O3) e pontualmente algumas ultrapassagens do valor limite horário de NO2, um poluente directamente ligado ao tráfego, na estação de Aveiro".

"O panorama é optimista, mas não permite cruzar os braços. E há ainda acções a realizar, nomeadamente no que diz respeito ao tráfego e à combustão residencial", declarou ao Diário de Aveiro à margem da conferência anual do ClairCity, um projecto dedicado à poluição atmosférica e às emissões de carbono nas cidades de que a Câmara de Aveiro é parceira.

A investigadora fez uma apresentação sobre a qualidade do ar na região da Comunidade Intermunicipal da Região de Aveiro (CIRA) e mais tarde, em declarações ao Diário de Aveiro, sustentou que a avaliação da qualidade do ar em qualquer região "deve ser suportada, sempre que possível, pela monitorização, limitada no espaço, pela estimativa de emissões (de forma a identificar as principais fontes) e pela modelação da qualidade do ar que permite avaliar em termos espaciais". Na região da CIRA "existem apenas três locais" onde é monitorizada a qualidade do ar: duas estações suburbanas de fundo (em Ílhavo e Estarreja) e uma estação urbana de tráfego (em Aveiro), disse.

Na sessão de abertura da conferência, que ontem juntou dezenas de representantes dos vários parceiros em Aveiro, o director do ClairCity, Hans Bolscher, deu conta de que a situação na região tem melhorado, havendo locais no continente europeu com problemas mais graves a este nível. "Mas ainda há muito a fazer", preveniu, saudando o "suporte político" que as políticas ambientais têm localmente.

Ribau Esteves, presidente da Câmara de Aveiro e da CIRA, lembrou que na origem do associativismo municipal na região esteve, há 30 anos, a vontade de resolver o problema da poluição da ria. "Hoje, felizmente, é um não assunto", tendo, entretanto, emergido outros processos como prioridades ambientais, como a poluição atmosférica, a que o ClairCity tenta dar resposta.

Eduardo Anselmo Castro, vice-reitor da UA, frisou a mudança de mentalidades no país ao longo dos últimos anos. "Há 15 anos as ruas estavam cheias de lixo. Hoje isso já não se vê", deu como exemplo.

Região: "Melhoria significativa" na poluição atmosférica

Tipo Meio:	Internet	Data Publicação:	11/04/2019
Meio:	Diário de Aveiro Online	Autores:	Rui Cunha

URL: https://www.diarioaveiro.pt/noticia/43321

Alexandra Monteiro, investigadora do Centro de Estudos do Ambiente e do Mar (CESAM) da Universidade de Aveiro, disse ontem que as concentrações de poluentes medidas nas três estações de monitorização existentes na região (Aveiro, Ílhavo e Estarreja) ao longo da última década "revelam uma melhoria significativa ao nível da matéria particulada (PM10) desde 2012". No entanto, existem "ainda excedências ao valor limite legislado para o ozono (O3) e pontualmente algumas ultrapassagens do valor limite horário de NO2, um poluente directamente ligado ao tráfego, na estação de Aveiro". "O panorama é optimista, mas não permite cruzar os braços. E há ainda ações a realizar, nomeadamente no que diz respeito ao tráfego e à combustão residencial", declarou ao Diário de Aveiro à margem da conferência anual do ClairCity, um projecto dedicado à poluição atmosférica e às emissões de carbono nas cidades de que a Câmara de Aveiro é parceira.

RC

CISION

ID: 80054429

RV JORNAL SEMANÁRIO REGIONAL da RÁDIO VIZELA

11-04-2019

Meio: Imprensa
País: Portugal
Period.: Semanal
Âmbito: Regional

Pág: 6
Cores: Cor
Área: 5,24 x 19,62 cm²
Corte: 1 de 1



No rasto das lontras

"No rasto das lontras" é uma iniciativa que terá lugar no dia 04 de maio, a partir das 14h30, na Casa Municipal de Cultural Jorge Antunes. Trata-se de um workshop onde serão abordados diversos aspetos da ecologia e da conservação das lontras-europeias (Lutra lutra), em Portugal. De acordo com uma nota de imprensa, "os participantes irão ainda ter a oportunidade de procurar vestígios deste animal (como por exemplo, pegadas) e participar num projeto de ciência cidadã. Desta forma, irão perceber quais os habitats preferidos desta espécie e quais as regiões onde ela é mais abundante no nosso país".

Ainda segundo a nota de imprensa, o "projeto Natura + foi lançado a 14 de janeiro do presente ano e esta atividade fará parte integrante de uma tese desenvolvida no âmbito do Programa Doutoral em Ensino e Divulgação das Ciências (FCUP) e nasce da cooperação de quatro entidades: CESAM (Universidade de Aveiro), CIIMAR, GreenUPorto e Faculdade de Ciências (Universidade do Porto). A Natura + tem como missão divulgar a Rede Natura 2000 e a vida selvagem que esta alberga em Portugal. Pretende também, com o apoio dos cidadãos, reunir informação científica útil para a monitorização e gestão dos sítios portugueses desta rede internacional de áreas protegidas. Para isso, o projeto aposta numa forte presença nas redes sociais e na disponibilização de atividades de ciência cidadã direcionadas para o público em geral e para as escolas". Em Vizela a iniciativa conta com o apoio da Coração Azul - Associação Juvenil de Apoio aos Animais, a Câmara Municipal de Vizela e a Junta da União de Freguesias de Caldas de Vizela (S. Miguel e S. João).

Lontras do rio Vizela com direito a debate

Tipo Meio: Internet Data Publicação: 09/04/2019

Meio: Digital de Vizela Online

URL: http://www.pt.cision.com/s/?l=5678fdb0

No Rasto das Lontras é uma iniciativa que terá lugar no dia 04 de maio, a partir das 14h30, na Casa Municipal de Cultural Jorge Antunes em Vizela.

Trata-se de um workshop onde serão abordados diversos aspetos da ecologia e da conservação das lontras-europeias (Lutra lutra), em Portugal. De acordo com uma nota de imprensa, "os participantes irão ainda ter a oportunidade de procurar vestígios deste animal (como por exemplo, pegadas) e participar num projeto de ciência cidadã. Desta forma, irão perceber quais os habitats preferidos desta espécie e quais as regiões onde ela é mais abundante no nosso país".

Ainda segundo a nota de imprensa, o "projeto Natura + foi lançado a 14 de janeiro do presente ano e esta atividade fará parte integrante de uma tese desenvolvida no âmbito do Programa Doutoral em Ensino e Divulgação das Ciências (FCUP) e nasce da cooperação de quatro entidades: CESAM (Universidade de Aveiro), CIIMAR, GreenUPorto e Faculdade de Ciências (Universidade do Porto). A Natura + tem como missão divulgar a Rede Natura 2000 e a vida selvagem que esta alberga em Portugal. Pretende também, com o apoio dos cidadãos, reunir informação científica útil para a monitorização e gestão dos sítios portugueses desta rede internacional de áreas protegidas. Para isso, o projeto aposta numa forte presença nas redes sociais e na disponibilização de atividades de ciência cidadã direcionadas para o público em geral e para as escolas". Em Vizela a iniciativa conta com o apoio da Coração Azul - Associação Juvenil de Apoio aos Animais, a Câmara Municipal de Vizela e a Junta da União de Freguesias de Caldas de Vizela (S. Miguel e S. João).

Partilhar

Diversos

"No rasto das lontras" workshop a 04 de maio

Tipo Meio: Internet Data Publicação: 09/04/2019

Meio: Rádio Vizela Online

URL: http://www.radiovizela.pt/noticia-no-rasto-das-lontras-workshop-a-04-de-maio

"No rasto das lontras" é uma iniciativa que terá lugar no dia 04 de maio, a partir das 14h30, na Casa Municipal de Cultural Jorge Antunes. Trata-se de um workshop onde serão abordados diversos aspetos da ecologia e da conservação das lontras-europeias (Lutra lutra), em Portugal. De acordo com uma nota de imprensa, "os participantes irão ainda ter a oportunidade de procurar vestígios deste animal (como por exemplo, pegadas) e participar num projeto de ciência cidadã. Desta forma, irão perceber quais os habitats preferidos desta espécie e quais as regiões onde ela é mais abundante no nosso país".

Ainda segundo a nota de imprensa, o "projeto Natura + foi lançado a 14 de janeiro do presente ano e esta atividade fará parte integrante de uma tese desenvolvida no âmbito do Programa Doutoral em Ensino e Divulgação das Ciências (FCUP) e nasce da cooperação de quatro entidades: CESAM (Universidade de Aveiro), CIIMAR, GreenUPorto e Faculdade de Ciências (Universidade do Porto). A Natura + tem como missão divulgar a Rede Natura 2000 e a vida selvagem que esta alberga em Portugal. Pretende também, com o apoio dos cidadãos, reunir informação científica útil para a monitorização e gestão dos sítios portugueses desta rede internacional de áreas protegidas. Para isso, o projeto aposta numa forte presença nas redes sociais e na disponibilização de atividades de ciência cidadã direcionadas para o público em geral e para as escolas". Em Vizela a iniciativa conta com o apoio da Coração Azul - Associação Juvenil de Apoio aos Animais, a Câmara Municipal de Vizela e a Junta da União de Freguesias de Caldas de Vizela (S. Miguel e S. João).

CISION

Diário de Aveiro

ID: 79894371

06-04-2019

Meio: Imprensa
País: Portugal
Period.: Diária
Âmbito: Regional

Pág: 32
Cores: Cor
Área: 12,78 x 15,26 cm²
Corte: 1 de 1

Susana Sargento, um exemplo de sucesso no feminino

PAULO RAMOS



Susana Sargento abriu ciclo de palestras da UA-Woman

PALESTRA Susana Sargento, docente do Departamento de Electrónica, Telecomunicações e Informática (DETI) e investigadora do Instituto de Telecomunicações (IA) da Universidade de Aveiro (UA), foi a primeira convidada de um ciclo de palestras promovido pela UA-Woman.

Co-fundadora da "startup" Veniam, que desenvolve tecnologia para redes veiculares, Susana Sargento é, actualmente, co-coordenadora do Eixo de Investigação na iniciativa nacional do Governo INCoDe.2030, pertence ao Comité de avaliação do Fundo de Investimento Fundo200M, e é directora científica do Programa CMU-Portugal.

Doutorada em Engenharia Electrotécnica pela UA em 2003, Susana Sargento fez uma visita de sete meses na Universidade de Rice (EUA) em 2000 e 2001, foi docente no Departamento de Ciências de Computadores na Universidade do Porto, entre 2002 e 2004, e foi professora convidada na Universidade de Carnegie Mellon (EUA) em 2008/2009.

"Muito trabalho e alguma sorte" são o segredo do sucesso de Susana Sargento cujas áreas de interesse estão relacionadas com as redes auto-organizadas, como as redes ad-hoc e de veículos, e as redes de distribuição de conteúdos.

Falando ontem no auditório do CESAM, Susana Sargento recordou que quando entrou para o curso de electrónica, toda a gente lhe dizia que "esse era um curso só de homens", mas que isso nunca a assustou.

A investigadora ganhou o prémio European Union Woman Innovator 2016 e foi ontem a convidada do UA-Woman, um grupo de investigadoras da UA que está a organizar um ciclo de palestras sobre a vida e a carreira de mulheres investigadoras, "com o objectivo de enaltecer o papel da mulher na ciência e inspirar jovens cientistas a seguir carreira científica", explicou Diana Vieira, da entidade organizadora.

CISION

Diário de Aveiro

ID: 79874242

05-04-2019

Meio: Imprensa
País: Portugal
Period.: Diária
Âmbito: Regional

Pág: 3
Cores: Cor
Área: 8,43 x 15,65 cm²
Corte: 1 de 1

CESAM apresenta palestra com Susana Sargento

D.R.



Susana Sargento é professora catedrática na UA

HOJE O CESAM – Centro de Estudos do Ambiente e do Mar promove, hoje, pelas 12 horas, no Anfiteatro III (Edifício 3), uma palestra no âmbito da iniciativa UA-Woman.

Trata-se, segundo explica o CESAM, de um ciclo de palestras sobre a vida e a carreira de mulheres investigadoras, com o objectivo de "enaltecer o papel da mulher na ciência e inspirar jovens cientistas a seguir a investigação científica".

Esta primeira palestra será proferida por Susana Sargento, professora catedrática no Departamento de Electrónica, Telecomunicações e Informática da UA. Completou o doutoramento em 2003, em Engenharia Electrónica e Telecomunicações, na UA (com uma estadia na Universidade de Rice, em Houston, EUA). Integrou o Departamento de Ciências de Computadores da Universidade do Porto em 2002. Desde 2004 que está na UA e no Instituto de Telecomunicações, onde lidera o grupo de Arquitectura e Protocolos de Redes, tornando-se professora catedrática já este ano. Foi, ainda, professora convidada na Universidade de Carnegie Mellon, EUA.

Em 2012, foi co-fundadora da empresa Veniam, de tecnologias de redes sem fios de baixo custo, para comunicação entre veículos. É co-coordenadora do Eixo de Investigação na iniciativa nacional do Governo INCoDe.2030, pertence ao comité de avaliação do Fundo de Investimento Fundo200M e é directora científica do Programa CMU-Portugal.

CISION

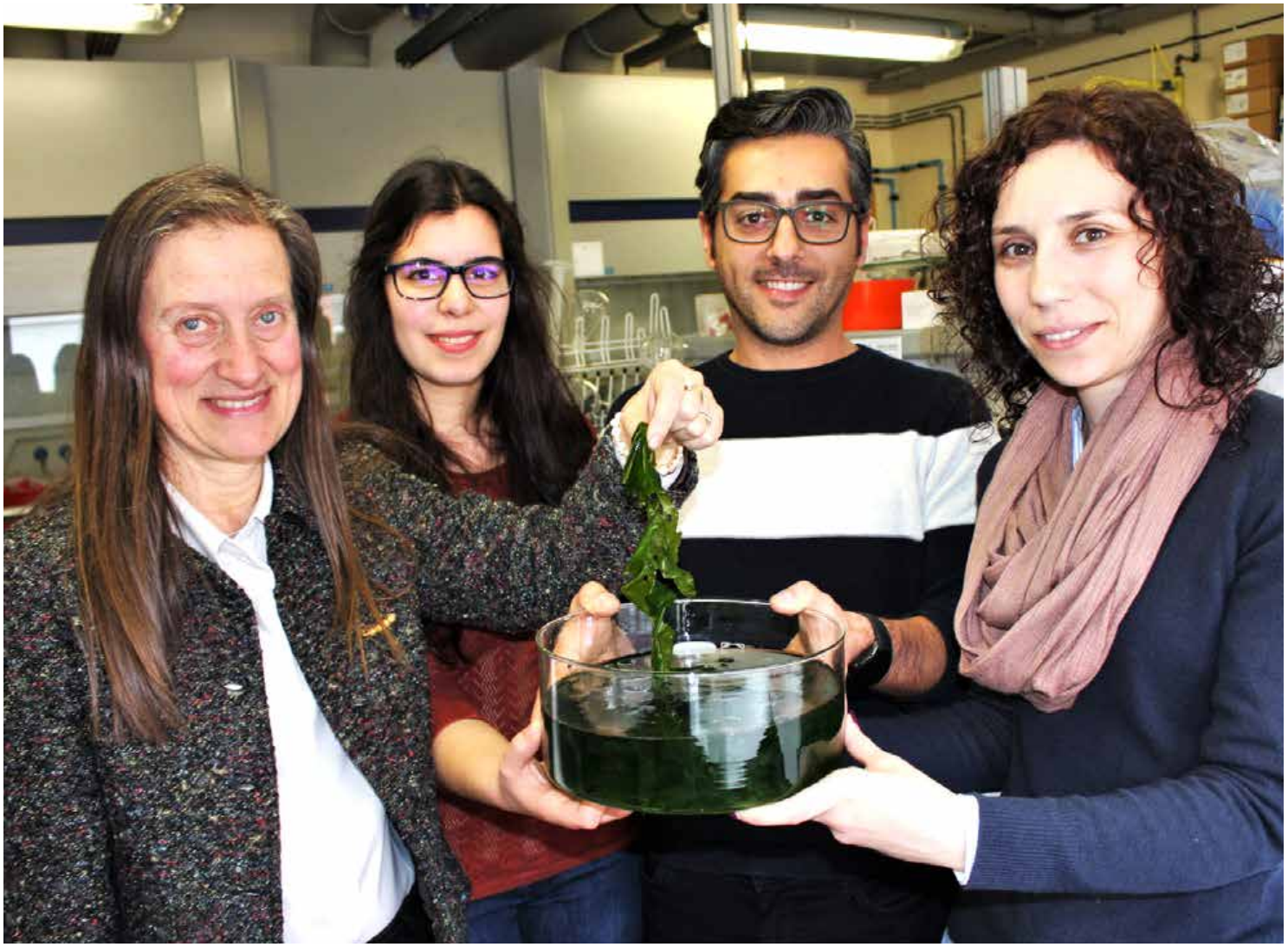
Audiência

ID: 79843185

01-04-2019

Meio: Imprensa
País: Portugal
Period.: Semanal
Âmbito: Regional

Pág: 13
Cores: Cor
Área: 22,00 x 30,00 cm²
Corte: 1 de 1



INVESTIGAÇÃO

Alfaces-do-mar removem metais pesados de águas contaminadas

Uma equipa de investigadores da Universidade de Aveiro (UA) descobriu que as alfaces-do-mar têm uma grande capacidade para remover elementos potencialmente tóxicos da água, a maior parte deles perigosos para a saúde humana e para o meio ambiente.

Bruno Henriques, investigador investigador do Centro de Estudos do Ambiente e do Mar (CESAM) e do Departamento de Química (DQ) da Academia de Aveiro, considera que "estas algas são uma alternativa eficiente, pois removem percentagens elevadas de contaminantes num período curto de tempo, a metodologia é económica e mais ecológica do que os métodos 'clássicos' para a remoção destes elementos, que são menos eficazes e, muitas vezes, mais caros, o que se traduz em baixo custo-benefício".



Assim, explica o investigador, "as algas poderão ser utilizadas para diminuir a contaminação de locais muito afetados por descargas destes elementos, através da introdução da alga no local a descontaminar se as condições forem adequadas ao seu crescimento ou cultivando algas num outro local e transportando estas para os locais a serem descontaminados".

Além da remoção dos elementos tóxicos, os investigadores da UA asseguram que as alfaces-do-mar permitem reduzir também o teor de fosfatos e nitratos em águas e ao usarem dióxido de carbono como fonte de carbono, permitem reduzir a pegada de carbono.

O trabalho foi desenvolvido por uma equipa multidisciplinar da UA constituída por Bruno Henriques, Ana Teixeira, Paula Figueira, Joana Almeida e Eduarda Pereira (investigadores do DQ, do CESAM, do CICECO - Instituto de Materiais de Aveiro e do Laboratório Central de Análises), e com a cooperação da Universidade do Porto e do Instituto Nacional de Saúde Dr. Ricardo Jorge. RCG

CISION

Caça Cães de Caça

ID: 79652284

01-04-2019

Meio: Imprensa
País: Portugal
Period.: Mensal
Âmbito: Lazer

Pág: 32
Cores: Cor
Área: 19,00 x 26,50 cm²
Corte: 1 de 2



Sacarrabos...

um carnívoro diurno com "dois pesos e duas medidas"

O sacarrabos *(Herpestes ichneumon)* é um dos mamíferos colonizadores naturais de Portugal mais abundantes, em que um grande número de animais é abatido em cada época venatória ao abrigo do Decreto-Lei n.º 167/2015, de 21 de agosto. A área de distribuição deste carnívoro esteve em tempos, mais concentrada no sul do território português.

TEXTO: **VICTOR BANDEIRA E CARLOS FONSECA (DEPARTAMENTO DE BIOLOGIA & CESAM, UNIVERSIDADE DE AVEIRO – EMAIL: VICTOR.BANDEIRA@UA.PT)**
FOTOS: **iSTOCK , JOÃO OLIVEIRA (MAPA) E VICTOR BANDEIRA (CONTEÚDOS ESTOMACAIS)**

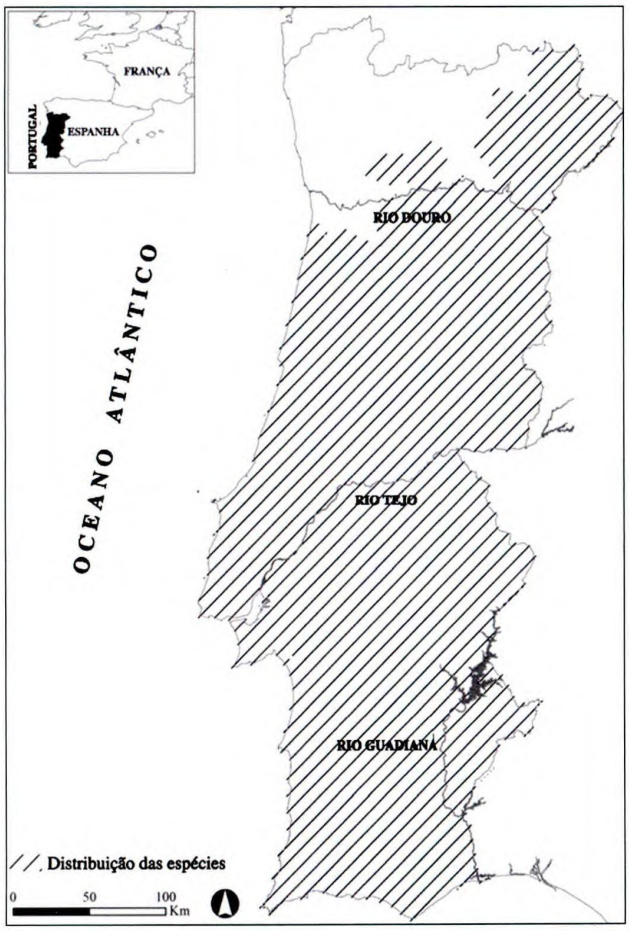
Contudo, a espécie foi expandindo para norte e do interior para o litoral, onde encontra novas condições ecológicas, climáticas e de habitat. Este fenómeno ainda em curso poderá ter sido promovido pelo abandono recente das terras agrícolas, pelo despovoamento rural, e pela variação das temperaturas médias e da precipitação anual.

ALVO DE INVESTIGAÇÃO PROFUNDA

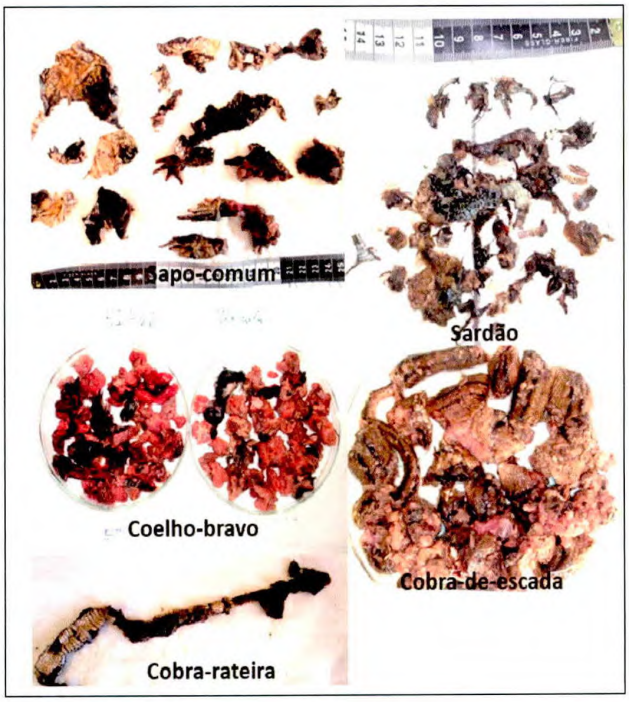
Em Portugal, esta espécie tem sido alvo de uma investigação profunda ao nível da ecologia, em virtude de o conhecimento existente ter origem em estudos restritos a algumas regiões do país, ao sudoeste de Espanha, ou a Israel, que correspondem a áreas de distribuição histórica, mas com lacunas de conhecimento nas zonas de expansão. Deste modo, através de uma ampla amostragem, onde os caçadores tiveram um papel fundamental, deu-se início a um estudo no qual se pretendeu conhecer a ecologia trófica, a biologia da reprodução e as características fenotípicas e morfológicas do sacarrabos. Este esforço de recolha de amostras cobriu os habitats principais, das duas regiões biogeográficas da Península Ibérica (atlântica e mediterrânica), onde se encontra distribuído, quer na distribuição mais antiga, como nos novos territórios de ocupação. Os resultados dos dados ecológicos, foram conjugados com a região de origem, com variáveis bioclimáticas, com o tipo de habitat, o uso do solo, ou com a sazonalidade. À luz do conhecimento atual, este trabalho terá sido inédito, pois nenhuma outra investigação em mamíferos carnívoros oportunistas envolveu a combinação de uma tão grande multiplicidade de dados ecológicos, promovendo uma quantidade de informação em simultâneo, que será **útil na gestão desta espécie em território português** e que possibilitará um modelo para o conhecimento e o acompanhamento do impacto provocado pelas alterações globais.

Nenhuma outra investigação em mamíferos carnívoros oportunistas envolveu a combinação de uma tão grande multiplicidade de dados ecológicos

Neste contexto e numa primeira abordagem procedeu-se à descrição e análise dos parâmetros biométricos, isto é, das medidas corporais e do peso de cada exemplar. Os resultados apurados permitiram registar, pela primeira vez, **dimorfismo sexual no tamanho corporal de sacarrabos adultos em território lusitano,** em que os machos (média de comprimento total 98,53 cm e 2,417kg de peso corporal) são maiores e mais pesados que as fêmeas (média de comprimento total 95,50 cm e



Mapa de distribuição do sacarrabos (a tracejado a área de ocupação).



Identificação dos conteúdos estomacais da dieta do sacarrabos.

2,145kg de peso corporal), diferenças significativas que deram mote ao título "dois pesos e duas medidas". Além disso foram apuradas diferenças biométricas entre regiões, que se sugere serem reguladas pela seleção sexual, disponibilidade alimentar, pressão humana e pelos diferentes padrões de utilização do habitat. Neste trabalho foram ainda reveladas, pela primeira vez, as médias dos pesos e das principais medidas corporais de juvenis do tipo I e do tipo II e, de sub-adultos.

A ANÁLISE DA DIETA

Através da identificação dos conteúdos presentes em cada estômago permitiu identificar as presas principais do sacarrabos e perceber que **as espécies de caça menor representam apenas 41% da dieta,** não atingindo metade do espectro alimentar consumido, embora isto não signifique necessariamente um baixo impacto deste carnívoro em espécies de caça. Esta espécie generalista e oportunista apresenta uma dieta composta principalmente por mamíferos, representada por cerca de 63% da biomassa consumida, seguida pelo consumo de répteis (16%), anfíbios (8%) e invertebrados (7%), além de consumir carcaças de animais que encontra no campo, peixes, material vegetal, ovos e aves. Enquanto os mamíferos e os anfíbios foram predominantes nos conteúdos estomacais dos machos, os répteis e os invertebrados sobrepuseram-se a outras categorias de alimentos na dieta das fêmeas. Registaram-se variações na dieta ao longo das várias classes etárias, e também ao longo da estação do ano de acordo com a disponibilidade de presas e com as necessidades de cada animal, havendo um maior consumo de presas mais energéticas durante o período reprodutivo (Inverno e Primavera). Identificaram-se pelo menos 8 espécies de mamíferos na dieta (lebre, coelho-bravo, musaranho-de-dentes-brancos, leirão, rato-do-campo, rato-das-hortas, ratazana e rato-preto) com prevalência no consumo de coelho-bravo, rato-do-campo e rato-das-hortas; 11 espécies de répteis (cobra-cega, licranço, cobra-lisa-meridional, cobra-de-ferradura, cobra-de-escada, lagartixa-ibérica, lagartixa-do-mato, sardão, cobra-de-água-viperina, cobra-rateira e cobra-de-pernas-tridáctila) com prevalência no consumo de cobra-de-escada, lagartixa-do-mato e cobra-de-pernas-tridáctila; e 4 espécies de anfíbios (rã-de-focinho-pontiagudo, sapo-comum, sapo-corredor e rela) com prevalência no consumo de sapo-comum. Registaram-se frequentemente aglomerados de invertebrados nos conteúdos estomacais, compostos por gafanhotos, libélulas, escaravelhos, além de escolopendras e lagostins, cujos consumos eram também notáveis.

O IMPACTO DA PREDAÇÃO

Os sacarrabos parecem usar os recursos disponíveis, tendo em conta a abundância e as necessidades energéticas que enfrentam ao longo do ano. O impacto da predação também depende de outros fatores, como os tamanhos de populações de predadores e de presas, a resposta numérica e funcional, e a disponibilidade de presas alternativas. No entanto, as populações de sacarrabos cujos territórios se sobreponham a áreas de caça, que consequentemente sustentam densidades mais altas de coelhos e de perdizes, podem aproveitar oportunisticamente estas fontes energéticas. Relativamente às diferenças entre os sexos, verificou-se que os machos ao consumirem mais mamíferos do que as fêmeas, podem ser o sexo mais desvantajoso para as espécies de caça. Assim, **parecem existir diferenças comportamentais entre os sexos nos padrões exploratórios,** uma vez que os machos aparentam ter comportamento exploratório subterrâneo, o que lhes permite invadir tocas e luras (mamíferos), ou desenterrar presas (anfíbios), enquanto as fêmeas parecem preferir perseguir presas (répteis) e capturá-las à superfície do solo (invertebrados). Dadas as variações na dieta da espécie, este predador generalista e oportunista, sugere aproveitar os seus hábitos de escavação e exploração, combinados com os diferentes períodos de menor mobilidade física e maior atividade ecológica de cada espécie predada, a fim de gastar o mínimo de energia na captura de presas. ■

MONITORIZAR A DIETA A NORTE DO TEJO

No futuro, prevê-se monitorizar a dieta deste carnívoro e caracterizar a base para a preferência de habitat das espécies a norte do rio Tejo, principalmente nas áreas de expansão e de recente colonização, já que a sua expansão a norte pode ser uma ameaça para algumas espécies classificadas como endémicas, como a rã-ibérica, a salamandra-lusitânica ou o lagarto-de-água.

ESTUDOS NA UNIVERSIDADE DE AVEIRO AVANÇAM PARA O COMBATE DE INFEÇÕES FATAIS ATRAVÉS DA LUZ

Tipo Meio: Internet Data Publicação: 01/04/2019

Meio: Etc e Tal Jornal Online

URL: http://www.pt.cision.com/s/?l=6fa852dd

Chama-se Staphylococcus aureus, é uma bactéria responsável por várias infeções potencialmente fatais em humanos e, até agora, o seu combate estava dificultado pela resistência que ganhou aos antibióticos, mesmo aos utilizados em último recurso. Afinal, através da terapia fotodinâmica é possível inativar a bactéria. Os recentes avanços realizados na Universidade de Aveiro (UA) trazem uma solução a quem sofre, por exemplo, de abcessos na pele e infeções do trato urinário.

Foliculite, furunculose, impetigo, celulite infeciosa, pneumonia necrosante, osteomielite, endocardite infeciosa, síndrome do choque tóxico e até intoxicação alimentar. A lista das infeções que S. aureus pode provocar é interminável.

Tratada facilmente com vulgares antibióticos até há poucas décadas, as infeções hospitalares e na comunidade causadas por S. aureus multiresistentes a antibióticos aumentaram dramaticamente nos últimos 30 anos, sendo acompanhadas por um aumento de estirpes super-resistentes até mesmo aos antibióticos ditos de última geração. O tratamento é, por isso, difícil, moroso e frequentemente ineficaz.

"Estas estirpes são uma ameaça grave para a saúde pública", alerta Adelaide Almeida, investigadora do Centro de Estudos do Ambiente e do Mar (CESAM) e do Departamento de Biologia da UA e coordenadora do estudo que pode colocar um travão a esta bactéria. Este estudo resultado trabalho multidisciplinar de uma equipa de cientistas do CESAM e do Grupo de Química Orgânica, Produtos Naturais e Agroalimentares, duas das unidades de investigação da UA.

Terapia fotodinâmica é eficaz

O género Staphylococcus contém pelo menos 49 espécies, várias das quais são altamente importantes clinicamente, para a indústria alimentar, para agricultura e economia. A mais patogénica dessas espécies é S. aureus.

Esta espécie, explica Adelaide Almeida, "está amplamente distribuída no ambiente, pode residir na pele e nas mucosas dos seres humanos e animais". Nos seres humanos, "as narinas são os principais nichos ecológicos de S. aureus - a transmissão ocorre principalmente através das mãos quando estas tocam superfícies contaminadas embora outros locais, como a pele, a área perineal, a faringe, o trato gastrointestinal, a vagina e as axilas também podem ser colonizadas, podendo também funcionar como focos de transmissão".

Com sucesso, a equipa de químicos e biólogos da UA constituída por Adelaide Almeida, Amparo Faustino, Maria da Graça Neves, Tatiana Branco, Cristina Dias, Nuno Moura, Cristina Dias, Vânia Jesus, Ana Peixoto e Nádia Valério, testou in vitro e na pele a terapia fotodinâmica, por si só ou combinada com antibióticos, para inativar esta bactéria.

"Os resultados mostraram que a terapia fotodinâmica, usada já vulgarmente para tratar, por exemplo,

o acne, é uma abordagem eficaz para controlar a infeção por S. aureus na pele, inativando a bactéria eficazmente após três ciclos sucessivos de tratamento com luz e sem adição de antibióticos entre ciclos, ou após um ciclo usando a ação combinada da terapia com o antibiótico ampicilina", congratula-se Adelaide Almeida.

"Embora seja bem-sabido que o uso de grandes quantidades de antibióticos na prática clínica é indesejável devido ao aparecimento de estirpes resistentes a antibióticos, pouco esforço tem sido feito para usar a terapia fotodinâmica para potencializar a eficácia antibiótica ou, alternativamente, usar antibióticos para melhorar o efeito desta terapia", explica a bióloga.

A avaliação deste efeito combinado foi realizada pela equipa da UA em pele de suíno, considerada um bom modelo de teste para a pele humana, devido às semelhanças das suas propriedades histológicas, fisiológicas e imunológicas.

1 de Abril de 2019

CISION

máxima

ID: 79687732

01-04-2019

Meio: Imprensa
País: Portugal
Period.: Mensal
Âmbito: Femininas e Moda

Pág: 14
Cores: Cor
Área: 20,51 x 26,70 cm²
Corte: 1 de 2



Polaroid de Lee Radziwill tirada por Andy Warhol, em 1972.

OS CANTOS DOS CISNES

CANTO I

Eram seis mulheres belas, ricas, extremamente elegantes e bem vestidas. Foram as amigas e as confidentes, os famosos "swans", de Truman Capote, assim designadas pelo autor de A Sangue Frio devido ao encanto, delicadeza, garbo e porte altivo que faziam evocar os cisnes. Formaram com o escritor um círculo íntimo e impenetrável até à data em que Capote teve a desdita de sob pseudónimos, facilmente identificáveis, ter contado as confidências que delas ouviu, o que delas sabia e tudo o mais que tinha visto, conhecido e aprendido com as mesmas e não apenas, em excertos publicados na revista Esquire, entre 1975 e 1976, com o título Answered Prayers. Eram partes de um livro* que Truman Capote considerava ser a sua obra-prima e que seria publicado incompleto após a morte do escritor, em 1986, sendo uma das sátiras que mais me apraz reler, sobretudo o terceiro e mais "picante" capítulo, La Côte Basque, passado no famoso restaurante nova-iorquino. Com o repúdio e o ostracismo que as ex-amigas, as outras socialites e os glitterati lhe dedicaram, Capote acabou por inventar um novo género artístico: o suicídio social. Os "cisnes" Barbara 'Babe' Paley, Nancy 'Slim' Keith, Lucy 'C.Z.' Guest, Gloria Guinness, Lee Radziwill e Marella Agnelli nasceram nas primeiras duas décadas do século XX e foram abandonando este mundo a partir dos anos de 1970, sendo Radziwill, a irmã mais nova de Jacqueline Kennedy Onassis e ex-mulher do príncipe Stanislas Radziwill, e Agnelli, a viúva do magnata da Fiat, Gianni Agnelli, e a matriarca do clã com o mesmo apelido, as mais resistentes, tendo ambas desaparecido em fevereiro último. Com elas e com outras Grandes Dames, também desaparecidas, põe-se um final a essa designação social elitista e a uma era de glamour e de sonho dourado alicerçada nas suas roupas únicas de alta-costura, joias deslumbrantes, casas e mansões arrebatadoras, e vidas de privilégio. Entre os anos 50 e 70, elas consubstanciaram o sonho de muitas mulheres comuns que desejavam poder aceder àquele tipo de vida exclusiva em épocas em que a luta pela igualdade entre os sexos se incendiava e nas quais se pretendia continuar a remeter a mulher apenas aos domínios do homem, da casa e da família. Femmes du monde, como as descreviam e como elas gostavam de se definir, integravam um grupo restrito de mulheres afortunadas que foram retratadas pelos maiores fotógrafos e que eram publicitadas nas revistas de mundanidades e de moda, quer nos bailes e nas festas sumptuosas que ofereciam aos happy few, quer nas temporadas quentes em Mustique ou nas férias de neve em St. Moritz. Se com os dois últimos "cisnes" de Capote termina uma era dourada, também com eles finda um estilo de vida que hoje não faz sentido. Eram, no fundo, mulheres supérfluas, cuja importância e riqueza provinham dos casamentos e que nunca contribuíram para o bem comum, ao contrário de Grace Kelly, enquanto Princesa do Mónaco, ou de Audrey Hepburn, as quais deram o nome, o prestígio e o vigor em prol da UNESCO e das crianças desfavorecidas de todo o mundo. Eram mulheres também belas, elegantes e ricas, com a diferença de serem conhecidas por carreiras profissionais brilhantes. Outras mulheres foram e são exemplos de humanismo e de defesa dos direitos civis, tais como Diana Spencer, Angelina Jolie, Amal Clooney ou Oprah Winfrey, entre outras. Ainda assim, reconheçamos o legado de sofisticação que as socialites de outrora deixaram face ao que vemos hoje, quando o refinamento é trocado pela riqueza, o chique pelo novo-riquismo, a exclusividade pela mundanidade e o bom gosto pela quase vulgaridade.

CANTO II

As mulheres com vidas de privilégio que se destacaram ao longo do século passado foram ícones de elegância e muito

CISION

máxima

ID: 79687732

01-04-2019

Meio: Imprensa
País: Portugal
Period.: Mensal
Âmbito: Femininas e Moda

Pág: 16
Cores: Cor
Área: 20,47 x 26,36 cm²
Corte: 2 de 2

o devem às roupas que vestiram. Todas podiam ter acesso às criações de moda mais especiais, nomeadamente as de Karl Lagerfeld que nem sempre foi generoso na apreciação que fez de algumas delas. Dou um exemplo: "Uma das mulheres mais elegantes do século XX foi Mrs. [Gloria] Guinness, uma mexicana com um passado algo sombrio, a qual todas as mulheres que sonhavam com Rolls [Royce] e com vestidos Balenciaga queriam imitar. A sua estrutura óssea era incomparável e a sua elegância evidente, desde que não abrisse a boca. Mesmo se ela parecia o Drácula no final da vida, uma musa como Mona Bismarck era fisicamente notável com os seus olhos turquesa e com os seus cabelos brancos, aos 30 anos. Um verdadeiro cisne. Pelo contrário, Jacqueline Delubac não era chique sempre que dizia 'Nós, as femmes du monde', uma frase que anula a elegância." Foi com um choque aguardado que recebi a notícia da morte do "kaiser" Lagerfeld. Também com ele ameaça terminar uma era de glória na Moda, pois ainda estão vivos Valentino Garavani e Giorgio Armani, entre escassíssimos outros. Só por viva ignorância sobre o talento mágico e a carreira esplendorosa (50 anos na moda e 35 anos à frente da criatividade na Casa Chanel, por exemplo) ou por um desconhecimento, hoje injustificado e provinciano, acerca da importância da Moda, se pode desdenhar da quase genialidade e da capacidade de trabalho de Lagerfeld. A Máxima presta-lhe uma homenagem póstuma dedicando-lhe um artigo neste número. Eu espero que a sucessora que nomeou, Virginie Viard, "braço direito" do designer ao longo de três décadas, consiga respeitar o legado de Gabrielle Chanel e a (r)evolução que Lagerfeld lhe imprimiu, ao contrário do que está a acontecer em casas de moda históricas. O rei morreu. Viva a rainha.

CANTO III

Foi com emoção que vi encerrar, em Lisboa, a pioneira e única grande loja de revistas e de jornais, em Portugal, a Sunrise Press. Mais conhecida por Tema, a sua designação inicial, disponibilizava milhares de títulos nacionais e internacionais e foi lá que comprei o primeiro número da Máxima como uma oferta à minha mãe, em setembro de 1988, tendo eu sido um cliente fidelíssimo desse espaço ao longo de três décadas. Acreditem que muito do que modestamente sei fazer em revistas é resultado da aprendizagem do que li e reli e do que vi e revi nas centenas de publicações que lá comprei, durante 30 anos. Foi um dos melhores investimentos que fiz para a minha vida profissional. Fecha esse espaço icónico por falta de clientes. E talvez também, na minha simples opinião, por um retorno à falta de hábitos de leitura dos portugueses, por um rebaixamento na exigência, pelo rescaldo da crise económica, pela falta de originalidade de muitos títulos e pela devastadora concorrência do online e dos sites desses mesmos títulos. A propósito desse fecho, Miguel Esteves Cardoso titulou na sua crónica do Público, de 27 de fevereiro último: "Escândalo cultural." Eu acrescentaria que àquele nível se viveu um "retrocesso civilizacional". Mas face a salas de cinema que fecham, a companhias de dança e de teatro que se extinguem, a editoras que não sobrevivem e à Cultura que já nem sequer tem um ministério, para eu não entrar em mais pormenores, o fecho do meu pequeno "templo" de revistas parece-me ser um mal menor.

> O impulso vivido no país contra a violência doméstica não pode voltar a entorpecer, tal como ameaça suceder com o #MeToo.

CANTO IV

Como cidadão e também como defensor dos direitos das mulheres, eu participei na manifestação, no Terreiro do Paço, contra a violência exercida nas mulheres, designadamente a doméstica. Independentemente de quem a convocou, das características e do modo como decorreu o protesto, e da presença do primeiro-ministro, eu envergonhar-me-ia de não o ter feito, sobretudo como diretor de uma revista feminina que alicerça o seu perfil editorial na defesa das mulheres e na dignificação da condição feminina. Este impulso vivido no país contra a violência doméstica, que redespertou consciências e a nossa sociedade, não pode voltar a entorpecer, tal como ameaça suceder com o movimento #MeToo e congéneres. Que seja um contributo válido para o "canto do cisne" de um Portugal machista.

(EN)CANTO

Esta parte final não tem um (desen)canto. Tem um lado extremamente positivo. Na companhia de Rita Lúcio Martins, editora executiva da Máxima, eu assisti à entrega a quatro jovens cientistas portuguesas das Medalhas de Honra da L'Oréal Portugal para as Mulheres na Ciência que celebrou a sua 15.ª edição consecutiva. No ato realizado em fevereiro passado, no Pavilhão do Conhecimento – Centro Ciência Viva, foram distinguidas Patrícia Costa Reis, pediatra no Hospital de Santa Maria e professora na Faculdade de Medicina da Universidade de Lisboa, Joana Cabral, investigadora no Instituto de Investigação em Ciências da Vida e Saúde (ICVS), da Universidade do Minho, Joana Caldeira, investigadora no Instituto de Investigação e Inovação em Saúde (i3S/INEB), da Universidade do Porto, e Diana Madeira, investigadora no CESAM/ECOMARE, da Universidade de Aveiro, devido às investigações, respetivamente, sobre lúpus, discos intervertebrais, redes cerebrais e vida nos oceanos. Fica a promessa de aprofundarmos o tema num próximo número. A dignidade da cerimónia informal e o elevado nível das cientistas distinguidas, das investigações galardoadas e das intervenientes que discursaram renovou-me a fé numa nova era para Portugal. Porque para socialites, frugalidades e afins é suficiente o que se vê no estrangeiro.

*Súplicas Atendidas (D. Quixote)

Manuel Dias Coelho

CISION

ID: 79765456

PCGUIA

01-04-2019

Meio: Imprensa
País: Portugal
Period.: Mensal
Âmbito: Tecnologias de Infor.

Pág: 12
Cores: Cor
Área: 11,89 x 14,06 cm²
Corte: 1 de 1



PORTUGUESES DESCOBREM QUE ALFACE-DO-MAR CONSEGUE LIMPAR ÁGUAS CONTAMINADAS

Uma equipa de investigadores da Universidade de Aveiro (UA) descobriu que a alface-do-mar, uma alga bastante comum, consegue "filtrar" elementos potencialmente tóxicos e, por isso, poderá ser usada como solução para limpar águas contaminadas pela indústria e pelo consumo doméstico. A grande capacidade de limpeza da alface-do-mar é explicada pela sorção, um processo através do qual a alface-do-mar «consegue incorporar os contaminantes nos seus tecidos», explicou Bruno Henriques, o investigador do Centro de Estudos do Ambiente e do Mar (CESAM) e do Departamento de Química (DQ) da UA. O investigador garante mesmo que a alga tem uma taxa de sucesso de limpeza «superior» à de outros materiais, quer naturais, quer sintéticos, que existem actualmente. «Os resultados alcançados com a alga que temos testado para remover da água, entre outros elementos, arsénio, mercúrio, cádmio e chumbo, é muito elevada», indicou o responsável. Além da remoção dos elementos tóxicos, o estudo revelou que as alfaces-do-mar permitem também reduzir o teor de fosfatos e nitratos da água. MAFALDA FREIRE



CISION

prevenir* A REVISTA LÍDER EM SAÚDE

ID: 79614086

01-04-2019

Meio: Imprensa
País: Portugal
Period.: Mensal
Âmbito: Saúde e Educação

Pág: 8
Cores: Cor
Área: 15,73 x 20,56 cm²
Corte: 1 de 1

MEDALHAS DE HONRA L'ORÉAL PORTUGAL

DISTINGUIDAS MULHERES NA CIÊNCIA

A 15.ª edição da iniciativa Medalhas de Honra L'Oréal Portugal para as Mulheres na Ciência premiou três projetos de investigação na área da saúde e um no setor do ambiente. Selecionadas entre mais de 70 candidaturas por um júri científico presidido por Alexandre Quintanilha, cada vencedora vai receber 15 mil euros com o intuito de «apoiá-la na sua pesquisa e motivá-la a prosseguir estudos relevantes nas áreas da saúde e ambiente, assim como inspirar uma ciência e uma sociedade mais inclusiva e equitativa», refere o comunicado oficial.



DIANA MADEIRA

Alterações climáticas e poluição

O estudo da investigadora do CESAM/ECOMARE, da Universidade de Aveiro, visa conhecer «os mecanismos moleculares e celulares que os invertebrados marinhos induzem para responder» face às alterações climáticas e à poluição «e de que forma estes mecanismos estão relacionados com parâmetros como a sua capacidade de sobrevivência e o seu sucesso reprodutivo», refere o comunicado. A investigação «permitirá conhecer a sua vulnerabilidade às alterações globais e o porquê dessa vulnerabilidade, e descobrir quais os mecanismos de plasticidade que alguns conseguem desenvolver ao longo de gerações para melhor sobreviverem e se reproduzirem».

*** Futuro**

As conclusões poderão ajudar «a melhorar a gestão dos recursos marinhos e a sustentabilidade dos oceanos» a longo prazo.



JOANA CABRAL

Atividade cerebral

A investigadora do Instituto de Investigação em Ciências da Vida e Saúde, da Universidade do Minho, «acredita que a matemática, com os seus princípios universais, conseguirá fornecer um modelo teórico unificador e capaz de representar os mecanismos biofísicos que governam a atividade cerebral», lê-se no comunicado. Segundo Joana Cabral, «continuamos sem saber como se organiza a atividade conjunta de milhares de neurónios, através da qual se formam os padrões que estão, em última análise, na origem dos nossos comportamentos», mas sabe-se que «o nosso cérebro está organizado em redes funcionais, ou seja, há zonas distantes do cérebro que se ativam em simultâneo e de forma recorrente».

*** Futuro**

Estas redes funcionais estão «alteradas em indivíduos com diferentes doenças neurológicas e psiquiátricas, pelo que percebê-las poderá vir a ter um impacto» na sua compreensão.



JOANA CALDEIRA

Regeneração dos discos intervertebrais

A investigadora do i3S Instituto de Investigação e Inovação em Saúde, Universidade do Porto, vai utilizar a tecnologia de edição genética CRISPR (CRISPR/Cas9) para a regeneração dos discos intervertebrais. Segundo Joana Caldeira, «com esta tecnologia revolucionária poderemos criar uma envolvente acolhedora para as células estaminais utilizadas nas terapias de regeneração do disco, o que promoverá o seu alojamento e sobrevivência no local pretendido». A dor lombar causada pela degeneração dos discos intervertebrais tem um pesado impacto socioeconómico, pelo que «um tratamento eficaz nesta área permitiria beneficiar milhões de pessoas».

*** Futuro**

A iniciativa poderá traduzir-se «na melhoria das já promissoras terapias com células estaminais e abrirá portas para a primeira terapia regenerativa do disco intervertebral baseada na tecnologia CRISPR».



PATRÍCIA COSTA REIS

Lúpus e microbioma

«Será que os doentes com lúpus têm uma maior permeabilidade do intestino, o que permite a passagem das bactérias aí existentes para o sangue, levando à ativação crónica do sistema imunitário?». A pergunta dá o mote ao trabalho de Patrícia Costa Reis, do Instituto de Medicina Molecular. As suas conclusões poderão não só ajudar a desenvolver «novas formas de tratamento mais eficazes e com menos efeitos adversos» como levar-nos a «re-equacionar a forma como pensamos na autoimunidade» e conduzir a «a novos estudos noutras doenças deste foro», defende Patrícia Costa Reis.

*** Futuro**

«Este projeto poderá estabelecer as bases necessárias para novas estratégias terapêuticas, como antibióticos ou vacinas que alterem o microbioma, e, assim, controlem o sistema imunitário e a atividade da doença», indica o comunicado.

CISION

Mundo Português

41 anos a acreditar num projecto e a construir um ideal

ID: 79767664

29-03-2019

Meio: Imprensa
País: Portugal
Period.: Semanal
Âmbito: Outros Assuntos

Pág: 19
Cores: Cor
Área: 24,98 x 30,90 cm²
Corte: 1 de 2

NELA PODE ESTAR A SOLUÇÃO PARA LIMPAR ÁGUAS CONTAMINADAS PELA INDÚSTRIA

Universidade de Aveiro descobre que alga remove metais pesados de águas contaminadas

Chama-se alface-do-mar, pelas semelhanças com o vegetal comestível, mas é uma espécie vulgar de alga. E nela pode estar a solução para limpar águas contaminadas pela indústria e pelo consumo doméstico, descobriram agora investigadores da Universidade de Aveiro.

Uma equipa de investigadores da UA percebeu que esta alga "tem uma grande capacidade para remover elementos potencialmente tóxicos da água, a maior parte deles perigosos para a saúde humana e para o meio ambiente", explica a academia aveirense num comunicado enviado ao 'Mundo Português'.

O trabalho foi desenvolvido por uma equipa multidisciplinar da UA constituída por Bruno Henriques, Ana Teixeira, Paula Figueira, Joana Almeida e Eduarda Pereira (investigadores do DQ, do CESAM, do CICECO - Instituto de Materiais de Aveiro e do Laboratório Central de Análises), e com a cooperação da Universidade do Porto e do Instituto Nacional de Saúde Dr. Ricardo Jorge.



O trabalho foi desenvolvido por uma equipa multidisciplinar da UA com a cooperação da Universidade do Porto e do Instituto Nacional de Saúde Dr. Ricardo Jorge

Os investigadores testaram a alface-do-mar como removedor de elementos como arsénio, mercúrio, cádmio e chumbo, entre outros.

E descobriram que a remoção alcançada com a alga "é muito elevada", revela Bruno Henriques.

O investigador, do Centro de Estudos do Ambiente e do Mar (CESAM) e do Departamento de Química (DQ) da Academia de Aveiro, garante ainda que, comparativamente a outros materiais, naturais ou sintéticos, usados hoje correntemente para o mesmo efeito, a taxa de sucesso da alface-do-mar "é superior".

Os resultados levam os investigadores a acreditar que estas algas "são uma alternativa eficiente, pois removem percentagens elevadas de contaminantes num período curto de tempo

CULTIVO EM LOCAIS CONTAMINADOS

Os resultados levam os investigadores a acreditar que estas algas "são uma alternativa eficiente, pois removem percentagens elevadas de contaminantes num período curto de tempo, a metodologia é económica e mais ecológica do que os métodos 'clássicos' para a remoção destes elementos, que são menos eficazes e, muitas vezes, mais caros, o que se traduz em baixo custo-benefício".

O estudo da Universidade de Aveiro indica que cada grama de alga consegue remover em simultâneo 120 microgramas de mercúrio, 160 microgramas de cádmio, 980 microgramas de chumbo, 480 microgramas de crómio, 660 microgramas de níquel, 550 microgramas de arsénio, 370 microgramas de cobre e 2000 microgramas de manganês, informa o comunicado divulgado pela universidade.

Bruno Henriques explica que estes elementos químicos, apesar de se denominarem de 'clássicos', continuam a ser atualmente "muito usados por várias indústrias e a sua presença no ambiente causa impactos negativos, tais como toxicidade, observada mesmo para concentrações muito baixas".

Outros problemas associados a estes elementos "estão relacionados com o seu carater persistente no ambiente e facilidade em se bioacumularem nos tecidos dos organismos", diz ainda.

A capacidade de 'limpeza' desta alga está na sorção, processo através do qual a alface-do-mar consegue incorporar nos seus tecidos, os elementos contaminantes.

O rápido crescimento destas algas "contribui para que se consigam remover os contaminantes em cada vez maior quantidade, pois o crescimento da alga aumenta o número de locais de superfície aos quais estes elementos tóxicos se podem ligar", congratula-se Bruno Henriques.

"As algas poderão ser utilizadas para diminuir a contaminação de locais muito afetados por descargas destes elementos, através da introdução da alga no local a descontaminar se as condições forem adequadas ao seu crescimento ou cultivando algas num outro local e transportando estas para os locais a serem descontaminados", defende o investigador.

Os investigadores asseguram que as alfaces-do-mar permitem ainda reduzir o teor de fosfatos e nitratos em águas e ao usarem dióxido de carbono como fonte de carbono, ajudam reduzir a pegada de carbono.

CISION

Mundo Português

41 anos a acreditar num projecto e a construir um ideal

ID: 79767664

29-03-2019

Meio: Imprensa
País: Portugal
Period.: Semanal
Âmbito: Outros Assuntos

Pág: 1
Cores: Cor
Área: 7,72 x 5,97 cm²
Corte: 2 de 2





Miranda do Douro p.4

Douro vai ter um "guia de rio" para navegar em canoa



Vila de Rei p.9

Passadiços do Penedo Furado já recebem pessoas



Ílhavo p.10

WinterCEmp reúne 80 participantes a discutir a Europa

O EMIGRANTE

Mundo PORTUGUÊS

desde 1970

Edição 2009
1,20 Euro
29 de março de 2019
a 4 de abril de 2019

Diretor: Maria da Conceição Granado de Almeida
www.mundoportugues.pt
redaccao@mundoportugues.pt

PUB



TAP AIR PORTUGAL

MOÇAMBIQUE: CICLONE IDAI PROVOCA CENTENAS DE MORTOS E MILHARES DE DESALOJADOS...

AINDA HÁ PORTUGUESES INCONTACTÁVEIS

p.2 e 3



THORAILLES - FRANÇA p.13

Placa de mérito para a Presidente da Câmara Nathalie Lucas



p.14

PORTUGUÊS EM FRANÇA

Governo quer "sensibilizar" França para não discriminar ensino da língua portuguesa

SELECÇÃO NACIONAL p.22 e 23

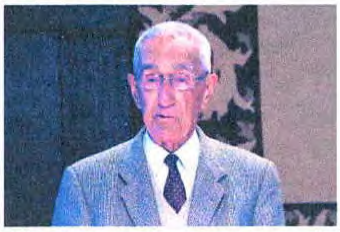


39 estreias com Fernando Santos

UMA CONFERÊNCIA DO NOSSO COLABORADOR VASCO CALLIXTO

A aviação na Amadora há 100 anos

O Instituto Bartolomeu de Gusmão foi pequeno para acolher todos os que quiseram assistir a esta magnífica conferência na Sociedade Histórica da Independência de Portugal, que acolhe aquele Instituto e foi proferida pelo decano jornalista e escritor Vasco Callixto.



p.26

FUNDAÇÃO GULBENKIAN

Evolução do cérebro humano é tema de exposição

NATIONAL GEOGRAPHIC SUMMIT p.18

"Mais tarde ou mais cedo o destino do plástico é o fundo do mar"



INVESTIGAÇÃO PORTUGUESA p. 19

Universidade de Aveiro descobre alga que remove metais pesados da água contaminada





PUB

Leia em Português todas as semanas com o Mundo Português

CISION

notícias do DOURO
APOJORNAIS
http://www.dodouro.com
http://www.dodouropress.pt

ID: 79794217

29-03-2019

Meio: Imprensa
País: Portugal
Period.: Semanal
Âmbito: Regional

Pág: 19
Cores: Cor
Área: 25,91 x 17,04 cm²
Corte: 1 de 1

Investigação da Universidade de Aveiro

Alfaces-do-mar removem metais pesados de águas contaminadas

Na vulgar alface-do-mar pode estar a solução para limpar águas contaminadas pela indústria e pelo consumo doméstico. Uma equipa de investigadores da Universidade de Aveiro (UA) descobriu que esta alga tem uma grande capacidade para remover elementos potencialmente tóxicos da água, a maior parte deles perigosos para a saúde humana e para o meio ambiente.

"A remoção alcançada com a alga que temos testado para remover da água, entre outros elementos, arsénio, mercúrio, cádmio e chumbo, é muito elevada", congratula-se Bruno Henriques, o investigador do Centro de Estudos do Ambiente e do Mar (CESAM) e do Departamento de Química (DQ) da Academia de Aveiro, que garante que, comparativamente a outros materiais, naturais ou sintéticos, usados hoje correntemente para o mesmo efeito, a taxa de sucesso da alface-do-mar "é superior".

Por isso, o investigador considera que "estas algas são uma alternativa eficiente, pois removem percentagens elevadas de contaminantes num período curto de tempo, a metodologia é económica e mais ecológica do que os métodos 'clássicos' para a remoção destes elementos, que são menos eficazes e, muitas vezes, mais caros, o que se traduz em baixo custo-benefício".

O estudo da UA indica que cada grama de alga consegue remover em simultâneo 120 microgramas de mercúrio, 160 microgramas de cádmio, 980 microgramas de chumbo, 480 microgramas de crómio, 660 microgramas de níquel, 550 microgramas de arsénio, 370 microgramas de cobre e 2000 microgramas de manganês.

Estes elementos químicos, explica o investigador, apesar de se denominarem de 'clássicos' continuam a ser atualmente "muito usados por várias indústrias e a sua presença no ambiente causa impactos negativos, tais como toxicidade, observada mesmo para concentrações muito baixas". Outros problemas associados a estes elementos "estão relacionados com o seu carater persistente no ambiente e facilidade em se bioacumularem nos tecidos dos organismos".

Algas cultivadas em locais contaminados

O segredo da grande capacidade de 'limpeza' pela alga explica-se através da sorção, processo através do qual a alface-do-mar consegue incorporar nos seus tecidos os contaminantes.

O rápido crescimento destas algas, congratula-se Bruno Henriques, "contribui para que se consigam remover os contaminantes em cada vez maior quantidade, pois o crescimento da alga aumenta o número de locais de superfície aos quais estes elementos tóxicos se podem ligar".

Assim, explica o investigador, "as algas poderão ser utilizadas para diminuir a contaminação de locais muito afetados por descargas destes elementos, através da introdução da alga no local a descontaminar se as condições forem adequadas ao seu crescimento ou cultivando algas num outro local e transportando estas para os locais a serem descontaminados".

Além da remoção dos elementos tóxicos, os investigadores da UA asseguram que as alfaces-do-mar permitem reduzir também o teor de fosfatos e nitratos em águas e ao usarem dióxido de carbono como fonte de carbono, permitem reduzir a pegada de carbono.

O trabalho foi desenvolvido por uma equipa multidisciplinar da UA constituída por Bruno Henriques, Ana Teixeira, Paula Figueira, Joana Almeida e Eduarda Pereira (investigadores do DQ, do CESAM, do CICECO - Instituto de Materiais de Aveiro e do Laboratório Central de Análises), e com a cooperação da Universidade do Porto e do Instituto Nacional de Saúde Dr. Ricardo Jorge.



Descoberta alga marinha capaz de limpar águas contaminadas - Público

Tipo Meio: Internet Data Publicação: 28/03/2019

Meio: Bola Online (A)

URL: https://www.abola.pt/Nnh/Noticias/Ver/780401

07:22

A alface-do-mar possui a capacidade de remover elementos tóxicos de águas contaminadas pelas actividades humanas. De rápido crescimento e acção, esta pode ser uma alternativa ecológica e sustentável para tentar travar os efeitos da poluição.

A alface-do-mar (Ulva lactuca) pode ser uma nova solução económica e sustentável para a descontaminação das águas. Com uma média de remoção de metais pesados - como o mercúrio, o crómio ou o chumbo - de 73%, esta alga de rápido crescimento utiliza ainda o dióxido de carbono como fonte de carbono, reduzindo a pegada ambiental. Este trabalho de investigação conduzido pela Universidade de Aveiro espera agora que esta espécie de alga marinha seja cultivada em várias massas de água afectadas por níveis elevados de contaminação.

"As algas são uma alternativa eficiente para a remoção destes elementos [tóxicos] pois levam a uma elevada diminuição da concentração dos contaminantes num período curto de tempo, sendo uma metodologia mais económica e mais ecológica que os métodos clássicos que são menos eficazes e mais caros", explica ao Público Bruno Henriques, investigador do Centro de Estudos do Ambiente e do Mar (CESAM) e do Departamento de Química da Universidade de Aveiro.

Redação

Descoberta alga marinha capaz de limpar águas contaminadas

Tipo Meio:	Internet	Data Publicação:	28/03/2019
Meio:	Público Online	Autores:	Margarida Coutinho

URL: http://www.pt.cision.com/s/?l=1c5bb5de

28 de Março de 2019, 6:52

A alface-do-mar possui a capacidade de remover elementos tóxicos de águas contaminadas pelas actividades humanas. De rápido crescimento e acção, esta pode ser uma alternativa ecológica e sustentável para tentar travar os efeitos da poluição.

Fotogaleria

Alface-do-mar (Ulva lactuca)

Bruno Henriques

Fotogaleria

Alface-do-mar (Ulva lactuca)

Bruno Henriques

A alface-do-mar (Ulva lactuca) pode ser uma nova solução económica e sustentável para a descontaminação das águas. Com uma média de remoção de metais pesados - como o mercúrio, o crómio ou o chumbo - de 73%, esta alga de rápido crescimento utiliza ainda o dióxido de carbono como fonte de carbono, reduzindo a pegada ambiental. Este trabalho de investigação conduzido pela Universidade de Aveiro espera agora que esta espécie de alga marinha seja cultivada em várias massas de água afectadas por níveis elevados de contaminação.

"As algas são uma alternativa eficiente para a remoção destes elementos [tóxicos] pois levam a uma elevada diminuição da concentração dos contaminantes num período curto de tempo, sendo uma metodologia mais económica e mais ecológica que os métodos clássicos que são menos eficazes e mais caros", explica ao PÚBLICO Bruno Henriques, investigador do Centro de Estudos do Ambiente e do Mar (CESAM) e do Departamento de Química da Universidade de Aveiro.

Alguns dos principais contaminantes das massas de água como lagos e rios são o mercúrio, um metal tóxico para a saúde humana ou o cádmio, presente em fertilizantes. Os resultados da remoção dos metais pesados conseguidos pela alga foram de "98% para o mercúrio, 87% para o chumbo, 86% para o cobre, 77% para o níquel, 74% para o manganês, 72% para o crómio, 56% para o cádmio e 48% para o arsénio", segundo o artigo científico publicado na revista Science of the Total Environment.

Uma alga com um "desempenho superior"

A alface-do-mar foi recolhida pela equipa multidisciplinar na Ria de Aveiro. Esta alga foi escolhida não só pelas suas já conhecidas capacidades de acumulação e tolerância aos metais pesados, mas também

devido à sua ampla distribuição, o seu rápido crescimento e a sua resistência a altos níveis de salinidade. Esta última competência permite alargar as zonas em que esta alga pode ser cultivada. "Torna possível a sua [alface-do-mar] utilização em efluentes que também têm na sua composição elevadas concentrações de vários iões sem que tal situação seja causadora de morte da alga ou diminua de forma relevante a sua capacidade de remover os contaminantes", nota o investigador português.

A sua capacidade de remover os metais pesados das águas contaminadas tem origem "num processo que envolve a adsorção, isto é, a ligação dos elementos potencialmente tóxicos presentes na água na superfície das algas, mas também a sua incorporação pela alga designada por absorção", contextualiza Bruno Henriques. Esta acção simultânea de adsorção e absorção permite a esta alga incorporar nos seus tecidos os elementos químicos das águas, libertando-as de toxidades.

Foto

Os investigadores Eduarda Pereira, Joana Almeida, Bruno Henriques e Paula Figueira
Universidade de Aveiro

Estes elementos perigosos para a saúde humana e para o meio ambiente continuam a poluir as águas através de actividades humanas como a produção energética, o uso de pesticidas e fertilizantes ou as indústrias metalúrgicas. No entanto, a alface-do-mar não é a única alga com a capacidade de limpar águas contaminadas. "A alga vermelha Gracilaria gracilis ou a alga castanha Fucus vesiculosus são também capazes de remover elementos potencialmente tóxicos das águas, embora a Ulva lactuca tenha apresentado desempenho superior", acrescenta o investigador da Universidade de Aveiro.
Cultivar para descontaminar

A equipa de investigação da Universidade de Aveiro, em cooperação com a Universidade do Porto e o Instituto Nacional de Saúde Doutor Ricardo Jorge, observou ainda os benefícios desta alga dada a sua rápida actuação - quase metade da remoção dos elementos químicos ocorre nas primeiras 12 horas depois de a alga ser depositada - e crescimento. O "rápido crescimento destas algas contribui para que consigam remover os contaminantes em cada vez maior quantidade pois o aumento de massa traduz-se num maior número de locais na superfície aos quais estes elementos se podem ligar", observa o investigador. Assim, a equipa de investigação pretende cultivar a alface-do-mar nas águas mais contaminadas.

Foto

A alga Ulva lactuca pode permitir uma limpeza eficaz e ecológica das águas contaminadas
Universidade de Aveiro

"As algas poderão ser cultivadas em locais muito afectados por descargas de elementos potencialmente tóxicos através da introdução da alga no local a descontaminar se as condições forem adequadas ao seu crescimento ou cultivando as algas num outro local e transportando estas para os locais a serem descontaminados", sugere Bruno Henriques. Apesar da baixa exigência nutricional desta alga marinha, para que se desenvolva é necessário existirem condições específicas como o acesso a luminosidade.

As vantagens desta alga não ficam por aqui: os investigadores asseguram que também permite reduzir o teor de fosfatos e nitratos nas águas e diminuir a pegada de carbono. Agora, os investigadores ambicionam estudar os mecanismos por detrás da captação e acumulação destes elementos pelas algas e alargar este estudo a outro tipo de contaminantes. O rápido crescimento e actuação desta macroalga podem permitir uma limpeza eficaz, ecológica e económica das águas contaminadas por todo o país.

Margarida Coutinho

CISION

ID: 79747798

Jornal da Bairrada

28-03-2019

Meio: Imprensa
País: Portugal
Period.: Semanal
Âmbito: Regional

Pág: 23
Cores: Cor
Área: 7,55 x 29,20 cm²
Corte: 1 de 1



Instituto de Educação e Cidadania IEC

A escola moderna

Mamarrosa • Oliveira do Bairro

(www.educacao-e-cidadania.pt)

Acontece no IEC

➔ Estágios científicos para alunos do ensino secundário

O Instituto de Educação e Cidadania (IEC), em parceria com o Núcleo IEC-ALUMNI Investigação, da Associação IEC-ALUMNI, organiza estágios científicos para alunos do ensino secundário em centros de investigação científica das universidades de Aveiro e Coimbra, e do Biocant Park, em Cantanhede.

Os estágios científicos ocorrem nas férias letivas da Páscoa, do verão e do Natal. Durante três dias, alunos do ensino secundário ficam inseridos em laboratórios de investigação científica, e acompanham de perto o trabalho de investigadores envolvidos em vários projetos de investigação, em diferentes áreas do conhecimento.

Estão abertas as candidaturas para os estágios científicos que vão ocorrer nas férias letivas da Páscoa, entre 8 e 10 de abril. Na Universidade de Aveiro, os alunos selecionados vão estagiar no Centro de Estudos do Ambiente e do Mar (CESAM). Na Universidade de Coimbra, vão estagiar no Centro de Ecologia Funcional (CFE), no Centro de Investigação em Antropologia e Saúde (CIAS), e no Centro de Neurociências e Biologia Celular (CNC). As despesas de deslocação e almoço são asseguradas pelo IEC, através do patrocínio de entidades da região.

Os alunos do ensino secundário podem formalizar as suas candidaturas, até ao dia 31 de março, através do preenchimento de um formulário eletrónico, disponível no site do IEC: http://www.educacao-e-cidadania.pt

➔ Curso Avançado "Biomedicina: Mitocôndria e Doenças"

O IEC organiza Cursos Avançados trimestrais para alunos e professores do ensino secundário que decorrem no IEC e nas escolas da região. Cada um destes cursos, com a duração de 10 semanas, uma sessão de três horas por semana, é assegurado por docentes e investigadores doutorados, que lecionam matérias que vão para além do currículo formal escolar.

No próximo trimestre (abril a junho) vai decorrer, no IEC, aos sábados, das 10h às 13h, um Curso Avançado de "Biomedicina: Mitocôndrias e Doenças". Os alunos e professores do ensino secundário podem formalizar as suas candidaturas, até ao dia 31 de março, presencialmente no IEC, ou também no site: http://www.educacao-e-cidadania.pt

➔ Conferências nas escolas promovidas pelo IEC

O IEC organiza um programa trimestral de conferências nas escolas. A primeira conferência do próximo trimestre é sobre "Os Desafios para a União Europeia na Fase Pós Brexit", proferida por António Portugal, da Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra, dia 2 de abril, às 10h30, na Escola Secundária de Adolfo Portela (ESAP), em Águeda.

Conheça o estranho caso da ave que ganha com as alterações climáticas

Tipo Meio: Internet Data Publicação: 27/03/2019

Meio: Wilder Online

URL: https://www.wilder.pt/historias/a-ave-que-ganha-com-as-alteracoes-climaticas/

Investigadores liderados pela Universidade de Aveiro descobriram que os maçaricos-de-bico-direito estão a beneficiar com a antecipação do calor

ShareTweet0shares
Uma equipa coordenada por um investigador da Universidade de Aveiro descobriu que os maçaricos-de-bico-direito (Limosa limosa) estão a beneficiar com a antecipação do período mais quente do ano.

Também conhecidas por milherangos, estas aves podem ser observadas em Portugal nos meses de Inverno, em estuários e zonas húmidas como a Ria de Aveiro e o Estuário do Sado.

Mas quando chega o tempo mais quente, partem para latitudes mais elevadas, como é o caso da Islândia, onde costumam nidificar.

Agora, um estudo publicado em Março na revista científica Ecology and Evolution, onde foi capa, revelou "que o aquecimento que se verifica nos territórios de nidificação - especialmente na Islândia, onde decorreu o estudo - e que está associado às alterações climáticas, tem provocado a antecipação das posturas desta espécie", indicou em comunicado a Universidade de Aveiro (UA).

Um dos maçaricos objecto do estudo coordenado pela Universidade de Aveiro. Foto: JAA

A equipa de cientistas foi coordenada por José Alves, investigador do Departamento de Biologia da UA e do Centro de Estudos do Ambiente e do Mar (CESAM).

Como estão a nascer mais cedo, os maçaricos acabam por ter mais tempo para se prepararam para as migrações, "originando um aumento do número de efectivos", concluiu o artigo agora publicado, no qual colaboraram também investigadores das universidades da Islândia e de East Anglia e Cambridge, estas duas últimas no Reino Unido.

Os cientistas analisaram os dados das temperaturas na Islândia desde 1845, onde as Primaveras com temperaturas acima da média têm acontecido cada vez mais nas últimas décadas. Ao mesmo tempo, o número de maçaricos-de-bico-direito na ilha tem estado a aumentar cada vez mais.

Análise de um ninho de maçarico encontrado na Islândia. Foto: UA

"No início do século XX, esta população reproduzia-se numa área restrita na costa sudoeste da Islândia e estima-se que compreendia apenas 5.000 indivíduos", explicou José Alves no comunicado. "O aumento da temperatura média desde então permitiu aos indivíduos nestes locais produzir descendência cada vez com maior sucesso, colonizando progressivamente praticamente toda a área costeira do país".

Hoje em dia, calcula-se que o número destas aves aumentou para mais de 50.000 em todo o território islandês, referiu também o investigador da UA.

Conclusão? "O benefício retirado do aquecimento é algo expectável para uma população que se encontra no limite norte da sua área de distribuição e potencialmente limitada pelas baixas temperaturas que ocorrem a estas latitudes."

Ainda assim, ressalvou, muitas espécies não têm as mesmas capacidades de adaptação às alterações climáticas, tendo em conta por exemplo os impactos nos insectos de que se alimentam e que dão a comer às suas crias. "Devemos, por isso, continuar e aprofundar os esforços na redução das emissões de carbono e na minimização do aquecimento global", sublinhou o cientista português.

2019-03-27 17:48:00+00:00

CISION

Atlântico Expresso

ID: 79692372

25-03-2019

Meio: Imprensa
País: Portugal
Period.: Semanal
Âmbito: Regional

Pág: 11
Cores: Preto e Branco
Área: 18,11 x 33,40 cm²
Corte: 1 de 2



Investigação da Universidade de Aveiro

Alfaces-do-mar removem metais pesados de águas contaminadas



Na vulgar alface-do-mar pode estar a solução para limpar águas contaminadas pela indústria e pelo consumo doméstico. Uma equipa de investigadores da Universidade de Aveiro (UA) descobriu que esta alga tem uma grande capacidade para remover elementos potencialmente tóxicos da água, a maior parte deles perigosos para a saúde humana e para o meio ambiente.

"A remoção alcançada com a alga que temos testado para remover da água, entre outros elementos, arsénio, mercúrio, cádmio e chumbo, é muito elevada", congratula-se Bruno Henriques, o investigador do Centro de Estudos do Ambiente e do Mar (CESAM) e do Departamento de Química (DQ) da Academia de Aveiro, que garante que, comparativamente a outros materiais, naturais ou sintéticos, usados hoje correntemente para o mesmo efeito, a taxa de sucesso da alface-do-mar "é superior".

Por isso, o investigador considera que "estas algas são uma alternativa eficiente, pois removem percentagens elevadas de contaminantes num período curto de tempo, a metodologia é económica e mais ecológica do que os métodos 'clássicos' para a remoção destes elementos, que são menos eficazes e, muitas vezes, mais caros, o que se traduz em baixo custo-benefício".

O estudo da UA indica que cada grama de alga consegue remover em simultâneo 120 microgramas de mercúrio, 160 microgramas de cádmio, 980 microgramas de chumbo, 480 microgramas de crómio, 660 microgramas de níquel, 550 microgramas de arsénio, 370 microgramas de cobre e 2000 microgramas de manganês.

Estes elementos químicos, explica o investigador, apesar de se denominarem de 'clássicos' continuam a ser atualmente "muito usados por várias indústrias e a sua presença no ambiente causa impactos negativos, tais como



toxicidade, observada mesmo para concentrações muito baixas". Outros problemas associados a estes elementos "estão relacionados com o seu carater persistente no ambiente e facilidade em se bioacumularem nos tecidos dos organismos".

Algas cultivadas em locais contaminados

O segredo da grande capacidade de 'limpeza' pela alga explica-se através da sorção, processo através do qual a alface-do-mar consegue incorporar nos seus tecidos os contaminantes. O rápido crescimento destas algas, congratula-se Bruno Henriques, "contribui para que se consigam remover os contaminantes em cada vez maior quantidade, pois o crescimento da alga aumenta o número de locais de superfície aos quais estes elementos tóxicos se podem ligar".

Assim, explica o investigador, "as algas poderão ser utilizadas para diminuir a contaminação de locais muito afetados por descargas destes elementos, através da introdução da alga no local a descontaminar se as condições forem adequadas ao seu crescimento ou cultivando algas num outro local e transportando estas para os locais a serem descontaminados".

Além da remoção dos elementos tóxicos, os investigadores da UA asseguram que as alfaces-do-mar permitem reduzir também o teor de fosfatos e nitratos em águas e ao usarem dióxido de carbono como fonte de carbono, permitem reduzir a pegada de carbono.

O trabalho foi desenvolvido por uma equipa multidisciplinar da UA constituída por Bruno Henriques, Ana Teixeira, Paula Figueira, Joana Almeida e Eduarda Pereira (investigadores do DQ, do CESAM, do CICECO - Instituto de Materiais de Aveiro e do Laboratório Central de Análises), e com a cooperação da Universidade do Porto e do Instituto Nacional de Saúde Dr. Ricardo Jorge.

CISION

Atlântico Expresso

ID: 79692372

25-03-2019

Meio: Imprensa
País: Portugal
Period.: Semanal
Âmbito: Regional

Pág: 1
Cores: Cor
Área: 7,86 x 7,64 cm²
Corte: 2 de 2



Atlântico Expresso

Fundado por Victor Cruz - Director: Américo Natalino de Viveiros - Director-Adjunto: Santos Narciso - 25 de Março de 2019 - Ano: XXXII - N.º 1705 - Preço: 0,90 Euros - Semanário

Nota de Abertura

Para além do Centralismo…

Não pode passar sem uma palavra de comentário a afirmação de Mota Amaral sobre a atitude política de Rui Rio, considerando-a "não uma traição, mas uma incompreensão". O sentido de Estado a que Mota Amaral sempre nos habituou na sua longa carreira política leva a que, em vez de terçar armas de luta partidária, encaminhemos este momento de desaire do PSD nacional e regional para uma profunda reflexão sobre os Açores e a sua Autonomia.

A "incompreensão" manifestada por Rui Rio tem raízes muito mais profundas e assenta no centralismo de uma Nação que ainda não conseguiu perder os tiques de império e de colonialismo. A própria justificação dada e que aponta para o tratamento das Regiões Autónomas ao mesmo nível das Regiões Administrativas do Continente português prova isto mesmo. Lisboa – e entenda-se Lisboa como o cérebro político do País – ainda não entendeu que Portugal é um país unitário, com duas Regiões Autónomas. Não há um Portugal com "Uma Autonomia dividida por dois arquipélagos". E por isso mesmo é "peregrina"" e maldosa a ideia do PSD nacional de "inventar" uma representação "única" das Autonomias, seja em que instituição ou acontecimento for, sob pena de perda de identidade dos Açores e da Madeira, o que poderia levar, por exemplo, a que, em futura revisão constitucional, em vez de se acabar com a figura de Representante da República, se criasse uma que fosse comum às duas Regiões, do tipo "inspector das Autonomias". São caminhos perigosos para os quais temos de estar atentos. E nenhum partido pode hoje dar-se como exemplo, porque o que aconteceu agora ao PSD já aconteceu ao PS dos Açores que durante anos não teve representante em Estrasburgo. E poderá acontecer, no futuro, porque, enquanto não houver na Autonomia o passo que falta que é o da criação de Partidos regionais, vamos andar sempre ao sabor dos ventos e das opiniões mais ou menos centralistas dos partidos nacionais.

A força da Autonomia, ou melhor, a fraqueza da Autonomia, neste momento, mede-se pela demora, pela moleza e pela pobreza da forma como se está a processar o estudo sobre a sua renovação, com uma CEVERA (Comissão Eventual para a Reforma da Autonomia) que, a não ser forte e com consensos generalizados, esbarrará na falta de vontade nacional de se proceder à alteração constitucional que será necessária. E isto porquê? Essencialmente porque, acomodados ao lugares e atreitos ao carreirismo político que está a tornar-se quase dinástico, não interessa "mexer muito" no status existente enquanto der "pão para os próprios e circo para os outros".

Longe vão os tempos do sonho político de afirmação da identidade e da autodeterminação das ilhas. Criada a nova casta política, o sonho deu lugar aos interesses e todos estamos a ver no que está a dar.

Resta agora esperar, no caso concreto do PSD, qual será a resposta do eleitorado açoriano. E tudo dependerá da forma como os eleitores social-democratas souberem distinguir os próximos actos eleitorais. Nas Europeias, a resposta deverá ser o voto naqueles partidos que apontaram um candidato dos Açores na sua lista; nas próximas Legislativas, das quais sai depois a indigitação do Primeiro-Ministro, e mesmo com o risco de diminuição de deputados-laranja dos Açores no hemiciclo de São Bento, aí deverá ser a hora de Rui Rio receber uma histórica lição dos açorianos. Mas para isso é preciso que não se apaguem os efeitos da ferida agora aberta. É preciso não esquecer que Cavaco Silva, o político, governante e presidente mais anti-autonomista que existiu até hoje, nunca perdeu uma eleição nos Açores. É sintomático. Estaremos atentos para ver o que acontecerá relativamente a Rio e àquilo que ele representa em termos de visão da Autonomia Regional. E, para Gaudêncio, se conseguir resistir ao embate destes desnecessários desaires, fruto de imaturidade e imprudência, a resposta do eleitorado social-democrata deverá ser dada nas Regionais de 2020, porque aí "jogamos em casa" e o que está em causa é o julgamento político da actual governação e a aposta na alternância democrática que tanta falta está a fazer.

Santos Narciso

Possibilidade de dar a conhecer os produtos de excelência

"O Turismo não vai substituir no futuro a Agricultura nos Açores", advoga Cabral Vieira



O economista e professor da Universidade dos Açores, José Cabral Vieira, entende que o turismo será uma actividade que irá crescer nos próximos anos nos Açores. É uma actividade que tem grandes vantagens, que emprega muita mão-de-obra feminina também. No passado, as açorianas eram domésticas, veio o 25 de Abril, a Autonomia, e a administração pública absorveu um conjunto muito significativo de mulheres, com níveis de habilitações completamente diferentes. Também é de opinião que os Açores têm uma dependência de um conjunto limitado de produtos. Um deles é, necessariamente, a produção de leite que não pode ser posto em causa por poder colocar em causa a própria economia da Região.

pág. 3



Posição de Eduardo Ferraz da Rosa, em entrevista

Ditames internacionais e evasivas nacionais cruzam-se novamente sobre as Lajes

Pags.8 e 9

Investigação pode servir a Região

Alfaces-do-mar removem metais pesados de águas contaminadas



pág11

Para criação de Centro de Ecoterapia

Núcleo Regional dos Açores celebra protocolo no Pinhal da Paz



pág.7

Museu Francisco Lacerda com várias iniciativas

"A promoção do livro e da leitura tem de ser um objectivo primordial da política cultural", afirma Rui Moreira

pág.4-5

No Canadá

Emigrantes organizam festa de recolha de fundos para obras na paróquia dos Fenais da Luz



pág.15

Emigração açoriana para o Brasil romanceada em livro pelo jornalista Carlos Tomé

pág.6

CISION

Diário de Aveiro

ID: 79687056

25-03-2019

Meio: Imprensa
País: Portugal
Period.: Diária
Âmbito: Regional

Pág: 6
Cores: Cor
Área: 17,67 x 22,62 cm²
Corte: 1 de 1

Alfaces-do-mar conseguem limpar águas contaminadas

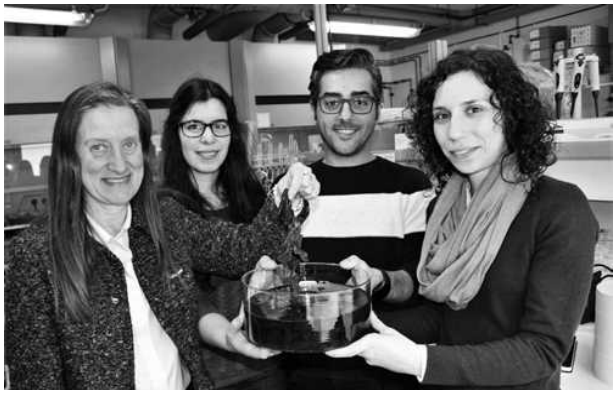
UA Investigação concluiu que esta alga tem uma grande capacidade para remover elementos potencialmente tóxicos da água

A alface-do-mar pode ser a solução para limpar águas contaminadas pela indústria e pelo consumo doméstico. A conclusão é de uma equipa de investigadores da Universidade de Aveiro (UA), que descobriu que esta alga tem uma grande capacidade para remover elementos potencialmente tóxicos da água, a maior parte deles perigosos para a saúde humana e para o meio ambiente.

"A remoção alcançada com a alga que temos testado para remover da água, entre outros elementos, arsénio, mercúrio, cádmio e chumbo, é muito elevada", congratula-se Bruno Henriques, investigador do Centro de Estudos do Ambiente e do Mar (CESAM) e do Departamento de Química (DQ), que garante que, comparativamente a outros materiais usados hoje para o mesmo efeito, a taxa de sucesso da alface-do-mar "é superior".

Por isso, o investigador considera que "estas algas são uma alternativa eficiente, pois removem percentagens elevadas de contaminantes num período curto de tempo, a metodologia é económica e mais ecológica do que os métodos 'clássicos', que são menos eficazes e, muitas vezes, mais caros, o que se traduz em baixo custo-benefício".

D.R.



Os investigadores que desenvolveram o trabalho

O estudo da UA indica que cada grama de alga consegue remover, em simultâneo, 120 microgramas de mercúrio, 160 microgramas de cádmio, 980 microgramas de chumbo, 480 microgramas de crómio, 660 microgramas de níquel, 550 microgramas de arsénio, 370 microgramas de cobre e 2.000 microgramas de manganês.

Cultivar estas algas em locais contaminados

Estes elementos químicos, explica o investigador, continuam a ser "muito usados por várias indústrias e a sua presença no ambiente causa toxicidade". Outros problemas associados a estes elementos "estão relacionados com o seu carácter persistente no ambiente e a facilidade em se bioacumularem nos tecidos dos organismos".

O segredo da grande capacidade de "limpeza" pela alga explica-se através da sorção, processo através do qual a alface-do-mar consegue incorporar, nos seus tecidos, os contaminantes. O rápido crescimento destas algas, congratula-se Bruno Henriques, "contribui para que se consigam remover os contaminantes em cada vez maior quantidade, pois o crescimento da alga aumenta o número de locais de superfície aos quais estes elementos tóxicos se podem ligar".

Assim, explica o investigador, "as algas poderão ser utilizadas para diminuir a contaminação de locais muito afectados por descargas destes elementos, através da introdução da alga no local a descontaminar se as condições forem adequadas ao seu crescimento, ou cultivando algas num outro local e transportando-as para os locais a serem descontaminados".

Além da remoção dos elementos tóxicos, os investigadores da UA asseguram que as alfaces-do-mar permitem reduzir, também, o teor de fosfatos e nitratos em águas e, ao usarem dióxido de carbono como fonte de carbono, permitem reduzir a pegada de carbono.

O trabalho foi desenvolvido por uma equipa multidisciplinar da UA constituída por Bruno Henriques, Ana Teixeira, Paula Figueira, Joana Almeida e Eduarda Pereira (investigadores do DQ, do CESAM e do CICECO - Instituto de Materiais de Aveiro e do Laboratório Central de Análises), com a cooperação da Universidade do Porto e do Instituto Nacional de Saúde Dr. Ricardo Jorge.

Alfaces-do-mar conseguem limpar águas contaminadas

Tipo Meio: Internet **Data Publicação:** 25/03/2019

Meio: Diário de Aveiro Online

URL: http://www.diarioaveiro.pt/noticia/42708

A alface-do-mar pode ser a solução para limpar águas contaminadas pela indústria e pelo consumo doméstico. A conclusão é de uma equipa de investigadores da Universidade de Aveiro (UA), que descobriu que esta alga tem uma grande capacidade para remover elementos potencialmente tóxicos da água, a maior parte deles perigosos para a saúde humana e para o meio ambiente."A remoção alcançada com a alga que temos testado para remover da água, entre outros elementos, arsénio, mercúrio, cádmio e chumbo, é muito elevada", congratula-se Bruno Henriques, investigador do Centro de Estudos do Ambien-te e do Mar (CESAM) e do Departamento de Química (DQ), que garante que, comparativamente a outros materiais usados hoje para o mesmo efeito, a taxa de sucesso da alface-do-mar "é superior".

Leia a notícia completa na edição em papel.

25 março 2019

Alfaces-do-mar conseguem limpar águas contaminadas

Tipo Meio: Internet **Data Publicação:** 25/03/2019

Meio: Diário de Coimbra Online

URL: http://www.diariocoimbra.pt/noticia/42708

A alface-do-mar pode ser a solução para limpar águas contaminadas pela indústria e pelo consumo doméstico. A conclusão é de uma equipa de investigadores da Universidade de Aveiro (UA), que descobriu que esta alga tem uma grande capacidade para remover elementos potencialmente tóxicos da água, a maior parte deles perigosos para a saúde humana e para o meio ambiente."A remoção alcançada com a alga que temos testado para remover da água, entre outros elementos, arsénio, mercúrio, cádmio e chumbo, é muito elevada", congratula-se Bruno Henriques, investigador do Centro de Estudos do Ambien-te e do Mar (CESAM) e do Departamento de Química (DQ), que garante que, comparativamente a outros materiais usados hoje para o mesmo efeito, a taxa de sucesso da alface-do-mar "é superior".

Leia a notícia completa na edição em papel.

Alfaces-do-mar conseguem limpar águas contaminadas

Tipo Meio: Internet **Data Publicação:** 25/03/2019

Meio: Diário de Leiria Online

URL: http://www.diarioleiria.pt/noticia/42708

A alface-do-mar pode ser a solução para limpar águas contaminadas pela indústria e pelo consumo doméstico. A conclusão é de uma equipa de investigadores da Universidade de Aveiro (UA), que descobriu que esta alga tem uma grande capacidade para remover elementos potencialmente tóxicos da água, a maior parte deles perigosos para a saúde humana e para o meio ambiente."A remoção alcançada com a alga que temos testado para remover da água, entre outros elementos, arsénio, mercúrio, cádmio e chumbo, é muito elevada", congratula-se Bruno Henriques, investigador do Centro de Estudos do Ambien-te e do Mar (CESAM) e do Departamento de Química (DQ), que garante que, comparativamente a outros materiais usados hoje para o mesmo efeito, a taxa de sucesso da alface-do-mar "é superior".

Leia a notícia completa na edição em papel.

Alfaces-do-mar conseguem limpar águas contaminadas

Tipo Meio: Internet Data Publicação: 25/03/2019

Meio: Diário de Viseu Online

URL: http://www.diarioviseu.pt/noticia/42708

A alface-do-mar pode ser a solução para limpar águas contaminadas pela indústria e pelo consumo doméstico. A conclusão é de uma equipa de investigadores da Universidade de Aveiro (UA), que descobriu que esta alga tem uma grande capacidade para remover elementos potencialmente tóxicos da água, a maior parte deles perigosos para a saúde humana e para o meio ambiente."A remoção alcançada com a alga que temos testado para remover da água, entre outros elementos, arsénio, mercúrio, cádmio e chumbo, é muito elevada", congratula-se Bruno Henriques, investigador do Centro de Estudos do Ambien-te e do Mar (CESAM) e do Departamento de Química (DQ), que garante que, comparativamente a outros materiais usados hoje para o mesmo efeito, a taxa de sucesso da alface-do-mar "é superior".

Leia a notícia completa na edição em papel.

Alfaces-do-mar removem metais pesados de águas contaminadas

Tipo Meio: Internet Data Publicação: 25/03/2019

Meio: OvarNews Online

URL: http://www.pt.cision.com/s/?l=d620a2cb

SaúdeAlfaces-do-mar removem metais pesados de águas contaminadas

OvarNews

1 hora atrás 0 7 2 minutes read

Na vulgar alface-do-mar pode estar a solução para limpar águas contaminadas pela indústria e pelo consumo doméstico. Uma equipa de investigadores da Universidade de Aveiro (UA) descobriu que esta alga tem uma grande capacidade para remover elementos potencialmente tóxicos da água, a maior parte deles perigosos para a saúde humana e para o meio ambiente.

"A remoção alcançada com a alga que temos testado para remover da água, entre outros elementos, arsénio, mercúrio, cádmio e chumbo, é muito elevada", congratula-se Bruno Henriques, o investigador do Centro de Estudos do Ambiente e do Mar (CESAM) e do Departamento de Química (DQ) da Academia de Aveiro, que garante que, comparativamente a outros materiais, naturais ou sintéticos, usados hoje correntemente para o mesmo efeito, a taxa de sucesso da alface-do-mar "é superior".

Por isso, o investigador considera que "estas algas são uma alternativa eficiente, pois removem percentagens elevadas de contaminantes num período curto de tempo, a metodologia é económica e mais ecológica do que os métodos 'clássicos' para a remoção destes elementos, que são menos eficazes e, muitas vezes, mais caros, o que se traduz em baixo custo-benefício".

O estudo da UA indica que cada grama de alga consegue remover em simultâneo 120 microgramas de mercúrio, 160?microgramas de cádmio, 980 microgramas de chumbo, microgramas de crómio, 660?microgramas de níquel, 550 microgramas de arsénio, 370 microgramas de cobre e 2000 microgramas de manganês.

Estes elementos químicos, explica o investigador, apesar de se denominarem de 'clássicos' continuam a ser actualmente "muito usados por várias indústrias e a sua presença no ambiente causa impactos negativos, tais como toxicidade, observada mesmo para concentrações muito baixas". Outros problemas associados a estes elementos "estão relacionados com o seu carácter persistente no ambiente e facilidade em se bioacumularem nos tecidos dos organismos".

Algas cultivadas em locais contaminados

O segredo da grande capacidade de 'limpeza' pela alga explica-se através da sorção, processo através do qual a alface-do-mar consegue incorporar nos seus tecidos os contaminantes. O rápido crescimento destas algas, congratula-se Bruno Henriques, "contribui para que se consigam remover os contaminantes em cada vez maior quantidade, pois o crescimento da alga aumenta o número de locais de superfície aos quais estes elementos tóxicos se podem ligar".

Assim, explica o investigador, "as algas poderão ser utilizadas para diminuir a contaminação de locais muito afectados por descargas destes elementos, através da introdução da alga no local a

descontaminar se as condições forem adequadas ao seu crescimento ou cultivando algas num outro local e transportando estas para os locais a serem descontaminados".

Além da remoção dos elementos tóxicos, os investigadores da UA asseguram que as alfaces-do-mar permitem reduzir também o teor de fosfatos e nitratos em águas e ao usarem dióxido de carbono como fonte de carbono, permitem reduzir a pegada de carbono.

O trabalho foi desenvolvido por uma equipa multidisciplinar da UA constituída por Bruno Henriques, Ana Teixeira, Paula Figueira, Joana Almeida e Eduarda Pereira (investigadores do DQ, do CESAM, do CICECO - Instituto de Materiais de Aveiro e do Laboratório Central de Análises), e com a cooperação da Universidade do Porto e do Instituto Nacional de Saúde Dr. Ricardo Jorge.

Facebook Twitter Google+ LinkedIn StumbleUpon Tumblr Pinterest Reddit VKontakte Partilhar por email Imprimir

1 hora atrás

[Additional Text]:
OvarNews

OvarNews

Alfaces-do-mar com capacidade para remover metais pesados

Tipo Meio: Internet Data Publicação: 22/03/2019

Meio: Indústria e Ambiente Online

URL: http://www.pt.cision.com/s/?l=d1e9056d

Uma equipa de investigadores da Universidade de Aveiro descobriu que a alface-do-mar, uma vulgar alga, tem uma grande capacidade para remover elementos potencialmente tóxicos da água, a maior parte deles perigosos para a saúde humana e para o meio ambiente.

A remoção alcançada com a alga que temos testado para remover da água, entre outros elementos, arsénio, mercúrio, cádmio e chumbo, é muito elevada", congratula-se Bruno Henriques, o investigador do Centro de Estudos do Ambiente e do Mar (CESAM) e do Departamento de Química (DQ) da Academia de Aveiro, que garante que, comparativamente a outros materiais, naturais ou sintéticos, usados hoje correntemente para o mesmo efeito, a taxa de sucesso da alface-do-mar "é superior".

Por isso, o investigador considera que "estas algas são uma alternativa eficiente, pois removem percentagens elevadas de contaminantes num período curto de tempo, a metodologia é económica e mais ecológica do que os métodos 'clássicos' para a remoção destes elementos, que são menos eficazes e, muitas vezes, mais caros, o que se traduz em baixo custo-benefício".

O estudo da UA indica que cada grama de alga consegue remover em simultâneo 120 microgramas de mercúrio, 160?microgramas de cádmio, 980 microgramas de chumbo, 480 microgramas de crómio, 660?microgramas de níquel, 550 microgramas de arsénio, 370 microgramas de cobre e 2000 microgramas de manganês.

Estes elementos químicos, explica o investigador, apesar de se denominarem de 'clássicos' continuam a ser atualmente "muito usados por várias indústrias e a sua presença no ambiente causa impactos negativos, tais como toxicidade, observada mesmo para concentrações muito baixas". Outros problemas associados a estes elementos "estão relacionados com o seu caráter persistente no ambiente e facilidade em se bioacumularem nos tecidos dos organismos".

Algas cultivadas em locais contaminados

O segredo da grande capacidade de 'limpeza' pela alga explica-se através da sorção, processo através do qual a alface-do-mar consegue incorporar nos seus tecidos os contaminantes. O rápido crescimento destas algas, congratula-se Bruno Henriques, "contribui para que se consigam remover os contaminantes em cada vez maior quantidade, pois o crescimento da alga aumenta o número de locais de superfície aos quais estes elementos tóxicos se podem ligar".

Assim, explica o investigador, "as algas poderão ser utilizadas para diminuir a contaminação de locais muito afetados por descargas destes elementos, através da introdução da alga no local a descontaminar se as condições forem adequadas ao seu crescimento ou cultivando algas num outro local e transportando estas para os locais a serem descontaminados".

Além da remoção dos elementos tóxicos, os investigadores da UA asseguram que as alfaces-do-mar permitem reduzir também o teor de fosfatos e nitratos em águas e ao usarem dióxido de carbono como fonte de carbono, permitem reduzir a pegada de carbono.

O trabalho foi desenvolvido por uma equipa multidisciplinar da UA constituída por Bruno Henriques, Ana Teixeira, Paula Figueira, Joana Almeida e Eduarda Pereira (investigadores do DQ, do CESAM, do CICECO - Instituto de Materiais de Aveiro e do Laboratório Central de Análises), e com a cooperação da Universidade do Porto e do Instituto Nacional de Saúde Dr. Ricardo Jorge.

Alfaces-do-mar: o novo filtro para águas contaminadas

Tipo Meio: Internet Data Publicação: 22/03/2019

Meio: Port.Com Online

URL: http://www.revistaport.com/noticia/6/5703

REVISTA PORT.COM

Uma equipa de investigadores da Universidade de Aveiro descobriu que as alfaces-do-mar podem limpar águas contaminadas pela indústria e pelo consumo doméstico.

Testes realizados revelaram uma grande capacidade para remover elementos potencialmente tóxicos da água, a maior parte deles perigosos para a saúde humana e para o meio ambiente .

Bruno Rodrigues, investigador do Centro de Estudos do Ambiente e do Mar (CESAM) e do Departamento de Química (DQ) da UA afirmou que a remoção alcançada com a alga que temos testado para remover da água, entre outros elementos, arsénio, mercúrio, cádmio e chumbo, é muito elevada . O investigador considera a alface-do-mar uma alternativa eficiente e assegurou que, quando comparada com outros materiais (naturais ou sintéticos) usados para o mesmo efeito, a taxa de sucesso da alface-do-mar é superior . Essas algas removem percentagens elevadas de contaminantes num período curto de tempo, a metodologia é económica e mais ecológica do que os métodos "clássicos" para a remoção destes elementos, que são menos eficazes e, muitas vezes, mais caros, o que se traduz em baixo custo-benefício sublinhou.

De acordo com o estudo da UA, através da sorção, a alface-do-mar consegue incorporar os contaminantes nos seus próprios tecidos - o "segredo" que lhe confere o dom da limpeza.

O rápido crescimento dessas algas contribui para que se consigam remover os contaminantes em cada vez maior quantidade, pois o crescimento da alga aumenta o número de locais de superfície aos quais estes elementos tóxicos se podem ligar explicou Bruno Rodrigues. De acordo com este investigador, as algas podem ser utilizadas para diminuir a contaminação de locais afetados por descargas desses elementos, através da introdução da alga no local a descontaminar, se as condições forem adequadas ao seu crescimento, ou cultivando algas noutro local e transportando estas para os locais a serem descontaminados .

Ana Teixeira, Eduarda Pereira, Joana Almeida e Paula Figueira, do Instituto de Materiais de Aveiro e do Laboratório Central de Análises fizeram parceria com a Universidade do Porto e o Instituto Ricardo Jorge e, em colaboração com Bruno Rodrigues, concluíram que as alfaces-do-mar permitem reduzir também o teor de fosfatos e nitratos em águas e reduzir a pegada de carbono.

22-Mar-2019

SEEdesign

O estranho caso da ave que beneficia com as alterações climáticas

Tipo Meio: Internet Data Publicação: 22/03/2019

Meio: Ambiente Magazine Online

URL: http://www.pt.cision.com/s/?l=fbcbc1ab

É vulgarmente conhecido por maçarico-de-bico-direito, mas o nome vulgar oficial é milherango. Uma investigação recente da Universidade de Aveiro (UA) descobriu que esta ave migradora, comum em zonas húmidas portuguesas, como a Ria de Aveiro ou o Estuário do Tejo durante o inverno, tem vindo a beneficiar com as alterações climáticas. A antecipação do período mais quente do ano, em latitudes elevadas, como no ártico, faz antecipar a época de postura, contribuindo para um aumento e expansão desta população.

Nos locais do norte da Europa, nomeadamente a Islândia, encontram-se os territórios eleitos por uma população de milherango para nidificação. Esta espécie de ave limícola (ocorre em zonas húmidas) migra para territórios mais a sul no inverno, sendo observada em estuários e zonas húmidas da Península Ibérica, como a Ria de Aveiro ou o Estuário do Tejo.

Um estudo coordenado por José Alves, investigador do Departamento de Biologia da UA e do Centro de Estudos do Ambiente e do Mar (CESAM), descobriu que o aquecimento que se verifica nos territórios de nidificação, especialmente na Islândia, onde decorreu o estudo, e que está associado às alterações climáticas, tem provocado a antecipação das posturas desta espécie. Esse facto permite às crias mais tempo de preparação para as suas migrações, originando aumento do número de efetivos.

De 5.000 para 50.000 em cem anos
Os dados indicam que as temperaturas médias na Islândia veem aumentado desde 1845 e as primaveras com temperaturas acima da média têm sido cada vez mais frequentes em décadas recentes, explica José Alves. Os investigadores, puderam associar o crescimento populacional desta ave migradora, a colonização de novas áreas na Islândia e a distribuição durante a época não-reprodutora (Europa Ocidental), ao aquecimento que se tem vindo a sentir no seu país de origem.

No início do século XX esta população reproduzia-se numa área restrita na costa sudoeste da Islândia e estima-se que compreendia apenas 5000 indivíduos. O aumento da temperatura média desde então, permitiu aos indivíduos nestes locais produzir descendência cada vez com maior sucesso, colonizando progressivamente praticamente toda a área costeira do país. Os seus efetivos aumentaram para mais de 50.000 indivíduos, refere o investigador da UA.

O estudo, assinado ainda por Tómas Gunnarsson, William Sutherland, Peter Potts, Jennifer Gill, para além de José Alves, mereceu capa no número de março de 2019 do periódico científico "Ecology and Evolution". Para além da UA, participaram no estudo as universidades da Islândia e as de East Anglia e Cambridge, ambas no Reino Unido.

O benefício retirado do aquecimento é, considera José Alves, algo expectável para uma população que se encontra no limite norte da sua área de distribuição e potencialmente limitada pelas baixas temperaturas que ocorrem a estas latitudes. Contudo, sublinha, tal não acontece em muitas outras espécies, cujos hábitos não se moldam tão rapidamente como por exemplo os dos insetos que lhes servem de alimento que dão de comer às suas crias. Devemos, por isso, continuar e aprofundar os esforços na redução das emissões de carbono e na minimização do aquecimento global.

Link para o artigo na "Ecology and Evolution".

O estranho caso da ave que beneficia com as alterações climáticas

Tipo Meio: Internet Data Publicação: 22/03/2019

Meio: Revista O Instalador Online

URL: http://www.pt.cision.com/s/?l=5ee4ec67

O estranho caso da ave que beneficia com as alterações climáticas
22-03-2019

É vulgarmente conhecido por maçarico-de-bico-direito, mas o nome vulgar oficial é milherango. Uma investigação recente da Universidade de Aveiro (UA) descobriu que esta ave migradora, comum em zonas húmidas portuguesas, como a Ria de Aveiro ou o Estuário do Tejo durante o inverno, tem vindo a beneficiar com as alterações climáticas. A antecipação do período mais quente do ano, em latitudes elevadas, como no Ártico, faz antecipar a época de postura, contribuindo para um aumento e expansão desta população.

Nos locais do norte da Europa, nomeadamente a Islândia, encontram-se os territórios eleitos por uma população de milherango para nidificação.

Esta espécie de ave limícola (ocorre em zonas húmidas) migra para territórios mais a sul no inverno, sendo observada em estuários e zonas húmidas da Península Ibérica, como a Ria de Aveiro ou o Estuário do Tejo.

Um estudo coordenado por José Alves, investigador do Departamento de Biologia da UA e do Centro de Estudos do Ambiente e do Mar (CESAM), descobriu que o aquecimento que se verifica nos territórios de nidificação, especialmente na Islândia, onde decorreu o estudo, e que está associado às alterações climáticas, tem provocado a antecipação das posturas desta espécie.

Esse facto permite às crias mais tempo de preparação para as suas migrações, originando aumento do número de efetivos.

De 5.000 para 50.000 em cem anos

Os dados indicam que as temperaturas médias na Islândia veem aumentado desde 1845 e as primaveras com temperaturas acima da média têm sido cada vez mais frequentes em décadas recentes, explica José Alves.

Os investigadores, puderam associar o crescimento populacional desta ave migradora, a colonização de novas áreas na Islândia e a distribuição durante a época não-reprodutora (Europa Ocidental), ao aquecimento que se tem vindo a sentir no seu país de origem.

No início do século XX esta população reproduzia-se numa área restrita na costa sudoeste da Islândia e estima-se que compreendia apenas 5000 indivíduos.

O aumento da temperatura média desde então, permitiu aos indivíduos nestes locais produzir descendência cada vez com maior sucesso, colonizando progressivamente praticamente toda a área costeira do país.

Os seus efetivos aumentaram para mais de 50.000 indivíduos, refere o investigador da UA.

O estudo, assinado ainda por Tómas Gunnarsson, William Sutherland, Peter Potts, Jennifer Gill, para além de José Alves, mereceu capa no número de março de 2019 do periódico científico "Ecology and Evolution".

Para além da UA, participaram no estudo as universidades da Islândia e as de East Anglia e Cambridge, ambas no Reino Unido.

O benefício retirado do aquecimento é, considera José Alves, algo expectável para uma população que se encontra no limite norte da sua área de distribuição e potencialmente limitada pelas baixas temperaturas que ocorrem a estas latitudes.

Contudo, sublinha, tal não acontece em muitas outras espécies, cujos hábitos não se moldam tão rapidamente como por exemplo os dos insetos que lhes servem de alimento que dão de comer às suas crias.

Devemos, por isso, continuar e aprofundar os esforços na redução das emissões de carbono e na minimização do aquecimento global.

Link para o artigo na "Ecology and Evolution": https://onlinelibrary.wiley.com/doi/full/10.1002/ece3.4746

Notícias do Setor

22-03-2019

Investigação da UA conclui que há uma ave a tirar benefícios das alterações climáticas.

Tipo Meio: Internet Data Publicação: 22/03/2019

Meio: Rádio Terra Nova Online

URL: http://www.pt.cision.com/s/?l=e71f93ed

Investigação da UA conclui que há uma ave a tirar benefícios das alterações climáticas.

É vulgarmente conhecido por maçarico-de-bico-direito, mas o nome vulgar oficial é milherango. Uma investigação recente da Universidade de Aveiro (UA) descobriu que esta ave migradora, comum em zonas húmidas portuguesas, como a Ria de Aveiro ou o Estuário do Tejo durante o inverno, tem vindo a beneficiar com as alterações climáticas.

A antecipação do período mais quente do ano, em latitudes elevadas, como no ártico, faz antecipar a época de postura, contribuindo para um aumento e expansão desta população.

Nos locais do norte da Europa, nomeadamente a Islândia, encontram-se os territórios eleitos por uma população de milherango para nidificação. Esta espécie de ave limícola (ocorre em zonas húmidas) migra para territórios mais a sul no inverno, sendo observada em estuários e zonas húmidas da Península Ibérica, como a Ria de Aveiro ou o Estuário do Tejo.

Um estudo coordenado por José Alves, investigador do Departamento de Biologia da UA e do Centro de Estudos do Ambiente e do Mar (CESAM), descobriu que o aquecimento que se verifica nos territórios de nidificação, especialmente na Islândia, onde decorreu o estudo, e que está associado às alterações climáticas, tem provocado a antecipação das posturas desta espécie. Esse facto permite às crias mais tempo de preparação para as suas migrações, originando aumento do número de efetivos.

Os dados indicam que as temperaturas médias na Islândia veem aumentado desde 1845 e as primaveras com temperaturas acima da média têm sido cada vez mais frequentes em décadas recentes, explica José Alves. Os investigadores, puderam associar o crescimento populacional desta ave migradora, a colonização de novas áreas na Islândia e a distribuição durante a época não-reprodutora (Europa Ocidental), ao aquecimento que se tem vindo a sentir no seu país de origem.

No início do século XX esta população reproduzia-se numa área restrita na costa sudoeste da Islândia e estima-se que compreendia apenas 5000 indivíduos. O aumento da temperatura média desde então, permitiu aos indivíduos nestes locais produzir descendência cada vez com maior sucesso, colonizando progressivamente praticamente toda a área costeira do país. Os seus efetivos aumentaram para mais de 50.000 indivíduos, refere o investigador da UA.

O estudo, assinado ainda por Tómas Gunnarsson, William Sutherland, Peter Potts, Jennifer Gill, para além de José Alves, mereceu capa no número de março de 2019 do periódico científico "Ecology and Evolution". Para além da UA, participaram no estudo as universidades da Islândia e as de East Anglia e Cambridge, ambas no Reino Unido.

O benefício retirado do aquecimento é, considera José Alves, algo expectável para uma população que se encontra no limite norte da sua área de distribuição e potencialmente limitada pelas baixas temperaturas que ocorrem a estas latitudes. Contudo, sublinha, tal não acontece em muitas outras

espécies, cujos hábitos não se moldam tão rapidamente como por exemplo os dos insetos que lhes servem de alimento que dão de comer às suas crias. Devemos, por isso, continuar e aprofundar os esforços na redução das emissões de carbono e na minimização do aquecimento global.

Texto: UA

Foto: José Alves

2019-03-22 09:24

Alfaces-do-mar descontaminam águas marinhas | Investigação da Universidade de Aveiro

Tipo Meio: Internet Data Publicação: 21/03/2019

Meio: Dão e Demo Online

URL: http://www.pt.cision.com/s/?l=1f2a247

EducaçãoNacional

Alfaces-do-mar descontaminam águas marinhas | Investigação da Universidade de Aveiro

21 Março, 2019 0 17

Facebook

Twitter

Google+

Pinterest

WhatsApp

Na vulgar alface-do-mar pode estar a solução para limpar águas contaminadas pela indústria e pelo consumo doméstico. Uma equipa de investigadores da Universidade de Aveiro (UA) descobriu que esta alga tem uma grande capacidade para remover elementos potencialmente tóxicos da água, a maior parte deles perigosos para a saúde humana e para o meio ambiente, revelou a universidade através de comunicado.

"A remoção alcançada com a alga que temos testado para remover da água, entre outros elementos, arsénio, mercúrio, cádmio e chumbo, é muito elevada", congratula-se Bruno Henriques, o investigador do Centro de Estudos do Ambiente e do Mar (CESAM) e do Departamento de Química (DQ) da Academia de Aveiro, que garante que, comparativamente a outros materiais, naturais ou sintéticos, usados hoje correntemente para o mesmo efeito, a taxa de sucesso da alface-do-mar "é superior".

Por isso, o investigador considera que "estas algas são uma alternativa eficiente, pois removem percentagens elevadas de contaminantes num período curto de tempo, a metodologia é económica e mais ecológica do que os métodos 'clássicos' para a remoção destes elementos, que são menos eficazes e, muitas vezes, mais caros, o que se traduz em baixo custo-benefício".

O estudo da UA indica que cada grama de alga consegue remover em simultâneo 120 microgramas de mercúrio, 160?microgramas de cádmio, 980 microgramas de chumbo, 480 microgramas de crómio, 660?microgramas de níquel, 550 microgramas de arsénio, 370 microgramas de cobre e 2000 microgramas de manganês.

Estes elementos químicos, explica o investigador, apesar de se denominarem de 'clássicos' continuam a ser atualmente "muito usados por várias indústrias e a sua presença no ambiente causa impactos negativos, tais como toxicidade, observada mesmo para concentrações muito baixas". Outros

problemas associados a estes elementos "estão relacionados com o seu carater persistente no ambiente e facilidade em se bioacumularem nos tecidos dos organismos".

Algas cultivadas em locais contaminados

O segredo da grande capacidade de 'limpeza' pela alga explica-se através da sorção, processo através do qual a alface-do-mar consegue incorporar nos seus tecidos os contaminantes. O rápido crescimento destas algas, congratula-se Bruno Henriques, "contribui para que se consigam remover os contaminantes em cada vez maior quantidade, pois o crescimento da alga aumenta o número de locais de superfície aos quais estes elementos tóxicos se podem ligar".

Assim, explica o investigador, "as algas poderão ser utilizadas para diminuir a contaminação de locais muito afetados por descargas destes elementos, através da introdução da alga no local a descontaminar se as condições forem adequadas ao seu crescimento ou cultivando algas num outro local e transportando estas para os locais a serem descontaminados".

Além da remoção dos elementos tóxicos, os investigadores da UA asseguram que as alfaces-do-mar permitem reduzir também o teor de fosfatos e nitratos em águas e ao usarem dióxido de carbono como fonte de carbono, permitem reduzir a pegada de carbono.

O trabalho foi desenvolvido por uma equipa multidisciplinar da UA constituída por Bruno Henriques, Ana Teixeira, Paula Figueira, Joana Almeida e Eduarda Pereira (investigadores do DQ, do CESAM, do CICECO - Instituto de Materiais de Aveiro e do Laboratório Central de Análises), e com a cooperação da Universidade do Porto e do Instituto Nacional de Saúde Dr. Ricardo Jorge.

pub

Facebook

Twitter

Google+

Pinterest

WhatsApp

2019-03-21 18:33:50+00:00

Alfaces-do-mar removem metais pesados de águas contaminadas

Tipo Meio: Internet Data Publicação: 21/03/2019

Meio: Náutica Press Online

URL: http://www.pt.cision.com/s/?l=8700ddc

Na vulgar alface-do-mar pode estar a solução para limpar águas contaminadas pela indústria e pelo consumo doméstico. Uma equipa de investigadores da Universidade de Aveiro (UA) descobriu que esta alga tem uma grande capacidade para remover elementos potencialmente tóxicos da água, a maior parte deles perigosos para a saúde humana e para o meio ambiente.

Os investigadores Eduarda Pereira, Joana Almeida, Bruno Henriques e Paula Figueira

"A remoção alcançada com a alga que temos testado para remover da água, entre outros elementos, arsénio, mercúrio, cádmio e chumbo, é muito elevada", congratula-se Bruno Henriques, o investigador do Centro de Estudos do Ambiente e do Mar (CESAM) e do Departamento de Química (DQ) da Academia de Aveiro, que garante que, comparativamente a outros materiais, naturais ou sintéticos, usados hoje correntemente para o mesmo efeito, a taxa de sucesso da alface-do-mar "é superior".

Por isso, o investigador considera que "estas algas são uma alternativa eficiente, pois removem percentagens elevadas de contaminantes num período curto de tempo, a metodologia é económica e mais ecológica do que os métodos 'clássicos' para a remoção destes elementos, que são menos eficazes e, muitas vezes, mais caros, o que se traduz em baixo custo-benefício".

O estudo da UA indica que cada grama de alga consegue remover em simultâneo 120 microgramas de mercúrio, 160?microgramas de cádmio, 980 microgramas de chumbo, 480 microgramas de crómio, 660?microgramas de níquel, 550 microgramas de arsénio, 370 microgramas de cobre e 2000 microgramas de manganês.

Estes elementos químicos, explica o investigador, apesar de se denominarem de 'clássicos' continuam a ser atualmente "muito usados por várias indústrias e a sua presença no ambiente causa impactos negativos, tais como toxicidade, observada mesmo para concentrações muito baixas". Outros problemas associados a estes elementos "estão relacionados com o seu carater persistente no ambiente e facilidade em se bioacumularem nos tecidos dos organismos".

Algas cultivadas em locais contaminados

O segredo da grande capacidade de 'limpeza' pela alga explica-se através da sorção, processo através do qual a alface-do-mar consegue incorporar nos seus tecidos os contaminantes. O rápido crescimento destas algas, congratula-se Bruno Henriques, "contribui para que se consigam remover os contaminantes em cada vez maior quantidade, pois o crescimento da alga aumenta o número de locais de superfície aos quais estes elementos tóxicos se podem ligar".

Assim, explica o investigador, "as algas poderão ser utilizadas para diminuir a contaminação de locais muito afetados por descargas destes elementos, através da introdução da alga no local a descontaminar se as condições forem adequadas ao seu crescimento ou cultivando algas num outro local e transportando estas para os locais a serem descontaminados".

Além da remoção dos elementos tóxicos, os investigadores da UA asseguram que as alfaces-do-mar

permitem reduzir também o teor de fosfatos e nitratos em águas e ao usarem dióxido de carbono como fonte de carbono, permitem reduzir a pegada de carbono.

O trabalho foi desenvolvido por uma equipa multidisciplinar da UA constituída por Bruno Henriques, Ana Teixeira, Paula Figueira, Joana Almeida e Eduarda Pereira (investigadores do DQ, do CESAM, do CICECO - Instituto de Materiais de Aveiro e do Laboratório Central de Análises), e com a cooperação da Universidade do Porto e do Instituto Nacional de Saúde Dr. Ricardo Jorge.

águas contaminadas Alface-do-mar Algas

2019-03-21T10:32:34+00:00

Náutica Press

UA: Investigadores descobrem que a alface-do-mar remove metais pesados da água

Tipo Meio: Internet Data Publicação: 21/03/2019

Meio: ON CENTRO Online

URL: http://www.pt.cision.com/s/?l=f789ab78

Além da remoção dos elementos tóxicos, os investigadores da UA asseguram que as alfaces-do-mar permitem reduzir também o teor de fosfatos e nitratos em águas e ao usarem dióxido de carbono como fonte de carbono, permitem reduzir a pegada de carbono.

N
a vulgar alface-do-mar pode estar a solução para limpar águas contaminadas pela indústria e pelo consumo doméstico. Uma equipa de investigadores da Universidade de Aveiro (UA) descobriu que esta alga tem uma grande capacidade para remover elementos potencialmente tóxicos da água, a maior parte deles perigosos para a saúde humana e para o meio ambiente.

"A remoção alcançada com a alga que temos testado para remover da água, entre outros elementos, arsénio, mercúrio, cádmio e chumbo, é muito elevada", congratula-se Bruno Henriques, o investigador do Centro de Estudos do Ambiente e do Mar (CESAM) e do Departamento de Química (DQ) da Academia de Aveiro, que garante que, comparativamente a outros materiais, naturais ou sintéticos, usados hoje correntemente para o mesmo efeito, a taxa de sucesso da alface-do-mar "é superior".

Por isso, o investigador considera que "estas algas são uma alternativa eficiente, pois removem percentagens elevadas de contaminantes num período curto de tempo, a metodologia é económica e mais ecológica do que os métodos 'clássicos' para a remoção destes elementos, que são menos eficazes e, muitas vezes, mais caros, o que se traduz em baixo custo-benefício".

O estudo da UA indica que cada grama de alga consegue remover em simultâneo 120 microgramas de mercúrio, 160?microgramas de cádmio, 980 microgramas de chumbo, 480 microgramas de crómio, 660?microgramas de níquel, 550 microgramas de arsénio, 370 microgramas de cobre e 2000 microgramas de manganês.

Estes elementos químicos, explica o investigador, apesar de se denominarem de 'clássicos' continuam a ser atualmente "muito usados por várias indústrias e a sua presença no ambiente causa impactos negativos, tais como toxicidade, observada mesmo para concentrações muito baixas". Outros problemas associados a estes elementos "estão relacionados com o seu carater persistente no ambiente e facilidade em se bioacumularem nos tecidos dos organismos".

Algas cultivadas em locais contaminados

O segredo da grande capacidade de 'limpeza' pela alga explica-se através da sorção, processo através do qual a alface-do-mar consegue incorporar nos seus tecidos os contaminantes. O rápido crescimento destas algas, congratula-se Bruno Henriques, "contribui para que se consigam remover os contaminantes em cada vez maior quantidade, pois o crescimento da alga aumenta o número de locais de superfície aos quais estes elementos tóxicos se podem ligar".

Assim, explica o investigador, "as algas poderão ser utilizadas para diminuir a contaminação de locais muito afetados por descargas destes elementos, através da introdução da alga no local a descontaminar se as condições forem adequadas ao seu crescimento ou cultivando algas num outro

local e transportando estas para os locais a serem descontaminados".

Além da remoção dos elementos tóxicos, os investigadores da UA asseguram que as alfaces-do-mar permitem reduzir também o teor de fosfatos e nitratos em águas e ao usarem dióxido de carbono como fonte de carbono, permitem reduzir a pegada de carbono.

O trabalho foi desenvolvido por uma equipa multidisciplinar da UA constituída por Bruno Henriques, Ana Teixeira, Paula Figueira, Joana Almeida e Eduarda Pereira (investigadores do DQ, do CESAM, do CICECO - Instituto de Materiais de Aveiro e do Laboratório Central de Análises), e com a cooperação da Universidade do Porto e do Instituto Nacional de Saúde Dr. Ricardo Jorge.

19 março 2019 16:01

Alfaces-do-mar podem ser a solução para limpar águas contaminadas

Tipo Meio: Internet Data Publicação: 21/03/2019

Meio: Terra Ruiva Online

URL: http://www.pt.cision.com/s/?l=47e07303

2019-03-21 11:40:44+00:00

Na vulgar alface-do-mar pode estar a solução para limpar águas contaminadas pela indústria e pelo consumo doméstico. Uma equipa de investigadores da Universidade de Aveiro (UA) descobriu que esta alga tem uma grande capacidade para remover elementos potencialmente tóxicos da água, a maior parte deles perigosos para a saúde humana e para o meio ambiente.

"A remoção alcançada com a alga que temos testado para remover da água, entre outros elementos, arsénio, mercúrio, cádmio e chumbo, é muito elevada", congratula-se Bruno Henriques, o investigador do Centro de Estudos do Ambiente e do Mar (CESAM) e do Departamento de Química (DQ) da Academia de Aveiro, que garante que, comparativamente a outros materiais, naturais ou sintéticos, usados hoje correntemente para o mesmo efeito, a taxa de sucesso da alface-do-mar "é superior".

Alface-do-mar

Por isso, o investigador considera que "estas algas são uma alternativa eficiente, pois removem percentagens elevadas de contaminantes num período curto de tempo, a metodologia é económica e mais ecológica do que os métodos 'clássicos' para a remoção destes elementos, que são menos eficazes e, muitas vezes, mais caros, o que se traduz em baixo custo-benefício".

O estudo da UA indica que cada grama de alga consegue remover em simultâneo 120 microgramas de mercúrio, 160?microgramas de cádmio, 980 microgramas de chumbo, 480 microgramas de crómio, 660?microgramas de níquel, 550 microgramas de arsénio, 370 microgramas de cobre e 2000 microgramas de manganês.

Estes elementos químicos, explica o investigador, apesar de se denominarem de 'clássicos' continuam a ser atualmente "muito usados por várias indústrias e a sua presença no ambiente causa impactos negativos, tais como toxicidade, observada mesmo para concentrações muito baixas". Outros problemas associados a estes elementos "estão relacionados com o seu caráter persistente no ambiente e facilidade em se bioacumularem nos tecidos dos organismos".

Algas cultivadas em locais contaminados

O segredo da grande capacidade de 'limpeza' pela alga explica-se através da sorção, processo através do qual a alface-do-mar consegue incorporar nos seus tecidos os contaminantes. O rápido crescimento destas algas, congratula-se Bruno Henriques, "contribui para que se consigam remover os contaminantes em cada vez maior quantidade, pois o crescimento da alga aumenta o número de locais de superfície aos quais estes elementos tóxicos se podem ligar".

Assim, explica o investigador, "as algas poderão ser utilizadas para diminuir a contaminação de locais muito afetados por descargas destes elementos, através da introdução da alga no local a descontaminar se as condições forem adequadas ao seu crescimento ou cultivando algas num outro local e transportando estas para os locais a serem descontaminados".

Além da remoção dos elementos tóxicos, os investigadores da UA asseguram que as alfaces-do-mar permitem reduzir também o teor de fosfatos e nitratos em águas e ao usarem dióxido de carbono como fonte de carbono, permitem reduzir a pegada de carbono.

Os investigadores Eduarda Pereira, Joana Almeida, Bruno Henriques e Paula Figueira

O trabalho foi desenvolvido por uma equipa multidisciplinar da UA constituída por Bruno Henriques, Ana Teixeira, Paula Figueira, Joana Almeida e Eduarda Pereira (investigadores do DQ, do CESAM, do CICECO - Instituto de Materiais de Aveiro e do Laboratório Central de Análises), e com a cooperação da Universidade do Porto e do Instituto Nacional de Saúde Dr. Ricardo Jorge.

Texto e fotos: Universidade de Aveiro

Partilhar
FacebookTwitterLinkedin

Terra Ruiva

CISION

ID: 79619336

JORNAL DA BEIRA

21-03-2019

Meio: Imprensa
País: Portugal
Period.: Semanal
Âmbito: Regional

Pág: 12
Cores: Cor
Área: 11,53 x 34,00 cm²
Corte: 1 de 1



EQUIPA DE INVESTIGADORES DA UNIVERSIDADE DE AVEIRO

Universidade de Aveiro apresentou investigação sobre infeções fatais combatidas com luz

Chama-se Staphylococcus aureus, é uma bactéria responsável por várias infeções potencialmente fatais em humanos e, até agora, o seu combate estava dificultado pela resistência que ganhou aos antibióticos, mesmo aos utilizados em último recurso. Afinal, através da terapia fotodinâmica é possível inativar a bactéria. Os recentes avanços realizados na Universidade de Aveiro (UA) trazem uma solução a quem sofre, por exemplo, de abcessos na pele e infeções do trato urinário.

Com sucesso, a equipa de químicos e biólogos da UA constituída por Adelaide Almeida, Amparo Faustino, Maria da Graça Neves, Tatiana Branco, Cristina Dias, Nuno Moura, Cristina Dias, Vânia Jesus, Ana Peixoto e Nádia Valério, testou 'in vitro' e na pele a terapia fotodinâmica, por si só ou combinada com antibióticos, para inativar esta bactéria.

"Os resultados mostraram que a terapia fotodinâmica, usada já vulgarmente para tratar, por exemplo, o acne, é uma abordagem eficaz para controlar a infeção por S. aureus na pele, inativando a bactéria eficazmente após três ciclos sucessivos de tratamento com luz e sem adição de antibióticos entre ciclos, ou após um ciclo usando a ação combinada da terapia com o antibiótico ampicilina", congratula-se Adelaide Almeida.

Foliculite, furunculose, impetigo, celulite infeciosa, pneumonia necrosante, osteomielite, endocardite infeciosa, síndrome do choque tóxico e até intoxicação alimentar. A lista das infeções que S. aureus pode provocar é interminável.

Tratada facilmente com vulgares antibióticos até há poucas décadas, as infeções hospitalares e na comunidade causadas por S. aureus multiresistentes a antibióticos aumentaram dramaticamente nos últimos 30 anos, sendo acompanhadas por um aumento de estirpes super-resistentes até mesmo aos antibióticos ditos de última geração. O tratamento é, por isso, difícil, moroso e frequentemente ineficaz.

"Estas estirpes são uma ameaça grave para a saúde pública", alerta Adelaide Almeida, investigadora do Centro de Estudos do Ambiente e do Mar (CESAM) e do Departamento de Biologia da UA e coordenadora do estudo que pode colocar um travão a esta bactéria. Este estudo resultado trabalho multidisciplinar de uma equipa de cientistas do CESAM e do Grupo de Química Orgânica, Produtos Naturais e Agroalimentares, duas das unidades de investigação da UA.

A mais patogénica dessas espécies é S. aureus. Esta espécie, explica Adelaide Almeida, "está amplamente distribuída no ambiente, pode residir na pele e nas mucosas dos seres humanos e animais". Nos seres humanos, "as narinas são os principais nichos ecológicos de S. aureus - a transmissão ocorre principalmente através das mãos quando estas tocam superfícies contaminadas embora outros locais, como a pele, a área perineal, a faringe, o trato gastrointestinal, a vagina e as axilas também podem ser colonizadas, podendo também funcionar como focos de transmissão", concluiu.

CISION

Diário dos Açores
Desde 1870

ID: 79611238

20-03-2019

Meio: Imprensa
País: Portugal
Period.: Diária
Âmbito: Regional

Pág: 14
Cores: Cor
Área: 25,00 x 21,24 cm²
Corte: 1 de 1



Alfaces-do-mar removem metais pesados de águas contaminadas



Na vulgar alface-do-mar pode estar a solução para limpar águas contaminadas pela indústria e pelo consumo doméstico. Uma equipa de investigadores da Universidade de Aveiro (UA) descobriu que esta alga tem uma grande capacidade para remover elementos potencialmente tóxicos da água, a maior parte deles perigosos para a saúde humana e para o meio ambiente.

"A remoção alcançada com a alga que temos testado para remover da água, entre outros elementos, arsénio, mercúrio, cádmio e chumbo, é muito elevada", congratula-se Bruno Henriques, o investigador do Centro de Estudos do Ambiente e do Mar (CESAM) e do Departamento de Química (DQ) da Academia de Aveiro, que garante que, comparativamente a outros materiais, naturais ou sintéticos, usados hoje correntemente para o mesmo efeito, a taxa de sucesso da alface-do-mar "é superior".

Por isso, o investigador considera que "estas algas são uma alternativa eficiente, pois removem percentagens elevadas de contaminantes num período curto de tempo, a metodologia é económica e mais ecológica do que os métodos 'clássicos' para a remoção destes elementos, que são menos eficazes e, muitas vezes, mais caros, o que se traduz em baixo custo-benefício".

O estudo da UA indica que cada grama de alga consegue remover em simultâneo 120 microgramas de mercúrio, 160 microgramas de cádmio, 980 microgramas de chumbo, 480 microgramasdecrómio,660 microgramas de níquel, 550 microgramas de arsénio, 370 microgramas de cobre e 2000 microgramas de manganês.

Estes elementos químicos, explica o investigador, apesar de se denominarem de 'clássicos' continuam a ser actualmente "muito usados por várias indústrias e a sua presença no ambiente causa impactos negativos, tais como toxicidade, observada mesmo para concentrações muito baixas". Outros problemas associados a estes elementos "estão relacionados com o seu caracter persistente no ambiente e facilidade em se bioacumularem nos tecidos dos organismos".

Algas cultivadas em locais contaminados

O segredo da grande capacidade de 'limpeza' pela alga explica-se através da sorção, processo através do qual a alface-do-mar consegue incorporar nos seus tecidos os contaminantes. O rápido crescimento destas algas, congratula-se Bruno Henriques, "contribui para que se consigam remover os contaminantes em cada vez maior quantidade, pois o crescimento da alga aumenta o número de locais de superfície aos quais estes elementos tóxicos se podem ligar".

Assim, explica o investigador, "as algas poderão ser utilizadas para diminuir a contaminação de locais muito afectados por descargas destes elementos, através da introdução da alga no local a descontaminar se as condições forem adequadas ao seu crescimento ou cultivando algas num outro local e transportando estas para os locais a serem descontaminados".

Além da remoção dos elementos tóxicos, os investigadores da UA asseguram que as alfaces-do-mar permitem reduzir também o teor de fosfatos e nitratos em águas e ao usarem dióxido de carbono como fonte de carbono, permitem reduzir a pegada de carbono.

O trabalho foi desenvolvido por uma equipa multidisciplinar da UA constituída por Bruno Henriques, Ana Teixeira, Paula Figueira, Joana Almeida e Eduarda Pereira (investigadores do DQ, do CESAM, do CICECO - Instituto de Materiais de Aveiro e do Laboratório Central de Análises), e com a cooperação da Universidade do Porto e do Instituto Nacional de Saúde Dr. Ricardo Jorge.

Alfaces-do-mar removem metais

Tipo Meio: Internet Data Publicação: 20/03/2019

Meio: Donline , Diário de Entre Douro e Vouga Online (O)

URL: https://donline.pt/2019/03/20/alfaces-do-mar-removem-metais/

Na vulgar alface-do-mar pode estar a solução para limpar águas contaminadas pela indústria e pelo consumo doméstico. Uma equipa de investigadores da Universidade de Aveiro (UA) descobriu que esta alga tem uma grande capacidade para remover elementos potencialmente tóxicos da água, a maior parte deles perigosos para a saúde humana e para o meio ambiente.

"A remoção alcançada com a alga que temos testado para remover da água, entre outros elementos, arsénio, mercúrio, cádmio e chumbo, é muito elevada", refere Bruno Henriques, investigador do Centro de Estudos do Ambiente e do Mar (CESAM) e do Departamento de Química (DQ) da academia de Aveiro, que garante que, comparativamente a outros materiais, naturais ou sintéticos, usados hoje correntemente para o mesmo efeito, a taxa de sucesso da alface-do-mar "é superior".

Por isso, o investigador considera que "estas algas são uma alternativa eficiente, pois removem percentagens elevadas de contaminantes num período curto de tempo, a metodologia é económica e mais ecológica do que os métodos 'clássicos' para a remoção destes elementos, que são menos eficazes e, muitas vezes, mais caros, o que se traduz em baixo custo-benefício".

O estudo da UA indica que cada grama de alga consegue remover em simultâneo 120 microgramas de mercúrio, 160?microgramas de cádmio, 980 microgramas de chumbo, 480 microgramas de crómio, 660?microgramas de níquel, 550 microgramas de arsénio, 370 microgramas de cobre e 2000 microgramas de manganês.

Estes elementos químicos, explica o investigador, apesar de se denominarem de "clássicos" continuam a ser atualmente "muito usados por várias indústrias e a sua presença no ambiente causa impactos negativos, tais como toxicidade, observada mesmo para concentrações muito baixas". Outros problemas associados a estes elementos "estão relacionados com o seu caráter persistente no ambiente e facilidade em se bioacumularem nos tecidos dos organismos".

Algas cultivadas em locais contaminados

O segredo da grande capacidade de "limpeza" pela alga explica-se através da sorção, processo através do qual a alface-do-mar consegue incorporar nos seus tecidos os contaminantes. O rápido crescimento destas algas, sustenta Bruno Henriques, "contribui para que se consigam remover os contaminantes em cada vez maior quantidade, pois o crescimento da alga aumenta o número de locais de superfície aos quais estes elementos tóxicos se podem ligar".

"As algas poderão ser utilizadas para diminuir a contaminação de locais muito afetados por descargas destes elementos, através da introdução da alga no local a descontaminar se as condições forem adequadas ao seu crescimento ou cultivando algas num outro local e transportando estas para os locais a serem descontaminados", sublinha o investigador.

Além da remoção dos elementos tóxicos, os investigadores da UA asseguram que as alfaces-do-mar permitem reduzir também o teor de fosfatos e nitratos em águas e ao usarem dióxido de carbono como fonte de carbono, permitem reduzir a pegada de carbono.

O trabalho foi desenvolvido por uma equipa multidisciplinar da UA constituída por Bruno Henriques, Ana Teixeira, Paula Figueira, Joana Almeida e Eduarda Pereira (investigadores do DQ, do CESAM, do CICECO - Instituto de Materiais de Aveiro e do Laboratório Central de Análises), e com a cooperação da Universidade do Porto e do Instituto Nacional de Saúde Dr. Ricardo Jorge.

Economia - Março 20, 2019

Março 20, 2019

Economia

Alface-do-mar pode descontaminar a água

Tipo Meio: Internet Data Publicação: 20/03/2019

Meio: Jornal da Economia do Mar Online

URL: http://www.jornaldaeconomiadomar.com/alface-do-mar-pode-descontaminar-a-agua/

2019-03-20 00:05:44+00:00

Uma equipa de investigadores da Universidade de Aveiro descobriu potencialidades para descontaminar a água nesta alga

Investigadores da Universidade de Aveiro (UA) descobriram que a alga alface-do-mar "tem uma grande capacidade para remover elementos potencialmente tóxicos da água, a maior parte deles perigosos para a saúde humana e para o meio ambiente", informou ontem a instituição em comunicado.

Um estudo da UA "indica que cada grama de alga consegue remover em simultâneo 120 microgramas de mercúrio, 160?microgramas de cádmio, 980 microgramas de chumbo, 480 microgramas de crómio, 660?microgramas de níquel, 550 microgramas de arsénio, 370 microgramas de cobre e 2000 microgramas de manganês", refere o comunicado.

Estes elementos químicos, apesar de se denominarem clássicos continuam a ser "muito usados por várias indústrias e a sua presença no ambiente causa impactos negativos, tais como toxicidade, observada mesmo para concentrações muito baixas", refere Bruno Henriques, investigador do Centro de Estudos do Ambiente e do Mar (CESAM) e do Departamento de Química (DQ) da Academia de Aveiro e envolvido nesta pesquisa, acrescentando que outros problemas associados a estes elementos "estão relacionados com o seu carácter persistente no ambiente e facilidade em se bioacumularem nos tecidos dos organismos".

"A remoção alcançada com a alga que temos testado para remover da água, entre outros elementos, arsénio, mercúrio, cádmio e chumbo, é muito elevada", refere o investigador, sublinhando que, comparativamente a outros materiais, naturais ou sintéticos, usados hoje correntemente para o mesmo efeito, a taxa de êxito da alface-do-mar "é superior".

Por esse motivo, Bruno Henriques entende que "estas algas são uma alternativa eficiente, pois removem percentagens elevadas de contaminantes num período curto de tempo, a metodologia é económica e mais ecológica do que os métodos clássicos para a remoção destes elementos, que são menos eficazes e, muitas vezes, mais caros, o que se traduz em baixo custo-benefício".

A UA refere também que, segundo os seus investigadores, além da remoção dos elementos tóxicos, "as alfaces-do-mar permitem reduzir também o teor de fosfatos e nitratos em águas e ao usarem dióxido de carbono como fonte de carbono, permitem reduzir a pegada de carbono".

Segundo a UA, o segredo da capacidade de limpeza desta alga reside na sorção, um "processo através do qual a alface-do-mar consegue incorporar nos seus tecidos os contaminantes". O rápido crescimento destas algas, refere Bruno Henriques, "contribui para que se consigam remover os contaminantes em cada vez maior quantidade, pois o crescimento da alga aumenta o número de locais de superfície aos quais estes elementos tóxicos se podem ligar".

Pelo que, refere o cientista, "as algas poderão ser utilizadas para diminuir a contaminação de locais muito afectados por descargas" dos elementos tóxicos, através da sua introdução "no local a descontaminar se as condições forem adequadas ao seu crescimento" ou cultivando-as "num outro local e transportando estas para os locais a serem descontaminados".

Além de Bruno Henriques, estiveram envolvidos nesta investigação, Ana Teixeira, Paula Figueira, Joana Almeida e Eduarda Pereira (investigadores do DQ, do CESAM, do CICECO - Instituto de Materiais de Aveiro e do Laboratório Central de Análises), com a cooperação da Universidade do Porto e do Instituto Nacional de Saúde Dr. Ricardo Jorge.

Alfaces-do-mar removem metais pesados de águas contaminadas

Tipo Meio: Internet Data Publicação: 20/03/2019

Meio: Jornal de Cá Online

URL: http://www.pt.cision.com/s/?l=4e83623f

Mar 20, 2019

Na vulgar alface-do-mar pode estar a solução para limpar águas contaminadas pela indústria e pelo consumo doméstico. Uma equipa de investigadores da Universidade de Aveiro (UA) descobriu que esta alga tem uma grande capacidade para remover elementos potencialmente tóxicos da água, a maior parte deles perigosos para a saúde humana e para o meio ambiente.

"A remoção alcançada com a alga que temos testado para remover da água, entre outros elementos, arsénio, mercúrio, cádmio e chumbo, é muito elevada", congratula-se Bruno Henriques, o investigador do Centro de Estudos do Ambiente e do Mar (CESAM) e do Departamento de Química (DQ) da Academia de Aveiro, que garante que, comparativamente a outros materiais, naturais ou sintéticos, usados hoje correntemente para o mesmo efeito, a taxa de sucesso da alface-do-mar "é superior".

Por isso, o investigador considera que "estas algas são uma alternativa eficiente, pois removem percentagens elevadas de contaminantes num período curto de tempo, a metodologia é económica e mais ecológica do que os métodos 'clássicos' para a remoção destes elementos, que são menos eficazes e, muitas vezes, mais caros, o que se traduz em baixo custo-benefício".

O estudo da UA indica que cada grama de alga consegue remover em simultâneo 120 microgramas de mercúrio, 160?microgramas de cádmio, 980 microgramas de chumbo, 480 microgramas de crómio, 660?microgramas de níquel, 550 microgramas de arsénio, 370 microgramas de cobre e 2000 microgramas de manganês.

Estes elementos químicos, explica o investigador, apesar de se denominarem de 'clássicos' continuam a ser atualmente "muito usados por várias indústrias e a sua presença no ambiente causa impactos negativos, tais como toxicidade, observada mesmo para concentrações muito baixas". Outros problemas associados a estes elementos "estão relacionados com o seu caráter persistente no ambiente e facilidade em se bioacumularem nos tecidos dos organismos".

Algas cultivadas em locais contaminados

O segredo da grande capacidade de 'limpeza' pela alga explica-se através da sorção, processo através do qual a alface-do-mar consegue incorporar nos seus tecidos os contaminantes. O rápido crescimento destas algas, congratula-se Bruno Henriques, "contribui para que se consigam remover os contaminantes em cada vez maior quantidade, pois o crescimento da alga aumenta o número de locais de superfície aos quais estes elementos tóxicos se podem ligar".

Assim, explica o investigador, "as algas poderão ser utilizadas para diminuir a contaminação de locais muito afetados por descargas destes elementos, através da introdução da alga no local a descontaminar se as condições forem adequadas ao seu crescimento ou cultivando algas num outro local e transportando estas para os locais a serem descontaminados".

Além da remoção dos elementos tóxicos, os investigadores da UA asseguram que as alfaces-do-mar permitem reduzir também o teor de fosfatos e nitratos em águas e ao usarem dióxido de carbono como fonte de carbono, permitem reduzir a pegada de carbono.

O trabalho foi desenvolvido por uma equipa multidisciplinar da UA constituída por Bruno Henriques, Ana Teixeira, Paula Figueira, Joana Almeida e Eduarda Pereira (investigadores do DQ, do CESAM, do CICECO - Instituto de Materiais de Aveiro e do Laboratório Central de Análises), e com a cooperação da Universidade do Porto e do Instituto Nacional de Saúde Dr. Ricardo Jorge.

Alface-do-mar tem capacidade de limpar águas contaminadas

Tipo Meio: Internet Data Publicação: 20/03/2019

Meio: Oeiras Digital Online

URL: http://www.pt.cision.com/s/?l=f6215c3f

20 Março 2019

A alface-do-mar pode limpar águas contaminadas pela indústria e pelo consumo doméstico. A rapidez na eficiência na remoção dos contaminantes e a metodologia económica e mais ecológica são algumas das conclusões de uma investigação

A alface-do-mar pode limpar águas contaminadas pela indústria e pelo consumo doméstico. Após vários testes, uma equipa de investigadores da Universidade de Aveiro (UA) descobriu que aquela alga tem "uma grande capacidade para remover elementos potencialmente tóxicos da água, a maior parte deles perigosos para a saúde humana e para o meio ambiente", refere a Universidade de Aveiro, num comunicado citado pelo Notícias ao Minuto.

Segundo o Notícias ao Minuto, que cita Bruno Henriques, investigador do Centro de Estudos do Ambiente e do Mar (CESAM) e do Departamento de Química (DQ) da Universidade de Aveiro, quando comparada a outros elementos, naturais ou sintéticos, a taxa de sucesso da alface-do-mar "é superior" .

A rapidez na eficiência na remoção dos contaminantes e a metodologia económica e mais ecológica são pontos em destaque na investigação e que a Universidade considera como pontos favoráveis, caracterizando esta alga como uma 'alternativa eficiente'.

Segundo Bruno Henriques, "as algas podem ser utilizadas para diminuir a contaminação de locais afetados por descargas desses elementos, através da introdução da alga no local a descontaminar, se as condições forem adequadas ao seu crescimento, ou cultivando algas num outro local e transportando estas para os locais a serem descontaminados", cita o Notícias ao Minuto.

(Com colaboração de Diana Gonçalves)

PUB

COMENTÁRIOS

Alfaces-do-mar removem metais pesados de águas contaminadas

Tipo Meio: Internet Data Publicação: 20/03/2019

Meio: Revista O Instalador Online

URL: http://www.pt.cision.com/s/?l=49e624a8

Alfaces-do-mar removem metais pesados de águas contaminadas
20-03-2019

Na vulgar alface-do-mar pode estar a solução para limpar águas contaminadas pela indústria e pelo consumo doméstico. Uma equipa de investigadores da Universidade de Aveiro (UA) descobriu que esta alga tem uma grande capacidade para remover elementos potencialmente tóxicos da água, a maior parte deles perigosos para a saúde humana e para o meio ambiente.

A remoção alcançada com a alga que temos testado para remover da água, entre outros elementos, arsénio, mercúrio, cádmio e chumbo, é muito elevada , congratula-se Bruno Henriques, o investigador do Centro de Estudos do Ambiente e do Mar (CESAM) e do Departamento de Química (DQ) da Academia de Aveiro, que garante que, comparativamente a outros materiais, naturais ou sintéticos, usados hoje correntemente para o mesmo efeito, a taxa de sucesso da alface-do-mar é superior .

Por isso, o investigador considera que estas algas são uma alternativa eficiente, pois removem percentagens elevadas de contaminantes num período curto de tempo, a metodologia é económica e mais ecológica do que os métodos 'clássicos' para a remoção destes elementos, que são menos eficazes e, muitas vezes, mais caros, o que se traduz em baixo custo-benefício .

O estudo da UA indica que cada grama de alga consegue remover em simultâneo 120 microgramas de mercúrio, 160?microgramas de cádmio, 980 microgramas de chumbo, 480 microgramas de crómio, 660?microgramas de níquel, 550 microgramas de arsénio, 370 microgramas de cobre e 2000 microgramas de manganês.

Estes elementos químicos, explica o investigador, apesar de se denominarem de 'clássicos' continuam a ser atualmente muito usados por várias indústrias e a sua presença no ambiente causa impactos negativos, tais como toxicidade, observada mesmo para concentrações muito baixas .

Outros problemas associados a estes elementos estão relacionados com o seu caráter persistente no ambiente e facilidade em se bioacumularem nos tecidos dos organismos .

Algas cultivadas em locais contaminados

O segredo da grande capacidade de 'limpeza' pela alga explica-se através da sorção, processo através do qual a alface-do-mar consegue incorporar nos seus tecidos os contaminantes.

O rápido crescimento destas algas, congratula-se Bruno Henriques, contribui para que se consigam remover os contaminantes em cada vez maior quantidade, pois o crescimento da alga aumenta o número de locais de superfície aos quais estes elementos tóxicos se podem ligar .

Assim, explica o investigador, as algas poderão ser utilizadas para diminuir a contaminação de locais muito afetados por descargas destes elementos, através da introdução da alga no local a descontaminar se as condições forem adequadas ao seu crescimento ou cultivando algas num outro

local e transportando estas para os locais a serem descontaminados .

Além da remoção dos elementos tóxicos, os investigadores da UA asseguram que as alfaces-do-mar permitem reduzir também o teor de fosfatos e nitratos em águas e ao usarem dióxido de carbono como fonte de carbono, permitem reduzir a pegada de carbono.

O trabalho foi desenvolvido por uma equipa multidisciplinar da UA constituída por Bruno Henriques, Ana Teixeira, Paula Figueira, Joana Almeida e Eduarda Pereira (investigadores do DQ, do CESAM, do CICECO - Instituto de Materiais de Aveiro e do Laboratório Central de Análises), e com a cooperação da Universidade do Porto e do Instituto Nacional de Saúde Dr. Ricardo Jorge.

Notícias do Setor

20-03-2019

Vital Health - Alface-do-mar remove metais pesados de águas contaminadas

Tipo Meio: Internet Data Publicação: 20/03/2019

Meio: Vital Health Online

URL: http://www.pt.cision.com/s/?l=c0fb4360

A alface-do-mar pode ser a solução para limpar águas contaminadas pela indústria e pelo consumo doméstico. A equipa de investigadores da Universidade de Aveiro (UA) descobriu que esta alga tem uma grande capacidade para remover elementos potencialmente tóxicos da água, a maior parte deles perigosa para a saúde humana e para o meio ambiente.

O trabalho, agora divulgado, foi desenvolvido por uma equipa multidisciplinar da UA constituída por Bruno Henriques, Ana Teixeira, Paula Figueira, Joana Almeida e Eduarda Pereira (investigadores do DQ, do CESAM, do CICECO - Instituto de Materiais de Aveiro e do Laboratório Central de Análises), e com a cooperação da Universidade do Porto e do Instituto Nacional de Saúde Dr. Ricardo Jorge.

"A remoção alcançada com a alga que temos testado para remover da água, entre outros elementos, arsénio, mercúrio, cádmio e chumbo, é muito elevada", explica Bruno Henriques, o investigador do Centro de Estudos do Ambiente e do Mar (CESAM) e do Departamento de Química (DQ) da Academia de Aveiro, que garante que, comparativamente a outros materiais, naturais ou sintéticos, a taxa de sucesso da alface-do-mar "é superior".

Por isso, o investigador considera que "estas algas são uma alternativa eficiente, uma vez que removem percentagens elevadas de contaminantes num período curto de tempo, a metodologia é económica e mais ecológica do que os métodos clássicos para a remoção destes elementos, que são menos eficazes e, muitas vezes, mais caros, o que se traduz em baixo custo-benefício".

O estudo da UA indica que cada grama de alga consegue remover em simultâneo 120 microgramas de mercúrio, 160?microgramas de cádmio, 980 microgramas de chumbo, 480 microgramas de crómio, 660?microgramas de níquel, 550 microgramas de arsénio, 370 microgramas de cobre e 2000 microgramas de manganês.

Estes elementos químicos, explica o investigador, apesar de se denominarem de "clássicos" continuam a ser atualmente "muito usados por várias indústrias e a sua presença no ambiente causa impactos negativos, tais como toxicidade, observada mesmo para concentrações muito baixas". Outros problemas associados a estes elementos "estão relacionados com o seu caráter persistente no ambiente e facilidade em se bioacumularem nos tecidos dos organismos".

Algas cultivadas em locais contaminados

O segredo da grande capacidade de 'limpeza' pela alga explica-se através da sorção, processo através do qual a alface-do-mar consegue incorporar nos seus tecidos os contaminantes. O rápido crescimento destas algas, explica Bruno Henriques, "contribui para que se consigam remover os contaminantes em cada vez maior quantidade, já que o crescimento da alga aumenta o número de locais de superfície aos quais estes elementos tóxicos se podem ligar".

Assim, explica o investigador, "as algas poderão ser utilizadas para diminuir a contaminação de locais muito afetados por descargas destes elementos, através da introdução da alga no local a descontaminar se as condições forem adequadas ao seu crescimento ou cultivando algas num outro

local e transportando estas para os locais a serem descontaminados".

Além da remoção dos elementos tóxicos, os investigadores da UA asseguram que a alface-do-mar permite reduzir também o teor de fosfatos e nitratos em águas e ao usarem dióxido de carbono como fonte de carbono, permitem reduzir a pegada de carbono.

Alfaces-do-mar removem metais pesados de águas contaminadas

Tipo Meio: Internet Data Publicação: 20/03/2019

Meio: Índice.eu Online

URL: http://www.pt.cision.com/s/?l=dcf36443

20 / março / 2019

Na vulgar alface-do-mar pode estar a solução para limpar águas contaminadas pela indústria e pelo consumo doméstico. Uma equipa de investigadores da Universidade de Aveiro (UA) descobriu que esta alga tem uma grande capacidade para remover elementos potencialmente tóxicos da água, a maior parte deles perigosos para a saúde humana e para o meio ambiente.

"A remoção alcançada com a alga que temos testado para remover da água, entre outros elementos, arsénio, mercúrio, cádmio e chumbo, é muito elevada", congratula-se Bruno Henriques, o investigador do Centro de Estudos do Ambiente e do Mar (CESAM) e do Departamento de Química (DQ) da Academia de Aveiro, que garante que, comparativamente a outros materiais, naturais ou sintéticos, usados hoje correntemente para o mesmo efeito, a taxa de sucesso da alface-do-mar "é superior".

Por isso, o investigador considera que "estas algas são uma alternativa eficiente, pois removem percentagens elevadas de contaminantes num período curto de tempo, a metodologia é económica e mais ecológica do que os métodos 'clássicos' para a remoção destes elementos, que são menos eficazes e, muitas vezes, mais caros, o que se traduz em baixo custo-benefício".

O estudo da UA indica que cada grama de alga consegue remover, em simultâneo, 120 microgramas de mercúrio, 160?microgramas de cádmio, 980 microgramas de chumbo, 480 microgramas de crómio, 660?microgramas de níquel, 550 microgramas de arsénio, 370 microgramas de cobre e 2000 microgramas de manganês.

Estes elementos químicos, explica o investigador, apesar de se denominarem de 'clássicos' continuam a ser, atualmente, "muito usados por várias indústrias e a sua presença no ambiente causa impactos negativos, tais como toxicidade, observada mesmo para concentrações muito baixas".

Outros problemas associados a estes elementos "estão relacionados com o seu carater persistente no ambiente e facilidade em se bioacumularem nos tecidos dos organismos".
O segredo da grande capacidade de 'limpeza' pela alga explica-se através da sorção, processo através do qual a alface-do-mar consegue incorporar nos seus tecidos os contaminantes.

O rápido crescimento destas algas, congratula-se Bruno Henriques, "contribui para que se consigam remover os contaminantes em cada vez maior quantidade, pois o crescimento da alga aumenta o número de locais de superfície aos quais estes elementos tóxicos se podem ligar".

Assim, explica o investigador, "as algas poderão ser utilizadas para diminuir a contaminação de locais muito afetados por descargas destes elementos, através da introdução da alga no local a descontaminar se as condições forem adequadas ao seu crescimento ou cultivando algas num outro local e transportando estas para os locais a serem descontaminados".

Além da remoção dos elementos tóxicos, os investigadores da UA asseguram que as alfaces-do-mar permitem reduzir também o teor de fosfatos e nitratos em águas e ao usarem dióxido de carbono

como fonte de carbono, permitem reduzir a pegada de carbono.

O trabalho foi desenvolvido por uma equipa multidisciplinar da UA constituída por Eduarda Pereira, Joana Almeida, Bruno Henriques, Paula Figueira e Ana Teixeira (investigadores do DQ, do CESAM, do CICECO - Instituto de Materiais de Aveiro e do Laboratório Central de Análises), e com a cooperação da Universidade do Porto e do Instituto Nacional de Saúde Dr. Ricardo Jorge.

Fonte: press release

Tecnica & Magia

Investigação da Universidade de Aveiro: Alfaces-do-mar removem metais pesados de águas contaminadas

Tipo Meio: Internet Data Publicação: 19/03/2019

Meio: Agricultura e Mar Actual Online

URL: http://www.pt.cision.com/s/?l=e022991f

Investigação da Universidade de Aveiro: Alfaces-do-mar removem metais pesados de águas contaminadas

Agricultura e Mar Actual 1 hora atrás Featured, Inovação, Mar Deixe um comentário 0 Visualizações

Na vulgar alface-do-mar pode estar a solução para limpar águas contaminadas pela indústria e pelo consumo doméstico.

Uma equipa de investigadores da Universidade de Aveiro (UA) descobriu que esta alga tem uma grande capacidade para remover elementos potencialmente tóxicos da água, a maior parte deles perigosos para a saúde humana e para o meio ambiente.

"A remoção alcançada com a alga que temos testado para remover da água, entre outros elementos, arsénio, mercúrio, cádmio e chumbo, é muito elevada", congratula-se Bruno Henriques, o investigador do Centro de Estudos do Ambiente e do Mar (CESAM) e do Departamento de Química (DQ) da Academia de Aveiro, que garante que, comparativamente a outros materiais, naturais ou sintéticos, usados hoje correntemente para o mesmo efeito, a taxa de sucesso da alface-do-mar "é superior".
Algas, uma alternativa eficiente
Por isso, o investigador considera que "estas algas são uma alternativa eficiente, pois removem percentagens elevadas de contaminantes num período curto de tempo, a metodologia é económica e mais ecológica do que os métodos 'clássicos' para a remoção destes elementos, que são menos eficazes e, muitas vezes, mais caros, o que se traduz em baixo custo-benefício".

O estudo da UA indica que cada grama de alga consegue remover em simultâneo 120 microgramas de mercúrio, 160?microgramas de cádmio, 980 microgramas de chumbo, 480 microgramas de crómio, 660?microgramas de níquel, 550 microgramas de arsénio, 370 microgramas de cobre e 2000 microgramas de manganês.
Muito usados por várias indústrias
Estes elementos químicos, explica o investigador, apesar de se denominarem de 'clássicos' continuam a ser actualmente "muito usados por várias indústrias e a sua presença no ambiente causa impactos negativos, tais como toxicidade, observada mesmo para concentrações muito baixas". Outros problemas associados a estes elementos "estão relacionados com o seu carácter persistente no ambiente e facilidade em se bio-acumularem nos tecidos dos organismos".
Algas cultivadas em locais contaminados
O segredo da grande capacidade de 'limpeza' pela alga explica-se através da sorção, processo através do qual a alface-do-mar consegue incorporar nos seus tecidos os contaminantes. O rápido crescimento destas algas, congratula-se Bruno Henriques, "contribui para que se consigam remover os contaminantes em cada vez maior quantidade, pois o crescimento da alga aumenta o número de locais de superfície aos quais estes elementos tóxicos se podem ligar".

Assim, explica o investigador, "as algas poderão ser utilizadas para diminuir a contaminação de locais

muito afectados por descargas destes elementos, através da introdução da alga no local a descontaminar se as condições forem adequadas ao seu crescimento ou cultivando algas num outro local e transportando estas para os locais a serem descontaminados".

Menos fosfatos e nitratos

Além da remoção dos elementos tóxicos, os investigadores da UA asseguram que as alfaces-do-mar permitem reduzir também o teor de fosfatos e nitratos em águas e ao usarem dióxido de carbono como fonte de carbono, permitem reduzir a pegada de carbono.

O trabalho foi desenvolvido por uma equipa multidisciplinar da UA constituída por Bruno Henriques, Ana Teixeira, Paula Figueira, Joana Almeida e Eduarda Pereira (investigadores do DQ, do CESAM, do CICECO - Instituto de Materiais de Aveiro e do Laboratório Central de Análises), e com a cooperação da Universidade do Porto e do Instituto Nacional de Saúde Dr. Ricardo Jorge.

Agricultura e Mar Actual

Partilhar Facebook Twitter LinkedIn Pinterest

2019-03-19 12:45:23+00:00

Alfaces-do-mar removem metais pesados de águas contaminadas

Tipo Meio: Internet Data Publicação: 19/03/2019

Meio: Atlas da Saúde Online

URL: http://www.pt.cision.com/s/?l=d8254c5d

2019-03-19 12:52:12+00:00

Na vulgar alface-do-mar pode estar a solução para limpar águas contaminadas pela indústria e pelo consumo doméstico. Uma equipa de investigadores da Universidade de Aveiro (UA) descobriu que esta alga tem uma grande capacidade para remover elementos potencialmente tóxicos da água, a maior parte deles perigosos para a saúde humana e para o meio ambiente.

Investigação

Alfaces-do-mar removem metais pesados de águas contaminadas

Versão de impressão

Terça, 19 Março, 2019 - 12:52

"A remoção alcançada com a alga que temos testado para remover da água, entre outros elementos, arsénio, mercúrio, cádmio e chumbo, é muito elevada", congratula-se Bruno Henriques, o investigador do Centro de Estudos do Ambiente e do Mar (CESAM) e do Departamento de Química (DQ) da Academia de Aveiro, que garante que, comparativamente a outros materiais, naturais ou sintéticos, usados hoje correntemente para o mesmo efeito, a taxa de sucesso da alface-do-mar "é superior".

Por isso, o investigador considera que "estas algas são uma alternativa eficiente, pois removem percentagens elevadas de contaminantes num período curto de tempo, a metodologia é económica e mais ecológica do que os métodos 'clássicos' para a remoção destes elementos, que são menos eficazes e, muitas vezes, mais caros, o que se traduz em baixo custo-benefício".

O estudo da UA indica que cada grama de alga consegue remover em simultâneo 120 microgramas de mercúrio, 160?microgramas de cádmio, 980 microgramas de chumbo, 480 microgramas de crómio, 660?microgramas de níquel, 550 microgramas de arsénio, 370 microgramas de cobre e 2000 microgramas de manganês.

Estes elementos químicos, explica o investigador, apesar de se denominarem de 'clássicos' continuam a ser atualmente "muito usados por várias indústrias e a sua presença no ambiente causa impactos negativos, tais como toxicidade, observada mesmo para concentrações muito baixas". Outros problemas associados a estes elementos "estão relacionados com o seu carater persistente no ambiente e facilidade em se bioacumularem nos tecidos dos organismos".

A equipa responsável por esta investigação

Algas cultivadas em locais contaminados

O segredo da grande capacidade de 'limpeza' pela alga explica-se através da sorção, processo através do qual a alface-do-mar consegue incorporar nos seus tecidos os contaminantes. O rápido crescimento

destas algas, congratula-se Bruno Henriques, "contribui para que se consigam remover os contaminantes em cada vez maior quantidade, pois o crescimento da alga aumenta o número de locais de superfície aos quais estes elementos tóxicos se podem ligar".

Assim, explica o investigador, "as algas poderão ser utilizadas para diminuir a contaminação de locais muito afetados por descargas destes elementos, através da introdução da alga no local a descontaminar se as condições forem adequadas ao seu crescimento ou cultivando algas num outro local e transportando estas para os locais a serem descontaminados".

Além da remoção dos elementos tóxicos, os investigadores da UA asseguram que as alfaces-do-mar permitem reduzir também o teor de fosfatos e nitratos em águas e ao usarem dióxido de carbono como fonte de carbono, permitem reduzir a pegada de carbono.

O trabalho foi desenvolvido por uma equipa multidisciplinar da UA constituída por Eduarda Pereira, Joana Almeida, Bruno Henriques, Paula Figueira (na foto) e Ana Teixeira (investigadores do DQ, do CESAM, do CICECO - Instituto de Materiais de Aveiro e do Laboratório Central de Análises), e com a cooperação da Universidade do Porto e do Instituto Nacional de Saúde Dr. Ricardo Jorge.

Notícias

Universidade de Aveiro

As informações e conselhos disponibilizados no Atlas da Saúde não substituem o parecer/opinião do seu Médico, Enfermeiro, Farmacêutico e/ou Nutricionista.

Universidade de Aveiro

Alfaces-do-mar removem metais pesados de águas contaminadas

Tipo Meio: Internet Data Publicação: 19/03/2019

Meio: Bairrada Informação Online

URL: http://www.pt.cision.com/s/?l=2c7f95ec

Inicio Comunicados Alfaces-do-mar removem metais pesados de águas contaminadas

Comunicados Alfaces-do-mar removem metais pesados de águas contaminadas

Março 19, 2019

Facebook

Twitter

Google+

Pinterest

[uam_ad id="7649"]
Na vulgar alface-do-mar pode estar a solução para limpar águas contaminadas pela indústria e pelo consumo doméstico. Uma equipa de investigadores da Universidade de Aveiro (UA) descobriu que esta alga tem uma grande capacidade para remover elementos potencialmente tóxicos da água, a maior parte deles perigosos para a saúde humana e para o meio ambiente.

"A remoção alcançada com a alga que temos testado para remover da água, entre outros elementos, arsénio, mercúrio, cádmio e chumbo, é muito elevada", congratula-se Bruno Henriques, o investigador do Centro de Estudos do Ambiente e do Mar (CESAM) e do Departamento de Química (DQ) da Academia de Aveiro, que garante que, comparativamente a outros materiais, naturais ou sintéticos, usados hoje correntemente para o mesmo efeito, a taxa de sucesso da alface-do-mar "é superior".

Por isso, o investigador considera que "estas algas são uma alternativa eficiente, pois removem percentagens elevadas de contaminantes num período curto de tempo, a metodologia é económica e mais ecológica do que os métodos 'clássicos' para a remoção destes elementos, que são menos eficazes e, muitas vezes, mais caros, o que se traduz em baixo custo-benefício".

O estudo da UA indica que cada grama de alga consegue remover em simultâneo 120 microgramas de mercúrio, 160?microgramas de cádmio, 980 microgramas de chumbo, 480 microgramas de crómio, 660?microgramas de níquel, 550 microgramas de arsénio, 370 microgramas de cobre e 2000 microgramas de manganês.

Estes elementos químicos, explica o investigador, apesar de se denominarem de 'clássicos' continuam a ser atualmente "muito usados por várias indústrias e a sua presença no ambiente causa impactos negativos, tais como toxicidade, observada mesmo para concentrações muito baixas". Outros problemas associados a estes elementos "estão relacionados com o seu carater persistente no ambiente e facilidade em se bioacumularem nos tecidos dos organismos".

Algas cultivadas em locais contaminados

O segredo da grande capacidade de 'limpeza' pela alga explica-se através da sorção, processo através do qual a alface-do-mar consegue incorporar nos seus tecidos os contaminantes. O rápido crescimento destas algas, congratula-se Bruno Henriques, "contribui para que se consigam remover os contaminantes em cada vez maior quantidade, pois o crescimento da alga aumenta o número de locais de superfície aos quais estes elementos tóxicos se podem ligar".

Assim, explica o investigador, "as algas poderão ser utilizadas para diminuir a contaminação de locais muito afetados por descargas destes elementos, através da introdução da alga no local a descontaminar se as condições forem adequadas ao seu crescimento ou cultivando algas num outro local e transportando estas para os locais a serem descontaminados".

Além da remoção dos elementos tóxicos, os investigadores da UA asseguram que as alfaces-do-mar permitem reduzir também o teor de fosfatos e nitratos em águas e ao usarem dióxido de carbono como fonte de carbono, permitem reduzir a pegada de carbono.

O trabalho foi desenvolvido por uma equipa multidisciplinar da UA constituída por Bruno Henriques, Ana Teixeira, Paula Figueira, Joana Almeida e Eduarda Pereira (investigadores do DQ, do CESAM, do CICECO - Instituto de Materiais de Aveiro e do Laboratório Central de Análises), e com a cooperação da Universidade do Porto e do Instituto Nacional de Saúde Dr. Ricardo Jorge.

Fonte: Universidade de Aveiro

2019-03-19 18:33:15+00:00

Descoberta capacidade da alface-do-mar para limpar águas contaminadas

Tipo Meio: Internet Data Publicação: 19/03/2019

Meio: Diário de Notícias Online

URL: http://www.pt.cision.com/s/?l=d808b13b

2019-03-19T15:46:23Z

Uma equipa de investigadores da Universidade de Aveiro (UA) descobriu que a alface-do-mar pode limpar águas contaminadas pela indústria e pelo consumo doméstico, anunciou hoje fonte académica.

Testes realizados com aquela alga revelaram que tem "uma grande capacidade para remover elementos potencialmente tóxicos da água, a maior parte deles perigosos para a saúde humana e para o meio ambiente", refere a UA. "A remoção alcançada com a alga que temos testado para remover da água, entre outros elementos, arsénio, mercúrio, cádmio e chumbo, é muito elevada", assegura Bruno Henriques, investigador do Centro de Estudos do Ambiente e do Mar (CESAM) e do Departamento de Química (DQ) da Universidade de Aveiro. Bruno Henriques garante que, comparativamente a outros materiais, naturais ou sintéticos, usados para o mesmo efeito, a taxa de sucesso da alface-do-mar "é superior" pelo que considera que a alface-do-mar é uma alternativa eficiente. "Essas algas removem percentagens elevadas de contaminantes num período curto de tempo, a metodologia é económica e mais ecológica do que os métodos 'clássicos' para a remoção destes elementos, que são menos eficazes e, muitas vezes, mais caros, o que se traduz em baixo custo-benefício", comenta. O estudo da Universidade de Aveiro indica que cada grama de alga consegue remover em simultâneo 120 microgramas de mercúrio, 160 microgramas de cádmio, 980 microgramas de chumbo, 480 microgramas de crómio, 660?microgramas de níquel, 550 microgramas de arsénio, 370 microgramas de cobre e 2.000 microgramas de manganês. O "segredo" da grande capacidade de 'limpeza' pela alga explica-se através de sorção, processo através do qual a alface-do-mar consegue incorporar nos seus tecidos os contaminantes. "O rápido crescimento dessas algas contribui para que se consigam remover os contaminantes em cada vez maior quantidade, pois o crescimento da alga aumenta o número de locais de superfície aos quais estes elementos tóxicos se podem ligar", esclarece. Segundo Bruno Henriques, "as algas podem ser utilizadas para diminuir a contaminação de locais afetados por descargas desses elementos, através da introdução da alga no local a descontaminar, se as condições forem adequadas ao seu crescimento, ou cultivando algas num outro local e transportando estas para os locais a serem descontaminados". Os investigadores da UA asseguram que as alfaces-do-mar permitem reduzir também o teor de fosfatos e nitratos em águas e ao usarem dióxido de carbono como fonte de carbono, permitem reduzir a pegada de carbono. Além de Bruno Henriques, a equipa de investigação que desenvolveu o estudo integra Ana Teixeira, Paula Figueira, Joana Almeida e Eduarda Pereira, do Instituto de Materiais de Aveiro e do Laboratório Central de Análises, em cooperação com a Universidade do Porto e o Instituto Ricardo Jorge.

Lusa

Alfaces-do-mar removem metais pesados de águas contaminadas

Tipo Meio: Internet Data Publicação: 19/03/2019

Meio: Farol da Nossa Terra Online

URL: http://www.pt.cision.com/s/?l=d60f9e6a

Na vulgar alface-do-mar pode estar a solução para limpar águas contaminadas pela indústria e pelo consumo doméstico. Uma equipa de investigadores da Universidade de Aveiro (UA) descobriu que esta alga tem uma grande capacidade para remover elementos potencialmente tóxicos da água, a maior parte deles perigosos para a saúde humana e para o meio ambiente.

"A remoção alcançada com a alga que temos testado para remover da água, entre outros elementos, arsénio, mercúrio, cádmio e chumbo, é muito elevada", congratula-se Bruno Henriques, o investigador do Centro de Estudos do Ambiente e do Mar (CESAM) e do Departamento de Química (DQ) da Academia de Aveiro, que garante que, comparativamente a outros materiais, naturais ou sintéticos, usados hoje correntemente para o mesmo efeito, a taxa de sucesso da alface-do-mar "é superior".

Por isso, o investigador considera que "estas algas são uma alternativa eficiente, pois removem percentagens elevadas de contaminantes num período curto de tempo, a metodologia é económica e mais ecológica do que os métodos 'clássicos' para a remoção destes elementos, que são menos eficazes e, muitas vezes, mais caros, o que se traduz em baixo custo-benefício".

O estudo da UA indica que cada grama de alga consegue remover em simultâneo 120 microgramas de mercúrio, 160?microgramas de cádmio, 980 microgramas de chumbo, 480 microgramas de crómio, 660?microgramas de níquel, 550 microgramas de arsénio, 370 microgramas de cobre e 2000 microgramas de manganês.

Estes elementos químicos, explica o investigador, apesar de se denominarem de 'clássicos' continuam a ser atualmente "muito usados por várias indústrias e a sua presença no ambiente causa impactos negativos, tais como toxicidade, observada mesmo para concentrações muito baixas". Outros problemas associados a estes elementos "estão relacionados com o seu carater persistente no ambiente e facilidade em se bioacumularem nos tecidos dos organismos".

Algas cultivadas em locais contaminados

O segredo da grande capacidade de 'limpeza' pela alga explica-se através da sorção, processo através do qual a alface-do-mar consegue incorporar nos seus tecidos os contaminantes. O rápido crescimento destas algas, congratula-se Bruno Henriques, "contribui para que se consigam remover os contaminantes em cada vez maior quantidade, pois o crescimento da alga aumenta o número de locais de superfície aos quais estes elementos tóxicos se podem ligar".

Assim, explica o investigador, "as algas poderão ser utilizadas para diminuir a contaminação de locais muito afetados por descargas destes elementos, através da introdução da alga no local a descontaminar se as condições forem adequadas ao seu crescimento ou cultivando algas num outro local e transportando estas para os locais a serem descontaminados".

Além da remoção dos elementos tóxicos, os investigadores da UA asseguram que as alfaces-do-mar permitem reduzir também o teor de fosfatos e nitratos em águas e ao usarem dióxido de carbono como fonte de carbono, permitem reduzir a pegada de carbono.

O trabalho foi desenvolvido por uma equipa multidisciplinar da UA constituída por Bruno Henriques, Ana Teixeira, Paula Figueira, Joana Almeida e Eduarda Pereira (investigadores do DQ, do CESAM, do CICECO - Instituto de Materiais de Aveiro e do Laboratório Central de Análises), e com a cooperação da Universidade do Porto e do Instituto Nacional de Saúde Dr. Ricardo Jorge.

Universidade de Aveiro

Serviços de Comunicação, Imagem e Relações Públicas

Alfaces-do-mar conseguem remover metais pesados e contaminantes da água

Tipo Meio: Internet Data Publicação: 19/03/2019

Meio: Green Savers Online

URL: http://www.pt.cision.com/s/?l=84087371

ÁguasBoas IdeiasPortugal
Alfaces-do-mar conseguem remover metais pesados e contaminantes da água
19/03/20192
Na vulgar alface-do-mar pode estar a solução para limpar águas contaminadas pela indústria e pelo consumo doméstico.

"A remoção alcançada com a alga que temos testado para remover da água, entre outros elementos, arsénio, mercúrio, cádmio e chumbo, é muito elevada", congratula-se Bruno Henriques, o investigador do Centro de Estudos do Ambiente e do Mar (CESAM) e do Departamento de Química (DQ) da Universidade de Aveiro (UA), que garante que, comparativamente a outros materiais, naturais ou sintéticos, usados hoje correntemente para o mesmo efeito, a taxa de sucesso da alface-do-mar "é superior".

Uma equipa de investigadores da Universidade de Aveiro (UA) descobriu que esta alga tem uma grande capacidade para remover elementos potencialmente tóxicos da água, a maior parte deles perigosos para a saúde humana e para o meio ambiente.

O segredo da grande capacidade de 'limpeza' pela alga explica-se através da sorção, processo através do qual a alface-do-mar consegue incorporar nos seus tecidos os contaminantes. O rápido crescimento destas algas, congratula-se Bruno Henriques, "contribui para que se consigam remover os contaminantes em cada vez maior quantidade, pois o crescimento da alga aumenta o número de locais de superfície aos quais estes elementos tóxicos se podem ligar".

O estudo da UA indica que cada grama de alga consegue remover em simultâneo 120 microgramas de mercúrio, 160?microgramas de cádmio, 980 microgramas de chumbo, 480 microgramas de crómio, 660?microgramas de níquel, 550 microgramas de arsénio, 370 microgramas de cobre e 2000 microgramas de manganês.

Estes elementos químicos, explica o investigador continuam a ser atualmente "muito usados por várias indústrias e a sua presença no ambiente causa impactos negativos, tais como toxicidade, observada mesmo para concentrações muito baixas". Outros problemas associados a estes elementos "estão relacionados com o seu carater persistente no ambiente e facilidade em se bioacumularem nos tecidos dos organismos".

Além da remoção dos elementos tóxicos, os investigadores da UA asseguram que as alfaces-do-mar permitem reduzir também o teor de fosfatos e nitratos em águas e ao usarem dióxido de carbono como fonte de carbono, permitem reduzir a pegada de carbono.
Facebook
Twitter

2019-03-19 12:54:31+00:00

UA descobre Solução para Limpar Águas Contaminadas

Tipo Meio: Internet Data Publicação: 19/03/2019

Meio: Litoral Magazine Online

URL: https://litoralmagazine.com/ua-descobre-solucao-para-limpar-aguas-contaminadas/

Na vulgar alface-do-mar pode estar a solução para limpar águas contaminadas pela indústria e pelo consumo doméstico. Uma equipa de investigadores da Universidade de Aveiro (UA) descobriu que esta alga tem uma grande capacidade para remover elementos potencialmente tóxicos da água, a maior parte deles perigosos para a saúde humana e para o meio ambiente. [...]

UA descobre Solução para Limpar Águas Contaminadas

Litoral Magazine

19 Março, 2019

Na vulgar alface-do-mar pode estar a solução para limpar águas contaminadas pela indústria e pelo consumo doméstico.

Uma equipa de investigadores da Universidade de Aveiro (UA) descobriu que esta alga tem uma grande capacidade para remover elementos potencialmente tóxicos da água, a maior parte deles perigosos para a saúde humana e para o meio ambiente. "A remoção alcançada com a alga que temos testado para remover da água, entre outros elementos, arsénio, mercúrio, cádmio e chumbo, é muito elevada", refere Bruno Henriques, o investigador do Centro de Estudos do Ambiente e do Mar (CESAM) e do Departamento de Química (DQ) da Academia de Aveiro, que garante que, comparativamente a outros materiais, naturais ou sintéticos, usados hoje correntemente para o mesmo efeito, a taxa de sucesso da alface-do-mar "é superior".

Por isso, o investigador considera que "estas algas são uma alternativa eficiente, pois removem percentagens elevadas de contaminantes num período curto de tempo, a metodologia é económica e mais ecológica do que os métodos 'clássicos' para a remoção destes elementos, que são menos eficazes e, muitas vezes, mais caros, o que se traduz em baixo custo-benefício".

O estudo da UA indica que cada grama de alga consegue remover em simultâneo 120 microgramas de mercúrio, 160?microgramas de cádmio, 980 microgramas de chumbo, 480 microgramas de crómio, 660?microgramas de níquel, 550 microgramas de arsénio, 370 microgramas de cobre e 2000 microgramas de manganês.

Estes elementos químicos, explica o investigador, apesar de se denominarem de 'clássicos' continuam a ser atualmente "muito usados por várias indústrias e a sua presença no ambiente causa impactos negativos, tais como toxicidade, observada mesmo para concentrações muito baixas". Outros problemas associados a estes elementos "estão relacionados com o seu caráter persistente no ambiente e facilidade em se bioacumularem nos tecidos dos organismos".

Algas cultivadas em locais contaminados

O segredo da grande capacidade de 'limpeza' pela alga explica-se através da sorção, processo através do qual a alface-do-mar consegue incorporar nos seus tecidos os contaminantes. O rápido crescimento

destas algas, congratula-se Bruno Henriques, "contribui para que se consigam remover os contaminantes em cada vez maior quantidade, pois o crescimento da alga aumenta o número de locais de superfície aos quais estes elementos tóxicos se podem ligar".

Assim, explica o investigador, "as algas poderão ser utilizadas para diminuir a contaminação de locais muito afetados por descargas destes elementos, através da introdução da alga no local a descontaminar se as condições forem adequadas ao seu crescimento ou cultivando algas num outro local e transportando estas para os locais a serem descontaminados".

Além da remoção dos elementos tóxicos, os investigadores da UA asseguram que as alfaces-do-mar permitem reduzir também o teor de fosfatos e nitratos em águas e ao usarem dióxido de carbono como fonte de carbono, permitem reduzir a pegada de carbono.

2019-03-19 15:20:32+00:00

Litoral Magazine

Alfaces-do-mar removem metais pesados de águas contaminadas

Tipo Meio: Internet Data Publicação: 19/03/2019

Meio: Medjournal Online

URL: http://www.pt.cision.com/s/?l=c3147a41

Investigação da Universidade de Aveiro

Na vulgar alface-do-mar pode estar a solução para limpar águas contaminadas pela indústria e pelo consumo doméstico. Uma equipa de investigadores da Universidade de Aveiro (UA) descobriu que esta alga tem uma grande capacidade para remover elementos potencialmente tóxicos da água, a maior parte deles perigosos para a saúde humana e para o meio ambiente.

"A remoção alcançada com a alga que temos testado para remover da água, entre outros elementos, arsénio, mercúrio, cádmio e chumbo, é muito elevada", congratula-se Bruno Henriques, o investigador do Centro de Estudos do Ambiente e do Mar (CESAM) e do Departamento de Química (DQ) da Academia de Aveiro, que garante que, comparativamente a outros materiais, naturais ou sintéticos, usados hoje correntemente para o mesmo efeito, a taxa de sucesso da alface-do-mar "é superior".

Por isso, o investigador considera que "estas algas são uma alternativa eficiente, pois removem percentagens elevadas de contaminantes num período curto de tempo, a metodologia é económica e mais ecológica do que os métodos 'clássicos' para a remoção destes elementos, que são menos eficazes e, muitas vezes, mais caros, o que se traduz em baixo custo-benefício".

O estudo da UA indica que cada grama de alga consegue remover em simultâneo 120 microgramas de mercúrio, 160?microgramas de cádmio, 980 microgramas de chumbo, 480 microgramas de crómio, 660?microgramas de níquel, 550 microgramas de arsénio, 370 microgramas de cobre e 2000 microgramas de manganês.

Estes elementos químicos, explica o investigador, apesar de se denominarem de 'clássicos' continuam a ser atualmente "muito usados por várias indústrias e a sua presença no ambiente causa impactos negativos, tais como toxicidade, observada mesmo para concentrações muito baixas". Outros problemas associados a estes elementos "estão relacionados com o seu carater persistente no ambiente e facilidade em se bioacumularem nos tecidos dos organismos".

Algas cultivadas em locais contaminados

O segredo da grande capacidade de 'limpeza' pela alga explica-se através da sorção, processo através do qual a alface-do-mar consegue incorporar nos seus tecidos os contaminantes. O rápido crescimento destas algas, congratula-se Bruno Henriques, "contribui para que se consigam remover os contaminantes em cada vez maior quantidade, pois o crescimento da alga aumenta o número de locais de superfície aos quais estes elementos tóxicos se podem ligar".

Assim, explica o investigador, "as algas poderão ser utilizadas para diminuir a contaminação de locais muito afetados por descargas destes elementos, através da introdução da alga no local a descontaminar se as condições forem adequadas ao seu crescimento ou cultivando algas num outro local e transportando estas para os locais a serem descontaminados".

Além da remoção dos elementos tóxicos, os investigadores da UA asseguram que as alfaces-do-mar

permitem reduzir também o teor de fosfatos e nitratos em águas e ao usarem dióxido de carbono como fonte de carbono, permitem reduzir a pegada de carbono.

O trabalho foi desenvolvido por uma equipa multidisciplinar da UA constituída por Bruno Henriques, Ana Teixeira, Paula Figueira, Joana Almeida e Eduarda Pereira (investigadores do DQ, do CESAM, do CICECO - Instituto de Materiais de Aveiro e do Laboratório Central de Análises), e com a cooperação da Universidade do Porto e do Instituto Nacional de Saúde Dr. Ricardo Jorge.

Os investigadores Eduarda Pereira, Joana Almeida, Bruno Henriques e Paula Figueira

Lusodados - www.lusodados.pt

Alfaces-do-mar são solução para limpar águas contaminadas

Tipo Meio:	Internet	Data Publicação:	19/03/2019
Meio:	Motor 24 Online	Autores:	Pedro Junceiro

URL: https://www.motor24.pt/motores/alfaces-do-mar-limpam-aguas-contaminadas/

2019-03-19 13:18:30+00:00

Pedro Junceiro
Editor Motor24

Sendo a poluição marítima um dos principais problemas atuais para a sustentabilidade dos ecossistemas, a Universidade de Aveiro (UA) descobriu que a vulgar alface-do-mar pode estar a solução para limpar águas contaminadas pela indústria e pelo consumo doméstico.

Uma equipa de investigadores daquela instituição descobriu que esta alga tem uma grande capacidade para remover elementos potencialmente tóxicos da água, a maior parte deles perigosos para a saúde humana e para o meio ambiente, conforme explica Bruno Henriques, investigador do Centro de Estudos do Ambiente e do Mar (CESAM) e do Departamento de Química (DQ) da Universidade de Aveiro.

"A remoção alcançada com a alga que temos testado para remover da água, entre outros elementos, arsénio, mercúrio, cádmio e chumbo, é muito elevada", aponta Bruno Henriques, explicando ainda que, comparativamente a outros materiais, naturais ou sintéticos, usados hoje correntemente para o mesmo efeito, a taxa de sucesso da alface-do-mar "é superior".

Por isso, o investigador considera que "estas algas são uma alternativa eficiente, pois removem percentagens elevadas de contaminantes num período curto de tempo, a metodologia é económica e mais ecológica do que os métodos 'clássicos' para a remoção destes elementos, que são menos eficazes e, muitas vezes, mais caros, o que se traduz em baixo custo-benefício", admite.

O estudo da UA indica que cada grama de alga consegue remover em simultâneo 120 microgramas de mercúrio, 160?microgramas de cádmio, 980 microgramas de chumbo, 480 microgramas de crómio, 660?microgramas de níquel, 550 microgramas de arsénio, 370 microgramas de cobre e 2000 microgramas de manganês.

Algas cultivadas em locais contaminados

O segredo da grande capacidade de 'limpeza' pela alga explica-se através da sorção, processo através do qual a alface-do-mar consegue incorporar nos seus tecidos os contaminantes. O rápido crescimento destas algas, diz Bruno Henriques, "contribui para que se consigam remover os contaminantes em cada vez maior quantidade, pois o crescimento da alga aumenta o número de locais de superfície aos quais estes elementos tóxicos se podem ligar".

Assim, explica o investigador, "as algas poderão ser utilizadas para diminuir a contaminação de locais muito afetados por descargas destes elementos, através da introdução da alga no local a descontaminar se as condições forem adequadas ao seu crescimento ou cultivando algas num outro local e transportando estas para os locais a serem descontaminados".

Além da remoção dos elementos tóxicos, os investigadores da UA asseguram que as alfaces-do-mar permitem reduzir também o teor de fosfatos e nitratos em águas e ao usarem dióxido de carbono como fonte de carbono, permitem reduzir a pegada de carbono.

O trabalho foi desenvolvido por uma equipa multidisciplinar da UA constituída por Bruno Henriques, Ana Teixeira, Paula Figueira, Joana Almeida e Eduarda Pereira (investigadores do DQ, do CESAM, do CICECO - Instituto de Materiais de Aveiro e do Laboratório Central de Análises), e com a cooperação da Universidade do Porto e do Instituto Nacional de Saúde Dr. Ricardo Jorge.

Percorra a galeria de imagens acima clicando sobre as setas.

[Additional Text]:
Iinvestigadores Eduarda Pereira, Joana Almeida, Bruno Henriques e Pau
alfaces-do-mar

Pedro Junceiro

Estudantes de Aveiro descobrem solução para limpar águas contaminadas

Tipo Meio:	Internet	Data Publicação:	19/03/2019
Meio:	Motor 24 Online	Autores:	Pedro Junceiro

URL: http://www.pt.cision.com/s/?l=69894777

2019-03-19 13:18:30+00:00

Pedro Junceiro
Editor Motor24

Sendo a poluição marítima um dos principais problemas atuais para a sustentabilidade dos ecossistemas, a Universidade de Aveiro (UA) descobriu que a vulgar alface-do-mar pode estar a solução para limpar águas contaminadas pela indústria e pelo consumo doméstico.

Uma equipa de investigadores daquela instituição descobriu que esta alga tem uma grande capacidade para remover elementos potencialmente tóxicos da água, a maior parte deles perigosos para a saúde humana e para o meio ambiente, conforme explica Bruno Henriques, investigador do Centro de Estudos do Ambiente e do Mar (CESAM) e do Departamento de Química (DQ) da Universidade de Aveiro.

"A remoção alcançada com a alga que temos testado para remover da água, entre outros elementos, arsénio, mercúrio, cádmio e chumbo, é muito elevada", aponta Bruno Henriques, explicando ainda que, comparativamente a outros materiais, naturais ou sintéticos, usados hoje correntemente para o mesmo efeito, a taxa de sucesso da alface-do-mar "é superior".

Por isso, o investigador considera que "estas algas são uma alternativa eficiente, pois removem percentagens elevadas de contaminantes num período curto de tempo, a metodologia é económica e mais ecológica do que os métodos 'clássicos' para a remoção destes elementos, que são menos eficazes e, muitas vezes, mais caros, o que se traduz em baixo custo-benefício", admite.

O estudo da UA indica que cada grama de alga consegue remover em simultâneo 120 microgramas de mercúrio, 160?microgramas de cádmio, 980 microgramas de chumbo, 480 microgramas de crómio, 660?microgramas de níquel, 550 microgramas de arsénio, 370 microgramas de cobre e 2000 microgramas de manganês.

Algas cultivadas em locais contaminados

O segredo da grande capacidade de 'limpeza' pela alga explica-se através da sorção, processo através do qual a alface-do-mar consegue incorporar nos seus tecidos os contaminantes. O rápido crescimento destas algas, diz Bruno Henriques, "contribui para que se consigam remover os contaminantes em cada vez maior quantidade, pois o crescimento da alga aumenta o número de locais de superfície aos quais estes elementos tóxicos se podem ligar".

Assim, explica o investigador, "as algas poderão ser utilizadas para diminuir a contaminação de locais muito afetados por descargas destes elementos, através da introdução da alga no local a descontaminar se as condições forem adequadas ao seu crescimento ou cultivando algas num outro local e transportando estas para os locais a serem descontaminados".

Além da remoção dos elementos tóxicos, os investigadores da UA asseguram que as alfaces-do-mar permitem reduzir também o teor de fosfatos e nitratos em águas e ao usarem dióxido de carbono como fonte de carbono, permitem reduzir a pegada de carbono.

O trabalho foi desenvolvido por uma equipa multidisciplinar da UA constituída por Bruno Henriques, Ana Teixeira, Paula Figueira, Joana Almeida e Eduarda Pereira (investigadores do DQ, do CESAM, do CICECO - Instituto de Materiais de Aveiro e do Laboratório Central de Análises), e com a cooperação da Universidade do Porto e do Instituto Nacional de Saúde Dr. Ricardo Jorge.

Percorra a galeria de imagens acima clicando sobre as setas.

[Additional Text]:
Iinvestigadores Eduarda Pereira, Joana Almeida, Bruno Henriques e Pau
alfaces-do-mar

Pedro Junceiro

Universidade de Aveiro descobre que alga remove metais pesados de águas contaminadas

Tipo Meio: Internet Data Publicação: 19/03/2019

Meio: Mundo Português Online

URL: http://www.pt.cision.com/s/?l=2b53e2d5

2019-03-19 18:35:47+00:00

Chama-se alface-do-mar, pelas semelhanças com o vegetal comestível, mas é uma espécie vulgar de alga. E nela pode estar a solução para limpar águas contaminadas pela indústria e pelo consumo doméstico, descobriram agora investigadores da Universidade de Aveiro.

Uma equipa de investigadores da UA percebeu que esta alga "tem uma grande capacidade para remover elementos potencialmente tóxicos da água, a maior parte deles perigosos para a saúde humana e para o meio ambiente", explica a academia aveirense num comunicado enviado ao 'Mundo Português'.

O trabalho foi desenvolvido por uma equipa multidisciplinar da UA constituída por Bruno Henriques, Ana Teixeira, Paula Figueira, Joana Almeida e Eduarda Pereira (investigadores do DQ, do CESAM, do CICECO - Instituto de Materiais de Aveiro e do Laboratório Central de Análises), e com a cooperação da Universidade do Porto e do Instituto Nacional de Saúde Dr. Ricardo Jorge.

Os investigadores testaram a alface-do-mar como removedor de elementos como arsénio, mercúrio, cádmio e chumbo, entre outros. E descobriram que a remoção alcançada com a alga "é muito elevada", revela Bruno Henriques.

O investigador, do Centro de Estudos do Ambiente e do Mar (CESAM) e do Departamento de Química (DQ) da Academia de Aveiro, garante ainda que, comparativamente a outros materiais, naturais ou sintéticos, usados hoje correntemente para o mesmo efeito, a taxa de sucesso da alface-do-mar "é superior".

Os resultados levam os investigadores a acreditarem que estas algas "são uma alternativa eficiente, pois removem percentagens elevadas de contaminantes num período curto de tempo, a metodologia é económica e mais ecológica do que os métodos 'clássicos' para a remoção destes elementos, que são menos eficazes e, muitas vezes, mais caros, o que se traduz em baixo custo-benefício".

Cultivadas em locais contaminados

O estudo da UA indica que cada grama de alga consegue remover em simultâneo 120 microgramas de mercúrio, 160?microgramas de cádmio, 980 microgramas de chumbo, 480 microgramas de crómio, 660?microgramas de níquel, 550 microgramas de arsénio, 370 microgramas de cobre e 2000 microgramas de manganês, informa o comunicado divulgado pela universidade.

Bruno Henriques explica que estes elementos químicos, apesar de se denominarem de 'clássicos', continuam a ser atualmente "muito usados por várias indústrias e a sua presença no ambiente causa impactos negativos, tais como toxicidade, observada mesmo para concentrações muito baixas".

Outros problemas associados a estes elementos "estão relacionados com o seu carater persistente no ambiente e facilidade em se bioacumularem nos tecidos dos organismos", diz ainda.

A capacidade de 'limpeza' desta alga está na sorção, processo através do qual a alface-do-mar consegue incorporar nos seus tecidos, os elementos contaminantes.

O rápido crescimento destas algas "contribui para que se consigam remover os contaminantes em cada vez maior quantidade, pois o crescimento da alga aumenta o número de locais de superfície aos quais estes elementos tóxicos se podem ligar", congratula-se Bruno Henriques.

"As algas poderão ser utilizadas para diminuir a contaminação de locais muito afetados por descargas destes elementos, através da introdução da alga no local a descontaminar se as condições forem adequadas ao seu crescimento ou cultivando algas num outro local e transportando estas para os locais a serem descontaminados", defende o investigador.

Os investigadores asseguram que as alfaces-do-mar permitem ainda reduzir o teor de fosfatos e nitratos em águas e ao usarem dióxido de carbono como fonte de carbono, ajudam reduzir a pegada de carbono.

Descoberta capacidade da alface-do-mar para limpar águas contaminadas

Tipo Meio: Internet Data Publicação: 19/03/2019

Meio: Notícias ao Minuto Online

URL: http://www.pt.cision.com/s/?l=549deed9

2019-03-19 16:20:23+00:00

Uma equipa de investigadores da Universidade de Aveiro (UA) descobriu que a alface-do-mar pode limpar águas contaminadas pela indústria e pelo consumo doméstico, anunciou hoje fonte académica.

Testes realizados com aquela alga revelaram que tem "uma grande capacidade para remover elementos potencialmente tóxicos da água, a maior parte deles perigosos para a saúde humana e para o meio ambiente", refere a UA.

"A remoção alcançada com a alga que temos testado para remover da água, entre outros elementos, arsénio, mercúrio, cádmio e chumbo, é muito elevada", assegura Bruno Henriques, investigador do Centro de Estudos do Ambiente e do Mar (CESAM) e do Departamento de Química (DQ) da Universidade de Aveiro.

Bruno Henriques garante que, comparativamente a outros materiais, naturais ou sintéticos, usados para o mesmo efeito, a taxa de sucesso da alface-do-mar "é superior" pelo que considera que a alface-do-mar é uma alternativa eficiente.

"Essas algas removem percentagens elevadas de contaminantes num período curto de tempo, a metodologia é económica e mais ecológica do que os métodos 'clássicos' para a remoção destes elementos, que são menos eficazes e, muitas vezes, mais caros, o que se traduz em baixo custo-benefício", comenta.

O estudo da Universidade de Aveiro indica que cada grama de alga consegue remover em simultâneo 120 microgramas de mercúrio, 160 microgramas de cádmio, 980 microgramas de chumbo, 480 microgramas de crómio, 660?microgramas de níquel, 550 microgramas de arsénio, 370 microgramas de cobre e 2.000 microgramas de manganês.

O "segredo" da grande capacidade de 'limpeza' pela alga explica-se através de sorção, processo através do qual a alface-do-mar consegue incorporar nos seus tecidos os contaminantes.

"O rápido crescimento dessas algas contribui para que se consigam remover os contaminantes em cada vez maior quantidade, pois o crescimento da alga aumenta o número de locais de superfície aos quais estes elementos tóxicos se podem ligar", esclarece.

Segundo Bruno Henriques, "as algas podem ser utilizadas para diminuir a contaminação de locais afetados por descargas desses elementos, através da introdução da alga no local a descontaminar, se as condições forem adequadas ao seu crescimento, ou cultivando algas num outro local e transportando estas para os locais a serem descontaminados".

Os investigadores da UA asseguram que as alfaces-do-mar permitem reduzir também o teor de fosfatos e nitratos em águas e ao usarem dióxido de carbono como fonte de carbono, permitem reduzir a pegada de carbono.

Além de Bruno Henriques, a equipa de investigação que desenvolveu o estudo integra Ana Teixeira, Paula Figueira, Joana Almeida e Eduarda Pereira, do Instituto de Materiais de Aveiro e do Laboratório Central de Análises, em cooperação com a Universidade do Porto e o Instituto Ricardo Jorge.

[Additional Text]:
Descoberta capacidade da alface-do-mar para limpar águas contaminadas

Lusa

Alface-do-mar é alternativa para descontaminação de águas

Tipo Meio: Internet Data Publicação: 19/03/2019

Meio: Notícias de Aveiro Online

URL: http://www.pt.cision.com/s/?l=5ce99d78

2019-03-19 12:33:25+00:00

Os investigadores da UA Eduarda Pereira, Joana Almeida, Bruno Henriques e Paula Ferreira.

A vulgar alface-do-mar ajuda a limpar águas contaminadas pela indústria e pelo consumo doméstico, concluiu uma equipa de investigadores da Universidade de Aveiro (UA).

O estudo agora divulgado dá conta da grande capacidade para remover elementos potencialmente tóxicos da água, a maior parte perigosos para a saúde humana e o meio ambiente.

O segredo da grande capacidade de 'limpeza' pela alga explica-se através da sorção, processo através do qual a alface-do-mar consegue incorporar nos seus tecidos os contaminantes.

"A remoção alcançada com a alga que temos testado para remover da água, entre outros elementos, arsénio, mercúrio, cádmio e chumbo, é muito elevada", explica Bruno Henriques, investigador do Centro de Estudos do Ambiente e do Mar (CESAM) e do Departamento de Química (DQ) da Academia de Aveiro citado numa nota de imprensa da UA.

A taxa de sucesso da alface-do-mar "é superior"comparativamente a outros materiais, naturais ou sintéticos, que são usados hoje correntemente para o mesmo efeito,

Os investigadores perspetivam, assim, uma "alternativa eficiente" para remover "percentagens elevadas de contaminantes num período curto de tempo".

Além disso, "a metodologia é económica e mais ecológica do que os métodos 'clássicos' para a remoção destes elementos, que são menos eficazes e, muitas vezes, mais caros, o que se traduz em baixo custo-benefício".

O estudo da UA indica que cada grama de alga consegue remover em simultâneo 120 microgramas de mercúrio, 160?microgramas de cádmio, 980 microgramas de chumbo, 480 microgramas de crómio, 660?microgramas de níquel, 550 microgramas de arsénio, 370 microgramas de cobre e 2000 microgramas de manganês.

Os elementos químicos continuam a ser atualmente muito usados por várias indústrias e a sua presença no ambiente causa impactos negativos, tais como toxicidade, observada mesmo para concentrações muito baixas, lembram os investigadores.

Outros problemas associados a estes elementos "estão relacionados com o seu carater persistente no ambiente e facilidade em se bioacumularem nos tecidos dos organismos".

O rápido crescimento deste tipo de algas contribui para remover os contaminantes em cada vez maior quantidade, pelo aumento do número de locais de superfície aos quais estes elementos tóxicos se podem ligar.

As alfaces-do-mar permitem reduzir, também, o teor de fosfatos e nitratos em águas e ao usarem dióxido de carbono como fonte de carbono, permitem reduzir a pegada de carbono.

O trabalho foi desenvolvido por uma equipa multidisciplinar da UA constituída por Bruno Henriques, Ana Teixeira, Paula Figueira, Joana Almeida e Eduarda Pereira (investigadores do DQ, do CESAM, do CICECO - Instituto de Materiais de Aveiro e do Laboratório Central de Análises), e com a cooperação da Universidade do Porto e do Instituto Nacional de Saúde Dr. Ricardo Jorge.

Publicidade, Serviços & Donativos

Alfaces-do-mar removem metais pesados da água

Tipo Meio: Internet Data Publicação: 19/03/2019

Meio: Notícias de Coimbra Online

URL: https://www.noticiasdecoimbra.pt/alfaces-do-mar-removem-metais-pesados-da-agua/

Coimbra · Região

Alfaces-do-mar removem metais pesados da água

por Notícias de Coimbra

Março 19, 2019

Na vulgar alface-do-mar pode estar a solução para limpar águas contaminadas pela indústria e pelo consumo doméstico. Uma equipa de investigadores da Universidade de Aveiro (UA) descobriu que esta alga tem uma grande capacidade para remover elementos potencialmente tóxicos da água, a maior parte deles perigosos para a saúde humana e para o meio ambiente.

"A remoção alcançada com a alga que temos testado para remover da água, entre outros elementos, arsénio, mercúrio, cádmio e chumbo, é muito elevada", congratula-se Bruno Henriques, o investigador do Centro de Estudos do Ambiente e do Mar (CESAM) e do Departamento de Química (DQ) da Academia de Aveiro, que garante que, comparativamente a outros materiais, naturais ou sintéticos, usados hoje correntemente para o mesmo efeito, a taxa de sucesso da alface-do-mar "é superior".

Por isso, o investigador considera que "estas algas são uma alternativa eficiente, pois removem percentagens elevadas de contaminantes num período curto de tempo, a metodologia é económica e mais ecológica do que os métodos 'clássicos' para a remoção destes elementos, que são menos eficazes e, muitas vezes, mais caros, o que se traduz em baixo custo-benefício".

O estudo da UA indica que cada grama de alga consegue remover em simultâneo 120 microgramas de mercúrio, 160?microgramas de cádmio, 980 microgramas de chumbo, 480 microgramas de crómio, 660?microgramas de níquel, 550 microgramas de arsénio, 370 microgramas de cobre e 2000 microgramas de manganês.

Estes elementos químicos, explica o investigador, apesar de se denominarem de 'clássicos' continuam a ser atualmente "muito usados por várias indústrias e a sua presença no ambiente causa impactos negativos, tais como toxicidade, observada mesmo para concentrações muito baixas". Outros problemas associados a estes elementos "estão relacionados com o seu carater persistente no ambiente e facilidade em se bioacumularem nos tecidos dos organismos".

O segredo da grande capacidade de 'limpeza' pela alga explica-se através da sorção, processo através do qual a alface-do-mar consegue incorporar nos seus tecidos os contaminantes. O rápido crescimento destas algas, congratula-se Bruno Henriques, "contribui para que se consigam remover os contaminantes em cada vez maior quantidade, pois o crescimento da alga aumenta o número de locais de superfície aos quais estes elementos tóxicos se podem ligar".

Assim, explica o investigador, "as algas poderão ser utilizadas para diminuir a contaminação de locais muito afetados por descargas destes elementos, através da introdução da alga no local a

descontaminar se as condições forem adequadas ao seu crescimento ou cultivando algas num outro local e transportando estas para os locais a serem descontaminados".

Além da remoção dos elementos tóxicos, os investigadores da UA asseguram que as alfaces-do-mar permitem reduzir também o teor de fosfatos e nitratos em águas e ao usarem dióxido de carbono como fonte de carbono, permitem reduzir a pegada de carbono.

O trabalho foi desenvolvido por uma equipa multidisciplinar da UA constituída por Bruno Henriques, Ana Teixeira, Paula Figueira, Joana Almeida e Eduarda Pereira (investigadores do DQ, do CESAM, do CICECO - Instituto de Materiais de Aveiro e do Laboratório Central de Análises), e com a cooperação da Universidade do Porto e do Instituto Nacional de Saúde Dr. Ricardo Jorge.

email

PARTILHE ESTA NOTÍCIA COM OS SEUS AMIGOS

Março 19, 2019

Notícias de Coimbra

Investigação UA: Alfaces-do-mar removem metais pesados de águas contaminadas

Tipo Meio: Internet Data Publicação: 19/03/2019

Meio: Rádio Terra Nova Online

URL: http://www.pt.cision.com/s/?l=e4db65ee

Na vulgar alface-do-mar pode estar a solução para limpar águas contaminadas pela indústria e pelo consumo doméstico.

Uma equipa de investigadores da Universidade de Aveiro (UA) descobriu que esta alga tem uma grande capacidade para remover elementos potencialmente tóxicos da água, a maior parte deles perigosos para a saúde humana e para o meio ambiente.

"A remoção alcançada com a alga que temos testado para remover da água, entre outros elementos, arsénio, mercúrio, cádmio e chumbo, é muito elevada", congratula-se Bruno Henriques, o investigador do Centro de Estudos do Ambiente e do Mar (CESAM) e do Departamento de Química (DQ) da Academia de Aveiro, que garante que, comparativamente a outros materiais, naturais ou sintéticos, usados hoje correntemente para o mesmo efeito, a taxa de sucesso da alface-do-mar "é superior".

Por isso, o investigador considera que "estas algas são uma alternativa eficiente, pois removem percentagens elevadas de contaminantes num período curto de tempo, a metodologia é económica e mais ecológica do que os métodos 'clássicos' para a remoção destes elementos, que são menos eficazes e, muitas vezes, mais caros, o que se traduz em baixo custo-benefício".

O estudo da UA indica que cada grama de alga consegue remover em simultâneo 120 microgramas de mercúrio, 160?microgramas de cádmio, 980 microgramas de chumbo, 480 microgramas de crómio, 660?microgramas de níquel, 550 microgramas de arsénio, 370 microgramas de cobre e 2000 microgramas de manganês.

Estes elementos químicos, explica o investigador, apesar de se denominarem de 'clássicos' continuam a ser atualmente "muito usados por várias indústrias e a sua presença no ambiente causa impactos negativos, tais como toxicidade, observada mesmo para concentrações muito baixas". Outros problemas associados a estes elementos "estão relacionados com o seu carater persistente no ambiente e facilidade em se bioacumularem nos tecidos dos organismos".

Algas cultivadas em locais contaminados

O segredo da grande capacidade de 'limpeza' pela alga explica-se através da sorção, processo através do qual a alface-do-mar consegue incorporar nos seus tecidos os contaminantes.

O rápido crescimento destas algas, congratula-se Bruno Henriques, "contribui para que se consigam remover os contaminantes em cada vez maior quantidade, pois o crescimento da alga aumenta o número de locais de superfície aos quais estes elementos tóxicos se podem ligar".

Assim, explica o investigador, "as algas poderão ser utilizadas para diminuir a contaminação de locais muito afetados por descargas destes elementos, através da introdução da alga no local a descontaminar se as condições forem adequadas ao seu crescimento ou cultivando algas num outro local e transportando estas para os locais a serem descontaminados".

Além da remoção dos elementos tóxicos, os investigadores da UA asseguram que as alfaces-do-mar permitem reduzir também o teor de fosfatos e nitratos em águas e ao usarem dióxido de carbono como fonte de carbono, permitem reduzir a pegada de carbono.

O trabalho foi desenvolvido por uma equipa multidisciplinar da UA constituída por Bruno Henriques, Ana Teixeira, Paula Figueira, Joana Almeida e Eduarda Pereira (investigadores do DQ, do CESAM, do CICECO - Instituto de Materiais de Aveiro e do Laboratório Central de Análises), e com a cooperação da Universidade do Porto e do Instituto Nacional de Saúde Dr. Ricardo Jorge.

Texto e fto: UA

2019-03-19 14:26

Contaminantes: Alfaces-do-mar removem metais pesados da água

Tipo Meio: Internet Data Publicação: 19/03/2019

Meio: Sapo Online - Sapo Lifestyle Online

URL: http://www.pt.cision.com/s/?l=55335483

2019-03-19T11:44:54Z

Na vulgar alface-do-mar pode estar a solução para limpar águas contaminadas pela indústria e pelo consumo doméstico. Uma equipa de investigadores da Universidade de Aveiro (UA) descobriu que esta alga tem uma grande capacidade para remover elementos potencialmente tóxicos da água, a maior parte deles perigosos para a saúde humana e para o meio ambiente.

"A remoção alcançada com a alga que temos testado para remover da água, entre outros elementos, arsénio, mercúrio, cádmio e chumbo, é muito elevada", congratula-se Bruno Henriques, o investigador do Centro de Estudos do Ambiente e do Mar (CESAM) e do Departamento de Química (DQ) da Academia de Aveiro, que garante que, comparativamente a outros materiais, naturais ou sintéticos, usados hoje correntemente para o mesmo efeito, a taxa de sucesso da alface-do-mar "é superior".

Por isso, o investigador considera que "estas algas são uma alternativa eficiente, pois removem percentagens elevadas de contaminantes num período curto de tempo, a metodologia é económica e mais ecológica do que os métodos 'clássicos' para a remoção destes elementos, que são menos eficazes e, muitas vezes, mais caros, o que se traduz em baixo custo-benefício".

créditos: Universidade de Aveiro

O estudo da UA indica que cada grama de alga consegue remover em simultâneo 120 microgramas de mercúrio, 160?microgramas de cádmio, 980 microgramas de chumbo, 480 microgramas de crómio, 660?microgramas de níquel, 550 microgramas de arsénio, 370 microgramas de cobre e 2000 microgramas de manganês.

Estes elementos químicos, explica o investigador, apesar de se denominarem de 'clássicos' continuam a ser atualmente "muito usados por várias indústrias e a sua presença no ambiente causa impactos negativos, tais como toxicidade, observada mesmo para concentrações muito baixas". Outros problemas associados a estes elementos "estão relacionados com o seu carater persistente no ambiente e facilidade em se bioacumularem nos tecidos dos organismos".

Algas cultivadas em locais contaminados

O segredo da grande capacidade de 'limpeza' pela alga explica-se através da sorção, processo através do qual a alface-do-mar consegue incorporar nos seus tecidos os contaminantes. O rápido crescimento destas algas, congratula-se Bruno Henriques, "contribui para que se consigam remover os contaminantes em cada vez maior quantidade, pois o crescimento da alga aumenta o número de locais de superfície aos quais estes elementos tóxicos se podem ligar".

Continuar a ler

Assim, explica o investigador, "as algas poderão ser utilizadas para diminuir a contaminação de locais muito afetados por descargas destes elementos, através da introdução da alga no local a descontaminar se as condições forem adequadas ao seu crescimento ou cultivando algas num outro local e transportando estas para os locais a serem descontaminados".

Além da remoção dos elementos tóxicos, os investigadores da UA asseguram que as alfaces-do-mar permitem reduzir também o teor de fosfatos e nitratos em águas e ao usarem dióxido de carbono como fonte de carbono, permitem reduzir a pegada de carbono.

O trabalho foi desenvolvido por uma equipa multidisciplinar da UA constituída por Bruno Henriques, Ana Teixeira, Paula Figueira, Joana Almeida e Eduarda Pereira (investigadores do DQ, do CESAM, do CICECO - Instituto de Materiais de Aveiro e do Laboratório Central de Análises), e com a cooperação da Universidade do Porto e do Instituto Nacional de Saúde Dr. Ricardo Jorge.

Newsletter Receba o melhor do SAPO Lifestyle diariamente no seu email. Subscrever Já subscrevi Notificações Os temas mais inspiradores e atuais estão nas notificações do SAPO Lifestyle. Subscrever Na sua rede favorita Siga-nos na sua rede favorita.

SAPO

Alface-do-mar pode limpar águas contaminadas

Tipo Meio: Internet Data Publicação: 19/03/2019

Meio: SIC Notícias Online

URL: http://www.pt.cision.com/s/?l=7b68098

2019-03-19T16:05:16.746Z

Esta alga tem grande capacidade para remover elementos potencialmente tóxicos da água.

Uma equipa de investigadores da Universidade de Aveiro (UA) descobriu que a alface-do-mar pode limpar águas contaminadas pela indústria e pelo consumo doméstico, anunciou esta terça-feira fonte académica.

Testes realizados com aquela alga revelaram que tem "uma grande capacidade para remover elementos potencialmente tóxicos da água, a maior parte deles perigosos para a saúde humana e para o meio ambiente", refere a UA.

"A remoção alcançada com a alga que temos testado para remover da água, entre outros elementos, arsénio, mercúrio, cádmio e chumbo, é muito elevada", assegura Bruno Henriques, investigador do Centro de Estudos do Ambiente e do Mar (CESAM) e do Departamento de Química (DQ) da Universidade de Aveiro.

Bruno Henriques garante que, comparativamente a outros materiais, naturais ou sintéticos, usados para o mesmo efeito, a taxa de sucesso da alface-do-mar "é superior" pelo que considera que a alface-do-mar é uma alternativa eficiente.

"Essas algas removem percentagens elevadas de contaminantes num período curto de tempo, a metodologia é económica e mais ecológica do que os métodos 'clássicos' para a remoção destes elementos, que são menos eficazes e, muitas vezes, mais caros, o que se traduz em baixo custo-benefício".

O estudo da Universidade de Aveiro indica que cada grama de alga consegue remover em simultâneo 120 microgramas de mercúrio, 160 microgramas de cádmio, 980 microgramas de chumbo, 480 microgramas de crómio, 660 microgramas de níquel, 550 microgramas de arsénio, 370 microgramas de cobre e 2.000 microgramas de manganês.

O "segredo" da grande capacidade de 'limpeza' pela alga explica-se através de sorção, processo através do qual a alface-do-mar consegue incorporar nos seus tecidos os contaminantes.

"O rápido crescimento dessas algas contribui para que se consigam remover os contaminantes em cada vez maior quantidade, pois o crescimento da alga aumenta o número de locais de superfície aos quais estes elementos tóxicos se podem ligar".

Segundo Bruno Henriques, "as algas podem ser utilizadas para diminuir a contaminação de locais afetados por descargas desses elementos, através da introdução da alga no local a descontaminar, se as condições forem adequadas ao seu crescimento, ou cultivando algas num outro local e transportando estas para os locais a serem descontaminados".

Os investigadores da UA asseguram que as alfaces-do-mar permitem reduzir também o teor de fosfatos e nitratos em águas e ao usarem dióxido de carbono como fonte de carbono, permitem reduzir a pegada de carbono.

Além de Bruno Henriques, a equipa de investigação que desenvolveu o estudo integra Ana Teixeira, Paula Figueira, Joana Almeida e Eduarda Pereira, do Instituto de Materiais de Aveiro e do Laboratório Central de Análises, em cooperação com a Universidade do Porto e o Instituto Ricardo Jorge.

Lusa

Alfaces-do-mar removem metais pesados de águas contaminadas

Tipo Meio: Internet Data Publicação: 19/03/2019

Meio: Sul Informação Online

URL: http://www.pt.cision.com/s/?l=b36b01a7

Em comparação, a taxa de sucesso da alface-do-mar "é superior"

Na vulgar alface-do-mar, pode estar a solução para limpar águas contaminadas pela indústria e pelo consumo doméstico. Uma equipa de investigadores da Universidade de Aveiro (UA) descobriu que esta alga tem uma grande capacidade para remover elementos potencialmente tóxicos da água, a maior parte deles perigosos para a saúde humana e para o meio ambiente.

"A remoção alcançada com a alga que temos testado para remover da água, entre outros elementos, arsénio, mercúrio, cádmio e chumbo, é muito elevada", congratula-se Bruno Henriques, o investigador do Centro de Estudos do Ambiente e do Mar (CESAM) e do Departamento de Química (DQ) da Academia de Aveiro.

Bruno Henriques garante que, comparativamente a outros materiais, naturais ou sintéticos, usados hoje correntemente para o mesmo efeito, a taxa de sucesso da alface-do-mar "é superior".

Por isso, o investigador considera que "estas algas são uma alternativa eficiente, pois removem percentagens elevadas de contaminantes num período curto de tempo, a metodologia é económica e mais ecológica do que os métodos 'clássicos' para a remoção destes elementos, que são menos eficazes e, muitas vezes, mais caros, o que se traduz em baixo custo-benefício".

O estudo da UA indica que cada grama de alga consegue remover em simultâneo 120 microgramas de mercúrio, 160?microgramas de cádmio, 980 microgramas de chumbo, 480 microgramas de crómio, 660?microgramas de níquel, 550 microgramas de arsénio, 370 microgramas de cobre e 2000 microgramas de manganês.

Estes elementos químicos, explica o investigador, apesar de se denominarem de clássicos continuam a ser atualmente "muito usados por várias indústrias e a sua presença no ambiente causa impactos negativos, tais como toxicidade, observada mesmo para concentrações muito baixas". Outros problemas associados a estes elementos "estão relacionados com o seu carater persistente no ambiente e facilidade em se bioacumularem nos tecidos dos organismos".

Os investigadores Eduarda Pereira, Joana Almeida, Bruno Henriques e Paula Figueira

Algas cultivadas em locais contaminados

O segredo da grande capacidade de limpeza pela alga explica-se através da sorção, processo através do qual a alface-do-mar consegue incorporar nos seus tecidos os contaminantes.

O rápido crescimento destas algas, congratula-se Bruno Henriques, "contribui para que se consiga remover os contaminantes em cada vez maior quantidade, pois o crescimento da alga aumenta o número de locais de superfície aos quais estes elementos tóxicos se podem ligar".

Assim, explica o investigador, "as algas poderão ser utilizadas para diminuir a contaminação de locais

muito afetados por descargas destes elementos, através da introdução da alga no local a descontaminar se as condições forem adequadas ao seu crescimento ou cultivando algas num outro local e transportando estas para os locais a serem descontaminados".

Além da remoção dos elementos tóxicos, os investigadores da UA asseguram que as alfaces-do-mar permitem reduzir também o teor de fosfatos e nitratos em águas e ao usarem dióxido de carbono como fonte de carbono, permitem reduzir a pegada de carbono.

O trabalho foi desenvolvido por uma equipa multidisciplinar da UA constituída por Bruno Henriques, Ana Teixeira, Paula Figueira, Joana Almeida e Eduarda Pereira (investigadores do DQ, do CESAM, do CICECO - Instituto de Materiais de Aveiro e do Laboratório Central de Análises), e com a cooperação da Universidade do Porto e do Instituto Nacional de Saúde Dr. Ricardo Jorge.

19 de Março de 2019 - 13:08

Sul Informação

Alface-do-mar pode ser solução para limpar águas contaminadas

Tipo Meio:	Internet	Data Publicação:	19/03/2019
Meio:	TDS - Televisão do Sul - TDS - Televisão do Sul Online	Autores:	Carla Correia

URL: http://www.pt.cision.com/s/?l=e2243d34

2019-03-19

"Na vulgar alface-do-mar pode estar a solução para limpar águas contaminadas pela indústria e pelo consumo doméstico". Quem o diz é uma equipa de investigadores da Universidade de Aveiro (UA) que descobriu que esta alga tem uma grande capacidade para remover elementos potencialmente tóxicos da água, a maior parte deles perigosos para a saúde humana e para o meio ambiente.

A remoção alcançada com a alga que temos testado para remover da água, entre outros elementos, arsénio, mercúrio, cádmio e chumbo, é muito elevada", garante Bruno Henriques, investigador do Centro de Estudos do Ambiente e do Mar (CESAM) e do Departamento de Química (DQ) da Universidade de Aveiro.

O investigador considera que "estas algas são uma alternativa eficiente, pois removem percentagens elevadas de contaminantes num período curto de tempo, a metodologia é económica e mais ecológica do que os métodos 'clássicos' para a remoção destes elementos, que são menos eficazes e, muitas vezes, mais caros, o que se traduz em baixo custo-benefício".

Segundo o estudo da UA cada grama de alga consegue remover em simultâneo 120 microgramas de mercúrio, 160?microgramas de cádmio, 980 microgramas de chumbo, 480 microgramas de crómio, 660?microgramas de níquel, 550 microgramas de arsénio, 370 microgramas de cobre e 2000 microgramas de manganês.

Para além da remoção dos elementos tóxicos, os investigadores da UA asseguram que as alfaces-do-mar permitem reduzir também o teor de fosfatos e nitratos em águas e ao usarem dióxido de carbono como fonte de carbono, permitem reduzir a pegada de carbono.

O trabalho foi desenvolvido por uma equipa multidisciplinar da UA constituída por Bruno Henriques, Ana Teixeira, Paula Figueira, Joana Almeida e Eduarda Pereira (investigadores do DQ, do CESAM, do CICECO - Instituto de Materiais de Aveiro e do Laboratório Central de Análises), e com a cooperação da Universidade do Porto e do Instituto Nacional de Saúde Dr. Ricardo Jorge.

Continuar a ler

Publicidade

Carla Correia

Descoberta capacidade da alface-do-mar para limpar águas contaminadas

Tipo Meio: Internet Data Publicação: 19/03/2019

Meio: TSF Online

URL: http://www.pt.cision.com/s/?l=4746a199

2019-03-19T15:46:23Z

Uma equipa de investigadores da Universidade de Aveiro (UA) descobriu que a alface-do-mar pode limpar águas contaminadas pela indústria e pelo consumo doméstico, anunciou hoje fonte académica.

LusaPartilharTwitterImprimirPartilhar

Testes realizados com aquela alga revelaram que tem "uma grande capacidade para remover elementos potencialmente tóxicos da água, a maior parte deles perigosos para a saúde humana e para o meio ambiente", refere a UA.

PUB
"A remoção alcançada com a alga que temos testado para remover da água, entre outros elementos, arsénio, mercúrio, cádmio e chumbo, é muito elevada", assegura Bruno Henriques, investigador do Centro de Estudos do Ambiente e do Mar (CESAM) e do Departamento de Química (DQ) da Universidade de Aveiro.

Bruno Henriques garante que, comparativamente a outros materiais, naturais ou sintéticos, usados para o mesmo efeito, a taxa de sucesso da alface-do-mar "é superior" pelo que considera que a alface-do-mar é uma alternativa eficiente.

"Essas algas removem percentagens elevadas de contaminantes num período curto de tempo, a metodologia é económica e mais ecológica do que os métodos 'clássicos' para a remoção destes elementos, que são menos eficazes e, muitas vezes, mais caros, o que se traduz em baixo custo-benefício", comenta.

O estudo da Universidade de Aveiro indica que cada grama de alga consegue remover em simultâneo 120 microgramas de mercúrio, 160 microgramas de cádmio, 980 microgramas de chumbo, 480 microgramas de crómio, 660?microgramas de níquel, 550 microgramas de arsénio, 370 microgramas de cobre e 2.000 microgramas de manganês.

O "segredo" da grande capacidade de 'limpeza' pela alga explica-se através de sorção, processo através do qual a alface-do-mar consegue incorporar nos seus tecidos os contaminantes.

"O rápido crescimento dessas algas contribui para que se consigam remover os contaminantes em cada vez maior quantidade, pois o crescimento da alga aumenta o número de locais de superfície aos quais estes elementos tóxicos se podem ligar", esclarece.

Segundo Bruno Henriques, "as algas podem ser utilizadas para diminuir a contaminação de locais afetados por descargas desses elementos, através da introdução da alga no local a descontaminar, se as condições forem adequadas ao seu crescimento, ou cultivando algas num outro local e transportando estas para os locais a serem descontaminados".

Os investigadores da UA asseguram que as alfaces-do-mar permitem reduzir também o teor de fosfatos e nitratos em águas e ao usarem dióxido de carbono como fonte de carbono, permitem reduzir a pegada de carbono.

Além de Bruno Henriques, a equipa de investigação que desenvolveu o estudo integra Ana Teixeira, Paula Figueira, Joana Almeida e Eduarda Pereira, do Instituto de Materiais de Aveiro e do Laboratório Central de Análises, em cooperação com a Universidade do Porto e o Instituto Ricardo Jorge.

Lusa

Alface-do-mar consegue limpar águas contaminadas

Tipo Meio: Internet Data Publicação: 19/03/2019

Meio: TVI 24 Online

URL: http://www.pt.cision.com/s/?l=5933e14a

2019-03-19T16:07:00

Equipa de investigadores da Universidade de Aveiro (UA) descobriu que a alface-do-mar pode limpar águas contaminadas pela indústria e pelo consumo doméstico

Uma equipa de investigadores da Universidade de Aveiro (UA) descobriu que a alface-do-mar pode limpar águas contaminadas pela indústria e pelo consumo doméstico, anunciou esta terça-feira fonte académica.

Testes realizados com aquela alga revelaram que tem "uma grande capacidade para remover elementos potencialmente tóxicos da água, a maior parte deles perigosos para a saúde humana e para o meio ambiente", refere a UA.

A remoção alcançada com a alga que temos testado para remover da água, entre outros elementos, arsénio, mercúrio, cádmio e chumbo, é muito elevada", assegura Bruno Henriques, investigador do Centro de Estudos do Ambiente e do Mar (CESAM) e do Departamento de Química (DQ) da Universidade de Aveiro.

Bruno Henriques garante que, comparativamente a outros materiais, naturais ou sintéticos, usados para o mesmo efeito, a taxa de sucesso da alface-do-mar "é superior" pelo que considera que a alface-do-mar é uma alternativa eficiente.

Essas algas removem percentagens elevadas de contaminantes num período curto de tempo, a metodologia é económica e mais ecológica do que os métodos 'clássicos' para a remoção destes elementos, que são menos eficazes e, muitas vezes, mais caros, o que se traduz em baixo custo-benefício", comenta.

O estudo da Universidade de Aveiro indica que cada grama de alga consegue remover em simultâneo 120 microgramas de mercúrio, 160 microgramas de cádmio, 980 microgramas de chumbo, 480 microgramas de crómio, 660?microgramas de níquel, 550 microgramas de arsénio, 370 microgramas de cobre e 2.000 microgramas de manganês.

O "segredo" da grande capacidade de 'limpeza' pela alga explica-se através de sorção, processo através do qual a alface-do-mar consegue incorporar nos seus tecidos os contaminantes.

O rápido crescimento dessas algas contribui para que se consigam remover os contaminantes em cada vez maior quantidade, pois o crescimento da alga aumenta o número de locais de superfície aos quais estes elementos tóxicos se podem ligar", esclarece.

Segundo Bruno Henriques, "as algas podem ser utilizadas para diminuir a contaminação de locais afetados por descargas desses elementos, através da introdução da alga no local a descontaminar, se as condições forem adequadas ao seu crescimento, ou cultivando algas num outro local e transportando estas para os locais a serem descontaminados".

Os investigadores da UA asseguram que as alfaces-do-mar permitem reduzir também o teor de fosfatos e nitratos em águas e ao usarem dióxido de carbono como fonte de carbono, permitem reduzir a pegada de carbono.

Além de Bruno Henriques, a equipa de investigação que desenvolveu o estudo integra Ana Teixeira, Paula Figueira, Joana Almeida e Eduarda Pereira, do Instituto de Materiais de Aveiro e do Laboratório Central de Análises, em cooperação com a Universidade do Porto e o Instituto Ricardo Jorge.

/ BM

Alfaces-do-mar removem metais pesados de águas contaminadas

Tipo Meio: Internet Data Publicação: 19/03/2019

Meio: UniPlanet Online

URL: http://www.pt.cision.com/s/?l=bc1425e6

Esta alga tem uma grande capacidade para remover elementos potencialmente tóxicos da água, a maior parte deles perigosos para a saúde humana e para o ambiente

A alface-do-mar pode ser a solução para se limparem águas contaminadas pela indústria e pelo consumo doméstico. Uma equipa de investigadores da Universidade de Aveiro (UA) descobriu que esta alga tem uma grande capacidade para remover elementos potencialmente tóxicos da água, a maior parte deles perigosos para a saúde humana e para o ambiente.

"A remoção alcançada com a alga que temos testado para remover da água, entre outros elementos, arsénio, mercúrio, cádmio e chumbo, é muito elevada", congratula-se Bruno Henriques, o investigador do Centro de Estudos do Ambiente e do Mar (CESAM) e do Departamento de Química (DQ) da Academia de Aveiro, que garante que, comparativamente a outros materiais, naturais ou sintéticos, usados hoje correntemente para o mesmo efeito, a taxa de sucesso da alface-do-mar "é superior".

Por isso, o investigador considera que "estas algas são uma alternativa eficiente, pois removem percentagens elevadas de contaminantes num período curto de tempo, a metodologia é económica e mais ecológica do que os métodos 'clássicos' para a remoção destes elementos, que são menos eficazes e, muitas vezes, mais caros, o que se traduz em baixo custo-benefício".

O estudo da UA indica que cada grama de alga consegue remover em simultâneo 120 microgramas de mercúrio, 160?microgramas de cádmio, 980 microgramas de chumbo, 480 microgramas de crómio, 660?microgramas de níquel, 550 microgramas de arsénio, 370 microgramas de cobre e 2000 microgramas de manganês.

Estes elementos químicos, explica o investigador, apesar de se denominarem de 'clássicos' continuam a ser atualmente "muito usados por várias indústrias e a sua presença no ambiente causa impactos negativos, tais como toxicidade, observada mesmo para concentrações muito baixas". Outros problemas associados a estes elementos "estão relacionados com o seu carater persistente no ambiente e facilidade em se bioacumularem nos tecidos dos organismos".

Algas cultivadas em locais contaminados

O segredo da grande capacidade de 'limpeza' pela alga explica-se através da sorção, processo através do qual a alface-do-mar consegue incorporar nos seus tecidos os contaminantes. O rápido crescimento destas algas, congratula-se Bruno Henriques, "contribui para que se consigam remover os contaminantes em cada vez maior quantidade, pois o crescimento da alga aumenta o número de locais de superfície aos quais estes elementos tóxicos se podem ligar".

Assim, explica o investigador, "as algas poderão ser utilizadas para diminuir a contaminação de locais muito afetados por descargas destes elementos, através da introdução da alga no local a descontaminar se as condições forem adequadas ao seu crescimento ou cultivando algas num outro local e transportando estas para os locais a serem descontaminados".

Além da remoção dos elementos tóxicos, os investigadores da UA asseguram que as alfaces-do-mar permitem reduzir também o teor de fosfatos e nitratos em águas e ao usarem dióxido de carbono como fonte de carbono, permitem reduzir a pegada de carbono.

O trabalho foi desenvolvido por uma equipa multidisciplinar da UA constituída por Bruno Henriques, Ana Teixeira, Paula Figueira, Joana Almeida e Eduarda Pereira (investigadores do DQ, do CESAM, do CICECO - Instituto de Materiais de Aveiro e do Laboratório Central de Análises), e com a cooperação da Universidade do Porto e do Instituto Nacional de Saúde Dr. Ricardo Jorge.

março 19, 2019

UniPlanet

Aveiro: Investigação da Universidade de Aveiro descobre que Alfaces-do-mar removem metais pesados de águas contaminadas

Tipo Meio: Internet Data Publicação: 19/03/2019

Meio: Vagos FM Online

URL: http://www.pt.cision.com/s/?l=af96324

Na vulgar alface-do-mar pode estar a solução para limpar águas contaminadas pela indústria e pelo consumo doméstico. Uma equipa de investigadores da Universidade de Aveiro (UA) descobriu que esta alga tem uma grande capacidade para remover elementos potencialmente tóxicos da água, a maior parte deles perigosos para a saúde humana e para o meio ambiente.

"A remoção alcançada com a alga que temos testado para remover da água, entre outros elementos, arsénio, mercúrio, cádmio e chumbo, é muito elevada", congratula-se Bruno Henriques, o investigador do Centro de Estudos do Ambiente e do Mar (CESAM) e do Departamento de Química (DQ) da Academia de Aveiro, que garante que, comparativamente a outros materiais, naturais ou sintéticos, usados hoje correntemente para o mesmo efeito, a taxa de sucesso da alface-do-mar "é superior". Por isso, o investigador considera que "estas algas são uma alternativa eficiente, pois removem percentagens elevadas de contaminantes num período curto de tempo, a metodologia é económica e mais ecológica do que os métodos 'clássicos' para a remoção destes elementos, que são menos eficazes e, muitas vezes, mais caros, o que se traduz em baixo custo-benefício".

19/03/2019 00:00:00

Vagos FM

Alface-do-mar remove metais pesados da água

Tipo Meio: Internet Data Publicação: 19/03/2019

Meio: Vila Nova Online

URL: http://www.pt.cision.com/s/?l=2083f9db

Universidade de Aveiro

Na vulgar alface-do-mar pode estar a solução para limpar águas contaminadas pela indústria e pelo consumo doméstico. Uma equipa de investigadores da Universidade de Aveiro (UA) descobriu que esta alga tem uma grande capacidade para remover elementos potencialmente tóxicos da água, a maior parte deles perigosos para a saúde humana e para o meio ambiente.

"A remoção alcançada com a alga que temos testado para remover da água, entre outros elementos, arsénio, mercúrio, cádmio e chumbo, é muito elevada", congratula-se Bruno Henriques, o investigador do Centro de Estudos do Ambiente e do Mar (CESAM) e do Departamento de Química (DQ) da Academia de Aveiro, que garante que, comparativamente a outros materiais, naturais ou sintéticos, usados hoje correntemente para o mesmo efeito, a taxa de sucesso da alface-do-mar "é superior".

Por isso, o investigador considera que "estas algas são uma alternativa eficiente, pois removem percentagens elevadas de contaminantes num período curto de tempo, a metodologia é económica e mais ecológica do que os métodos 'clássicos' para a remoção destes elementos, que são menos eficazes e, muitas vezes, mais caros, o que se traduz em baixo custo-benefício".

O estudo da UA indica que cada grama de alga consegue remover em simultâneo 120 microgramas de mercúrio, 160?microgramas de cádmio, 980 microgramas de chumbo, 480 microgramas de crómio, 660?microgramas de níquel, 550 microgramas de arsénio, 370 microgramas de cobre e 2000 microgramas de manganês.

Estes elementos químicos, explica o investigador, apesar de se denominarem de 'clássicos' continuam a ser atualmente "muito usados por várias indústrias e a sua presença no ambiente causa impactos negativos, tais como toxicidade, observada mesmo para concentrações muito baixas". Outros problemas associados a estes elementos "estão relacionados com o seu carater persistente no ambiente e facilidade em se bioacumularem nos tecidos dos organismos".

Algas cultivadas em locais contaminados

O segredo da grande capacidade de 'limpeza' pela alga explica-se através da sorção, processo através do qual a alface-do-mar consegue incorporar nos seus tecidos os contaminantes. O rápido crescimento destas algas, congratula-se Bruno Henriques, "contribui para que se consigam remover os contaminantes em cada vez maior quantidade, pois o crescimento da alga aumenta o número de locais de superfície aos quais estes elementos tóxicos se podem ligar".

Assim, explica o investigador, "as algas poderão ser utilizadas para diminuir a contaminação de locais muito afetados por descargas destes elementos, através da introdução da alga no local a descontaminar se as condições forem adequadas ao seu crescimento ou cultivando algas num outro local e transportando estas para os locais a serem descontaminados".

Além da remoção dos elementos tóxicos, os investigadores da UA asseguram que as alfaces-do-mar

permitem reduzir também o teor de fosfatos e nitratos em águas e ao usarem dióxido de carbono como fonte de carbono, permitem reduzir a pegada de carbono.

O trabalho foi desenvolvido por uma equipa multidisciplinar da UA constituída por Bruno Henriques, Ana Teixeira, Paula Figueira, Joana Almeida e Eduarda Pereira (investigadores do DQ, do CESAM, do CICECO - Instituto de Materiais de Aveiro e do Laboratório Central de Análises), e com a cooperação da Universidade do Porto e do Instituto Nacional de Saúde Dr. Ricardo Jorge.

*

2019-03-19 15:34:38+00:00

V N

Cientistas descobriram que esta alga consegue remover metais pesados da água

Tipo Meio: Internet Data Publicação: 19/03/2019

Meio: Wilder Online

URL: http://www.pt.cision.com/s/?l=438e52dd

A alface-do-mar consegue limpar águas contaminadas pela indústria e pelo consumo doméstico, descobriram investigadores da Universidade de Aveiro

ShareTweet0shares

A alface-do-mar, uma alga que encontramos facilmente nas praias portuguesas, consegue limpar águas contaminadas pela indústria e pelo consumo doméstico, descobriram investigadores da Universidade de Aveiro.

A alga consegue remover da água elementos como o arsénio, mercúrio, cádmio e chumbo, com uma elevada taxa de sucesso, explicou Bruno Henriques, investigador do Centro de Estudos do Ambiente e do Mar (CESAM) e do Departamento de Química da Universidade de Aveiro.

O segredo da grande capacidade de 'limpeza' desta alga é a sorção, processo através do qual consegue incorporar nos seus tecidos os contaminantes.

"Estas algas removem percentagens elevadas de contaminantes num período curto de tempo, a metodologia é económica e mais ecológica do que os métodos 'clássicos' para a remoção destes elementos, que são menos eficazes e, muitas vezes, mais caros, o que se traduz em baixo custo-benefício", disse Bruno Henriques, em comunicado divulgado hoje pela universidade.

Os investigadores responsáveis pelo estudo

Mais concretamente, o estudo científico descobriu que cada grama de alga consegue remover em simultâneo 120 microgramas de mercúrio, 160?microgramas de cádmio, 980 microgramas de chumbo, 480 microgramas de crómio, 660?microgramas de níquel, 550 microgramas de arsénio, 370 microgramas de cobre e 2000 microgramas de manganês.

A maioria destes elementos, "muito usados por várias indústrias", são perigosos para a saúde humana e para o ambiente. São tóxicos para o ambiente, mesmo em concentrações muito baixas, e são persistentes, acumulando-se facilmente nos tecidos dos organismos, explicou o investigador.

Segundo Bruno Henriques, as algas poderão ser utilizadas para limpar as águas "através da sua introdução no local a descontaminar, se as condições forem adequadas ao seu crescimento, ou cultivando algas num outro local e transportando-as para os locais a serem descontaminados".

O estudo - feito por uma equipa multidisciplinar da Universidade de Aveiro, com a cooperação da Universidade do Porto e do Instituto Nacional de Saúde Dr. Ricardo Jorge - concluiu também que as alfaces-do-mar permitem reduzir o teor de fosfatos e nitratos na água e, ao usarem dióxido de carbono como fonte de carbono, permitem reduzir a pegada de carbono.

2019-03-19 17:32:07+00:00

Infeções fatais combatidas com luz

Tipo Meio: Internet Data Publicação: 19/03/2019

Meio: Bairrada Informação Online

URL: https://www.bairradainformacao.pt/2019/03/19/infecoes-fatais-combatidas-com-luz/

Inicio Comunicados Infeções fatais combatidas com luz

Comunicados Infeções fatais combatidas com luz

Março 19, 2019

Facebook

Twitter

Google+

Pinterest

Chama-se Staphylococcus aureus, é uma bactéria responsável por várias infeções potencialmente fatais em humanos e, até agora, o seu combate estava dificultado pela resistência que ganhou aos antibióticos, mesmo aos utilizados em último recurso. Afinal, através da terapia fotodinâmica é possível inativar a bactéria. Os recentes avanços realizados na Universidade de Aveiro (UA) trazem uma solução a quem sofre, por exemplo, de abcessos na pele e infeções do trato urinário.

Foliculite, furunculose, impetigo, celulite infeciosa, pneumonia necrosante, osteomielite, endocardite infeciosa, síndrome do choque tóxico e até intoxicação alimentar. A lista das infeções que S. aureus pode provocar é interminável.

Tratada facilmente com vulgares antibióticos até há poucas décadas, as infeções hospitalares e na comunidade causadas por S. aureus multiresistentes a antibióticos aumentaram dramaticamente nos últimos 30 anos, sendo acompanhadas por um aumento de estirpes super-resistentes até mesmo aos antibióticos ditos de última geração. O tratamento é, por isso, difícil, moroso e frequentemente ineficaz.

"Estas estirpes são uma ameaça grave para a saúde pública", alerta Adelaide Almeida, investigadora do Centro de Estudos do Ambiente e do Mar (CESAM) e do Departamento de Biologia da UA e coordenadora do estudo que pode colocar um travão a esta bactéria. Este estudo resultado trabalho multidisciplinar de uma equipa de cientistas do CESAM e do Grupo de Química Orgânica, Produtos Naturais e Agroalimentares, duas das unidades de investigação da UA.

Terapia fotodinâmica é eficaz

O género Staphylococcus contém pelo menos 49 espécies, várias das quais são altamente importantes clinicamente, para a indústria alimentar, para agricultura e economia. A mais patogénica dessas espécies é S. aureus.

Esta espécie, explica Adelaide Almeida, "está amplamente distribuída no ambiente, pode residir na

pele e nas mucosas dos seres humanos e animais". Nos seres humanos, "as narinas são os principais nichos ecológicos de S. aureus - a transmissão ocorre principalmente através das mãos quando estas tocam superfícies contaminadas embora outros locais, como a pele, a área perineal, a faringe, o trato gastrointestinal, a vagina e as axilas também podem ser colonizadas, podendo também funcionar como focos de transmissão".

Com sucesso, a equipa de químicos e biólogos da UA constituída por Adelaide Almeida, Amparo Faustino, Maria da Graça Neves, Tatiana Branco, Cristina Dias, Nuno Moura, Cristina Dias, Vânia Jesus, Ana Peixoto e Nádia Valério, testou in vitro e na pele a terapia fotodinâmica, por si só ou combinada com antibióticos, para inativar esta bactéria.

"Os resultados mostraram que a terapia fotodinâmica, usada já vulgarmente para tratar, por exemplo, o acne, é uma abordagem eficaz para controlar a infeção por S. aureus na pele, inativando a bactéria eficazmente após três ciclos sucessivos de tratamento com luz e sem adição de antibióticos entre ciclos, ou após um ciclo usando a ação combinada da terapia com o antibiótico ampicilina", congratula-se Adelaide Almeida.

"Embora seja bem-sabido que o uso de grandes quantidades de antibióticos na prática clínica é indesejável devido ao aparecimento de estirpes resistentes a antibióticos, pouco esforço tem sido feito para usar a terapia fotodinâmica para potencializar a eficácia antibiótica ou, alternativamente, usar antibióticos para melhorar o efeito desta terapia", explica a bióloga.

A avaliação deste efeito combinado foi realizada pela equipa da UA em pele de suíno, considerada um bom modelo de teste para a pele humana, devido às semelhanças das suas propriedades histológicas, fisiológicas e imunológicas.

Fonte: Universidade de Aveiro

2019-03-19 12:25:33+00:00

CISION

ID: 79571260

tv7 DIAS

18-03-2019

Meio: Imprensa
País: Portugal
Period.: Semanal
Âmbito: TV e Jogos

Pág: 77
Cores: Cor
Área: 13,46 x 15,22 cm²
Corte: 1 de 1



Cientistas DISTINGUIDAS

OS projetos de Patrícia Costa Reis, pediatra no Hospital de Santa Maria e professora na Faculdade de Medicina da Universidade de Lisboa; Joana Cabral, investigadora no Instituto de Investigação em Ciências da Vida e Saúde (ICVS) da Universidade do Minho; Joana Caldeira, investigadora no Instituto de Investigação e Inovação em Saúde (i3S/INEB) da Universidade do Porto; e Diana Madeira, investigadora no CESAM/ECOMARE da Universidade de Aveiro, foram distinguidas na 15.ª edição das Medalhas de Honra **L'ORÉAL PORTUGAL** para as Mulheres na Ciência.

CISION

Mundo Português

41 anos a acreditar num projecto e a construir um ideal

ID: 79508134

15-03-2019

Meio: Imprensa
País: Portugal
Period.: Semanal
Âmbito: Outros Assuntos

Pág: 19
Cores: Cor
Área: 18,28 x 22,19 cm²
Corte: 1 de 2



CIENTISTAS CONSEGUIRAM INATIVAR UMA BACTÉRIA RESPONSÁVEL POR VÁRIAS INFEÇÕES

Universidade de Aveiro descobre forma de combater infeções fatais

O combate a uma bactéria responsável por infeções potencialmente fatais em humanos tornou-se mais fácil depois de um estudo de investigadores da Universidade de Aveiro (UA) ter conseguido ter conseguido inativá-la.



A equipa de químicos e biólogos da Universidade de Aveiro responsável pela investigação

Chama-se Staphylococcus aureus é uma bactéria responsável por várias infeções potencialmente fatais em humanos "e, até agora, o seu combate estava dificultado pela resistência que ganhou aos antibióticos, mesmo aos utilizados em último recurso", explica a UA numa nota enviada ao 'Mundo Português'.

Uma equipa de cientistas do Centro de Estudos do Ambiente e do Mar (CESAM) e do Grupo de Química Orgânica, Produtos Naturais e Agroalimentares, duas das unidades de investigação da UA, "mostrou agora que "através da terapia fotodinâmica é possível inativar a bactéria".

"Os recentes avanços realizados na UA trazem uma saolução a quem sofre, por exemplo, de abcessos na pele e infeções do trato urinário", anunciou a nota divulgada pela universidade. A lista de infeções provocadas pela S. aureus inclui foliculite, furunculose, impetigo, celulite infeciosa, pneumonia necrosante, osteomielite, endocardite infeciosa, síndrome do choque tóxico e até intoxicação alimentar.

As infeções hospitalares e na comunidade causadas por S. aureus eram, até há poucas décadas, tratada facilmente com vulgares antibióticos. Mas a multirresistência da bactéria a estes tipos de medicamentos aumentou "dramaticamente" nos últimos 30 anos, e foi acompanhada por um "aumento de estirpes super-resistentes até mesmo aos antibióticos ditos de última geração". "O tratamento é, por isso, difícil, moroso e frequentemente ineficaz", explica a UA. "Estas estirpes são uma ameaça grave para a saúde pública", alerta Adelaide Almeida, investigadora do CESAM e do Departamento de Biologia da UA e coordenadora do estudo "que pode colocar um travão a esta bactéria".

TERAPIA TESTADA COM SUCESSO

O género *Staphylococcus* contém pelo menos 49 espécies de bactérias, várias das quais são muito importantes para a medicina, a indústria alimentar, a agricultura e economia. A mais patogénica é, justamente, S. aureus, uma espécie que "está amplamente distribuída no ambiente, pode residir na pele e nas mucosas dos seres humanos e animais", explica Adelaide Almeida.

A equipa de químicos e biólogos da UA constituída por Adelaide Almeida, Amparo Faustino, Maria da Graça Neves, Tatiana Branco, Cristina Dias, Nuno Moura, Cristina Dias, Vânia Jesus, Ana Peixoto e Nádia Valério, testou com sucesso *in vitro* e na pele a terapia fotodinâmica, por si só ou combinada com antibióticos, para inativar esta bactéria. "Os resultados mostraram que a terapia fotodinâmica, usada já vulgarmente para tratar, por exemplo, o acne, é uma abordagem eficaz para controlar a infeção por S. aureus na pele, inativando a bactéria eficazmente após três ciclos sucessivos de tratamento com luz e sem adição de antibióticos entre ciclos, ou após um ciclo usando a ação combinada da terapia com o antibiótico ampicilina", revela Adelaide Almeida.

"Embora seja bem-sabido que o uso de grandes quantidades de antibióticos na prática clínica é indesejável devido ao aparecimento de estirpes resistentes a antibióticos, pouco esforço tem sido feito para usar a terapia fotodinâmica para potencializar a eficácia antibiótica ou, alternativamente, usar antibióticos para melhorar o efeito desta terapia", explica a bióloga.

A avaliação deste efeito combinado foi realizada em pele de suíno, considerada um bom modelo de teste para a pele humana, devido às semelhanças das suas propriedades histológicas, fisiológicas e imunológicas. Nos seres humanos, as narinas são os principais nichos ecológicos de S. aureus e a transmissão ocorre principalmente através das mãos quando estas tocam superfícies contaminadas. Mas outros locais, "como a pele, a área perineal, a faringe, o trato gastrointestinal, a vagina e as axilas podem também ser colonizadas, podendo também funcionar como focos de transmissão", indica Adelaide Almeida.

CISION

Mundo Português

41 anos a acreditar num projecto e a construir um ideal

ID: 79508134

15-03-2019

Meio: Imprensa
País: Portugal
Period.: Semanal
Âmbito: Outros Assuntos

Pág: 1
Cores: Cor
Área: 7,87 x 4,00 cm²
Corte: 2 de 2



Limpeza de terrenos

Governo promete fiscalização a partir de março p.6



Novo aeroporto p.7

Montijo parece não estar consolidado e há novas ideias...



Salvaterra de Magos p.9

Restaurantes mostram a riqueza gastronómica da região

O EMIGRANTE

MEDALHA DE MÉRITO DAS COMUNIDADES PORTUGUESAS
O SEMANÁRIO PORTUGUÊS DE MAIOR CIRCULAÇÃO NO MUNDO

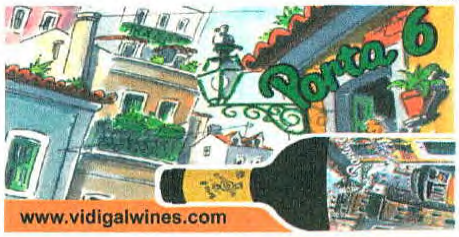
desde 1970

Mundo Português

Edição 2007
1,20 Euro
15 de março de 2019
a 21 de março de 2019

Diretor: Maria da Conceição Granado de Almeida
www.mundoportugues.pt
redaccao@mundoportugues.pt

PUB



TAP AIR PORTUGAL



SÍLVIA NUNES FOI TRABALHAR PARA INGLATERRA EM 2014 PORQUE NÃO CONSEGUIA ENCONTRAR TRABALHO EM PORTUGAL...

É portuguesa a melhor enfermeira do Reino Unido

p. 15

VENEZUELA p.18

Estados Unidos garantem que não ponderam para já uma intervenção militar no país

UNIVERSIDADE DE AVEIRO p.19

Descoberta forma de combater infeções fatais



FIGUEIRA DE CASTELO RODRIGO p.19

Rainha da Amendoeira em Flor até 17 de março



NAVIO-ESCOLA SAGRES VAI REPETIR A VIAGEM

Celebrações dos 500 anos da primeira viagem de circum-navegação decorrem em 2019 e 2020 p.2 e 3



«PELA SUA SAÚDE» p.26

Saiba tudo sobre a Hepatite B a mais perigosa das hepatites

MARCELO EM ANGOLA p.12 e 13

Chamado de presidente da "Portangola" deu à expressão "país irmão" um novo conceito



TERTÚLIA SOLIDÁRIA NA SERRA DA ESTRELA p. 10

Manteigas acolheu ação solidária da Academia do Bacalhau e recebeu novos compadres



ATLETISMO p.25



19 medalhas nos Europeus de atletismo de deficiência intelectual

PUB

Leia em Português todas as semanas com o Mundo Português

CISION

notícias do DOURO
APOJORNAIS
http://www.dodouro.com
http://www.dodouropress.pt

ID: 79547744

15-03-2019

Meio: Imprensa
País: Portugal
Period.: Semanal
Âmbito: Regional

Pág: 13
Cores: Cor
Área: 26,09 x 26,28 cm²
Corte: 1 de 1



Investigação da Universidade de Aveiro

Infeções fatais combatidas com luz

Chama-se Staphylococcus aureus, é uma bactéria responsável por várias infeções potencialmente fatais em humanos e, até agora, o seu combate estava dificultado pela resistência que ganhou aos antibióticos, mesmo aos utilizados em último recurso. Afinal, através da terapia fotodinâmica é possível inativar a bactéria. Os recentes avanços realizados na Universidade de Aveiro (UA) trazem uma solução a quem sofre, por exemplo, de abcessos na pele e infeções do trato urinário.

Foliculite, furunculose, impetigo, celulite infeciosa, pneumonia necrosante, osteomielite, endocardite infeciosa, síndrome do choque tóxico e até intoxicação alimentar. A lista das infeções que S. aureus pode provocar é interminável.

Tratada facilmente com vulgares antibióticos até há poucas décadas, as infeções hospitalares e na comunidade causadas por S. aureus multiresistentes a antibióticos aumentaram dramaticamente nos últimos 30 anos, sendo acompanhadas por um aumento de estirpes super-resistentes até mesmo aos antibióticos ditos de última geração. O tratamento é, por isso, difícil, moroso e frequentemente ineficaz.

"Estas estirpes são uma ameaça grave para a saúde pública", alerta Adelaide Almeida, investigadora do Centro de Estudos do Ambiente e do Mar (CESAM) e do Departamento de Biologia da UA e coordenadora do estudo que pode colocar um travão a esta bactéria. Este estudo resultado trabalho multidisciplinar de uma equipa de cientistas do CESAM e do Grupo de Química Orgânica, Produtos Naturais e Agroalimentares, duas das unidades de investigação da UA.

Terapia fotodinâmica é eficaz

O género Staphylococcus contém pelo menos 49 espécies, várias das quais são altamente importantes clinicamente, para a indústria alimentar, para agricultura e economia. A mais patogénica dessas espécies é S. aureus.

Esta espécie, explica Adelaide Almeida, "está amplamente distribuída no ambiente, pode residir na pele e nas mucosas dos seres humanos e animais". Nos seres humanos, "as narinas são os principais nichos ecológicos de S. aureus - a transmissão ocorre principalmente através das mãos quando estas tocam superfícies contaminadas embora outros locais, como a pele, a área perineal, a faringe, o trato gastrointestinal, a vagina e as axilas também podem ser colonizadas, podendo também funcionar como focos de transmissão".

Com sucesso, a equipa de químicos e biólogos da UA constituída por Adelaide Almeida, Amparo Faustino, Maria da Graça Neves, Tatiana Branco, Cristina Dias, Nuno Moura, Cristina Dias, Vânia Jesus, Ana Peixoto e Nádia Valério, testou in vitro e na pele a terapia fotodinâmica, por si só ou combinada com antibióticos, para inativar esta bactéria.

"Os resultados mostraram que a terapia fotodinâmica, usada já vulgarmente para tratar, por exemplo, o acne, é uma abordagem eficaz para controlar a infeção por S. aureus na pele, inativando a bactéria eficazmente após três ciclos sucessivos de tratamento com luz e sem adição de antibióticos entre ciclos, ou após um ciclo usando a ação combinada da terapia com o antibiótico ampicilina", congratula-se Adelaide Almeida.

"Embora seja bem-sabido que o uso de grandes quantidades de antibióticos na prática clínica é indesejável devido ao aparecimento de estirpes resistentes a antibióticos, pouco esforço tem sido feito para usar a terapia fotodinâmica para potencializar a eficácia antibiótica ou, alternativamente, usar antibióticos para melhorar o efeito desta terapia", explica a bióloga.A avaliação deste efeito combinado foi realizada pela equipa da UA em pele de suíno, considerada um bom modelo de teste para a pele humana, devido às semelhanças das suas propriedades histológicas, fisiológicas e imunológicas.



CISION

Diário de Viseu

ID: 79503357

13-03-2019 | Saúde

Meio: Imprensa
País: Portugal
Period.: Ocasional
Âmbito: Regional

Pág: 2
Cores: Cor
Área: 17,79 x 17,58 cm²
Corte: 1 de 1

Investigadores conseguem neutralizar bactéria resistente a antibióticos

Aveiro Equipa testou 'in vitro' e na pele terapia fotodinâmica

Já é possível neutralizar a bactéria 'Staphylococcus aureus', resistente a antibióticos e apontada como responsável por várias infecções potencialmente fatais em seres humanos, através da terapia fotodinâmica, anunciou a Universidade de Aveiro (UA).

Uma equipa de químicos e biólogos da UA, constituída por Adelaide Almeida, Amparo Faustino, Maria da Graça Neves, Tatiana Branco, Nuno Moura, Cristina Dias, Vânia Jesus, Ana Peixoto e Nádia Valério, testou 'in vitro' e na pele a terapia fotodinâmica, por si só ou combinada com antibióticos, para inactivar essa bactéria.

"Os resultados mostraram que a terapia fotodinâmica, usada já vulgarmente para tratar, por exemplo, a acne, é uma abordagem eficaz para controlar a infecção por S. Aureus na pele, inactivando a bactéria eficazmente após três ciclos sucessivos de tratamento com luz e sem adição de antibióticos entre ciclos, ou após um ciclo usando a ação combinada da terapia com o antibiótico ampicilina", revelou Adelaide Almeida.

DR



Equipa de investigadores da Universidade de Aveiro

A bióloga observa que "embora seja bem sabido que o uso de grandes quantidades de antibióticos na prática clínica é indesejável, pouco esforço tem sido feito para usar a terapia fotodinâmica para potencializar a eficácia antibiótica ou, alternativamente, usar antibióticos para melhorar o efeito dessa terapia".

A avaliação do efeito combinado foi realizada pela equipa da UA em pele de suíno, considerada "um bom modelo de teste para a pele humana, devido às semelhanças das suas propriedades histológicas, fisiológicas e imunológicas".

Os recentes avanços realizados na Universidade de Aveiro (UA) podem trazer uma solução a quem sofre, por exemplo, de abcessos na pele e infecções do trato urinário.

A lista das infecções que S. Aureus pode provocar é interminável: foliculite, furunculose, impetigo, celulite infecciosa, pneumonia necrosante, osteomielite, endocardite infecciosa, síndrome do choque tóxico e até intoxicação alimentar.

Tratadas facilmente com vulgares antibióticos até há poucas décadas, as infecções hospitalares e na comunidade causadas por S. Aureus multiresistentes a antibióticos aumentaram nos últimos 30 anos, sendo acompanhadas por um aumento de estirpes super-resistentes até mesmo aos antibióticos ditos de última geração. O tratamento é, por isso, difícil, moroso e frequentemente ineficaz.

"Estas estirpes são uma ameaça grave para a saúde pública", alerta a investigadora do Centro de Estudos do Ambiente e do Mar (CESAM) e do Departamento de Biologia da UA e coordenadora do estudo.

Nos seres humanos, "as narinas são os principais nichos ecológicos de S. Aureus e a transmissão ocorre principalmente através das mãos quando estas tocam superfícies contaminadas embora outros locais, como a pele, a área perineal, a faringe, o trato gastro-intestinal, a vagina e as axilas, também podem ser colonizadas, podendo funcionar como focos de transmissão".

CISION

Atlântico Expresso

ID: 79470039

11-03-2019

Meio: Imprensa
País: Portugal
Period.: Semanal
Âmbito: Regional

Pág: 10
Cores: Cor
Área: 25,00 x 14,82 cm²
Corte: 1 de 1



Infecções fatais nos humanos combatidas com luz, revela Investigação da Universidade de Aveiro

Chama-se Staphylococcus aureus, é uma bactéria responsável por várias infecções potencialmente fatais em humanos e, até agora, o seu combate estava dificultado pela resistência que ganhou aos antibióticos, mesmo aos utilizados em último recurso. Afinal, através da terapia fotodinâmica é possível inactivar a bactéria. Os recentes avanços realizados na Universidade de Aveiro (UA) trazem uma solução a quem sofre, por exemplo, de abcessos na pele e infecções do trato urinário.

Foliculite, furunculose, impetigo, celulite infeciosa, pneumonia necrosante, osteomielite, endocardite infeciosa, síndrome do choque tóxico e até intoxicação alimentar. A lista das infeções que S. aureus pode provocar é interminável.

Tratada facilmente com vulgares antibióticos até há poucas décadas, as infecções hospitalares e na comunidade causadas por S. aureus multiresistentes a antibióticos aumentaram dramaticamente nos últimos 30 anos, sendo acompanhadas por um aumento de estirpes super-resistentes até mesmo aos antibióticos ditos de última geração. O tratamento é, por isso, difícil, moroso e frequentemente ineficaz.

"Estas estirpes são uma ameaça grave para a saúde pública", alerta Adelaide Almeida, investigadora do Centro de Estudos do Ambiente e do Mar (CESAM) e do Departamento de Biologia da UA e coordenadora do estudo que pode colocar um travão a esta bactéria. Este estudo resultado trabalho multidisciplinar de uma equipa de cientistas do CESAM e do Grupo de Química Orgânica, Produtos Naturais e Agroalimentares, duas das unidades de investigação da UA.

O género Staphylococcus contém pelo menos 49 espécies, várias das quais são altamente importantes clinicamente, para a indústria alimentar, para agricultura e economia. A mais patogénica dessas espécies é S. aureus.

Esta espécie, explica Adelaide Almeida, "está amplamente distribuída no ambiente, pode residir na pele e nas mucosas dos seres humanos e animais". Nos seres humanos, "as narinas são os principais nichos ecológicos de S. aureus - a transmissão ocorre principalmente através das mãos quando estas tocam superfícies contaminadas embora outros locais, como a pele, a área perineal, a faringe, o trato gastrointestinal, a vagina e as axilas também podem ser colonizadas, podendo também funcionar como focos de transmissão".

Com sucesso, a equipa de químicos e biólogos da UA constituída por Adelaide Almeida, Amparo Faustino, Maria da Graça Neves, Tatiana Branco, Cristina Dias, Nuno Moura, Cristina Dias, Vânia Jesus, Ana Peixoto e Nádia Valério, testou in vitro e na pele a terapia fotodinâmica, por si só ou combinada com antibióticos, para inactivar esta bactéria.



Investigadores da Universidade de Aveiro

"Os resultados mostraram que a terapia fotodinâmica, usada já vulgarmente para tratar, por exemplo, o acne, é uma abordagem eficaz para controlar a infecção por S. aureus na pele, inativando a bactéria eficazmente após três ciclos sucessivos de tratamento com luz e sem adição de antibióticos entre ciclos, ou após um ciclo usando a ação combinada da terapia com o antibiótico ampicilina", congratula-se Adelaide Almeida.

"Embora seja bem-sabido que o uso de grandes quantidades de antibióticos na prática clínica é indesejável devido ao aparecimento de estirpes resistentes a antibióticos, pouco esforço tem sido feito para usar a terapia fotodinâmica para potencializar a eficácia antibiótica ou, alternativamente, usar antibióticos para melhorar o efeito desta terapia", explica a bióloga.

A avaliação deste efeito combinado foi realizada pela equipa da UA em pele de suíno, considerada um bom modelo de teste para a pele humana, devido às semelhanças das suas propriedades histológicas, fisiológicas e imunológicas.

Infeções fatais combatidas com luz

Tipo Meio: Internet Data Publicação: 10/03/2019

Meio: Minho Online (O)

URL: https://ominho.pt/infecoes-fatais-combatidas-com-luz/

2019-03-10 07:58:55+00:00

Investigação da Universidade de Aveiro

Chama-se Staphylococcus aureus, é uma bactéria responsável por várias infecções potencialmente fatais em humanos e, até agora, o seu combate estava dificultado pela resistência que ganhou aos antibióticos, mesmo aos utilizados em último recurso.

Afinal, através da terapia fotodinâmica é possível inativar a bactéria. Os recentes avanços realizados na Universidade de Aveiro (UA) trazem uma solução a quem sofre, por exemplo, de abcessos na pele e infeções do trato urinário.

Foliculite, furunculose, impetigo, celulite infeciosa, pneumonia necrosante, osteomielite, endocardite infeciosa, síndrome do choque tóxico e até intoxicação alimentar. A lista das infeções que S. aureus pode provocar é interminável.

Tratada facilmente com vulgares antibióticos até há poucas décadas, as infecções hospitalares e na comunidade causadas por S. aureus multiresistentes a antibióticos aumentaram dramaticamente nos últimos 30 anos, sendo acompanhadas por um aumento de estirpes super-resistentes até mesmo aos antibióticos ditos de última geração.

O tratamento é, por isso, difícil, moroso e frequentemente ineficaz.

"Estas estirpes são uma ameaça grave para a saúde pública", alerta Adelaide Almeida, investigadora do Centro de Estudos do Ambiente e do Mar (CESAM) e do Departamento de Biologia da UA e coordenadora do estudo que pode colocar um travão a esta bactéria.

Este estudo resultado trabalho multidisciplinar de uma equipa de cientistas do CESAM e do Grupo de Química Orgânica, Produtos Naturais e Agroalimentares, duas das unidades de investigação da UA.

Terapia fotodinâmica é eficaz

O género Staphylococcus contém pelo menos 49 espécies, várias das quais são altamente importantes clinicamente, para a indústria alimentar, para agricultura e economia. A mais patogénica dessas espécies é S. aureus.

Esta espécie, explica Adelaide Almeida, "está amplamente distribuída no ambiente, pode residir na pele e nas mucosas dos seres humanos e animais".

Nos seres humanos, "as narinas são os principais nichos ecológicos de S. aureus - a transmissão ocorre principalmente através das mãos quando estas tocam superfícies contaminadas embora outros locais, como a pele, a área perineal, a faringe, o trato gastrointestinal, a vagina e as axilas também podem ser colonizadas, podendo também funcionar como focos de transmissão".

Com sucesso, a equipa de químicos e biólogos da UA constituída por Adelaide Almeida, Amparo Faustino, Maria da Graça Neves, Tatiana Branco, Cristina Dias, Nuno Moura, Cristina Dias, Vânia Jesus, Ana Peixoto e Nádia Valério, testou in vitro e na pele a terapia fotodinâmica, por si só ou combinada com antibióticos, para inativar esta bactéria.

"Os resultados mostraram que a terapia fotodinâmica, usada já vulgarmente para tratar, por exemplo, o acne, é uma abordagem eficaz para controlar a infeção por S. aureus na pele, inativando a bactéria eficazmente após três ciclos sucessivos de tratamento com luz e sem adição de antibióticos entre ciclos, ou após um ciclo usando a ação combinada da terapia com o antibiótico ampicilina", congratula-se Adelaide Almeida.

"Embora seja bem-sabido que o uso de grandes quantidades de antibióticos na prática clínica é indesejável devido ao aparecimento de estirpes resistentes a antibióticos, pouco esforço tem sido feito para usar a terapia fotodinâmica para potencializar a eficácia antibiótica ou, alternativamente, usar antibióticos para melhorar o efeito desta terapia", explica a bióloga.

A avaliação deste efeito combinado foi realizada pela equipa da UA em pele de suíno, considerada um bom modelo de teste para a pele humana, devido às semelhanças das suas propriedades histológicas, fisiológicas e imunológicas.

Redação

CISION

MAGAZINE NOTÍCIAS

ID: 79456582

10-03-2019

Meio: Imprensa
País: Portugal
Period.: Semanal
Âmbito: Interesse Geral

Pág: 40
Cores: Cor
Área: 19,58 x 26,00 cm²
Corte: 1 de 2

estilos

BEM-ESTAR

POR *Sara Dias Oliveira*



Comprovativos de compras, talões bancários, contas de supermercado, faturas, recibos. O papel que sai das impressoras, máquinas de calcular, caixas registadoras, terminais bancários, não é assim tão inofensivo quanto parece. A tinta que cunha números e letras, em folhas outrora brancas, tem, afinal, consequências para a saúde. O bisfenol-A, composto químico que é usado como aditivo nas tintas que imprimem todo o género de papelada, é o grande responsável. Em 2011, a Comissão Europeia proibiu essa substância nas tetinas dos biberões de plástico. Agora, há um novo alerta da comunidade científica.

A Universidade de Granada, em Espanha, realizou um estudo internacional que dá conta de que os bilhetes de compra, em que a tinta desaparece ao fim de algum tempo, têm uma substância que causa cancro e infertilidade. Como se não chegasse, nove em dez recibos entregues por lojas e supermercados são de papel térmico, que contém a tal substância química que muda de cor quando exposta ao calor. É o bisfenol-A que é um disruptor endócrino que altera o equilíbrio hormonal em pessoas expostas a este químico, podendo mesmo provocar infertilidade, obesidade, cancros dependentes de hormonas e anormalidades urogenitais. A pesquisa foi publicada na revista "Environmental Research". O trabalho de campo, à volta de muita papelada, foi feito em Espanha, Brasil e França.

O bisfenol-A é um conhecido composto químico usado na produção de plásticos, nomeadamente garrafas, copos, talheres, brinquedos, biberões, e é também utilizado como ativador da cor da tinta presente em cerca de 90% dos bilhetes de compras. Uma tinta que acaba por desaparecer quando exposta à luz, tornando-se invisível com o passar do tempo.

O manuseamento praticamente diário de papelada impressa em várias máquinas, seja a conta do restaurante ou

CISION

MAGAZINE NOTÍCIAS

ID: 79456582

10-03-2019

Meio: Imprensa
País: Portugal
Period.: Semanal
Âmbito: Interesse Geral

Pág: 41
Cores: Cor
Área: 20,02 x 25,52 cm²
Corte: 2 de 2

o recibo do depósito do combustível, pode ter implicações para a saúde. O bisfenol-A penetra na pele e entra no organismo. E aí é um caso sério.

Estrogénio artificial

"O bisfenol-A é um disruptor endócrino, um estrogénio artificial que é causador de cancro da mama, da próstata, e pode causar diabetes", adianta Vasco Bonifácio, investigador do Centro de Química-Física Molecular do Instituto Superior Técnico (IST) da Universidade de Lisboa, licenciado em Química e doutorado em Química Orgânica. Já está estudada a dose recomendada de exposição a esse composto: 70 microgramas por dia. E sabe-se que cinco segundos com um talão na mão correspondem a um microgrma.

"É um composto bastante tóxico em determinadas concentrações." Uma substância que penetra na pele e que pode desestabilizar o funcionamento do organismo. "É um estrogénio artificial muito parecido com compostos que produzimos no corpo e que compete com esses compostos naturais que temos."

Introduz-se no corpo "um elemento externo que vai criar algum desequilíbrio", explica. Daí os efeitos que pode ter na saúde.

Bruno Nunes, investigador do departamento de Biologia e do Centro de Estudos do Ambiente e do Mar (CESAM) da Universidade de Aveiro, também conhece o poder do bisfenol-A. "É um composto com alguma estabilidade, é resistente e não se degrada facilmente. Confere um toque agradável ao plástico", refere. Na saúde, pode atuar à imagem e semelhança das hormonas. "O problema é que consegue exercer efeitos em concentrações baixas", realça o investigador, que dá conta das alterações hormonais que esse bisfenol provoca em organismos aquáticos. "O que é facto é que, em doses extremamente baixas, foi capaz de alterar os parâmetros reprodutivos e a evolução de vida de organismos aquáticos." "O bisfenol-A perturba a mudança de carapaça nos crustáceos", exemplifica.

Manipulação mínima. Não guardar talões na carteira, não brincar com bilhetes nas mãos, não aproveitar para escrever notas nas costas de contas de supermercado.

O bisfenol-A, que ativa a cor das tintas das máquinas de impressão, penetra na pele, entra no organismo, e pode provocar alterações hormonais.

A pesquisa da Universidade de Granada alerta para várias consequências para a saúde: cancros dependentes de hormonas, infertilidade e obesidade.

A indústria anda à procura de alternativas ao bisfenol-A. O bisfenol-S é uma das hipóteses mais prováveis, mas ainda não é conhecida a sua toxicidade.

Luvas e mãos secas

A regularidade no contacto faz diferença e é para aqui chamada. A concentração da substância química também. Numa exposição diária mas rápida não haverá problema. O cenário pode mudar de figura nas profissões expostas continuamente aos papéis com tinta com bisfenol-A, como funcionários que trabalham em caixas de supermercado ou que lidam com impressoras. Nesses casos, o uso das luvas é altamente recomendado. Se não há luvas, aconselha-se mãos secas.

"Há sempre uma quantidade que penetra na pele, na pele seca não há tanto esse problema", diz Vasco Bonifácio. Tudo porque os cremes hidratantes têm etanol que tornam as mãos húmidas e que, por isso, facilitam a entrada do composto químico na pele e consequentemente no corpo. "Quando entra na pele é facilmente absorvido", acrescenta o especialista.

Bruno Nunes deixa o aviso: "Tudo o que seja facilitar o contacto humano com este composto não é boa ideia". Vasco Bonifácio dá um conselho. "Ao receber um talão, deve dobrá-lo e a tinta deve ficar para dentro." Quanto menos tempo nas mãos, melhor.

Os investigadores da Universidade de Granada recomendam isso mesmo. Manipulação mínima. O que for obrigatório, apenas. Nada de misturar qualquer talão ou bilhete com alimentos. Nada de brincar com faturas e recibos nas mãos. Nada de andar muito tempo com esses papéis na carteira. Nada de aproveitamentos, ou seja, nem uma anotação ou lembrete nas costas dos bilhetes impressos. E nada de deixá-los à solta na mesa da cozinha, no carro, na mala, onde for. O que tiver mesmo de ser guardado para memória futura, deve ser arquivado e deixado em sossego. A bem da saúde de todos.

Infeções fatais combatidas com luz

Tipo Meio: Internet Data Publicação: 09/03/2019

Meio: Notícias do Nordeste Online

URL: http://www.pt.cision.com/s/?l=75bd2105

Notícias do Nordeste - Informativo Digital do Nordeste Transmontano.
Visite-nos em www.noticiasdonordeste.pt

Chama-se Staphylococcus aureus, é uma bactéria responsável por várias infeções potencialmente fatais em humanos e, até agora, o seu combate estava dificultado pela resistência que ganhou aos antibióticos, mesmo aos utilizados em último recurso.

Os investigadores Adelaide Almeida, Amparo Faustino, Maria da Graça Neves, Tatiana Branco, Cristina Dias, Nuno Moura, Cristina Dias, Vânia Jesus, Ana Peixoto e Nádia Valério

Afinal, através da terapia fotodinâmica é possível inativar a bactéria. Os recentes avanços realizados na Universidade de Aveiro (UA) trazem uma solução a quem sofre, por exemplo, de abcessos na pele e infeções do trato urinário.

Foliculite, furunculose, impetigo, celulite infeciosa, pneumonia necrosante, osteomielite, endocardite infeciosa, síndrome do choque tóxico e até intoxicação alimentar. A lista das infeções que S. aureus pode provocar é interminável.

Tratada facilmente com vulgares antibióticos até há poucas décadas, as infeções hospitalares e na comunidade causadas por S. aureus multiresistentes a antibióticos aumentaram dramaticamente nos últimos 30 anos, sendo acompanhadas por um aumento de estirpes super-resistentes até mesmo aos antibióticos ditos de última geração. O tratamento é, por isso, difícil, moroso e frequentemente ineficaz.

"Estas estirpes são uma ameaça grave para a saúde pública", alerta Adelaide Almeida, investigadora do Centro de Estudos do Ambiente e do Mar (CESAM) e do Departamento de Biologia da UA e coordenadora do estudo que pode colocar um travão a esta bactéria. Este estudo resultado trabalho multidisciplinar de uma equipa de cientistas do CESAM e do Grupo de Química Orgânica, Produtos Naturais e Agroalimentares, duas das unidades de investigação da UA.

Terapia fotodinâmica é eficaz

O género Staphylococcus contém pelo menos 49 espécies, várias das quais são altamente importantes clinicamente, para a indústria alimentar, para agricultura e economia. A mais patogénica dessas espécies é S. aureus.

Esta espécie, explica Adelaide Almeida, "está amplamente distribuída no ambiente, pode residir na pele e nas mucosas dos seres humanos e animais". Nos seres humanos, "as narinas são os principais nichos ecológicos de S. aureus - a transmissão ocorre principalmente através das mãos quando estas tocam superfícies contaminadas embora outros locais, como a pele, a área perineal, a faringe, o trato gastrointestinal, a vagina e as axilas também podem ser colonizadas, podendo também funcionar como focos de transmissão".

Com sucesso, a equipa de químicos e biólogos da UA constituída por Adelaide Almeida, Amparo Faustino, Maria da Graça Neves, Tatiana Branco, Cristina Dias, Nuno Moura, Cristina Dias, Vânia Jesus, Ana Peixoto e Nádia Valério, testou in vitro e na pele a terapia fotodinâmica, por si só ou combinada com antibióticos, para inativar esta bactéria.

"Os resultados mostraram que a terapia fotodinâmica, usada já vulgarmente para tratar, por exemplo, o acne, é uma abordagem eficaz para controlar a infeção por S. aureus na pele, inativando a bactéria eficazmente após três ciclos sucessivos de tratamento com luz e sem adição de antibióticos entre ciclos, ou após um ciclo usando a ação combinada da terapia com o antibiótico ampicilina", congratula-se Adelaide Almeida.

"Embora seja bem-sabido que o uso de grandes quantidades de antibióticos na prática clínica é indesejável devido ao aparecimento de estirpes resistentes a antibióticos, pouco esforço tem sido feito para usar a terapia fotodinâmica para potencializar a eficácia antibiótica ou, alternativamente, usar antibióticos para melhorar o efeito desta terapia", explica a bióloga.

A avaliação deste efeito combinado foi realizada pela equipa da UA em pele de suíno, considerada um bom modelo de teste para a pele humana, devido às semelhanças das suas propriedades histológicas, fisiológicas e imunológicas.

3 horas atrás

Notícias do Nordeste

CISION

Mundo Português

41 anos a acreditar num projecto e a construir um ideal

ID: 79434707

08-03-2019

Meio: Imprensa
País: Portugal
Period.: Semanal
Âmbito: Outros Assuntos

Pág: 19
Cores: Cor
Área: 12,65 x 31,34 cm²
Corte: 1 de 1



UMA INVESTIGAÇÃO DA UNIVERSIDADE DE AVEIRO

Investigadores avisam que o Porto precisa de mais áreas verdes



O Porto deve começar já a tomar medidas para combater as ondas de calor cada vez mais frequentes, intensas e nefastas para o ambiente e a saúde humana na cidade, alertam David Carvalho e Carlos Borrego, do Centro de Estudos do Ambiente e do Mar (CESAM) da Universidade de Aveiro (UA).

Os investigadores dão como exemplo de medidas a adotar, a criação de novas áreas verdes, a expansão de jardins e parques já existentes e a utilização de vegetação e plantas nos telhados e coberturas de edifícios, a par da utilização de cores claras em telhados e pavimentos urbanos, fator que "também ajudará a refrescar a cidade", referem num comunicado divulgado pela UA.

A investigação do CESAM começou por simular uma das intensas ondas de calor que se preveem que venham a assolar o Porto e arredores nas próximas décadas.

"No Porto, tal como noutras regiões do país, já têm ocorrido várias ondas de calor que, com as alterações climáticas, é muito provável que venham a aumentar, até a breve prazo, quer em número quer em intensidade", explica David Carvalho, citado na nota da UA.

MAIS ZONAS E COBERTURAS VERDES

Se as áreas verdes ajudam a diminuir as temperaturas da cidade através das sombras e da capacidade de retirarem calor do ar, os pavimentos de cor clara refletem a radiação solar.

"Nas simulações que realizámos durante o estudo, todas estas medidas revelaram capacidades interessantes para baixar as temperaturas urbanas sob ondas de calor, particularmente a aposta em zonas e coberturas verdes", revela David Carvalho, sublinhando que "estas medidas são capazes de reduzir as temperaturas urbanas em cerca de um ou dois graus celsius".

E o investigador assegura que um ou dois graus celsius a menos "fazem uma diferença significativa no conforto térmico da população". Para além do conforto térmico, "estas medidas traduzem-se em melhorias na qualidade ar já que estudos anteriores mostraram que uma redução da temperatura do ar em um ou dois graus reduz a formação de 'smog' de ozono em 20 por cento, o que é muito significativo em termos de redução de poluição atmosférica", acrescenta.

> A criação de novas áreas verdes, a expansão de jardins e parques já existentes e a utilização de vegetação e plantas nos telhados e coberturas de edifícios, a par da utilização de cores claras em telhados e pavimentos urbanos, são algumas das medidas defendidas pelos investigadores

Medidas que para o investigador "devem ser encaradas pelos agentes de poder local como verdadeiras soluções a pôr em prática no imediato, e não apenas como boas ideias".

Atualmente a trabalhar no grupo de previsão e modelação meteorológica e atmosférica da NASA, David Carvalho alerta que estas ondas de calor podem afetar não só o meio ambiente como a saúde pública.

Para além do aumento da taxa de mortalidade, durante uma onda de calor "a exposição prolongada a temperaturas muito elevadas pode provocar muitos outros problemas de saúde, como desidratação ou insolações, ou ainda originar ou agravar problemas respiratórios".

No que ao meio ambiente diz respeito, "os impactos são também muito negativos, desde logo pelo aumento brutal do consumo de energia elétrica pelos aparelhos de ar condicionado e de climatização".

Infeções fatais combatidas com luz

Tipo Meio: Internet Data Publicação: 08/03/2019

Meio: VerPortugal Online

URL: http://www.pt.cision.com/s/?l=ff965324

Chama-se Staphylococcus aureus, é uma bactéria responsável por várias infeções potencialmente fatais em humanos e, até agora, o seu combate estava dificultado pela resistência que ganhou aos antibióticos, mesmo aos utilizados em último recurso. Afinal, através da terapia fotodinâmica é possível inativar a bactéria. Os recentes avanços realizados na Universidade de Aveiro (UA) trazem uma solução a quem sofre, por exemplo, de abcessos na pele e infeções do trato urinário

Foliculite, furunculose, impetigo, celulite infeciosa, pneumonia necrosante, osteomielite, endocardite infeciosa, síndrome do choque tóxico e até intoxicação alimentar. A lista das infeções que S. aureus pode provocar é interminável.

Tratada facilmente com vulgares antibióticos até há poucas décadas, as infeções hospitalares e na comunidade causadas por S. aureus multiresistentes a antibióticos aumentaram dramaticamente nos últimos 30 anos, sendo acompanhadas por um aumento de estirpes super-resistentes até mesmo aos antibióticos ditos de última geração. O tratamento é, por isso, difícil, moroso e frequentemente ineficaz.

"Estas estirpes são uma ameaça grave para a saúde pública", alerta Adelaide Almeida, investigadora do Centro de Estudos do Ambiente e do Mar (CESAM) e do Departamento de Biologia da UA e coordenadora do estudo que pode colocar um travão a esta bactéria. Este estudo resultado trabalho multidisciplinar de uma equipa de cientistas do CESAM e do Grupo de Química Orgânica, Produtos Naturais e Agroalimentares, duas das unidades de investigação da UA.

Terapia fotodinâmica é eficaz

O género Staphylococcus contém pelo menos 49 espécies, várias das quais são altamente importantes clinicamente, para a indústria alimentar, para agricultura e economia. A mais patogénica dessas espécies é S. aureus.

Esta espécie, explica Adelaide Almeida, "está amplamente distribuída no ambiente, pode residir na pele e nas mucosas dos seres humanos e animais". Nos seres humanos, "as narinas são os principais nichos ecológicos de S. aureus - a transmissão ocorre principalmente através das mãos quando estas tocam superfícies contaminadas embora outros locais, como a pele, a área perineal, a faringe, o trato gastrointestinal, a vagina e as axilas também podem ser colonizadas, podendo também funcionar como focos de transmissão".

Com sucesso, a equipa de químicos e biólogos da UA constituída por Adelaide Almeida, Amparo Faustino, Maria da Graça Neves, Tatiana Branco, Cristina Dias, Nuno Moura, Cristina Dias, Vânia Jesus, Ana Peixoto e Nádia Valério, testou in vitro e na pele a terapia fotodinâmica, por si só ou combinada com antibióticos, para inativar esta bactéria.

"Os resultados mostraram que a terapia fotodinâmica, usada já vulgarmente para tratar, por exemplo, o acne, é uma abordagem eficaz para controlar a infeção por S. aureus na pele, inativando a bactéria eficazmente após três ciclos sucessivos de tratamento com luz e sem adição de antibióticos entre

ciclos, ou após um ciclo usando a ação combinada da terapia com o antibiótico ampicilina", congratula-se Adelaide Almeida.

"Embora seja bem-sabido que o uso de grandes quantidades de antibióticos na prática clínica é indesejável devido ao aparecimento de estirpes resistentes a antibióticos, pouco esforço tem sido feito para usar a terapia fotodinâmica para potencializar a eficácia antibiótica ou, alternativamente, usar antibióticos para melhorar o efeito desta terapia", explica a bióloga.

A avaliação deste efeito combinado foi realizada pela equipa da UA em pele de suíno, considerada um bom modelo de teste para a pele humana, devido às semelhanças das suas propriedades histológicas, fisiológicas e imunológicas.

08 Março 2019 |

[Additional Text]:
:

Cientistas da UA neutralizam bactéria resistente a antibióticos

Tipo Meio: Internet Data Publicação: 08/03/2019

Meio: Índice.eu Online

URL: http://www.pt.cision.com/s/?l=35e40a0b

8 / março / 2019

Já é possível neutralizar a bactéria Staphylococcus aureus, resistente a antibióticos e apontada como responsável por várias infeções potencialmente fatais em seres humanos, através da terapia fotodinâmica, anunciou a Universidade de Aveiro (UA) uma nota de imprensa.

Uma equipa de químicos e biólogos da UA, constituída por Adelaide Almeida, Amparo Faustino, Maria da Graça Neves, Tatiana Branco, Cristina Dias, Vânia Jesus e Nádia Valério, testou in vitro e na pele a terapia fotodinâmica, por si só ou combinada com antibióticos, para inativar essa bactéria.

"Os resultados mostraram que a terapia fotodinâmica, usada já vulgarmente para tratar, por exemplo, a acne, é uma abordagem eficaz para controlar a infeção por S. Aureus na pele, inativando a bactéria eficazmente após três ciclos sucessivos de tratamento com luz e sem adição de antibióticos entre ciclos, ou após um ciclo usando a ação combinada da terapia com o antibiótico ampicilina", revelou Adelaide Almeida.

A bióloga observa que, "embora seja bem sabido que o uso de grandes quantidades de antibióticos na prática clínica é indesejável, pouco esforço tem sido feito para usar a terapia fotodinâmica para potencializar a eficácia antibiótica ou, alternativamente, usar antibióticos para melhorar o efeito dessa terapia".

A avaliação do efeito combinado foi realizada pela equipa da UA em pele de suíno, considerada "um bom modelo de teste para a pele humana, devido às semelhanças das suas propriedades histológicas, fisiológicas e imunológicas".

Os recentes avanços realizados na UA podem trazer uma solução a quem sofre, por exemplo, de abcessos na pele e infeções do trato urinário.

A lista das infeções que a S. Aureus pode provocar é interminável: foliculite, furunculose, impetigo, celulite infeciosa, pneumonia necrosante, osteomielite, endocardite infeciosa, síndrome do choque tóxico e até intoxicação alimentar.

Tratadas facilmente com vulgares antibióticos até há poucas décadas, as infeções hospitalares e na comunidade causadas por S. Aureus multirresistentes a antibióticos aumentaram nos últimos 30 anos, sendo acompanhadas por um aumento de estirpes super-resistentes até mesmo aos antibióticos ditos de última geração. O tratamento é, por isso, difícil, moroso e frequentemente ineficaz.

"Estas estirpes são uma ameaça grave para a saúde pública", alerta a investigadora do Centro de Estudos do Ambiente e do Mar (CESAM) e do Departamento de Biologia da UA e coordenadora do estudo.

Nos seres humanos, "as narinas são os principais nichos ecológicos de S. Aureus e a transmissão ocorre principalmente através das mãos quando estas tocam superfícies contaminadas embora outros

locais, como a pele, a área perineal, a faringe, o trato gastrointestinal, a vagina e as axilas, também podem ser colonizadas, podendo funcionar como focos de transmissão".

Fonte: press release

Tecnica & Magia

UA: Equipa de investigadores consegue "travar" bactéria multirresistente

Tipo Meio: Internet Data Publicação: 07/03/2019

Meio: ON CENTRO Online

URL: http://www.pt.cision.com/s/?l=52fd1fae

Os avanços realizados na Universidade de Aveiro podem trazer uma solução, por exemplo, para quem sofre de abcessos na pele ou de infeções do trato urinário.

C
hama-se

Staphylococcus aureus
, é uma bactéria responsável por várias infeções potencialmente fatais em humanos e, até agora, o seu combate estava dificultado pela resistência que ganhou aos antibióticos, mesmo aos utilizados em último recurso. "Até agora" porque os recentes avanços realizados na Universidade de Aveiro (UA) trazem uma solução a quem sofre, por exemplo, de abcessos na pele e infeções do trato urinário. Através da terapia fotodinâmica afinal é possível inativar a bactéria.

Foliculite, furunculose, impetigo, celulite infeciosa, pneumonia necrosante, osteomielite, endocardite infeciosa, síndrome do choque tóxico e até intoxicação alimentar. A lista das infeções que a Staphylococcus aureus pode provocar é interminável.

Tratada facilmente com vulgares antibióticos até há poucas décadas, as infeções hospitalares e na comunidade causadas por Staphylococcus aureus multiresistentes a antibióticos aumentaram dramaticamente nos últimos 30 anos, sendo acompanhadas por um aumento de estirpes super-resistentes até mesmo aos antibióticos ditos de última geração. O tratamento é, por isso, difícil, moroso e frequentemente ineficaz.

"Estas estirpes são uma ameaça grave para a saúde pública", alerta Adelaide Almeida, investigadora do Centro de Estudos do Ambiente e do Mar (CESAM) e do Departamento de Biologia da UA e coordenadora do estudo que pode colocar um travão a esta bactéria. Este estudo resultado trabalho multidisciplinar de uma equipa de cientistas do CESAM e do Grupo de Química Orgânica, Produtos Naturais e Agroalimentares, duas das unidades de investigação da UA.

Terapia fotodinâmica é eficaz

O género Staphylococcus contém pelo menos 49 espécies, várias das quais são altamente importantes clinicamente, para a indústria alimentar, para agricultura e economia. A mais patogénica dessas espécies é S. aureus.

Esta espécie, explica Adelaide Almeida, "está amplamente distribuída no ambiente, pode residir na pele e nas mucosas dos seres humanos e animais". Nos seres humanos, "as narinas são os principais nichos ecológicos de S. aureus - a transmissão ocorre principalmente através das mãos quando estas tocam superfícies contaminadas embora outros locais, como a pele, a área perineal, a faringe, o trato gastrointestinal, a vagina e as axilas também podem ser colonizadas, podendo também funcionar como focos de transmissão".

Com sucesso, a equipa de químicos e biólogos da UA constituída por Adelaide Almeida, Amparo

Faustino, Maria da Graça Neves, Tatiana Branco, Cristina Dias, Nuno Moura, Cristina Dias, Vânia Jesus, Ana Peixoto e Nádia Valério, testou in vitro e na pele a terapia fotodinâmica, por si só ou combinada com antibióticos, para inativar esta bactéria.

"Os resultados mostraram que a terapia fotodinâmica, usada já vulgarmente para tratar, por exemplo, o acne, é uma abordagem eficaz para controlar a infeção por S. aureus na pele, inativando a bactéria eficazmente após três ciclos sucessivos de tratamento com luz e sem adição de antibióticos entre ciclos, ou após um ciclo usando a ação combinada da terapia com o antibiótico ampicilina", congratula-se Adelaide Almeida.

"Embora seja bem-sabido que o uso de grandes quantidades de antibióticos na prática clínica é indesejável devido ao aparecimento de estirpes resistentes a antibióticos, pouco esforço tem sido feito para usar a terapia fotodinâmica para potencializar a eficácia antibiótica ou, alternativamente, usar antibióticos para melhorar o efeito desta terapia", explica a bióloga.

A avaliação deste efeito combinado foi realizada pela equipa da UA em pele de suíno, considerada um bom modelo de teste para a pele humana, devido às semelhanças das suas propriedades histológicas, fisiológicas e imunológicas.

06 março 2019 14:13

Infecções fatais combatidas com luz

Tipo Meio: Internet Data Publicação: 07/03/2019

Meio: OvarNews Online

URL: http://www.ovarnews.pt/infeccoes-fatais-combatidas-com-luz/

SaúdeSlider

Infecções fatais combatidas com luz

OvarNews

11 mins atrás 0 10 2 minutes read

Chama-se Staphylococcus aureus, é uma bactéria responsável por várias infecções potencialmente fatais em humanos e, até agora, o seu combate estava dificultado pela resistência que ganhou aos antibióticos, mesmo aos utilizados em último recurso. Afinal, através da terapia fotodinâmica é possível inativar a bactéria. Os recentes avanços realizados na Universidade de Aveiro (UA) trazem uma solução a quem sofre, por exemplo, de abcessos na pele e infeções do trato urinário.

Foliculite, furunculose, impetigo, celulite infeciosa, pneumonia necrosante, osteomielite, endocardite infeciosa, síndrome do choque tóxico e até intoxicação alimentar. A lista das infeções que S. aureus pode provocar é interminável.

Tratada facilmente com vulgares antibióticos até há poucas décadas, as infecções hospitalares e na comunidade causadas por S. aureus multiresistentes a antibióticos aumentaram dramaticamente nos últimos 30 anos, sendo acompanhadas por um aumento de estirpes super-resistentes até mesmo aos antibióticos ditos de última geração. O tratamento é, por isso, difícil, moroso e frequentemente ineficaz.

"Estas estirpes são uma ameaça grave para a saúde pública", alerta Adelaide Almeida, investigadora do Centro de Estudos do Ambiente e do Mar (CESAM) e do Departamento de Biologia da UA e coordenadora do estudo que pode colocar um travão a esta bactéria. Este estudo resultado trabalho multidisciplinar de uma equipa de cientistas do CESAM e do

Grupo de Química Orgânica, Produtos Naturais e Agroalimentares, duas das unidades de investigação da UA.

Terapia fotodinâmica é eficaz

O género Staphylococcus contém pelo menos 49 espécies, várias das quais são altamente importantes clinicamente, para a indústria alimentar, para agricultura e economia. A mais patogénica dessas espécies é S. aureus.

Esta espécie, explica Adelaide Almeida, "está amplamente distribuída no ambiente, pode residir na pele e nas mucosas dos seres humanos e animais". Nos seres humanos, "as narinas são os principais nichos ecológicos de S. aureus - a transmissão ocorre principalmente através das mãos quando estas tocam superfícies contaminadas embora outros locais, como a pele, a área perineal, a faringe, o trato gastrointestinal, a vagina e as axilas também podem ser colonizadas, podendo também funcionar como focos de transmissão".

Com sucesso, a equipa de químicos e biólogos da UA constituída por Adelaide Almeida, Amparo Faustino, Maria da Graça Neves, Tatiana Branco, Cristina Dias, Nuno Moura, Cristina Dias, Vânia Jesus, Ana Peixoto e Nádia Valério, testou in vitro e na pele a terapia fotodinâmica, por si só ou combinada com antibióticos, para inativar esta bactéria.

"Os resultados mostraram que a terapia fotodinâmica, usada já vulgarmente para tratar, por exemplo, o acne, é uma abordagem eficaz para controlar a infeção por S. aureus na pele, inativando a bactéria eficazmente após três ciclos sucessivos de tratamento com luz e sem adição de antibióticos entre ciclos, ou após um ciclo usando a ação combinada da terapia com o antibiótico ampicilina", congratula-se Adelaide Almeida.

"Embora seja bem-sabido que o uso de grandes quantidades de antibióticos na prática clínica é indesejável devido ao aparecimento de estirpes resistentes a antibióticos, pouco esforço tem sido feito para usar a terapia fotodinâmica para potencializar a eficácia antibiótica ou, alternativamente, usar antibióticos para melhorar o efeito desta terapia", explica a bióloga.

A avaliação deste efeito combinado foi realizada pela equipa da UA em pele de suíno,

considerada um bom modelo de teste para a pele humana, devido às semelhanças das suas

propriedades histológicas, fisiológicas e imunológicas.

Facebook Twitter Google+ LinkedIn StumbleUpon Tumblr Pinterest Reddit VKontakte Partilhar por email Imprimir

11 mins atrás

OvarNews

Investigação da UA conclui que infeções potencialmente fatais podem ser combatidas com luz.

Tipo Meio: Internet Data Publicação: 07/03/2019

Meio: Rádio Terra Nova Online

URL: http://www.pt.cision.com/s/?l=2ccfafd8

Uma investigação da Universidade de Aveiro conclui que infeções potencialmente fatais podem ser combatidas com luz.

Chama-se Staphylococcus aureus, é uma bactéria responsável por várias infeções potencialmente fatais em humanos e, até agora, o seu combate estava dificultado pela resistência que ganhou aos antibióticos, mesmo aos utilizados em último recurso.

Afinal, através da terapia fotodinâmica é possível inativar a bactéria. Os recentes avanços realizados na Universidade de Aveiro (UA) trazem uma solução a quem sofre, por exemplo, de abcessos na pele e infeções do trato urinário.

Foliculite, furunculose, impetigo, celulite infeciosa, pneumonia necrosante, osteomielite, endocardite infeciosa, síndrome do choque tóxico e até intoxicação alimentar. A lista das infeções que S. aureus pode provocar é interminável.

Tratada facilmente com vulgares antibióticos até há poucas décadas, as infeções hospitalares e na comunidade causadas por S. aureus multiresistentes a antibióticos aumentaram dramaticamente nos últimos 30 anos, sendo acompanhadas por um aumento de estirpes super-resistentes até mesmo aos antibióticos ditos de última geração. O tratamento é, por isso, difícil, moroso e frequentemente ineficaz.

"Estas estirpes são uma ameaça grave para a saúde pública", alerta Adelaide Almeida, investigadora do Centro de Estudos do Ambiente e do Mar (CESAM) e do Departamento de Biologia da UA e coordenadora do estudo que pode colocar um travão a esta bactéria. Este estudo resultado trabalho multidisciplinar de uma equipa de cientistas do CESAM e do Grupo de Química Orgânica, Produtos Naturais e Agroalimentares, duas das unidades de investigação da UA.

Terapia fotodinâmica é eficaz

O género Staphylococcus contém pelo menos 49 espécies, várias das quais são altamente importantes clinicamente, para a indústria alimentar, para agricultura e economia. A mais patogénica dessas espécies é S. aureus.

Esta espécie, explica Adelaide Almeida, "está amplamente distribuída no ambiente, pode residir na pele e nas mucosas dos seres humanos e animais". Nos seres humanos, "as narinas são os principais nichos ecológicos de S. aureus - a transmissão ocorre principalmente através das mãos quando estas tocam superfícies contaminadas embora outros locais, como a pele, a área perineal, a faringe, o trato gastrointestinal, a vagina e as axilas também podem ser colonizadas, podendo também funcionar como focos de transmissão".

Com sucesso, a equipa de químicos e biólogos da UA constituída por Adelaide Almeida, Amparo

Faustino, Maria da Graça Neves, Tatiana Branco, Cristina Dias, Nuno Moura, Cristina Dias, Vânia Jesus, Ana Peixoto e Nádia Valério, testou in vitro e na pele a terapia fotodinâmica, por si só ou combinada com antibióticos, para inativar esta bactéria.

"Os resultados mostraram que a terapia fotodinâmica, usada já vulgarmente para tratar, por exemplo, o acne, é uma abordagem eficaz para controlar a infeção por S. aureus na pele, inativando a bactéria eficazmente após três ciclos sucessivos de tratamento com luz e sem adição de antibióticos entre ciclos, ou após um ciclo usando a ação combinada da terapia com o antibiótico ampicilina", congratula-se Adelaide Almeida.

"Embora seja bem-sabido que o uso de grandes quantidades de antibióticos na prática clínica é indesejável devido ao aparecimento de estirpes resistentes a antibióticos, pouco esforço tem sido feito para usar a terapia fotodinâmica para potencializar a eficácia antibiótica ou, alternativamente, usar antibióticos para melhorar o efeito desta terapia", explica a bióloga.

A avaliação deste efeito combinado foi realizada pela equipa da UA em pele de suíno, considerada um bom modelo de teste para a pele humana, devido às semelhanças das suas propriedades histológicas, fisiológicas e imunológicas.

texto e foto: UA

2019-03-07 08:14

Investigação da Universidade de Aveiro | Infeções fatais combatidas com luz

Tipo Meio: Internet Data Publicação: 06/03/2019

Meio: + Algarve Online

URL: http://www.pt.cision.com/s/?l=93b82984

Chama-se Staphylococcus aureus, é uma bactéria responsável por várias infeções potencialmente fatais em humanos e, até agora, o seu combate estava dificultado pela resistência que ganhou aos antibióticos, mesmo aos utilizados em último recurso. Afinal, através da terapia fotodinâmica é possível inativar a bactéria. Os recentes avanços realizados na Universidade de Aveiro (UA) trazem uma solução a quem sofre, por exemplo, de abcessos na pele e infeções do trato urinário.

Foliculite, furunculose, impetigo, celulite infeciosa, pneumonia necrosante, osteomielite, endocardite infeciosa, síndrome do choque tóxico e até intoxicação alimentar. A lista das infeções que S. aureus pode provocar é interminável.

Tratada facilmente com vulgares antibióticos até há poucas décadas, as infeções hospitalares e na comunidade causadas por S. aureus multiresistentes a antibióticos aumentaram dramaticamente nos últimos 30 anos, sendo acompanhadas por um aumento de estirpes super-resistentes até mesmo aos antibióticos ditos de última geração. O tratamento é, por isso, difícil, moroso e frequentemente ineficaz.

"Estas estirpes são uma ameaça grave para a saúde pública", alerta Adelaide Almeida, investigadora do Centro de Estudos do Ambiente e do Mar (CESAM) e do Departamento de Biologia da UA e coordenadora do estudo que pode colocar um travão a esta bactéria. Este estudo resultado trabalho multidisciplinar de uma equipa de cientistas do CESAM e do Grupo de Química Orgânica, Produtos Naturais e Agroalimentares, duas das unidades de investigação da UA.

Terapia fotodinâmica é eficaz

O género Staphylococcus contém pelo menos 49 espécies, várias das quais são altamente importantes clinicamente, para a indústria alimentar, para agricultura e economia. A mais patogénica dessas espécies é S. aureus.

Esta espécie, explica Adelaide Almeida, "está amplamente distribuída no ambiente, pode residir na pele e nas mucosas dos seres humanos e animais". Nos seres humanos, "as narinas são os principais nichos ecológicos de S. aureus - a transmissão ocorre principalmente através das mãos quando estas tocam superfícies contaminadas embora outros locais, como a pele, a área perineal, a faringe, o trato gastrointestinal, a vagina e as axilas também podem ser colonizadas, podendo também funcionar como focos de transmissão".

Com sucesso, a equipa de químicos e biólogos da UA constituída por Adelaide Almeida, Amparo Faustino, Maria da Graça Neves, Tatiana Branco, Cristina Dias, Nuno Moura, Cristina Dias, Vânia Jesus, Ana Peixoto e Nádia Valério, testou in vitro e na pele a terapia fotodinâmica, por si só ou combinada com antibióticos, para inativar esta bactéria.

"Os resultados mostraram que a terapia fotodinâmica, usada já vulgarmente para tratar, por exemplo, o acne, é uma abordagem eficaz para controlar a infeção por S. aureus na pele, inativando a bactéria eficazmente após três ciclos sucessivos de tratamento com luz e sem adição de antibióticos entre

ciclos, ou após um ciclo usando a ação combinada da terapia com o antibiótico ampicilina", congratula-se Adelaide Almeida.

"Embora seja bem-sabido que o uso de grandes quantidades de antibióticos na prática clínica é indesejável devido ao aparecimento de estirpes resistentes a antibióticos, pouco esforço tem sido feito para usar a terapia fotodinâmica para potencializar a eficácia antibiótica ou, alternativamente, usar antibióticos para melhorar o efeito desta terapia", explica a bióloga.

A avaliação deste efeito combinado foi realizada pela equipa da UA em pele de suíno, considerada um bom modelo de teste para a pele humana, devido às semelhanças das suas propriedades histológicas, fisiológicas e imunológicas.

Fonte: SC da UA

Infeções fatais combatidas com luz

Tipo Meio: Internet Data Publicação: 06/03/2019

Meio: Atlas da Saúde Online

URL: https://www.atlasdasaude.pt/publico/content/infecoes-fatais-combatidas-com-luz

2019-03-06 15:28:27+00:00

Chama-se Staphylococcus aureus, é uma bactéria responsável por várias infeções potencialmente fatais em humanos e, até agora, o seu combate estava dificultado pela resistência que ganhou aos antibióticos, mesmo aos utilizados em último recurso. Afinal, através da terapia fotodinâmica é possível inativar a bactéria. Os recentes avanços realizados na Universidade de Aveiro (UA) trazem uma solução a quem sofre, por exemplo, de abcessos na pele e infeções do trato urinário.

Investigação

Infeções fatais combatidas com luz

Versão de impressão

Quarta, 6 Março, 2019 - 15:28

Foliculite, furunculose, impetigo, celulite infeciosa, pneumonia necrosante, osteomielite, endocardite infeciosa, síndrome do choque tóxico e até intoxicação alimentar. A lista das infeções que S. aureus pode provocar é interminável.

Tratada facilmente com vulgares antibióticos até há poucas décadas, as infeções hospitalares e na comunidade causadas por S. aureus multiresistentes a antibióticos aumentaram dramaticamente nos últimos 30 anos, sendo acompanhadas por um aumento de estirpes super-resistentes até mesmo aos antibióticos ditos de última geração. O tratamento é, por isso, difícil, moroso e frequentemente ineficaz.

"Estas estirpes são uma ameaça grave para a saúde pública", alerta Adelaide Almeida, investigadora do Centro de Estudos do Ambiente e do Mar (CESAM) e do Departamento de Biologia da UA e coordenadora do estudo que pode colocar um travão a esta bactéria. Este estudo resultado trabalho multidisciplinar de uma equipa de cientistas do CESAM e do Grupo de Química Orgânica, Produtos Naturais e Agroalimentares, duas das unidades de investigação da UA.

Os investigadores da Universidade de Aveiro envolvidos neste trabalho

Terapia fotodinâmica é eficaz

O género Staphylococcus contém pelo menos 49 espécies, várias das quais são altamente importantes clinicamente, para a indústria alimentar, para agricultura e economia. A mais patogénica dessas espécies é S. aureus.

Esta espécie, explica Adelaide Almeida, "está amplamente distribuída no ambiente, pode residir na pele e nas mucosas dos seres humanos e animais". Nos seres humanos, "as narinas são os principais nichos ecológicos de S. aureus - a transmissão ocorre principalmente através das mãos quando estas

tocam superfícies contaminadas embora outros locais, como a pele, a área perineal, a faringe, o trato gastrointestinal, a vagina e as axilas também podem ser colonizadas, podendo também funcionar como focos de transmissão".

Com sucesso, a equipa de químicos e biólogos da UA constituída por Adelaide Almeida, Amparo Faustino, Maria da Graça Neves, Tatiana Branco, Cristina Dias, Nuno Moura, Cristina Dias, Vânia Jesus, Ana Peixoto e Nádia Valério, testou in vitro e na pele a terapia fotodinâmica, por si só ou combinada com antibióticos, para inativar esta bactéria.

"Os resultados mostraram que a terapia fotodinâmica, usada já vulgarmente para tratar, por exemplo, o acne, é uma abordagem eficaz para controlar a infeção por S. aureus na pele, inativando a bactéria eficazmente após três ciclos sucessivos de tratamento com luz e sem adição de antibióticos entre ciclos, ou após um ciclo usando a ação combinada da terapia com o antibiótico ampicilina", congratula-se Adelaide Almeida.

"Embora seja bem-sabido que o uso de grandes quantidades de antibióticos na prática clínica é indesejável devido ao aparecimento de estirpes resistentes a antibióticos, pouco esforço tem sido feito para usar a terapia fotodinâmica para potencializar a eficácia antibiótica ou, alternativamente, usar antibióticos para melhorar o efeito desta terapia", explica a bióloga.

A avaliação deste efeito combinado foi realizada pela equipa da UA em pele de suíno, considerada um bom modelo de teste para a pele humana, devido às semelhanças das suas propriedades histológicas, fisiológicas e imunológicas.

Notícias

Universidade de Aveiro

As informações e conselhos disponibilizados no Atlas da Saúde não substituem o parecer/opinião do seu Médico, Enfermeiro, Farmacêutico e/ou Nutricionista.

Pixabay

Investigadores de Aveiro conseguem neutralizar bactéria resistente a antibióticos

Tipo Meio: Internet Data Publicação: 06/03/2019

Meio: Diário da Saúde Online

URL: http://www.pt.cision.com/s/?l=eda7356a

Já é possível neutralizar a bactéria "Staphylococcus aureus", resistente a antibióticos e apontada como responsável por várias infeções potencialmente fatais em seres humanos, através da terapia fotodinâmica, anunciou hoje a Universidade de Aveiro (UA). Uma equipa de químicos e biólogos da UA, constituída por Adelaide Almeida, Amparo Faustino, Maria da Graça Neves, Tatiana Branco, Cristina [...]

Já é possível neutralizar a bactéria "Staphylococcus aureus", resistente a antibióticos e apontada como responsável por várias infeções potencialmente fatais em seres humanos, através da terapia fotodinâmica, anunciou hoje a Universidade de Aveiro (UA).

Uma equipa de químicos e biólogos da UA, constituída por Adelaide Almeida, Amparo Faustino, Maria da Graça Neves, Tatiana Branco, Cristina Dias, Vânia Jesus e Nádia Valério, testou 'in vitro' e na pele a terapia fotodinâmica, por si só ou combinada com antibióticos, para inativar essa bactéria.

"Os resultados mostraram que a terapia fotodinâmica, usada já vulgarmente para tratar, por exemplo, a acne, é uma abordagem eficaz para controlar a infeção por S. Aureus na pele, inativando a bactéria eficazmente após três ciclos sucessivos de tratamento com luz e sem adição de antibióticos entre ciclos, ou após um ciclo usando a ação combinada da terapia com o antibiótico ampicilina", revelou Adelaide Almeida.

A bióloga observa que "embora seja bem sabido que o uso de grandes quantidades de antibióticos na prática clínica é indesejável, pouco esforço tem sido feito para usar a terapia fotodinâmica para potencializar a eficácia antibiótica ou, alternativamente, usar antibióticos para melhorar o efeito dessa terapia".

A avaliação do efeito combinado foi realizada pela equipa da UA em pele de suíno, considerada "um bom modelo de teste para a pele humana, devido às semelhanças das suas propriedades histológicas, fisiológicas e imunológicas".

Os recentes avanços realizados na Universidade de Aveiro (UA) podem trazer uma solução a quem sofre, por exemplo, de abcessos na pele e infeções do trato urinário.

A lista das infeções que S. Aureus pode provocar é interminável: foliculite, furunculose, impetigo, celulite infecciosa, pneumonia necrosante, osteomielite, endocardite infecciosa, síndrome do choque tóxico e até intoxicação alimentar.

Tratadas facilmente com vulgares antibióticos até há poucas décadas, as infeções hospitalares e na comunidade causadas por S. Aureus multirresistentes a antibióticos aumentaram nos últimos 30 anos, sendo acompanhadas por um aumento de estirpes super-resistentes até mesmo aos antibióticos ditos de última geração. O tratamento é, por isso, difícil, moroso e frequentemente ineficaz.

"Estas estirpes são uma ameaça grave para a saúde pública", alerta a investigadora do Centro de Estudos do Ambiente e do Mar (CESAM) e do Departamento de Biologia da UA e coordenadora do

estudo.

Nos seres humanos, "as narinas são os principais nichos ecológicos de S. Aureus e a transmissão ocorre principalmente através das mãos quando estas tocam superfícies contaminadas embora outros locais, como a pele, a área perineal, a faringe, o trato gastrointestinal, a vagina e as axilas, também podem ser colonizadas, podendo funcionar como focos de transmissão".

6 Mar , 2019 0

Investigadores de Aveiro conseguem neutralizar bactéria resistente a antibióticos

Tipo Meio: Internet Data Publicação: 06/03/2019

Meio: Diário de Notícias Online

URL: http://www.pt.cision.com/s/?l=c9338679

2019-03-06T12:56:30Z

Já é possível neutralizar a bactéria "Staphylococcus aureus", resistente a antibióticos e apontada como responsável por várias infeções potencialmente fatais em seres humanos, através da terapia fotodinâmica, anunciou hoje a Universidade de Aveiro (UA).

Uma equipa de químicos e biólogos da UA, constituída por Adelaide Almeida, Amparo Faustino, Maria da Graça Neves, Tatiana Branco, Cristina Dias, Vânia Jesus e Nádia Valério, testou 'in vitro' e na pele a terapia fotodinâmica, por si só ou combinada com antibióticos, para inativar essa bactéria. "Os resultados mostraram que a terapia fotodinâmica, usada já vulgarmente para tratar, por exemplo, a acne, é uma abordagem eficaz para controlar a infeção por S. Aureus na pele, inativando a bactéria eficazmente após três ciclos sucessivos de tratamento com luz e sem adição de antibióticos entre ciclos, ou após um ciclo usando a ação combinada da terapia com o antibiótico ampicilina", revelou Adelaide Almeida. A bióloga observa que "embora seja bem sabido que o uso de grandes quantidades de antibióticos na prática clínica é indesejável, pouco esforço tem sido feito para usar a terapia fotodinâmica para potencializar a eficácia antibiótica ou, alternativamente, usar antibióticos para melhorar o efeito dessa terapia".

Subscreva as newsletters Diário de Notícias e receba as informações em primeira mão.

A avaliação do efeito combinado foi realizada pela equipa da UA em pele de suíno, considerada "um bom modelo de teste para a pele humana, devido às semelhanças das suas propriedades histológicas, fisiológicas e imunológicas". Os recentes avanços realizados na Universidade de Aveiro (UA) podem trazer uma solução a quem sofre, por exemplo, de abcessos na pele e infeções do trato urinário. A lista das infeções que S. Aureus pode provocar é interminável: foliculite, furunculose, impetigo, celulite infecciosa, pneumonia necrosante, osteomielite, endocardite infecciosa, síndrome do choque tóxico e até intoxicação alimentar. Tratadas facilmente com vulgares antibióticos até há poucas décadas, as infeções hospitalares e na comunidade causadas por S. Aureus multirresistentes a antibióticos aumentaram nos últimos 30 anos, sendo acompanhadas por um aumento de estirpes super-resistentes até mesmo aos antibióticos ditos de última geração. O tratamento é, por isso, difícil, moroso e frequentemente ineficaz. "Estas estirpes são uma ameaça grave para a saúde pública", alerta a investigadora do Centro de Estudos do Ambiente e do Mar (CESAM) e do Departamento de Biologia da UA e coordenadora do estudo. Nos seres humanos, "as narinas são os principais nichos ecológicos de S. Aureus e a transmissão ocorre principalmente através das mãos quando estas tocam superfícies contaminadas embora outros locais, como a pele, a área perineal, a faringe, o trato gastrointestinal, a vagina e as axilas, também podem ser colonizadas, podendo funcionar como focos de transmissão". Lusa / Fim

Lusa

Investigação da Universidade de Aveiro - Infeções fatais combatidas com luz

Tipo Meio: Internet Data Publicação: 06/03/2019

Meio: Farol da Nossa Terra Online

URL: http://www.pt.cision.com/s/?l=b30f3147

Chama-se Staphylococcus aureus, é uma bactéria responsável por várias infeções potencialmente fatais em humanos e, até agora, o seu combate estava dificultado pela resistência que ganhou aos antibióticos, mesmo aos utilizados em último recurso. Afinal, através da terapia fotodinâmica é possível inativar a bactéria. Os recentes avanços realizados na Universidade de Aveiro (UA) trazem uma solução a quem sofre, por exemplo, de abcessos na pele e infeções do trato urinário.

Foliculite, furunculose, impetigo, celulite infeciosa, pneumonia necrosante, osteomielite, endocardite infeciosa, síndrome do choque tóxico e até intoxicação alimentar. A lista das infeções que S. aureus pode provocar é interminável.

Tratada facilmente com vulgares antibióticos até há poucas décadas, as infeções hospitalares e na comunidade causadas por S. aureus multiresistentes a antibióticos aumentaram dramaticamente nos últimos 30 anos, sendo acompanhadas por um aumento de estirpes super-resistentes até mesmo aos antibióticos ditos de última geração. O tratamento é, por isso, difícil, moroso e frequentemente ineficaz.

"Estas estirpes são uma ameaça grave para a saúde pública", alerta Adelaide Almeida, investigadora do Centro de Estudos do Ambiente e do Mar (CESAM) e do Departamento de Biologia da UA e coordenadora do estudo que pode colocar um travão a esta bactéria. Este estudo resultado trabalho multidisciplinar de uma equipa de cientistas do CESAM e do Grupo de Química Orgânica, Produtos Naturais e Agroalimentares, duas das unidades de investigação da UA.

Terapia fotodinâmica é eficaz

O género Staphylococcus contém pelo menos 49 espécies, várias das quais são altamente importantes clinicamente, para a indústria alimentar, para agricultura e economia. A mais patogénica dessas espécies é S. aureus.

Esta espécie, explica Adelaide Almeida, "está amplamente distribuída no ambiente, pode residir na pele e nas mucosas dos seres humanos e animais". Nos seres humanos, "as narinas são os principais nichos ecológicos de S. aureus - a transmissão ocorre principalmente através das mãos quando estas tocam superfícies contaminadas embora outros locais, como a pele, a área perineal, a faringe, o trato gastrointestinal, a vagina e as axilas também podem ser colonizadas, podendo também funcionar como focos de transmissão".

Com sucesso, a equipa de químicos e biólogos da UA constituída por Adelaide Almeida, Amparo Faustino, Maria da Graça Neves, Tatiana Branco, Cristina Dias, Nuno Moura, Cristina Dias, Vânia Jesus, Ana Peixoto e Nádia Valério, testou in vitro e na pele a terapia fotodinâmica, por si só ou combinada com antibióticos, para inativar esta bactéria.

"Os resultados mostraram que a terapia fotodinâmica, usada já vulgarmente para tratar, por exemplo, o acne, é uma abordagem eficaz para controlar a infeção por S. aureus na pele, inativando a bactéria eficazmente após três ciclos sucessivos de tratamento com luz e sem adição de antibióticos entre

ciclos, ou após um ciclo usando a ação combinada da terapia com o antibiótico ampicilina", congratula-se Adelaide Almeida.

"Embora seja bem-sabido que o uso de grandes quantidades de antibióticos na prática clínica é indesejável devido ao aparecimento de estirpes resistentes a antibióticos, pouco esforço tem sido feito para usar a terapia fotodinâmica para potencializar a eficácia antibiótica ou, alternativamente, usar antibióticos para melhorar o efeito desta terapia", explica a bióloga.

A avaliação deste efeito combinado foi realizada pela equipa da UA em pele de suíno, considerada um bom modelo de teste para a pele humana, devido às semelhanças das suas propriedades histológicas, fisiológicas e imunológicas.

UA - Gabinete de Comunicação

Investigação da Universidade de Aveiro: infecções fatais combatidas com luz

Tipo Meio:	Internet	Data Publicação:	06/03/2019
Meio:	Funchal Notícias Online	Autores:	Luís Rocha

URL: http://www.pt.cision.com/s/?l=b496ae02

2019-03-06 18:42:29+00:00

Chama-se Staphylococcus aureus, é uma bactéria responsável por várias infecções potencialmente fatais em humanos e, até agora, o seu combate estava dificultado pela resistência que ganhou aos antibióticos, mesmo aos utilizados em último recurso. Afinal, através da terapia fotodinâmica é possível inactivar a bactéria, refere uma nota da Universidade de Aveiro. Os recentes avanços realizados naquele estabelecimento de ensino superior trazem uma solução a quem sofre, por exemplo, de abcessos na pele e infecções do trato urinário.

Foliculite, furunculose, impetigo, celulite infecciosa, pneumonia necrosante, osteomielite, endocardite infecciosa, síndrome do choque tóxico e até intoxicação alimentar. A lista das infeçcões que S. aureus pode provocar é interminável, reza o comunicado.

Tratada facilmente com vulgares antibióticos até há poucas décadas, as infecções hospitalares e na comunidade causadas por S. aureus multiresistentes a antibióticos aumentaram dramaticamente nos últimos 30 anos, sendo acompanhadas por um aumento de estirpes super-resistentes até mesmo aos antibióticos ditos de última geração. O tratamento é, por isso, difícil, moroso e frequentemente ineficaz.

"Estas estirpes são uma ameaça grave para a saúde pública", alerta Adelaide Almeida, investigadora do Centro de Estudos do Ambiente e do Mar (CESAM) e do Departamento de Biologia da UA e coordenadora do estudo que pode colocar um travão a esta bactéria. Este estudo resultado trabalho multidisciplinar de uma equipa de cientistas do CESAM e do Grupo de Química Orgânica, Produtos Naturais e Agroalimentares, duas das unidades de investigação da UA.

Terapia fotodinâmica é eficaz

O género Staphylococcus contém pelo menos 49 espécies, várias das quais são altamente importantes clinicamente, para a indústria alimentar, para agricultura e economia. A mais patogénica dessas espécies é S. aureus.

Esta espécie, explica Adelaide Almeida, "está amplamente distribuída no ambiente, pode residir na pele e nas mucosas dos seres humanos e animais". Nos seres humanos, "as narinas são os principais nichos ecológicos de S. aureus - a transmissão ocorre principalmente através das mãos quando estas tocam superfícies contaminadas embora outros locais, como a pele, a área perineal, a faringe, o trato gastrointestinal, a vagina e as axilas também podem ser colonizadas, podendo também funcionar como focos de transmissão".

Com sucesso, a equipa de químicos e biólogos da UA constituída por Adelaide Almeida, Amparo Faustino, Maria da Graça Neves, Tatiana Branco, Cristina Dias, Nuno Moura, Cristina Dias, Vânia Jesus, Ana Peixoto e Nádia Valério, testou in vitro e na pele a terapia fotodinâmica, por si só ou combinada com antibióticos, para inactivar esta bactéria.

"Os resultados mostraram que a terapia fotodinâmica, usada já vulgarmente para tratar, por exemplo, o acne, é uma abordagem eficaz para controlar a infecção por S. aureus na pele, inactivando a bactéria eficazmente após três ciclos sucessivos de tratamento com luz e sem adição de antibióticos entre ciclos, ou após um ciclo usando a acção combinada da terapia com o antibiótico ampicilina", congratula-se Adelaide Almeida.

"Embora seja bem-sabido que o uso de grandes quantidades de antibióticos na prática clínica é indesejável devido ao aparecimento de estirpes resistentes a antibióticos, pouco esforço tem sido feito para usar a terapia fotodinâmica para potencializar a eficácia antibiótica ou, alternativamente, usar antibióticos para melhorar o efeito desta terapia", explica a bióloga.

A avaliação deste efeito combinado foi realizada pela equipa da UA em pele de suíno, considerada um bom modelo de teste para a pele humana, devido às semelhanças das suas propriedades histológicas, fisiológicas e imunológicas.

Luís Rocha

Investigadores de Aveiro neutralizam bactéria resistente a antibióticos

Tipo Meio: Internet Data Publicação: 06/03/2019

Meio: Jornal de Notícias Online

URL: http://www.pt.cision.com/s/?l=844558fa

2019-03-06 13:34

Hoje às 13:34FacebookTwitterPartilharComentar
Já é possível neutralizar a bactéria "Staphylococcus aureus", resistente a antibióticos e apontada como responsável por várias infeções potencialmente fatais em seres humanos, através da terapia fotodinâmica, anunciou a Universidade de Aveiro.

Uma equipa de químicos e biólogos da Universidade de Aveiro (UA), constituída por Adelaide Almeida, Amparo Faustino, Maria da Graça Neves, Tatiana Branco, Cristina Dias, Vânia Jesus e Nádia Valério, testou "in vitro" e na pele a terapia fotodinâmica, por si só ou combinada com antibióticos, para inativar essa bactéria.

"Os resultados mostraram que a terapia fotodinâmica, usada já vulgarmente para tratar, por exemplo, a acne, é uma abordagem eficaz para controlar a infeção por S. Aureus na pele, inativando a bactéria eficazmente após três ciclos sucessivos de tratamento com luz e sem adição de antibióticos entre ciclos, ou após um ciclo usando a ação combinada da terapia com o antibiótico ampicilina", revelou Adelaide Almeida.

Resultados podem trazer uma solução para abcessos na pele e infeções do trato urinário

A bióloga observa que "embora seja bem sabido que o uso de grandes quantidades de antibióticos na prática clínica é indesejável, pouco esforço tem sido feito para usar a terapia fotodinâmica para potencializar a eficácia antibiótica ou, alternativamente, usar antibióticos para melhorar o efeito dessa terapia".

A avaliação do efeito combinado foi realizada pela equipa da UA em pele de suíno, considerada "um bom modelo de teste para a pele humana, devido às semelhanças das suas propriedades histológicas, fisiológicas e imunológicas".

Os recentes avanços realizados na Universidade de Aveiro (UA) podem trazer uma solução a quem sofre, por exemplo, de abcessos na pele e infeções do trato urinário.

A lista das infeções que S. Aureus pode provocar é interminável: foliculite, furunculose, impetigo, celulite infecciosa, pneumonia necrosante, osteomielite, endocardite infecciosa, síndrome do choque tóxico e até intoxicação alimentar.

Infeções causadas por S. Aureus multirresistentes a antibióticos aumentaram nos últimos 30 anos

Tratadas facilmente com vulgares antibióticos até há poucas décadas, as infeções hospitalares e na comunidade causadas por S. Aureus multirresistentes a antibióticos aumentaram nos últimos 30 anos, sendo acompanhadas por um aumento de estirpes super-resistentes até mesmo aos antibióticos ditos de última geração. O tratamento é, por isso, difícil, moroso e frequentemente ineficaz.

"Estas estirpes são uma ameaça grave para a saúde pública", alerta a investigadora do Centro de Estudos do Ambiente e do Mar (CESAM) e do Departamento de Biologia da UA e coordenadora do estudo.

Nos seres humanos, "as narinas são os principais nichos ecológicos de S. Aureus e a transmissão ocorre principalmente através das mãos quando estas tocam superfícies contaminadas embora outros locais, como a pele, a área perineal, a faringe, o trato gastrointestinal, a vagina e as axilas, também podem ser colonizadas, podendo funcionar como focos de transmissão".

Investigadores da UA usam Luz para o Combate de Infeções Fatais

Tipo Meio: Internet Data Publicação: 06/03/2019

Meio: Litoral Magazine Online

URL: http://www.pt.cision.com/s/?l=a29408af

Através da terapia fotodinâmica é possível inativar a bactéria responsável por várias infeções potencialmente fatais em humanos. O seu combate estava dificultado pela resistência que ganhou aos antibióticos, mesmo aos utilizados em último recurso. A bactéria "Staphylococcus aureus" é responsável por várias infeções potencialmente fatais em humanos. Os recentes avanços realizados na Universidade de Aveiro (UA) [...]

Investigadores da UA usam Luz para o Combate de Infeções Fatais

Litoral Magazine

6 Março, 2019

Através da terapia fotodinâmica é possível inativar a bactéria responsável por várias infeções potencialmente fatais em humanos. O seu combate estava dificultado pela resistência que ganhou aos antibióticos, mesmo aos utilizados em último recurso.

A bactéria "Staphylococcus aureus" é responsável por várias infeções potencialmente fatais em humanos. Os recentes avanços realizados na Universidade de Aveiro (UA) trazem uma solução a quem sofre, por exemplo, de abcessos na pele e infeções do trato urinário. O género Staphylococcus contém pelo menos 49 espécies, várias das quais são importantes clinicamente, para a indústria alimentar, para agricultura e economia. A mais patogénica dessas espécies é "S. aureus".

Tratada facilmente com vulgares antibióticos até há poucas décadas, as infeções hospitalares e na comunidade causadas por "S. aureus" multiresistentes a antibióticos aumentaram dramaticamente nos últimos 30 anos, sendo acompanhadas por um aumento de estirpes super-resistentes até mesmo aos antibióticos ditos de última geração. O tratamento é, por isso, difícil, moroso e frequentemente ineficaz. "Estas estirpes são uma ameaça grave para a saúde pública", alerta Adelaide Almeida, investigadora do Centro de Estudos do Ambiente e do Mar (CESAM) e do Departamento de Biologia da UA e coordenadora do estudo que pode colocar um travão a esta bactéria.

Esta espécie, explica Adelaide Almeida, "está amplamente distribuída no ambiente, pode residir na pele e nas mucosas dos seres humanos e animais". Nos seres humanos, "as narinas são os principais nichos ecológicos de "S. aureus" - a transmissão ocorre principalmente através das mãos quando estas tocam superfícies contaminadas embora outros locais, como a pele, a área perineal, a faringe, o trato gastrointestinal, a vagina e as axilas também podem ser colonizadas, podendo também funcionar como focos de transmissão", informa a investigadora.

Com sucesso, a equipa de químicos e biólogos da UA constituída por Adelaide Almeida, Amparo Faustino, Maria da Graça Neves, Tatiana Branco, Cristina Dias, Nuno Moura, Cristina Dias, Vânia Jesus, Ana Peixoto e Nádia Valério, testou in vitro e na pele a terapia fotodinâmica, por si só ou combinada com antibióticos, para inativar esta bactéria.

"Os resultados mostraram que a terapia fotodinâmica, usada já vulgarmente para tratar, por exemplo,

o acne, é uma abordagem eficaz para controlar a infeção por "S. aureus" na pele, inativando a bactéria eficazmente após três ciclos sucessivos de tratamento com luz e sem adição de antibióticos entre ciclos, ou após um ciclo usando a ação combinada da terapia com o antibiótico campina", congratula-se Adelaide Almeida.

2019-03-06 17:43:07+00:00

Litoral Magazine

Infeções fatais combatidas com luz

Tipo Meio: Internet Data Publicação: 06/03/2019

Meio: Medjournal Online

URL: http://www.medjournal.pt/infecoes-fatais-combatidas-com-luz.html

Investigação da Universidade de Aveiro

Chama-se Staphylococcus aureus, é uma bactéria responsável por várias infeções potencialmente fatais em humanos e, até agora, o seu combate estava dificultado pela resistência que ganhou aos antibióticos, mesmo aos utilizados em último recurso. Afinal, através da terapia fotodinâmica é possível inativar a bactéria. Os recentes avanços realizados na Universidade de Aveiro (UA) trazem uma solução a quem sofre, por exemplo, de abcessos na pele e infeções do trato urinário.

Foliculite, furunculose, impetigo, celulite infeciosa, pneumonia necrosante, osteomielite, endocardite infeciosa, síndrome do choque tóxico e até intoxicação alimentar. A lista das infeções que S. aureus pode provocar é interminável.

Tratada facilmente com vulgares antibióticos até há poucas décadas, as infeções hospitalares e na comunidade causadas por S. aureus multiresistentes a antibióticos aumentaram dramaticamente nos últimos 30 anos, sendo acompanhadas por um aumento de estirpes super-resistentes até mesmo aos antibióticos ditos de última geração. O tratamento é, por isso, difícil, moroso e frequentemente ineficaz.

"Estas estirpes são uma ameaça grave para a saúde pública", alerta Adelaide Almeida, investigadora do Centro de Estudos do Ambiente e do Mar (CESAM) e do Departamento de Biologia da UA e coordenadora do estudo que pode colocar um travão a esta bactéria. Este estudo resultado trabalho multidisciplinar de uma equipa de cientistas do CESAM e do Grupo de Química Orgânica, Produtos Naturais e Agroalimentares, duas das unidades de investigação da UA.

Terapia fotodinâmica é eficaz

O género Staphylococcus contém pelo menos 49 espécies, várias das quais são altamente importantes clinicamente, para a indústria alimentar, para agricultura e economia. A mais patogénica dessas espécies é S. aureus.

Esta espécie, explica Adelaide Almeida, "está amplamente distribuída no ambiente, pode residir na pele e nas mucosas dos seres humanos e animais". Nos seres humanos, "as narinas são os principais nichos ecológicos de S. aureus - a transmissão ocorre principalmente através das mãos quando estas tocam superfícies contaminadas embora outros locais, como a pele, a área perineal, a faringe, o trato gastrointestinal, a vagina e as axilas também podem ser colonizadas, podendo também funcionar como focos de transmissão".

Com sucesso, a equipa de químicos e biólogos da UA constituída por Adelaide Almeida, Amparo Faustino, Maria da Graça Neves, Tatiana Branco, Cristina Dias, Nuno Moura, Cristina Dias, Vânia Jesus, Ana Peixoto e Nádia Valério, testou in vitro e na pele a terapia fotodinâmica, por si só ou combinada com antibióticos, para inativar esta bactéria.

"Os resultados mostraram que a terapia fotodinâmica, usada já vulgarmente para tratar, por exemplo,

o acne, é uma abordagem eficaz para controlar a infeção por S. aureus na pele, inativando a bactéria eficazmente após três ciclos sucessivos de tratamento com luz e sem adição de antibióticos entre ciclos, ou após um ciclo usando a ação combinada da terapia com o antibiótico ampicilina", congratula-se Adelaide Almeida.

"Embora seja bem-sabido que o uso de grandes quantidades de antibióticos na prática clínica é indesejável devido ao aparecimento de estirpes resistentes a antibióticos, pouco esforço tem sido feito para usar a terapia fotodinâmica para potencializar a eficácia antibiótica ou, alternativamente, usar antibióticos para melhorar o efeito desta terapia", explica a bióloga.

A avaliação deste efeito combinado foi realizada pela equipa da UA em pele de suíno, considerada um bom modelo de teste para a pele humana, devido às semelhanças das suas propriedades histológicas, fisiológicas e imunológicas.

Os investigadores Adelaide Almeida, Amparo Faustino, Maria da Graça Neves, Tatiana Branco, Cristina Dias, Nuno Moura, Cristina Dias, Vânia Jesus, Ana Peixoto e Nádia Valério

Lusodados - www.lusodados.pt

Investigadores portugueses conseguem inativar bactéria resistente a antibióticos

Tipo Meio: Internet Data Publicação: 06/03/2019

Meio: Mood Magazine Online

URL: http://www.pt.cision.com/s/?l=6d3035d7

6 março, 2019

A investigação realizada na Universidade de Aveiro conseguiu combater a bactéria Staphylococcus aureus, responsável, entre outras doenças, por abcessos na pele e infeções do trato urinário. O feito foi conseguido com recurso à terapia fotodinâmica, usada já vulgarmente para tratar a acne.

Chama-se Staphylococcus aureus, é uma bactéria responsável por várias infeções potencialmente fatais em humanos e, até agora, o seu combate estava dificultado pela resistência que ganhou aos antibióticos, mesmo aos utilizados em último recurso. Afinal, através da terapia fotodinâmica é possível inativar a bactéria. Os recentes avanços realizados na Universidade de Aveiro (UA) trazem uma solução a quem sofre, por exemplo, de abcessos na pele e infeções do trato urinário.

Foliculite, furunculose, impetigo, celulite infeciosa, pneumonia necrosante, osteomielite, endocardite infeciosa, síndrome do choque tóxico e até intoxicação alimentar. A lista das infeções que S. aureus pode provocar é interminável.

VEJA TAMBÉM: MAIS DE UM TERÇO DOS PORTUGUESES ADULTOS NÃO ESCOVA OS DENTES COMO RECOMENDADO

Tratada facilmente com vulgares antibióticos até há poucas décadas, as infeções hospitalares e na comunidade causadas por S. aureus multiresistentes a antibióticos aumentaram dramaticamente nos últimos 30 anos, sendo acompanhadas por um aumento de estirpes super-resistentes até mesmo aos antibióticos ditos de última geração. O tratamento é, por isso, difícil, moroso e frequentemente ineficaz.

"Estas estirpes são uma ameaça grave para a saúde pública", alerta Adelaide Almeida, investigadora do Centro de Estudos do Ambiente e do Mar (CESAM) e do Departamento de Biologia da UA e coordenadora do estudo que pode colocar um travão a esta bactéria. Este estudo resultado trabalho multidisciplinar de uma equipa de cientistas do CESAM e do Grupo de Química Orgânica, Produtos Naturais e Agroalimentares, duas das unidades de investigação da UA.

VEJA TAMBÉM: CIENTISTAS DA MAYO CLINIC CRIAM MEIO PREDITIVO DE CÁLCULOS RENAIS

Terapia fotodinâmica é eficaz

O género Staphylococcus contém pelo menos 49 espécies, várias das quais são altamente importantes clinicamente, para a indústria alimentar, para agricultura e economia. A mais patogénica dessas espécies é S. aureus.

Esta espécie, explica Adelaide Almeida, "está amplamente distribuída no ambiente, pode residir na pele e nas mucosas dos seres humanos e animais". Nos seres humanos, "as narinas são os principais nichos ecológicos de S. aureus - a transmissão ocorre principalmente através das mãos quando estas tocam superfícies contaminadas embora outros locais, como a pele, a área perineal, a faringe, o trato

gastrointestinal, a vagina e as axilas também podem ser colonizadas, podendo também funcionar como focos de transmissão".

Investigação da Universidade de Aveiro descobre forma de combater infeções fatais

Tipo Meio: Internet Data Publicação: 06/03/2019

Meio: Mundo Português Online

URL: http://www.pt.cision.com/s/?l=b94333

2019-03-06 17:35:46+00:00

O combate a uma bactéria responsável por várias infeções potencialmente fatais em humanos tornou-se mais fácil depois de um estudo de investigadores da Universidade de Aveiro (UA) ter conseguido ter conseguido inativá-la.

Chama-se Staphylococcus aureus é uma bactéria responsável por várias infeções potencialmente fatais em humanos "e, até agora, o seu combate estava dificultado pela resistência que ganhou aos antibióticos, mesmo aos utilizados em último recurso", explica a UA numa nota enviada ao 'Mundo Português'.

Uma equipa de cientistas do Centro de Estudos do Ambiente e do Mar (CESAM) e do Grupo de Química Orgânica, Produtos Naturais e Agroalimentares, duas das unidades de investigação da UA, "mostrou agora que "através da terapia fotodinâmica é possível inativar a bactéria".

"Os recentes avanços realizados na UA trazem uma solução a quem sofre, por exemplo, de abcessos na pele e infeções do trato urinário", anunciou a nota divulgada pela universidade.

A lista de infeções provocadas pela S. aureus inclui foliculite, furunculose, impetigo, celulite infeciosa, pneumonia necrosante, osteomielite, endocardite infeciosa, síndrome do choque tóxico e até intoxicação alimentar.

As infeções hospitalares e na comunidade causadas por S. aureus eram, até há poucas décadas, tratada facilmente com vulgares antibióticos.

Mas a multirresistência da bactéria a estes tipos de medicamentos aumentou "dramaticamente" nos últimos 30 anos, e foi acompanhada por um "aumento de estirpes super-resistentes até mesmo aos antibióticos ditos de última geração". "O tratamento é, por isso, difícil, moroso e frequentemente ineficaz", explica a UA.

"Estas estirpes são uma ameaça grave para a saúde pública", alerta Adelaide Almeida, investigadora do CESAM e do Departamento de Biologia da UA e coordenadora do estudo "que pode colocar um travão a esta bactéria".

Terapia testada com sucesso

O género Staphylococcus contém pelo menos 49 espécies de bactérias, várias das quais são muito importantes para a medicina, para a indústria alimentar, para agricultura e economia.

A mais patogénica dessas espécies é, justamente, S. aureus, uma espécie que "está amplamente distribuída no ambiente, pode residir na pele e nas mucosas dos seres humanos e animais", explica Adelaide Almeida.

Agora, a equipa de químicos e biólogos da UA constituída por Adelaide Almeida, Amparo Faustino, Maria da Graça Neves, Tatiana Branco, Cristina Dias, Nuno Moura, Cristina Dias, Vânia Jesus, Ana

Peixoto e Nádia Valério, testou com sucesso in vitro e na pele a terapia fotodinâmica, por si só ou combinada com antibióticos, para inativar esta bactéria.

"Os resultados mostraram que a terapia fotodinâmica, usada já vulgarmente para tratar, por exemplo, o acne, é uma abordagem eficaz para controlar a infeção por S. aureus na pele, inativando a bactéria eficazmente após três ciclos sucessivos de tratamento com luz e sem adição de antibióticos entre ciclos, ou após um ciclo usando a ação combinada da terapia com o antibiótico ampicilina", congratula-se Adelaide Almeida.

"Embora seja bem-sabido que o uso de grandes quantidades de antibióticos na prática clínica é indesejável devido ao aparecimento de estirpes resistentes a antibióticos, pouco esforço tem sido feito para usar a terapia fotodinâmica para potencializar a eficácia antibiótica ou, alternativamente, usar antibióticos para melhorar o efeito desta terapia", explica a bióloga.

A avaliação deste efeito combinado foi realizada pela equipa da UA em pele de suíno, considerada um bom modelo de teste para a pele humana, devido às semelhanças das suas propriedades histológicas, fisiológicas e imunológicas.

Nos seres humanos, as narinas são os principais nichos ecológicos de S. aureus - a transmissão ocorre principalmente através das mãos quando estas tocam superfícies contaminadas. Mas outros locais, "como a pele, a área perineal, a faringe, o trato gastrointestinal, a vagina e as axilas podem também ser colonizadas, podendo também funcionar como focos de transmissão", indica Adelaide Almeida.

Investigadores de Aveiro neutralizam bactéria resistente a antibióticos 0 1

Tipo Meio: Internet Data Publicação: 06/03/2019

Meio: Netfarma Online

URL: http://www.pt.cision.com/s/?l=b4292681

Já é possível neutralizar a bactéria "Staphylococcus aureus", resistente a antibióticos e apontada como responsável por várias infeções potencialmente fatais em seres humanos, através da terapia fotodinâmica, foi comunicado hoje pela Universidade de Aveiro (UA).

Uma equipa de químicos e biólogos da UA testou 'in vitro' e na pele a terapia fotodinâmica, por si só ou combinada com antibióticos, para tornar inativa essa bactéria, avança um comunicado da agência "Lusa".

Os resultados mostraram que a terapia fotodinâmica, usada já vulgarmente para tratar, por exemplo, a acne, é uma abordagem eficaz para controlar a infeção por S. Aureus na pele, inativando a bactéria eficazmente após três ciclos sucessivos de tratamento com luz e sem adição de antibióticos entre ciclos, ou após um ciclo usando a ação combinada da terapia com o antibiótico ampicilina , informou Adelaide Almeida, uma das investigadoras responsáveis.

A bióloga nota que embora seja bem sabido que o uso de grandes quantidades de antibióticos na prática clínica é indesejável, pouco esforço tem sido feito para usar a terapia fotodinâmica para potencializar a eficácia antibiótica ou, alternativamente, usar antibióticos para melhorar o efeito dessa terapia .

A avaliação do efeito concertado foi realizada pela equipa da UA em pele de suíno, considerada um bom modelo de teste para a pele humana, devido às semelhanças das suas propriedades histológicas, fisiológicas e imunológicas . Os recentes avanços realizados na UA podem representar uma solução a quem sofre, por exemplo, de abcessos na pele e infeções do trato urinário, refere a fonte.

A lista das infeções que a referida bactéria pode provocar é vasta: foliculite, furunculose, impetigo, celulite infeciosa, pneumonia necrosante, osteomielite, endocardite infeciosa, síndrome do choque tóxico e até intoxicação alimentar. Estas infeções têm sido facilmente tratadas com vulgares antibióticos até há poucas décadas. As infeções hospitalares e na comunidade causadas por S. Aureus multirresistentes a antibióticos aumentaram nos últimos 30 anos, fazendo-se acompanhar por um aumento de estirpes super-resistentes até mesmo aos antibióticos de última geração. O tratamento é, assim, moroso e frequentemente ineficaz.

Estas estirpes são uma ameaça grave para a saúde pública , alerta a investigadora do Centro de Estudos do Ambiente e do Mar (CESAM) e do Departamento de Biologia da UA e coordenadora do estudo.

Nos seres humanos, as narinas são os principais nichos ecológicos de S. Aureus e a transmissão ocorre principalmente através das mãos quando estas tocam superfícies contaminadas embora outros locais, como a pele, a área perineal, a faringe, o trato gastrointestinal, a vagina e as axilas, também podem ser colonizadas, podendo funcionar como focos de transmissão .

2019-03-06T13:23-01:00

Investigadores de Aveiro conseguem neutralizar bactéria resistente a antibióticos

Tipo Meio: Internet Data Publicação: 06/03/2019

Meio: News Farma Online

URL: http://www.pt.cision.com/s/?l=6ae2759a

Uma equipa de investigadores da Universidade de Aveiro (UA) anunciou hoje, dia 6 de março, que já é possível neutralizar a bactéria Staphylococcu

Investigadores de Aveiro conseguem neutralizar bactéria resistente a antibióticos

A equipa de químicos e biólogos da UA constituída pela Prof.ª Doutora Adelaide Almeida, Prof.ª Doutora Amparo Faustino, Prof.ª Doutora Maria da Graça Neves, Dr.ª Tatiana Branco, Dr.ª Cristina Dias, Prof. Doutor Nuno Moura, Dr.ª Vânia Jesus, Prof.ª Doutora Ana Peixoto e a Dr.ª Nádia Valério, testou in vitro e na pele a terapia fotodinâmica, por si só ou combinada com antibióticos, para inativar esta bactéria.

Foliculite, furunculose, impetigo, celulite infeciosa, pneumonia necrosante, osteomielite, endocardite infeciosa, síndrome do choque tóxico e até intoxicação alimentar. A lista das infeções que Staphylococcus aureus pode provocar é interminável.

Tratadas facilmente com vulgares antibióticos até há poucas décadas, as infeções hospitalares e na comunidade causadas por Staphylococcus aureus multiresistentes a antibióticos aumentaram dramaticamente nos últimos 30 anos, sendo acompanhadas por um aumento de estirpes super-resistentes até mesmo aos antibióticos ditos de última geração. O tratamento é, por isso, difícil, moroso e frequentemente ineficaz.

"Estas estirpes são uma ameaça grave para a saúde pública", alerta Adelaide Almeida, investigadora do Centro de Estudos do Ambiente e do Mar (CESAM) e do Departamento de Biologia da UA e coordenadora do estudo que pode colocar um travão a esta bactéria. Este estudo resultado trabalho multidisciplinar de uma equipa de cientistas do CESAM e do Grupo de Química Orgânica, Produtos Naturais e Agroalimentares, duas das unidades de investigação da UA.

Terapia fotodinâmica é eficaz

O género Staphylococcus contém pelo menos 49 espécies, várias das quais são altamente importantes clinicamente, para a indústria alimentar, para agricultura e economia. A mais patogénica dessas espécies é aureus.

Esta espécie, explica Prof.ª Doutora Adelaide Almeida, "está amplamente distribuída no ambiente, pode residir na pele e nas mucosas dos seres humanos e animais". Nos seres humanos, "as narinas são os principais nichos ecológicos de S. aureus - a transmissão ocorre principalmente através das mãos quando estas tocam superfícies contaminadas embora outros locais, como a pele, a área perineal, a faringe, o trato gastrointestinal, a vagina e as axilas também podem ser colonizadas, podendo também funcionar como focos de transmissão", acrescenta.

"Os resultados mostraram que a terapia fotodinâmica, usada já vulgarmente para tratar, por exemplo, o acne, é uma abordagem eficaz para controlar a infeção por S. aureus na pele, inativando a bactéria eficazmente após três ciclos sucessivos de tratamento com luz e sem adição de antibióticos entre

ciclos, ou após um ciclo usando a ação combinada da terapia com o antibiótico ampicilina", congratula-se Adelaide Almeida.

"Embora seja bem-sabido que o uso de grandes quantidades de antibióticos na prática clínica é indesejável devido ao aparecimento de estirpes resistentes a antibióticos, pouco esforço tem sido feito para usar a terapia fotodinâmica para potencializar a eficácia antibiótica ou, alternativamente, usar antibióticos para melhorar o efeito desta terapia", explica a bióloga.

A avaliação deste efeito combinado foi realizada pela equipa da UA em pele de suíno, considerada um bom modelo de teste para a pele humana, devido às semelhanças das suas propriedades histológicas, fisiológicas e imunológicas.

Investigadores de Aveiro neutralizam bactéria resistente a antibióticos

Tipo Meio: Internet Data Publicação: 06/03/2019

Meio: Notícias ao Minuto Online

URL: http://www.pt.cision.com/s/?l=d0732547

2019-03-06 12:58:30+00:00

Já é possível neutralizar a bactéria Staphylococcus aureus, resistente a antibióticos e apontada como responsável por várias infeções potencialmente fatais em seres humanos, através da terapia fotodinâmica, anunciou hoje a Universidade de Aveiro (UA).

Uma equipa de químicos e biólogos da UA, constituída por Adelaide Almeida, Amparo Faustino, Maria da Graça Neves, Tatiana Branco, Cristina Dias, Vânia Jesus e Nádia Valério, testou 'in vitro' e na pele a terapia fotodinâmica, por si só ou combinada com antibióticos, para inativar essa bactéria.

"Os resultados mostraram que a terapia fotodinâmica, usada já vulgarmente para tratar, por exemplo, a acne, é uma abordagem eficaz para controlar a infeção por S. Aureus na pele, inativando a bactéria eficazmente após três ciclos sucessivos de tratamento com luz e sem adição de antibióticos entre ciclos, ou após um ciclo usando a ação combinada da terapia com o antibiótico ampicilina", revelou Adelaide Almeida.

A bióloga observa que "embora seja bem sabido que o uso de grandes quantidades de antibióticos na prática clínica é indesejável, pouco esforço tem sido feito para usar a terapia fotodinâmica para potencializar a eficácia antibiótica ou, alternativamente, usar antibióticos para melhorar o efeito dessa terapia".

A avaliação do efeito combinado foi realizada pela equipa da UA em pele de suíno, considerada "um bom modelo de teste para a pele humana, devido às semelhanças das suas propriedades histológicas, fisiológicas e imunológicas".

Os recentes avanços realizados na Universidade de Aveiro (UA) podem trazer uma solução a quem sofre, por exemplo, de abcessos na pele e infeções do trato urinário.

A lista das infeções que S. Aureus pode provocar é interminável: foliculite, furunculose, impetigo, celulite infecciosa, pneumonia necrosante, osteomielite, endocardite infecciosa, síndrome do choque tóxico e até intoxicação alimentar.

Tratadas facilmente com vulgares antibióticos até há poucas décadas, as infeções hospitalares e na comunidade causadas por S. Aureus multirresistentes a antibióticos aumentaram nos últimos 30 anos, sendo acompanhadas por um aumento de estirpes super-resistentes até mesmo aos antibióticos ditos de última geração. O tratamento é, por isso, difícil, moroso e frequentemente ineficaz.

"Estas estirpes são uma ameaça grave para a saúde pública", alerta a investigadora do Centro de Estudos do Ambiente e do Mar (CESAM) e do Departamento de Biologia da UA e coordenadora do estudo.

Nos seres humanos, "as narinas são os principais nichos ecológicos de S. Aureus e a transmissão ocorre principalmente através das mãos quando estas tocam superfícies contaminadas embora outros

locais, como a pele, a área perineal, a faringe, o trato gastrointestinal, a vagina e as axilas, também podem ser colonizadas, podendo funcionar como focos de transmissão".

[Additional Text]:
Investigadores de Aveiro neutralizam bactéria resistente a antibióticos

Lusa

Infeções fatais podem ser combatidas com luz

Tipo Meio: Internet Data Publicação: 06/03/2019

Meio: Portal Energia Online

URL: https://www.portal-energia.com/infecoes-fatais-combatidas-com-luz-145121/

2019-03-06 18:21:15+00:00

Chama-se Staphylococcus aureus, é uma bactéria responsável por várias infeções potencialmente fatais em humanos e, até agora, o seu combate estava dificultado pela resistência que ganhou aos antibióticos, mesmo aos utilizados em último recurso.

Afinal, através da terapia fotodinâmica é possível inativar a bactéria. Os recentes avanços realizados na Universidade de Aveiro (UA) trazem uma solução a quem sofre, por exemplo, de abcessos na pele e infeções do trato urinário.

Foliculite, furunculose, impetigo, celulite infeciosa, pneumonia necrosante, osteomielite, endocardite infeciosa, síndrome do choque tóxico e até intoxicação alimentar. A lista das infeções que S. aureus pode provocar é interminável.

Investigação da Universidade de Aveiro comprova que este tipo de infeções potencialmente fatais podem ser combatidas com luz

Tratada facilmente com vulgares antibióticos até há poucas décadas, as infeções hospitalares e na comunidade causadas por S. aureus multiresistentes a antibióticos aumentaram dramaticamente nos últimos 30 anos, sendo acompanhadas por um aumento de estirpes super-resistentes até mesmo aos antibióticos ditos de última geração. O tratamento é, por isso, difícil, moroso e frequentemente ineficaz.

"Estas estirpes são uma ameaça grave para a saúde pública", alerta Adelaide Almeida, investigadora do Centro de Estudos do Ambiente e do Mar (CESAM) e do Departamento de Biologia da UA e coordenadora do estudo que pode colocar um travão a esta bactéria.

Este estudo resultado trabalho multidisciplinar de uma equipa de cientistas do CESAM e do Grupo de Química Orgânica, Produtos Naturais e Agroalimentares, duas das unidades de investigação da UA.

Terapia fotodinâmica é eficaz

O género Staphylococcus contém pelo menos 49 espécies, várias das quais são altamente importantes clinicamente, para a indústria alimentar, para agricultura e economia. A mais patogénica dessas espécies é S. aureus.

Esta espécie, explica Adelaide Almeida, "está amplamente distribuída no ambiente, pode residir na pele e nas mucosas dos seres humanos e animais". Nos seres humanos, "as narinas são os principais nichos ecológicos de S. aureus - a transmissão ocorre principalmente através das mãos quando estas tocam superfícies contaminadas embora outros locais, como a pele, a área perineal, a faringe, o trato gastrointestinal, a vagina e as axilas também podem ser colonizadas, podendo também funcionar como focos de transmissão".

Com sucesso, a equipa de químicos e biólogos da UA constituída por Adelaide Almeida, Amparo Faustino, Maria da Graça Neves, Tatiana Branco, Cristina Dias, Nuno Moura, Cristina Dias, Vânia Jesus, Ana Peixoto e Nádia Valério, testou in vitro e na pele a terapia fotodinâmica, por si só ou combinada com antibióticos, para inativar esta bactéria.

"Os resultados mostraram que a terapia fotodinâmica, usada já vulgarmente para tratar, por exemplo, o acne, é uma abordagem eficaz para controlar a infeção por S. aureus na pele, inativando a bactéria eficazmente após três ciclos sucessivos de tratamento com luz e sem adição de antibióticos entre ciclos, ou após um ciclo usando a ação combinada da terapia com o antibiótico ampicilina", congratula-se Adelaide Almeida.

"Embora seja bem-sabido que o uso de grandes quantidades de antibióticos na prática clínica é indesejável devido ao aparecimento de estirpes resistentes a antibióticos, pouco esforço tem sido feito para usar a terapia fotodinâmica para potencializar a eficácia antibiótica ou, alternativamente, usar antibióticos para melhorar o efeito desta terapia", explica a bióloga.

A avaliação deste efeito combinado foi realizada pela equipa da UA em pele de suíno, considerada um bom modelo de teste para a pele humana, devido às semelhanças das suas propriedades histológicas, fisiológicas e imunológicas.

Investigadores de Aveiro conseguem neutralizar bactéria resistente a antibióticos

Tipo Meio: Internet Data Publicação: 06/03/2019

Meio: Sapo Online - Sapo 24 Online

URL: http://www.pt.cision.com/s/?l=ee170925

Já é possível neutralizar a bactéria "Staphylococcus aureus", resistente a antibióticos e apontada como responsável por várias infeções potencialmente fatais em seres humanos, através da terapia fotodinâmica, anunciou hoje a Universidade de Aveiro (UA)

Uma equipa de químicos e biólogos da UA, constituída por Adelaide Almeida, Amparo Faustino, Maria da Graça Neves, Tatiana Branco, Cristina Dias, Vânia Jesus e Nádia Valério, testou 'in vitro' e na pele a terapia fotodinâmica, por si só ou combinada com antibióticos, para inativar essa bactéria.

"Os resultados mostraram que a terapia fotodinâmica, usada já vulgarmente para tratar, por exemplo, a acne, é uma abordagem eficaz para controlar a infeção por S. Aureus na pele, inativando a bactéria eficazmente após três ciclos sucessivos de tratamento com luz e sem adição de antibióticos entre ciclos, ou após um ciclo usando a ação combinada da terapia com o antibiótico ampicilina", revelou Adelaide Almeida.

A bióloga observa que "embora seja bem sabido que o uso de grandes quantidades de antibióticos na prática clínica é indesejável, pouco esforço tem sido feito para usar a terapia fotodinâmica para potencializar a eficácia antibiótica ou, alternativamente, usar antibióticos para melhorar o efeito dessa terapia".

A avaliação do efeito combinado foi realizada pela equipa da UA em pele de suíno, considerada "um bom modelo de teste para a pele humana, devido às semelhanças das suas propriedades histológicas, fisiológicas e imunológicas".

Os recentes avanços realizados na Universidade de Aveiro (UA) podem trazer uma solução a quem sofre, por exemplo, de abcessos na pele e infeções do trato urinário.

Continuar a ler

A lista das infeções que S. Aureus pode provocar é interminável: foliculite, furunculose, impetigo, celulite infecciosa, pneumonia necrosante, osteomielite, endocardite infecciosa, síndrome do choque tóxico e até intoxicação alimentar.

Tratadas facilmente com vulgares antibióticos até há poucas décadas, as infeções hospitalares e na comunidade causadas por S. Aureus multirresistentes a antibióticos aumentaram nos últimos 30 anos, sendo acompanhadas por um aumento de estirpes super-resistentes até mesmo aos antibióticos ditos de última geração. O tratamento é, por isso, difícil, moroso e frequentemente ineficaz.

"Estas estirpes são uma ameaça grave para a saúde pública", alerta a investigadora do Centro de Estudos do Ambiente e do Mar (CESAM) e do Departamento de Biologia da UA e coordenadora do estudo.

Nos seres humanos, "as narinas são os principais nichos ecológicos de S. Aureus e a transmissão ocorre principalmente através das mãos quando estas tocam superfícies contaminadas embora outros

locais, como a pele, a área perineal, a faringe, o trato gastrointestinal, a vagina e as axilas, também podem ser colonizadas, podendo funcionar como focos de transmissão".

Newsletter As notí-cias não escolhem hora, mas o seu tempo é precioso. O SAPO 24 leva ao seu email a informação que realmente importa comentada pelos nossos cronistas. Subscrever Já subscrevi Notificações Porque as noticias não escolhem hora e o seu tempo é precioso. Subscrever Na sua rede favorita Siga-nos na sua rede favorita.

6 mar 2019 13:35

MadreMedia / Lusa

Biólogos de Aveiro conseguiram neutralizar pela primeira vez bactéria resistente a antibióticos

Tipo Meio: Internet Data Publicação: 06/03/2019

Meio: Sapo Online - Sapo Lifestyle Online

URL: http://www.pt.cision.com/s/?l=844a8326

2019-03-06T13:06:08Z

Já é possível neutralizar a bactéria "Staphylococcus aureus", resistente a antibióticos e apontada como responsável por várias infeções potencialmente fatais em seres humanos, através da terapia fotodinâmica, anunciou hoje a Universidade de Aveiro (UA).

Uma equipa de químicos e biólogos da UA, constituída por Adelaide Almeida, Amparo Faustino, Maria da Graça Neves, Tatiana Branco, Cristina Dias, Vânia Jesus e Nádia Valério, testou 'in vitro' e na pele a terapia fotodinâmica, por si só ou combinada com antibióticos, para inativar essa bactéria.

"Os resultados mostraram que a terapia fotodinâmica, usada já vulgarmente para tratar, por exemplo, a acne, é uma abordagem eficaz para controlar a infeção por S. Aureus na pele, inativando a bactéria eficazmente após três ciclos sucessivos de tratamento com luz e sem adição de antibióticos entre ciclos, ou após um ciclo usando a ação combinada da terapia com o antibiótico ampicilina", revelou Adelaide Almeida.

A bióloga observa que "embora seja bem sabido que o uso de grandes quantidades de antibióticos na prática clínica é indesejável, pouco esforço tem sido feito para usar a terapia fotodinâmica para potencializar a eficácia antibiótica ou, alternativamente, usar antibióticos para melhorar o efeito dessa terapia".

A avaliação do efeito combinado foi realizada pela equipa da UA em pele de suíno, considerada "um bom modelo de teste para a pele humana, devido às semelhanças das suas propriedades histológicas, fisiológicas e imunológicas".

Continuar a ler

Os recentes avanços realizados na Universidade de Aveiro (UA) podem trazer uma solução a quem sofre, por exemplo, de abcessos na pele e infeções do trato urinário.

A lista das infeções que S. Aureus pode provocar é interminável: foliculite, furunculose, impetigo, celulite infecciosa, pneumonia necrosante, osteomielite, endocardite infecciosa, síndrome do choque tóxico e até intoxicação alimentar.

Tratadas facilmente com vulgares antibióticos até há poucas décadas, as infeções hospitalares e na comunidade causadas por S. Aureus multirresistentes a antibióticos aumentaram nos últimos 30 anos, sendo acompanhadas por um aumento de estirpes super-resistentes até mesmo aos antibióticos ditos de última geração. O tratamento é, por isso, difícil, moroso e frequentemente ineficaz.

"Estas estirpes são uma ameaça grave para a saúde pública", alerta a investigadora do Centro de Estudos do Ambiente e do Mar (CESAM) e do Departamento de Biologia da UA e coordenadora do

estudo.

Nos seres humanos, "as narinas são os principais nichos ecológicos de S. Aureus e a transmissão ocorre principalmente através das mãos quando estas tocam superfícies contaminadas embora outros locais, como a pele, a área perineal, a faringe, o trato gastrointestinal, a vagina e as axilas, também podem ser colonizadas, podendo funcionar como focos de transmissão".

Newsletter Receba o melhor do SAPO Lifestyle diariamente no seu email. Subscrever Já subscrevi Notificações Os temas mais inspiradores e atuais estão nas notificações do SAPO Lifestyle. Subscrever Na sua rede favorita Siga-nos na sua rede favorita.

SAPO

Investigadores de Aveiro conseguem neutralizar bactéria resistente a antibióticos

Tipo Meio: Internet Data Publicação: 06/03/2019

Meio: TSF Online

URL: http://www.pt.cision.com/s/?l=ee15c5a9

2019-03-06T12:56:30Z

Já é possível neutralizar a bactéria "Staphylococcus aureus", resistente a antibióticos e apontada como responsável por várias infeções potencialmente fatais em seres humanos, através da terapia fotodinâmica, anunciou hoje a Universidade de Aveiro (UA).
LusaPartilharTwitterImprimirPartilhar

Uma equipa de químicos e biólogos da UA, constituída por Adelaide Almeida, Amparo Faustino, Maria da Graça Neves, Tatiana Branco, Cristina Dias, Vânia Jesus e Nádia Valério, testou 'in vitro' e na pele a terapia fotodinâmica, por si só ou combinada com antibióticos, para inativar essa bactéria.

PUB
"Os resultados mostraram que a terapia fotodinâmica, usada já vulgarmente para tratar, por exemplo, a acne, é uma abordagem eficaz para controlar a infeção por S. Aureus na pele, inativando a bactéria eficazmente após três ciclos sucessivos de tratamento com luz e sem adição de antibióticos entre ciclos, ou após um ciclo usando a ação combinada da terapia com o antibiótico ampicilina", revelou Adelaide Almeida.

A bióloga observa que "embora seja bem sabido que o uso de grandes quantidades de antibióticos na prática clínica é indesejável, pouco esforço tem sido feito para usar a terapia fotodinâmica para potencializar a eficácia antibiótica ou, alternativamente, usar antibióticos para melhorar o efeito dessa terapia".

A avaliação do efeito combinado foi realizada pela equipa da UA em pele de suíno, considerada "um bom modelo de teste para a pele humana, devido às semelhanças das suas propriedades histológicas, fisiológicas e imunológicas".

Os recentes avanços realizados na Universidade de Aveiro (UA) podem trazer uma solução a quem sofre, por exemplo, de abcessos na pele e infeções do trato urinário.

A lista das infeções que S. Aureus pode provocar é interminável: foliculite, furunculose, impetigo, celulite infecciosa, pneumonia necrosante, osteomielite, endocardite infecciosa, síndrome do choque tóxico e até intoxicação alimentar.

Tratadas facilmente com vulgares antibióticos até há poucas décadas, as infeções hospitalares e na comunidade causadas por S. Aureus multirresistentes a antibióticos aumentaram nos últimos 30 anos, sendo acompanhadas por um aumento de estirpes super-resistentes até mesmo aos antibióticos ditos de última geração. O tratamento é, por isso, difícil, moroso e frequentemente ineficaz.

"Estas estirpes são uma ameaça grave para a saúde pública", alerta a investigadora do Centro de Estudos do Ambiente e do Mar (CESAM) e do Departamento de Biologia da UA e coordenadora do estudo.

Nos seres humanos, "as narinas são os principais nichos ecológicos de S. Aureus e a transmissão ocorre principalmente através das mãos quando estas tocam superfícies contaminadas embora outros locais, como a pele, a área perineal, a faringe, o trato gastrointestinal, a vagina e as axilas, também podem ser colonizadas, podendo funcionar como focos de transmissão".

Lusa / Fim

Lusa

Terapia fotodinâmica eficaz no combate a infeções fatais por bactérias

Tipo Meio: Internet Data Publicação: 06/03/2019

Meio: TV Europa Online

URL: http://www.pt.cision.com/s/?l=1354b774

CiênciaBiotecnologia Terapia fotodinâmica eficaz no combate a infeções fatais por bactérias

O aumento da resistência das bactérias aos antibióticos é conhecido, e mesmo os antibióticos de último recurso são, em muitos casos, ineficazes. Investigação de cientistas da Universidade de Aveiro concluiu que a terapia fotodinâmica é eficaz.

Por TV Europa - tveuropa@tveuropa.pt 06 Março 2019 17:10 0 Partilhar no Facebook Terapia fotodinâmica eficaz no combate a infeções fatais por bactérias. Equipa de cientistas da Universidade de Aveiro envolvida no estudo. Foto: DR

Foliculite, furunculose, impetigo, celulite infeciosa, pneumonia necrosante, osteomielite, endocardite infeciosa, síndrome do choque tóxico e até intoxicação alimentar, e muitas outras infeções provocadas pela bactéria Staphylococcus aureus podem ser combatidas com recurso a terapia fotodinâmica, concluiu investigação da Universidade de Aveiro (UA).

As infeções causadas pela bactéria Staphylococcus aureus (S.aureus) eram tratadas facilmente, até há poucas décadas, com vulgares antibióticos. As infeções hospitalares e na comunidade causadas por bactérias S. aureus multiresistentes a antibióticos têm vindo a aumentar dramaticamente nos últimos 30 anos, e o número estirpes super-resistentes também têm aumentado, mesmo face aos antibióticos ditos de última geração. O tratamento apresenta-se "difícil, moroso e frequentemente ineficaz."

Adelaide Almeida, investigadora do Centro de Estudos do Ambiente e do Mar (CESAM), do Departamento de Biologia da UA e coordenadora do estudo alerta: "Estas estirpes são uma ameaça grave para a saúde pública".

Os resultados da investigação multidisciplinar de cientistas da UA aponta que é possível colocar um travão a esta bactéria com recurso a terapia fotodinâmica.

Estudo da UA conclui que Terapia fotodinâmica é eficaz

O género Staphylococcus contém pelo menos 49 espécies, várias são muito importantes clinicamente, para a indústria alimentar, para agricultura e economia, sendo a mais patogénica dessas espécies é S. aureus. Uma espécie que "está amplamente distribuída no ambiente e que pode residir na pele e nas mucosas dos seres humanos e animais" explicou Adelaide Almeida.

A cientista referiu que nos seres humanos, "as narinas são os principais nichos ecológicos de S. aureus - a transmissão ocorre principalmente através das mãos quando estas tocam superfícies contaminadas embora outros locais, como a pele, a área perineal, a faringe, o trato gastrointestinal, a vagina e as axilas também podem ser colonizadas, podendo também funcionar como focos de transmissão".

A equipa de químicos e biólogos da UA constituída por Adelaide Almeida, Amparo Faustino, Maria da Graça Neves, Tatiana Branco, Cristina Dias, Nuno Moura, Cristina Dias, Vânia Jesus, Ana Peixoto e Nádia Valério, testou in vitro e na pele a terapia fotodinâmica, isoladamente ou combinada com

antibióticos, para inativar esta bactéria.

"Os resultados mostraram que a terapia fotodinâmica, usada já vulgarmente para tratar, por exemplo, o acne, é uma abordagem eficaz para controlar a infeção por S. aureus na pele, inativando a bactéria eficazmente após três ciclos sucessivos de tratamento com luz e sem adição de antibióticos entre ciclos, ou após um ciclo usando a ação combinada da terapia com o antibiótico ampicilina", indicou Adelaide Almeida.

É bem conhecido e está muito documentado que "o uso de grandes quantidades de antibióticos na prática clínica é indesejável devido ao aparecimento de estirpes resistentes a antibióticos", mas "pouco esforço tem sido feito para usar a terapia fotodinâmica para potencializar a eficácia antibiótica ou, alternativamente, usar antibióticos para melhorar o efeito desta terapia", referiu a coordenadora da investigação da UA.

A equipa de cientistas da UA avaliou com sucesso o efeito combinado em pele de suíno, que é considerada um bom modelo de teste, devido às semelhanças das suas propriedades histológicas, fisiológicas e imunológicas com a pele humana.

Sugira uma correção Para enviar uma sugestão, por favor faça login ou registe-se.

2019-03-06 17:10:00+00:00

TV Europa

Investigadores de Aveiro conseguem neutralizar bactéria resistente a antibióticos

Tipo Meio: Internet Data Publicação: 06/03/2019

Meio: TVI 24 Online

URL: http://www.pt.cision.com/s/?l=be077889

2019-03-06T13:37:00

Avanços realizados na Universidade de Aveiro podem trazer uma solução a quem sofre, por exemplo, de abcessos na pele e infeções do trato urinário

Já é possível neutralizar a bactéria "Staphylococcus aureus", resistente a antibióticos e apontada como responsável por várias infeções potencialmente fatais em seres humanos, através da terapia fotodinâmica, anunciou esta quarta-feira a Universidade de Aveiro (UA).

Uma equipa de químicos e biólogos da UA, constituída por Adelaide Almeida, Amparo Faustino, Maria da Graça Neves, Tatiana Branco, Cristina Dias, Vânia Jesus e Nádia Valério, testou 'in vitro' e na pele a terapia fotodinâmica, por si só ou combinada com antibióticos, para inativar essa bactéria.

Os resultados mostraram que a terapia fotodinâmica, usada já vulgarmente para tratar, por exemplo, a acne, é uma abordagem eficaz para controlar a infeção por S. Aureus na pele, inativando a bactéria eficazmente após três ciclos sucessivos de tratamento com luz e sem adição de antibióticos entre ciclos, ou após um ciclo usando a ação combinada da terapia com o antibiótico ampicilina", revelou Adelaide Almeida.

A bióloga observa que "embora seja bem sabido que o uso de grandes quantidades de antibióticos na prática clínica é indesejável, pouco esforço tem sido feito para usar a terapia fotodinâmica para potencializar a eficácia antibiótica ou, alternativamente, usar antibióticos para melhorar o efeito dessa terapia".

A avaliação do efeito combinado foi realizada pela equipa da UA em pele de suíno, considerada "um bom modelo de teste para a pele humana, devido às semelhanças das suas propriedades histológicas, fisiológicas e imunológicas".

Os recentes avanços realizados na Universidade de Aveiro (UA) podem trazer uma solução a quem sofre, por exemplo, de abcessos na pele e infeções do trato urinário.

A lista das infeções que S. Aureus pode provocar é interminável: foliculite, furunculose, impetigo, celulite infecciosa, pneumonia necrosante, osteomielite, endocardite infecciosa, síndrome do choque tóxico e até intoxicação alimentar.

Tratadas facilmente com vulgares antibióticos até há poucas décadas, as infeções hospitalares e na comunidade causadas por S. Aureus multirresistentes a antibióticos aumentaram nos últimos 30 anos, sendo acompanhadas por um aumento de estirpes super-resistentes até mesmo aos antibióticos ditos de última geração. O tratamento é, por isso, difícil, moroso e frequentemente ineficaz.

Estas estirpes são uma ameaça grave para a saúde pública", alerta a investigadora do Centro de Estudos do Ambiente e do Mar (CESAM) e do Departamento de Biologia da UA e coordenadora do estudo.

Nos seres humanos, "as narinas são os principais nichos ecológicos de S. Aureus e a transmissão ocorre principalmente através das mãos quando estas tocam superfícies contaminadas embora outros locais, como a pele, a área perineal, a faringe, o trato gastrointestinal, a vagina e as axilas, também podem ser colonizadas, podendo funcionar como focos de transmissão".

/ BM

SAÚDE: Infecções fatais combatidas com luzTVNelas

Tipo Meio: Internet Data Publicação: 06/03/2019

Meio: TVN Magazine Online

URL: http://www.tvn.pt/tvnelas/saude-infeccoes-fatais-combatidas-com-luz/

Lifestyle

SAÚDE: Infecções fatais combatidas com luz

Por Susana Amaral - Março 6, 2019 0 1

Facebook

Twitter

Google+

Pinterest

WhatsApp

Investigação da Universidade de Aveiro

Infecções fatais combatidas com luz

Chama-se Staphylococcus aureus, é uma bactéria responsável por várias infeções potencialmente fatais em humanos e, até agora, o seu combate estava dificultado pela resistência que ganhou aos antibióticos, mesmo aos utilizados em último recurso. Afinal, através da terapia fotodinâmica é possível inativar a bactéria. Os recentes avanços realizados na Universidade de Aveiro (UA) trazem uma solução a quem sofre, por exemplo, de abcessos na pele e infeções do trato urinário.

Foliculite, furunculose, impetigo, celulite infeciosa, pneumonia necrosante, osteomielite, endocardite infeciosa, síndrome do choque tóxico e até intoxicação alimentar. A lista das infeções que S. aureus pode provocar é interminável.

Tratada facilmente com vulgares antibióticos até há poucas décadas, as infeções hospitalares e na comunidade causadas por S. aureus multiresistentes a antibióticos aumentaram dramaticamente nos últimos 30 anos, sendo acompanhadas por um aumento de estirpes super-resistentes até mesmo aos antibióticos ditos de última geração. O tratamento é, por isso, difícil, moroso e frequentemente ineficaz.

"Estas estirpes são uma ameaça grave para a saúde pública", alerta Adelaide Almeida, investigadora do Centro de Estudos do Ambiente e do Mar (CESAM) e do Departamento de Biologia da UA e coordenadora do estudo que pode colocar um travão a esta bactéria. Este estudo resultado trabalho multidisciplinar de uma equipa de cientistas do CESAM e do Grupo de Química Orgânica, Produtos Naturais e Agroalimentares, duas das unidades de investigação da UA.

Terapia fotodinâmica é eficaz

O género Staphylococcus contém pelo menos 49 espécies, várias das quais são altamente importantes clinicamente, para a indústria alimentar, para agricultura e economia. A mais patogénica dessas espécies é S. aureus.

Esta espécie, explica Adelaide Almeida, "está amplamente distribuída no ambiente, pode residir na pele e nas mucosas dos seres humanos e animais". Nos seres humanos, "as narinas são os principais nichos ecológicos de S. aureus - a transmissão ocorre principalmente através das mãos quando estas tocam superfícies contaminadas embora outros locais, como a pele, a área perineal, a faringe, o trato gastrointestinal, a vagina e as axilas também podem ser colonizadas, podendo também funcionar como focos de transmissão".

Com sucesso, a equipa de químicos e biólogos da UA constituída por Adelaide Almeida, Amparo Faustino, Maria da Graça Neves, Tatiana Branco, Cristina Dias, Nuno Moura, Cristina Dias, Vânia Jesus, Ana Peixoto e Nádia Valério, testou in vitro e na pele a terapia fotodinâmica, por si só ou combinada com antibióticos, para inativar esta bactéria.

"Os resultados mostraram que a terapia fotodinâmica, usada já vulgarmente para tratar, por exemplo, o acne, é uma abordagem eficaz para controlar a infeção por S. aureus na pele, inativando a bactéria eficazmente após três ciclos sucessivos de tratamento com luz e sem adição de antibióticos entre ciclos, ou após um ciclo usando a ação combinada da terapia com o antibiótico ampicilina", congratula-se Adelaide Almeida.

"Embora seja bem-sabido que o uso de grandes quantidades de antibióticos na prática clínica é indesejável devido ao aparecimento de estirpes resistentes a antibióticos, pouco esforço tem sido feito para usar a terapia fotodinâmica para potencializar a eficácia antibiótica ou, alternativamente, usar antibióticos para melhorar o efeito desta terapia", explica a bióloga.

A avaliação deste efeito combinado foi realizada pela equipa da UA em pele de suíno, considerada um bom modelo de teste para a pele humana, devido às semelhanças das suas propriedades histológicas, fisiológicas e imunológicas.

2019-03-06 16:46:13+00:00

CISION

Caça Cães de Caça

ID: 79212505

01-03-2019

Meio: Imprensa
País: Portugal
Period.: Mensal
Âmbito: Lazer

Pág: 60
Cores: Cor
Área: 19,00 x 26,50 cm²
Corte: 1 de 5





Javali

Portador de bactérias resistentes a antibióticos

A resistência de bactérias oportunistas ou patogénicas a antibióticos é um problema global. O aumento da incidência de infeções, no Homem e em animais domésticos, causadas por bactérias resistentes tem sido associado à emergência de resistência em bactérias da microflora intestinal de animais selvagens. A expansão demográfica do javali na Europa, incluindo Portugal, torna a espécie num excelente modelo para analisar a disseminação e persistência de determinantes de resistência na interface fauna selvagem - espécies de produção. A ubiquidade do javali, as amplas áreas vitais, a baixa probabilidade de ser tratado com antibióticos, e a partilha de habitat com bovinos, suínos e caprinos e com o Homem, fazem desta espécie um importante elo de ligação entre áreas humanizadas e naturais, o que possibilita a monitorização da dinâmica da resistência a antibióticos em diferentes "compartimentos".

AUTORES: **RITA TINOCO TORRES** E **CARLOS FONSECA** (DEPARTAMENTO DE BIOLOGIA & CESAM, UNIVERSIDADE DE AVEIRO),
MÓNICA V. CUNHA (INIAV IP- INSTITUTO NACIONAL DE INVESTIGAÇÃO AGRÁRIA E VETERINÁRIA)
FOTOS: **ISTOCK**

CISION

ID: 79212505

Caça Cães de Caça

01-03-2019

Meio: Imprensa
País: Portugal
Period.: Mensal
Âmbito: Lazer

Pág: 61
Cores: Cor
Área: 19,00 x 26,50 cm²
Corte: 2 de 5



Quando um microrganismo que era sensível a um antibiótico deixa de o ser, adquire o que se denomina de resistência. A resistência adquirida contrasta com a resistência natural exibida por várias bactérias, nas quais os mecanismos de resistência provavelmente evoluíram para proteger essas bactérias da ação das suas próprias moléculas e contra os antibióticos que são naturalmente produzidos nos seus nichos ecológicos por outros microrganismos (D'Costa *et al.*, 2007). A aquisição de resistência decorre da pressão seletiva a que os microrganismos são sujeitos por exposição a concentrações sub-inibitórias de compostos antimicrobianos. As populações bacterianas são altamente adaptáveis e têm taxas de multiplicação elevadas. Quando estas populações são sujeitas a um fator de stresse, por exemplo um antibiótico, serão selecionados os indivíduos (células microbianas) mais aptos para lidar com essa pressão e serão fixadas características que trazem vantagem à população no geral. Se o fator de stress é perpetuado, as gerações futuras de células dessa população desenvolverão mecanismos (ou determinantes) de resistência para lidar com esse desafio. Os antibióticos são essenciais para o tratamento de infeções bacterianas, tanto no Homem, como nos animais. Contudo, a sua utilização inadequada tem levado a que bactérias que seriam inibidas ou eliminadas pela sua ação ganhem resistência, multiplicando-se, sendo **cada vez mais difícil combater infeções.** São vários os fatores que promoveram nas últimas décadas o aumento da resistência antimicrobiana, nomeadamente a introdução generalizada de antibióticos de largo espectro, o aumento médio da esperança de vida associado a imunossupressão, o crescimento populacional excessivo em cidades subdesenvolvidas sem saneamento básico, e, sobretudo, o uso excessivo, incorreto e/ou a prescrição inadequada de antibióticos no tratamento de infeções (Laxminarayan *et al.*, 2013).

UM PROBLEMA GLOBAL

A Organização Mundial de Saúde (OMS) identificou a **resistência antimicrobiana como um problema de saúde pública, saúde animal e saúde ambiental**, que pode comprometer de forma séria o tratamento de infeções graves. Os resultados disponibilizados ▸



Fig. 1. Representação ilustrativa do potencial papel do javali como reservatório e disseminador de bactérias com resistência a antibióticos.

PROJETO ECOARUN - DINÂMICA ECOLÓGICA DA RESISTÊNCIA ANTIMICROBIANA EM UNGULADOS

Para colmatar as lacunas de conhecimento da dinâmica de transmissão de resistência a antibióticos, foi recentemente aprovado para financiamento o projeto *EcoARUn - Dinâmica ecológica da resistência antimicrobiana em ungulados (Ref. POCI-01-0145-FEDER-030310)*, da responsabilidade da Universidade de Aveiro em colaboração com o INIAV, IP., financiado através de Fundos do Programa Operacional de Competitividade e Internacionalização (POCI), na sua componente FEDER, e do Programa Operacional Regional de Lisboa, na componente de Orçamento de Estado. O EcoARUn pretende usar o javali como espécie modelo para analisar a emergência, disseminação e persistência de bactérias com resistência a antibióticos na interface animais selvagens-domésticos. Este projeto é pioneiro na interseção das disciplinas de ecologia de doenças infeciosas com ecologia da paisagem, numa área científica pouco explorada, e pretende avaliar o impacto das ações antropogénicas e das variáveis da paisagem, bem como do uso da terra e movimento animal, na disseminação e amplificação de resistências. Este conhecimento é fundamental para mapear áreas e populações selvagens em risco e, consequentemente, para a elaboração de programas pró-ativos de gestão de populações.

Cofinanciado por:
COMPETE 2020 PORTUGAL 2020 UNIÃO EUROPEIA Fundo de Coesão

A expansão do javali acarreta vários impactos negativos (agravada pela diminuição do número de caçadores que "controlam" a espécie), nomeadamente o aumento da circulação de agentes patogénicos que estão adaptados ao javali mas que potencialmente se podem disseminar a outras espécies animais, domésticas e selvagens.

por observatórios de vigilância de resistência a antibióticos são alarmantes, evidenciando, a nível mundial, **uma tendência exponencial do aumento da resistência.** Avizinha-se uma era "pós-antibióticos", na qual uma infeção bacteriana, outrora curável com um único antibiótico, pode matar (Woolhouse & Farrar, 2014) A monitorização dos níveis de resistência bacteriana e consequente reporte às entidades oficiais com responsabilidades nesta matéria constitui, pois, uma prioridade.

A resistência antimicrobiana não pode ser encarada como um problema clínico e/ou humano, exclusivamente do foro da medicina humana, já que a maior parte da produção anual global de antibióticos é aplicada nos setores veterinário e agrícola (Laxminarayan *et al.*, 2013).

RESISTÊNCIA SEM FRONTEIRAS

À medida que as populações humanas crescem e transformam as paisagens, o contacto com a fauna selvagem aumenta. A emergência de doenças infeciosas e a disseminação de agentes patogénicos são uma consequência do aumento desta interação, estimando-se que **a maioria das doenças infeciosas no Homem tenham surgido através do contacto com animais selvagens** (Jones *et al.*, 2004). Também o aumento das interações entre as espécies pecuárias de maneio extensivo e os animais selvagens promove a transmissão de agentes patogénicos nesta interface e **esta interação poderá ser relevante na circulação e persistência de bactérias com resistência** a antibióticos no meio ambiente (**Fig. 1**). Contudo, a maioria dos estudos sobre resistência antimicrobiana foca-se em ambientes clínicos e veterinários. Mais recentemente, têm sido publicados estudos que associam o aumento da incidência de resistência antimicrobiana em bactérias isoladas do Homem e de animais domésticos com a emergência de resistência nas bactérias de animais selvagens (Wellington *et al.*, 2013). Pequenos mamíferos selvagens têm sido usados para investigar o impacto da atividade humana no desenvolvimento da resistência antimicrobiana. Contudo, devido à sua reduzida área vital, não é expectável que estas espécies estejam envolvidas na dispersão, a grande escala, de bactérias resistentes. Outros trabalhos científicos têm demonstrado que **os animais selvagens que circulam em áreas agrícolas e em áreas mais humanizadas têm maior prevalência de bactérias com resistência a antibióticos** do que os animais de regiões mais isoladas. O conhecimento sobre resistência antimicrobiana no compartimento da fauna selvagem é, assim, atualmente limitado, embora a literatura disponível sugira que este "compartimento" poderá fornecer informações importantes sobre a emergência e





persistência de determinantes de resistência nas várias interfaces de contacto (**Fig. 1**).

SENTINELA OU DISSEMINADOR?

As populações de javali *(Sus scrofa)* têm aumentado, quer em número quer em área de distribuição, em toda a Europa, nas últimas décadas (Massei *et al.*, 2015), ocupando uma grande variedade de habitats, desde áreas naturais a áreas urbanas. Este aumento é claramente ilustrado pelo número de javalis caçados anualmente na Europa: cerca de 2,2 milhões em 2012, número que se estima atualmente rondar os 3 milhões (Massei *et al.*, 2015). Esta expansão acarreta vários impactos negativos (agravada pela diminuição do número de caçadores que "controlam" a espécie), nomeadamente o aumento da circulação de agentes patogénicos que estão adaptados ao javali mas que potencialmente se podem disseminar a outras espécies animais, domésticas e selvagens. No contexto da dinâmica da resistência bacteriana a antibióticos, o javali é um excelente modelo de estudo devido à sua vasta distribuição, amplas áreas vitais, baixa probabilidade de ter sido tratado com antibióticos e partilha de habitat com animais de produção e o Homem, servindo de ligação entre áreas humanizadas e áreas naturais (**Fig. 1**). Acresce que o aumento de populações urbanas de javali amplia esta rede de contactos, introduzindo mais uma variável (uma "nova" espécie portadora ou amplificadora de resistência) na dinâmica da transmissão da resistência antimicrobiana.

É importante tentar desvendar o papel do javali como reservatório e como veículo na transmissão direta (animal a animal) e indireta (através do ambiente) de bactérias resistentes

Embora, na Europa, as investigações sobre a presença de bactérias resistentes a antibióticos em javali sejam recentes, vários estudos descritivos demonstraram o importante papel deste ungulado como portador daqueles microrganismos, nomeadamente das espécies *Escherichia coli, Salmonella* spp., *Enterococcus* spp. e *Campylobacter* spp. Estas espécies de bactérias são comensais oportunistas ou patogénicas de mamíferos, que colonizam o tracto gastrointestinal e que, em circunstâncias especiais, podem invadir outros órgãos e a corrente sanguínea, causando septicemias (infeções generalizadas). Exercem impacto em saúde humana por diferentes vias e albergam (e transferem) genes de resistência a antibióticos.

Atualmente, existem, por Decisão Comunitária, programas de vigilância de resistências a antimicrobianos em bactérias isoladas de espécies de produção (bovinos, suínos, aves), que são alvo de acompanhamento sanitário e frequentemente tratadas com antibióticos. No entanto, é importante tentar desvendar o papel do javali como reservatório e como veículo na transmissão direta (animal a animal) e indireta (através do ambiente) de bactérias resistentes a antibióticos (excretadas nas fezes), quando a exposição desta espécie a compostos antimicrobianos é, à partida, indireta, uma vez que não é medicada. A compreensão deste papel é um passo importante para a identificação de estratégias que visam reduzir o impacto de bactérias resistentes no meio ambiente. ■

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Woolhouse, M. & Farrar, J. (2014). Policy: An intergovernmental panel on antimicrobial resistance. *Nature* 509 555-557.
- D'Costa, V. M., Griffiths, E., & Wright, G. D. (2007). Expanding the soil antibiotic resistome: exploring environmental diversity. *Current Opinion in Microbiology* 10(5): 481-489.
- Laxminarayan, R., Duse, A., Wattal, C., Zaidi, A.K., Wertheim, H.F., Sumpradit, N., Vlieghe, E., Hara, G.L., Gould, I.M., Goossens, H. & Greko, C. (2013). Antibiotic resistance—the need for global solutions. *The Lancet Infectious Diseases* 13(12): 1057-1098.
- Jones, K. E., Patel, N. G., Levy, M., Storeygard, A., Balk, D., Gittleman, J. L., & Daszak, P. (2008). Global trends in emerging infectious diseases. *Nature* 451(7181): 990-3.
- Wellington, E.M., Boxall, A.B., Cross, P., Feil, E.J., Gaze, W.H., Hawkey, P.M., Johnson-Rollings, A.S., Jones, D.L., Lee, N.M., Otten, W., & Thomas, C.M. (2013). The role of the natural environment in the emergence of antibiotic resistance in Gram-negative bacteria. *The Lancet Infectious Diseases* 13(2): 55-165.
- Massei, G., Kindberg, J., Licoppe, A., Gačić, D., Šprem, N., Kamler, J., Baubet, E., Hohmann, U., Monaco, A., Ozoliņš, J. & Cellina, S. (2015). Wild boar populations up, numbers of hunters down? A review of trends and implications for Europe. *Pest Management Science* 71(4): 492-500.

O aumento de populações urbanas de javali amplia esta rede de contactos, introduzindo mais uma variável (uma "nova" espécie portadora ou amplificadora de resistência) na dinâmica da transmissão da resistência antimicrobiana.



CISION

Caça Cães de Caça

ID: 79212505

01-03-2019

Meio: Imprensa
País: Portugal
Period.: Mensal
Âmbito: Lazer

Pág: 1
Cores: Cor
Área: 5,35 x 3,56 cm²
Corte: 5 de 5



4'95 € (CONT.)

Nº257 • MARÇO 2019 • (MENSAL)

A REVISTA DO CAÇADOR PORTUGUÊS

caça & cães de caça

CARABINAS

SAKO 85 CARBON WOLF

GRUPO V

REVISTA + DVD



DOSSIER JAVALI

Onde se escondem os torcazes

EXPANSÃO E DOENÇAS

A IMPORTÂNCIA DA CAÇA

AS MELHORES BALAS PARA ESPERAS

UM PARAÍSO DE CAÇA MENOR ILHA DE VEN

E AINDA...

NOVIDADES BLASER 2019/2020

COLEIRAS E PROBLEMAS NO TREINO

Investigação distingue 4 jovens cientistas portuguesas

Tipo Meio: Internet Data Publicação: 01/03/2019

Meio: Raio X Online

URL: http://raiox.pt/investigacao-distingue-4-jovens-cientistas-portuguesas/

Será que a ativação crónica do sistema imunitário nos doentes com lúpus pode estar relacionada com a permeabilidade do seu intestino? Será a matemática capaz de representar as redes funcionais em que se organiza o cérebro humano? Será possível regenerar os discos intervertebrais combinando tecnologias de edição genética e terapias estaminais? Será que, ao longo de gerações, os organismos marinhos conseguem adaptar-se a um oceano pressionado pelas alterações climáticas e pela poluição? Estas são algumas das linhas orientadoras dos quatro projetos distinguidos pela 15ª edição das Medalhas de Honra L'Oréal Portugal para as Mulheres na Ciência.

Esta 15º edição destacou o trabalho de Patrícia Costa Reis, pediatra no Hospital de Santa Maria e professora na Faculdade de Medicina da Universidade de Lisboa; Joana Cabral, investigadora no Instituto de Investigação em Ciências da Vida e Saúde (ICVS) da Universidade do Minho; Joana Caldeira, Instituto de Investigação e Inovação em Saúde (i3S/INEB) da Universidade do Porto; e Diana Madeira, investigadora no CESAM/ECOMARE da Universidade de Aveiro.

As quatro jovens investigadoras, já doutoradas e com idades entre os 30 e os 36 anos, foram selecionadas entre mais de 70 candidatas por um júri científico, presidido por Alexandre Quintanilha. Cada uma é reconhecida com um prémio individual de 15 mil euros, que visa apoiá-la na sua pesquisa e motivá-la a prosseguir estudos relevantes nas áreas da saúde e ambiente, assim como inspirar um ciência e uma sociedade mais inclusiva e equitativa.

"Portugal está a fazer um percurso positivo na igualdade de oportunidades e no reconhecimento das mulheres na área da ciência porém há ainda muito por fazer sobretudo nos lugares de topo. De acordo com um estudo recente da Deloitte, em 2017, apenas 13% dos cargos de direção das empresas cotadas eram ocupados por mulheres. Estes números fazem de Portugal um dos países europeus com a menor representação de executivas no topo das sociedades. Este Prémio reconhece o mérito e a importância dessas jovens cientistas e serve de incentivo para prosseguirem a fazer ciência com qualidade, refere Cátia Martins, CEO da L'Oréal Portugal, sublinhando que "a L'Oréal continuará a dar o seu contributo, em Portugal e nos mais de 120 países onde está presente, para desafiar mentalidades e promover a igualdade de género na ciência".

Medalhas para as Mulheres na Ciência: 15 anos em Portugal, 21 anos no mundo

Foi para promover esta mudança na ciência que nasceu a iniciativa portuguesa, há já 15 anos, promovida pela L'Oréal Portugal, numa parceria com a Comissão Nacional da UNESCO e com a Fundação para a Ciência e a Tecnologia. O mesmo objetivo tinha levado à constituição de uma parceria global entre a L'Oréal - através da sua Fundação - e a UNESCO que, há 21 anos, esteve na génese do programa For Women in Science.

No seu conjunto, as várias iniciativas da L'Oréal, em prol de uma ciência mais justa e equitativa, já apoiaram mais de 3100 investigadoras de 117 países, na sua maioria jovens, mas também cientistas consagradas, entre as quais Elizabeth H. Blackburn e Ada Yonath, ambas reconhecidas com o Prémio Nobel da Medicina e da Química em 2009.

O número de mulheres cientistas a nível global continua abaixo dos 30%; apenas 11% dos cargos académicos superiores são ocupados por mulheres e apenas 3% dos Prémios Nobel nas áreas de ciências foram atribuídos a mulheres (UNESCO, 2017).

Em Portugal os número têm vindo a crescer. A média de doutoradas em Portugal é 53,3% e a percentagem de mulheres investigadoras é de 45%, acima da média europeia. (She Figures 2015, da Comissão Europeia).

As iniciativas L'Oréal-UNESCO For Wormen in Science e as Medalhas de Honra para as Mulheres na Ciência vão prosseguir, continuando a contribuir para aumentar estes números.

As quatro investigadoras distinguidas

Diana Madeira

30 anos

CESAM/ECOMARE, Universidade de Aveiro

Diana Madeira doutorou-se em Química Sustentável em 2016, com apenas 28 anos, e no ano seguinte iniciou o projeto de investigação que continua a aprofundar: a plasticidade transgeracional dos invertebrados marinhos às alterações globais. Diana é casada e não tem filhos.

Será que, ao longo de várias gerações, os organismos marinhos vão conseguir responder e adaptar-se a um oceano cada vez mais pressionado pelas alterações climáticas e pela poluição?

Porque o planeta e a vida como os conhecemos dependem da sustentabilidade dos oceanos, Diana Madeira quer compreender o modo como, ao longo de várias gerações, os organismos marinhos estão a responder às alterações climáticas e à poluição que têm vindo a pressionar de forma crescente o equilíbrio dos oceanos e da vida que neles existe.

A investigadora do CESAM/ECOMARE, Universidade de Aveiro, pretende conhecer quais são os mecanismos moleculares e celulares que os invertebrados marinhos induzem para responder a estas pressões ambientais e de que forma estes mecanismos estão relacionados com parâmetros como a sua capacidade de sobrevivência e o seu sucesso reprodutivo.

Até ao momento, a maioria dos estudos realizados neste âmbito tem analisado o que sucede aos organismos marinhos apenas ao longo de uma geração. "Este limite temporal implica outros limites, quer os que se relacionam com a nossa capacidade de previsão sobre o que poderá acontecer a longo prazo, quer os que dizem respeito ao nosso conhecimento sobre a vulnerabilidade e agilidade que têm os diferentes organismos marinhos para lidar com o stress ao longo de várias gerações", refere a cientista que, no âmbito do seu doutoramento, tinha já aprofundado os efeitos do aquecimento global no ciclo de vida da dourada.

Saber como estes organismos marinhos respondem às pressões do oceano numa escala de tempo mais alargada - ao longo de várias gerações - permitirá conhecer a sua vulnerabilidade às alterações globais e o porquê dessa vulnerabilidade, e descobrir quais os mecanismos de plasticidade que alguns conseguem desenvolver ao longo de gerações para melhor sobreviverem e se reproduzirem.

Este conjunto de informação é essencial para melhorar a gestão dos recursos marinhos e a sustentabilidade dos oceanos, e para poder fazê-lo numa lógica de longo prazo.

Joana Cabral

35 anos

Instituto de Investigação em Ciências da Vida e Saúde, Universidade do Minho

Joana doutorou-se em Neurociência Teórica e Computacional (2012) em Barcelona, logo após concluir o curso de Engenharia Biomédica em Portugal. Após um pós-doutoramento em Oxford, regressou a Portugal como investigadora no ICVS, mantendo um extenso leque de colaborações internacionais. Joana é casada e tem dois filhos, de 3 e 4 anos.

Será possível representar matematicamente as redes funcionais em que se organiza o cérebro humano saudável e entender porque se encontram alteradas em doentes neurológicos e psiquiátricos?

Com cerca de 100 mil milhões de neurónios interligados, o cérebro humano é das redes mais complexas da natureza, e apesar das caracterizações cada vez mais detalhadas da sua estrutura e atividade, o seu funcionamento ainda não se consegue explicar. Mas Joana Cabral acredita que a matemática, com os seus princípios universais, conseguirá fornecer um modelo teórico unificador e capaz de representar os mecanismos biofísicos que governam a atividade cerebral.

"Sabemos como cada neurónio é capaz de disparar um sinal elétrico e conhecemos também o Conectoma estrutural, que explica a existência de ligações nervosas entre as diferentes partes do cérebro, mas continuamos sem saber como se organiza a atividade conjunta de milhares de neurónios, através da qual se formam os padrões que estão, em última análise, na origem dos nossos comportamentos", refere a investigadora, explicando que os avanços recentes nos métodos de análise de Ressonância Magnética Funcional (fMRI) revelaram já que o nosso cérebro está organizado em redes funcionais, ou seja, há zonas distantes do cérebro que se ativam em simultâneo e de forma recorrente.

Estas redes funcionais são observadas em pessoas saudáveis mas encontram-se alteradas em indivíduos com diferentes doenças neurológicas e psiquiátricas, pelo que percebê-las poderá vir a ter um impacto preponderante no entendimento destas doenças.

No âmbito da sua investigação fundamental, Joana Cabral vai recorrer a modelos matemáticos que representam o comportamento de sistemas dinâmicos acoplados e vai aplicá-los ao Conectoma estrutural. "Quero verificar se os padrões de atividade cerebral aparentemente distintos, registados com electroencefalografia (EEG) e fMRI, são expressões diferentes da dinâmica subjacente da rede cerebral", afirma a investigadora, referindo que existem descrições recentes de fenómenos semelhantes que emergem espontaneamente de redes sintéticas, governados por princípios matemáticos universais.

Para validar se o modelo matemático pode ajudar a desvendar mais um mistério do cérebro, comparará os resultados das suas simulações teóricas com a atividade cerebral registada simultaneamente através de fMRI e EEG em participantes saudáveis no Instituto de Investigação em Ciências da Vida e Saúde (ICVS) da Universidade do Minho, em parceria com o Centro Clínico Académico do Hospital de Braga.

Joana Caldeira

35 anos

i3S Instituto de Investigação e Inovação em Saúde, Universidade do Porto

Durante o seu doutoramento em Biomedicina (2011), Joana Caldeira dedicou-se à identificação de novos genes associados ao cancro gástrico. Quando entrou no INEB, que agora integra o i3S, começou a interessar-se pela regeneração do disco intervertebral através da modulação da matriz extracelular. Joana é casada e tem dois filhos de 5 e 3 anos.

Será possível regenerar os discos intervertebrais através de um processo pioneiro que conjuga a tecnologia de edição genética CRISPR e as terapias com células estaminais?

Mais de 70% da população mundial é afetada por dor lombar causada pela degeneração dos discos intervertebrais e os tratamentos atuais não são eficazes a longo prazo. Joana Caldeira quer utilizar a tecnologia de edição genética CRISPR (CRISPR/Cas9) para a regeneração dos discos intervertebrais. A investigadora irá recorrer a esta ferramenta para reativar genes típicos do microambiente fetal com o objectivo de potenciar as atuais terapias regenerativas com células estaminais. "Com esta tecnologia revolucionária poderemos criar uma envolvente acolhedora para as células estaminais utilizadas nas terapias de regeneração do disco, o que promoverá o seu alojamento e sobrevivência no local pretendido", refere a investigadora do i3S.

Tanto pelo processo natural de envelhecimento como por traumas diversos ou por predisposição genética, a dor lombar, causada pela degeneração dos discos intervertebrais , tem um pesado impacto socioeconómico, devido às dores e incapacidade provocadas, ao absentismo laboral e aos custos terapêuticos que lhes estão associados.

Um tratamento eficaz nesta área permitiria beneficiar milhões de pessoas, reduzindo o número de anos vividos com incapacidade, tanto mais que no caso da doença degenerativa do disco estes anos ultrapassam em média os registados em doenças como a SIDA, a tuberculose e o cancro de pulmão. Da mesma forma, ajudaria a diminuir perdas globais anuais que, segundo indica a investigadora, deverão rondar os 150 mil milhões de euros por ano, em parte decorrentes de cerca de 150 milhões de dias de baixa médica.

A concretização deste projeto, batizado como CRISPR4DISC, será um passo significativo na melhoria das já promissoras terapias com células estaminais e abrirá portas para a primeira terapia regenerativa do disco intervertebral baseada na tecnologia CRISPR. Os resultados obtidos criarão as bases de ensaios clínicos pioneiros para inverter a realidade atual.

Patrícia Costa Reis

36 anos

Instituto de Medicina Molecular/ Faculdade de Medicina da Universidade de Lisboa /Hospital de Santa Maria

Patrícia Costa Reis dedicou o seu doutoramento ao estudo do lúpus no Children's Hospital of Philadelphia, nos EUA. Como médica, dedica-se à Nefrologia e Transplantação Renal Pediátrica e à Reumatologia Pediátrica e concilia a prática clínica com a docência e a investigação. Patrícia é casada e tem dois filhos, um de 4 anos e outro de 9 meses.

Será que os doentes com lúpus têm uma maior permeabilidade do intestino, o que permite a passagem das bactérias aí existentes para o sangue, levando à ativação crónica do sistema imunitário?

O lúpus é uma doença autoimune complexa, na qual o sistema imunitário está cronicamente ativado e ataca o próprio organismo. Patrícia Costa Reis quer perceber se os doentes com lúpus têm uma maior permeabilidade do intestino, o que poderá ser responsável pela passagem de bactérias aí existentes para a circulação sanguínea e, assim, contribuir para a ativação crónica do sistema imunitário.

Neste sentido, a investigadora, que já se dedicou ao lúpus no seu doutoramento, vai estudar a permeabilidade do intestino e analisar o conjunto dos microrganismos ali existentes, ou seja, o microbioma de doentes com lúpus. Este projeto poderá estabelecer as bases necessárias para novas estratégias terapêuticas, como antibióticos ou vacinas que alterem o microbioma, e, assim, controlem o sistema imunitário e a atividade da doença.

"Além da importância destes dados do ponto de vista clínico, para o desenvolvimento de novas formas de tratamento mais eficazes e com menos efeitos adversos, a confirmar-se esta relação, eles terão impacto também do ponto de vista científico, pois permitem-nos re-equacionar a forma como pensamos na autoimunidade e levarão a novos estudos noutras doenças deste foro", explica Patrícia Costa Reis.

Melhorar o controlo do lúpus e a qualidade de vida dos doentes é o objetivo desta investigadora, Professora e Médica Pediatra, que conhece bem o impacto do lúpus e dos efeitos dos medicamentos hoje usados na vida dos doentes e em particular das crianças. Dor crónica, fadiga, depressão, consultas recorrentes e internamentos são algumas das razões que contribuem para uma vida diferente, em que o insucesso escolar nos mais novos e o desemprego nos mais velhos são ainda elevados.

1 Mar, 2019

Quatro cientistas portuguesas premiadas por investigações

Tipo Meio: Internet
Data Publicação: 01/03/2019
Meio: Sol Online
Autores: Marta Ferreira Reis
URL: http://www.pt.cision.com/s/?l=125d3ab0

Diana Madeira, Joana Cabral, Joana Caldeira e Patrícia Costa Reis são as vencedoras da 15.ª edição das Medalhas de Honra L'Oréal Portugal para as Mulheres na Ciência, um programa internacional que já apoiou 49 jovens investigadoras no país.

Segundo os dados da OCDE, Portugal é o país onde há mais mulheres a estudar ciências e tecnologia. Ainda faz sentido a distinção? O i falou com as quatro investigadoras sobre o trabalho que têm em mãos e sobre o significado do prémio que vai financiar com 15 mil euros cada um dos seus projetos

Diana Madeira. Minhocas marinhas e alterações climáticas

Sempre quis perceber melhor as coisas da natureza, por isso, a biologia tornou-se o caminho natural. Seguiu-se o mestrado em Ecologia Marinha pela Faculdade de Ciências de Lisboa e, depois, o doutoramento, na Nova, já com os desafios das alterações climáticas em mente. Diana Madeira estudou o impacto do ciclo da vida da dourada (e não é pequeno, sobretudo na fase larvar, e, em adulta, quando entra na etapa reprodutiva, explica) e foi daí que deu o salto para a Universidade de Aveiro, onde está a fazer o pós-doutoramento no grupo ECOMARE do Centro de Estudos do Ambiente e do Mar (CESAM). É lá que tem em mãos o projeto agora distinguido pelas Medalhas de Honra L'Oréal Portugal para as Mulheres na Ciência, que premeiam investigadoras entre os 30 e os 36 anos. A ideia é perceber de que forma as alterações climáticas e a poluição vão afetar o crescimento de espécies marinhas que estão na base da cadeia alimentar nos oceanos e, por isso, começaram por trabalhar com pequenos invertebrados. "São espécies de minhocas marinhas que acabam por ser importantes porque são alimentos para muitas outras espécies", explica Diana, de 30 anos. O objetivo é, através de experiências em laboratório, perceber que fatores externos as afetam mais e quão rápido é o organismo a adaptar-se. "O que esperamos é que, ao longo de várias gerações, possa haver uma atenuação dos efeitos nefastos das alterações climáticas nos organismos: a nível molecular, podem ir alterando o metabolismo de forma a sobreviver." Sendo animais mais simples e com uma vida mais curta, conseguem testá-los em laboratório de forma eficaz, mas Diana não descarta a hipótese de, mais tarde, estudarem a capacidade de adaptação até de vertebrados. Se para já estão numa fase de experiências e análise dos resultados, a utilidade do estudo será bastante concreta, sobretudo tendo em conta que estão a usar espécies da costa portuguesa e do Mediterrâneo. "Vai ser possível perceber as vulnerabilidades das espécies, ver os mecanismos que levam a alterações no crescimento e reprodução e, com essa informação, adaptar os planos de conservação para promover a sustentabilidade dos recursos marinhos, perceber quais são as espécies-chave e ter planos para que não haja, no futuro, um colapso das populações." E ainda é necessário um prémio para a ciência no feminino em Portugal? Diana admite que nunca se sentiu discriminada e tem "bons exemplos" à sua volta: tanto o centro na Universidade de Aveiro como o seu grupo são liderados por mulheres. Mas essa ainda não é a realidade em todas as áreas: ainda há aquelas em que homens recebem mais do que mulheres e uma gravidez é motivo de penalização. "Na ciência estamos no bom caminho, mas ainda há dificuldades em conciliar o trabalho com a vida familiar".

Joana Cabral. A matemática ao serviço da psiquiatria

E se um eletroencefalograma ou uma ressonância magnética puder confirmar uma depressão ou a esquizofrenia como hoje se fazem análises para diagnosticar diabetes ou colesterol alto? Ainda não é para já, mas Joana Cabral, de 34 anos, acredita que dentro de quatro ou cinco pode haver mudanças nos consultórios. "A ideia não será nunca substituir os médicos, mas termos melhores sistemas de apoio ao diagnóstico, como hoje se pedem análises ao sangue para fazer um determinado diagnóstico." É nesta área que a investigadora agora distinguida pelos prémios L'Oréal trabalha há uma década, cruzando a matemática com as neurociências. Licenciou-se em Engenharia Biomédica e fez o doutoramento em Neurociência Computacional, tradicionalmente uma área com mais homens do que mulheres, talvez mais por haver interesses diferentes do que por falta de oportunidade, partilha. "Quando fui tirar o doutoramento em Barcelona éramos duas raparigas em 20 pessoas, mas nunca senti barreiras." Antes disso, foi durante o mestrado num departamento de psiquiatria em Oxford que começou a aperceber-se da necessidade de mais ferramentas e conhecimento sobre os mecanismos cerebrais da doença mental: os exames, mesmo feitos muitas vezes em simultâneo, dão resultados díspares; nem sempre se consegue descortinar o que significam e, sobretudo, o que está na sua origem, explica. "Senti que os psiquiatras queriam muito colaborar com os investigadores porque acabam por ter muitos dados de atividade cerebral sem conseguir extrair um sentido." Hoje a trabalhar no Instituto de Ciências da Vida e da Saúde, na Universidade do Minho, o objetivo do projeto que tem em mãos é encontrar um modelo matemático que consiga representar os mecanismos biofísicos que governam a atividade cerebral, uma rede intricada de 100 mil milhões de neurónios interligados, e descobrir marcadores para as diferentes doenças. Publicaram já resultados para perturbações como esquizofrenia e depressão major e estão a trabalhar com o distúrbio obsessivo compulsivo. Quanto ao significado do prémio, Joana destaca dois pontos: em Portugal não há barreiras no acesso à ciência por parte das mulheres mas, noutros países, elas ainda são uma realidade. "Podemos ser uma inspiração para jovens de outros países que não têm as mesmas oportunidades." Cá, acredita sobretudo que faz sentido dar espaço aos jovens investigadores, o que é também uma vertente do galardão. "O problema da ciência para a minha geração não tem tanto a ver com o sexo mas com a idade, a nossa dificuldade é conseguir competir com as pessoas que já estão estabelecidas." A falta de financiamento, que afeta homens e mulheres, é outro. O prémio é, por isso, uma ajuda bem-vinda.

Joana Caldeira. Dores de costas e as células estaminais do futuro

O projeto de Joana Caldeira é destinado a quem sofre de dores de costas crónicas: e se for possível ir além dos anti-inflamatórios, fisioterapia e cirurgia e encontrar outras soluções para um problema que afeta 70% da população ao longo da vida? A resposta, acredita, está no desenvolvimento de novas terapias que consigam ir buscar a capacidade regenerativa da coluna, que existe na fase fetal e desaparece com a idade. Aos 36 anos, a investigadora do Instituto de Engenharia Biomédica e do Instituto de Investigação e Inovação em Saúde i3S, da Universidade do Porto, explica que não começou logo a trabalhar nesta área. Depois de tirar o curso de Microbiologia esteve um ano com uma bolsa de investigação Sevilha, período em que utilizou moscas-das-frutas para descobrir genes que interferem com o aparecimento de cancro gástrico. Seguiu-se o doutoramento nessa área mas, no final do trabalho, começou a interessar-se pelo estudo da matriz extracelular. "No fundo, é perceber tudo o que não são células nos tecidos, as paredes do edifício." Havia pontos em comum entre a doença oncológica e a regeneração que ocorre no quotidiano quando nos queimamos ou fazemos uma ferida. "Ambas envolvem um processo de inflamação em que o tecido está muito desregulado." Daí, a pergunta passou a ser como otimizar o processo regenerativo, por exemplo, em doenças do envelhecimento e surgiu então a oportunidade de perceber melhor a recuperação da dor lombar, que resulta da degeneração dos discos intervertebrais. Aqui entra a ciência de ponta: no trabalho que está a desenvolver, a ideia é usar a nova tecnologia de edição genética CRISPR - que funciona como um processador de texto no ADN e permite manipular as células - para fazer sobressair genes que, durante a fase fetal, promovem uma boa regeneração dos discos e que, com a idade, são desligados. "Hoje há terapias em estudo com células estaminais, mas estas células sobrevivem pouco tempo. Pensamos que esta tecnologia vai permitir desempenharem melhor a sua função" - no fundo, criar uma nova geração de "células estaminais 2.0", mais eficazes. "Estamos a estudar o conceito para a dor lombar, mas pode ser útil noutras doenças", diz. Para já, estão a fazer a "prova de conceito" em

culturas de células. Depois, terão de confirmar o processo com modelos animais. Até chegar à clínica seriam oito a dez anos. Com dois filhos pequenos, de três e seis anos, Joana conta que depois de ser mãe se tornou mais complicado gerir o horário e que se leva algum tempo a recuperar do tempo em casa de licença de maternidade, mas nunca se sentiu discriminada. "Acabamos por trabalhar menos horas, mas naquelas horas temos de dar mais e também nos organizamos melhor".

Patrícia Costa Reis. A luta contra o lúpus de uma pediatra-cientista

Desde pequena que queria ser professora ou investigadora, mas primeiro veio a medicina. A meio do internato de pediatria, o bichinho da ciência tornou a aparecer. "Via muitas crianças com doenças autoimunes, com lúpus, e queria ter mais respostas. Num estágio em Nova Iorque, contactei com a realidade dos investigadores médicos, pessoas que fazem clínica mas também estão no laboratório. É uma relação muito frutífera: da prática clínica saem as perguntas que alimentam a investigação", conta Patrícia. Aos 36 anos, é investigadora médica no Hospital de Santa Maria, embora cá ainda não exista essa figura, o que não a demoveu: acredita que juntar as linguagens da medicina e da ciência traz novas pistas, mesmo que tire noites de sono. "Cá não existe a carreira. Por isso, as pessoas que fazem clínica e investigação basicamente fazem isto no tempo livre." É nesse tempo livre, em dias que parecem esticar e em que lida com casos graves de crianças em hemodiálise ou que precisam de transplante, que tem desenvolvido o seu trabalho em torno do lúpus. Na base do projeto agora distinguido está uma pergunta de fundo: é uma doença em que o sistema imunitário está desregulado, fica cronicamente inflamado e ataca o próprio organismo; o que estará na origem desta resposta? Ao estudar mulheres com lúpus percebeu que tinham mais lipopolissacarídeos no sangue. "Têm mais bocadinhos de bactérias em circulação", descomplica. Surgiu a hipótese que quer explorar: um dos fatores por trás da doença pode ser uma maior permeabilidade do intestino. Ao deixar passar bactérias, este leva o sistema imunitário a reagir, o que poderá ser alterado mudando o paradigma do tratamento: hoje usam--se imunossupressores, mas a solução pode estar em vacinas ou antibióticos. "É um bocadinho uma loucura, mas começa a haver fundamentação científica." Ainda é necessário um prémio para a ciência no feminino? "Gosto de acreditar que o meu projeto valeria o mesmo se estivesse a concorrer com homens. Numa sociedade equilibrada, não faz sentido. Mas a ciência espelha aquilo que é a sociedade. Mesmo em medicina: entram mais mulheres, mas no topo da carreira temos mais homens. Numa sociedade que ainda não está em equilíbrio, são precisos incentivos. O meio científico, por si só, é muito competitivo. Costuma dizer-se 'publish or perish', temos de publicar para ter financiamento. Quando temos filhos, não conseguimos ter o mesmo rendimento." Mas depois também há escolhas. Quando estava nos EUA, ofereceram-lhe a oportunidade de subir, mas quis voltar para constituir família. Tem dois filhos, o mais pequeno com dez meses. "Há desigualdade, mas não creio que haja apenas um fator para haver mais homens em cargos de topo, também há opções que fazemos pelas coisas a que damos valor".

1 de março 2019

Marta F. Reis

L´Oréal Portugal premeia quatro cientistas portuguesas

Tipo Meio:	Internet	Data Publicação:	28/02/2019
Meio:	Correio da Manhã Online	Autores:	Edgar Nascimento Susana P. Oliveira

URL: http://www.pt.cision.com/s/?l=362250d0

2019-02-27 18:47:06.000

Diana Madeira, Joana Cabral, Joana Caldeira e Patrícia Costa Reis foram as felizes contempladas na edição 2019.

A 15ª edição das "Medalhas de Honra L'Oréal Portugal para as Mulheres na Ciência" premiou esta quarta-feira, no Pavilhão do Conhecimento, em Lisboa, quatro investigadoras portuguesas nas áreas da saúde e do ambiente. Em 15 anos já foram distinguidas 49 jovens investigadoras. Diana Madeira, Joana Cabral, Joana Caldeira e Patrícia Costa Reis foram as felizes contempladas na edição 2019.

O prémio, um valor individual de 15 mil euros que visa apoiar os projetos de investigação das jovens doutoradas, foi atribuído pela L'Oréal Portugal em parceria com a Comissão Nacional da UNESCO e a Fundação para a Ciência e a Tecnologia.

Este ano o júri do concurso foi presidido por Alexandre Quintanilha, físico português, que avaliou mais de 70 candidaturas. Investigações sobre lúpus, discos intervertebrais, redes cerebrais e vida nos oceanos permitiram às quatro cientistas portuguesas a conquista desta medalha.

Diana Madeira é investigadora no CESAM/ECOMAR da Universidade de Aveiro. A jovem, de 30 anos, disse ao Correio da Manhã que se candidatou ao prémio com um projeto onde, juntamente com uma equipa, tenta "perceber como é que os organismos marinhos respondem às alterações climáticas e poluição por metais pesados, numa escola de tempo multigeracional".

Para a cientista, "é uma honra receber este prémio que valoriza o trabalho das mulheres na ciência e na inovação". Depois desta conquista, Diana Madeira afirma ser capaz de concluir o projeto em "um ou dois anos".

Joana Caldeira tem 36 anos e é investigadora em Regeneração dos Discos Intervertebrais - "amortecedores" que temos entre as vértebras - no Instituto de Investigação e Inovação em Saúde (i3D, INEB) da Universidade do Porto. O seu projeto é uma "tentativa de regenerar os discos intervertebrais porque a sua degeneração é responsável pela dor lombar que afeta mais de 70% da população".

A investigadora pretende utilizar a edição do genoma humano através de um sistema chamado CRISPR. Este prémio é um reconhecimento para a cientista que revelou que servirá para "abrir novas portas e possibilitar que se continue a investigação, que se proceda aos passos seguintes, como a validação em modelos animais e depois em ensaios clínicos".

Outra contemplada foi Patrícia Costa Reis, de 36 anos. Pediatra no Hospital de Santa Maria e professora na Faculdade de Medicina da Universidade de Lisboa, Patrícia está a realizar um estudo sobre lúpus. A médica explicou que o lúpus é "uma doença auto-imune em que existe uma

desregulação do sistema imunitário que passa a atacar o próprio corpo. Temos irritações na pele, nas articulações, no coração, nos pulmões, nos rins. Este projeto serve para saber como é que as bactérias que habitam no nosso intestino podem influenciar a atividade do lúpus".

Para Patrícia este prémio "é um grande estímulo para continuar a fazer investigação e conciliar essa atividade com a minha atividade clínica como médica pediatra", finalizou.

A quarta jovem premiada foi Joana Cabral. É investigadora no Instituto de Investigação em Ciências da Vida e Saúde da Universidade do Minho. Tem 35 anos e, sendo engenheira, quer "propor uma nova abordagem para compreendermos o cérebro do ponto de vista da matemática e da física, com diferentes metodologias". Receber a medalha foi "um grande privilégio e é um apoio e uma força para continuar a dedicar a minha vida a este projeto".

As medalhas foram entregues por Cátia Martins (CEO da L'Oréal Portugal), Cecília Arraiana (em representação de Alexandre Quintanilha) e Maria Cavaco Silva (Antiga Primeira Dama).

Cátia Martins aproveitou o momento para referir que a L'Oréal premeia "mulheres inteligentes, curiosas, com vontade de chegar mais longe e com força e capacidade de o fazer." Não deixou de se dirigir às vencedoras referindo que "a ciência precisa de vocês, da mesma forma que o mundo precisa da ciência".

Edgar Nascimento, Susana Pereira Oliveira

CISION

Diário de Aveiro

ID: 79302918

28-02-2019

Meio: Imprensa
País: Portugal
Period.: Diária
Âmbito: Regional

Pág: 5
Cores: Cor
Área: 17,29 x 22,19 cm²
Corte: 1 de 2

Jovem cientista ganha prémio de 15 mil euros

Universidade de Aveiro Diana Madeira recebeu Medalha de Honra L'Oréal Portugal para as Mulheres na Ciência

D.R.



Diana Madeira foi seleccionada entre mais de sete dezenas de candidaturas apresentadas

Diana Madeira, investigadora do Centro de Estudos do Ambiente e do Mar (CESAM) e do Departamento de Biologia da Universidade de Aveiro (UA), é uma das vencedoras da 15.ª edição das Medalhas de Honra L'Oréal Portugal para as Mulheres na Ciência. O prémio de 15 mil euros, entregue ontem em Lisboa, distingue o trabalho da investigadora na área do ambiente.

No total foram premiadas quatro investigadoras, seleccionadas entre mais de 70 candidatas por um júri presidido pelo investigador e deputado Alexandre Quintanilha.

No caso de Diana Madeira, o seu grupo de trabalho vai, de acordo com o que adiantou à Lusa, avaliar como três gerações de poliquetas (minhocas que servem de isco aos pescadores e são alimento para muitas espécies marinhas) reagem ao aquecimento global e à poluição por metais pesados, alterando "parâmetros como crescimento, sobrevivência e reprodução", e verificar que "mecanismos moleculares explicam essas alterações".

Diana Madeira é investigadora do Centro de Estudos do Ambiente e do Mar e do Departamento de Biologia

A cientista espera que o estudo, que está a ser desenvolvido em colaboração com a Universidade Nova de Lisboa e a universidade canadiana do Quebec, possa "estimar qual será a trajectória das populações" de invertebrados marinhos "numa escala de tempo mais alargada e se serão capazes ou não de sobreviver e reproduzir-se", e assim "adaptar os planos de conservação para o meio marinho" para "promover a sustentabilidade ambiental e dos recursos".

Incentivar investigadoras entre os 30 e os 36 anos

Lançado em 2004, numa parceria da L'Oréal Portugal, Comissão Nacional da UNESCO e Fundação para a Ciência e a Tecnologia, o programa Medalhas de Honra L'Oréal Portugal para as Mulheres na Ciência pretende incentivar jovens investigadoras que efectuam a sua pesquisa em Portugal, entre os 30 e os 36 anos, a prosseguir estudos originais e relevantes para a saúde e/ou o ambiente.

Além de Diana Madeira, as Medalhas de Honra L'Oréal Portugal para as Mulheres na Ciência distinguiram Joana Cabral (Universidade do Minho), Joana Caldeira (Universidade do Porto) e Patrícia Costa Reis (Universidade de Lisboa), que estão a estudar a doença lúpus, a regeneração dos "amortecedores' das vértebras e as redes cerebrais.

CISION

Diário de Aveiro

ID: 79302918

28-02-2019

Meio: Imprensa
País: Portugal
Period.: Diária
Âmbito: Regional

Pág: 1
Cores: Cor
Área: 6,15 x 4,76 cm²
Corte: 2 de 2



Diário de Aveiro

28 DE FEVEREIRO DE 2019 QUINTA-FEIRA, Edição n.º 11.256 DIÁRIO | 0,70 EUROS

Fundador Adriano Lucas (1925-2011) | Director Adriano Callé Lucas | Jornal defensor da valorização de Aveiro e da Região das Beiras



CLUBE E CÂMARA PLANEIAM MELHORAR A ZONA DAS PISCINAS

Câmara de Aveiro está disposta a manter o apoio ao Sporting Clube de Aveiro, agora para a melhoria das condições nas imediações das piscinas do clube **Página 32**





PAULO RAMOS



A internacionalização empresarial em foco

Empresários aveirenses inteiraram-se sobre o que é preciso para singrar lá fora **Página 3**

Ritmos brasileiros fundem-se com toadas nacionais no sábado

São Bernardo | P4

Jovens angariam fundos para família

Oliveira de Azeméis | P14

Junta e firma contra Instalação de estação de recolha de resíduos

Espinho | P21

Oliveirense e Ovarense conhecem adversários na Final 8 da Taça

Basquetebol | P29

Investigação vale 15 mil euros a jovem cientista da Universidade

Diana Madeira, investigadora da Universidade de Aveiro, foi distinguida na 15.ª edição das Medalhas de Honra L'Oréal Portugal para as Mulheres na Ciência por um trabalho na área do ambiente. Prémio foi entregue ontem. **Página 5**



Jornadas analisam o turismo na Península Ibérica

Evento que está a decorrer no Grande Hotel do Luso, Mealhada, tem como objectivo promover Portugal e Espanha como um destino turístico único. **Página 23**



Aveiro: Jovem cientista ganha prémio de 15 mil euros

Tipo Meio: Internet Data Publicação: 28/02/2019

Meio: Diário de Aveiro Online

URL: http://www.diarioaveiro.pt/noticia/41913

Diana Madeira, investigadora do Centro de Estudos do Ambiente e do Mar (CESAM) e do Departamento de Biologia da Universidade de Aveiro (UA), é uma das vencedoras da 15.ª edição das Medalhas de Honra L'Oréal Portugal para as Mulheres na Ciência. O prémio de 15 mil euros, entregue ontem em Lisboa, distingue o trabalho da investigadora na área do ambiente. No total foram premiadas quatro investigadoras, seleccionadas entre mais de 70 candidatas por um júri presidido pelo investigador e deputado Alexandre Quintanilha.

28 fevereiro 2019

Aveiro: Jovem cientista ganha prémio de 15 mil euros

Tipo Meio: Internet Data Publicação: 28/02/2019

Meio: Diário de Coimbra Online

URL: http://www.diariocoimbra.pt/noticia/41913

Diana Madeira, investigadora do Centro de Estudos do Ambiente e do Mar (CESAM) e do Departamento de Biologia da Universidade de Aveiro (UA), é uma das vencedoras da 15.ª edição das Medalhas de Honra L'Oréal Portugal para as Mulheres na Ciência. O prémio de 15 mil euros, entregue ontem em Lisboa, distingue o trabalho da investigadora na área do ambiente. No total foram premiadas quatro investigadoras, seleccionadas entre mais de 70 candidatas por um júri presidido pelo investigador e deputado Alexandre Quintanilha.

28 fevereiro 2019

Jovem cientista ganha prémio de 15 mil euros

Tipo Meio: Internet Data Publicação: 28/02/2019

Meio: Diário de Leiria Online

URL: http://www.diarioleiria.pt/noticia/41913

Diana Madeira, investigadora do Centro de Estudos do Ambiente e do Mar (CESAM) e do Departamento de Biologia da Universidade de Aveiro (UA), é uma das vencedoras da 15.ª edição das Medalhas de Honra L'Oréal Portugal para as Mulheres na Ciência. O prémio de 15 mil euros, entregue ontem em Lisboa, distingue o trabalho da investigadora na área do ambiente. No total foram premiadas quatro investigadoras, seleccionadas entre mais de 70 candidatas por um júri presidido pelo investigador e deputado Alexandre Quintanilha.

Jovem cientista ganha prémio de 15 mil euros

Tipo Meio: Internet Data Publicação: 28/02/2019

Meio: Diário de Viseu Online

URL: http://www.diarioviseu.pt/noticia/41913

Diana Madeira, investigadora do Centro de Estudos do Ambiente e do Mar (CESAM) e do Departamento de Biologia da Universidade de Aveiro (UA), é uma das vencedoras da 15.ª edição das Medalhas de Honra L'Oréal Portugal para as Mulheres na Ciência. O prémio de 15 mil euros, entregue ontem em Lisboa, distingue o trabalho da investigadora na área do ambiente. No total foram premiadas quatro investigadoras, seleccionadas entre mais de 70 candidatas por um júri presidido pelo investigador e deputado Alexandre Quintanilha.

Jovem Cientista da UA conquista Prémio Mulheres na Ciência

Tipo Meio: Internet Data Publicação: 28/02/2019

Meio: Litoral Magazine Online

URL: http://www.pt.cision.com/s/?l=13a5436e

Diana Madeira da UA é uma das vencedoras da 15ª edição das Medalhas de Honra L'Oréal Portugal para as Mulheres na Ciência. A investigadora do Centro de Estudos do Ambiente e do Mar (CESAM) e do Departamento de Biologia da Universidade de Aveiro (UA) ganhou um prémio no valor de 15 mil euros. O trabalho [...]

Jovem Cientista da UA conquista Prémio Mulheres na Ciência

Litoral Magazine

28 Fevereiro, 2019

Diana Madeira da UA é uma das vencedoras da 15ª edição das Medalhas de Honra L'Oréal Portugal para as Mulheres na Ciência. A investigadora do Centro de Estudos do Ambiente e do Mar (CESAM) e do Departamento de Biologia da Universidade de Aveiro (UA) ganhou um prémio no valor de 15 mil euros.

O trabalho de Diana Madeira tem como objetivo compreender como, a nível molecular e fisiológico, os organismos marinhos respondem ao aquecimento oceânico e à poluição ao longo de várias gerações. Assim, a investigadora de pós-doutoramento pretende conhecer a vulnerabilidade destes organismos a longo prazo, de forma a melhorar e adaptar a gestão dos recursos marinhos e promover a sustentabilidade dos oceanos.

Bióloga marinha desde 2009, Diana Madeira desde essa altura que se dedica ao estudo da eco-fisiologia marinha e alterações climáticas. Contribuiu para determinar uma escala de vulnerabilidade ao aquecimento oceânico de 30 espécies marinhas (temperadas e tropicais) baseando-se em ensaios moleculares e de tolerância térmica. A investigadora estudou também os impactos do aquecimento oceânico nas várias fases do ciclo de vida de peixes marinhos.

Atualmente estuda a plasticidade fisiológica a longo-prazo dos organismos marinhos face às alterações globais, em colaboração com várias instituições incluindo a Universidade Nova de Lisboa e a Université du Québec à Rimouski (Canadá).

Lançado em 2004, numa parceria da L'Oréal Portugal, Comissão Nacional da UNESCO e Fundação para a Ciência e a Tecnologia, o programa Medalhas de Honra L'Oréal Portugal para as Mulheres na Ciência pretende incentivar jovens investigadoras que efetuam a sua pesquisa em Portugal, entre os 30 e os 36 anos, a prosseguir estudos originais e relevantes para a saúde e/ou o ambiente.

Para além de Diana Madeira, também Joana Cabral (Universidade do Minho), Joana Caldeira (Universidade do Porto) e Patrícia Costa Reis (Universidade de Lisboa) foram galardoadas com a Medalha. As quatro investigadoras distinguidas este ano com os Prémios L'Oréal "Mulheres na Ciência" foram selecionadas entre mais de 70 candidatas por um júri presidido pelo investigador e deputado Alexandre Quintanilha.

Fonte: Universidade de Aveiro

Foto: FCT

2019-02-28 09:47:06+00:00

Litoral Magazine

Investigadora do i3S distinguida com Medalha L´Óreal Portugal

Tipo Meio: Internet Data Publicação: 28/02/2019

Meio: Primeiro de Janeiro Online (O)

URL: http://www.pt.cision.com/s/?l=e1953be1

Home Porto Investigadora do i3S distinguida com Medalha L'Óreal Portugal

Investigadora do i3S distinguida com Medalha L'Óreal Portugal

Opj Opj

28 Fevereiro, 2019

Porto

A investigadora Joana Caldeira, do Instituto de Investigação e Inovação em Saúde (i3S/INEB) da Universidade do Porto, arrecadou uma das quatro "Medalhas de Honra L'Oréal Portugal para as Mulheres na Ciência", atribuídas este ano pela empresa multinacional de cosméticos.

Joana Caldeira quer utilizar a tecnologia de edição genética CRISPR (CRISPR/Cas9) - uma espécie de processador de texto no ADN, que permite manipular as células - para reativar genes típicos do microambiente fetal, e deste modo potenciar as atuais terapias regenerativas com células estaminais.

"Com esta tecnologia revolucionária poderemos criar uma envolvente acolhedora para as células estaminais utilizadas nas terapias de regeneração do disco, o que promoverá o seu alojamento e sobrevivência no local pretendido", explica a investigadora do grupo Microenvironments for New Therapies do i3S, citada pelo portal de notícias da Universidade do Porto.

"Tanto pelo processo natural de envelhecimento como por traumas diversos ou por predisposição genética, a dor lombar causada pela degeneração dos discos intervertebrais tem um pesado impacto socioeconómico, devido às dores e incapacidade provocadas e ao absentismo laboral e aos custos terapêuticos que lhes estão associados", refere Joana Caldeira. É necessário, e urgente, encontrar novas soluções: mais de 70% da população mundial é afetada por dor lombar causada pela degeneração dos discos intervertebrais e os tratamentos atuais não são eficazes a longo prazo.

Um tratamento eficaz nesta área iria beneficiar milhões de pessoas, reduzindo o número de anos vividos com incapacidade, bem como ajudaria a diminuir perdas globais anuais que, segundo a investigadora, deverão rondar os 150 mil milhões de euros por ano, em parte decorrentes de cerca de 150 milhões de dias de baixa médica.

A concretização deste projeto, batizado como CRISPR4DISC, "será um passo significativo na melhoria das já promissoras terapias com células estaminais e abrirá portas para a primeira terapia regenerativa do disco intervertebral baseada na tecnologia CRISPR. Os resultados obtidos criarão as bases de ensaios clínicos pioneiros para inverter a realidade atual", refere a investigadora do i3S.

Para além de Joana Caldeira, a 15.ª edição das Medalhas L'Óreal distinguiu também as investigadoras Patrícia Costa Reis, pediatra no Hospital de Santa Maria e professora na Faculdade de Medicina da Universidade de Lisboa, com um projeto de investigação sobre lúpus; Joana Cabral, investigadora no

Instituto da Vida e da Saúde na Universidade do Minho, que se propõe estudar as redes cerebrais; e Diana Madeira, investigadora no CESAM/ECOMARE da Universidade de Aveiro, com um projeto sobre a vida nos oceanos.

Cada uma das investigadoras recebe um prémio de 15 mil euros, que servirá de apoio à sua pesquisa e de motivação para prosseguir estudos relevantes nas áreas da saúde e ambiente. O galardão visa ainda inspirar uma ciência e uma sociedade mais inclusiva e equitativa.

As quatro jovens investigadoras, já doutoradas e com idades entre os 30 e os 35 anos, foram selecionadas entre mais de 70 candidatas por um júri científico, presidido por Alexandre Quintanilha.

"Medalhas de Honra L'Oréal Portugal para as Mulheres na Ciência" é uma iniciativa promovida pela L'Oréal numa parceria com a Comissão Nacional da UNESCO e com a Fundação para a Ciência e a Tecnologia.

2019-02-28

Opj Opj

CISION

ID: 79301568

VISÃO

28-02-2019

Meio: Imprensa
País: Portugal
Period.: Semanal
Âmbito: Interesse Geral

Pág: 64
Cores: Cor
Área: 18,00 x 26,85 cm²
Corte: 1 de 2



À tona As alterações climáticas estão a obrigar várias espécies a uma difícil e rápida adaptação



GETTY IMAGES

A evolução forçada

Uma investigadora portuguesa está a estudar a resposta dos animais para se adaptarem às mudanças provocadas pelo aquecimento global

LUÍS RIBEIRO

Diana Madeira quer saber se as alterações climáticas podem acabar com uma espécie de minhocas marinhas do género científico *Ophryotrocha*. Olhando para elas, uns vermes minúsculos que mais parecem centopeias viscosas, é fácil pensar que a sua extinção, seja por que razão for, não traz grande mal ao mundo. O problema é que nunca seriam só estas minhocas a desaparecer. Se se extinguirem os organismos que constituem a base da cadeia alimentar dos oceanos, o resto da pirâmide desmorona-se.

Cada coisa a seu tempo. Para já, a preocupação da investigadora portuguesa, de 30 anos (que, soube-se esta semana, é uma das quatro vencedoras da 15ª edição das Medalhas de Honra L'Oréal Portugal para as Mulheres na Ciência), é a de avaliar a forma como as minhocas marinhas se alteram ou adaptam, a nível molecular, à poluição e ao aquecimento dos oceanos – até à terceira geração.

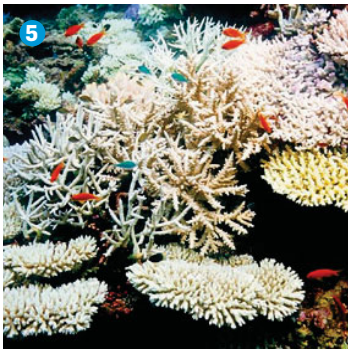
"Os mecanismos moleculares envolvidos na resposta multigeracional

"SE AS POPULAÇÕES NA BASE DA CADEIA ALIMENTAR COLAPSAM, HAVERÁ UM EFEITO EM CADEIA"
Diana Madeira, Investigadora



CISION
ID: 79301568
VISÃO
28-02-2019
Meio: Imprensa
País: Portugal
Period.: Semanal
Âmbito: Interesse Geral
Pág: 65
Cores: Cor
Área: 18,00 x 23,48 cm²
Corte: 2 de 2









GETTY IMAGES

AS PRÓXIMAS VÍTIMAS?

ESTES SÃO ALGUNS DOS ANIMAIS EM PERIGO DE EXTINÇÃO DEVIDO ÀS ALTERAÇÕES CLIMÁTICAS

1 URSO-POLAR É a cara do aquecimento global. Devido à redução extraordinária de gelo marinho no Ártico, os ursos são obrigados a nadar distâncias cada vez maiores para encontrarem plataformas onde caçar focas, que constituem a maior parte da sua dieta. Muitos podem morrer afogados, devido à exaustão, ou de fome.

2 FOCA-ANELADA A principal presa do urso-polar partilha com o seu predador o mesmo futuro negro devido às alterações climáticas, e pela mesma razão: o degelo torna mais raras as plataformas que lhe servem de habitat. Mas há estudos que indicam que as focas-aneladas têm uma hipótese decente de sobreviverem e até de prosperarem – se o urso-polar se extinguir primeiro.

3 PINGUIM-DE-ADÉLIA No polo oposto, estas aves estão também em risco, mas por motivos muito diferentes. Mudanças na temperatura das águas na Antártida estão a alterar a localização das reservas de peixe de que se alimentam, obrigando-as a deslocar-se grandes distâncias em busca da sua presa preferencial ou a comer *krill*, muito menos nutritivo.

4 TARTARUGAS MARINHAS Além do desaparecimento de praias onde as tartarugas põem ovos (por causa de tempestades mais violentas e da subida do nível do mar), areias mais quentes levam a que mais tartarugas nasçam fêmeas – é a temperatura da areia que determina o sexo destes répteis.

5 CORAIS Organismos extremamente sensíveis, têm sido dizimados pelo aumento direto da temperatura dos oceanos, mas também pelas suas consequências indiretas: acidificação das águas, devido ao CO_2, e tempestades mais frequentes e extremas.

às alterações globais ainda são praticamente desconhecidos", diz Diana Madeira, do CESAM (Centro de Estudos do Ambiente e do Mar)/ Ecomare – Laboratório para a Inovação e Sustentabilidade dos Recursos Biológicos Marinhos, da Universidade de Aveiro. Outros investigadores de vários países estão a estudar os efeitos das mudanças do clima em animais, mas a abordagem das consequências em gerações distintas é praticamente inédita. "Retirámos amostras em cada geração e agora vamos fazer análises ao nível das proteínas, que são, no fundo, as unidades funcionais da célula, para perceber como varia a função celular ao longo das gerações expostas às alterações climáticas."

As minhocas marinhas foram submetidas a um aumento de poluição por metais pesados e à temperatura que se espera para 2100: +3ºC (e +6ºC, simulando uma onda de calor no fim do século). Sem querer adiantar muito, uma vez que esta fase do estudo ainda não terminou, a investigadora revela que "nos cenários extremos, há alguma redução na capacidade de sobrevivência".

Uma conclusão que vai no mesmo sentido de outras investigações com uma só geração de animais – os organismos gastam energia a lidar com o stresse provocado pelas mudanças nas condições e nos ecossistemas, o que lhes prejudica o crescimento e a reprodução. "Para algumas espécies, será difícil a adaptação rápida", alerta a cientista, que já no seu mestrado em Ecologia Marinha concluíra que as alterações climáticas são um risco para algumas espécies da nossa costa, como o sargo.

E a questão não se esgota nos vermes marinhos, afirma Diana Madeira. É curto o caminho da minhoca aos grandes vertebrados e aos animais mais emblemáticos – sem presas, não há predadores. E o Homem é o predador no topo da pirâmide. "Se as populações na base da cadeia alimentar colapsam, haverá um efeito em cadeia."

É essa também a ilação de uma investigação da Universidade de Flinders, Austrália, publicada no ano passado na revista *Scientific Reports*: a extinção de certos animais ou plantas pode causar um efeito dominó que, no pior cenário, pode conduzir à aniquilação de toda a vida na Terra.

lribeiro@visao.pt

Investigadora do i3S distinguida com Medalha L´Óreal Portugal

Tipo Meio: Internet Data Publicação: 28/02/2019

Meio: Viva! Porto Online

URL: http://www.pt.cision.com/s/?l=d0d96d55

Clique para ver mais

A investigadora Joana Caldeira, do Instituto de Investigação e Inovação em Saúde (i3S/INEB) da Universidade do Porto, arrecadou uma das quatro "Medalhas de Honra L'Oréal Portugal para as Mulheres na Ciência", atribuídas este ano pela empresa multinacional de cosméticos.

Joana Caldeira quer utilizar a tecnologia de edição genética CRISPR (CRISPR/Cas9) - uma espécie de processador de texto no ADN, que permite manipular as células - para reativar genes típicos do microambiente fetal, e deste modo potenciar as atuais terapias regenerativas com células estaminais.

"Com esta tecnologia revolucionária poderemos criar uma envolvente acolhedora para as células estaminais utilizadas nas terapias de regeneração do disco, o que promoverá o seu alojamento e sobrevivência no local pretendido", explica a investigadora do grupo Microenvironments for New Therapies do i3S, citada pelo portal de notícias da Universidade do Porto.

"Tanto pelo processo natural de envelhecimento como por traumas diversos ou por predisposição genética, a dor lombar causada pela degeneração dos discos intervertebrais tem um pesado impacto socioeconómico, devido às dores e incapacidade provocadas e ao absentismo laboral e aos custos terapêuticos que lhes estão associados", refere Joana Caldeira. É necessário, e urgente, encontrar novas soluções: mais de 70% da população mundial é afetada por dor lombar causada pela degeneração dos discos intervertebrais e os tratamentos atuais não são eficazes a longo prazo.

Um tratamento eficaz nesta área iria beneficiar milhões de pessoas, reduzindo o número de anos vividos com incapacidade, bem como ajudaria a diminuir perdas globais anuais que, segundo a investigadora, deverão rondar os 150 mil milhões de euros por ano, em parte decorrentes de cerca de 150 milhões de dias de baixa médica.

A concretização deste projeto, batizado como CRISPR4DISC, "será um passo significativo na melhoria das já promissoras terapias com células estaminais e abrirá portas para a primeira terapia regenerativa do disco intervertebral baseada na tecnologia CRISPR. Os resultados obtidos criarão as bases de ensaios clínicos pioneiros para inverter a realidade atual", refere a investigadora do i3S.

Para além de Joana Caldeira, a 15.ª edição das Medalhas L'Óreal distinguiu também as investigadoras Patrícia Costa Reis, pediatra no Hospital de Santa Maria e professora na Faculdade de Medicina da Universidade de Lisboa, com um projeto de investigação sobre lúpus; Joana Cabral, investigadora no Instituto da Vida e da Saúde na Universidade do Minho, que se propõe estudar as redes cerebrais; e Diana Madeira, investigadora no CESAM/ECOMARE da Universidade de Aveiro, com um projeto sobre a vida nos oceanos.

Cada uma das investigadoras recebe um prémio de 15 mil euros, que servirá de apoio à sua pesquisa e de motivação para prosseguir estudos relevantes nas áreas da saúde e ambiente. O galardão visa ainda inspirar uma ciência e uma sociedade mais inclusiva e equitativa.

As quatro jovens investigadoras, já doutoradas e com idades entre os 30 e os 35 anos, foram selecionadas entre mais de 70 candidatas por um júri científico, presidido por Alexandre Quintanilha.

"Medalhas de Honra L'Oréal Portugal para as Mulheres na Ciência" é uma iniciativa promovida pela L'Oréal numa parceria com a Comissão Nacional da UNESCO e com a Fundação para a Ciência e a Tecnologia.

28 Fevereiro 2019

Advice

RTP 1

ID: 79292862

27-02-2019 14:03

Duração: 00:02:45

OCS: RTP 1 - Jornal da Tarde

Prémio "Mulheres na Ciência"

http://pt.cision.com/cp2013/ClippingDetails.aspx?id=b781f7b0-47ce-455d-aec6-2465dee1859b&userId=a6079098-0d0e-4e9b-b442-7b339d8fce66

Quatro investigadoras foram distinguidas com medalhas de honra para mulheres na ciência, em causa estão projetos relacionados com um estudo sobre lúpus, discos invertebrais, redes cerebrais e também a vida nos oceanos.
Declarações de Diana Madeira, CESAM/ECOMARE; Joana Caldeira, i3s; Joana Cabral, Universidade do Minho; Patrícia Costa Reis, Instituto Medicina Molecular.

Repetições: RTP 3 - Jornal da Tarde , 2019-02-27 14:03
RTP 3 - Eixo Norte Sul , 2019-02-27 15:38
RTP 3 - 3 às... , 2019-02-27 17:52
RTP 1 - Telejornal , 2019-02-27 20:57
RTP 3 - Telejornal , 2019-02-27 20:59
RTP 3 - 360 , 2019-02-27 22:21
RTP 1 - Portugal em Direto , 2019-02-27 18:05
RTP 3 - Eixo Norte Sul , 2019-02-27 04:13

L´Oréal Portugal premeia quatro cientistas portuguesas

Tipo Meio:	Internet	Data Publicação:	27/02/2019
Meio:	Correio da Manhã Online	Autores:	Edgar Nascimento Susana P. Oliveira

URL: http://www.pt.cision.com/s/?l=73be20d2

2019-02-27 18:47:06.000

Diana Madeira, Joana Cabral, Joana Caldeira e Patrícia Costa Reis foram as felizes contempladas na edição 2019.

A 15ª edição das "Medalhas de Honra L'Oréal Portugal para as Mulheres na Ciência" premiou esta quarta-feira, no Pavilhão do Conhecimento, em Lisboa, quatro investigadoras portuguesas nas áreas da saúde e do ambiente. Em 15 anos já foram distinguidas 49 jovens investigadoras. Diana Madeira, Joana Cabral, Joana Caldeira e Patrícia Costa Reis foram as felizes contempladas na edição 2019.

O prémio, um valor individual de 15 mil euros que visa apoiar os projetos de investigação das jovens doutoradas, foi atribuído pela L'Oréal Portugal em parceria com a Comissão Nacional da UNESCO e a Fundação para a Ciência e a Tecnologia.

Este ano o júri do concurso foi presidido por Alexandre Quintanilha, físico português, que avaliou mais de 70 candidaturas. Investigações sobre lúpus, discos intervertebrais, redes cerebrais e vida nos oceanos permitiram às quatro cientistas portuguesas a conquista desta medalha.

Diana Madeira é investigadora no CESAM/ECOMAR da Universidade de Aveiro. A jovem, de 30 anos, disse ao Correio da Manhã que se candidatou ao prémio com um projeto onde, juntamente com uma equipa, tenta "perceber como é que os organismos marinhos respondem às alterações climáticas e poluição por metais pesados, numa escola de tempo multigeracional".

Para a cientista, "é uma honra receber este prémio que valoriza o trabalho das mulheres na ciência e na inovação". Depois desta conquista, Diana Madeira afirma ser capaz de concluir o projeto em "um ou dois anos".

Joana Caldeira tem 36 anos e é investigadora em Regeneração dos Discos Intervertebrais - "amortecedores" que temos entre as vértebras - no Instituto de Investigação e Inovação em Saúde (i3D, INEM) da Universidade do Porto. O seu projeto é uma "tentativa de regenerar os discos intervertebrais porque a sua degeneração é responsável pela dor lombar que afeta mais de 70% da população".

A investigadora pretende utilizar a edição do genoma humano através de um sistema chamado CRISPR. Este prémio é um reconhecimento para a cientista que revelou que servirá para "abrir novas portas e possibilitar que se continue a investigação, que se proceda aos passos seguintes, como a validação em modelos animais e depois em ensaios clínicos".

Outra contemplada foi Patrícia Costa Reis, de 36 anos. Pediatra no Hospital de Santa Maria e professora na Faculdade de Medicina da Universidade de Lisboa, Patrícia está a realizar um estudo sobre lúpus. A médica explicou que o lúpus é "uma doença auto-imune em que existe uma

desregulação do sistema imunitário que passa a atacar o próprio corpo. Temos irritações na pele, nas articulações, no coração, nos pulmões, nos rins. Este projeto serve para saber como é que as bactérias que habitam no nosso intestino podem influenciar a atividade do lúpus".

Para Patrícia este prémio "é um grande estímulo para continuar a fazer investigação e conciliar essa atividade com a minha atividade clínica como médica pediatra", finalizou.

A quarta jovem premiada foi Joana Cabral. É investigadora no Instituto de Investigação em Ciências da Vida e Saúde da Universidade do Minho. Tem 35 anos e, sendo engenheira, quer "propor uma nova abordagem para compreendermos o cérebro do ponto de vista da matemática e da física, com diferentes metodologias". Receber a medalha foi "um grande privilégio e é um apoio e uma força para continuar a dedicar a minha vida a este projeto".

As medalhas foram entregues por Cátia Martins (CEO da L'Oréal Portugal), Cecília Arraiana (em representação de Alexandre Quintanilha) e Maria Cavaco Silva (Antiga Primeira Dama).

Cátia Martins aproveitou o momento para referir que a L'Oréal premeia "mulheres inteligentes, curiosas, com vontade de chegar mais longe e com força e capacidade de o fazer." Não deixou de se dirigir às vencedoras referindo que "a ciência precisa de vocês, da mesma forma que o mundo precisa da ciência".

Edgar Nascimento, Susana Pereira Oliveira

Das redes cerebrais à vida nos oceanos: Conheça os trabalhos das portuguesas premiadas pela L´Óreal

Tipo Meio:	Internet	Data Publicação:	27/02/2019
Meio:	Delas Online	Autores:	Ana Tomás

URL: http://www.pt.cision.com/s/?l=7521927

2019-02-27 00:55:12+00:00

A edição deste ano dos prémios 'Medalhas de Honra L'Oréal Portugal para as Mulheres na Ciência' distinguiu quatro investigadoras com trabalhos sobre o lúpus, discos intervertebrais, redes cerebrais e vida nos oceanos. As investigadoras premiadas foram Patrícia Costa Reis, pediatra no Hospital de Santa Maria e professora na Faculdade de Medicina da Universidade de Lisboa, Joana Cabral, investigadora no Instituto de Investigação em Ciências da Vida e Saúde (ICVS) da Universidade do Minho, Joana Caldeira, Instituto de Investigação e Inovação em Saúde (i3S/INEB) da Universidade do Porto, e Diana Madeira, investigadora no CESAM/ECOMARE da Universidade de Aveiro. As quatro investigadoras, já doutoradas e com idades entre os 30 e os 36 anos, foram selecionadas entre mais de 70 candidatas por um júri, presidido por Alexandre Quintanilha, refere a L'Óreal, em comunicado enviado ao Delas.pt. Cada uma receberá um prémio individual de 15 mil euros, que visa apoiar as respetivas pesquisas e motivar o seguimento e desenvolvimento de "estudos relevantes nas áreas da saúde e ambiente, assim como inspirar um ciência e uma sociedade mais inclusiva e equitativa", refere o texto. A relação entre a ativação crónica do sistema imunitário nos doentes com lúpus e a permeabilidade do seu intestino, a matemática para representar as redes funcionais em que se organiza o cérebro humano, a possibilidade de regenerar os discos intervertebrais combinando tecnologias de edição genética e terapias estaminais e a adaptação dos organismos marinhos a um oceano pressionado pelas alterações climáticas e pela poluição, foram os pontos de partida dos quatro projetos de investigação selecionados, que pode conhecer melhor, assim como às investigadoras premiadas, na galeria, em cima. No top 100 do Índice Bloomberg para Igualdade de Género de 2018, que valoriza as empresas mais empenhadas com a promoção da igualdade de género, a L'Óreal promove esta iniciativa há 15 anos em Portugal, numa parceria com a Comissão Nacional da UNESCO e com a Fundação para a Ciência e a Tecnologia. Os prémios integram o programa For Women in Science, criado há 21, a nível global, através da sua Fundação L'Óreal e a UNESCO. No âmbito das ações para promover a ciência e a investigação, a marca já apoiou mais de 3100 investigadoras de 117 países, na sua maioria jovens, mas também cientistas consagradas, entre as quais Elizabeth H. Blackburn e Ada Yonath, ambas reconhecidas com o Prémio Nobel da Medicina e da Química em 2009. Em Portugal, o número de mulheres nas áreas científicas tem vindo a crescer, sendo a percentagem de mulheres investigadoras de 45%, acima da média europeia, segundo dados recentes da Comissão Europeia.

"Portugal está a fazer um percurso positivo na igualdade de oportunidades e no reconhecimento das mulheres na área da ciência, porém há ainda muito por fazer, sobretudo nos lugares de topo", refere Cátia Martins, CEO da L'Oréal Portugal. A responsável sublinha que estes prémios visam reconhecer "o mérito e a importância" das jovens cientistas e servir de "incentivo para prosseguirem a fazer ciência com qualidade". "A L'Oréal continuará a dar o seu contributo, em Portugal e nos mais de 120 países onde está presente, para desafiar mentalidades e promover a igualdade de género na ciência", conclui.

Ana Tomás

Conheça as 4 jovens cientistas distinguidas pela L´Oréal Portugal

Tipo Meio: Internet Data Publicação: 27/02/2019

Meio: Executiva Online

URL: https://executiva.pt/loreal-portugal-4-jovens-cientistas/

Mulheres na CiênciaConheça as 4 jovens cientistas distinguidas pela L'Oréal PortugalA 15ª edição das Medalhas de Honra L'Oréal Portugal para as Mulheres na Ciência premiou Patrícia Costa Reis, Joana Caldeira, Joana Cabral e Diana Madeira e as investigações sobre lúpus, discos intervertebrais, redes cerebrais e vida nos oceanos, respetivamente.

Patrícia Costa Reis, Joana Caldeira, Joana Cabral e Diana Madeira, as premiadas desta 15ª edição.
Partilhar

27 de Fevereiro de 2019
A Medalhas de Honra L'Oréal Portugal para as Mulheres na Ciência já vão na sua 15ª edição e acabam de distinguir mais quatro jovens cientistas portuguesas pelos seus trabalhos de investigação.

Patrícia Costa Reis , investigadora do Instituto de Medicina Molecular, professora na Faculdade de Medicina da Universidade de Lisboa e pediatra no Hospital de Santa Maria, quer perceber se os doentes com lúpus têm uma maior permeabilidade do intestino, que poderá ser responsável pela passagem de bactérias aí existentes para a circulação sanguínea e, assim, contribuir para a ativação crónica do sistema imunitário.

Joana Caldeira, investigadora do i3S - Instituto de Investigação e Inovação em Saúde da Universidade do Porto, quer utilizar a tecnologia de edição genética CRISPR (CRISPR/Cas9) para a regeneração dos discos intervertebrais, cuja degeneração causa a dor lombar que afeta mais de 70% da população mundial e para a qual os tratamentos atuais não são eficazes a longo prazo. A investigadora irá recorrer a esta ferramenta para reativar genes típicos do microambiente fetal com o objectivo de potenciar as atuais terapias regenerativas com células estaminais.

Será possível representar matematicamente as redes funcionais em que se organiza o cérebro humano saudável e entender porque se encontram alteradas em doentes neurológicos e psiquiátricos? É que quer apurar Joana Cabral, investigadora do Instituto de Investigação em Ciências da Vida e Saúde, Universidade do Minho, doutorada em Neurociência Teórica e Computacional em Barcelona e formada em Engenharia Biomédica. Com a sua investigação, Joana Cabral poderá fazer diferença no entendimento de doenças psiquiátricas e neurológicas.

Já a bióloga e investigadora no CESAM/ECOMARE da Universidade de Aveiro, Diana Madeira, está a tentar entender se, ao longo de várias gerações, os organismos marinhos conseguem responder e adaptar-se a um oceano cada vez mais pressionado pelas alterações climáticas e pela poluição. Com um mestrado em Ecologia Marinha e um doutoramento em Química Sustentável, o trabalho de pesquisa científica de Diana pode ajudar a melhorar a gestão dos recursos marinhos e a sustentabilidade dos oceanos.

As quatro jovens investigadoras, com idades entre os 30 e os 36 anos, foram selecionadas entre mais de 70 candidatas por um júri científico, presidido por Alexandre Quintanilha. A cada uma é atribuído um prémio individual de 15 mil euros, com o objetivo de apoiá-las nas suas pesquisas e motivá-las a prosseguir estudos relevantes nas áreas da saúde e ambiente.

"Portugal está a fazer um percurso positivo na igualdade de oportunidades e no reconhecimento das mulheres na área da ciência, porém há ainda muito por fazer sobretudo nos lugares de topo. Este Prémio reconhece o mérito e a importância dessas jovens cientistas e serve de incentivo para prosseguirem a fazer ciência com qualidade", refere Cátia Martins, CEO da L'Oréal Portugal, sublinhando que "a L'Oréal continuará a dar o seu contributo, em Portugal e nos mais de 120 países onde está presente, para desafiar mentalidades e promover a igualdade de género na ciência".

Nos seus 15 anos de existência, esta iniciativa promovida pela L'Oréal Portugal, em parceria com a Comissão Nacional da UNESCO e a Fundação para a Ciência e a Tecnologia, já apoiou 49 jovens cientistas nacionais. Globalmente, a L'Oréal já reconheceu e premiou mais de 3100 investigadoras de 117 países.

2019-02-27 18:18:21+00:00

CISION

ID: 79282251

27-02-2019

Meio: Imprensa
País: Portugal
Period.: Diária
Âmbito: Informação Geral

Pág: 26
Cores: Cor
Área: 22,60 x 30,71 cm²
Corte: 1 de 2

Mulheres na ciência. Quatro investigadoras portuguesas a seguir





Diana Madeira. Minhocas marinhas e alterações climáticas

Sempre quis perceber melhor as coisas da natureza, por isso, a biologia tornou-se o caminho natural. Seguiu-se o mestrado em Ecologia Marinha pela Faculdade de Ciências de Lisboa e, depois, o doutoramento, na Nova, já com os desafios das alterações climáticas em mente. Diana Madeira estudou o impacto do ciclo da vida da dourada (e não é pequeno, sobretudo na fase larvar, e, em adulta, quando entra na etapa reprodutiva, explica) e foi daí que deu o salto para a Universidade de Aveiro, onde está a fazer o pós-doutoramento no grupo ECOMARE do Centro de Estudos do Ambiente e do Mar (CESAM). É lá que tem em mãos o projeto agora distinguido pelas Medalhas de Honra L'Oréal Portugal para as Mulheres na Ciência, que premeiam investigadoras entre os 30 e os 36 anos. A ideia é perceber de que forma as alterações climáticas e a poluição vão afetar o crescimento de espécies marinhas que estão na base da cadeia alimentar nos oceanos e, por isso, começaram por trabalhar com pequenos invertebrados. "São espécies de minhocas marinhas que acabam por ser importantes porque são alimentos para muitas outras espécies", explica Diana, de 30 anos. O objetivo é, através de experiências em laboratório, perceber que fatores externos as afetam mais e quão rápido é o organismo a adaptar-se. "O que esperamos é que, ao longo de várias gerações, possa haver uma atenuação dos efeitos nefastos das alterações climáticas nos organismos: a nível molecular, podem ir alterando o metabolismo de forma a sobreviver." Sendo animais mais simples e com uma vida mais curta, conseguem testá-los em laboratório de forma eficaz, mas Diana não descarta a hipótese de, mais tarde, estudarem a capacidade de adaptação até de vertebrados. Se para já estão numa fase de experiências e análise dos resultados, a utilidade do estudo será bastante concreta, sobretudo tendo em conta que estão a usar espécies da costa portuguesa e do Mediterrâneo. "Vai ser possível perceber as vulnerabilidades das espécies, ver os mecanismos que levam a alterações no crescimento e reprodução e, com essa informação, adaptar os planos de conservação para promover a sustentabilidade dos recursos marinhos, perceber quais são as espécies-chave e ter planos para que não haja, no futuro, um colapso das populações." E ainda é necessário um prémio para a ciência no feminino em Portugal? Diana admite que nunca se sentiu discriminada e tem "bons exemplos" à sua volta: tanto o centro na Universidade de Aveiro como o seu grupo são liderados por mulheres. Mas essa ainda não é a realidade em todas as áreas: ainda há aquelas em que homens recebem mais do que mulheres e uma gravidez é motivo de penalização. "Na ciência estamos no bom caminho, mas ainda há dificuldades em conciliar o trabalho com a vida familiar."

Joana Cabral. A matemática ao serviço da psiquiatria

E se um eletroencefalograma ou uma ressonância magnética puder confirmar uma depressão ou a esquizofrenia como hoje se fazem análises para diagnosticar diabetes ou colesterol alto? Ainda não é para já, mas Joana Cabral, de 34 anos, acredita que dentro de quatro ou cinco pode haver mudanças nos consultórios. "A ideia não será nunca substituir os médicos, mas termos melhores sistemas de apoio ao diagnóstico, como hoje se pedem análises ao sangue para fazer um determinado diagnóstico." É nesta área que a investigadora agora distinguida pelos prémios L'Oréal trabalha há uma década, cruzando a matemática com as neurociências. Licenciou-se em Engenharia Biomédica e fez o doutoramento em Neurociência Computacional, tradicionalmente uma área com mais homens do que mulheres, talvez mais por haver interesses diferentes do que por falta de oportunidade, partilha. "Quando fui tirar o doutoramento em Barcelona éramos duas raparigas em 20 pessoas, mas nunca senti barreiras." Antes disso, foi durante o mestrado num departamento de psiquiatria em Oxford que começou a aperceber-se da necessidade de mais ferramentas e conhecimento sobre os mecanismos cerebrais da doença mental: os exames, mesmo feitos muitas vezes em simultâneo, dão resultados díspares; nem sempre se consegue descortinar o que significam e, sobretudo, o que está na sua origem, explica. "Senti que os psiquiatras queriam muito colaborar com os investigadores porque acabam por ter muitos dados de atividade cerebral sem conseguir extrair um sentido." Hoje a trabalhar no Instituto de Ciências da Vida e da Saúde, na Universidade do Minho, o objetivo do projeto que tem em mãos é encontrar um modelo matemático que consiga representar os mecanismos biofísicos que governam a atividade cerebral, uma rede intricada de 100 mil milhões de neurónios interligados, e descobrir marcadores para as diferentes doenças. Publicaram já resultados para perturbações como esquizofrenia e depressão major e estão a trabalhar com o distúrbio obsessivo compulsivo. Quanto ao significado do prémio, Joana destaca dois pontos: em Portugal não há barreiras no acesso à ciência por parte das mulheres mas, noutros países, elas ainda são uma realidade. "Podemos ser uma inspiração para jovens de outros países que não têm as mesmas oportunidades." Cá, acredita sobretudo que faz sentido dar espaço aos jovens investigadores, o que é também uma vertente do galardão. "O problema da ciência para a minha geração não tem tanto a ver com o sexo mas com a idade, a nossa dificuldade é conseguir competir com as pessoas que já estão estabelecidas." A falta de financiamento, que afeta homens e mulheres, é outro. O prémio é, por isso, uma ajuda bem-vinda.

CISION

ID: 79282251

27-02-2019

Meio: Imprensa
País: Portugal
Period.: Diária
Âmbito: Informação Geral

Pág: 27
Cores: Cor
Área: 22,60 x 30,49 cm²
Corte: 2 de 2

Diana Madeira, Joana Cabral, Joana Caldeira e Patrícia Costa Reis são as vencedoras da 15.ª edição das Medalhas de Honra L'Oréal Portugal para as Mulheres na Ciência, um programa internacional que já apoiou 49 jovens investigadoras no país. Segundo os dados da OCDE, Portugal é o país onde há mais mulheres a estudar ciências e tecnologia. Ainda faz sentido a distinção? O *i* falou com as quatro investigadoras sobre o trabalho que têm em mãos e sobre o significado do prémio que vai financiar com 15 mil euros cada um dos seus projetos

MARTA F. REIS *marta.reis@ionline.pt*





Joana Caldeira. Dores de costas e as células estaminais do futuro

O projeto de Joana Caldeira é destinado a quem sofre de dores de costas crónicas: e se for possível ir além dos anti-inflamatórios, fisioterapia e cirurgia e encontrar outras soluções para um problema que afeta 70% da população ao longo da vida? A resposta, acredita, está no desenvolvimento de novas terapias que consigam ir buscar a capacidade regenerativa da coluna, que existe na fase fetal e desaparece com a idade. Aos 36 anos, a investigadora do Instituto de Engenharia Biomédica e do Instituto de Investigação e Inovação em Saúde i3S, da Universidade do Porto, explica que não começou logo a trabalhar nesta área. Depois de tirar o curso de Microbiologia esteve um ano com uma bolsa de investigação Sevilha, período em que utilizou moscas-das-frutas para descobrir genes que interferem com o aparecimento de cancro gástrico. Seguiu-se o doutoramento nessa área mas, no final do trabalho, começou a interessar-se pelo estudo da matriz extracelular. "No fundo, é perceber tudo o que não são células nos tecidos, as paredes do edifício." Havia pontos em comum entre a doença oncológica e a regeneração que ocorre no quotidiano quando nos queimamos ou fazemos uma ferida. "Ambas envolvem um processo de inflamação em que o tecido está muito desregulado." Daí, a pergunta passou a ser como otimizar o processo regenerativo, por exemplo, em doenças do envelhecimento e surgiu então a oportunidade de perceber melhor a recuperação da dor lombar, que resulta da degeneração dos discos intervertebrais. Aqui entra a ciência de ponta: no trabalho que está a desenvolver, a ideia é usar a nova tecnologia de edição genética CRISPR – que funciona como um processador de texto no ADN e permite manipular as células – para fazer sobressair genes que, durante a fase fetal, promovem uma boa regeneração dos discos e que, com a idade, são desligados. "Hoje há terapias em estudo com células estaminais, mas estas células sobrevivem pouco tempo. Pensamos que esta tecnologia vai permitir desempenharem melhor a sua função" – no fundo, criar uma nova geração de "células estaminais 2.0", mais eficazes. "Estamos a estudar o conceito para a dor lombar, mas pode ser útil noutras doenças", diz. Para já, estão a fazer a "prova de conceito" em culturas de células. Depois, terão de confirmar o processo com modelos animais. Até chegar à clínica seriam oito a dez anos. Com dois filhos pequenos, de três e seis anos, Joana conta que depois de ser mãe se tornou mais complicado gerir o horário e que se leva algum tempo a recuperar do tempo em casa de licença de maternidade, mas nunca se sentiu discriminada. "Acabamos por trabalhar menos horas, mas naquelas horas temos de dar mais e também nos organizamos melhor."

Patrícia Costa Reis. A luta contra o lúpus de uma pediatra-cientista

Desde pequena que queria ser professora ou investigadora, mas primeiro veio a medicina. A meio do internato de pediatria, o bichinho da ciência tornou a aparecer. "Via muitas crianças com doenças autoimunes, com lúpus, e queria ter mais respostas. Num estágio em Nova Iorque, contactei com a realidade dos investigadores médicos, pessoas que fazem clínica mas também estão no laboratório. É uma relação muito frutífera: da prática clínica saem as perguntas que alimentam a investigação", conta Patrícia. Aos 36 anos, é investigadora médica no Hospital de Santa Maria, embora cá ainda não exista essa figura, o que não a demoveu: acredita que juntar as linguagens da medicina e da ciência traz novas pistas, mesmo que tire noites de sono. "Cá não existe a carreira. Por isso, as pessoas que fazem clínica e investigação basicamente fazem isto no tempo livre." É nesse tempo livre, em dias que parecem esticar e em que lida com casos graves de crianças em hemodiálise ou que precisam de transplante, que tem desenvolvido o seu trabalho em torno do lúpus. Na base do projeto agora distinguido está uma pergunta de fundo: é uma doença em que o sistema imunitário está desregulado, fica cronicamente inflamado e ataca o próprio organismo; o que estará na origem desta resposta? Ao estudar mulheres com lúpus percebeu que tinham mais lipopolissacarídeos no sangue. "Têm mais bocadinhos de bactérias em circulação", descomplica. Surgiu a hipótese que quer explorar: um dos fatores por trás da doença pode ser uma maior permeabilidade do intestino. Ao deixar passar bactérias, este leva o sistema imunitário a reagir, o que poderá ser alterado mudando o paradigma do tratamento: hoje usam-se imunossupressores, mas a solução pode estar em vacinas ou antibióticos. "É um bocadinho uma loucura, mas começa a haver fundamentação científica." Ainda é necessário um prémio para a ciência no feminino? "Gosto de acreditar que o meu projeto valeria o mesmo se estivesse a concorrer com homens. Numa sociedade equilibrada, não faz sentido. Mas a ciência espelha aquilo que é a sociedade. Mesmo em medicina: entram mais mulheres, mas no topo da carreira temos mais homens. Numa sociedade que ainda não está em equilíbrio, são precisos incentivos. O meio científico, por si só, é muito competitivo. Costuma dizer-se 'publish or perish', temos de publicar para ter financiamento. Quando temos filhos, não conseguimos ter o mesmo rendimento." Mas depois também há escolhas. Quando estava nos EUA, ofereceram-lhe a oportunidade de subir, mas quis voltar para constituir família. Tem dois filhos, o mais pequeno com dez meses. "Há desigualdade, mas não creio que haja apenas um fator para haver mais homens em cargos de topo, também há opções que fazemos pelas coisas a que damos valor."

Conheça as quatro mulheres cientistas do ano

Tipo Meio: Internet
Data Publicação: 27/02/2019
Meio: i Online
Autores: Marta Ferreira Reis
URL: http://www.pt.cision.com/s/?l=ed618e23

Diana Madeira, Joana Cabral, Joana Caldeira e Patrícia Costa Reis são as vencedoras da 15.ª edição das Medalhas de Honra L'Oréal Portugal para as Mulheres na Ciência, um programa internacional que já apoiou 49 jovens investigadoras no país.

Segundo os dados da OCDE, Portugal é o país onde há mais mulheres a estudar ciências e tecnologia. Ainda faz sentido a distinção? O i falou com as quatro investigadoras sobre o trabalho que têm em mãos e sobre o significado do prémio que vai financiar com 15 mil euros cada um dos seus projetos

Diana Madeira. Minhocas marinhas e alterações climáticas

Sempre quis perceber melhor as coisas da natureza, por isso, a biologia tornou-se o caminho natural. Seguiu-se o mestrado em Ecologia Marinha pela Faculdade de Ciências de Lisboa e, depois, o doutoramento, na Nova, já com os desafios das alterações climáticas em mente. Diana Madeira estudou o impacto do ciclo da vida da dourada (e não é pequeno, sobretudo na fase larvar, e, em adulta, quando entra na etapa reprodutiva, explica) e foi daí que deu o salto para a Universidade de Aveiro, onde está a fazer o pós-doutoramento no grupo ECOMARE do Centro de Estudos do Ambiente e do Mar (CESAM). É lá que tem em mãos o projeto agora distinguido pelas Medalhas de Honra L'Oréal Portugal para as Mulheres na Ciência, que premeiam investigadoras entre os 30 e os 36 anos. A ideia é perceber de que forma as alterações climáticas e a poluição vão afetar o crescimento de espécies marinhas que estão na base da cadeia alimentar nos oceanos e, por isso, começaram por trabalhar com pequenos invertebrados. "São espécies de minhocas marinhas que acabam por ser importantes porque são alimentos para muitas outras espécies", explica Diana, de 30 anos. O objetivo é, através de experiências em laboratório, perceber que fatores externos as afetam mais e quão rápido é o organismo a adaptar-se. "O que esperamos é que, ao longo de várias gerações, possa haver uma atenuação dos efeitos nefastos das alterações climáticas nos organismos: a nível molecular, podem ir alterando o metabolismo de forma a sobreviver." Sendo animais mais simples e com uma vida mais curta, conseguem testá-los em laboratório de forma eficaz, mas Diana não descarta a hipótese de, mais tarde, estudarem a capacidade de adaptação até de vertebrados. Se para já estão numa fase de experiências e análise dos resultados, a utilidade do estudo será bastante concreta, sobretudo tendo em conta que estão a usar espécies da costa portuguesa e do Mediterrâneo. "Vai ser possível perceber as vulnerabilidades das espécies, ver os mecanismos que levam a alterações no crescimento e reprodução e, com essa informação, adaptar os planos de conservação para promover a sustentabilidade dos recursos marinhos, perceber quais são as espécies-chave e ter planos para que não haja, no futuro, um colapso das populações." E ainda é necessário um prémio para a ciência no feminino em Portugal? Diana admite que nunca se sentiu discriminada e tem "bons exemplos" à sua volta: tanto o centro na Universidade de Aveiro como o seu grupo são liderados por mulheres. Mas essa ainda não é a realidade em todas as áreas: ainda há aquelas em que homens recebem mais do que mulheres e uma gravidez é motivo de penalização. "Na ciência estamos no bom caminho, mas ainda há dificuldades em conciliar o trabalho com a vida familiar".

Joana Cabral. A matemática ao serviço da psiquiatria

E se um eletroencefalograma ou uma ressonância magnética puder confirmar uma depressão ou a esquizofrenia como hoje se fazem análises para diagnosticar diabetes ou colesterol alto? Ainda não é para já, mas Joana Cabral, de 34 anos, acredita que dentro de quatro ou cinco pode haver mudanças nos consultórios. "A ideia não será nunca substituir os médicos, mas termos melhores sistemas de apoio ao diagnóstico, como hoje se pedem análises ao sangue para fazer um determinado diagnóstico." É nesta área que a investigadora agora distinguida pelos prémios L'Oréal trabalha há uma década, cruzando a matemática com as neurociências. Licenciou-se em Engenharia Biomédica e fez o doutoramento em Neurociência

Computacional, tradicionalmente uma área com mais homens do que mulheres, talvez mais por haver interesses diferentes do que por falta de oportunidade, partilha. "Quando fui tirar o doutoramento em Barcelona éramos duas raparigas em 20 pessoas, mas nunca senti barreiras." Antes disso, foi durante o mestrado num departamento de psiquiatria em Oxford que começou a aperceber-se da necessidade de mais ferramentas e conhecimento sobre os mecanismos cerebrais da doença mental: os exames, mesmo feitos muitas vezes em simultâneo, dão resultados díspares; nem sempre se consegue descortinar o que significam e, sobretudo, o que está na sua origem, explica. "Senti que os psiquiatras queriam muito colaborar com os investigadores porque acabam por ter muitos dados de atividade cerebral sem conseguir extrair um sentido." Hoje a trabalhar no Instituto de Ciências da Vida e da Saúde, na Universidade do Minho, o objetivo do projeto que tem em mãos é encontrar um modelo matemático que consiga representar os mecanismos biofísicos que governam a atividade cerebral, uma rede intricada de 100 mil milhões de neurónios interligados, e descobrir marcadores para as diferentes doenças. Publicaram já resultados para perturbações como esquizofrenia e depressão major e estão a trabalhar com o distúrbio obsessivo compulsivo. Quanto ao significado do prémio, Joana destaca dois pontos: em Portugal não há barreiras no acesso à ciência por parte das mulheres mas, noutros países, elas ainda são uma realidade. "Podemos ser uma inspiração para jovens de outros países que não têm as mesmas oportunidades." Cá, acredita sobretudo que faz sentido dar espaço aos jovens investigadores, o que é também uma vertente do galardão. "O problema da ciência para a minha geração não tem tanto a ver com o sexo mas com a idade, a nossa dificuldade é conseguir competir com as pessoas que já estão estabelecidas." A falta de financiamento, que afeta homens e mulheres, é outro. O prémio é, por isso, uma ajuda bem-vinda.

Joana Caldeira. Dores de costas e as células estaminais do futuro

O projeto de Joana Caldeira é destinado a quem sofre de dores de costas crónicas: e se for possível ir além dos anti-inflamatórios, fisioterapia e cirurgia e encontrar outras soluções para um problema que afeta 70% da população ao longo da vida? A resposta, acredita, está no desenvolvimento de novas terapias que consigam ir buscar a capacidade regenerativa da coluna, que existe na fase fetal e desaparece com a idade. Aos 36 anos, a investigadora do Instituto de Engenharia Biomédica e do Instituto de Investigação e Inovação em Saúde i3S, da Universidade do Porto, explica que não começou logo a trabalhar nesta área. Depois de tirar o curso de Microbiologia esteve um ano com uma bolsa de investigação Sevilha, período em que utilizou moscas-das-frutas para descobrir genes que interferem com o aparecimento de cancro gástrico. Seguiu-se o doutoramento nessa área mas, no final do trabalho, começou a interessar-se pelo estudo da matriz extracelular. "No fundo, é perceber tudo o que não são células nos tecidos, as paredes do edifício." Havia pontos em comum entre a doença oncológica e a regeneração que ocorre no quotidiano quando nos queimamos ou fazemos uma ferida. "Ambas envolvem um processo de inflamação em que o tecido está muito desregulado." Daí, a pergunta passou a ser como otimizar o processo regenerativo, por exemplo, em doenças do envelhecimento e surgiu então a oportunidade de perceber melhor a recuperação da dor lombar, que resulta da degeneração dos discos intervertebrais. Aqui entra a ciência de ponta: no trabalho que está a desenvolver, a ideia é usar a nova tecnologia de edição genética CRISPR - que funciona como um processador de texto no ADN e permite manipular as células - para fazer sobressair genes que, durante a fase fetal, promovem uma boa regeneração dos discos e que, com a idade, são desligados. "Hoje há terapias em estudo com células estaminais, mas estas células sobrevivem pouco tempo. Pensamos que esta tecnologia vai permitir desempenharem melhor a sua função" - no fundo, criar uma nova geração de "células estaminais 2.0", mais eficazes. "Estamos a estudar o conceito para a

dor lombar, mas pode ser útil noutras doenças", diz. Para já, estão a fazer a "prova de conceito" em culturas de células. Depois, terão de confirmar o processo com modelos animais. Até chegar à clínica seriam oito a dez anos. Com dois filhos pequenos, de três e seis anos, Joana conta que depois de ser mãe se tornou mais complicado gerir o horário e que se leva algum tempo a recuperar do tempo em casa de licença de maternidade, mas nunca se sentiu discriminada. "Acabamos por trabalhar menos horas, mas naquelas horas temos de dar mais e também nos organizamos melhor".

Patrícia Costa Reis. A luta contra o lúpus de uma pediatra-cientista

Desde pequena que queria ser professora ou investigadora, mas primeiro veio a medicina. A meio do internato de pediatria, o bichinho da ciência tornou a aparecer. "Via muitas crianças com doenças autoimunes, com lúpus, e queria ter mais respostas. Num estágio em Nova Iorque, contactei com a realidade dos investigadores médicos, pessoas que fazem clínica mas também estão no laboratório. É uma relação muito frutífera: da prática clínica saem as perguntas que alimentam a investigação", conta Patrícia. Aos 36 anos, é investigadora médica no Hospital de Santa Maria, embora cá ainda não exista essa figura, o que não a demoveu: acredita que juntar as linguagens da medicina e da ciência traz novas pistas, mesmo que tire noites de sono. "Cá não existe a carreira. Por isso, as pessoas que fazem clínica e investigação basicamente fazem isto no tempo livre." É nesse tempo livre, em dias que parecem esticar e em que lida com casos graves de crianças em hemodiálise ou que precisam de transplante, que tem desenvolvido o seu trabalho em torno do lúpus. Na base do projeto agora distinguido está uma pergunta de fundo: é uma doença em que o sistema imunitário está desregulado, fica cronicamente inflamado e ataca o próprio organismo; o que estará na origem desta resposta? Ao estudar mulheres com lúpus percebeu que tinham mais lipopolissacarídeos no sangue. "Têm mais bocadinhos de bactérias em circulação", descomplica. Surgiu a hipótese que quer explorar: um dos fatores por trás da doença pode ser uma maior permeabilidade do intestino. Ao deixar passar bactérias, este leva o sistema imunitário a reagir, o que poderá ser alterado mudando o paradigma do tratamento: hoje usam--se imunossupressores, mas a solução pode estar em vacinas ou antibióticos. "É um bocadinho uma loucura, mas começa a haver fundamentação científica." Ainda é necessário um prémio para a ciência no feminino? "Gosto de acreditar que o meu projeto valeria o mesmo se estivesse a concorrer com homens. Numa sociedade equilibrada, não faz sentido. Mas a ciência espelha aquilo que é a sociedade. Mesmo em medicina: entram mais mulheres, mas no topo da carreira temos mais homens. Numa sociedade que ainda não está em equilíbrio, são precisos incentivos. O meio científico, por si só, é muito competitivo. Costuma dizer-se 'publish or perish', temos de publicar para ter financiamento. Quando temos filhos, não conseguimos ter o mesmo rendimento." Mas depois também há escolhas. Quando estava nos EUA, ofereceram-lhe a oportunidade de subir, mas quis voltar para constituir família. Tem dois filhos, o mais pequeno com dez meses. "Há desigualdade, mas não creio que haja apenas um fator para haver mais homens em cargos de topo, também há opções que fazemos pelas coisas a que damos valor".

27/02/2019 12:31

Marta F. Reis

Dores de costas, minhocas marinhas, lúpus e cérebro. Conheça o trabalho das cientistas do ano

Tipo Meio: Internet

Data Publicação: 27/02/2019

Meio: i Online

Autores: Marta Ferreira Reis

URL: http://www.pt.cision.com/s/?l=dbd1317

Diana Madeira, Joana Cabral, Joana Caldeira e Patrícia Costa Reis são as vencedoras da 15.ª edição das Medalhas de Honra L'Oréal Portugal para as Mulheres na Ciência, um programa internacional que já apoiou 49 jovens investigadoras no país.

Segundo os dados da OCDE, Portugal é o país onde há mais mulheres a estudar ciências e tecnologia. Ainda faz sentido a distinção? O i falou com as quatro investigadoras sobre o trabalho que têm em mãos e sobre o significado do prémio que vai financiar com 15 mil euros cada um dos seus projetos

Diana Madeira. Minhocas marinhas e alterações climáticas

Sempre quis perceber melhor as coisas da natureza, por isso, a biologia tornou-se o caminho natural. Seguiu-se o mestrado em Ecologia Marinha pela Faculdade de Ciências de Lisboa e, depois, o doutoramento, na Nova, já com os desafios das alterações climáticas em mente. Diana Madeira estudou o impacto do ciclo da vida da dourada (e não é pequeno, sobretudo na fase larvar, e, em adulta, quando entra na etapa reprodutiva, explica) e foi daí que deu o salto para a Universidade de Aveiro, onde está a fazer o pós-doutoramento no grupo ECOMARE do Centro de Estudos do Ambiente e do Mar (CESAM). É lá que tem em mãos o projeto agora distinguido pelas Medalhas de Honra L'Oréal Portugal para as Mulheres na Ciência, que premeiam investigadoras entre os 30 e os 36 anos. A ideia é perceber de que forma as alterações climáticas e a poluição vão afetar o crescimento de espécies marinhas que estão na base da cadeia alimentar nos oceanos e, por isso, começaram por trabalhar com pequenos invertebrados. "São espécies de minhocas marinhas que acabam por ser importantes porque são alimentos para muitas outras espécies", explica Diana, de 30 anos. O objetivo é, através de experiências em laboratório, perceber que fatores externos as afetam mais e quão rápido é o organismo a adaptar-se. "O que esperamos é que, ao longo de várias gerações, possa haver uma atenuação dos efeitos nefastos das alterações climáticas nos organismos: a nível molecular, podem ir alterando o metabolismo de forma a sobreviver." Sendo animais mais simples e com uma vida mais curta, conseguem testá-los em laboratório de forma eficaz, mas Diana não descarta a hipótese de, mais tarde, estudarem a capacidade de adaptação até de vertebrados. Se para já estão numa fase de experiências e análise dos resultados, a utilidade do estudo será bastante concreta, sobretudo tendo em conta que estão a usar espécies da costa portuguesa e do Mediterrâneo. "Vai ser possível perceber as vulnerabilidades das espécies, ver os mecanismos que levam a alterações no crescimento e reprodução e, com essa informação, adaptar os planos de conservação para promover a sustentabilidade dos recursos marinhos, perceber quais são as espécies-chave e ter planos para que não haja, no futuro, um colapso das populações." E ainda é necessário um prémio para a ciência no feminino em Portugal? Diana admite que nunca se sentiu discriminada e tem "bons exemplos" à sua volta: tanto o centro na Universidade de Aveiro como o seu grupo são liderados por mulheres. Mas essa ainda não é a realidade em todas as áreas: ainda há aquelas em que homens recebem mais do que mulheres e uma gravidez é motivo de penalização. "Na ciência estamos no bom caminho, mas ainda há dificuldades em conciliar o trabalho com a vida familiar".

Joana Cabral. A matemática ao serviço da psiquiatria

E se um eletroencefalograma ou uma ressonância magnética puder confirmar uma depressão ou a esquizofrenia como hoje se fazem análises para diagnosticar diabetes ou colesterol alto? Ainda não é para já, mas Joana Cabral, de 34 anos, acredita que dentro de quatro ou cinco pode haver mudanças nos consultórios. "A ideia não será nunca substituir os médicos, mas termos melhores sistemas de apoio ao diagnóstico, como hoje se pedem análises ao sangue para fazer um determinado diagnóstico." É nesta área que a investigadora agora distinguida pelos prémios L'Oréal trabalha há uma década, cruzando a matemática com as neurociências. Licenciou-se em Engenharia Biomédica e fez o doutoramento em Neurociência Computacional, tradicionalmente uma área com mais homens do que mulheres, talvez mais por haver interesses diferentes do que por falta de oportunidade, partilha. "Quando fui tirar o doutoramento em Barcelona éramos duas raparigas em 20 pessoas, mas nunca senti barreiras." Antes disso, foi durante o mestrado num departamento de psiquiatria em Oxford que começou a aperceber-se da necessidade de mais ferramentas e conhecimento sobre os mecanismos cerebrais da doença mental: os exames, mesmo feitos muitas vezes em simultâneo, dão resultados díspares; nem sempre se consegue descortinar o que significam e, sobretudo, o que está na sua origem, explica. "Senti que os psiquiatras queriam muito colaborar com os investigadores porque acabam por ter muitos dados de atividade cerebral sem conseguir extrair um sentido." Hoje a trabalhar no Instituto de Ciências da Vida e da Saúde, na Universidade do Minho, o objetivo do projeto que tem em mãos é encontrar um modelo matemático que consiga representar os mecanismos biofísicos que governam a atividade cerebral, uma rede intricada de 100 mil milhões de neurónios interligados, e descobrir marcadores para as diferentes doenças. Publicaram já resultados para perturbações como esquizofrenia e depressão major e estão a trabalhar com o distúrbio obsessivo compulsivo. Quanto ao significado do prémio, Joana destaca dois pontos: em Portugal não há barreiras no acesso à ciência por parte das mulheres mas, noutros países, elas ainda são uma realidade. "Podemos ser uma inspiração para jovens de outros países que não têm as mesmas oportunidades." Cá, acredita sobretudo que faz sentido dar espaço aos jovens investigadores, o que é também uma vertente do galardão. "O problema da ciência para a minha geração não tem tanto a ver com o sexo mas com a idade, a nossa dificuldade é conseguir competir com as pessoas que já estão estabelecidas." A falta de financiamento, que afeta homens e mulheres, é outro. O prémio é, por isso, uma ajuda bem-vinda.

Joana Caldeira. Dores de costas e as células estaminais do futuro

O projeto de Joana Caldeira é destinado a quem sofre de dores de costas crónicas: e se for possível ir além dos anti-inflamatórios, fisioterapia e cirurgia e encontrar outras soluções para um problema que afeta 70% da população ao longo da vida? A resposta, acredita, está no desenvolvimento de novas terapias que consigam ir buscar a capacidade regenerativa da coluna, que existe na fase fetal e desaparece com a idade. Aos 36 anos, a investigadora do Instituto de Engenharia Biomédica e do Instituto de Investigação e Inovação em Saúde i3S, da Universidade do Porto, explica que não começou logo a trabalhar nesta área. Depois de tirar o curso de Microbiologia esteve um ano com uma bolsa de investigação Sevilha, período em que utilizou moscas-das-frutas para descobrir genes que interferem com o aparecimento de cancro gástrico. Seguiu-se o doutoramento nessa área mas, no final do trabalho, começou a interessar-se pelo estudo da matriz extracelular. "No fundo, é perceber tudo o que não são células nos tecidos, as paredes do edifício." Havia pontos em comum entre a doença oncológica e a regeneração que ocorre no quotidiano quando nos queimamos ou fazemos uma ferida. "Ambas envolvem um processo de inflamação em que o tecido está muito desregulado." Daí, a pergunta passou a ser como otimizar o processo regenerativo, por exemplo, em doenças do envelhecimento e surgiu então a oportunidade de perceber melhor a recuperação da dor lombar, que resulta da degeneração dos discos intervertebrais. Aqui entra a ciência de ponta: no trabalho que está a desenvolver, a ideia é usar a nova tecnologia de edição genética CRISPR - que funciona como um processador de texto no ADN e permite manipular as células - para fazer sobressair genes que, durante a fase fetal, promovem uma boa regeneração dos discos e que, com a idade, são desligados. "Hoje há terapias em estudo com células estaminais, mas estas células sobrevivem pouco tempo. Pensamos que esta tecnologia vai permitir desempenharem melhor a sua função" - no fundo, criar uma nova geração de "células estaminais 2.0", mais eficazes. "Estamos a estudar o conceito para a

dor lombar, mas pode ser útil noutras doenças", diz. Para já, estão a fazer a "prova de conceito" em culturas de células. Depois, terão de confirmar o processo com modelos animais. Até chegar à clínica seriam oito a dez anos. Com dois filhos pequenos, de três e seis anos, Joana conta que depois de ser mãe se tornou mais complicado gerir o horário e que se leva algum tempo a recuperar do tempo em casa de licença de maternidade, mas nunca se sentiu discriminada. "Acabamos por trabalhar menos horas, mas naquelas horas temos de dar mais e também nos organizamos melhor".

Patrícia Costa Reis. A luta contra o lúpus de uma pediatra-cientista

Desde pequena que queria ser professora ou investigadora, mas primeiro veio a medicina. A meio do internato de pediatria, o bichinho da ciência tornou a aparecer. "Via muitas crianças com doenças autoimunes, com lúpus, e queria ter mais respostas. Num estágio em Nova Iorque, contactei com a realidade dos investigadores médicos, pessoas que fazem clínica mas também estão no laboratório. É uma relação muito frutífera: da prática clínica saem as perguntas que alimentam a investigação", conta Patrícia. Aos 36 anos, é investigadora médica no Hospital de Santa Maria, embora cá ainda não exista essa figura, o que não a demoveu: acredita que juntar as linguagens da medicina e da ciência traz novas pistas, mesmo que tire noites de sono. "Cá não existe a carreira. Por isso, as pessoas que fazem clínica e investigação basicamente fazem isto no tempo livre." É nesse tempo livre, em dias que parecem esticar e em que lida com casos graves de crianças em hemodiálise ou que precisam de transplante, que tem desenvolvido o seu trabalho em torno do lúpus. Na base do projeto agora distinguido está uma pergunta de fundo: é uma doença em que o sistema imunitário está desregulado, fica cronicamente inflamado e ataca o próprio organismo; o que estará na origem desta resposta? Ao estudar mulheres com lúpus percebeu que tinham mais lipopolissacarídeos no sangue. "Têm mais bocadinhos de bactérias em circulação", descomplica. Surgiu a hipótese que quer explorar: um dos fatores por trás da doença pode ser uma maior permeabilidade do intestino. Ao deixar passar bactérias, este leva o sistema imunitário a reagir, o que poderá ser alterado mudando o paradigma do tratamento: hoje usam--se imunossupressores, mas a solução pode estar em vacinas ou antibióticos. "É um bocadinho uma loucura, mas começa a haver fundamentação científica." Ainda é necessário um prémio para a ciência no feminino? "Gosto de acreditar que o meu projeto valeria o mesmo se estivesse a concorrer com homens. Numa sociedade equilibrada, não faz sentido. Mas a ciência espelha aquilo que é a sociedade. Mesmo em medicina: entram mais mulheres, mas no topo da carreira temos mais homens. Numa sociedade que ainda não está em equilíbrio, são precisos incentivos. O meio científico, por si só, é muito competitivo. Costuma dizer-se 'publish or perish', temos de publicar para ter financiamento. Quando temos filhos, não conseguimos ter o mesmo rendimento." Mas depois também há escolhas. Quando estava nos EUA, ofereceram-lhe a oportunidade de subir, mas quis voltar para constituir família. Tem dois filhos, o mais pequeno com dez meses. "Há desigualdade, mas não creio que haja apenas um fator para haver mais homens em cargos de topo, também há opções que fazemos pelas coisas a que damos valor".

27/02/2019 12:31

Marta F. Reis

CISION

Jornal de Notícias

ID: 79282240

27-02-2019

Meio: Imprensa
País: Portugal
Period.: Diária
Âmbito: Informação Geral

Pág: 10
Cores: Cor
Área: 25,50 x 30,00 cm²
Corte: 1 de 2

Ciência no feminino

Quatro jovens investigadoras recebem hoje as Medalhas de Honra L'Oréal, na sua 15.ª edição

DISTINÇÃO Do lúpus às redes cerebrais, passando pela vida nos oceanos e pelos discos intervertebrais. Quatro projetos de investigação de quatro jovens cientistas portuguesas que são hoje distinguidas com as Medalhas de Honra L'Oréal Portugal para as Mulheres na Ciência.

Patrícia Costa Reis, do Hospital de Santa Maria e da Faculdade de Medicina da Universidade de Lisboa; Joana Cabral, do Instituto de Investigação em Ciências da Vida e da Saúde da Universidade do Minho; Joana Cabral, do i3S da Universidade do Porto; e Diana Madeira, do CESAM/ECOMARE da Universidade de Aveiro foram as quatro escolhidas entre mais de 70 candidatas por um júri presidido por Alexandre Quintanilha. Cada uma receberá um prémio de 15 mil euros.

"Portugal está a fazer um percurso positivo na igualdade de oportunidades e no reconhecimento das mulheres na área da Ciência, porém há ainda muito por fazer, sobretudo nos lugares de topo", frisa a CEO da L'Oréal Portugal, Cátia Martins. A empresa, refira-se, premiou já em Portugal, em 15 anos, 49 investigadoras. E desde 1998 apoiou mais de 3100 cientistas em 117 países. ● JOANA AMORIM

REPORTAGEM



PATRÍCIA COSTA REIS, 36 anos
Inst. Med. Molecular/ Hosp. Santa Maria

Entre o consultório e o laboratório

UNIVERSIDADE DE LISBOA Patrícia é médica. pediatra. A investigação é uma "extensão" de si, da sua atividade clínica. O seu foco está no lúpus. Dedicou-lhe o seu doutoramento, no Children's Hospital of Philadelphia, nos EUA. Agora, quer perceber se os doentes com lúpus, nomeadamente as crianças, têm uma maior permeabilidade do intestino, o que permite a passagem de bactérias para o sangue, contribuindo assim para a ativação crónica do sistema imunitário. Com esta investigação, pretende chegar a formas de "tratamento mais eficazes e com menos efeitos adversos". Pela frente tem um enorme desafio. "A inexistência de tempo protegido para fazer Ciência". Porque é médica-investigadora, carreira que não existe em Portugal. Sendo a "exigência da atividade clínica enorme", a "atividade científica é realizada nos escassos tempos livres", afirma ao JN. O que, na sua opinião, explica que seja cada vez "menor o número de médicos verdadeiramente envolvidos na investigação científica". Aos 36 anos, Patrícia Costa Reis, mulher, mãe, pediatra, professora, cientista, frisa ser "fundamental quebrar o ciclo". ● J.A.



JOANA CABRAL, 35 anos
Inst. Investigação Ciências Vida e Saúde

A matemática à descoberta do cérebro

UNIVERSIDADE DO MINHO Representar as redes funcionais em que se organiza o cérebro humano através da matemática. A isso mesmo se propõe a investigadora Joana Cabral, com pós-doutoramento em Oxford. Se hoje sabemos como cada neurónio é capaz de disparar um sinal elétrico, a forma como se organiza a sua atividade conjunta permanece um mistério. Aos 35 anos, a cientista do Minho irá comparar resultados das suas simulações teóricas com a atividade cerebral registada através de ressonância magnética funcional e de eletroencefalografia em participantes saudáveis. Para Joana, a Ciência é uma vocação. Que, diz, nasce "com o desejo de descobrir e de usar o raciocínio lógico para perceber como funcionam as coisas e descobrir coisas nunca antes imaginadas". Vocação financiada "nos últimos 11 anos sem interrupções através de bolsas e projetos europeus para continuar como investigadora a 100%", reconhece Joana Cabral. Que não esquece o apoio da FCT neste seu percurso. "Quanto mais óbvio se tornar o retorno do investimento em investigação científica, mais emprego científico será gerado", conclui. ● J.A.



DIANA MADEIRA, 30 anos
CESAM/ECOMARE

Homenagem ao mar e à mulher

UNIVERSIDADE DE AVEIRO Tudo começou com o doutoramento, que concluiu com apenas 28 anos. Quis perceber quais os efeitos do aquecimento global no ciclo de vida da dourada. Agora, Diana quer compreender de que modo os organismos marinhos estão a responder às alterações climática e à poluição. Quais os mecanismos moleculares e celulares que estes organismos induzem para fazer face às agressões ambientais. Focada na sustentabilidade dos oceanos, o prémio que hoje recebe não a poderia honrar mais. Por ver a "investigação relacionada com o mar ser distinguida em Portugal, um país com uma enorme riqueza e extensão de recursos marinhos e que necessitam de estratégias de conservação que promovam a sustentabilidade ambiental", frisa ao JN. Homenageado o mar, homenageia-se a mulher, as mulheres na Ciência. Que "têm que ter uma capacidade admirável de harmonização de tarefas para que, no final do dia, contribuam para um Mundo melhor em ambas as frentes". Às jovens mulheres, pede Diana, também ela jovem, que "acreditem sempre no seu potencial e sigam os seus objetivos". ● J.A.



JOANA CALDEIRA, 35 anos
i3S Inst. Inv. e Inovação em Saúde

Investigação de todos e para todos

UNIVERSIDADE DO PORTO A dor lombar causada pela degeneração dos discos intervertebrais afeta mais de 70% da população mundial. Com impactos económicos da ordem dos 150 mil milhões de euros, que qualquer coisa como 150 milhões de dias de baixa médica ajudam a explicar. A cientista do Porto propõe-se agora utilizar a tecnologia de edição genética CRISPR para a regeneração dos discos intervertebrais. O objetivo é "reativar genes típicos do microambiente fetal com o objetivo de potenciar as atuais terapias regenerativas com células estaminais". Joana Caldeira, que já teve de viajar para uma conferência com um bebé de apenas dois meses – tem dois filhos –, sabe da exigência do tempo. Da importância do tempo. A que se junta a "falta de financiamento para a Ciência e a falta de uma visão estratégica em termos da carreira científica". A resposta pode estar nas mãos dos próprios cientistas. Como? "Sensibilizando a sociedade para a importância do que fazemos e mostrar ao público que a Ciência é de todos e para todos". O que, acredita, daria também um impulso na "angariação de fundos privados para a Ciência". ● J.A.

CISION

ID: 79282240

Jornal de Notícias

27-02-2019

Meio: Imprensa
País: Portugal
Period.: Diária
Âmbito: Informação Geral

Pág: 1
Cores: Cor
Área: 4,49 x 6,58 cm²
Corte: 2 de 2



jn.pt Diário. Ano 131. N.º 271. Preço: 1,10€ Quarta-feira 27 de fevereiro de 2019 Diretor Domingos de Andrade / Diretores-adjuntos Inês Cardoso, Manuel Molinos e Pedro Ivo Carvalho / Diretor de Arte Pedro Pimentel

Médicos retiram mama a mulher por engano P. 16

JN
Jornal de Notícias



Febre da dança embala negócios P. 36

Partidos alinhados na urgência de apoiar a Imprensa

Deputados ouvidos pelo JN após alerta do presidente da República P. 14 e 15

Ciência Quatro projetos no feminino premiados P. 10





IVAN DEL VAL/GLOBAL IMAGENS

TAÇA DE PORTUGAL
F. C. Porto 3-0 Braga

FINAL NOS BRAÇOS DOS DRAGÕES P. 4 e 5

Campeão arranca resultado confortável e grande exibição

Soares festeja o segundo golo com Otávio e Alex Telles, autor do primeiro

Investigada suspeita de ilegalidades nas contas da Escola de Bombeiros

Em causa está a aplicação indevida e o desvio de fundos para fins não contratados. Proteção Civil passa a pente fino três anos de gestão Página 6

Saúde Supremo valida requisição civil de enfermeiros P. 7

Concursos Lei admite acesso de empresas envolvidas em cartel P. 11

Energia Mexia acusa Estado de prejudicar os consumidores P. 12

Hacker Rui Pinto aponta conflito de interesses a magistrado P. 18



Dívidas deixam família a viver à porta do prédio

Câmara da Maia recusa realojar agregado com rendimentos P. 25

Benfica Em 20 tentativas no Porto águias só saíram uma vez na frente P. 44

Bióloga da UA ganha Prémio Mulheres na Ciência

Tipo Meio: Internet Data Publicação: 27/02/2019

Meio: Notícias de Aveiro Online

URL: https://www.noticiasdeaveiro.pt/biologa-da-ua-ganha-premio-mulheres-na-ciencia/

2019-02-27 10:27:53+00:00

Diana Madeira, investigadora do Centro de Estudos do Ambiente e do Mar da UA.

Diana Madeira, investigadora do Centro de Estudos do Ambiente e do Mar (CESAM) e do Departamento de Biologia da Universidade de Aveiro (UA) é uma das vencedoras da 15ª edição das Medalhas de Honra L'Oréal Portugal para as Mulheres na Ciência.

O prémio de 15 mil euros, que é entregue hoje em Lisboa, distingue o trabalho da investigadora na área do ambiente, refere o site UA_online (ler artigo).

Publicidade, Serviços & Donativos

The (four) Portuguese scientists who want to improve the lives of all

Tipo Meio: Internet

Data Publicação: 27/02/2019

Meio: PortugaliNews Online

Autores: Patrícia Pilar

URL: http://www.pt.cision.com/s/?l=7ee97f7

At a time when women are increasingly debating women and their role in society, there are four more prominent Portuguese women. heir projects in the area of he

At a time when women are increasingly debating women and their role in society, there are four more prominent Portuguese women.
Their projects in the area of health and environment are the great winners of the 15th edition of the Medals of Honor L'Oréal Portugal. Come and meet the scientists Patrícia Costa Reis, Diana Madeira, Joana Cabral and Joana Caldeira, and their innovative projects.

Can the chronic immune system activation in lupus patients be related to the permeability of your gut? And will mathematics be able to represent the functional networks in which the human brain is organized? Can the technology help regenerate intervertebral discs? Will marine organisms adapt over generations to an ocean pressured by climate change and pollution?

In the 15th edition of the Medals of Honor L'Oréal Portugal were distinguished the scientific projects of four Portuguese who seek answers to these doubts in the area of lupus, intervertebral discs, brain networks and life in the oceans. And although they are from very different regions of the country have a common goal: to improve the quality of life of the population.

With this award, which has already awarded 49 women, L'Oréal Portugal wants not only to support innovative research on women and to motivate them to pursue relevant studies in the areas of health and environment, simultaneously contributing to "inspire a science and a most inclusive and equitable society stand out in science. "

It should be noted that the four researchers - doctorates and between the ages of 30 and 36 - were selected from more than 70 candidates and thus entered the range of more than 3,000 scientists who have already been supported by the program L'Oréal- UNESCO for Women in Science in 117 countries.

Who are the four scientists and the innovative paths that are treading

Patrícia Costa Reis, a pediatrician, and teacher from Lisbon wants to understand if patients with lupus have a greater permeability of the intestine. What, if confirmed, could be responsible for the passage of bacteria therein (in the intestine) into the bloodstream and thus contribute to the chronic activation of the immune system. Lupus, it is underlined, is a complex autoimmune disease in which the immune system is chronically activated and attacks the body itself.

By analyzing the permeability of the gut and all of the microorganisms therein, you can establish the necessary basis for new therapeutic strategies, such as antibiotics or vaccines that alter the microbiome and help control the immune system and disease activity.

Diana Madeira, the researcher at CESAM / ECOMARE, wants to understand how, over a number of generations, marine organisms are responding to climate change and pollution. Their research aims to

know the molecular and cellular mechanisms that marine invertebrates induce to respond to these environmental pressures and in what way these mechanisms are related to their survival capacity and their reproductive success. Even because, he points out, most studies conducted so far have analyzed only what happens to marine organisms over a generation.

Joana Cabral, a researcher at ICVS, believes that mathematics is the key to understanding the complex network of the human brain and its 100 billion neurons. Despite the increasingly detailed characterizations of its structure and activity, its functioning cannot yet be explained. But Joana Cabral wants to provide a unifying theoretical model capable of representing the biophysical mechanisms that govern brain activity.

Based on the premise that our brain is organized in functional networks that simultaneously and recurrently activate in healthy people, it is also known that they are altered in individuals with different neurological and psychiatric diseases so that we perceive them may have a preponderant impact on the understanding of these diseases. Joana Cabral will resort to mathematical models that represent the behavior of coupled dynamical systems and will apply them to Structural Conectoma.

Joana Caldeira, the biomedical engineer of INEB and i3S, wants to use CRISPR (CRISPR / Cas9) genetic editing technology for the regeneration of intervertebral discs. With this tool, it will re-activate genes typical of the fetal microenvironment to potentiate the current regenerative therapies with stem cells. It should be noted that more than 70% of the world's population is affected by low back pain caused by degeneration of intervertebral discs and current treatments are not effective in the long term.

Effective treatment in this area would benefit millions of people, reducing the number of years of disability. In the case of degenerative disc disease, these years on average exceed those recorded in diseases such as AIDS, tuberculosis and lung cancer. Likewise, Joana's project, christened CRISPR4DISC, would help reduce annual global losses that, according to the researcher, are expected to be around 150 billion euros/year, partly due to about 150 million days of medical leave.

2019-02-27 11:20:34+00:00

patricia pilar

Descobertas sobre lúpus, discos intervertebrais, cérebro e vida no oceano distingue 4 cientistas portuguesas

Tipo Meio: Internet Data Publicação: 27/02/2019

Meio: Sapo Online - Sapo Lifestyle Online

URL: http://www.pt.cision.com/s/?l=52104867

2019-02-27T00:00:49Z

Patrícia Costa Reis, pediatra no Hospital de Santa Maria, Joana Cabral, investigadora da Universidade do Minho, Joana Caldeira, da Universidade do Porto, e Diana Madeira, da Universidade de Aveiro, são as vencedoras da 15ª edição das "Medalhas de Honra para as Mulheres na Ciência" da L'Oreal Portugal.

Será que a ativação crónica do sistema imunitário nos doentes com lúpus pode estar relacionada com a permeabilidade do seu intestino? Será a matemática capaz de representar as redes funcionais em que se organiza o cérebro humano? Será possível regenerar os discos intervertebrais combinando tecnologias de edição genética e terapias estaminais? Será que, ao longo de gerações, os organismos marinhos conseguem adaptar-se a um oceano pressionado pelas alterações climáticas e pela poluição?

Estas são algumas das linhas orientadoras dos quatro projetos distinguidos pela 15ª edição das "Medalhas de Honra L'Oréal Portugal para as Mulheres na Ciência", que destaca o trabalho das quatro jovens investigadoras. Já doutoradas e com idades entre os 30 e os 36 anos, as vencedoras foram selecionadas entre mais de 70 candidatas por um júri científico, presidido por Alexandre Quintanilha.

Cada uma é reconhecida com um prémio individual de 15 mil euros, que visa apoiá-la na sua pesquisa e motivá-la a prosseguir estudos relevantes nas áreas da saúde e ambiente, assim como inspirar um ciência e uma sociedade mais inclusiva e equitativa.
As fotos das investigadoras

As fotos das investigadores vencedoras das Medalhas de Honra para as Mulheres na CiênciaCada uma é reconhecida com um prémio individual de 15 mil euros, que visa apoiá-la na sua pesquisa e motivá-la a prosseguir estudos relevantes nas áreas da saúde e ambiente, assim como inspirar um ciência e uma sociedade mais inclusiva e equitativa." data-title="As fotos das investigadores vencedoras das Medalhas de Honra para as Mulheres na Ciência - Descobertas sobre lúpus, discos intervertebrais, cérebro e vida no oceano distingue 4 cientistas portuguesas - SAPO Lifestyle"

As fotos das investigadores vencedoras das Medalhas de Honra para as Mulheres na CiênciaJoana Cabral doutorou-se em Neurociência Teórica e Computacional (2012) em Barcelona, logo após concluir o curso de Engenharia Biomédica em Portugal. Após um pós-doutoramento em Oxford, regressou a Portugal como investigadora no ICVS, mantendo um extenso leque de colaborações internacionais. Joana é casada e tem dois filhos, de 3 e 4 anos.

" data-title="As fotos das investigadores vencedoras das Medalhas de Honra para as Mulheres na Ciência - Descobertas sobre lúpus, discos intervertebrais, cérebro e vida no oceano distingue 4 cientistas portuguesas - SAPO Lifestyle"

As fotos das investigadores vencedoras das Medalhas de Honra para as Mulheres na CiênciaJoana

Cabral doutorou-se em Neurociência Teórica e Computacional (2012) em Barcelona, logo após concluir o curso de Engenharia Biomédica em Portugal. Após um pós-doutoramento em Oxford, regressou a Portugal como investigadora no ICVS, mantendo um extenso leque de colaborações internacionais. Joana é casada e tem dois filhos, de 3 e 4 anos.

" data-title="As fotos das investigadores vencedoras das Medalhas de Honra para as Mulheres na Ciência - Descobertas sobre lúpus, discos intervertebrais, cérebro e vida no oceano distingue 4 cientistas portuguesas - SAPO Lifestyle"

As fotos das investigadores vencedoras das Medalhas de Honra para as Mulheres na CiênciaDurante o seu doutoramento em Biomedicina (2011), Joana Caldeira dedicou-se à identificação de novos genes associados ao cancro gástrico. Quando entrou no INEB, que agora integra o i3S, começou a interessar-se pela regeneração do disco intervertebral através da modulação da matriz extracelular. Joana é casada e tem dois filhos de 5 e 3 anos." data-title="As fotos das investigadores vencedoras das Medalhas de Honra para as Mulheres na Ciência - Descobertas sobre lúpus, discos intervertebrais, cérebro e vida no oceano distingue 4 cientistas portuguesas - SAPO Lifestyle"

As fotos das investigadores vencedoras das Medalhas de Honra para as Mulheres na CiênciaDurante o seu doutoramento em Biomedicina (2011), Joana Caldeira dedicou-se à identificação de novos genes associados ao cancro gástrico. Quando entrou no INEB, que agora integra o i3S, começou a interessar-se pela regeneração do disco intervertebral através da modulação da matriz extracelular. Joana é casada e tem dois filhos de 5 e 3 anos." data-title="As fotos das investigadores vencedoras das Medalhas de Honra para as Mulheres na Ciência - Descobertas sobre lúpus, discos intervertebrais, cérebro e vida no oceano distingue 4 cientistas portuguesas - SAPO Lifestyle"

As fotos das investigadores vencedoras das Medalhas de Honra para as Mulheres na CiênciaPatrícia Costa Reis dedicou o seu doutoramento ao estudo do lúpus no Children's Hospital of Philadelphia, nos Estados Unidos. Como médica, dedica-se à Nefrologia e Transplantação Renal Pediátrica e à Reumatologia Pediátrica e concilia a prática clínica com a docência e a investigação. Patrícia é casada e tem dois filhos, um de 4 anos e outro de 9 meses." data-title="As fotos das investigadores vencedoras das Medalhas de Honra para as Mulheres na Ciência - Descobertas sobre lúpus, discos intervertebrais, cérebro e vida no oceano distingue 4 cientistas portuguesas - SAPO Lifestyle"

As fotos das investigadores vencedoras das Medalhas de Honra para as Mulheres na CiênciaPatrícia Costa Reis dedicou o seu doutoramento ao estudo do lúpus no Children's Hospital of Philadelphia, nos Estados Unidos. Como médica, dedica-se à Nefrologia e Transplantação Renal Pediátrica e à Reumatologia Pediátrica e concilia a prática clínica com a docência e a investigação. Patrícia é casada e tem dois filhos, um de 4 anos e outro de 9 meses." data-title="As fotos das investigadores vencedoras das Medalhas de Honra para as Mulheres na Ciência - Descobertas sobre lúpus, discos intervertebrais, cérebro e vida no oceano distingue 4 cientistas portuguesas - SAPO Lifestyle"

As fotos das investigadores vencedoras das Medalhas de Honra para as Mulheres na CiênciaDiana Madeira doutorou-se em Química Sustentável em 2016, com apenas 28 anos, e no ano seguinte iniciou o projeto de investigação que continua a aprofundar: a plasticidade transgeracional dos invertebrados marinhos às alterações globais. Diana é casada e não tem filhos." data-title="As fotos das investigadores vencedoras das Medalhas de Honra para as Mulheres na Ciência - Descobertas sobre lúpus, discos intervertebrais, cérebro e vida no oceano distingue 4 cientistas portuguesas - SAPO Lifestyle"

As fotos das investigadores vencedoras das Medalhas de Honra para as Mulheres na CiênciaDiana Madeira doutorou-se em Química Sustentável em 2016, com apenas 28 anos, e no ano seguinte iniciou o projeto de investigação que continua a aprofundar: a plasticidade transgeracional dos invertebrados marinhos às alterações globais. Diana é casada e não tem filhos." data-title="As fotos das investigadores vencedoras das Medalhas de Honra para as Mulheres na Ciência - Descobertas sobre lúpus, discos intervertebrais, cérebro e vida no oceano distingue 4 cientistas portuguesas -

SAPO Lifestyle"

"Portugal está a fazer um percurso positivo na igualdade de oportunidades e no reconhecimento das mulheres na área da ciência porém há ainda muito por fazer sobretudo nos lugares de topo", refere Cátia Martins, CEO da L'Oréal Portugal, sublinhando que "a L'Oréal continuará a dar o seu contributo, em Portugal e nos mais de 120 países onde está presente, para desafiar mentalidades e promover a igualdade de género na ciência".

De acordo com um estudo da Deloitte, apenas 13% dos cargos de direção das empresas cotadas em bolsa são ocupados por mulheres. Estes números fazem de Portugal um dos países europeus com a menor representação de executivas no topo das sociedades.
Quem são e o que fazem?Diana Madeira, 30 anos
Diana Madeira doutorou-se em Química Sustentável em 2016, com apenas 28 anos, e no ano seguinte iniciou o projeto de investigação que continua a aprofundar: a plasticidade transgeracional dos invertebrados marinhos às alterações globais. Diana é casada e não tem filhos.

Continuar a ler

"Será que, ao longo de várias gerações, os organismos marinhos vão conseguir responder e adaptar-se a um oceano cada vez mais pressionado pelas alterações climáticas e pela poluição?", questiona. Porque o planeta e a vida como os conhecemos dependem da sustentabilidade dos oceanos, Diana Madeira quer compreender o modo como, ao longo de várias gerações, os organismos marinhos estão a responder às alterações climáticas e à poluição que têm vindo a pressionar de forma crescente o equilíbrio dos oceanos e da vida que neles existe.

A investigadora do CESAM/ECOMARE, da Universidade de Aveiro, pretende conhecer quais são os mecanismos moleculares e celulares que os invertebrados marinhos induzem para responder a estas pressões ambientais e de que forma estes mecanismos estão relacionados com parâmetros como a sua capacidade de sobrevivência e o seu sucesso reprodutivo.

Até ao momento, a maioria dos estudos realizados neste âmbito tem analisado o que sucede aos organismos marinhos apenas ao longo de uma geração. "Este limite temporal implica outros limites, quer os que se relacionam com a nossa capacidade de previsão sobre o que poderá acontecer a longo prazo, quer os que dizem respeito ao nosso conhecimento sobre a vulnerabilidade e agilidade que têm os diferentes organismos marinhos para lidar com o stress ao longo de várias gerações", refere a cientista que, no âmbito do seu doutoramento, tinha já aprofundado os efeitos do aquecimento global no ciclo de vida da dourada.

Saber como estes organismos marinhos respondem às pressões do oceano numa escala de tempo mais alargada - ao longo de várias gerações - permitirá conhecer a sua vulnerabilidade às alterações globais e o porquê dessa vulnerabilidade, e descobrir quais os mecanismos de plasticidade que alguns conseguem desenvolver ao longo de gerações para melhor sobreviverem e se reproduzirem.

Este conjunto de informação é essencial para melhorar a gestão dos recursos marinhos e a sustentabilidade dos oceanos, e para poder fazê-lo numa lógica de longo prazo.

Joana Cabral, 35 anos
Joana doutorou-se em Neurociência Teórica e Computacional (2012) em Barcelona, logo após concluir o curso de Engenharia Biomédica em Portugal. Após um pós-doutoramento em Oxford, regressou a Portugal como investigadora no ICVS, mantendo um extenso leque de colaborações internacionais. Joana é casada e tem dois filhos, de 3 e 4 anos.

"Será possível representar matematicamente as redes funcionais em que se organiza o cérebro humano saudável e entender porque se encontram alteradas em doentes neurológicos e psiquiátricos?". É isso o que Joana quer descobrir.

Sabemos como cada neurónio é capaz de disparar um sinal elétrico e conhecemos também o Conectoma estrutural, que explica a existência de ligações nervosas entre as diferentes partes do cérebro

Com cerca de 100 mil milhões de neurónios interligados, o cérebro humano é das redes mais complexas da natureza, e apesar das caracterizações cada vez mais detalhadas da sua estrutura e atividade, o seu funcionamento ainda não se consegue explicar. Mas Joana Cabral acredita que a matemática, com os seus princípios universais, conseguirá fornecer um modelo teórico unificador e capaz de representar os mecanismos biofísicos que governam a atividade cerebral.

"Sabemos como cada neurónio é capaz de disparar um sinal elétrico e conhecemos também o Conectoma estrutural, que explica a existência de ligações nervosas entre as diferentes partes do cérebro, mas continuamos sem saber como se organiza a atividade conjunta de milhares de neurónios, através da qual se formam os padrões que estão, em última análise, na origem dos nossos comportamentos", refere a investigadora, explicando que os avanços recentes nos métodos de análise de Ressonância Magnética Funcional (fMRI) revelaram já que o nosso cérebro está organizado em redes funcionais, ou seja, há zonas distantes do cérebro que se ativam em simultâneo e de forma recorrente.

Estas redes funcionais são observadas em pessoas saudáveis mas encontram-se alteradas em indivíduos com diferentes doenças neurológicas e psiquiátricas, pelo que percebê-las poderá vir a ter um impacto preponderante no entendimento destas doenças.

No âmbito da sua investigação fundamental, Joana Cabral vai recorrer a modelos matemáticos que representam o comportamento de sistemas dinâmicos acoplados e vai aplicá-los ao Conectoma estrutural. "Quero verificar se os padrões de atividade cerebral aparentemente distintos, registados com electroencefalografia (EEG) e fMRI, são expressões diferentes da dinâmica subjacente da rede cerebral", afirma a investigadora, referindo que existem descrições recentes de fenómenos semelhantes que emergem espontaneamente de redes sintéticas, governados por princípios matemáticos universais.

Para validar se o modelo matemático pode ajudar a desvendar mais um mistério do cérebro, comparará os resultados das suas simulações teóricas com a atividade cerebral registada simultaneamente através de fMRI e EEG em participantes saudáveis no Instituto de Investigação em Ciências da Vida e Saúde (ICVS) da Universidade do Minho, em parceria com o Centro Clínico Académico do Hospital de Braga.

Joana Caldeira, 35 anos

Durante o seu doutoramento em Biomedicina (2011), Joana Caldeira dedicou-se à identificação de novos genes associados ao cancro gástrico. Quando entrou no INEB, que agora integra o i3S, começou a interessar-se pela regeneração do disco intervertebral através da modulação da matriz extracelular. Joana é casada e tem dois filhos de 5 e 3 anos.

"Será possível regenerar os discos intervertebrais através de um processo pioneiro que conjuga a tecnologia de edição genética CRISPR e as terapias com células estaminais?", pergunta Joana Caldeira.

Mais de 70% da população mundial é afetada por dor lombar causada pela degeneração dos discos intervertebrais e os tratamentos atuais não são eficazes a longo prazo.

Joana Caldeira quer utilizar a tecnologia de edição genética CRISPR (CRISPR/Cas9) para a regeneração dos discos intervertebrais. A investigadora irá recorrer a esta ferramenta para reativar genes típicos do microambiente fetal com o objectivo de potenciar as atuais terapias regenerativas com células estaminais. "Com esta tecnologia revolucionária poderemos criar uma envolvente acolhedora para as células estaminais utilizadas nas terapias de regeneração do disco, o que promoverá o seu alojamento e sobrevivência no local pretendido", refere a investigadora do i3S.

Tanto pelo processo natural de envelhecimento como por traumas diversos ou por predisposição genética, a dor lombar, causada pela degeneração dos discos intervertebrais , tem um pesado impacto socioeconómico, devido às dores e incapacidade provocadas, ao absentismo laboral e aos custos terapêuticos que lhes estão associados.

Um tratamento eficaz nesta área permitiria beneficiar milhões de pessoas, reduzindo o número de anos vividos com incapacidade, tanto mais que no caso da doença degenerativa do disco estes anos ultrapassam em média os registados em doenças como a SIDA, a tuberculose e o cancro de pulmão. Da mesma forma, ajudaria a diminuir perdas globais anuais que, segundo indica a investigadora, deverão rondar os 150 mil milhões de euros por ano, em parte decorrentes de cerca de 150 milhões de dias de baixa médica.
Será que os doentes com lúpus têm uma maior permeabilidade do intestino, o que permite a passagem das bactérias aí existentes para o sangue, levando à ativação crónica do sistema imunitário?
A concretização deste projeto, batizado como CRISPR4DISC, será um passo significativo na melhoria das já promissoras terapias com células estaminais e abrirá portas para a primeira terapia regenerativa do disco intervertebral baseada na tecnologia CRISPR. Os resultados obtidos criarão as bases de ensaios clínicos pioneiros para inverter a realidade atual.
Patrícia Costa Reis, 36 anos
Patrícia Costa Reis dedicou o seu doutoramento ao estudo do lúpus no Children's Hospital of Philadelphia, nos Estados Unidos. Como médica, dedica-se à Nefrologia e Transplantação Renal Pediátrica e à Reumatologia Pediátrica e concilia a prática clínica com a docência e a investigação. Patrícia é casada e tem dois filhos, um de 4 anos e outro de 9 meses.

Será que os doentes com lúpus têm uma maior permeabilidade do intestino, o que permite a passagem das bactérias aí existentes para o sangue, levando à ativação crónica do sistema imunitário? O lúpus é uma doença autoimune complexa, na qual o sistema imunitário está cronicamente ativado e ataca o próprio organismo. Patrícia Costa Reis quer perceber se os doentes com lúpus têm uma maior permeabilidade do intestino, o que poderá ser responsável pela passagem de bactérias aí existentes para a circulação sanguínea e, assim, contribuir para a ativação crónica do sistema imunitário.

Neste sentido, a investigadora do Instituto de Medicina Molecular e da Faculdade de Medicina da Universidade de Lisboa vai estudar a permeabilidade do intestino e analisar o conjunto dos microrganismos ali existentes, ou seja, o microbioma de doentes com lúpus. Este projeto poderá estabelecer as bases necessárias para novas estratégias terapêuticas, como antibióticos ou vacinas que alterem o microbioma, e, assim, controlem o sistema imunitário e a atividade da doença.

"Além da importância destes dados do ponto de vista clínico, para o desenvolvimento de novas formas de tratamento mais eficazes e com menos efeitos adversos, a confirmar-se esta relação, eles terão impacto também do ponto de vista científico, pois permitem-nos re-equacionar a forma como pensamos na autoimunidade e levarão a novos estudos noutras doenças deste foro", explica Patrícia Costa Reis.

Melhorar o controlo do lúpus e a qualidade de vida dos doentes é o objetivo desta investigadora, professora e médica pediatra, que conhece bem o impacto do lúpus e dos efeitos dos medicamentos hoje usados na vida dos doentes e em particular das crianças. Dor crónica, fadiga, depressão, consultas recorrentes e internamentos são algumas das razões que contribuem para uma vida diferente, em que o insucesso escolar nos mais novos e o desemprego nos mais velhos são ainda elevados.

Newsletter Receba o melhor do SAPO Lifestyle diariamente no seu email. Subscrever Já subscrevi Notificações Os temas mais inspiradores e atuais estão nas notificações do SAPO Lifestyle. Subscrever Na sua rede favorita Siga-nos na sua rede favorita.

[Additional Text]:
As fotos das investigadores vencedoras das Medalhas de Honra para as Mulheres na Ciência - Descobertas sobre lúpus, discos intervertebrais, cérebro e vida no oceano distingue 4 cientistas portuguesas - SAPO Lifestyle
As fotos das investigadores vencedoras das Medalhas de Honra para as Mulheres na Ciência - Descobertas sobre lúpus, discos intervertebrais, cérebro e vida no oceano distingue 4 cientistas portuguesas - SAPO Lifestyle
As fotos das investigadores vencedoras das Medalhas de Honra para as Mulheres na Ciência - Descobertas sobre lúpus, discos intervertebrais, cérebro e vida no oceano distingue 4 cientistas portuguesas - SAPO Lifestyle
As fotos das investigadores vencedoras das Medalhas de Honra para as Mulheres na Ciência - Descobertas sobre lúpus, discos intervertebrais, cérebro e vida no oceano distingue 4 cientistas portuguesas - SAPO Lifestyle
As fotos das investigadores vencedoras das Medalhas de Honra para as Mulheres na Ciência - Descobertas sobre lúpus, discos intervertebrais, cérebro e vida no oceano distingue 4 cientistas portuguesas - SAPO Lifestyle
As fotos das investigadores vencedoras das Medalhas de Honra para as Mulheres na Ciência - Descobertas sobre lúpus, discos intervertebrais, cérebro e vida no oceano distingue 4 cientistas portuguesas - SAPO Lifestyle
As fotos das investigadores vencedoras das Medalhas de Honra para as Mulheres na Ciência - Descobertas sobre lúpus, discos intervertebrais, cérebro e vida no oceano distingue 4 cientistas portuguesas - SAPO Lifestyle
As fotos das investigadores vencedoras das Medalhas de Honra para as Mulheres na Ciência - Descobertas sobre lúpus, discos intervertebrais, cérebro e vida no oceano distingue 4 cientistas portuguesas - SAPO Lifestyle
As fotos das investigadores vencedoras das Medalhas de Honra para as Mulheres na Ciência - Descobertas sobre lúpus, discos intervertebrais, cérebro e vida no oceano distingue 4 cientistas portuguesas - SAPO Lifestyle

SAPO

L´Oréal Portugal premeia quatro cientistas portuguesas

Tipo Meio: Internet Data Publicação: 27/02/2019

Meio: Sábado Online

URL: http://www.pt.cision.com/s/?l=62251325

Diana Madeira, Joana Cabral, Joana Caldeira e Patrícia Costa Reis foram as felizes contempladas na edição 2019. - Última Hora , Sábado

Diana Madeira, Joana Cabral, Joana Caldeira e Patrícia Costa Reis foram as felizes contempladas na edição 2019.

Por Susana Pereira Oliveira - Correio da Manhã

A 15ª edição das "Medalhas de Honra L'Oréal Portugal para as Mulheres na Ciência" premiou esta quarta-feira, no Pavilhão do Conhecimento, em Lisboa, quatro investigadoras portuguesas nas áreas da saúde e do ambiente. Em 15 anos já foram distinguidas 49 jovens investigadoras. Diana Madeira, Joana Cabral, Joana Caldeira e Patrícia Costa Reis foram as felizes contempladas na edição 2019.

O prémio, um valor individual de 15 mil euros que visa apoiar os projetos de investigação das jovens doutoradas, foi atribuído pela L'Oréal Portugal em parceria com a Comissão Nacional da UNESCO e a Fundação para a Ciência e a Tecnologia.

Este ano o júri do concurso foi presidido por Alexandre Quintanilha, físico português, que avaliou mais de 70 candidaturas. Investigações sobre lúpus, discos intervertebrais, redes cerebrais e vida nos oceanos permitiram às quatro cientistas portuguesas a conquista desta medalha.

Diana Madeira é investigadora no CESAM/ECOMAR da Universidade de Aveiro. A jovem, de 30 anos, disse ao Correio da Manhã que se candidatou ao prémio com um projeto onde, juntamente com uma equipa, tenta "perceber como é que os organismos marinhos respondem às alterações climáticas e poluição por metais pesados, numa escola de tempo multigeracional".

Para a cientista, "é uma honra receber este prémio que valoriza o trabalho das mulheres na ciência e na inovação". Depois desta conquista, Diana Madeira afirma ser capaz de concluir o projeto em "um ou dois anos".

Joana Caldeira tem 36 anos e é investigadora em Regeneração dos Discos Intervertebrais - "amortecedores" que temos entre as vértebras - no Instituto de Investigação e Inovação em Saúde (i3D, INEM) da Universidade do Porto. O seu projeto é uma "tentativa de regenerar os discos intervertebrais porque a sua degeneração é responsável pela dor lombar que afeta mais de 70% da população".

A investigadora pretende utilizar a edição do genoma humano através de um sistema chamado CRISPR. Este prémio é um reconhecimento para a cientista que revelou que servirá para "abrir novas portas e possibilitar que se continue a investigação, que se proceda aos passos seguintes, como a validação em modelos animais e depois em ensaios clínicos".

Outra contemplada foi Patrícia Costa Reis, de 36 anos. Pediatra no Hospital de Santa Maria e professora na Faculdade de Medicina da Universidade de Lisboa, Patrícia está a realizar um estudo

sobre lúpus. A médica explicou que o lúpus é "uma doença auto-imune em que existe uma desregulação do sistema imunitário que passa a atacar o próprio corpo. Temos irritações na pele, nas articulações, no coração, nos pulmões, nos rins. Este projeto serve para saber como é que as bactérias que habitam no nosso intestino podem influenciar a atividade do lúpus".

Para Patrícia este prémio "é um grande estímulo para continuar a fazer investigação e conciliar essa atividade com a minha atividade clínica como médica pediatra", finalizou.

A quarta jovem premiada foi Joana Cabral. É investigadora no Instituto de Investigação em Ciências da Vida e Saúde da Universidade do Minho. Tem 35 anos e, sendo engenheira, quer "propor uma nova abordagem para compreendermos o cérebro do ponto de vista da matemática e da física, com diferentes metodologias". Receber a medalha foi "um grande privilégio e é um apoio e uma força para continuar a dedicar a minha vida a este projeto".

As medalhas foram entregues por Cátia Martins (CEO da L'Oréal Portugal), Cecília Arraiana (em representação de Alexandre Quintanilha) e Maria Cavaco Silva (Antiga Primeira Dama).

Cátia Martins aproveitou o momento para referir que a L'Oréal premeia "mulheres inteligentes, curiosas, com vontade de chegar mais longe e com força e capacidade de o fazer." Não deixou de se dirigir às vencedoras referindo que "a ciência precisa de vocês, da mesma forma que o mundo precisa da ciência".

2019-02-27 06:56:44.000

CM

Universidade de Aveiro: CESAM em consórcio internacional para uma pesca sem lixo

Tipo Meio: Internet Data Publicação: 22/02/2019

Meio: Notícias de Aveiro Online

URL: http://www.pt.cision.com/s/?l=b698ef65

2019-02-22 15:59:54+00:00

Docaspesca, Aveiro.

O Centro de Estudos do Ambiente e do Mar (CESAM) da Universidade de Aveiro (UA) integra num projeto de sensibilização sobre os plásticos no Oceano.

O projeto NetTag financiado pelo Executive Agency for Small and Medium-sized Enterprises (EASME), através do European Maritime and Fisheries Fund (EMFF) conta com uma equipa multidisciplinar e internacional de investigadores de várias áreas, refere o site UA_online (ler artigo).

PORTO: JARDINS E PLANTAS NOS TELHADOS PARA COMBATER O CALOR, DIZ ESTUDO DA UNIVERSIDADE DE AVEIRO

Tipo Meio:	Internet	Data Publicação:	22/02/2019
Meio:	Smart Cities Online	Autores:	Frederico Raposo

URL: http://smart-cities.pt/ambiente/porto-2202jardinsareasverdes/

Para combater o aumento das temperaturas e mitigar os riscos associados à cada vez mais frequente ocorrência de ondas de calor, a cidade do Porto precisa de fazer crescer as suas áreas verdes, de instalar pavimentos claros e de tornar verdes as coberturas dos edifícios. Estas são algumas das acções propostas por investigadores do Centro de Estudos do Ambiente e do Mar (CESAM) da Universidade de Aveiro (UA).

Com o objectivo de combater e mitigar os efeitos das alterações climáticas, um grupo de investigadores da Universidade de Aveiro elencou um conjunto de medidas prioritárias especificamente desenhadas para a cidade do Porto, entre as quais se encontra a expansão de parques e áreas verdes, a utilização de vegetação e plantas nos telhados e coberturas dos edifícios e a adopção de cores claras em telhados e pavimentos da cidade.

Os investigadores Carlos Borrego e David Carvalho assinaram o estudo do CESAM que aponta medidas concretas para um problema que afecta "não só o meio ambiente, como a saúde pública" - lê-se em comunicado de imprensa da UA.

"É muito provável" que as ondas de calor resultantes das alterações climáticas venham a aumentar, "até a breve prazo, quer em número quer em intensidade", explica o investigador David Carvalho, que está a trabalhar no grupo de previsão e modelação meteorológica e atmosférica da NASA.

A investigação conduzida pelos especialistas do CESAM começou por simular uma "intensa" onda de calor sobre a cidade do Porto e levou a equipa responsável pelo estudo a apontar uma série de medidas a aplicar, com o objectivo de reduzir os impactos negativos sobre o ambiente e a saúde pública.

Para além das coberturas verdes - uma já conhecida aposta do município, em locais como a Estação da Trindade ou a Praça de Lisboa - os investigadores sugerem, também, a adopção de cores claras nas coberturas dos edifícios e nos pavimentos. "Se as áreas verdes ajudam a diminuir as temperaturas da cidade através das sombras e da capacidade de retirarem calor do ar, os pavimentos de cor clara reflectem a radiação solar", esclarece David Carvalho.

Nas simulações realizadas durante o estudo, as medidas apontadas pelos investigadores revelaram ser capazes de diminuir as temperaturas urbanas "em cerca de um ou dois graus celsius". Para além disso, as medidas, consideradas de "fácil implementação" e de baixo custo pelo co-autor do estudo, devem traduzir-se, também, "em melhorias na qualidade do ar".

Fev 22, 2019

Frederico Raposo

CISION

Diário de Aveiro

ID: 79170830

20-02-2019

Meio: Imprensa
País: Portugal
Period.: Diária
Âmbito: Regional

Pág: 2
Cores: Cor
Área: 17,53 x 20,68 cm²
Corte: 1 de 1

D.R.



Sílvia Coelho, Carlos Borrego, Myriam Lopes, José Eduardo Matos e Olga Cravo

Jogo sensibiliza para a poluição atmosférica

Ambiente "ClairCity" que resulta de uma parceria europeia onde se incluem a UA e a CIRA, simula decisões ambientais

Reduzir o imposto sobre combustíveis fósseis? Construir mais parques verdes? Medidas mais apertadas de eficiência energética nas habitações? Estes são apenas exemplos do tipo de questões à consideração dos participantes no jogo "ClairCity Skylines", no âmbito do projecto europeu "ClairCity – O Papel dos Cidadãos na Redução da Poluição Atmosférica nas Cidades", em que participa a Universidade de Aveiro (UA).

É um jogo com objectivos reais, em versão mobile, disponível no Google Play e na App Store, que inclui Aveiro entre as cidades onde se exercita a gestão ambiental.

Apesar de ser um jogo, os dados que resultam da interacção dos participantes no "ClairCity Skylines" até Março serão usados, pelos investigadores, no sentido de "identificar cenários que possam fundamentar a gestão autárquica na realidade", refere Myriam Lopes, coordenadora científica do projecto na UA, investigadora do Centro de Estudos do Ambiente e do Mar (CESAM) e professora do Departamento de Ambiente e Ordenamento da UA.

Após o mês de Março, o jogo continuará disponível, apenas como jogo.

Parceria envolve 16 instituições

Este projecto tem como objectivo sensibilizar os cidadãos em relação à poluição atmosférica e às emissões de carbono nas cidades, observando como todos contribuem para o problema e de que forma afecta a saúde dos cidadãos e as suas vidas. "De forma inovadora, o projecto coloca nas mãos das pessoas o poder de determinarem as melhores soluções a nível local".

A UA e a Comunidade Intermunicipal da Região de Aveiro (CIRA) são parceiros deste projecto europeu. Trata-se, no total, de uma parceria que envolve 16 instituições, nomeadamente, seis entidades autárquicas em seis países diferentes, três universidades, uma agência governamental e entidades multinacionais não-governamentais.

Apesar de ser um jogo, os dados serão usados para "identificar cenários que possam fundamentar a gestão autárquica"

O projecto tem duração de quatro anos, com conclusão prevista para 2020.

"É fundamental o contributo dos municípios enquadrado no trabalho em rede regional, próprio da CIRA, ampliado para uma dimensão internacional, através de projectos como este", salienta José Eduardo Matos, secretário executivo da CIRA.

Em breve, anuncia Myriam Lopes, será lançada um concurso dirigido a alunos dos 13 aos 16 anos, do 3.º Ciclo, que pressupõe o preenchimento de um questionário "online", sobre práticas, consumos e impactos na cidade, em casa e na escola.

Após a avaliação dos questionários preenchidos, serão escolhidos os premiados.

Jogo ClairCity simula decisões de gestão ambiental na vida real

Tipo Meio: Internet Data Publicação: 19/02/2019

Meio: Revista O Instalador Online

URL: http://www.pt.cision.com/s/?l=eb26edda

Jogo ClairCity simula decisões de gestão ambiental na vida real
19-02-2019

Reduzir o imposto sobre combustíveis fósseis? Construir mais parques verdes? Medidas mais apertadas de eficiência energética nas habitações? Estes são apenas exemplos do tipo de questões à consideração dos participantes no jogo "ClairCity Skylines", no âmbito do projeto europeu "ClairCity - O Papel dos Cidadãos na Redução da Poluição Atmosférica nas Cidades", em que participa a Universidade de Aveiro (UA).

Trata-se de um jogo com objetivos reais, em versão mobile disponível no Google Play e na App Store, que inclui Aveiro, entre as cidades onde se exercita a gestão ambiental.

Apesar de um jogo, os dados que resultam da interação dos participantes no "ClairCity Skylines", até março, serão usados pelos investigadores no sentido de identificar cenários que possam fundamentar a gestão autárquica na realidade, refere Myriam Lopes, coordenadora científica do projeto na UA, investigadora do Centro de Estudos do Ambiente e do Mar (CESAM) e professora do Departamento de Ambiente e Ordenamento da UA.

Após o mês de março, o jogo continuará disponível continuando apenas como jogo. Desde o início do ano que a região de Aveiro aparece entre os locais que podem ser escolhidos para jogar.

O jogo foi desenvolvido no âmbito do projeto europeu de investigação ClairCity - "O Papel dos Cidadãos na Redução da Poluição Atmosférica nas Cidades".

Este projeto tem como objetivo sensibilizar os cidadãos em relação à poluição atmosférica e às emissões de carbono nas cidades, observando como todos contribuem para o problema e de que forma afeta a saúde dos cidadãos e as suas vidas. De forma inovadora, o projeto coloca nas mãos das pessoas o poder de determinarem as melhores soluções a nível local.

A UA e a Comunidade Intermunicipal da Região de Aveiro (CIRA) que reúne os municípios de Águeda, Albergaria-a-Velha, Anadia, Aveiro, Estarreja, Ílhavo, Murtosa, Oliveira do Bairro, Ovar, Sever do Vouga e Vagos, são parceiros deste projeto europeu.

Trata-se, no total, de uma parceria que envolve 16 instituições, nomeadamente, seis entidades autárquicas (a CIRA é uma delas) em seis países diferentes, três universidades, uma agência governamental e entidades multinacionais não governamentais.

O projeto ClairCity tem duração de quatro anos, com conclusão prevista para 2020.

Ponte virtuosa

O projeto assenta na participação dos cidadãos, quer via inquérito que fundamentou o atual desenrolar dos trabalhos, quer na fase atual em que se pretende envolver os cidadãos no jogo

ClairCity Skylines".

Neste sentido, é fundamental o contributo dos municípios enquadrado no trabalho em rede regional, próprio da CIRA, ampliado para uma dimensão internacional através de projetos como este, salienta José Eduardo Matos, secretário executivo da CIRA. Tanto mais que é a sensibilização para as questões de poluição ambiental e decisões informadas na gestão ambiental que se pretende.

É uma "ponte virtuosa" que a CIRA e os municípios fazem entre as universidades, de um lado, e os cidadãos, do outro, considera José Eduardo Matos.

O secretário executivo lembra a adesão ao projeto decidida no Conselho Intermunicipal da CIRA e o envolvimento do Grupo de Trabalho da Sustentabilidade que funciona no seio desta comunidade intermunicipal e destaca mesmo a questão ambiental e a adaptação às alterações climáticas que classifica como "desígnio" traduzido, também, em passos significativos que os municípios têm vindo a dar .

Competição para as escolas

Em breve, anuncia Myriam Lopes, será lançada um concurso dirigido a alunos dos 13 aos 16 anos, 3º ciclo do ensino básico, que pressupõe o preenchimento de um questionário online, sobre práticas, consumos e impactes na cidade, em casa e na escola.

Após avaliação dos questionários preenchidos, serão escolhidos os premiados.

Notícias do Setor

19-02-2019

Jogo ClairCity simula decisões de gestão ambiental na vida real

Tipo Meio: Internet Data Publicação: 18/02/2019

Meio: Ambiente Magazine Online

URL: http://www.pt.cision.com/s/?l=9b6e1550

Reduzir o imposto sobre combustíveis fósseis? Construir mais parques verdes? Medidas mais apertadas de eficiência energética nas habitações? Estes são apenas exemplos do tipo de questões à consideração dos participantes no jogo ClairCity Skylines, no âmbito do projeto europeu "ClairCity - O Papel dos Cidadãos na Redução da Poluição Atmosférica nas Cidades", em que participa a Universidade de Aveiro (UA). É um jogo com objetivos reais, em versão mobile disponível no Google Play e na App Store, que inclui Aveiro, entre as cidades onde se exercita a gestão ambiental.

Apesar de um jogo, os dados que resultam da interação dos participantes no "ClairCity Skylines", até março, serão usados pelos investigadores no sentido de identificar cenários que possam fundamentar a gestão autárquica na realidade, refere Myriam Lopes, coordenadora científica do projeto na UA, investigadora do Centro de Estudos do Ambiente e do Mar (CESAM) e professora do Departamento de Ambiente e Ordenamento da UA. Após o mês de março, o jogo continuará disponível continuando apenas como jogo. Desde o início do ano que a região de Aveiro aparece entre os locais que podem ser escolhidos para jogar.

O jogo foi desenvolvido no âmbito do projeto europeu de investigação ClairCity - "O Papel dos Cidadãos na Redução da Poluição Atmosférica nas Cidades". Este projeto tem como objetivo sensibilizar os cidadãos em relação à poluição atmosférica e às emissões de carbono nas cidades, observando como todos contribuem para o problema e de que forma afeta a saúde dos cidadãos e as suas vidas. De forma inovadora, o projeto coloca nas mãos das pessoas o poder de determinarem as melhores soluções a nível local.

A UA e a Comunidade Intermunicipal da Região de Aveiro (CIRA) que reúne os municípios de Águeda, Albergaria-a-Velha, Anadia, Aveiro, Estarreja, Ílhavo, Murtosa, Oliveira do Bairro, Ovar, Sever do Vouga e Vagos, são parceiros deste projeto europeu. Trata-se, no total, de uma parceria que envolve 16 instituições, nomeadamente, seis entidades autárquicas (a CIRA é uma delas) em seis países diferentes, três universidades, uma agência governamental e entidades multinacionais não governamentais. O projeto ClairCity tem duração de quatro anos, com conclusão prevista para 2020.

Ponte virtuosa

O projeto assenta na participação dos cidadãos, quer via inquérito que fundamentou o atual desenrolar dos trabalhos, quer na fase atual em que se pretende envolver os cidadãos no jogo ClairCity Skylines". Neste sentido, é fundamental o contributo dos municípios enquadrado no trabalho em rede regional, próprio da CIRA, ampliado para uma dimensão internacional através de projetos como este, salienta José Eduardo Matos, secretário executivo da CIRA. Tanto mais que é a sensibilização para as questões de poluição ambiental e decisões informadas na gestão ambiental que se pretende. É uma "ponte virtuosa" que a CIRA e os municípios fazem entre as universidades, de um lado, e os cidadãos, do outro, considera José Eduardo Matos.

O secretário executivo lembra a adesão ao projeto decidida no Conselho Intermunicipal da CIRA e o envolvimento do Grupo de Trabalho da Sustentabilidade que funciona no seio desta comunidade intermunicipal e destaca mesmo a questão ambiental e a adaptação às alterações climáticas que

classifica como "desígnio" traduzido, também, em "passos significativos que os municípios têm vindo a dar".

Competição para as escolas

Em breve, anuncia Myriam Lopes, será lançada um concurso dirigido a alunos dos 13 aos 16 anos, 3º ciclo do ensino básico, que pressupõe o preenchimento de um questionário online, sobre práticas, consumos e impactes na cidade, em casa e na escola. Após avaliação dos questionários preenchidos, serão escolhidos os premiados.

Jogo online cativa cidadãos para melhorar "gestão ambiental" das cidades

Tipo Meio: Internet Data Publicação: 18/02/2019

Meio: Notícias de Aveiro Online

URL: http://www.pt.cision.com/s/?l=6b09ebb4

2019-02-18 13:41:15+00:00

Projeto 'ClairCity Skylines'.

A Universidade de Aveiro (UA) está a participar no desenvolvimento de uma aplicação 'mobile' que permite aos cidadãos participarem na "gestão ambiental" das suas localidades, recomendando medidas.

O jogo online 'ClairCity Skylines' é desenvolvido no âmbito do projeto europeu 'ClairCity - O Papel dos Cidadãos na Redução da Poluição Atmosférica nas Cidades'.

A UA conta com o envolvimento dos concelhos da Comunidade Intermunicipal da Região de Aveiro (CIRA).

"Apesar de um jogo, os dados que resultam da interação dos participantes no 'ClairCity Skylines', até março, serão usados pelos investigadores no sentido de identificar cenários que possam fundamentar a gestão autárquica na realidade", refere Myriam Lopes, coordenadora científica do projeto e investigadora do Centro de Estudos do Ambiente e do Mar (CESAM), citada em nota de imprensa.

O projeto tem como objetivo "sensibilizar os cidadãos em relação à poluição atmosférica e às emissões de carbono nas cidades, observando como todos contribuem para o problema e de que forma afeta a saúde dos cidadãos e as suas vidas", colocando "nas mãos das pessoas o poder de determinarem as melhores soluções a nível local."

A parceria europeia envolve 16 instituições, nomeadamente, seis entidades autárquicas em seis países diferentes, três universidades, uma agência governamental e entidades multinacionais não governamentais.

O projeto 'ClairCity' tem duração de quatro anos, com conclusão prevista para 2020.

Em breve, será lançado um concurso dirigido a alunos dos 13 aos 16 anos, 3º ciclo do ensino básico mobilizando-os para o preenchimento de um questionário online, sobre práticas, consumos e impactes na cidade, em casa e na escola. Após avaliação dos questionários preenchidos, serão escolhidos os premiados.

Jogo ClairCity simula decisões de gestão ambiental na vida real.

Tipo Meio: Internet Data Publicação: 18/02/2019

Meio: Rádio Terra Nova Online

URL: http://www.pt.cision.com/s/?l=7cae1426

Uma parceria europeia entre a Universidade de Aveiro e a Comunidade Intermunicipal da Região de Aveiro pretende sensibilizar cidadãos para a qualidade do ar

O jogo ClairCity simula decisões de gestão ambiental na vida real.

Reduzir o imposto sobre combustíveis fósseis? Construir mais parques verdes? Medidas mais apertadas de eficiência energética nas habitações? Estes são apenas exemplos do tipo de questões à consideração dos participantes no jogo "ClairCity Skylines", no âmbito do projeto europeu "ClairCity - O Papel dos Cidadãos na Redução da Poluição Atmosférica nas Cidades", em que participa a Universidade de Aveiro (UA).

É um jogo com objetivos reais, em versão mobile disponível no Google Play e na App Store, que inclui Aveiro, entre as cidades onde se exercita a gestão ambiental.

Apesar de um jogo, os dados que resultam da interação dos participantes no "ClairCity Skylines", até março, serão usados pelos investigadores no sentido de identificar cenários que possam fundamentar a gestão autárquica na realidade, refere Myriam Lopes, coordenadora científica do projeto na UA, investigadora do Centro de Estudos do Ambiente e do Mar (CESAM) e professora do Departamento de Ambiente e Ordenamento da UA.

Após o mês de março, o jogo continuará disponível continuando apenas como jogo. Desde o início do ano que a região de Aveiro aparece entre os locais que podem ser escolhidos para jogar.

O jogo foi desenvolvido no âmbito do projeto europeu de investigação ClairCity - "O Papel dos Cidadãos na Redução da Poluição Atmosférica nas Cidades".

Este projeto tem como objetivo sensibilizar os cidadãos em relação à poluição atmosférica e às emissões de carbono nas cidades, observando como todos contribuem para o problema e de que forma afeta a saúde dos cidadãos e as suas vidas. De forma inovadora, o projeto coloca nas mãos das pessoas o poder de determinarem as melhores soluções a nível local.

A UA e a Comunidade Intermunicipal da Região de Aveiro (CIRA) que reúne os municípios de Águeda, Albergaria-a-Velha, Anadia, Aveiro, Estarreja, Ílhavo, Murtosa, Oliveira do Bairro, Ovar, Sever do Vouga e Vagos, são parceiros deste projeto europeu. Trata-se, no total, de uma parceria que envolve 16 instituições, nomeadamente, seis entidades autárquicas (a CIRA é uma delas) em seis países diferentes, três universidades, uma agência governamental e entidades multinacionais não governamentais. O projeto ClairCity tem duração de quatro anos, com conclusão prevista para 2020.

Ponte virtuosa

O projeto assenta na participação dos cidadãos, quer via inquérito que fundamentou o atual desenrolar dos trabalhos, quer na fase atual em que se pretende envolver os cidadãos no jogo ClairCity Skylines".

Neste sentido, é fundamental o contributo dos municípios enquadrado no trabalho em rede regional, próprio da CIRA, ampliado para uma dimensão internacional através de projetos como este, salienta José Eduardo Matos, secretário executivo da CIRA.

Tanto mais que é a sensibilização para as questões de poluição ambiental e decisões informadas na gestão ambiental que se pretende. É uma "ponte virtuosa" que a CIRA e os municípios fazem entre as universidades, de um lado, e os cidadãos, do outro, considera José Eduardo Matos.

O secretário executivo lembra a adesão ao projeto decidida no Conselho Intermunicipal da CIRA e o envolvimento do Grupo de Trabalho da Sustentabilidade que funciona no seio desta comunidade intermunicipal e destaca mesmo a questão ambiental e a adaptação às alterações climáticas que classifica como "desígnio" traduzido, também, em "passos significativos que os municípios têm vindo a dar".

Competição para as escolas

Em breve, anuncia Myriam Lopes, será lançada um concurso dirigido a alunos dos 13 aos 16 anos, 3º ciclo do ensino básico, que pressupõe o preenchimento de um questionário online, sobre práticas, consumos e impactes na cidade, em casa e na escola.

Após avaliação dos questionários preenchidos, serão escolhidos os premiados.

Texto e foto: UA

2019-02-18 14:09

CISION

Diário de Aveiro

ID: 79097408

15-02-2019

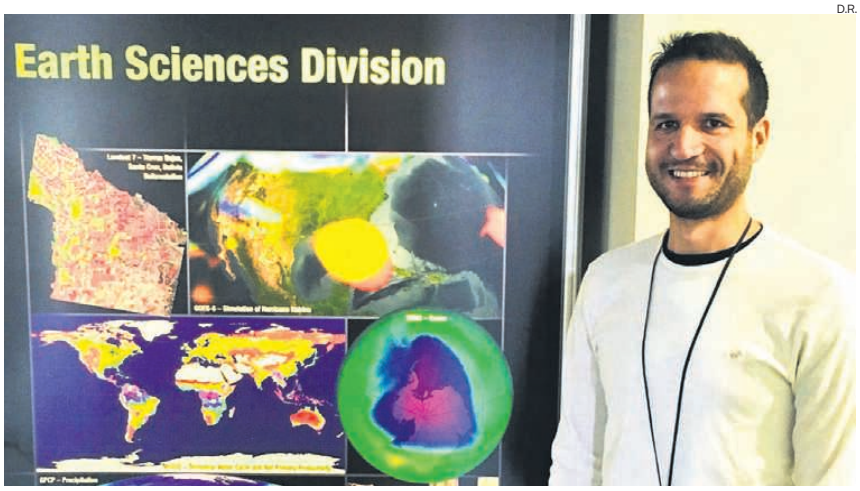
Meio: Imprensa
País: Portugal
Period.: Diária
Âmbito: Regional

Pág: 32
Cores: Cor
Área: 13,26 x 26,88 cm²
Corte: 1 de 2

Cientistas propõem medidas de combate às ondas de calor

Universidade de Aveiro Cidade do Porto precisa de mais áreas verdes para combater ondas de calor, refere uma investigação conduzida pela Universidade de Aveiro

D.R.



O investigador David Carvalho está, actualmente, ao serviço da NASA

O Porto deve preparar-se para as ondas de calor com novas áreas verdes, expansão de jardins, utilização de vegetação nas coberturas e cores claras em telhados e pavimentos, defendem investigadores da Universidade de Aveiro (UA).

Esta é a conclusão de uma investigação que o Centro de Estudos do Ambiente e do Mar (CESAM) da UA está a realizar, no âmbito da qual simulou uma das intensas ondas de calor que se prevêem que venham a assolar o Porto e arredores, nas próximas décadas.

"No Porto, tal como noutras regiões do país, já têm ocorrido várias ondas de calor que, com as alterações climáticas, é muito provável que venham a aumentar, até a breve prazo, quer em número quer em intensidade", explica David Carvalho, autor do estudo, juntamente com Carlos Borrego, também do CESAM.

Para mitigar os efeitos das ondas de calor, a equipa de investigação propõe a edificação de mais áreas verdes, a expansão de jardins e parques já existentes, o uso de vegetação e plantas nos telhados e coberturas de edifícios e o uso de cores claras não só no topo dos edifícios, mas também nos pavimentos urbanos.

Se as áreas verdes ajudam a diminuir as temperaturas da cidade através das sombras e da capacidade de retirarem calor do ar, os pavimentos de cor clara refletem a radiação solar.

"Nas simulações que realizámos, todas estas medidas revelaram capacidades interessantes para baixar as temperaturas urbanas sob ondas de calor, particularmente a aposta em zonas e coberturas verdes", aponta David Carvalho. Segundo o investigador, essas medidas são capazes de reduzir as temperaturas urbanas em cerca de um ou dois graus celsius.

"Pode não parecer muito, mas um ou dois graus celsius a menos fazem uma diferença significativa no conforto térmico da população. Além disso, estas medidas traduzem-se em melhorias na qualidade ar, já que estudos anteriores mostraram que uma redução da temperatura do ar em um ou dois graus reduz a formação de 'smog' de ozono em 20 por cento, o que é muito significativo em termos de redução de poluição atmosférica", explica.

Os investigadores alertam que as ondas de calor podem afectar não só o meio ambiente como a saúde pública: "além do aumento da taxa de mortalidade, durante uma onda de calor, a exposição prolongada a temperaturas muito elevadas pode provocar muitos outros problemas de saúde, como desidratação ou insolações, ou ainda originar ou agravar problemas respiratórios".

No que ao meio ambiente diz respeito, os impactos são também negativos, designadamente pelo aumento do consumo de energia elétrica pelos aparelhos de ar condicionado e de climatização.

Sob temperaturas elevadas, aponta David Carvalho, "a poluição atmosférica não é dispersa tão eficazmente e as cidades ficam encobertas sob um manto de poluição" e há ainda o problema da produção do ozono, cujo aparecimento à superfície das cidades é favorecido por temperaturas elevadas.

CISION

Diário de Aveiro

ID: 79097408

15-02-2019

Meio: Imprensa
País: Portugal
Period.: Diária
Âmbito: Regional

Pág: 1
Cores: Cor
Área: 6,08 x 2,10 cm²
Corte: 2 de 2

M 24H
AVEIRO PINGO DOCE

Diário de Aveiro

15 DE FEVEREIRO DE 2019 SEXTA-FEIRA, Edição n.º 11.243 DIÁRIO | 0,70 EUROS

Fundador Adriano Lucas (1925-2011) | Director Adriano Callé Lucas | Jornal defensor da valorização de Aveiro e da Região das Beiras

Suites desde 25€
Motel Eclipse
Deixe-se levar pela imaginação...
Tlf: 234 917 942 • www.moteleclipse.pt

ONDA DE ASSALTOS EM AVEIRO E ESTARREJA

Durante a madrugada de ontem registaram-se cinco furtos em Aveiro e quatro em Pardilhó (Estarreja). Autoridades suspeitam que se trata de grupos diferentes **Página 7**

Fly rent-a-car
www.flyrent.pt
234 301 580

Gritou-se "não" à violência doméstica no Dia dos Namorados

Aveiro | P5



Bravura e coragem impediram o avanço monárquico em 1919

Ovar | P12

Aveiro está a aderir em força à energia da Roda de Samba

Avenida Café-Concerto | P3



EDUARDO PINA

Harmonização digital em curso até ao final do ano



A operação envolve os municípios da CIRA e custa 2,8 Milhões **Página 4**

Parceria reforça especialidade de otorrinolaringologia

Hospital de Ovar | P23

Empresa MoveAveiro foi ontem extinta

Aveiro | P6

Propostas medidas de combate ao calor

Universidade de Aveiro | P32

Feirense quer iniciar "retoma" na Madeira

Futebol | P29





Cientistas propõem medidas para o Porto se precaver das ondas de calor

Tipo Meio: Internet Data Publicação: 15/02/2019

Meio: Diário de Notícias da Madeira Online

URL: http://www.pt.cision.com/s/?l=32bfb357

15 Fev 2019

O Porto deve preparar-se para as ondas de calor com novas áreas verdes, expansão de jardins, utilização de vegetação nas coberturas e cores claras em telhados e pavimentos, defendem investigadores da Universidade de Aveiro (UA). Esta é a conclusão de uma investigação que o Centro de Estudos do Ambiente e do Mar (CESAM) da UA está a realizar, no âmbito da qual simulou uma das intensas ondas de calor que se preveem que venham a assolar o Porto e arredores, nas próximas décadas. "No Porto, tal como noutras regiões do país, já têm ocorrido várias ondas de calor que, com as alterações climáticas, é muito provável que venham a aumentar, até a breve prazo, quer em número quer em intensidade", explica David Carvalho, autor do estudo, juntamente com Carlos Borrego, também do CESAM. Para mitigar os efeitos das ondas de calor, a equipa de investigação propõe a edificação de mais áreas verdes, a expansão de jardins e parques já existentes, o uso de vegetação e plantas nos telhados e coberturas de edifícios e o uso de cores claras não só no topo dos edifícios, mas também nos pavimentos urbanos. Se as áreas verdes ajudam a diminuir as temperaturas da cidade através das sombras e da capacidade de retirarem calor do ar, os pavimentos de cor clara refletem a radiação solar. "Nas simulações que realizámos durante o estudo, todas estas medidas revelaram capacidades interessantes para baixar as temperaturas urbanas sob ondas de calor, particularmente a aposta em zonas e coberturas verdes", aponta David Carvalho. Segundo aquele investigador, essas medidas são capazes de reduzir as temperaturas urbanas em cerca de um ou dois graus celsius. "Pode não parecer muito, mas um ou dois graus celsius a menos fazem uma diferença significativa no conforto térmico da população. Além disso, estas medidas traduzem-se em melhorias na qualidade ar, já que estudos anteriores mostraram que uma redução da temperatura do ar em um ou dois graus reduz a formação de 'smog' de ozono em 20%, o que é muito significativo em termos de redução de poluição atmosférica", explica David Carvalho. Os investigadores alertam que as ondas de calor podem afetar não só o meio ambiente como a saúde pública: "além do aumento da taxa de mortalidade, durante uma onda de calor, a exposição prolongada a temperaturas muito elevadas pode provocar muitos outros problemas de saúde, como desidratação ou insolações, ou ainda originar ou agravar problemas respiratórios". No que ao meio ambiente diz respeito, os impactos são também negativos, designadamente pelo aumento do consumo de energia elétrica pelos aparelhos de ar condicionado e de climatização. Sob temperaturas elevadas, aponta David Carvalho, "a poluição atmosférica não é dispersa tão eficazmente e as cidades ficam encobertas sob um manto de poluição" e há ainda o problema da produção do ozono, um poluente altamente nocivo para a saúde da população, cujo aparecimento à superfície das cidades é favorecido por temperaturas elevadas.

Agência Lusa

Cientistas propõem medidas para o Porto se precaver das ondas de calor

Tipo Meio: Internet Data Publicação: 15/02/2019

Meio: Rádio Portuense Online

URL: http://www.pt.cision.com/s/?l=5695b25d

O Porto deve preparar-se para as ondas de calor com novas áreas verdes, expansão de jardins, utilização de vegetação nas coberturas e cores claras em telhados e pavimentos, defendem investigadores da Universidade de Aveiro (UA). Esta é a conclusão de uma investigação que o Centro de Estudos do Ambiente e do Mar (CESAM) da UA está a realizar, no âmbito da qual simulou uma das intensas ondas de calor que se preveem que venham a assolar o Porto e arredores, nas próximas décadas. "No Porto, tal como noutras regiões do país, já têm ocorrido várias ondas de calor que, com as alterações climáticas, é muito provável que venham a aumentar, até a breve prazo, quer em número quer em intensidade", explica David Carvalho, autor do estudo, juntamente com Carlos Borrego, também do CESAM. Para mitigar os efeitos das ondas de calor, a equipa de investigação propõe a edificação de mais áreas verdes, a expansão de jardins e parques já existentes, o uso de vegetação e plantas nos telhados e

O Porto deve preparar-se para as ondas de calor com novas áreas verdes, expansão de jardins, utilização de vegetação nas coberturas e cores claras em telhados e pavimentos, defendem investigadores da Universidade de Aveiro (UA).

Esta é a conclusão de uma investigação que o Centro de Estudos do Ambiente e do Mar (CESAM) da UA está a realizar, no âmbito da qual simulou uma das intensas ondas de calor que se preveem que venham a assolar o Porto e arredores, nas próximas décadas.

"No Porto, tal como noutras regiões do país, já têm ocorrido várias ondas de calor que, com as alterações climáticas, é muito provável que venham a aumentar, até a breve prazo, quer em número quer em intensidade", explica David Carvalho, autor do estudo, juntamente com Carlos Borrego, também do CESAM.

Para mitigar os efeitos das ondas de calor, a equipa de investigação propõe a edificação de mais áreas verdes, a expansão de jardins e parques já existentes, o uso de vegetação e plantas nos telhados e coberturas de edifícios e o uso de cores claras não só no topo dos edifícios, mas também nos pavimentos urbanos.

Se as áreas verdes ajudam a diminuir as temperaturas da cidade através das sombras e da capacidade de retirarem calor do ar, os pavimentos de cor clara refletem a radiação solar.

"Nas simulações que realizámos durante o estudo, todas estas medidas revelaram capacidades interessantes para baixar as temperaturas urbanas sob ondas de calor, particularmente a aposta em zonas e coberturas verdes", aponta David Carvalho.

Segundo aquele investigador, essas medidas são capazes de reduzir as temperaturas urbanas em cerca de um ou dois graus celsius.

"Pode não parecer muito, mas um ou dois graus celsius a menos fazem uma diferença significativa no conforto térmico da população. Além disso, estas medidas traduzem-se em melhorias na qualidade ar, já que estudos anteriores mostraram que uma redução da temperatura do ar em um ou dois graus

reduz a formação de 'smog' de ozono em 20%, o que é muito significativo em termos de redução de poluição atmosférica", explica David Carvalho.

Os investigadores alertam que as ondas de calor podem afetar não só o meio ambiente como a saúde pública: "além do aumento da taxa de mortalidade, durante uma onda de calor, a exposição prolongada a temperaturas muito elevadas pode provocar muitos outros problemas de saúde, como desidratação ou insolações, ou ainda originar ou agravar problemas respiratórios".

No que ao meio ambiente diz respeito, os impactos são também negativos, designadamente pelo aumento do consumo de energia elétrica pelos aparelhos de ar condicionado e de climatização.

Sob temperaturas elevadas, aponta David Carvalho, "a poluição atmosférica não é dispersa tão eficazmente e as cidades ficam encobertas sob um manto de poluição" e há ainda o problema da produção do ozono, um poluente altamente nocivo para a saúde da população, cujo aparecimento à superfície das cidades é favorecido por temperaturas elevadas.

por LUSA

Radio_Portuense

Investigadores da UA sublinha que o Porto precisa de mais áreas verdes para combater ondas de calor

Tipo Meio: Internet Data Publicação: 14/02/2019

Meio: Ambiente Magazine Online

URL: http://www.pt.cision.com/s/?l=bd04cb99

Para combater as ondas de calor cada vez mais frequentes, intensas e nefastas para o ambiente e a saúde humana, a cidade do Porto deve começar já a tomar medidas. É assim que os investigadores da Universidade de Aveiro (UA) já têm algumas ações propostas, como novas áreas verdes, expansão de jardins e parques já existentes e utilização de vegetação e plantas nos telhados e coberturas de edifícios". A utilização de cores claras em telhados e pavimentos urbanos também "ajudará a refrescar a cidade", referem no comunicado.

A investigação do Centro de Estudos do Ambiente e do Mar (CESAM) da UA começou por simular uma das intensas ondas de calor que se preveem que venham a assolar o Porto e arredores nas próximas décadas. "No Porto, tal como noutras regiões do país, já têm ocorrido várias ondas de calor que, com as alterações climáticas, é muito provável que venham a aumentar, até a breve prazo, quer em número quer em intensidade", explica David Carvalho, autor do estudo a par do investigador Carlos Borrego, também do CESAM.

Atualmente a trabalhar no grupo de previsão e modelação meteorológica e atmosférica da NASA, David Carvalho alerta que estas ondas de calor podem afetar não só o meio ambiente como a saúde pública.

Para além do aumento da taxa de mortalidade, durante uma onda de calor "a exposição prolongada a temperaturas muito elevadas pode provocar muitos outros problemas de saúde, como desidratação ou insolações, ou ainda originar ou agravar problemas respiratórios". No que ao meio ambiente diz respeito, "os impactos são também muito negativos, desde logo pelo aumento brutal do consumo de energia elétrica pelos aparelhos de ar condicionado e de climatização".

Sob temperaturas elevadas, aponta David Carvalho, "a poluição atmosférica não é dispersa tão eficazmente e as cidades ficam encobertas sob um manto de poluição". Para acrescentar a todos estes problemas, há ainda o da produção do ozono, um poluente altamente nocivo para a saúde da população e cujo aparecimento à superfície das cidades é favorecida por temperaturas elevadas.

Medidas de cor verde

Assim, para mitigar os efeitos das ondas de calor, a investigação de David Carvalho propõe a edificação de mais áreas verdes, a expansão de jardins e parques já existentes, o uso de vegetação e plantas nos telhados e coberturas de edifícios e o uso de cores claras não só no topo dos edifícios, mas também nos pavimentos urbanos. Se as áreas verdes ajudam a diminuir as temperaturas da cidade através das sombras e da capacidade de retirarem calor do ar, os pavimentos de cor clara refletem a radiação solar.

"Nas simulações que realizámos durante o estudo, todas estas medidas revelaram capacidades interessantes para baixar as temperaturas urbanas sob ondas de calor, particularmente a aposta em zonas e coberturas verdes", aponta David Carvalho que clarifica: "estas medidas são capazes de

reduzir as temperaturas urbanas em cerca de um ou dois graus celsius".

Pode não parecer muito, mas na realidade, assegura o investigador, um ou dois graus celsius a menos "fazem uma diferença significativa no conforto térmico da população. Para além do conforto térmico, "estas medidas traduzem-se em melhorias na qualidade ar já que estudos anteriores mostraram que uma redução da temperatura do ar em um ou dois graus reduz a formação de 'smog' de ozono em 20 por cento, o que é muito significativo em termos de redução de poluição atmosférica".

Estas medidas, que são realmente eficazes na mitigação de temperaturas extremas em meios urbanos, são de relativa fácil implementação e não implicam grandes custos, principalmente o uso de cores claras no revestimento de telhados e pavimentos urbanos". Ou seja, "devem ser encaradas pelos agentes de poder local como verdadeiras soluções a pôr em prática no imediato, e não apenas como boas ideias".

Cientistas propõem medidas para o Porto se precaver das ondas de calor

Tipo Meio: Internet Data Publicação: 14/02/2019

Meio: Diário de Notícias Online

URL: http://www.pt.cision.com/s/?l=6603cb50

2019-02-14T16:53:51Z

O Porto deve preparar-se para as ondas de calor com novas áreas verdes, expansão de jardins, utilização de vegetação nas coberturas e cores claras em telhados e pavimentos, defendem investigadores da Universidade de Aveiro (UA).

Esta é a conclusão de uma investigação que o Centro de Estudos do Ambiente e do Mar (CESAM) da UA está a realizar, no âmbito da qual simulou uma das intensas ondas de calor que se preveem que venham a assolar o Porto e arredores, nas próximas décadas. "No Porto, tal como noutras regiões do país, já têm ocorrido várias ondas de calor que, com as alterações climáticas, é muito provável que venham a aumentar, até a breve prazo, quer em número quer em intensidade", explica David Carvalho, autor do estudo, juntamente com Carlos Borrego, também do CESAM. Para mitigar os efeitos das ondas de calor, a equipa de investigação propõe a edificação de mais áreas verdes, a expansão de jardins e parques já existentes, o uso de vegetação e plantas nos telhados e coberturas de edifícios e o uso de cores claras não só no topo dos edifícios, mas também nos pavimentos urbanos.

Subscreva as newsletters Diário de Notícias e receba as informações em primeira mão.

Se as áreas verdes ajudam a diminuir as temperaturas da cidade através das sombras e da capacidade de retirarem calor do ar, os pavimentos de cor clara refletem a radiação solar. "Nas simulações que realizámos durante o estudo, todas estas medidas revelaram capacidades interessantes para baixar as temperaturas urbanas sob ondas de calor, particularmente a aposta em zonas e coberturas verdes", aponta David Carvalho. Segundo aquele investigador, essas medidas são capazes de reduzir as temperaturas urbanas em cerca de um ou dois graus celsius. "Pode não parecer muito, mas um ou dois graus celsius a menos fazem uma diferença significativa no conforto térmico da população. Além disso, estas medidas traduzem-se em melhorias na qualidade ar, já que estudos anteriores mostraram que uma redução da temperatura do ar em um ou dois graus reduz a formação de 'smog' de ozono em 20%, o que é muito significativo em termos de redução de poluição atmosférica", explica David Carvalho. Os investigadores alertam que as ondas de calor podem afetar não só o meio ambiente como a saúde pública: "além do aumento da taxa de mortalidade, durante uma onda de calor, a exposição prolongada a temperaturas muito elevadas pode provocar muitos outros problemas de saúde, como desidratação ou insolações, ou ainda originar ou agravar problemas respiratórios". No que ao meio ambiente diz respeito, os impactos são também negativos, designadamente pelo aumento do consumo de energia elétrica pelos aparelhos de ar condicionado e de climatização. Sob temperaturas elevadas, aponta David Carvalho, "a poluição atmosférica não é dispersa tão eficazmente e as cidades ficam encobertas sob um manto de poluição" e há ainda o problema da produção do ozono, um poluente altamente nocivo para a saúde da população, cujo aparecimento à superfície das cidades é favorecido por temperaturas elevadas.

Lusa

Cientistas propõem medidas para o Porto se precaver das ondas de calor

Tipo Meio: Internet Data Publicação: 14/02/2019

Meio: Jornal de Notícias Online

URL: http://www.pt.cision.com/s/?l=1cc4915d

2019-02-14 17:09

Hoje às 17:09FacebookTwitterPartilharComentar
O Porto deve preparar-se para as ondas de calor com novas áreas verdes, expansão de jardins, utilização de vegetação nas coberturas e cores claras em telhados e pavimentos, defendem investigadores da Universidade de Aveiro (UA).

Esta é a conclusão de uma investigação que o Centro de Estudos do Ambiente e do Mar (CESAM) da UA está a realizar, no âmbito da qual simulou uma das intensas ondas de calor que se preveem que venham a assolar o Porto e arredores, nas próximas décadas.

"No Porto, tal como noutras regiões do país, já têm ocorrido várias ondas de calor que, com as alterações climáticas, é muito provável que venham a aumentar, até a breve prazo, quer em número quer em intensidade", explica David Carvalho, autor do estudo, juntamente com Carlos Borrego, também do CESAM.

Para mitigar os efeitos das ondas de calor, a equipa de investigação propõe a edificação de mais áreas verdes, a expansão de jardins e parques já existentes, o uso de vegetação e plantas nos telhados e coberturas de edifícios e o uso de cores claras não só no topo dos edifícios, mas também nos pavimentos urbanos.

Se as áreas verdes ajudam a diminuir as temperaturas da cidade através das sombras e da capacidade de retirarem calor do ar, os pavimentos de cor clara refletem a radiação solar.

"Nas simulações que realizámos durante o estudo, todas estas medidas revelaram capacidades interessantes para baixar as temperaturas urbanas sob ondas de calor, particularmente a aposta em zonas e coberturas verdes", aponta David Carvalho.

Segundo aquele investigador, essas medidas são capazes de reduzir as temperaturas urbanas em cerca de um ou dois graus celsius.

"Pode não parecer muito, mas um ou dois graus celsius a menos fazem uma diferença significativa no conforto térmico da população. Além disso, estas medidas traduzem-se em melhorias na qualidade ar, já que estudos anteriores mostraram que uma redução da temperatura do ar em um ou dois graus reduz a formação de 'smog' de ozono em 20%, o que é muito significativo em termos de redução de poluição atmosférica", explica David Carvalho.

Os investigadores alertam que as ondas de calor podem afetar não só o meio ambiente como a saúde pública: "além do aumento da taxa de mortalidade, durante uma onda de calor, a exposição prolongada a temperaturas muito elevadas pode provocar muitos outros problemas de saúde, como desidratação ou insolações, ou ainda originar ou agravar problemas respiratórios".

No que ao meio ambiente diz respeito, os impactos são também negativos, designadamente pelo

aumento do consumo de energia elétrica pelos aparelhos de ar condicionado e de climatização.

Sob temperaturas elevadas, aponta David Carvalho, "a poluição atmosférica não é dispersa tão eficazmente e as cidades ficam encobertas sob um manto de poluição" e há ainda o problema da produção do ozono, um poluente altamente nocivo para a saúde da população, cujo aparecimento à superfície das cidades é favorecido por temperaturas elevadas.

Cidade do Porto precisa de mais áreas verdes para combater ondas de calor

Tipo Meio: Internet Data Publicação: 14/02/2019

Meio: Medjournal Online

URL: http://www.pt.cision.com/s/?l=a08953f8

Investigação da Universidade de Aveiro

Para combater as ondas de calor cada vez mais frequentes, intensas e nefastas para o ambiente e a saúde humana, a cidade do Porto deve começar já a tomar medidas. Novas áreas verdes, expansão de jardins e parques já existentes e utilização de vegetação e plantas nos telhados e coberturas de edifícios são algumas das ações propostas por uma equipa de investigadores da Universidade de Aveiro (UA). A utilização de cores claras em telhados e pavimentos urbanos também ajudará a refrescar a cidade.

A investigação do Centro de Estudos do Ambiente e do Mar (CESAM) da UA começou por simular uma das intensas ondas de calor que se preveem que venham a assolar o Porto e arredores nas próximas décadas. "No Porto, tal como noutras regiões do país, já têm ocorrido várias ondas de calor que, com as alterações climáticas, é muito provável que venham a aumentar, até a breve prazo, quer em número quer em intensidade", explica David Carvalho, autor do estudo a par do investigador Carlos Borrego, também do CESAM.

Atualmente a trabalhar no grupo de previsão e modelação meteorológica e atmosférica da NASA, David Carvalho alerta que estas ondas de calor podem afetar não só o meio ambiente como a saúde pública.

Para além do aumento da taxa de mortalidade, durante uma onda de calor "a exposição prolongada a temperaturas muito elevadas pode provocar muitos outros problemas de saúde, como desidratação ou insolações, ou ainda originar ou agravar problemas respiratórios". No que ao meio ambiente diz respeito, "os impactos são também muito negativos, desde logo pelo aumento brutal do consumo de energia elétrica pelos aparelhos de ar condicionado e de climatização".

Sob temperaturas elevadas, aponta David Carvalho, "a poluição atmosférica não é dispersa tão eficazmente e as cidades ficam encobertas sob um manto de poluição". Para acrescentar a todos estes problemas, há ainda o da produção do ozono, um poluente altamente nocivo para a saúde da população e cujo aparecimento à superfície das cidades é favorecida por temperaturas elevadas.

Medidas de cor verde

Assim, para mitigar os efeitos das ondas de calor, a investigação de David Carvalho propõe a edificação de mais áreas verdes, a expansão de jardins e parques já existentes, o uso de vegetação e plantas nos telhados e coberturas de edifícios e o uso de cores claras não só no topo dos edifícios, mas também nos pavimentos urbanos. Se as áreas verdes ajudam a diminuir as temperaturas da cidade através das sombras e da capacidade de retirarem calor do ar, os pavimentos de cor clara refletem a radiação solar.

"Nas simulações que realizámos durante o estudo, todas estas medidas revelaram capacidades interessantes para baixar as temperaturas urbanas sob ondas de calor, particularmente a aposta em zonas e coberturas verdes", aponta David Carvalho que clarifica: "estas medidas são capazes de

reduzir as temperaturas urbanas em cerca de um ou dois graus celsius"

Pode não parecer muito, mas na realidade, assegura o investigador, um ou dois graus celsius a menos "fazem uma diferença significativa no conforto térmico da população. Para além do conforto térmico, "estas medidas traduzem-se em melhorias na qualidade ar já que estudos anteriores mostraram que uma redução da temperatura do ar em um ou dois graus reduz a formação de 'smog' de ozono em 20 por cento, o que é muito significativo em termos de redução de poluição atmosférica".

Estas medidas, que são realmente eficazes na mitigação de temperaturas extremas em meios urbanos, são de relativa fácil implementação e não implicam grandes custos, principalmente o uso de cores claras no revestimento de telhados e pavimentos urbanos". Ou seja, "devem ser encaradas pelos agentes de poder local como verdadeiras soluções a pôr em prática no imediato, e não apenas como boas ideias".

O investigador David Carvalho, atualmente ao serviço da NASA

Lusodados - www.lusodados.pt

Investigadores avisam que o Porto precisa de mais áreas verdes

Tipo Meio: Internet Data Publicação: 14/02/2019

Meio: Mundo Português Online

URL: http://www.pt.cision.com/s/?l=a695dc0b

2019-02-14 17:12:01+00:00

O Porto deve começar já a tomar medidas para combater as ondas de calor cada vez mais frequentes, intensas e nefastas para o ambiente e a saúde humana na cidade, alertam David Carvalho e Carlos Borrego, do Centro de Estudos do Ambiente e do Mar (CESAM) da Universidade de Aveiro (UA).

Os investigadores dão como exemplo de medidas a adotar, a criação de novas áreas verdes, a expansão de jardins e parques já existentes e a utilização de vegetação e plantas nos telhados e coberturas de edifícios, a par da utilização de cores claras em telhados e pavimentos urbanos, fator 18que "também ajudará a refrescar a cidade", referem num comunicado divulgado pela UA.

A investigação do CESAM começou por simular uma das intensas ondas de calor que se preveem que venham a assolar o Porto e arredores nas próximas décadas.

"No Porto, tal como noutras regiões do país, já têm ocorrido várias ondas de calor que, com as alterações climáticas, é muito provável que venham a aumentar, até a breve prazo, quer em número quer em intensidade", explica David Carvalho, citado na nota da UA.

O Porto precisa de novas áreas verdes e de ampliar os jardins e parques já existentes, alerta o investigador David Carvalho
Mais zonas e coberturas verdes
Se as áreas verdes ajudam a diminuir as temperaturas da cidade através das sombras e da capacidade de retirarem calor do ar, os pavimentos de cor clara refletem a radiação solar.

"Nas simulações que realizámos durante o estudo, todas estas medidas revelaram capacidades interessantes para baixar as temperaturas urbanas sob ondas de calor, particularmente a aposta em zonas e coberturas verdes", revela David Carvalho, sublinhando que "estas medidas são capazes de reduzir as temperaturas urbanas em cerca de um ou dois graus celsius".

E o investigador assegura que um ou dois graus celsius a menos "fazem uma diferença significativa no conforto térmico da população".

Para além do conforto térmico, "estas medidas traduzem-se em melhorias na qualidade ar já que estudos anteriores mostraram que uma redução da temperatura do ar em um ou dois graus reduz a formação de 'smog' de ozono em 20 por cento, o que é muito significativo em termos de redução de poluição atmosférica", acrescenta.

Medidas que para o investigador "devem ser encaradas pelos agentes de poder local como verdadeiras soluções a pôr em prática no imediato, e não apenas como boas ideias".

Atualmente a trabalhar no grupo de previsão e modelação meteorológica e atmosférica da NASA, David Carvalho alerta que estas ondas de calor podem afetar não só o meio ambiente como a saúde pública.

Para além do aumento da taxa de mortalidade, durante uma onda de calor "a exposição prolongada a temperaturas muito elevadas pode provocar muitos outros problemas de saúde, como desidratação ou insolações, ou ainda originar ou agravar problemas respiratórios".

No que ao meio ambiente diz respeito, "os impactos são também muito negativos, desde logo pelo aumento brutal do consumo de energia elétrica pelos aparelhos de ar condicionado e de climatização".

Ana Grácio Pinto

Cientistas propõem medidas para o Porto se precaver das ondas de calor

Tipo Meio: Internet Data Publicação: 14/02/2019

Meio: Notícias ao Minuto Online

URL: http://www.pt.cision.com/s/?l=3d94ae18

2019-02-14 16:53:51+00:00

O Porto deve preparar-se para as ondas de calor com novas áreas verdes, expansão de jardins, utilização de vegetação nas coberturas e cores claras em telhados e pavimentos, defendem investigadores da Universidade de Aveiro (UA).

Esta é a conclusão de uma investigação que o Centro de Estudos do Ambiente e do Mar (CESAM) da UA está a realizar, no âmbito da qual simulou uma das intensas ondas de calor que se preveem que venham a assolar o Porto e arredores, nas próximas décadas.

"No Porto, tal como noutras regiões do país, já têm ocorrido várias ondas de calor que, com as alterações climáticas, é muito provável que venham a aumentar, até a breve prazo, quer em número quer em intensidade", explica David Carvalho, autor do estudo, juntamente com Carlos Borrego, também do CESAM.

Para mitigar os efeitos das ondas de calor, a equipa de investigação propõe a edificação de mais áreas verdes, a expansão de jardins e parques já existentes, o uso de vegetação e plantas nos telhados e coberturas de edifícios e o uso de cores claras não só no topo dos edifícios, mas também nos pavimentos urbanos.

Se as áreas verdes ajudam a diminuir as temperaturas da cidade através das sombras e da capacidade de retirarem calor do ar, os pavimentos de cor clara refletem a radiação solar.

"Nas simulações que realizámos durante o estudo, todas estas medidas revelaram capacidades interessantes para baixar as temperaturas urbanas sob ondas de calor, particularmente a aposta em zonas e coberturas verdes", aponta David Carvalho.

Segundo aquele investigador, essas medidas são capazes de reduzir as temperaturas urbanas em cerca de um ou dois graus celsius.

"Pode não parecer muito, mas um ou dois graus celsius a menos fazem uma diferença significativa no conforto térmico da população. Além disso, estas medidas traduzem-se em melhorias na qualidade ar, já que estudos anteriores mostraram que uma redução da temperatura do ar em um ou dois graus reduz a formação de 'smog' de ozono em 20%, o que é muito significativo em termos de redução de poluição atmosférica", explica David Carvalho.

Os investigadores alertam que as ondas de calor podem afetar não só o meio ambiente como a saúde pública: "além do aumento da taxa de mortalidade, durante uma onda de calor, a exposição prolongada a temperaturas muito elevadas pode provocar muitos outros problemas de saúde, como desidratação ou insolações, ou ainda originar ou agravar problemas respiratórios".

No que ao meio ambiente diz respeito, os impactos são também negativos, designadamente pelo aumento do consumo de energia elétrica pelos aparelhos de ar condicionado e de climatização.

Sob temperaturas elevadas, aponta David Carvalho, "a poluição atmosférica não é dispersa tão eficazmente e as cidades ficam encobertas sob um manto de poluição" e há ainda o problema da produção do ozono, um poluente altamente nocivo para a saúde da população, cujo aparecimento à superfície das cidades é favorecido por temperaturas elevadas.

[Additional Text]:
Cientistas propõem medidas para o Porto se precaver das ondas de calor

Lusa

São precisas mais áreas verdes para combater ondas de calor

Tipo Meio: Internet Data Publicação: 14/02/2019

Meio: OvarNews Online

URL: http://www.pt.cision.com/s/?l=464f2f3b

LocalSlider

São precisas mais áreas verdes para combater ondas de calor

Mudanças climáticas exigem mais verde

OvarNews

15 mins atrás 0 18 2 minutes read

Para combater as ondas de calor cada vez mais frequentes, intensas e nefastas para o ambiente e a saúde humana, devemos começar já a tomar medidas. Novas áreas verdes, expansão de jardins e parques já existentes e utilização de vegetação e plantas nos telhados e coberturas de edifícios são algumas das acções propostas por uma equipa de investigadores da Universidade de Aveiro (UA). A utilização de cores claras em telhados e pavimentos urbanos também ajudará a refrescar a cidade.

A investigação do Centro de Estudos do Ambiente e do Mar (CESAM) da UA começou por simular uma das intensas ondas de calor que se preveem que venham a assolar a cidade do Porto e arredores nas próximas décadas. "No Porto, tal como noutras regiões do país, já têm ocorrido várias ondas de calor que, com as alterações climáticas, é muito provável que venham a aumentar, até a breve prazo, quer em número quer em intensidade", explica David Carvalho, autor do estudo a par do investigador Carlos Borrego, também do CESAM.

Actualmente a trabalhar no grupo de previsão e modelação meteorológica e atmosférica da NASA, David Carvalho alerta que estas ondas de calor podem afectar não só o meio ambiente como a saúde pública.

Para além do aumento da taxa de mortalidade, durante uma onda de calor "a exposição prolongada a temperaturas muito elevadas pode provocar muitos outros problemas de saúde, como desidratação ou insolações, ou ainda originar ou agravar problemas respiratórios". No que ao meio ambiente diz respeito, "os impactos são também muito negativos, desde logo pelo aumento brutal do consumo de energia elétrica pelos aparelhos de ar condicionado e de climatização".

Sob temperaturas elevadas, aponta David Carvalho, "a poluição atmosférica não é dispersa tão eficazmente e as cidades ficam encobertas sob um manto de poluição". Para acrescentar a todos estes problemas, há ainda o da produção do ozono, um poluente altamente nocivo para a saúde da população e cujo aparecimento à superfície das cidades é favorecida por temperaturas elevadas.

Medidas de cor verde

Assim, para mitigar os efeitos das ondas de calor, a investigação de David Carvalho propõe a edificação de mais áreas verdes, a expansão de jardins e parques já existentes, o uso de vegetação e plantas nos telhados e coberturas de edifícios e o uso de cores claras não só no topo dos edifícios, mas

também nos pavimentos urbanos. Se as áreas verdes ajudam a diminuir as temperaturas da cidade através das sombras e da capacidade de retirarem calor do ar, os pavimentos de cor clara refletem a radiação solar.

"Nas simulações que realizámos durante o estudo, todas estas medidas revelaram capacidades interessantes para baixar as temperaturas urbanas sob ondas de calor, particularmente a aposta em zonas e coberturas verdes", aponta David Carvalho que clarifica: "estas medidas são capazes de reduzir as temperaturas urbanas em cerca de um ou dois graus celsius"

Pode não parecer muito, mas na realidade, assegura o investigador, um ou dois graus celsius a menos "fazem uma diferença significativa no conforto térmico da população. Para além do conforto térmico, "estas medidas traduzem-se em melhorias na qualidade ar já que estudos anteriores mostraram que uma redução da temperatura do ar em um ou dois graus reduz a formação de 'smog' de ozono em 20 por cento, o que é muito significativo em termos de redução de poluição atmosférica".

Estas medidas, que são realmente eficazes na mitigação de temperaturas extremas em meios urbanos, são de relativa fácil implementação e não implicam grandes custos, principalmente o uso de cores claras no revestimento de telhados e pavimentos urbanos". Ou seja, "devem ser encaradas pelos agentes de poder local como verdadeiras soluções a pôr em prática no imediato, e não apenas como boas ideias".

Facebook Twitter Google+ LinkedIn StumbleUpon Tumblr Pinterest Reddit VKontakte Partilhar por email Imprimir

15 mins atrás

[Additional Text]:
OvarNews

OvarNews

Porto: a necessidade de agir para combater as ondas de calor

Tipo Meio: Internet Data Publicação: 14/02/2019

Meio: Revista O Instalador Online

URL: http://www.pt.cision.com/s/?l=6af094d9

Porto: a necessidade de agir para combater as ondas de calor
15-02-2019

Para combater as ondas de calor cada vez mais frequentes, intensas e nefastas para o ambiente e a saúde humana, a cidade do Porto deve começar já a tomar medidas.

É assim que os investigadores da Universidade de Aveiro (UA) já têm algumas ações propostas, como novas áreas verdes, expansão de jardins e parques já existentes e utilização de vegetação e plantas nos telhados e coberturas de edifícios.

A utilização de cores claras em telhados e pavimentos urbanos também ajudará a refrescar a cidade , referem no comunicado.

A investigação do Centro de Estudos do Ambiente e do Mar (CESAM) da UA começou por simular uma das intensas ondas de calor que se preveem que venham a assolar o Porto e arredores nas próximas décadas.

No Porto, tal como noutras regiões do país, já têm ocorrido várias ondas de calor que, com as alterações climáticas, é muito provável que venham a aumentar, até a breve prazo, quer em número quer em intensidade , explica David Carvalho, autor do estudo a par do investigador Carlos Borrego, também do CESAM.

Atualmente a trabalhar no grupo de previsão e modelação meteorológica e atmosférica da NASA, David Carvalho alerta que estas ondas de calor podem afetar não só o meio ambiente como a saúde pública.

Notícias do Setor

15-02-2019

Estudo da UA aconselha criação de mais áreas verdes na Cidade do Porto para combater ondas de calor.

Tipo Meio: Internet Data Publicação: 14/02/2019

Meio: Rádio Terra Nova Online

URL: http://www.pt.cision.com/s/?l=299d4078

A Cidade do Porto precisa de mais áreas verdes para combater ondas de calor.

Para combater as ondas de calor cada vez mais frequentes, intensas e nefastas para o ambiente e a saúde humana, a cidade do Porto deve começar já a tomar medidas.

Novas áreas verdes, expansão de jardins e parques já existentes e utilização de vegetação e plantas nos telhados e coberturas de edifícios são algumas das ações propostas por uma equipa de investigadores da Universidade de Aveiro (UA).

A utilização de cores claras em telhados e pavimentos urbanos também ajudará a refrescar a cidade.

A investigação do Centro de Estudos do Ambiente e do Mar (CESAM) da UA começou por simular uma das intensas ondas de calor que se preveem que venham a assolar o Porto e arredores nas próximas décadas.

"No Porto, tal como noutras regiões do país, já têm ocorrido várias ondas de calor que, com as alterações climáticas, é muito provável que venham a aumentar, até a breve prazo, quer em número quer em intensidade", explica David Carvalho, autor do estudo a par do investigador Carlos Borrego, também do CESAM.

Atualmente a trabalhar no grupo de previsão e modelação meteorológica e atmosférica da NASA, David Carvalho alerta que estas ondas de calor podem afetar não só o meio ambiente como a saúde pública.

Para além do aumento da taxa de mortalidade, durante uma onda de calor "a exposição prolongada a temperaturas muito elevadas pode provocar muitos outros problemas de saúde, como desidratação ou insolações, ou ainda originar ou agravar problemas respiratórios".

No que ao meio ambiente diz respeito, "os impactos são também muito negativos, desde logo pelo aumento brutal do consumo de energia elétrica pelos aparelhos de ar condicionado e de climatização".

Sob temperaturas elevadas, aponta David Carvalho, "a poluição atmosférica não é dispersa tão eficazmente e as cidades ficam encobertas sob um manto de poluição".

Para acrescentar a todos estes problemas, há ainda o da produção do ozono, um poluente altamente nocivo para a saúde da população e cujo aparecimento à superfície das cidades é favorecida por temperaturas elevadas.

Medidas de cor verde

Assim, para mitigar os efeitos das ondas de calor, a investigação de David Carvalho propõe a

edificação de mais áreas verdes, a expansão de jardins e parques já existentes, o uso de vegetação e plantas nos telhados e coberturas de edifícios e o uso de cores claras não só no topo dos edifícios, mas também nos pavimentos urbanos.

Se as áreas verdes ajudam a diminuir as temperaturas da cidade através das sombras e da capacidade de retirarem calor do ar, os pavimentos de cor clara refletem a radiação solar.

"Nas simulações que realizámos durante o estudo, todas estas medidas revelaram capacidades interessantes para baixar as temperaturas urbanas sob ondas de calor, particularmente a aposta em zonas e coberturas verdes", aponta David Carvalho que clarifica: "estas medidas são capazes de reduzir as temperaturas urbanas em cerca de um ou dois graus celsius"

Pode não parecer muito, mas na realidade, assegura o investigador, um ou dois graus celsius a menos "fazem uma diferença significativa no conforto térmico da população.

Para além do conforto térmico, "estas medidas traduzem-se em melhorias na qualidade ar já que estudos anteriores mostraram que uma redução da temperatura do ar em um ou dois graus reduz a formação de 'smog' de ozono em 20 por cento, o que é muito significativo em termos de redução de poluição atmosférica".

Estas medidas, que são realmente eficazes na mitigação de temperaturas extremas em meios urbanos, são de relativa fácil implementação e não implicam grandes custos, principalmente o uso de cores claras no revestimento de telhados e pavimentos urbanos".

Ou seja, "devem ser encaradas pelos agentes de poder local como verdadeiras soluções a pôr em prática no imediato, e não apenas como boas ideias".

Texto e foto: UA

2019-02-14 15:15

Cientistas propõem medidas para o Porto se precaver das ondas de calor

Tipo Meio: Internet Data Publicação: 14/02/2019

Meio: TSF Online

URL: http://www.pt.cision.com/s/?l=7c024970

2019-02-14T16:53:51Z

O Porto deve preparar-se para as ondas de calor com novas áreas verdes, expansão de jardins, utilização de vegetação nas coberturas e cores claras em telhados e pavimentos, defendem investigadores da Universidade de Aveiro (UA).
LusaPartilharTwitterImprimirPartilhar

Esta é a conclusão de uma investigação que o Centro de Estudos do Ambiente e do Mar (CESAM) da UA está a realizar, no âmbito da qual simulou uma das intensas ondas de calor que se preveem que venham a assolar o Porto e arredores, nas próximas décadas.

"No Porto, tal como noutras regiões do país, já têm ocorrido várias ondas de calor que, com as alterações climáticas, é muito provável que venham a aumentar, até a breve prazo, quer em número quer em intensidade", explica David Carvalho, autor do estudo, juntamente com Carlos Borrego, também do CESAM.

Para mitigar os efeitos das ondas de calor, a equipa de investigação propõe a edificação de mais áreas verdes, a expansão de jardins e parques já existentes, o uso de vegetação e plantas nos telhados e coberturas de edifícios e o uso de cores claras não só no topo dos edifícios, mas também nos pavimentos urbanos.

Se as áreas verdes ajudam a diminuir as temperaturas da cidade através das sombras e da capacidade de retirarem calor do ar, os pavimentos de cor clara refletem a radiação solar.

"Nas simulações que realizámos durante o estudo, todas estas medidas revelaram capacidades interessantes para baixar as temperaturas urbanas sob ondas de calor, particularmente a aposta em zonas e coberturas verdes", aponta David Carvalho.

Segundo aquele investigador, essas medidas são capazes de reduzir as temperaturas urbanas em cerca de um ou dois graus celsius.

"Pode não parecer muito, mas um ou dois graus celsius a menos fazem uma diferença significativa no conforto térmico da população. Além disso, estas medidas traduzem-se em melhorias na qualidade ar, já que estudos anteriores mostraram que uma redução da temperatura do ar em um ou dois graus reduz a formação de 'smog' de ozono em 20%, o que é muito significativo em termos de redução de poluição atmosférica", explica David Carvalho.

Os investigadores alertam que as ondas de calor podem afetar não só o meio ambiente como a saúde pública: "além do aumento da taxa de mortalidade, durante uma onda de calor, a exposição prolongada a temperaturas muito elevadas pode provocar muitos outros problemas de saúde, como desidratação ou insolações, ou ainda originar ou agravar problemas respiratórios".

No que ao meio ambiente diz respeito, os impactos são também negativos, designadamente pelo

aumento do consumo de energia elétrica pelos aparelhos de ar condicionado e de climatização.

Sob temperaturas elevadas, aponta David Carvalho, "a poluição atmosférica não é dispersa tão eficazmente e as cidades ficam encobertas sob um manto de poluição" e há ainda o problema da produção do ozono, um poluente altamente nocivo para a saúde da população, cujo aparecimento à superfície das cidades é favorecido por temperaturas elevadas.

Lusa

Porto precisa de mais áreas verdes para combater o calor

Tipo Meio: Internet Data Publicação: 14/02/2019

Meio: TV Europa Online

URL: http://www.pt.cision.com/s/?l=46bc772c

CiênciaFísica Porto precisa de mais áreas verdes para combater o calor

Investigadores da Universidade de Aveiro concluíram que o Porto precisa de maiores áreas de jardins e parque verdes para combater ondas de calor e recomendam também o uso de cores claras nos edifícios e nos pavimentos.

Por TV Europa - tveuropa@tveuropa.pt 14 Fevereiro 2019 17:52 0 Partilhar no Facebook Porto precisa de mais áreas verdes para combater o calor. David Carvalho, investigador, Universidade de Aveiro. Foto: DR

As ondas de calor são cada vez mais frequentes, intensas e nefastas para o ambiente e para a saúde humana. Estudo de investigação da Universidade de Aveiro (UA) concluiu que a cidade do Porto necessita de novas áreas verdes, expandir os atuais jardins e parques e utilizar vegetação e plantas nos telhados e coberturas de edifícios para minimizar os efeitos nocivos do calor.

A equipa de investigadores da Universidade de Aveiro (UA) autora do estudo propõe ainda a utilização de cores claras em telhados e pavimentos urbanos como método para contribuir para refrescar a cidade.

A investigação desenvolvida no Centro de Estudos do Ambiente e do Mar (CESAM) da UA começou por simular uma das intensas ondas de calor que se prevêem virem a assolar o Porto e arredores nas próximas décadas. "No Porto, tal como noutras regiões do país, já têm ocorrido várias ondas de calor que, com as alterações climáticas, é muito provável que venham a aumentar, até a breve prazo, quer em número quer em intensidade", explicou David Carvalho, autor do estudo a par do investigador Carlos Borrego, também do CESAM.

David Carvalho, atualmente a trabalhar no grupo de previsão e modelação meteorológica e atmosférica da NASA, alerta que as ondas de calor podem afetar não só o meio ambiente como a saúde pública, com aumento da taxa de mortalidade.

Durante uma onda de calor "a exposição prolongada a temperaturas muito elevadas pode provocar muitos outros problemas de saúde, como desidratação ou insolações, ou ainda originar ou agravar problemas respiratórios". No meio ambiente "os impactos são também muito negativos, desde logo pelo aumento brutal do consumo de energia elétrica pelos aparelhos de ar condicionado e de climatização".

Com temperaturas elevadas "a poluição atmosférica não é dispersa tão eficazmente e as cidades ficam encobertas sob um manto de poluição" e a acrescentar ainda o da produção do ozono, um poluente altamente nocivo para a saúde da população e cujo aparecimento à superfície das cidades é favorecida por temperaturas elevadas.

Medidas de cor verde e cores claras

Para mitigar os efeitos das ondas de calor, David Carvalho propõe mais áreas verdes, a expansão das já existentes, o uso de telhados e outras coberturas para reforçar com vegetação e o uso de cores claras nos topos dos edifícios e nos pavimentos. As áreas verdes diminuem a temperatura da cidade através das sombras e da capacidade de retirarem calor do ar, os pavimentos de cor clara refletem a radiação solar.

"Nas simulações que realizámos durante o estudo, todas estas medidas revelaram capacidades interessantes para baixar as temperaturas urbanas sob ondas de calor, particularmente a aposta em zonas e coberturas verdes", referiu o investigador, e acrescentou: "Estas medidas são capazes de reduzir as temperaturas urbanas em cerca de um ou dois graus celsius".

Uma diminuição de um ou dois graus celsius faz "uma diferença significativa no conforto térmico da população", mas para além do conforto térmico, "estas medidas traduzem-se em melhorias na qualidade ar já que estudos anteriores mostraram que uma redução da temperatura do ar em um ou dois graus reduz a formação de 'smog' de ozono em 20 por cento, o que é muito significativo em termos de redução de poluição atmosférica".

As medidas propostas são consideradas pelos investigadores eficazes na mitigação de temperaturas extremas em meios urbanos, e são de relativa fácil implementação, dado que não implicam grandes custos, principalmente o uso de cores claras no revestimento de telhados e pavimentos urbanos". O investigador considera que em face da situação as medidas propostas "devem ser encaradas pelos agentes de poder local como verdadeiras soluções a pôr em prática no imediato, e não apenas como boas ideias".

Sugira uma correção Para enviar uma sugestão, por favor faça login ou registe-se.

2019-02-14 17:52:24+00:00

TV Europa

CISION
enovitis
ID: 79308428
31-01-2019
Meio: Imprensa
País: Portugal
Period.: Trimestral
Âmbito: Outros Assuntos
Pág: 32
Cores: Cor
Área: 19,56 x 23,18 cm²
Corte: 1 de 5

Identificação dos compostos responsáveis pelo *pinking* de vinhos brancos

Pinking é a terminologia utilizada para descrever o fenómeno natural de aparecimento de uma cor rosa-salmão em vinhos brancos produzidos, exclusivamente, de uvas de castas brancas. Assim, este estudo teve como objetivo identificar os compostos responsáveis pela cor rosa-salmão nos vinhos brancos da casta Síria e de outros vinhos obtidos, exclusivamente, de castas brancas como Malvasia Fina, Loureiro, Sauvignon Blanc e Albariño (Galiza – DO Rías Baixas).

1. Introdução

O *pinking* é considerado um defeito visual indesejável nos vinhos brancos, quer para os consumidores de vinho, quer para a indústria vitivinícola (Simpson, 1977; Jones, 1989; Du Toit *et al.*, 2006), devido ao aparecimento de uma cor rosa-salmão nos vinhos produzidos, exclusivamente, de uvas de castas brancas (Simpson, 1977; Jones, 1989). É um defeito visual raro, que não afeta o sabor nem o aroma do vinho, apresenta uma sensibilidade variável ao dióxido de enxofre, não é afetado pela alteração do pH na gama ácida e é reversível. Mesmo quando apresenta uma ligeira intensidade, a cor do vinho é mal percecionada pelos consumidores, quando é mais intenso, o vinho pode ser comercialmente inaceitável (Simpson, 1977). Aparece, sobretudo, quando há uma exposição do vinho ao ar e consequente redução do dióxido de enxofre, nesses casos, o desenvolvimento da cor é bastante rápida. Embora com variações sazonais e regionais, a cor rosa-salmão foi observada em vinhos brancos de vários países, com predomínio em vinhos brancos produzidos a partir de uvas de castas brancas *Vitis vinifera* L., como Chardonnay, Chenin Blanc, Crouchen, Muscat Gordo Blanco, Palomino, Riesling, Sauvignon Blanc, Semillon, Sultana e Thompson Seedless (Simpson, 1977; Lamuela-Raventós *et al.*, 2001; Du Toit *et al.*, 2006). Este defeito visual dos vinhos brancos é recente, sendo o seu aparecimento atribuído à introdução da vinificação em condições redutoras (Simpson, 1977; Jones, 1989; Du Toit *et al.*, 2006; Van Wyk, 1976), isto é, na ausência de oxigénio. Assim, as possíveis causas do aparecimento do *pinking* poderão ser as novas tecnologias, tais como cubas em inox, fermentação a baixas temperaturas, a utilização de prensas pneumáticas, adição de sulfuroso, o uso de gases inertes, tais como o azoto e o dióxido de carbono, o potencial *redox* dos mostos e vinhos, o envolvimento de oxigénio e de um composto fenólico, segundo alguns estudos efetuados por Lamuela-Raventós *et al.* em 2001. Este "fenómeno" é geralmente observado nos vinhos brancos após o engarrafamento e armazenamento, ou após a fermentação alcoólica, embora ocasionalmente ocorra assim que o mosto de uvas é extraído (Singleton *et al.*, 1979; Simpson *et al.*, 1982; Simpson *et al.*, 1983).

Acredita-se que o *pinking* seja devido a modificações oxidativas em vinhos brancos quando expostos ao oxigénio (Simpson, 1977; Singleton *et al.*, 1979), embora os compostos responsáveis pelos "fenómenos" do *pinking* fossem até recentemente desconhecidos (Andrea-Silva *et al.*, 2014). Existem vários tratamentos enológicos preventivos ou curativos para este defeito visual, como a aplicação de polivinilpolipirrolidona (PVPP), PVPP em associação com a bentonite, ou pela aplicação de ácido ascórbico na etapa de pré-engarrafamento com o intuito de aumentar o potencial *redox* (Lamuela-Raventós *et al.*, 2001). No entanto, estes tratamentos aumentam os custos de produção e podem afetar o perfil sensorial do vinho (Sanborn *et al.*, 2010). Assim, o objetivo deste trabalho foi entender melhor o "fenómeno" de *pinking*, ou seja, a origem dos compostos responsáveis pela cor rosa-salmão, e os fatores tecnológicos que influenciam a presença desta cor nos vinhos brancos, obtidos das uvas brancas da casta Síria. O estudo

CISION
enovitis
ID: 79308428
31-01-2019
Meio: Imprensa
País: Portugal
Period.: Trimestral
Âmbito: Outros Assuntos
Pág: 33
Cores: Cor
Área: 19,41 x 23,35 cm²
Corte: 2 de 5

dos compostos responsáveis pela cor rosa-salmão foi expandido a outros vinhos brancos obtidos, exclusivamente, de castas brancas como Malvasia Fina, Loureiro, Sauvignon Blanc e Albariño.

2. Material e métodos

2.1. Amostras de uva e vinho

As uvas brancas (Figura 1a) e os vinhos brancos (Figura 1b) da casta *Vitis vinifera* L. Síria (conhecida por Roupeiro no Alentejo), utilizados neste estudo, foram obtidos da denominação de origem Beira Interior, sub-região de Castelo Rodrigo, em Portugal, e fornecidos pelo produtor "Adega Cooperativa de Figueira de Castelo Rodrigo" (ACFCR). A produção de vinhos foi realizada na ACFCR. O vinho branco da casta Malvasia Fina era proveniente da Região Demarcada do Douro, os vinhos brancos da casta Loureiro e da casta Sauvignon Blanc da Região dos Vinhos Verdes e o vinho branco da casta Albariño das Rías Baixas.

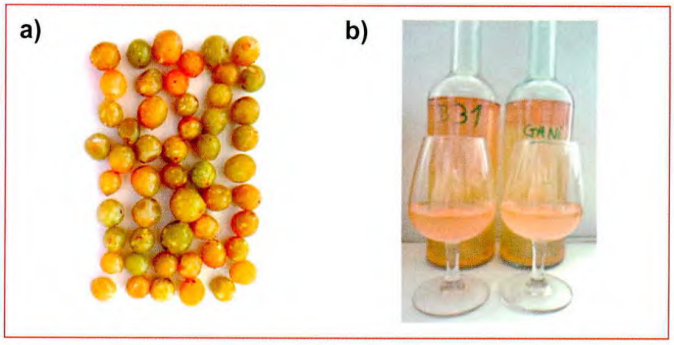


Figura 1 – a) Uvas brancas da casta Síria; b) Vinhos brancos com *pinking* de uvas *Vitis vinifera* L., Casta Síria (adaptado de Cosme *et al.*, 2018).

2.2. Espectro de absorção visível e características cromáticas do vinho

Os espectros de absorção visível foram adquiridos entre os comprimentos de onda de 380 a 780 nm, utilizando-se uma célula de vidro com percurso ótico de 4 cm. Os espectros foram corrigidos para um percurso ótico de 1 cm e as características cromáticas dos vinhos foram calculadas de acordo com o método CIElab descrito pela OIV (2013). Todas as análises foram realizadas em duplicado.

2.3. Isolamento dos compostos de cor rosa-salmão dos vinhos brancos da casta Síria por cromatografia em coluna de PVPP

A um vinho branco que apresentava *pinking*, aplicou-se PVPP (0,8 g/L) e a suspensão foi filtrada e lavada com água (100 mL) seguida por etanol a 95% (100 mL). O PVPP, apresentando uma cor rosa-salmão, foi colocado num cartucho SPE e eluído sequencialmente com 3 mL de: 1) acetonitrilo; 2) acetona; 3) solução aquosa de HCl a 1%; 4) etanol e 5) NH_3 a 0,1 M em etanol (Figura 2). Cada eluente foi recolhido separadamente, o solvente foi removido por evaporação centrífuga e a solução foi reconstituída com 0,2 mL de uma solução de metanol:água (1:1 v/v) antes da análise por cromatografia líquida de elevada eficiência (HPLC). Todas as análises foram realizadas em duplicado.

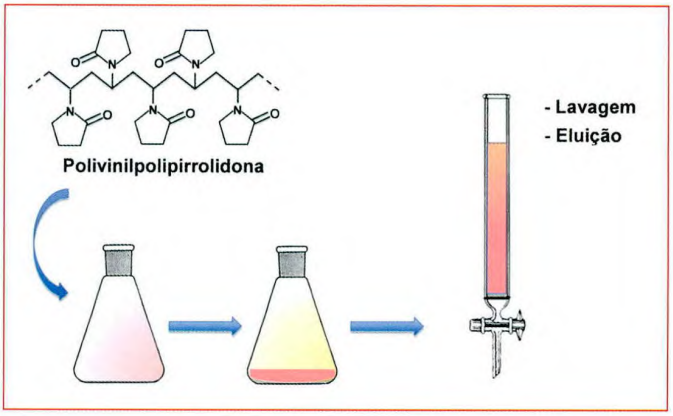


Figura 2 – Isolamento dos compostos responsáveis pelo defeito visual do *pinking* por cromatografia em coluna de PVPP (adaptado de Cosme *et al.*, 2018).

2.4. Isolamento de compostos responsáveis pelo *pinking* por extração em fase sólida de fase reversa (SPE)

Os compostos responsáveis pelo *pinking* presentes nas amostras foram purificados e concentrados por extração em fase sólida de fase reversa (C-18). Resumidamente, 1 g de fase estacionária C-18 foi condicionada aplicando 4 vezes 5 mL de metanol e 4 vezes 5 mL de uma solução de HCl 0,1 M. Em seguida, foram aplicadas as amostras: 1) 35 mL de mosto resultante da prensagem das uvas brancas da casta Síria ajustada a pH 1 com HCl 3 M, ou 2) 100 mL de vinho branco da casta Síria ajustado a pH 1 com HCl 3 M. Depois da aplicação da amostra, a coluna foi lavada 4 vezes com 5 mL da solução de HCl 0,1 M e os compostos retidos foram eluídos 4 vezes com 5 mL de metanol. As frações foram reunidas e o metanol foi removido por evaporação rotativa a 35 °C. O resíduo seco foi dissolvido em 2 mL de uma solução de metanol:água (1:1 v/v) e analisado por HPLC. Todas as análises foram realizadas em duplicado.

2.5. Deteção e quantificação de compostos responsáveis pelo *pinking* utilizando cromatografia líquida de elevada eficiência (HPLC) em fase reversa e um detetor de ultravioleta-visível de conjunto de fotodíodos (DAD)

Os compostos fenólicos presentes no mosto e no extrato de vinho dissolvido em água:metanol foram analisados por HPLC (Dionex,

Ultimate 300) equipado com um detetor UV-Vis PD-100 de conjunto de fotodíodos (DAD). A separação foi realizada por eluição por gradiente utilizando uma coluna de fase reversa ACE 5 C-18 (5 µm; 250 mm × 4,6 mm). As condições da análise por HPLC foram as seguintes: solvente A – 95:5 água/ácido fórmico (v/v) e solvente B – metanol. O gradiente utilizado na separação foi o seguinte: 5% de solvente B durante 2 min, aumentar para 80% de solvente B ao longo de 68 min e depois mantendo-se durante mais 8 min, diminuindo para 5% o solvente B ao longo de 2 min e mantendo-se durante mais 5 min. O volume injetado foi de 100 µL, a velocidade do fluxo foi de 1,0 mL/min e a temperatura da coluna foi de 35 °C. Todas as análises foram realizadas em duplicado. A identificação das antocianinas foi feita por injeção de padrões puros no caso de cianidina-3-*O*-glicosídeo, delfinidina-3-*O*-glicosídeo e malvidina-3-*O*-glicosídeo e comparação de seus tempos de retenção e espectros UV-Vis. As restantes antocianinas foram identificadas por comparação da ordem de eluição e dos espectros de UV-Vis descritos na literatura. Adicionalmente, a estrutura de todas as antocianinas-3-*O*-glicosídeos foram confirmadas por espectrometria de massa *tandem*.

2.6. Antocianinas monoméricas totais

As antocianinas monoméricas totais foram determinadas pelo método de diferença de pH Método Oficial da AOAC 2005.02 com ligeiras adaptações (Lee *et al.*, 2005). Devido à baixa concentração de antocianinas nos vinhos brancos com *pinking*, a absorbância a 520 e 700 nm foi medida usando uma célula de vidro de 10 cm de percurso ótico e expressa em miligramas de malvidina-3-*O*-glicosídeo por litro (coeficiente de extinção molar de 28000 L/cm/mol e peso molecular de 493,4 g/mol). Todas as análises foram realizadas em duplicado.

3. Resultados e discussão

3.1. Isolamento e caracterização por RP-HPLC-DAD dos compostos relacionados com o *pinking*

Os espectros de absorção visível de um vinho branco Síria e do mesmo vinho branco onde o *pinking* foi induzido, por estar num copo durante 24 h em contacto com o ar (Figura 3), mostra que a cor do vinho mudou de um amarelo-claro (L* = 99,3; a* = -0,471; b* = 3,288) para um salmão-claro (L* = 98,4; a* = 0,392; b* = 4,004), com um aumento evidente da absorvância na região visível (ΔE* = 1,39). A diferença entre o espectro inicial e o obtido após 24 h originou um pico na região do visível entre os 440 nm e os 630 nm, com um máximo em torno dos 500 e 520 nm. Este comportamento corresponde ao "fenómeno" de *pinking* descrito na literatura, onde a presença da coloração rosa-salmão é induzida pela oxidação dos vinhos brancos (Simpson, 1977; Simpson *et al.*, 1983 Jones, 1989).



Figura 3 – Aparência do vinho branco da casta Síria (esquerda) e o mesmo vinho branco com *pinking* induzido por contacto com o ar durante 24 horas (direita) (adaptado de Cosme *et al.*, 2018)

Nas adegas, quando o defeito visual do *pinking* é observado, é habitual tratar o vinho com PVPP, com o objetivo de remover os compostos responsáveis por esse defeito visual. Portanto, essa abordagem também foi utilizada neste trabalho, para remover os compostos responsáveis pelo defeito visual dos vinhos brancos. Após a aplicação do PVPP aos vinhos, o PVPP adquiriu uma cor rosa e o vinho branco tratado recuperou a cor amarela pálida. Os compostos responsáveis pela cor rosa-salmão foram retidos pelo PVPP e, quando eluídos na coluna, a cor rosa do PVPP desapareceu. Os compostos eluídos do PVPP foram analisados por HPLC-DAD (Figura 4), produzindo um máximo de 18 picos, todos com absorvância na região do visível, com máximos na gama de 500-540 nm, coincidente com o observado no vinho original e que correspondem ao comprimento de onda dos compostos responsáveis pela cor rosa-salmão (Simpson, 1977; Jones, 1989). Os espectros de absorção UV-Vis dos principais compostos mostra que 10 dos 18 picos identificados no vinho branco com cor rosa-salmão representam 86% da área total e têm espectros de absorção semelhantes às antocianinas. Os picos nos tempos de retenção 21,58 min, 24,27 min e 30,68 min foram coincidentes com os tempos de retenção e os espectros UV dos padrões puros de delfinidina-3-*O*-glicosídeo, cianidina-3-*O*-glicosídeo e malvidina-3-*O*-glicosídeo. A Figura 5a) mostra um cromatograma de RP-HPLC dos extratos obtidos por RP-SPE de um vinho branco da casta Síria e a Figura 5b) os extratos de RP-SPE do mesmo vinho branco analisados um ano após a primeira análise. Estes cromatogramas demonstraram que as antocianinas não são estáveis durante o armazenamento em garrafa. Observa-se uma perda de antocianinas monoméricas durante o armazenamento do vinho, devido à sua polimerização. Outros vinhos brancos vinificados a partir da casta Malvasia Fina (Figura 5c), da região do Douro, e da casta Albariño, proveniente das Rías Baixas, foram analisados (Figura 5d) após uma concentração de 25 vezes por evaporação rotativa a vácuo, permitindo a identificação da presença destas antocianinas. Estes resultados estão de acordo com Arapitsas *et al.* (2015), que detetaram e quantificaram antocianinas em outras castas de uvas brancas (Chardonnay, Sauvignon Blanc e Riesling).



Figura 9 – Efeito do pH (1,39; 3,02 e 4,01) na cor dos mostos de uvas brancas da casta Síria de Figueira de Castelo Rodrigo até 2 bar (adaptado de Cosme *et al.*, 2018).

presença de *pinking* foi detetada do topo até o fundo da garrafa, atribuída à redução do dióxido de enxofre livre, devido ao contacto com o oxigénio (Figura 10).

No entanto, a severidade do *pinking* observada em cada ano na sub-região Castelo Rodrigo, no vinho branco da casta Síria, não foi a mesma, possivelmente devido à influência das condições meteorológicas. Mostrou-se que está negativamente relacionado com o aumento da temperatura média dos primeiros 10 dias de outubro, período final da maturação das uvas da castas da Síria (Figura 11), sugerindo que temperaturas mais elevadas, ocorridas durante este período, diminuíram os compostos cor-de-rosa responsáveis pela coloração do vinho.



Figura 10 – Garrafa de vinho com a cor rosa-salmão de cima para baixo, quando exposta ao oxigénio (adaptado de Cosme *et al.*, 2018).

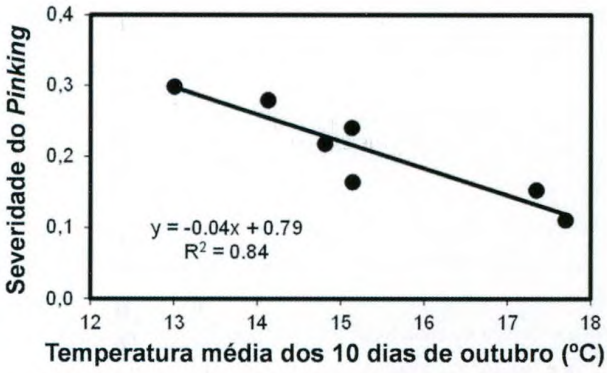


Figura 11 – Média da temperatura dos primeiros 10 dias de outubro *versus* severidade da presença de *pinking* nos vinhos brancos da sub-região Castelo Rodrigo, Portugal (2005-2011) (adaptado de Cosme *et al.*, 2018).

4. Conclusões

Os compostos responsáveis pelo aparecimento do *pinking* em vinhos brancos da casta Síria produzidos em condições redutoras da região vitivinícola demarcada da Beira Interior, sub-região de Castelo Rodrigo, foram isolados, analisados e identificados por RP-HPLC-DAD e por espectrometria de massa *tandem* após ionização por *electrospray*, tendo-se verificado que se tratavam de antocianinas, maioritariamente da malvidina-3-*O*-glicosídeo em pequenas concentrações (aprox. 0,3 mg/L). As antocianinas presentes nas uvas da casta Síria encontram-se maioritariamente na polpa, mas também na película. O aparecimento do *pinking* nos vinhos brancos após engarrafamento é devido à diminuição do teor de dióxido de enxofre livre, que leva a um aumento da quantidade relativa de antocianinas na forma corada de catião flavílio, bem como à sua polimerização em vinhos já engarrafados, após um certo período, resultando na formação de compostos corados resistentes a alterações de pH e à descoloração pelo dióxido de enxofre. A presença de antocianinas, principalmente malvidina-3-*O*-glicosídeo, também foi detetada em vinhos monovarietais de castas brancas, como Malvasia Fina, Loureiro, Sauvignon Blanc e Albariño. Nestes vinhos, o "fenómeno" de *pinking* deve-se também à presença de pequenas quantidade de antocianinas, mas em quantidades suficientes para ser visível a cor rosa-salmão nos vinhos engarrafados.

O aparecimento do *pinking* em Figueira de Castelo Rodrigo, bem como noutras regiões de outros países, não apresenta a mesma intensidade em todos os anos vinícolas, facto este que parece es-

tar correlacionado com as condições climáticas, nomeadamente a temperatura média registada nos dez primeiros dias do mês de outubro (no caso da sub-região de Castelo Rodrigo), período coincidente com o final do processo de maturação das uvas nesta região. Os resultados deste trabalho mostram que é a presença de antocianinas detetáveis em concentrações baixas, mas visíveis, a origem do até agora chamado de "fenómeno" de *pinking*, e que é observado em vinhos de outras castas de uvas brancas, tais como Loureiro e Sauvignon Blanc, provenientes da Região dos Vinhos Verdes, e da casta Albariño, das Rías Baixas, para além da casta branca Síria, da Beira Interior.

Jenny Andrea-Silva[1], Luís Filipe-Ribeiro[1]; Ana S.P. Moreira[2], Aureliano C. Malheiro[3], Manuel A. Coimbra[2], M. Rosário M. Domingues[2,4], Fernanda Cosme[1], Fernando M. Nunes[1]

[1] CQ-VR, Chemistry Research Centre, Food and Wine Chemistry Lab, UTAD, Vila Real

[2] Centro de Espectrometria de Massa, Departamento de Química & QOPNA, UA, Aveiro

[3] Centre for the Research and Technology of Agro-Environmental and Biological Sciences (CITAB), UTAD, Vila Real

[4] Departamento de Química & CESAM & ECOMARE, UA, Aveiro

Agradecimentos

À Direção Regional de Agricultura e Pescas (DRAP) Centro, pelo fornecimento dos dados climáticos ,e à Adega Cooperativa de Figueira de Castelo Rodrigo, pelo fornecimento das amostras de vinho e uva utilizadas neste estudo. Ao José Miguel Ribeiro e António José Farias Madeira, pela ajuda na discussão e interpretação de dados. O apoio financeiro prestado à Unidade de Pesquisa em Vila Real (PEst-OE/QUI/UI0616/2014), à Unidade de Pesquisa QOPNA 62/94 (Projeto PEst-C/QUI/UI0062/2013; FCOMP-01-0124-FEDER-037296).

Referências Bibliográficas

Andrea-Silva, J.; Cosme, F.; Filipe-Ribeiro, L.; Moreira, A.S.P.; Malheiro, A.C.; Coimbra, M.A.; Domingues, M.R.M.; Nunes, F.M. 2014. Origin of the Pinking Phenomenon of White Wines. *J. Agric. Food Chem.*, **62**, 5651-5659.

Arapitsas, P.; Oliveira, J.; Mattivi. F. 2015. Do white grapes really exist? *Food Res Int.*, **69**, 21-25.

Cosme, F.; Andrea-Silva, J.; Filipe-Ribeiro, L.; Moreira, A.S.P.; Malheiro, A.C.; Coimbra, M.A.; Domingues, R.M.; Nunes, F.M. 2018. The origin of pinking phenomena in white wines: An update. *Web of Conferences. 41st World Congress of Vine and Wine*. Punta del Este, Uruguay (November 19-23, 2018).

Du Toit, W.; Marais, J.; Pretorius, I.; Du Toit, M. 2006. Oxygen in must and wine: a review. S. *Afr. J. Enol. Vitic.*, **27**, 76-94.

Jones, T. 1989. Pinking of white table wines further studies. *In*: *Master of Science Thesis*, Davis, University of California, 125.

Lamuela-Raventós, R.; Huix-Blanquera, M.; Waterhouse, A. 2001. Treatments for pinking alteration in white wines. *Am. J. Enol. Vitic.*, **52**, 156-158.

Lee, J.; Durst, R.; Wrolstad, R. 2005. Determination of total monomeric anthocyanin pigment content of fruit juices, beverages, natural colorants and wines by the pH differential method: Collaborative study. *J. AOAC Int.*, **88**, 1269-1278.

OIV (Organisation International de la Vigne et du Vin). 2009. *Recueil de méthodes internationales d'analyse des vins et des moûts. Edition Officielle*, Paris, France, Vol. 1.

Sanborn, M.; Edwards, C.; Ross, C. 2010. Impact of fining on chemical and sensory properties of Washington state Chardonnay and Gewürztraminer wines. *Am. J.Enol. Vitic.*, **61**, 31-41.

Simpson, R. 1977. Oxidative pinking in white wines. *Vitis*, **16**, 286-294.

Simpson, R.; Bennett, S.; Miller, G. 1983. Oxidative pinking of whites wines: a note on the influence of sulfur dioxide and ascorbic acid. *Food Technol. Aust.*, **35**, 34-36.

Simpson, R.; Miller, G.; Orr, L. 1982. Oxidative pinking of whites wines: recent observations. *Food Technol. Aust.*, **34**, 46-47.

Singleton, V.; Trousdale, E.; Zaya, J. 1979. Oxidation of wines. I. Young white wines periodically exposed to air. *Am. J. Enol. Vitic.*, **30**, 49-54.

Van Wyk, C.; Louw, A.; Rabie, M. 1976. The effect of reductive wine making conditions on wine quality and composition. *In*: *Proceedings of the 11th International Oenological Symposium*, June 3-5, Sopron, Budapest, Hungary, International Association for Winery Technology and Management: Breisach, Germany, pp 180-200.

Infraestruturas verdes decisivas para a qualidade do ar

Tipo Meio: Internet Data Publicação: 24/01/2019

Meio: Watts On Online

URL: http://www.pt.cision.com/s/?l=b39b8016

Sandra RafaelInvestigadora de pós-doutoramento do Centro de Estudos do Ambiente e do Mar (CESAM) e do Departamento de Ambiente e Ordenamento (DAO) da Universidade de Aveiro (UA) Sabemos hoje que as características da morfologia urbana tornam as cidades vulneráveis a um conjunto alargado de desafios, a que teremos de dar resposta num futuro que é já amanhã.

Opinião

Infraestruturas verdes decisivas para a qualidade do ar

24 Janeiro, 2019 0 13

Ao longo dos últimos anos a melhoria da qualidade do ar nas áreas urbanas tem vindo a ser conseguida através da redução de emissões de poluentes atmosféricos, por via da aplicação de soluções tecnológicas (como é o caso da implementação de tecnologias limpas na indústria e nos veículos automóveis).

No entanto, segundo o último relatório da Agência Europeia do Ambiente sobre qualidade do ar na Europa, continuam a verificar-se excedências aos valores-limite de alguns poluentes atmosféricos, em particular de material particulado (PM10) e dióxido de azoto (NO2), em algumas cidades europeias.

Num mundo em mudança em que as questões ambientais estão na ordem do dia e com uma tendência de aumento da população a residir em áreas urbanas, a procura por soluções inovadoras é urgente.

Neste sentido, recentemente, e reconhecendo que as medidas tradicionais continuam a ser necessárias, a Comissão Europeia tem defendido que estas devem ser reforçadas por soluções inspiradas nos ecossistemas, as designadas soluções baseadas na natureza.

A natureza na cidade

Referimo-nos a elementos paisagísticos naturais, como pequenos cursos de água, zonas arborizadas ou edifícios com coberturas e/ou fachadas verdes. Estas soluções, aplicadas estrategicamente, permitem assegurar múltiplas funções num mesmo espaço, podendo ser mais eficientes em termos de custo-benefício.

A qualidade do ar, a regulação do microclima urbano (muito importante num contexto de alteração climática) e a gestão da água são significativamente potenciados por esta via.

O Departamento de Ambiente e Ordenamento da Universidade de Aveiro tem vindo a desenvolver trabalho nesta área de investigação, tendo este sido iniciado em 2013 com o projeto CLICURB - Qualidade da Atmosfera Urbana, Alterações Climáticas e Resiliência.

O projeto teve como objetivo analisar de forma integrada as alterações climáticas e o desenvolvimento

urbano no município do Porto, considerando a inclusão de estratégias de adaptação no planeamento urbano e no processo de tomada de decisão, atribuindo particular relevância ao binómio alterações climáticas/poluição atmosférica. Mais informações sobre o projeto podem ser consultadas aqui.

Estudo inovador no Porto

Dando continuidade ao trabalho iniciado, procurou-se compreender a influência da implementação de infraestruturas verdes na qualidade do ar à escala local, tendo o bairro da Rua da Constituição do município do Porto sido selecionado para o efeito.

A qualidade do ar à escala local depende fortemente das singularidades de cada área urbana, pelo que a morfologia do território (onde se enquadra a presença de vegetação e edificado) e as condições meteorológicas locais são fatores preponderantes. Estamos a falar de um escoamento atmosférico complexo cujo comportamento pode variar de hora em hora.

Apesar desta complexidade, temos hoje disponíveis um conjunto de ferramentas que nos permitem realizar uma análise detalhada e realista de todos estes parâmetros. Estas ferramentas, as chamadas técnicas de computação da dinâmica de fluidos, são modelos numéricos que permitem avaliar a qualidade do ar à escala local.

Resultados significativos

O estudo realizado revelou que a implementação de um parque verde na área de estudo, e comparativamente à situação de referência (sem parque verde), permitiria reduzir as concentrações de PM10 em 16% e de NO2 em 19% (em média).

Estas reduções serão maiores ou menores dependendo das condições meteorológicas que se verificarem. Estes resultados são explicados pela introdução das árvores, que sendo materiais porosos (ao contrário do que acontece com os edifícios), promovem um aumento da velocidade do vento e consequente aumento da dispersão dos poluentes atmosféricos na região em estudo. Mais detalhes sobre este estudo podem ser consultados aqui.

A investigação desenvolvida permitiu concluir, através de uma análise quantitativa, o potencial das soluções baseadas na natureza para a melhoria da qualidade do ar nas cidades, demonstrando que estas podem (e devem) ser consideradas como um instrumento de gestão da qualidade do ar pelos decisores políticos.

Para além disso, é evidenciado neste estudo que os benefícios destas soluções estão diretamente dependentes de um adequado ordenamento do tecido urbano. Isto significa que o planeamento do território, por exemplo a seleção do local a aplicar estas soluções, a área dessa solução, o tipo de vegetação, entre outros fatores, é imprescindível, requerendo que as medidas sejam avaliadas antes da sua implementação, o que só é possível através de modelos numéricos.

Sabemos hoje que as características da morfologia urbana tornam as cidades vulneráveis a um conjunto alargado de desafios, a que teremos de dar resposta num futuro que é já amanhã. Um desses desafios é garantir um ar de qualidade. O direito a um ar de qualidade é um direito de cada cidadão. Será por isso crucial ter uma visão transversal do espaço urbano, garantindo um espaço para a natureza e para as suas múltiplas funções.

2019-01-24 13:00:16+00:00

´Ambiente em Família´ arranca com nova edição

Tipo Meio: Internet Data Publicação: 08/01/2019

Meio: Viva! Porto Online

URL: http://www.pt.cision.com/s/?l=822ba8e7

Clique para ver mais

O programa municipal "Ambiente em Família" arranca com a sua 5ª edição no próximo sábado, dia 12 de janeiro, no Centro de Educação Ambiental da Quinta do Covelo, sob o tema "As sementes que nos rodeiam".

O programa Ambiente em Família apresenta as suas propostas sempre no segundo sábado de cada mês. O objetivo é propor aos participantes atividades experimentais e de expressão plástica, saídas de campo ou observações de fauna e flora, sendo que as sessões são orientadas por especialistas das várias áreas relacionadas com o ambiente.

Ricardo Pinto, do Departamento de Biologia e CESAM - Centro de Estudos do Ambiente e do Mar da Universidade de Aveiro, vai conduzir os participantes numa descoberta da diversidade de sementes existentes na natureza e na exploração das estruturas presentes no seu interior.

A participação é gratuita, contudo obedece a uma pré-inscrição, via email para

Este endereço de e-mail está protegido de spam bots, pelo que necessita do Javascript activado para o visualizar

. É uma iniciativa destinada a toda a população em geral e famílias. As crianças, maiores de 6 anos, deverão estar acompanhadas por um adulto durante toda a sessão. O início está marcado para as 10 horas.

07 Janeiro 2019

Advice

As sementes que nos rodeiam

Tipo Meio: Internet Data Publicação: 08/01/2019

Meio: Wilder Online

URL: https://www.wilder.pt/evento/as-sementes-que-nos-rodeiam/

Explore a diversidade de sementes na natureza e saiba tudo sobre a sua importância nesta acção do Ambiente em Família, pela Câmara Municipal do Porto

Explore a diversidade de sementes na natureza e saiba tudo sobre a sua importância para as plantas terrestres nesta acção do Ambiente em Família, pela Câmara Municipal do Porto.

As sementes são estruturas extremamente importantes para a sobrevivência das plantas no ambiente terrestre. São resistentes a condições ambientais desfavoráveis, permitindo que a espécie a que pertencem sobreviva durante longos períodos de tempo num estado embrionário, até as condições serem mais favoráveis ao seu desenvolvimento pleno.

Nesta actividade, inserida no âmbito da 5ª edição do programa Ambiente em Família, explore a diversidade de sementes na natureza e conheça as estruturas no seu interior.

A acção vai decorrer no Centro de Educação Ambiental da Quinta do Covelo e será dinamizada por Ricardo Pinto, do Departamento de Biologia e CESAM da Universidade de Aveiro.

As inscrições são gratuitas mas requerem pré-inscrição: dm.gestaoambiental@cm-porto.pt

Ambiente em Família inicia nova edição com proposta para explorar as sementes

Tipo Meio: Internet Data Publicação: 07/01/2019

Meio: Câmara Municipal do Porto Online - Porto.pt Online

URL: http://www.pt.cision.com/s/?l=36afc8da

"As sementes que nos rodeiam" dão o mote para o arranque da 5.ª edição do programa municipal Ambiente em Família marcado para sábado, 12 de janeiro, no Centro de Educação Ambiental da Quinta do Covelo.

"As sementes que nos rodeiam" dão o mote marca o arranque da 5.ª edição do programa municipal Ambiente em Família marcado para sábado, 12 de janeiro, no Centro de Educação Ambiental da Quinta do Covelo.

Ricardo Pinto do Departamento de Biologia e CESAM Universidade de Aveiro irá conduzir os participantes numa descoberta da diversidade de sementes existentes na natureza e na exploração das estruturas presentes no seu interior.

As sementes são estruturas extremamente importantes para a sobrevivência das plantas no ambiente terrestre. Resistentes a condições ambientais desfavoráveis, permitem que a espécie a que pertencem sobreviva durante longos períodos de tempo num estado embrionário, até as condições serem favoráveis ao respetivo desenvolvimento pleno.

A participação na sessão é gratuita, mas obedece a pré-inscrição, via o email dm.gestaoambiente@cm-porto.pt. Destina-se à população em geral e famílias. As crianças (maiores de 6 anos) deverão estar acompanhadas por um adulto durante toda a sessão. O início está marcado para as 10 horas.

O programa Ambiente em Família apresenta propostas no segundo sábado de cada mês, por norma de manhã. Propõe aos participantes atividades experimentais e de expressão plástica, saídas de campo ou observações de fauna e flora, sendo que as sessões são orientadas por especialistas das várias áreas relacionadas com o ambiente.

CMP